HISTÓRIA DO ESPIRITISMO

ARTHUR CONAN DOYLE

ÍNDICE

CONAN DOYLE E A HISTÓRIA DO ESPIRITISMO
UMA CHAVE-DE-ABÓBADA
CRITÉRIO HISTÓRICO
A NOVA REVELAÇÃO
O PROBLEMA DA REENCARNAÇÃO
A INVASÃO ORGANIZADA
O "PRECONCEITO CULTURAL"
NOTA DO TRADUTOR
SIR ARTHUR CONAN DOYLE - ESBOÇO BIOGRÁFICO
PREFACIO

CAPÍTULO 1 = A HISTÓRIA DO ESPIRITISMO - A História de Swedenborg
CAPÍTULO 2 = Edward Irving: os «shakers»
CAPÍTULO 3 = O Profeta da Nova Revelação
CAPÍTULO 4 = O Episódio de Hydesville
CAPÍTULO 5 = A Carreira das Irmãs Fox
CAPÍTULO 6 = Primeiras Manifestações na América
CAPÍTULO 7 = A Aurora na Inglaterra
CAPÍTULO 8 = Progressos Contínuos na Inglaterra
CAPÍTULO 9 = A Carreira de D. D. Home
CAPÍTULO 10 = Os Irmãos Davenport
CAPÍTULO 11 = As pesquisas de Sir William Crookes - de 1870 até o ano de 1874
CAPÍTULO 12 = Os Irmãos Eddy e os Holmes
CAPÍTULO 13 = Henry Slade e o Doutor Monck
CAPÍTULO 14 = Investigações Coletivas sobre o Espiritismo
CAPÍTULO 15 = A Carreira de Eusapia Palladino
CAPÍTULO 16 = Grandes Médiuns de 1870 a 1900: Charles H. Foster, Madame d'Esperamce, William Eglinton, Stainton Moses
CAPÍTULO 17 = A Sociedade de Pesquisas Psíquicas
CAPÍTULO 18 = Ectoplasma
CAPÍTULO 19 = Fotografia Espírita
CAPÍTULO 20 = Vozes Mediúnicas e Moldagens
CAPÍTULO 21 = Espiritismo francês, alemão e italiano
CAPÍTULO 22 = Grandes Médiuns Modernos
CAPÍTULO 23 = O Espiritismo e a Guerra
CAPÍTULO 24 = Aspecto Religioso do Espiritismo
CAPÍTULO 25 = O Depois-da-Morte Visto pelos Espíritas

APÊNDICE 1 - NOTAS AO CAPÍTULO 4 - PROVA DA ASSOMBRAÇÃO DA CASA DE HYDESVILLE ANTES DE SER HABITADA PELA FAMÍLIA FOX
APÊNDICE 2 - NOTAS AO CAPÍTULO 6 - BICO DE PENA DO LAGO HARRIS POR LAURENCE OLIPHANT
APÊNCICE 3 - NOTAS AO CAPÍTULO 7 - TESTEMUNHO ADICIONAL DO PROFESSOR E DA SENHORA DE MORGAN
APÊNDICE 4 - NOTAS AO CAPÍTULO 10 - OS DAVENPORTS ERAM JOGRAIS OU ESPÍRITAS?
APÊNDICE 5 - NOTAS AO CAPÍTULO 16 - A MEDIUNIDADE DO REVERENDO STAINTON MOSES
APÊNDICE 6 - NOTAS AO CAPÍTULO 25 - ESCRITA AUTOMÁTICA DE MR. WALES

CONAN DOYLE E A HISTÓRIA DO ESPIRITISMO

CONAN DOYLE, cujo nome repercute por todo o mundo, é um dos escritores mais lidos da moderna literatura inglesa. O poder extraordinário de sua imaginação, a comunicabilidade natural do seu estilo, a espontaneidade de suas criações, fizeram dele um escritor universal, admirado e amado por todos os povos. No Brasil, nossa gente o incluiu, há muito, entre os seus ídolos literários. É tanto assim, que ainda agora a Melhoramentos está lançando as obras de Conan Doyle em edições sucessivas, divididas em três linhas de lançamentos: a Série Sherlock Holmes, a Série Ficção Histórica e a Série Contos e Novelas Fantásticas.

Não se precisaria de mais nada para demonstrar o interêsse do público brasileiro pelas obras de Conan Doyle. Nem de mais nada para se demonstrar a grandeza literária dêsse verdadeiro gigante das letras inglêsas. Não obstante, as três séries acima não abrangem tôda a obra de Conan Doyle. O famoso precursor dos métodos científicos de pesquisa policial foi também um historiador, tendo escrito obras como "The Great Boer War" e "History of the British Campaign in France and Flanders". Foi ainda um dos maiores e mais lúcidos escritores espíritas dos últimos tempos, em todo o mundo, revelando admirável compreensão do problema espírita em seu aspecto global, como ciência, filosofia e religião.

Vemos, assim, que há mais duas series de obras — a de história e a de espiritismo — que podem ser consideradas como os afluentes diretos dêste verdadeiro delta literário da vida de Conan Doyle, que é a "História do Espiritismo".

UMA CHAVE-DE-ABÓBADA

Neste livro, realmente, tôdas as qualidades do escritor e do homem estão presentes. Nêle confinem os resultados de todos os seus estudos, de tôdas as suas experiências. Trata-se, pois, de um livro de interêsse fundamental, para o estudo da vida e da obra do grande escritor. E só não o chamaremos básico, porque êle não está no alicerce, mas na cúpula. Ë aquilo a que os engenheiros chamam "chave-de-abóbada". Para que o leitor não pense que estamos exagerando, vamos tentar uma rápida explicação dêsse fenómeno de convergência.

Conan Doyle aplica neste livro as suas qualidades de escritors estilo direto, vivo, objetivo, extraordinária capacidade de síntese, precisão descritiva e narrativa, agilidade quase nervosa no encadeamento do enrêdo, brilho e colorido nas expressões. Aplica ainda a capacidade de análise e a perspicácia sherloquianas, o rigor do método histórico, a capacidade de visão panorâmica dos acontecimentos. Ao lado disso tudo, temos a grande compreensão humana dos numerosos episódios e problemas enfrentados, essa compreensão que o leva a explicar as quedas mediúnicas de alguns personagens e a perdoar generosamente os que não souberam explicá-las. O escritor e o homem, depois de uma vida e uma obra, se fundem neste livro, que é feito ao mesmo tempo de papel e tinta, músculos e sangue, cérebro e nervos.

O historiador está presente neste livro, que é sobretudo uma obra de história, O romancista e o novelista aqui estão, na múltipla tessitura das narrativas que se sucedem, capítulo por capítulo. O autor policial, na perspicácia de apreensão dos fatos, na maneira segura com que vai conduzindo o leitor através dos enigmas do enrêdo. O criador de ficção histórica, no aproveitamento dos fatos reais para a construção da grande trama do livro, O autor de histórias fantásticas, na capacidade de penetrar o mistério, de invadir o reino do invisível, de enxergar o que apenas se entremostra nos lampejos das manifestações mediúnicas. O espírita se manifesta no interêsse pelos fatos e pela sua interpretação, na compreensão da grandeza e da importância do movimento espiritista mundial, O médico Arthur Conan Doyle, o homem voltado para os problemas científicos, o pensador, debruçado sôbre as questões filosóficas, e o religioso, que percebe o verdadeiro sentido da palavra religião — todos êles estão presentes nesta obra gigantesca, suficiente para imortalizar um escritor que já

não se houvesse imortalizado.

Esta, pois, é uma obra de confluência. Um delta literário, no qual o fenômeno Conan Doyle se consuma, e pelo qual, afinal, se transcende a si mesmo, para se expandir na universalidade do movimento espírita, como revelação divina.

CRITÉRIO HISTÓRICO

Ao sair a primeira edição desta obra, a revista inglêsa "Light" comentou o equilíbrio e a imparcialidade com que o autor se portou no trato do assunto - Uma extensa nota, assinada por D. N. G., acentuou que os críticos haviam sido "agradàvelmente surpreendidos", pois Conan Doyle, conhecido então como ardoroso propagandista espírita, não a colorira "com os mais carregados preconceitos a favor do assunto e dos seus corifeus" E acrescentava o articulista: "Uma obra de história, escrita com prejuízos favoráveis ou contrários, seria, pelo menos, anti-artística, pecado jamais cometido pelo autor de "The White Company", em nenhum dos seus trabalhos".

Essa opinião confirma plenamente o que dissemos acima, quanto ao critério histórico seguido por Conan Doyle na elaboração dêste livro. Aliás, êle mesmo acentua êsse critério, ao falar do seu desejo de contribuir para que o Espiritismo tivesse a sua história, apontando inclusive as deficiências de tentativas anteriores, como vemos no prefácio. Seu intuito, ao elaborar êste livro, não era o de fazer propaganda de suas convicções, mas o de historiar o movimento espírita. Para tanto, coloca-se numa posição serena e imparcial, como observador dos fatos que se desenrolam aos seus olhos, através do tempo e do espaço.

Reconhece a amplitude do trabalho a realizar e pede auxílio a outros. Encontra em Mrs. Lesiie Curnow uma colaboradora eficiente e dedicada, e com a sua ajuda prossegue nas investigações necessárias, até completar a obra. Ë o primeiro a reconhecer que não fêz um trabalho completo, pois não dispunha de tempo e recursos para tanto. Mas tem a satisfação de verificar que fêz o que lhe era possível, e mais do que isso, o que era possível no momento, diante da extensão e complexidade do assunto e das condições do próprio movimento espírita de então.

A NOVA REVELAÇÃO

Conan Doyle, que nasceu a 22 de maio de 1859, em Edimburgo, faleceu a 7 de julho de 1930, em Cowborough (Sussex). Em junho de 1887 escreveu uma carta ao editor da revista "Light", explicando os motivos da sua conversão ao Espiritismo. Essa carta foi publicada na edição de 2 de julho do mesmo ano, daquela revista, que a reproduziu mais tarde, na edição de 27 de agosto de 1927. A 15 de julho de 1929, a "Revista Internacional de Espiritismo", de Matão, dirigida por Cairbar Schutel, publicou no Brasil a primeira tradução integral dessa carta, que é um documento valioso, mostrando, como acentua a revista, que o jovem médico em 1887 já revelava a mais ampla compreensão do Espiritismo e da sua significação para o mundo.

Além dêsse documento, Conan Doyle escreveu um pequeno livro, traduzido para a nossa língua por Guillon Ribeiro e já em segunda edição, intitulado "A Nova Revelação", em que descreve minuciosamente o processo da sua conversão. Posteriormente, escreveu outras obras doutrinárias de grande valor, como "A Religião Psíquica", na qual revela perfeita compreensão do problema religioso do Espiritismo, afirmando a condição essencialmente psíquica da religião espírita.

O leitor brasileiro estranhará que Conan Doyle comece a sua história pela vida e a obra de Swedenborg, e que, depois de passar pelo episódio de Hydesville, só se refira a Allan Kardec ao tratar, no capítulo vinte e um, do "Espiritismo francês, alemão e italiano". Kardec aparece, assim, como uma espécie de figura secundária, de influência reduzida ao âmbito nacional do movimento espírita francês. É que, no movimento espírita, como em todos os movimentos, as coisas vão se definindo aos poucos, através do tempo, não se mostrando logo com a precisão necessária. Sômente agora, quase trinta anos depois da morte de Conan Doyle, é que a figura de Kardec, reconhecida há muito, nos países latinos, como o codificador do Espiritismo, vai se impondo também, nas suas verdadeiras dimensões, ao mundo anglo-saxão.

Conan Doyle fêz o que pôde, como dissemos atrás, procurando traçar a história do Espiritismo de acôrdo com as perspectivas que a sua posição lhe proporcionava. Hoje, como se pode ver pela excelente edição da revista argentina "Constancia", comemorativa do primeiro centenário do Espiritismo, a compreensão exata da posição de Kardec se

generaliza. Escritores da Inglaterra, da Alemanha, dos Estados Unidos e do Canadá proclamam, nas colaborações para aquêle número, a significação fundamental da obra do codificador.

O PROBLEMA DA REENCARNAÇÃO

É bastante conhecida a divergência entre o que se convencionou chamar o Espiritismo latino e o anglo-saxão. Essa divergência se verificou em tôrno de um ponto essencial: a doutrina da reencarnação. Os anglo-saxões, particularmente os inglês es e americanos, aceitaram a revelação espírita com uma restrição, não admitindo o princípio reencarnacionista. Por muito tempo, êsse fato serviu de motivo a ataques e críticas ao Espiritismo, o que não impediu que o movimento seguisse naturalmente o seu curso.

A codificação kardequiana, cujos princípios giram praticamente em tôrno da lei da reencarnação, foi repelida pelos anti--reencarnacionistas. Veja-se como Comam Doyle se refere ao Espiritismo francês, logo no início do capítulo vinte e um dêste livro: "O Espiritismo na França se concentra na figura de Allan Kardec, cuja teoria característica consiste na crença da reencarnação". Não obstante, o próprio Conan Doyle, e outros grandes espíritas inglêses e americanos, admitiam a reencarnação. E a resistência do meio tem sido bastante minada, na Inglaterra e nos Estados Unidos, principalmente depois da última guerra.

Em "A Nova Revelação", Conan Doyle se coloca numa posição curiosa, que dará ao leitor brasileiro uma idéia exata da sua atitude neste livro. Logo no prefácio, declara que muitos estudiosos têm sido atraidos pelo aspecto religioso do Espiritismo, e outros pelo científico, acrescentando: "Até agora, porém, que eu saiba, ainda ninguém tentou demonstrar a exata relação que existe entre os dois aspectos do problema. Entendo que, se me fôsse dado lançar alguma luz sôbre êsse ponto, muito teria eu contribuído para a solução da questão que mais importa à humanidade".

Isto era escrito entre 1927 e 28, cêrca de sessenta anos após o passamento de Kardec. E todos sabemos que Kardec deixou perfeitamente solucionado o problema, ao apresentar o Espiritismo como uma doutrina tríplice: filosófica, científica e religiosa. Vemos, assim, que Conan Doyle, neste ponto como em tantos outros, pensava paralelamente a Kardec, esperando, por assim dizer, o momento em que a codificação kardequiana aparecesse no mundo, sem suspeitar que ela já existia e estava ali mesmo, ao seu lado, para lá do Estreito da Mancha.

Em nada, porém, êsses fatos prejudicam o valor e a significação desta obra. Servem mesmo para documentar uma fase

do imenso processo de desenvolvimento do Espiritismo.

Os estudiosos da doutrina e da sua história terão neste livro uma visão panorâmica dêsse fato histórico extraordinário, ainda não compreendido pelo mundo, que é o aparecimento e a propagação de uma nova revelação espiritual, nos tempos modernos. E nada melhor para exprimi-lo do que a admirável imagem usada por Conan Doyle, logo no capítulo primeiro, ao comparar as modernas manifestações espíritas a "uma invasão devidamente organizada", invasão do mundo por um exército espiritual, incumbido de dominá-lo pela fôrça do bem e orientá-lo para os rumos finais da perfeição humana.

A INVASÃO ORGANIZADA

Conan Doyle se defronta, nesse capítulo, com a dificuldade de fixar uma data para o aparecimento do Espiritismo. Lembra que Os fatos espíritas existiram desde todos os tempos, e que os espíritas inglêses e americanos costumam indicar como data inicial do movimento moderno a de 31 de março de 1848, que assinala o episódio mediúnico de Hydesville.

Prefere, entretanto, começar a sua história por Swendenborg, considerando que "uma invasão pode ser precedida pelos exploradores de vanguarda". Reconhece, assim, a existência de uma época a que podemos chamar a pré-história do Espiritismo, com os fatos da Antigüidade e da Idade Média, e uma época de preparação do advento do Espiritismo, já nos tempos modernos.

Nessa época aparecem os patrulheiros, os elementos que exercem a função de pontas-de-lança, os que efetuam uma espécie de reconhecimento do terreno e de preparação da "invasão organizada", que virá logo mais. Essa concepção de Conan Doyle está de pleno acôrdo com as explicações que os Espíritos deram a Kardec, a respeito do assunto. Só faltou a Conan Doyle, portanto, para bem colocar o problema, o conhecimento completo da codificação. Com êsse conhecimento, o grande escritor não teria dúvidas em admitir que o Espiritismo, como doutrina, só apareceu no mundo a 18 de abril de 1857 — numa data exata — aquela em que surgiram nas livrarias de Paris os primeiros volumes de "O Livro dos Espíritos".

Fazendo justiça a Swendenborg, a Eduardo Irving, a André Jackson Davis, "o profeta da nova revelação", às irmãs Fox, cuja dolorosa história é contada nestas páginas de maneira compreensiva e ampla, Conan Doyle historia, a seguir, a propagação do movimento espírita nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França, na Alemanha, na Itália e nos demais países, dedicando várias páginas a médiuns notáveis como Home, os irmãos Davenport, Eddy e Holmes, Slade, Eusapia Palladino e outros.

Acompanha o desenvolvimento do interêsse pelos fatos espíritas nos meios científicos, a realização das grandes experiências de repercussão mundial, como as de Crookes, e trata, por fim, do papel do Espiritismo em face da guerra, do seu aspecto religioso e das descrições do Além pelos Espíritos. Temos, assim, uma obra monumental sôbre o

Espiritismo e o movimento espírita, escrita por um dos mais notáveis autores do nosso tempo. A publicação desta obra em português virá contribuir grandemente para maior compreensão do Espiritismo em nosso país, inclusive nos meios espíritas.

O “PRECONCEITO CULTURAL”

Ao lançarem, pois, esta edição, os Editôres estão prestando um grande serviço ao público brasileiro em geral e aos espíritas em particular. As campanhas de difamação que se têm feito no Brasil contra o Espiritismo, a atitude sistemática de oposição assumida pelos religiosos e pelos cientistas, e as próprias deficiências culturais do nosso meio, fazem que ainda prevaleçam entre nós Os preconceitos antíespíritas, que muitas vêzes se manifestam de maneira aguda. Obras como esta, escritas por homens da envergadura intelectual de Conan Doyle, contribuirão forçosamente para modificar essa situação, quebrando, com o seu poderoso impacto, sedimentações e cristalizações mentais pouco recomendáveis entre povos civilizados.

Diante do vasto e variado panorama que Conan Doyle nos apresenta neste livro, a começar pelas idéias ainda delirantes de Swendenborg, que, não obstante, era um dos homens dotados de maior cabedal de conhecimentos que o mundo já viu, até às experiências rigorosamente científicas de sábios da envergadura de Crookes, o leitor minado pelas idéias feitas, pelos preconceitos religiosos ou científicos, terá de reconhecer a importância do movimento espírita.

Existe um tipo especial de preconceito que dificulta a compreensão do Espiritismo em nosso país. É o que podemos chamar “preconceito cultural”. Numa nação nova como a nossa, sem tradição cultural suficiente, com imensa massa de analfabetos, pontilhada aqui e ali de pequenas ilhas culturais, é grande o receio dos intelectuais, de caírem no ridículo perante os seus colegas do exterior. Por outro lado, a difusão das doutrinas materialistas, como o marxismo, em meios de insuficiente formação filosófica e a difusão, nem sempre em condições adequadas, de princípios científicos objetivos — errôneamente considerados materialistas — afastam muitas pessoas do conhecimento espírita. Um livro como êste servirá, e muito, para mostrar que os homens cultos, no mundo inteiro, não o são menos por se interessarem pelo Espiritismo.

NOTA DO TRADUTOR

VAI para mais de um século, os fenômenos espíritas, antes esporádicos, mal interpretados e causadores de perseguições religiosas, entraram numa segunda fase — a das manifestações acintosas e sistemáticas, públicas e teimosas, abalando cépticos, acordando consciências e amedrontando criminosos impunes e marginais do Código Penal. Foi em 1848, nos Estados Unidos.

O contacto entre dois mundos, antes separados pela divisória da Morte, deixava de ter o aspecto macabro, que lhe emprestaram folhetinistas e criadores de fantasias, para revestir o de suave conversa entre criaturas queridas de um e do outro lado da Vida. Começou, entretanto, pelas chamadas mesas girantes e falantes que, infelizmente, se prestaram à zombaria dos que tudo procuram denegrir ou cobrir de ridículo — inclusive o sentimento que nutrimos pelos que nos deixaram. Transportadas para a Europa, as mesas girantes e falantes constituíram, durante algum tempo, um divertimento de salão, nas longas e frias noites de inverno.

Um homem sisudo, entretanto, não via nelas mero divertimento, mas uma coisa muito séria. E pagou arras ao espírito francês, tirando da "dança das mesas" uma filosofia, do mesmo modo que da "dança das rãs" Galvani havia tirado princípios fundamentais da eletricidade e do magnetismo. Êsse homem, típico representante da cultura francesa — médico e astrônomo, filósofo e poliglota, teólogo e matemático, filólogo e biologista — passeou o seu Espírito equilibrado sôbre todos os departamentos do saber humano de seu tempo, tudo referindo aos eixos coordenados de um sistema, de modo que os seus variados conhecimentos não apresentavam fissuras nem hiatos, paradoxos nem incongruências. Vale dizer que, à luz dos conhecimentos modernos, êle sistematizou uma ciência nova, captou os princípios basilares de uma nova filosofia — uma filosofia espiritualista que, ao contrário de suas congêneres, tudo estabelecia a posteriori, isto é, à base de fatos verificados e verificáveis, assim oferecendo ás criaturas honestas — queremos dizer cientificamente honestas — os elementos para a superação do materialismo clássico e do agnosticismo comteano, que estavam avassalando mentes nobres, mas limitadas e prêsas aos preconceitos religiosos, ou a êstes fanaticamente antagônicas.

E como a base da fenomenologia era o fato das manifes-

tações das almas dos mortos — e, por vêzes, dos vivos também — aconteceu uma coisa singularíssima. De um lado a Igreja, cujos dirigentes ensinavam uma vida além da morte, mas que nunca souberam, puderam ou quiseram provar, passou a atacar ferozmente os fatos e os únicos individuos através dos quais essa prova é cientificamente possível, e que o faziam e o fazem sem qualquer intuito de combate ou de desdouro às organizações religiosas. Perdia a Igreja a grande oportunidade de demonstrar a existência da alma e o seu cortejo de conseqüências e, do mesmo passo, de levar os seus profitentes para uma nova etapa, além de a êles anexar os que em nada criam — passando-os de fé imposta, do credo quia absurdum, ou do desinterêsse e da negação sistemática para uma fé sistemática, para uma fé raciocinada, na qual os próprios dogmas e os ritos viriam a ser respeitados como valores históricos e como símbolos que tinham tido a sua função no espaço e no tempo e dos quais os Espíritos se iam emancipando, à medida de sua mesma evolução. Do outro lado, atraidas pelos fatos, tomando contacto com os seus mortos queridos, as massas menos cultas, ou mesmo incultas, foram, por um compreensível sincretismo religioso, que a ortodoxia não tolerava, mas que, à fina fôrça, aquelas queriam que subsistisse, transformando o Espiritismo numa religião ritualística.

Se, de um lado, o despreparo geral as empurrava nessa direção, foram acoroçoadas pelos anátemas, pelas excomunhões, pela pressão política exercida pela Igreja contra as massas espíritas e principalmente contra os médiuns. E o Espiritismo, que de início atraira a atenção das camadas mais cultas, pouco a pouco foi sendo por estas abandonado, ou praticado ás ocultas, para que se não comprometessem interêsses materiais — sobretudo os políticos — dado o prestígio que a Igreja desfrutava junto ao poder civil, mesmo nos paÍses em que havia separação legal entre ela e o Estado.

Então a doutrina caiu nas mãos do povo e a sua prática se abastardou.

Mas houve uma diferenciação entre neolatinos e anglo-saxões.

Nos países de origem latina, onde predomninam a Igreja Católica — de tôdas a mais intolerante — os espíritas foram excluídos de seu seio. E, teimosamente, ela apresentou aquêle do qual poderia ter feito o seu melhor aliado como um adversário temível, como uma nova religião, embora lhe

faltassem os requisitos essenciais de uma religião, a saber: um conjunto de dogmas, um ritual e uma hierarquia sacerdotal. De maneira que, se luta existe entre ela e o Espiritismo, não foi êste quem a provocou.

Mas nos países saxônicos a coisa é diferente.

Com a predominância do Protestantismo, os profitentes da religião estão mais íntima e solidamente ligados à sua igreja: são êles e não os pastôres que a administram e desenvolvem as obras assistenciais; com um ritual mais pobre, enriquecem o Espírito pelo estudo. Assim, a irrupção dos fenômenos espíritas não foi ignorada nem amaldiçoada, mas recebida como uma prova da sobrevivência da alma e uma confirmação dos ensinos bíblicos.

Por isso, pouco proliferam os centros espíritas. Em compensação, há na língua inglêsa mais de cinco mil titulos de obras sôbre o Espiritismo.

*

Os estudiosos dêsses problemas não têm projetado a atenção sôbre essa diferenciação do desenvolvimento do Espiritismo entre neolatinos e anglo-saxões, para lhe penetrar as causas e oferecer elementos para a compreensão do interessante fenômeno.

Oassunto merece atenção.

Na França, o Doutor Gustave Geley, a quem tanto deve a Medicina, fêz notáveis estudos sôbre o ectoplasma — êsse novo elemento cuja importância cresce dia a dia e que vem correndo parelha com o proto plasma na explicação dos fenômenos da vida; que fêz demonstrações insofismáveis das materializações parciais, através das moldagens em cêra fervente, impossível de obter-se por qualquer outro processo que não o da materialização de mãos; que convidou cem cientistas para assistirem às suas experiências — muitas das quais em plena luz e tôdas sob o mais rigoroso contrôle científico; que foi presidente do Instituto de Metapsíquica de Paris, onde se afirmou um legítimo pioneiro; que fêz avançar enormemente os conhecimentos da Psicologia com o seu "Do Inconsciente ao Consciente"; o Doutor Geley, íamos dizendo, assiste ao terrível drama íntimo do Doutor Paul Gibier, essa outra figura de cientista, a quem tanto devem a Microbiologia e os trabalhos iniciados pelo ilustre Pasteur, dada a intolerância da chamada ciência oficial. Gibier teve que abandonar os

laboratórios e a própria pátria, onde o seu trabalho se havia tornado impossível, e foi abrigar-se nos grandes centros norte-americanoS, deixando uma triste advertência a outra figura ainda mais notável — Charles Richet.

Com efeito, êsse grande mestre, talvez o maior de seu tempo, que investigou tanto os fenômenos espíritas, que, além da sua obra clássica sôbre Metapsiquica, legou—nos "Trinta Anos de Pesquisas Psíquicas"; que assistiu aos testes de Geley com Kluski e com Eusapia Palladino; que teve as mais notáveis provas através da correspondência cruzada; que cunhou o vocábulo ectoplasma, por fôrça de tanto estudar essa substância, que é um verdadeiro proteu e um novo estado da matéria a responder pelos fenômenos físicos, ou melhor, hiperfísicos, que se passam através dos médiuns; êsse homem, que desfrutava do respeito de seus pares como um legítimo mestre e uma das glórias da cultura francesa, convenceu-se da legitimidade dos pontos de vista espíritas, mas temeu aquelas fôrças negativas que haviam sacrificado o Doutor Gibier. Não teve a coragem de o confessar. Fê-lo apenas em carta reservada ao seu amigo e opositor Ernesto Bozzano, depois de ter tido a franqueza de erigir dezenas de hipóteses que jamais se prestariam a uma generalização amplíssima, como a hipótese espírita.

Do outro lado, vemos na Inglaterra homens de ciência do melhor quilate organizando uma Sociedade de Pesquisas Psíquicas que, desde 1882, vem fazendo estudos rigorosos, com muita circunspecção e que toma, por vêzes, uma atitude hostil aos princípios espíritas, mas acaba dando o testemunho dos fatos supra-normais, embora fuja sistemàticamente das generalizações filosóficas.

Quem são êsses homens?

Dos mais categorizados: físicos, químicos, fisiologistas, matemáticos, Membros da Sociedade Real, honraria raríssima concedida na Inglaterra a um homem de ciência.

Daí a atitude de Lord Dowding. Marechal do Ar da Inglaterra, primo do último rei, Lord Dowding comandou a RAF (Royal Air Forces) durante a última guerra. Protestante, os fatos o convenceram das verdades espíritas. Tanto bastou para que tomasse atitude pública. Como bom inglês, não compreendia que na comunidade britânica alguém sofresse restrições na sua liberdade, da qual uma faceta importante é a liberdade de crença.

Em conseqüência, e liderados por êle, os Espíritas inglêses

conseguiram que o Parlamento Inglês, o mais respeitável do mundo, votasse uma lei, reconhecendo o direito ao exercício da mediunidade, com o que os sensitivos ficavam subtraidos as perseguições religiosas, exercitadas nos têrmos de duas leis obsoletas, mas não prescritas: o Vagrancy Act e o Witchcraft Act, através das quais mais de 50.000 médiuns já haviam sido multados ou condenados à pena de prisão. Continuando a sua campanha, isto é, procurando levar por diante as conseqüências da nova lei, foi obtido pelos espíritas que o Estado Maior das Fôrças Armadas da Inglaterra determinasse que em todos os corpos de tropa onde houvesse instalações para o serviço religioso, também as houvesse para oficiais e soldados espíritas.

*

A obra que tivemos a honra de traduzir é de autoria de um membro da Sociedade de Pesquisas Psíquicas da Inglaterra, geralmente conhecido do nosso público por suas novelas policiais. Como até hoje não se escreveu, no gênero e em qualquer língua, um trabalho semelhante, julgamo-nos no dever de escrever uma ligeira biografia de Sir Arthur Conan Doyle, para que o leitor brasileiro possa aquilatar do valor e das cogitações de um dos mais nobres caracteres da passada geração de escritores e de homens de ciência.

A obra não poderia ser minuciosa e completa. Passa, porém, em revista os maiores médiuns da Europa e dos Estados Unidos, desde o século passado até o comêço dêste século. É, assim, um roteiro magnífico.

A fenomenologia espírita aí aparece bem dividida, por capítulos; os maiores médiuns são apresentados divididos em grupos, conforme as suas peculiaridades. É feita uma crítica muito equilibrada a médiuns e pesquisadores. O leitor atento verá que o autor não sai de uma linha de centro, de um perfil de equilíbrio, de modo que não será nunca confundido com um crente fanático, de vez que é, em tôdas as circunstâncias, o observador percuciente, o filósofo sereno e o cientista que está convencido da lei do progresso, do sentido amplíssimo da evolução geral da Vida. Êle não teme aquelas coisas que se apresentam na zona de penumbra do pesquisador, porque usa aquilo que sabe, a fim de avaliar aquilo que lhe falta saber.

Sir Arthur Conan Doyle não nos apresenta uma história puramente descritiva do Espiritismo, mas, na verdade, uma his-

tória filosófica do Espiritismo.

A sua obra — unica no gênero — preenche uma lacuna na estante dos espíritas estudiosos; mostra-lhes um mundo de coisas importantes — direi mesmo, indispensáveis — que ignoravam. E, nessa fase do nosso desenvolvimento intelectual, é de súbito valor para os estudantes das nossas Faculdades de Filosofia.

Achamo-la, sobretudo, inestimável para os dirigentes de sociedades espíritas. Mais esclarecidos por ela, certamente darão novo rumo aos trabalhos ditos de efeitos físicos, já selecionando os médiuns, já excluindo essa prejudicial assistência de curiosos, já — e nisto reside a sua melhor lição — colocando a pesquisa psíquica num plano isento de fanatismo religioso, de intolerância pseudo-científica, sem o que tão cedo êsses fenômenos não entrarão nos ambientes universitários, onde nem o professor Richet serve de exemplo, porque a atitude acadêmica continua sendo a do avestruz: enterrar a cabeça na areia e negar a tempestade.

Êste é um livro que nos faz pensar.

Que o leiam os nossos homens de ciência; que o leiam os nossos pensadores; que o leiam aquêles que pensam que pensam. Os frutos não se farão esperar.

JULIO ABREU FILHO

SIR ARTHUR CONAN DOYLE - ESBOÇO BIOGRÁFICO

O AUTOR da obra que se vai ler era muito conhecido da juventude de uns cinqüenta anos passados, como o criador de Sherlock Holmes. Naquele tempo líamos literatura neolatina no original e anglo-saxônica através de boas traduções francesas ou em nossa língua.

Hoje a mocidade lê histórias em quadrinhos, onde o vocabulário representa apenas um décimo do que manejávamos.

O nível baixou. Se, então, eram as biografias um aspecto pouco explorado em literatura, hoje pouco se conhece das vidas grandes e nobres. Tanto que, quando o autor destas linhas disse que estava traduzindo uma HISTÓRIA DO ESPIRITISMO de Sir Arthur Conan Doyle, despertou atenção por estas coisas: que o criador de Sherlock Holmes tivesse sido "knighted", como se diz em inglês; que fôsse algo mais que um escritor de contos policiais; que tivesse tido a cachimônia de levar a sério o Espiritismo e fazer, com aquela proverbial seriedade dos escritores inglêses, uma História do Espiritismo.

Estavam certos — relativamente certos — os interlocutores de quem traça estas linhas. Por dois motivos: o primeiro é que o nível dos contos policiais baixou; o segundo é que em geral se ignora, nos países latinos, que os inglêses de cultura universitária não tomam cursos de técnica superior — como em geral os latinos e particularmente os brasileiros —a fim de serem chamados doutôres, ou como um meio fácil de fazer dinheiro. É uma questão de educação, há muito ali resolvida e na qual andamos tateando, sem coragem de modificar o nosso figurino. Sôbre o assunto bastaria recomendar três livros de um único escritor inglês, representativo de brilhante período da cultura inglesa - o período vitoriano — Sir John Ruskin — a saber: Sesame and Lulies, The Seven Lamps of Architecture e The Stone of Venice. Na verdade o inglês de certa classe, mesmo de qualquer classe, que houvesse atingido mais alto grau de cultura através da universidade, não tinha apenas um verniz: os conhecimentos e o ambiente lhe haviam lapidado o espírito, transformado a compreensão da Vida e criado novos rumos para o seu comportamento social.

Por isso o inglês dêsses níveis mais altos exercia a profissão, parcialmente, para ganhar dos que podiam pagar sem serem explorados, parcialmente, para servir aos que não podiam pagar, mas deviam sentir que a solidariedade humana

não era mero tema para discursos políticos de campanhas eleitorais. Paralelamente, êsses homens de padrão universitário exercem uma atividade extra que, se por um lado contribui para o seu próprio progresso espiritual, por outro ajuda o levantamento da cultura do povo.

Isto é, sem dúvida, um dos mais belos efeitos da concepção inglêsa de religião; esta não se separa da vida e a vida é considerada como que vascular, segundo a expressão do Reverendo Stanley Jones, que assim explica: "onde quer que a firamos, ela sangrará".

Dêste jeito tem o inglês um sentido prático de religião, — que deixa de ser uma fuga para os planos abstratos, que ficam depois dos túmulos, do mesmo passo que tem umj noção mais objetiva de humanismo — que deixa de ser uma verbiagem excitante para ser uma soma de conhecimentos de imprescindível aplicação à Humanidade.

Assim, não é de admirar que um Churchill cultive a pintura ainda aos oitenta anos; que um John Ruskin vá para o campo com os universitários trabalhar na reparação de estradas que se haviam tornado intransitáveis; que Frederic Myers, Lord Balfour, Sir William Crookes, Sir Oliver Lodge e tantos outros, que se encontram no tôpo das graduações científicas de várias especialidades, se apliquem, paralelamente, a outras atividades monetàriamente improdutivas, mas que contribuem largamente para o bem-estar espiritual do povo.

Ora, todos êstes nomes do último grupo deram exemplo de compreensão de quanto o conhecimento do porquê da vida, do porquê da diversificação das existências pode contribuir para o bem-estar geral, depois de ter criado aquela serenidade espiritual que nos torna altamente conscientes e nos subtrai daquele fatalismo da massa muçulmânica, que amesquinha a criatura. Mas não quiseram basear-se em sermões mais ou menos sonoros nem nas citações mais ou menos papagaiadas de textos bíblicos: basearam-se nos fatos. E se o fenômeno espírita era um fato da natureza, até então pouco estudado, estudaram-no; buscaram apreender a lei que os rege. E nisso nada viram daquele ridículo que pseudo sábios ou pseudo religiosos procuram lançar sôbre coisas que ignoram. Para êles, verdadeiros sábios, não existe ridículo nem imoralidade nas leis da Natureza, que são as mesmas leis de Deus. Ridículo e imoralidade estão em nós, na nossa maneira de ver a vida; constituem, por assim dizer, os óculos da nossa observação.

Mas voltemos a Sir Arthur Conan Doyle.

*

Estamos dizendo que o nível do conto policial havia baixado. Baixou, pelo menos daquela cota em que Conan Doyle havia elevado a produção do suposto criador dêsse gênero literário — o escritor francês Gaboriau. Mostra-nos a cronologia que o iniciador dêsse tipo de literatura foi um escritor americano, também espírita e certamente um médium inconsciente de suas faculdades cripto-psíquicas — o grande poeta americano Edgard Allan Poe, autor do Mary Roger Case e outros contos policiais. Mas não desgarremos; frizemos um contraste essencial: enquanto o policial atual é violento, Sherlock é suave; aquêle usa a fôrça muscular, êste o vigor do raciocínio. Dir-se-ia que, mesmo antes de se tornar espírita, Sir Arthur marcava, na sua obra popularíssima, a superioridade do Espírito sôbre a Matéria, da Inteligência sôbre a Fôrça Física, do Conhecimento sôbre a Pistola Colt.

E já que entramos por êste raciocínio, seja-nos permitido admitir que as cidades, como as famílias, parece que têm um certo poder atrativo para determinados tipos de Espíritos. Dir-se-ia que elas possuem aquilo que os orientais chamam de karma coletivo, como o possuem as famílias, e que nos indivíduos é uma espécie de magnetismo espiritual. Não será isso que cerca de encanto a vida de certas universidades e de certas cidades, como, por exemplo, Florença?

Não estará no mesmo caso a cidade escocesa de Edimburgo? De onde o seu nome? De um certo rei Edwin, de Northumber. land, que a fundou no século VII? Edimburgo que foi elevada a cidade por Carlos 3º em 1633, é considerada mais uma cidade intelectual do que industrial, pôsto que seja um importante centro de tecidos de lã, algodão e sêda; tinha fábricas de cristais, destilarias e fundições, além de importante indústria livreira. Mas os seus estabelecimentos de ensino entre os quais se destacam a universidade, a escola de medicina, o conservatório de belas artes e a escola de artes e ofícios, lhe valeram o epíteto de Nova Atenas.

Entre os filhos notáveis que a honram — e dos quais Sir Arthur Conan Doyle não é dos menos celebrados — contam-se John Ogilby, nascido em 1600, tradutor e editor das obras de Virgílio e de Homero e das Fábulas de Esopo; a família Blair, entre cujos membros sobressaem John Blair, ligado à história de sua independência e Hugh Blair (1718, 1800), notável orador

e professor na universidade de Saint Andrews, onde seu nome foi ligado à cadeira de retórica e belas letras; a célebre família Napier ou Neper, segundo a grafia latina, onde aparecem destacados vultos na Marinha e no Exército, mas cujo tronco ilustre foi John Napier ou Joannis Neper, grande matemático e inventor dos logaritmos ditos neperianos, cuja publicação apareceu com êste longo título, ao gôsto da época: Logarithmorum canonis descripto seu Arithmeticorum supáginasutatwnum marabilis abbreviatio, ejusque usus in utraque trigonometria, ut etiam in omni logistica matematica amplissimi, jacilimi et expeditissimi explicatio, auctore ac inventore Joanne Nepero, barone Merchistonii, Scoto (1614).

Não esqueçamos David Hume, filósofo e historiador (1711. 1776), que nos deixou um Tratado sôbre a Natureza Humana, Ensaios Morais e Políticos, História Natural da Religião, Ensaios Sôbre a Imortalidade da Alma, além de vários outros trabalhos sôbre moral e religião e, de parceria com outros advogados, uma História da Inglaterra. Por fim destaquemos um típico escritor escocês — Sir Walter Scott (1771 - 1832). Iniciando-se em 1802, com o Canto da Fronteira Escocesa, escreveu mais trinta obras, entre as quais são mundialmente conhecidas e apreciadas A Dama do Lago, que inspirou a Rossini a ópera do mesmo nome, Guy Mannering; A Prisão de Edimburgo; A Noiva de Lammermoor, de onde foi extraído o libreto da ópera de Donizetti, Lucia de Lanrmermoor; A Formosa Donzela de Penh e Ivanhoe, talvez, de suas obras a mais conhecida e que conta maior número de traduções.

Tôda essa tradição magnífica de sua cidade deve ter influído poderosamente na formação espiritual de Sir Arthur. Sabe-se que seu avô era o caricaturista de nomeada — John Doyle, sôbre o qual, entretanto, temos poucas indicações. Os traços genealógicos de que dispomos dizem que seu pai, Charles Doyle, era um artista. Quem seria êsse artista? Certamente era Sir Francis Hastings Charles Doyle, poeta nascido no Condado de York, em 1810 e morto em 1888. Foi funcionário da administração e publicou várias obras, entre as quais Poemas Diversos; Dois Destinos; Édipo, Rei de Tebas; Os Firnerais do Duque; A volta dos Guardas, etc. Foi professor de poética na Universidade de Oxford, entre 1867 e 1872.

Teve, assim, o jovem Arthur um ambiente propício, quer em sua casa e em sua pátria, quer no estrangeiro, onde seu pai estêve a serviço do govêrno, pois se sabe que o nosso biografado fêz parte de sua educação na Alemanha. Nascido a

22 de maio de 1859, sua educação foi feita sucessivamente no Stonyhurst College, na Alemanha e na Universidade de Edimburgo, onde, em 1881, terminou o curso de medicina (M.B.) e quatro anos mais tarde o doutorado em medicina (M.D.)

Sabe-se que viajou muito pelas regiões árticas e pela costa ocidental da África.

Escreveu algumas obras na juventude, que devem ter passado inadvertidas ou que êle próprio teria retirado da circulação, pois a primeira citada cronolôgicamente é "A Study in Scarlet", publicada em 1887, quando já estava clinicando em Southsea. No ano seguinte publicou outro romance — Micah Clarck. A história da rebelião de Monmouth. "The sign of Four", em 1889 e em 1891 "The White Company", que obteve grande sucesso, e que foi seguida por um romance da época de Du Guesclin.

Nesse ano de 1891 Sir Arthur Conan Doyle conquistou imensa popularidade com as "Aventuras de Sherlock Holmes", que apareciam em The Strend Magazine. Como indicamos pouco antes, dizem que o seu inspirador foi Emile Gaboriau, escritor francês que havia fracassado no gênero romance e que em 1866 publicara, com estrondoso sucesso, em folhetim em Le Pays, um romance judiciário policial intitulado l'Affaire Levou ge, que lhe valera grande nomeada e o sucesso para mais dez outras obras no gênero.

É possível. Mas é mais provável que, dadas as inclinações artísticas e literárias de Sir Arthur, tivesse êle conhecido tôda a obra de Edgard Allan Poe, que é, ao nosso ver, o verdadeiro criador do conto e do romance policial, quer quanto às características literárias, quer quanto à precedência histórica. Em nossa opinião, o criador de Sherlock está mais próximo dos métodos de raciocínio de Poe, que dos de Gaboriau.

Com a importância literária e a popularidade de Sherlock, cujas aventuras se iniciam em "A Study in Scarlet", a prática da medicina de Sir Arthur Conan Doyle passa para segundo plano, à medida que cresce o escritor. Em 1893 reaparece o herói nas "Memórias de Sherlock Holmes", seguidas de "O Cão dos Baskervill.es", em 1902 e de "A Volta de Sherlock Holmes" em 1905.

Enganam-se, porém, os que pensam que Sir Arthur haja cultivado apenas êste gênero literário. Já em 1896 publicava êle estudos históricos em "As Explorações do General Gerard" e em "As Aventuras de Gerard". Antes, porém, em 1894, havia

publicado "A História de Waterloo", na qual Sir Henry Irving havia tomado parte tão saliente. Em 1909 lançou "The Fires oj Fate" e "The House of Tem periey" e em 1913 outro volume interessante — "The Poison Belt".

A pena de Sir Arthur Conan Doyle estêve, entretanto, ao serviço da pátria, nos momentos críticos. Sem ser um político, na acepção limitada do vocábulo, soube êle prestar valiosos serviços políticos ao seu país. Pode a gente discordar de seu ponto de vista particular, em relação à tese por êle defendida; mas há que reconhecer-se que êle não procurou servir a um partido, mas à comunidade britânica. E o fêz com honestidade e com elegância. É assim que, em defesa do Exército Britânico na África do Sul, publicou em 1900 "The Great Boer War" e, dois anos depois, um estudo mais minucioso dessa guerra, intitulado "The War in South Africa; its Causes and Conduct".

Durante a primeira Grande Guerra sua pena estêve ao serviço dos Aliados. Escreveu abundantemente. Entre outros trabalhos, largamente traduzidos, podemos citar "Cause and Conduct of the World War", que logrou traduções em doze línguas.

Suas preocupações pelas colônias inglesas não eram do tipo das de um agente do govêrno, mas das de um pensador de raça. Iniciando-se nesse gênero com a guerra dos boers, pode a rigor dizer-se que aquêles dois livros pouco antes citados foram precedidos por "The Tragedy of the Korosko", em 1898, que é uma pequena história do Sudão anglo-egípcio e "The Green Flag", que versa ainda assuntos africanos.

Neste grupo se inclui uma obra lançada em 1906, considerada a sua obra-prima — "Sir Nigel."

Como obras menores e de temas variados — tôdas, porém, defendendo uma tese de subido interêsse, podem citar-se, cronolôgicamente, a partir de 1894, até 1912, as seguintes: "Round the Red Lamp", The Stark Mumro Letters", "A Duet with an Occasional Chorus", "Tlironglt the Magic Door", "A Modern Morality Plity", "The Crime oJ the Congo", "Songs of tire Rüad" e "Tire Last World".

Entre as suas últimas obras uma se conta, de grande importância e que alcança seis volumes, publicados entre 1915 e 1920: "History of the Britislr Compaign in France and Flanders" e que representa a sua última contribuição para a sua terra e para a sua gente no setor político propriamente dito.

*

É que, a essa altura, grandes médiuns inglêses, americanos e da Europa continental haviam chamado a atenção de conspícuas figuras do mundo científico inglês. Os fenômenos que em inglês se diziam do neo-espiritismo provocavam estudos e polêmicas, entusiasmos e revoltas. Em 1882, fundara-se, em razão disto, a Society for Psychical Research; os nomes mais brilhantes dos céus da ciência se haviam ligado a essa criteriosa organização que, se críticas merece, certamente é por sua teimosia em não querer reconhecer numa fenomenologia amplíssima e constatada sob os mais rigorosos métodos de ensaio, que a geratriz de tantos fenômenos eram os Espíritos dos mortos e, por vêzes também, os Espíritos dos vivos.

— Que nomes prestigiavam a SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH?

— Os mais brilhantes, com efeito, entre outras notabilidades, o Professor Sidgwick, Sir William Crookes, F. W. H. Myers, Frank Podmore, Professor Jomes H. Hyslop, Doutor R. Hodgson, Professor Charks Richet, Sir Oliver Lodge, Professor C. G. Jung, Sir William Barrett, Doutor Gustave Geley, Doutor Edmund Gurney, Professor Von Schrenck-Notzing, Professor Henry Bergson e tantos outros, muitos dos quais eram membros da Sociedade Real e da Academia Francesa, vale dizer, portadores das mais altas distinções honoríficas.

Sir Arthur Conan Doyle ingressou na Sociedade de Pesquisas Psíquicas. Convencido do fenômeno da manifestação do Espírito dos mortos, aderiu à causa do Espiritismo. Fêz pesquisas, por conta própria, com os maiores médiuns da Europa. Lobrigando o alcance religioso e filosófico de tais fenômenos, a êles se dedicou e procurou servir com a honestidade e com a segurança que lhe permitiam um caráter inteiriço e uma enorme bagagem de conhecimentos científicos.

Não se limitou a ver e ouvir. Viajou, fazendo conferências de propaganda. Estêve mais de uma vez nos Estados Unidos, na África, na Europa continental e no Oriente, até a Austrália e a Nova Zelândia.

Entre outros escritos sôbre o assunto publicou em 1918 “A New Revelation”, dois volumes de recordações dessas viagens, dos quais o último, saído em 1924, tem por título “My Memories and Adventures”.

Em 1926 lançou em dois volumes “History o! the Spiritualism”, que tivemos o ensejo de traduzir agora para a editôra “O

Pensamento", precedendo-a destas ligeiras notas biográficas e de um prefácio à edição brasileira.

Pode dizer-se que é a única História do Espiritismo surgida até agora. Fora dela o que apareceu até aqui não passa de estudo limitado no tempo e no espaço e que, de forma alguma pode emparelhar-se com o presente volume onde, além da história descritiva, se encontra, realmente, muito de filosofia da história do Espiritismo.

Estas notas foram escritas para mostrar ao leitor menos familiarizado com as letras inglêsas que Sir Arthur Conan Doyle não é apenas o criador de Sherlock e o escritor de contos policiais:
é uma figura expressiva nas letras inglêsas e uma das figuras a que o Espiritismo — inclusive o Espiritismo de feição religiosa — muito deve. Em plano internacional a sua obra se inscreve logo depois da de Allan Kardec e se alinha com a dêsses luminares que se chamaram Ernesto Bozzano, Léon Denis, Camille Flammarion, Alexander Aksakof, Vale Owen e Stainton Moses.

Os espíritas de fala portuguêsa estão de parabéns com a apresentação em nossa língua, da obra magnífica de Sir Arthur Conan Doyle.

JULIO ABREU FILHO

PREFÁCIO

ESTA obra surgiu de pequenos capítulos sem conexão, terminando numa narrativa que abrange, de certo modo, a história completa do movimento espírita (1). Sua gênese requer uma ligeira explicação. Eu havia escrito alguns estudos sem qualquer objetivo ulterior a não ser o de me proporcionar, e a outras pessoas, uma visão clara do que se me afigurava episódios importantes no moderno desenvolvimento espiritual do gênero humano. Compreendiam estudos sôbre Swendenborg, Irving, A. I. Davis, sôbre o incidente de Hydesville, sôbre a história das irmãs Fox, sôbre os Eddys e sôbre a• vida de D.D. Home. Êstes já se achavam prontos, quando me ocorreu a idéia de ir mais adiante, dando uma história mais completa do movimento espírita, mais completa do que as até então publicadas — uma história que tivesse a vantagem de ser escrita de dentro e com um pessoal conhecimento íntimo dos fatôres característicos dêsse moderno desenvolvimento.

1. Em inglês a forma corrente é spiritualism e suas derivações, para significar o Espiritismo e outros vocábulos derivados. Allan Kardec criou a voz do espiritismo e as suas derivações, para exprimir, evitando as naturais confusões que a linguagem científica e filosófica não poderia permitir, um ramo do espiritualismo, Isto é, da doutrina que admite Deus e a alma. Este ramo, além de admitir Deus, causa primeira, e a alma ou espírito, fôrça atuante e inteligente da natureza, instrumento do Criador para a evolução geral da vida, admite, ainda, que o ser humano tem vidas sucessivas, solidárias e sempre progressivas, ao menos na sua feição moral e que Deus não castiga nem premia: a nossa existência, boa ou má, é conseqüência de uma existência anterior. Os vocábulos cunhados por Allan Kardec hoje se acham em todos os grandes léxicons, muito embora na Inglaterra e nos Estados Unidos também se usem, em relação ao Espiritismo, e para evitar confusões, a forma new-spiritualism e suas derivações. — N. do T.

É realmente curioso que êsse movimento, que muitos de nós consideramos como o mais importante na história do mundo desde o episódio de Jesus Cristo, jamais tenha tido um historiador, entre os que a êle estavam ligados, e que

possuisse uma larga experiência pessoal de seu desenvolvimento. Mr. Frank Podmore reuniu um grande número de fatos e, desprezando os que não se ajustavam aos seus propósitos, esforçou-se por sugerir a desvalia dos restantes, especialmente os fenómenos físicos que, no seu modo de ver, eram principalmente tidos como produto da fraude. Há uma história do Espiritismo por Mr. McCabe, que reduz tudo a fraude e que é, ela mesma, uma fraude, desde que o público compraria um livro com êsse título certo de que era um registro ao invés de uma mistificação. Há também uma história por J. Arthur Hill, escrita do ponto de vista estritamente da pesquisa psíquica e que se acha muito longe dos fatos reais prováveis. A seguir temos: "Moderno Espiritismo Americano: um Registro de Vinte anos" e "Milagres do Século XIX", pela grande e esplêndida propagandista que é a Senhora Emma Hardinge Britten, mas êstes livros apenas se ocupam de fases, embora sejam muito valiosos. Finalmente — e o melhor de todos — há a "Sobrevivência do Homem após a Morte", pelo Reverendo Charles L. Tweedale. Mas se trata, antes, de uma bela exposição relacionada com a verdade do culto do que uma história continuada. Há histórias gerais do Misticismo, como as de Ennetnoser e Howitt, mas não há nenhuma história clara e compreensiva dos desenvolvimentos sucessivos dêsse movimento universal. Quando êste entrava para o prelo apareceu um ittilíssimo compêndio de fatos psíquicos, por Campbell-Holms. O seu título "Os Fatos da Ciência Psíquica e a Filosofia" indica, entretanto, que não pode ser apresentado como uma história metódica.

É claro que semelhante trabalho necessitava muito de investigação — muito mais do que lhe poderia dedicar em minha vida ocupadíssima. É verdade que, de qualquer modo, o meu tempo era dedicado a êle, mas a literatura é vasta e havia muitos aspectos do movimento que me atraíam a atenção. Em tais circunstâncias solicitei e obtive a leal cooperação de Mr. W. Leslie Curnow, cujos conhecimentos do assunto e cuja habilidade demonstravam ser inapreciáveis. Êle trabalhou assiduamente nessa vasta mina; separou minérios e escória e deu-me enorme assistência em todos os sentidos. Inicialmente eu não esperava mais que matéria-prima, mas ocasionalmente êle me apresentava metal puro, do qual me servi, apenas alterando-o de maneira a ter o meu ponto de vista pessoal. Não posso exprimir a leal assistência que me foi dada; e se não

inclui o seu nome com o meu no tôpo dêste livro, foi por motivos que êle compreende e com os quais concorda.

ARTHUR CONAN DOYLE

The Psychic Bookshop,
Abbey House,
Victoria Street. S. W.

1
A HISTÓRIA DO ESPIRITISMO - A História de Swedenborg

É impossível fixar uma data para as primeiras aparições de uma fôrça inteligente exterior, de maior ou menor elevação, influindo nas relações humanas. Os espíritas tomaram oficialmente a data de 31 de março de 1848 como o comêço das coisas psíquicas, porque o movimento foi iniciado naquela data. Entretanto não há época na história do mundo em que não se encontrem traços de interferências preternaturais e o seu tardio reconhecimento pela humanidade. A única diferença entre êsses episódios e o moderno movimento é que aquêles podem ser apresentados como casos esporádicos de extraviados de uma esfera qualquer, enquanto os últimos têm as características de uma invasão organizada. Como, porém, uma invasão poderia ser precedida por pioneiros em busca da Terra, também o influxo espírita dos últimos anos poderia ser anunciado por certo número de incidentes, susceptíveis de verificação desde a Idade Média e até mais para trás. Uma data deve ser fixada para início da narrativa e, talvez, nenhuma melhor que a da história do grande vidente sueco Emmanuel Swedenborg, que possui bons títulos para ser considerado o pai do nosso novo conhecimento dos fenômenos supra normais.

Quando os primeiros raios do sol nascente do conhecimento espiritual caíram sôbre a Terra, iluminaram a maior e a mais alta inteligência humana, antes que a sua luz atingisse homens inferiores. O cume da mentalidade foi o grande reformador e médium clarividente, tão pouco conhecido por seus prosélitos, qual foi o Cristo.

Para compreender completamente um Swedenborg é preciso possuir-se um cérebro de Swedenborg; e isto não se encontra em cada século. E ainda, pela nossa fôrça de comparação e por nossa experiência dos fatos desconhecidos para Swedenborg, podemos compreender, mais claramente do que êle, certas passagens de sua vida. O objeto do presente estudo não é tratar o homem como um todo, mas procurar situá-lo no esquema geral do desdobramento psíquico aqui abordado, do qual a sua própria Igreja, na sua estreiteza, o impediria.

Swedenborg era, sob certos aspectos, uma viva contradição para as nossas generalizações psíquicas, porque se costuma dizer que as grandes inteligências esbarram no

caminho da experiência psíquica pessoal. Uma lousa limpa é, por certo, mais apta para nela escrever-se uma mensagem. O cérebro de Swedenborg não era uma lousa limpa, mas um emaranhado de conhecimentos exatos de susceptível aquisição naquele tempo. Nunca se viu tamanho amontoado de conhecimentos. Êle era, antes de mais nada, um grande engenheiro de minas e uma autoridade em metalurgia. Foi o engenheiro militar que mudou a sorte de uma das muitas campanhas de Carlos 12, da Suécia. Era uma grande autoridade em Física e em Astronomia, autor de importantes trabalhos sôbre as marés e sõbre a determinação das latitudes. Era zoologista e anatomista. Financista e político, antecipou-se as conclusões de Adam Smith. Finalmente, era um profundo estudioso da Bíblia, que se alimentara de teologia com o leite materno e viveu na austera atmosfera evangélica alguns anos de vida. Seu desenvolvimento psíquico, ocorrido aos vinte e cinco anos, não influiu sôbre a sua atividade mental e muitos de seus trabalhos científicos foram publicados após essa data.

Com uma tal mentalidade, é muito natural que fôsse chocado pela evidência das fôrças supranormais, que surgem no caminho de todo pensador, mas o que não é natural é que devesse êle ser o médium para tais fôrças. Em certo sentido a sua mentalidade lhe foi prejudicial e lhe adulterou os resultados, pôsto que, de outro lado, lhe tivesse sido de grande utilidade. Para o demonstrar basta considerar os dois aspectos sob os quais o seu trabalho pode ser encarado.

O primeiro é o teológico. Á maioria das pessoas que não pertencem ao rebanho escolhido afigura-se o lado inútil e perigoso de seu trabalho. Por um lado, aceita a Bíblia como sendo, de modo muito particular, uma obra de Deus; por outro lado, sustenta que a sua verdadeira significação é inteiramente diferente de seu óbvio sentido e que êle — e só êle — ajudado pelos anjos, é capaz de transmitir aquêle verdadeiro sentido. Essa pretensão é intolerável. A infalibilidade do Papa seria uma insignificância comparada com a infalibilidade de Swedenborg, se tal fôsse admitido. Pelo menos o Papa é infalível quando profere um veredito em matéria de doutrina ex-cátedra, acolitado por seus cardeais. A infalibilidade de Swedenborg seria universal e irrestrita. Além disso suas explicações nem ao menos se acomodam à razão. Quando, visando apreender o verdadeiro sentido de uma mensagem de Deus, temos que admitir que um cavalo simboliza uma verdade intelectual, que um burro significa uma verdade científica, uma chama quer

dizer melhoramento, e assim por diante com uma infinidade de símbolos, parece que nos encontramos no reino da imaginação, que apenas pode ser comparado com as cifras que alguns críticos engenhosos pretendem ter descoberto nas peças de Shakespeare. Não é assim que Deus manda a Sua verdade a êste mundo. Se tal ponto de vista fôsse aceito, o credo de Swedenborg seria apenas a matriz de mil heresias; regrediríamos e iríamos encontrar-nos novamente entre as discussões e os silogismos dos escolásticos medievais. As coisas grandes e verdadeiras são simples e compreensíveis. A teologia de Swedenborg nem é simples nem inteligível. E isto representa a sua condenação.

Entretanto, quando entramos na sua fatigante exegese das Escrituras, onde cada coisa significa algo diferente daquilo que óbviamente significa, e quando chegamos a alguns dos resultados gerais de seu ensino, êles não se acham em desarmonia com o moderno pensamento liberal, nem com o ensino recebido do Outro Lado, desde que se iniciaram as comunicações. Assim, a proposição geral de que êste mundo é um laboratório de almas, um campo de experiências, no qual o material refina o espiritual, não sofre contestação. Ele repele a Trindade no seu sentido comum, mas a reconstitui de maneira extraordinária, que também seria impugnada por um Unitário. Admite que cada sistema tem a sua finalidade e que a virtude não é privativa do Cristianismo. Concorda com o ensino espírita em procurar o verdadeiro sentido da vida de Jesus Cristo no seu poder como exemplo e repele a expiação e o pecado original. Vê no egoísmo a raiz de todo o mal e admite como essencial um egoísmo sadio, na expressão de Hegel. Quanto aos problemas sexuais, suas idéias são liberais até ao relaxamento. Considera a Igreja de absoluta necessidade, sem o que ninguém se entenderia com o Criador. Em tamanha confusão de idéias, espalhadas a torto e a direito em grandes volumes, escritos num latim obscuro, cada intérprete independente seria capaz de encontrar sua nova religião particular. Mas não é aí que reside o mérito de Swedenborg.

Êsse mérito realmente seria encontrado em suas fôrças psíquicas e nas suas informações psíquicas, que teriam sido muito valiosas se jamais de sua pena houvesse brotado uma palavra sôbre Teologia. É para essas fôrças e para essas informações que nos voltamos agora.

Ainda menino, Swedenborg teve as suas visões. Mas êsse delicado aspecto de sua natureza foi abafado pela

extraordinária-mente prática e enérgica idade viril. Entretanto, por vêzes veio ela à tona, em tôda a sua vida e muitos exemplos foram registrados, para mostrar que possuía poderes geralmente chamados vidência a distância", no qual parece que a alma deixa o corpo e vai buscar uma informação a distância, voltando com notícias do que se passa alhures. Não é uma peculiaridade rara nos médiuns e pode ser comprovada por milhares de exemplos entre os sensitivos espíritas; mas é rara nos intelectuais e também rara quando acompanhada por um estado aparentemente normal do corpo quando ocorre o fenômeno.

Assim, no conhecidíssimo caso de Gothenburg, onde o vidente observou e descreveu um incêndio em Estocolmo, a trezentas milhas de distância, com perfeita exatidão, estava êle num jantar com dezesseis convidados, o que e um valioso testemunho, O caso foi investigado nada menos que pelo filósofo Kant, que era seu contemporâneo.

Não obstante, êsses episódios ocasionais eram meros indícios de fôrças latentes, que desabrocharam sübitamente em Londres, em abril de 1744. É de notar-se que, conquanto o vidente fôsse de boa família sueca e educado entre a nobreza sueca, foi nada menos que em Londres que os seus melhores livros foram publicados, que a sua iluminação se iniciou e, finalmente, que morreu e foi sepultado. Desde o dia de sua primeira visão até a sua morte, vinte e sete anos depois, estêve êle em contínuo contato com o outro mundo. "Na mesma noite — diz de — o mundo dos Espíritos, do céu. e do inferno, abriu-se convincentemente para mim, e aí encontrei muitas pessoas de meu conhecimento e de tôdas as condições. Desde então diariamente o Senhor abria os olhos de meu Espírito para ver, perfeitamente desperto, o que se passava no outro mundo e para conversar, em plena consciência, com anjos e Espíritos".

Em sua primeira visão Swedenborg fala de "uma espécie de vapor que se exalava dos poros de meu corpo. Era um vapor aquoso muito visível e caia no chão, sôbre o tapête. É uma perfeita descrição daqueles ectoplasmas que consideramos a base dos fenômenos físicos. A substância foi chamada, também, ideoplasma, porque instantâneamente toma a forma que lhe dá o Espírito. No seu caso, conforme a sua descrição, ela se transformava em vermes, o que representava um sinal de que os seus Guias lhe desaprovavam o regime alimentar e era acompanhada por um aviso pela clarividência, de que devia ser mais cuidadoso a êsse respeito.

Que é que pode fazer o mundo com essa narrativa? Dizer que tal homem era um louco; mas, nos anos que se seguiram, sua vida não deu sinais de fraqueza mental. Ou podiam dizer que êle mentia. Mas êste era famoso por sua estrita vivacidade. Seu amigo Cuno, banqueiro em Amsterdam, assim dizia dêle: "Quando me olhava, com os sorridentes olhos azuis, era como se êles estivessem falando a própria verdade". Seria então auto-sugestionado e honestamente enganado? Temos que enfrentar a circunstância de que, em geral, as observações que fazia eram confirmadas desde então por numerosos observadores dos fenômenos psíquicos. A verdade é que foi o primeiro e, sob vários aspectos, o maior médium, de um modo geral; que estava sujeito a erros tanto quanto aos privilégios decorrentes da mediunidade; que só pelo estudo da mediunidade seus poderes serão compreendidos e que, no esfôrço de o separar do Espiritismo, a sua Nova Igreja mostrou absoluta incompreensão de seus dons e da posição que a ela cabia no esquema geral da Natureza. Como um grande pioneiro do movimento espírita, sua posição tanto é compreensível quanto gloriosa. Como uma figura isolada com poderes incompreensíveis, não há lugar para êle em qualquer esquema do pensamento religioso, por mais largamente compreensivo que seja.

É interessante notar que êle considerava os seus poderes intimamente relacionados com o sistema respiratório. Como o ar e o éter nos envolvem, é possível que alguns respirem mais éter do que ar e, assim, alcancem um estado mais etéreo. Sem a menor dúvida é esta uma maneira elementar e grosseira de considerar as coisas. Mas essa idéia se derrama no trabalho de muitas escolas de psiquismo. Lourence Oliphant, que aliás não tinha ligação com Swedenborg, escreveu um livro, Sympneumata, para o provar, O sistema indiano de loga, repousa sôbre a mesma idéia. Entretanto, quem quer que tenha visto um médium cair em transe, deve ter notado a característica inspiração de ar com que se inicia o processo e as profundas expirações com que termina. Para a Ciência do futuro aqui está um promissor campo de estudos. Nisto, como em qualquer outro assunto psíquico, é necessário cautela. O autor conheceu muitos casos em que ocorreram lamentáveis resultados que foram a conseqüência de um desavisado emprêgo da respiração profunda nos exercícios psíquicos.

Como a fôrça elétrica, os poderes espirituais têm um emprêgo variado, mas o seu manejo requer conhecimentos e

precauções.

Swedenborg resume o assunto dizendo que quando se comunicava com os Espíritos, durante uma hora respirava profundamente, "tomando apenas a quantidade de ar necessária para alimentar os seus pensamentos". De lado essa peculiaridade, Swedenborg era normal durante as suas visões, conquanto preferisse, na ocasião, estar só. Parece que teve o privilégio de examinar várias esferas do outro mundo e, conquanto as suas idéias sôbre teologia tivessem marcado as suas descrições, por outro lado a sua imensa cultura lhe permitiu excepcional poder de observação e de comparação. Vejamos quais os principais fatos que suas jornadas nos trouxeram e até onde êles coincidem com os que, desde então, têm sido obtidos pelos métodos psíquicos.

Verificou que o outro mundo, para onde vamos após a morte, consiste de várias esferas, representando outros tantos graus de Luminosidade e de felicidade; cada um de nós irá para aquela a que se adapta a nossa condição espiritual. Somos julgados automàticamente, por uma lei espiritual das similitudes; o resultado é determinado pelo resultado global de nossa vida, de modo que a absolvição ou o arrependimento no leito de morte têm pouco proveito.

Nessas esferas verificou que o cenário e as condições dêste mundo eram reproduzidas fielmente, do mesmo modo que a estrutura da sociedade. Viu casas onde viviam famílias, templos onde praticavam o culto, auditórios onde se reuniam para fins sociais, palácios onde deviam morar os chefes.

A morte era suave, dada a presença de sêres celestiais que ajudavam os recém-chegados na sua nova existência. Êsses recém-vindos passavam imediatamente por um período de absoluto repouso. Reconquistavam a consciência em poucos dias, segundo a nossa contagem.

Havia anjos e demônios, mas não eram de ordem diversa da nossa: eram sêres humanos, que tinham vivido na Terra e que ou eram almas retardatárias, como demônios, ou altamente desenvolvidas, como anjos.

De modo algum mudamos com a morte. O homem nada perde pela morte: sob todos os pontos de vista é ainda um homem, conquanto mais perfeito do que quando na matéria.

Levou consigo não só as suas fôrças, mas os seus hábitos mentais adquiridos, as suas preocupações, os seus preconceitos.

Tôdas as crianças eram recebidas igualmente, fôssem ou

não batizadas. Cresciam no outro mundo; jovens lhes serviam de mães, até que chegassem as mães verdadeiras.

Não havia penas eternas. Os que se achavam nos infernos podiam trabalhar para a sua saída, desde que sentissem vontade. Os que se achavam no céu não tinham lugar permanente: trabalhavam por uma posição mais elevada.

Havia o casamento sob a forma de união espiritual no mundo próximo, onde um homem e uma mulher constituíam uma unidade completa. É de notar-se que Swedenborg jamais se casou.

Não havia detalhes insignificantes para a sua observação no mundo espiritual. Fala de arquitetura, do artesanato, das flôres, dos frutos, dos bordados, da arte, da música, da literatura, da ciência, das escolas, dos museus, das academias, das bibliotecas e dos esportes. Tudo isso pode chocar as inteligências convencionais, conquanto se possa perguntar por que toleramos coroas e tronos e negamos outras coisas menos materiais.

Os que saíram dêste mundo velhos, decrépitos, doentes, ou deformados, recuperavam a mocidade e, gradativamente, o completo vigor. Os casais continuavam juntos, se os seus sentimentos recíprocos os atraíam. Caso contrário, era desfeita a união. "Dois amantes verdadeiros não são separados pela morte, de vez que o Espírito do morto habita com o do sobrevivente, até à morte dêste último, quando se encontram e se unem, amando-se mais ternamente do que antes".

Eis algumas amostras tiradas da massa enorme de informações mandadas por Deus através de Swedenborg. Elas têm sido reiteradas pela bôca e pela pena dos nossos iluminados espíritas. O mundo as desprezou, taxando-as de concepções insensatas. Contudo, êstes novos conhecimentos vão abrindo caminho; quando forem aceitos inteiramente, a verdadeira grandeza da missão de Swedenborg será reconhecida, desde que se ponha de lado a sua exegese bíblica.

A Nova Igreja, fundada para divulgar os ensinos do mestre sueco, converteu-se em elemento negativo, em vez de ocupar o seu verdadeiro lugar, como fonte e origem do conhecimento psíquico. Quando, em 1848, desabrochou o movimento espírita; quando homens como Andrew Jackson Davss o sustentavam através de escritos filosóficos e de poderes psíquicos, que dificilmente se distinguem dos de Swedenborg, a Nova Igreja teria feito bem em saudar êsse desenvolvimento, que coincidia com as indicações de seu chefe. Em vez disso

preferiram, por motivos difíceis de compreender, exagerar cada ponto divergente e desconhecer todos os pontos coincidentes, até que os dois corpos fôssem impelidos para o franco antagonismo. Na verdade, todos os espíritas deveriam homenagear Swedenborg, cujo busto era para encontrar-se em cada templo espírita, por ser o primeiro e o maior dos modernos médiuns. Por outro lado, a Nova Igreja deveria afogar as pequenas diferenças e integrar-se de coração no novo movimento, contribuindo as suas igrejas e as suas organizações para a causa comum.

Examinando a vida de Swedenborg é difícil descobrir as causas que levaram os seus atuais sectários a encarar com receio as outras organizações psíquicas. Aquêle fêz então aquilo que estas fazem agora. Falando da morte de Polhem, diz o vidente:

"Ele morreu segunda-feira e falou comigo quinta-feira. Eu tinha sido convidado para o entêrro. Ele viu o coche fúnebre e presenciou quando o féretro baixou á sepultura.

Entretanto, conversando comigo, perguntou porque o haviam enterrado, se estava vivo. Quando o sacerdote disse que êle se ergueria no Dia do Juízo, perguntou por que isso, se êle já estava de pé. Admirou-se de uma tal coisa, ao considerar que, mesmo agora, estava vivo -

Isto está perfeitamente concorde com a experiência de um médium atual. Se Swedenborg estava certo, também os médiuns estão.

De novo: Brahe foi decapitado ás 10 da manhã e falou comigo ás 10 da noite. Estêve comigo, quase que ininterruptamente, durante alguns dias".

Tais exemplos mostram que Swedenborg não tinha mais escrúpulos em conversar com os mortos do que o Cristo, quando no monte falou a Moisés e Elias.

Swedenborg havia exposto as suas idéias com muita clareza. Considerando-as, entretanto, há que levar-se em conta a época em que viveu e a sua falta de experiência na direção e nos objetivos da nova revelação. Êsse ponto de vista é que Deus, por bons e sábios propósitos, tinha separado o mundo dos Espíritos do nosso, e que a comunicação não era permitida, salvo razões poderosas
— entre as quais não se poderia contar a mera curiosidade. Cada estudante zeloso do psiquismo concordará com isto e cada espírita zeloso opõe-se a que a coisa mais séria do mundo seja transformada numa espécie de passatempo. Sob o

império de poderosas razões, nossa razão principal é que numa época de materialismo como Swedenborg jamais imaginou, estamos nos esforçando por provar a existência e a supremacia do Espírito de maneira tão objetiva que os materialistas sejam encontrados e batidos no seu próprio terreno. Seria difícil imaginar uma razão mais forte que esta; entretanto temos o direito de proclamar que, se Swedenborg vivesse agora, seria o chefe do nosso moderno movimento psíquico.

Alguns de seus prosélitos, entre os quais o Doutor Garth Wilkinson, fizeram a seguinte objeção: "O perigo para o homem de falar com os Espíritos é que nós todos estamos ligados aos nossos semelhantes e, estando cheios de maldades, teríamos que enfrentar êsses Espíritos semelhantes, e êles apenas confirmariam o nosso ponto de vista."

A isto responderemos apenas que, conquanto especioso, está provado pela experiência que é falso. O homem não é naturalmente mau. O homem médio é bom. O simples ato da comunicação espírita, na sua solenidade, desperta o lado religioso. Assim, via de regra, não é a má influência, mas a boa, que é encontrada, como o provam os belos e moralizados registros das sessões. O autor pode dar o testemunho de que em cêrca de quarenta anos de trabalho psíquico, durante os quais assistiu a inúmeras sessões em muitos lugares, jamais, numa única ocasião, ouviu uma palavra obcena ou qualquer mensagem que pudesse ferir os ouvidos da mais delicada mocinha. Outros veteranos espíritas dão o mesmo testemunho. Assim, enquanto é absolutamente certo que os maus Espíritos sejam atraídos para um ambiente mau, na prática atual é muito raro que alguém seja por êles incomodado. Se tais Espíritos aparecerem, o procedimento correto não é repeli-los; é antes conversar razoàvelmente com êles, esforçando-se por que compreendam sua própria condição e o que devem fazer por seu melhoramento. Isto ocorreu muitas vêzes na experiência pessoal do autor, e com os mais felizes resultados.

Algumas informações pessoais sôbre Swedenborg cabem como têrmo a êste ligeiro relato de suas doutrinas. Visa-se, assim, antes de mais nada, indicar a sua posição no esquema geral.

Deve êle ter sido muito frugal, prático e trabalhador; um rapaz enérgico e um velho muito amável. Parece que a vida o converteu numa criatura muito bondosa e venerável. Era plácido, sereno e sempre disposto à conversação, que não

descambava para o psiquismo senão quando queria o seu interlocutor. O tema dessas conversas era sempre notável, mas êle se afligia com a gagueira que lhe dificultava a pronunciação. Era alto, delgado, de rosto espiritual, olhos azuis, peruca até os ombros, roupas escuras, calções curtos, fivelas nos sapatos e bengala.

Sustentava Swedenborg que uma densa nuvem se havia formado em redor da Terra, devido à grosseria psíquica da humanidade e que de tempos em tempos havia um julgamento e uma limpeza, assim como a trovoada aclara a atmosfera material. Via que o mundo, já em seus dias, entrava numa situação perigosa, devido à sem-razão das Igrejas por um lado, e a reação contra a absoluta falta de religião, causada por isto. As modernas autoridades em psiquismo, especialmente Vale Owen, falaram dessa nuvem crescente e há uma sensação geral de que o necessário processo de limpeza geral não tardará.

Uma notícia sôbre Swedenborg, do ponto de vista espírita, não pode ser melhor conduzida do que por estas palavras, extraídas de seu diário: "Tôdas as afirmações em matéria de tecilogia são, como sempre foram, arraigadas no cérebro e dificilmente podem ser removidas; e enquanto aí estiverem, a verdade genuína não encontrará lugar." Era êle um grande vidente, um grande pioneiro do conhecimento psíquico e sua fraqueza reside naquelas mesmas palavras que escreveu.

A generalidade dos leitores que quiserem ir mais adiante encontrará os mais característicos ensinos de Swedenborg em suas obras: "Céu e Inferno", "A Nova Jerusalém" e "Arcana Coelestia". Sua vida foi admiravelmente descrita por Garth Wilkinson, Trobridge e Brayley Hodgetts, atual presidente da Sociedade Inglêsa Swedenborg. A despeito de todo o seu simbolismo teológico, seu nome deve viver eternamente como o primeiro de todos os homens modernos que descreveram o processo da morte e o mundo do além, o que não se baseia no vago extático e nas visões impossíveis das velhas Igrejas, mas corresponde atualmente às descrições que nós mesmos obtemos daqueles que se esforçam por nos trazer uma idéia clara de sua nova existência.

2
Edward Irving: os «shakers»

A HISTÓRIA de Edward Irving e sua experiência, entre 1830 e 1833, com as manifestações espíritas, são de grande interêsse para o estudante de psiquismo e ajuda a vingar o abismo entre Swedenborg, de um lado e Andrew Jackson Davis, do outro.

Os fatos são os seguintes:

Edward Irving pertence àquela mais pobre classe de trabalhadores braçais escoceses, que produziu tantos homens de valor. Da mesma origem e da mesma época de Thomas Carlyle, Irving nasceu em Annan, em 1792. Depois de uma juventude dura e aplicada ao estudo, desenvolveu-se como um homem muito singular. Físicamente era um gigante e um Hércules em fôrça; seu físico esplêndido só era estragado pela horrível saliência de um olho, defeito que, como o pé aleijado de Byron, de certo modo parecia apresentar uma analogia nas esquisitices do caráter. Sua inteligência era máscula, ampla e corajosa, mas destorcida pela primeira educação na acanhada escola da Igreja Escocesa, onde os duros e cruéis pontos de vista dos velhos Convencionais — um Protestantismo impossível, que representava a reação contra um Catolicismo impossível — jamais envenenou a alma humana. Sua atitude mental era estranhamente contraditória, pois, se havia herdado essa atrapalhada teologia, deixara de herdar muito daquilo que é o patrimônio do mais pobre escocês. Opunha-se a tudo quanto fôsse liberal e até mesmo elementares medidas de justiça, como a Lei de Reforma de 1832, que nêle encontrou uma forte oposição.

Esse homem estranho, excêntrico e formidável tinha tido o próprio ambiente no século 17, quando os seus protótipos se reuniam nas charnecas de Galloway e exterminavam ou, possivelmente, atacavam a braço os dragões de Claverhouse. Mas a vida continuou e êle teve que escrever o seu nome de certa maneira nos anais de sua época. Sabemos de sua extrema mocidade na Escócia, da rivalidade com seu amigo Carlyle no afeto pela inteligente e viva Jane Welsh, de seus giros e exibições de fôrça, de sua curta carreira como violento mestre-escola em Kirkcaldy, de seu casamento com uma filha

de um ministro naquela cidade e, finalmente, de sua nomeação para cura, ou assistente do grande Dr - Chalmers, que era então o mais famoso clérigo da Escócia e cuja administração na paróquia de Glasgow é um dos mais interessantes capítulos da história da Igreja Escocesa. Neste cargo êle adquiriu, no trato dos homens, o conhecimento com as classes mais pobres, o que constitui a melhor e a mais prática preparação para a vida. Sem isto ninguém é realmente completo.

A êsse tempo havia uma pequena igreja escocesa em Ilatton Garden, fora de Holborn, em Londres, que tinha perdido o seu pastor e se achava em posição crítica, quer espiritual, quer financeiramente. A vacância foi oferecida ao assistente do Doutor Chalmers que, depois de alguma reflexão, aceitou-a. Aí a sua eloqüência sonora e as suas luminosas explicações do Evangelho começaram a atrair a atenção e, sübitamente, o estranho gigante escocês ficou na moda. A rua humilde, nas manhãs de domingo, ficava atravancada de carruagens, e alguns dos mais notáveis homens de Londres, bem como senhoras, acotovelavam-se dentro do pequeno templo. É evidente que tamanha popularidade não podia durar e que o costume do pregador de expor o texto durante uma hora e meia era muito para a elegância londrina, embora aceitável ao norte de Tweed. Finalmente foi removido para uma igreja maior em Regent Square, com capacidade para duas mil pessoas e onde havia assentos suficientes para se acomodarem de maneira decente, embora o pregador já não despertasse o interêsse dos primeiros dias. De lado a sua oratória, parece que Irving foi um pastor consciencioso e muito trabalhador, que lutava continuamente para satisfazer as necessidades materiais dos mais humildes elementos de seu rebanho, sempre pronto, dia e noite, no cumprimento de seu dever.

Não obstante, logo começaram as lutas com as autoridades de sua Igreja. O assunto em disputa constituiu uma bonita base para uma querela teológica daquele tipo que fêz mais mal ao mundo do que a varíola. A questão era se o Cristo tinha em Si a possibilidade de pecar, ou se a Divina Porção do Seu Ser constituía uma barreira absoluta contra as tentações físicas.

Sustentavam uns que a associação de idéias como Cristo e pecado era uma blasfêmia, O teimoso clérigo, entretanto, replicava, com algumas mostras de razão, que a menos que o Cristo tivesse a capacidade de pecar e a ela resistisse vitoriosamente, o seu destino terreno não era o mesmo que o

nosso e suas virtudes despertavam menos admiração. O assunto foi discutido fora de Londres com muita seriedade e por um tempo enorme, tendo como resultado uma declaração unânime do presbitério, condenando o ponto de vista do pastor.

Entretanto, tendo a sua congregação, por sua vez, manifestado uma inqualificável aprovação, êle pôde desprezar a censura de seus irmãos oficiais.

Mas um maior obstáculo se achava à sua frente. O encontro de Irving com êle levou o seu nome a viver como vivem todos os nomes a que se associam reais êxitos espirituais..

Inicialmente há que considerar que Irving estava profundamente interessado nas profecias bíblicas, especialmente nas vagas e terríveis imagens de São João, e os estranhos vaticínios de Daniel. Refletiu muito sôbre os anos e os dias marcantes do período de ira que devia preceder a Segunda Vinda do Senhor. Por aquela época —pelas alturas de 1830 — havia outros profundamente imersos nas mesmas sombrias especulações. Entre êstes contava-se um rico banqueiro, chamado Drumond, dono de grande casa de campo em Albury, perto de Guildford. Nessa casa aquêles estudiosos da Bíblia costumavam reunir-se de vez em quando, discutindo e comparando seus pontos de vista tão minuciosamente que não era raro que suas sessões se alongassem por uma semana, sendo os dias inteiramente ocupados desde o almôço até o jantar. Este grupo era chamado os profetas de Albury. Excitados pelos sucessos políticos que haviam levado à Lei da Reforma, todos êles consideraram que as bases mais profundas tinham sido abaladas. É difícil imaginar qual teria sido a sua reação se tivessem chegado a testemunhar a Grande Guerra. Seja como fôr, estavam convencidos de que estaria próximo o fim de tudo e buscavam impacientes sinais e portentos, torcendo as vagas e sinistras palavras dos profetas de tôdas as maneiras em fantásticas interpretações.

Por fim, acima do monótono horizonte dos acontecimentos apareceu uma estranha manifestação. Havia uma lenda de que os dons espirituais dos primeiros dias reapareceriam antes do fim, e entre êles aparentemente estava o esquecido dom das línguas, voltando como patrimônio da humanidade. Começou em 1830 ao oeste da Escócia, onde os sensitivos Campbell e Mac Donald diziam que o sangue céltico sempre tinha sido mais sensível às influências espirituais do que a mais pesada corrente teutônica. Os Profetas de Albury exerciam a maior

atividade intelectual e um emissário foi mandado pela Igreja de Mr. Irving para investigar e relatar o caso. Verificou-se que a coisa era exata. As pessoas tinham boa reputação e uma delas, na verdade uma senhora cujo caráter poderia antes ser descrito como de santa. As estranhas línguas em que ambos falavam, por vêzes eram ouvidas e suas manifestações eram acompanhadas por milagres de cura e outros sinais. É claro que não havia fraude ou mistificação, mas um verdadeiro influxo de alguma fôrça estranha que levava a gente de retôrno aos tempos apostólicos.

Os fiéis esperavam ansiosos novos acontecimentos.

Êstes não se fizeram esperar: irromperam na própria Igreja de Irving. Foi em julho de 1831 que correu o boato de que certos membros da congregação tinham sido tomados de maneira estranha em suas próprias residências e que discretas manifestações ocorriam na sacristia e outros recintos fechados. O pastor e os seus conselheiros estavam perplexos, sem saber se uma demonstração mais pública iria ser tolerada, O caso resolveu-se por si mesmo, por uma espécie de acôrdo com os Espíritos; e, em outubro do mesmo ano, o prosaico serviço da Igreja da Escócia foi sõbitamente interrompido pelos gritos de um possesso. Foi tão rápido e com tamanha violência, tanto no serviço matinal, quanto no da noite, que se estabeleceu o pânico na igreja de tal modo que, se não fôsse pela trovejante súplica do gigante pastor "Oh! Senhor serena o tumulto do povo!" talvez se tivesse seguido uma tragédia. Também houve muito sussurro e muitos brados dos velhos conservadores. Como quer que seja, a sensação foi considerável e os jornais do dia apareceram cheios de comentários, que estavam longe de ser favoráveis e respeitosos.

Os gritos vinham de homens e de mulheres e, no primeiro caso, se reduziam a ruídos ininteligíveis, que tanto eram meros grunhidos quanto linguagem inteiramente desconhecida. "Sons rápidos, queixosos e ininteligíveis", diz uma testemunha, "Havia uma fôrça e um som cheio", diz uma outra, "de que pareciam incapazes os delicados órgãos femininos". Rebentavam com assombro e terrível fragor", diz uma terceira. Muitos, entretanto, ficavam fortemente impressionados com aquêles sons; entre êles, Irving. "Há na voz um poder de impressionar o coração e dominar o Espírito de maneira que jamais senti. Há uma cadência, uma majestade e uma constante grandeza que jamais ouvi falar de coisa semelhante.

É muito parecido com os mais simples e os mais antigos cantos no serviço da catedral de tal modo que cheguei a pensar que aqueles cantos, cuja reminiscência pode chegar a Ambrósío, Sto as inspiradas preces da Igreja primitiva".

Entretanto, em breve, palavras ininteligíveis em inglês foram adicionadas aos estranhos ruídos. Em geral eram jaculatórias e preces, sem óbvios sinais de caráter supranormal, salvo que se manifestavam em momentos inadequados e independentes da vontade de quem as proferia. Nalguns casos, entretanto, essas fôrças atuavam até que o sensitivo fôsse, sob sua influência, capaz de longas arengas, de expor a lei da mais dogmática maneira, sôbre pontos de doutrina e fazer censuras que, incidentemente eram carapuças para o sofrido pastor.

Pode ter havido — de fato houve, provàvelmente uma verdadeira origem física para tais fenômenos; mas êles se tinham desenvolvido num terreno de estreita e fanática teologia, destinada a levá-los a ruína. O próprio sistema religioso de Swedenborg era demasiadamente acanhado para receber a plenitude dêsses dons do espírito. De modo que pode imaginar-se a que se reduziram, quando recebidos nos estreitos limites de uma igreja escocesa, onde cada verdade há de ser virada e revirada até ajustar-se a algum êxito fantástico. O bom vinho novo não pode ser guardado em insuficientes odres velhos. Tivesse havido uma revelação mais completa, e certamente outras mensagens teriam sido recebidas de outras maneiras, as quais teriam apresentado o assunto em suas justas proporções; e um dom espiritual teria sido comprovado por outros. Mas ali não havia desenvolvimento: havia o caos. Alguns daqueles ensinos não se acomodavam à ortodoxia e, assim, foram considerados obra do diabo. Alguns dos sensitivos condenavam os outros como heréticos. Levantava-se voz contra voz. O pior de tudo é que alguns dos "oradores" se convenceram de que seus discursos eram diabólicos. Parece que sua razão principal é que os discursos não se acomodavam às suas próprias convicções espirituais, o que nos poderia parecer antes uma indicação de que eram angélicos. Também entravam pelo escorregadio caminho da profecia e ficavam envergonhados quando suas profecias não se realizavam.

Alguns fatos constatados através dêsses sensitivos e que chocavam a sua sensibilidade religiosa poderiam ter sido melhor compreendidos por uma geração mais esclarecida.

Assim, admite-se que tenha sido um dos estudiosos da Biblia que tenha dito, em relação à Sociedade Bíblica, "que ela era um curso em toda a Terra, cobrindo o Espírito de Deus, pela letra da palavra de Deus". Certo ou errado, parece que o enunciado independe de quem o anuncia e se acha de pleno acôrdo com os ensinos espirituais que atualmente recebemos. Enquanto a letra fôr considerada sagrada, tudo pode ser provado por aquêle livro, inclusive o puro materialismo.

Um dos principais iniciados era um tal Robert Baxter — e que não deve ser confundido com o Baxter, que, uns trinta anos mais tarde, estava ligado a notáveis profecias. Parece que êsse Robert Baxter era um cidadão sólido, zeloso e prosaico, que via as Escrituras mais do ponto de vista de um documento legal, com um valor exato para cada frase — especialmente para aquelas frases que serviam ao seu próprio esquema hereditário da religião. Era um homem honesto, com uma consciência inquieta, que o preocupava continuamente com os menores detalhes, enquanto o deixava imperturbável em relação à larga plataforma, sôbre a qual eram construídas as suas opiniões. Êsse homem era fortemente afetado pelo influxo do Espírito ou, para usar as próprias palavras, "a sua bôca era aberta pela força". De acôrdo com ele, o dia 14 de janeiro de 1832 foi o comêço daqueles rústicos 1260, dias que deveriam preceder a Segunda Vinda e o fim do mundo. Tal profecia deveria ter sido particularmente simpática a Irving, com os seus sonhos milenários. Mas muito antes que aquêles dias se tivessem completado, Irving estava em seu jazigo e Baxter tinha repudiado aquelas vozes que, ao menos naquele caso, o haviam enganado.

Baxter havia escrito um folheto com o pomposo título de "A Narrativa de Fatos Característicos de Manifestações Supranaturais, em Membros da Congregação de Irving e outras pessoas, na inglaterra e na Escócia, e inicialmente no Próprio Autor". A verdade espiritual não poderia vir através de uma tal mente, do mesmo modo não o poderia a luz branca através de um prisma; e, ainda nesse caso, há que admitir a ocorrência de muitas coisas aparentemente sobrenaturais, de mistura com muitas duvidosas e algumas absolutamente falsas. O objetivo do folheto é principalmente abjurar os seus maus guias invisíveis, de modo a poder voltar são e salvo ao seio da Igreja Escocesa. Observe-se, entretanto, que um outro membro da congregação de Irving escreveu um panfleto de resposta com um título enorme, mostrando que Baxter estava certo enquanto

inspirado pelo Espírito, e satânico nas suas errôneas conclusões. Esse folheto é interessante por conter cartas de várias pessoas que possuiam o dom das línguas, mostrando que eram gente de cultura e incapazes de uma mistificação consciente.

Que dirá de tudo isso um imparcial estudioso do psiquismo, familiarizado com os dois modernos aspectos? Pessoalmente parece ao autor que tenha sido um verdadeiro influxo psíquico, mascarado por uma acanhada teologia sectarista da descrição literal, pelo que foram censurados os Fariseus. Se lhe é permitido aventurar uma Opinião, esta é que o perfeito recipiente do ensino espírita é o homem culto, que abriu caminho através de todos os credos ortodoxos e cuja mente receptiva e ardente é uma superfície limpa e pronta para registrar uma nova impressão exatamente como a recebe. Torna-se, assim, um verdadeiro filho e discípulo dos ensinos do outro mundo e todos os outros tipos de espíritas parecem acomodados. Isto não altera o fato de que a nobreza pessoal do caráter pode fazer do iniciado honesto um tipo muitíssimo mais elevado do que o simples espírita; mas isto só se aplica à atual filosofia. O campo do Espiritismo é imensamente vasto e nêle cada variedade de cristão, como de maometano, de hindu ou de parsi pode viver em fraternidade. Mas a simples admissão do retôrno do Espírito e da comunicação não é suficiente. Muitos selvagens o admitem. Necessitamos também, um código de moral. E se consideramos o Cristo como um mestre benevolente ou como um divino embaixador, Seu ensino ético atual, de uma forma ou de outra, mesmo quando não conjugado com o seu nome, é uma coisa essencial ao soerguimento da humanidade. Mas deve ser sempre controlado pela razão e aplicado conforme o espírito e não conforme a letra.

Isto, porém, é uma digressão. Nas vozes de 1831 há sinais de verdadeira fôrça psíquica.

É uma reconhecida lei espiritual que tôda manifestação Psíquica sofre uma distorção quando apreciada através de um médium de estreito sectarismo religioso. É também uma lei que as pessoas presunçosas e infatuadas atraem Espíritos malévolos e são alvo do espírito do mundo, dos quais se tornam joguetes através de grandes nomes e de profecias que as tornam ridículas. Tais foram os guias que desceram sôbre o rebanho de Mr. Irving e produziram diversos efeitos, bons e maus, conforme o instrumento empregado.

A unidade da Igreja, que tinha sido sacudida pela prévia

censura do presbitério, não resistiu a êsse novo golpe. Houve uma grande cisão e o prédio foi reclamado pelos administradores. Irvíng e os partidários que lhe ficaram fiéis andaram à procura de um novo local, e vieram encontrá-lo na sala que usava Robert Owen, o socialista, filantropo e livre-pensador, destinado, vinte anos mais tarde, a ser um dos pioneiros conversos do Espiritismo. Aí, no Gray's Inn Road, Irving reuniu os fiéis. Não se pode negar que a Igreja, tal qual a organizou, com o seu anjo, os seus presbíteros, seus diáconos, suas línguas e suas profecias, era a melhor reconstituição da primitiva Igreja Cristã jamais realizada. Se Pedro ou Paulo se reencarnassem em Londres teriam ficado confusos e, até, horrorizados ante a Igreja de São Paulo ou a Abadia de Westminster; mas certamente teriam sentido uma atmosfera perfeitamente familiar na reunião presidida por Irving. Um sábio reconhece que há inúmeras direções para nos aproximarmos de Deus. A mente dos homens e o espírito dos tempos variam de reações à grande causa central e apenas podemos insistir numa caridade muito ampla para consigo mesmo e para com os outros. Parece que era isso o que faltava a Irving.

Era sempre pelo modêlo daquilo que era uma seita entre seitas que media o universo. Havia ocasiões em que êle era vagamente consciente disso; e é possível que aquelas lutas com Apollyon, de que êle se lamenta, com o Bunyan e os velhos Puritanos que costumavam lamentar-se, tenham sido uma estranha explicação. Apollyon era, realmente, o Espírito de Verdade e a luta interior não era entre a Fé e o Pecado, mas realmente entre a obscuridade do dogma herdado e a luz inerente à razão instintiva, dom de Deus erguendo-se para sempre em revolta contra os absurdos do homem.

Mas Irving viveu muito intensamente e as sucessivas crises por que passou o esgotaram.

Essas discussões com teólogos teimosos e com recalcitrantes membros de seu rebanho se nos afiguram coisas triviais, quando vistas a distância; mas para êle, com aquela alma devotada, ardente e tempestuosa, eram vitais e terríveis. Para uma inteligência emancipada, uma seita ou outra é indiferente; mas para Irving, quer pela herança, quer pela educação, a Igreja Escocesa era a Arca de Deus e ele o seu fiel e zeloso filho que, conduzido pela sua própria consciência, tinha avançado e encontrado as largas portas que conduzem à Salvação fechadas às suas costas. Era um galho cortado da

árvore e ia secando. É uma comparação e mais que isto, porque se tornou, físicamente, uma verdade. Aquêle gigante da meia-idade murchou e encolheu. Seu arcabouço vergou. As faces tornaram-se cavadas e pálidas. Os olhos brilhavam de febre fatal que o consumia. E assim, trabalhando até o fim, tendo nos lábios as palavras "Se eu morrer, morrerei com o Senhor", a sua alma passou para aquela luz mais clara e mais dourada, na qual o cérebro encontra repouso e o Espírito ansioso entra numa paz e numa segurança jamais encontradas na vida.

Além dêsse incidente isolado da Igreja de Irving, houve uma outra manifestação psíquica naqueles dias, que levou mais diretamente à revelação de Hydesville. Foi o desabrochar de fenômenos espíritas nas comunidades dos "shakers", nos Estados Unidos, e que despertou menos atenção do que merecia. Parece que de um lado essa boa gente se ligava aos shakers, e do outro aos refugiados das Cevennes, vindos para a Inglaterra para se subtrairem à perseguição de Luis XIV.

Mesmo na Inglaterra as suas vidas inofensivas não os livraram da perseguição dos fanáticos e êles se viram forçados a emigrar para os Estados Unidos, durante a Guerra da Independência. Aí fundaram estabelecimentos em vários lugares, vivendo vida simples e limpa, na comunidade de princípios, sóbria e castamente, na sua palavra de ordem. Não é de admirar que a nuvem psíquica das fôrças do além pouco a pouco descesse sôbre a Terra e encontrasse repercussão naquelas comunidades altruísticas. Em 1837 existiam sessenta dêsses grupos e todos êles respondiam de várias maneiras à nova fôrça. Então guardavam muito cuidadosamente a experiência para si mesmos, porque, como os seus maiores posteríormente exploravam, certamente teriam sido levados para os hospícios se tivessem revelado o que então ocorria. Entretanto, logo depois apareceram dois livros contando as suas experiências: "Santa Sabedoria" e "O papel sagrado".

Parece que os fenômenos se iniciaram com os costumeiros sinais de avisos, seguidos pela obsessão, de quando em vez, de quase tôda a comunidade. Cada um, homem ou mulher, demonstrava estar preparado para a manifestação dos Espíritos. Entretanto os invasores só chegavam depois de pedir permissão e nos intervalos não interferiam no trabalho da comunidade. Os principais visitantes eram Espíritos de Peles Vermelhas, que vinham em grupos, como uma tribo. "Um ou dois presbíteros deveriam estar na sala de baixo, aí batiam à

porta e os índios pediam licença para entrar. Dada a licença, tôda a tribo de Espíritos de índios invadia a casa e em poucos minutos por tôda a parte ouvia-se o seu "Whoop! Whoop!" Os gritos de "whoop", aliás, emanavam dos órgãos vocais dos próprios "shakers". Mas, quando sob o contrôle dos índios, conversavam na língua dêstes, dançavam as suas danças e em tudo mostravam que estavam realmente tomados por Espíritos de Peles Vermelhas.

Perguntarão por que deveriam êsses aborígines norte-americanos representar um papel tão saliente não só na inícíação, mas na continuidade do movimento? Há poucos médiuns de efeitos físicos neste país, como nos Estados Unidos, que não tenham como guia um Pele Vermelha e cuja fotografia não é raro ser obtida por meios psíquicos, ainda com os seus vestidos e seus peitorais de couro cru. É um dos muitos mistérios que ainda devemos solucionar. Com certeza apenas podemos dizer, baseados em nossa própria experiência, que êsses Espíritos têm grandes poderes para a produção de fenômenos físicos, mas nunca demonstram um ensino mais alto do que nos chega de Espíritos europeus ou orientais.

Entretanto os fenômenos físicos ainda são de grande importância, porque chamam a atenção dos cépticos o assim, o papel reservado aos índios é de importância vital. Parece que os homens da rude vida campestre, na vida espiritual estão especialmente destinados às grosseiras manifestações da atividade do Espírito. E tem sido constantemente afirmado, conquanto seja difícil prová-lo, que o primeiro organizador de tais manifestações foi um aventureiro, que em vida se chamava Henry Morgan e que morreu como Governador da Jamaica, um pôsto para o qual havia sido nomeado ao tempo de Carlos II. Deve admitir-se que essas afirmações não provadas nenhum valor possuem no atual estado dos nossos conhecimentos, mas deveriam ser registradas, desde que informações posteriores podem um dia lançar sôbre elas uma nova luz. John King, que é o nome do Espírito do suposto Henry Morgan, é um ser muito real: poucos espíritas experimentados há que não tenham visto a sua cara barbuda e ouvido a sua voz máscula. Quanto aos índios que são seus companheiros ou subordinados, apenas épossível aventurar uma conjectura: são as crianças da Natureza, talvez mais próximas dos primitivos segredos do que outras raças mais complexas. Pode acontecer que o seu trabalho especial seja da natureza de uma expiação

— explicação que o autor ouviu de seus próprios lábios.

Parece que essas explicações constituem uma digressão da atual experiência dos "shakers", mas as dificuldades que se erguem na mente do investigador se devem, em grande parte, à quantidade de fatos novos, sem ordem nem explicação, que é preciso contornar. Sua inteligência não possui escaninhos suficientes aos quais os possa adaptar. Entretanto, nestas páginas o autor procura, na medida do possível, fornecer, de sua própria experiência ou da daqueles em quem pode confiar, aquelas luzes que podem tornar o assunto mais inteligível e, pelo menos, dar uma idéia daquelas leis que os regem e que estabelecem a ligação entre os Espíritos e nós mesmos. Acima de tudo, o investigador deve para sempre abandonar a idéia de que os desencarnados sejam, necessàriamente, entidades sábias e poderosas. Êles têm a sua individualidade e as suas limitações, assim como as temos, e essas limitações se tornam mais destacadas quando se manifestam através de uma substância tão alheia quanto a matéria.

Os "shakers" contavam com um homem de notável inteligência, chamado F. W. Evans, que fêz um claro e interessante relato de todo êsse assunto e que os curiosos podem encontrar no New York Daily Graphic, de 24 de Novembro de 1874 e foi largamente citado na obra do Coronel Olcott "Gente do Outro Mundo."

Mr. Evans e seus companheiros, depois da primeira perturbação física e mental, causada pela irrupção daqueles Espíritos, puseram-se a estudar o que aquilo realmente significava. Chegaram à conclusão de que a matéria poderia ser dividida em três fases. A primeira consistia em provar ao observador que a coisa era verdadeira. A segunda era a fase de instrução, na qual mesmo o mais humilde Espírito pode trazer informações de sua própria experiência das condições post-mortem. A terceira fase, dita fase missionária, era a de aplicação prática. Os "shakers" chegaram a conclusão inesperada de que os índios não tinham vindo ensinar, mas aprender. Assim, catequizaram-nos como foi possível, exatamente como o teriam feito em vida. Uma experiência semelhante ocorreu desde então em muitíssimos centros espíritas, onde humildes espíritos muito primitivos vieram aprender aquilo que deveriam ter aprendido neste mundo, se tivesse havido professôres. Certamente perguntarão por que Espíritos mais elevados do além não cuidam desse ensino? A resposta dada ao autor, numa notável ocasião, foi a seguinte:

“Essa gente está muito mais próxima de vocês do que de nós. Vocês podem alcançá-los onde nós não podemos”.

Daí se conclui claramente que os bons “shakers” jamais estiveram em contacto com os guias mais elevados — talvez não necessitassem de ser guiados — e que os seus visitantes eram de um plano inferior. Durante sete anos as visitas continuaram. Quando os Espíritos os deixaram, disseram-lhes que se iam, mas que voltariam; e que, quando voltassem, invadiriam o mundo e tanto entrariam nas choupanas quanto nos palácios.

Foi justamente depois de quatro anos que começaram as batidas de Rochester. E quando se iniciaram, Elder Evans e outro “shaker” foram a Rochester e visitaram as irmãs Fox - Sua chegada foi saudada com grande entusiasmo pelas fôrças invisíveis, que proclamaram que aquilo era realmente o trabalho que tinha sido predito.

Digna de referência é uma observação de Elder Evans. Quando lhe perguntaram: “Não pensa que a sua experiência é a mesma dos monges e freiras da Idade Média?” sua resposta não foi: “As nossas eram angélicas, as outras, diabólicas”, como teria sido, se se invertessem os interlocutores. Êle respondeu com muita candura e clareza: “Certamente. Isto é a sua própria explicação através dos tempos. As visões de Santa Teresa são visoes espíritas, do mesmo modo que as que freqüentemente têm tido os membros de nossa sociedade”. Quando depois lhe perguntaram se a magia e a necromancia não pertenciam à mesma categoria, respondeu: “Sim. Isto é Espiritismo empregado para fins egoísticos”. É claro que havia homens, que viveram há cêrca de um século, capazes de instruir os nossos sábios de hoje.

Aquela notável senhora que foi Mrs. Hardinge Britten registrou em seu “Moderno Espiritualismo Americano como se pôs em inteiro contacto com a comunidade dos “shakers” e como êles lhe mostraram relatos, tomados por ocasião das visitas dos Espíritos. Nêles se afirma que a nova era deveria ser inaugurada por uma extraordinária descoberta, tanto de valor material quanto espiritual. Esta é uma notável profecia como éum assunto de história que os campos auríferos da Califórnia foram descobertos pouco tempo depois daquela erupção psíquica. Um partidário de Swedenborg, com a sua doutrina das correlações, possivelmente sustentaria que êstes dois fatos se complementam.

O episódio da manifestação dos “shakers” é um elo muito

distinto entre o trabalho de pioneiro de Swedenborg e o período de Davis e das Irmãs Fox. Estudaremos agora a carreira do primeiro, que está intimamente associada com o surgimento e o progresso do moderno movimento psíquico.

3
O Profeta da Nova Revelação

ANDREW Jackson Davis foi um dos homens mais notáveis de que temos uma informação exata. Nascido em 1826 nas margens do Hudson, sua mãe era uma criatura deseducada, com tendências visionárias aliadas à superstição vulgar; seu pai era um borracho, trabalhador em couros. Escreveu detalhes de sua própria infância num livro curioso: A Vara Mágica" que nos revela a vida primitiva e dura das províncias americanas na primeira metade do século passado. O povo era rude e deseducado, mas o seu lado espiritual era muito vivo: parecia estar sempre pronto para alcançar algo de novo. Foi nesses distritos rurais de New York que, no espaço de poucos anos, se desenvolveram o Mormonismo e o Espiritismo.

Jamais houve um rapaz com menos disposições favoráveis do que Davis. Era fraco de corpo e pobre de mente. Fora dos livros da escola primária apenas se lembrava de um livro que sempre lia até os dezesseis anos de idade. Entretanto naquela criatura mirrada dormiam tais fôrças espirituais que antes dos vinte anos tinha escrito um dos livros mais profundos e originais de filosofia jamais produzidos. Poderia haver mais clara prova de que nada tinha vindo dêle mesmo e de que não passava de um conduto, através do qual fluía o conhecimento daquele vasto reservatório que dispõe de tão incompreensíveis dispositivos? O valor de uma Jeanne DArc, a santidade de uma Teresa, a sabedoria de um Jackson Davis, os poderes supranormais de um Daniel Home, tudo vem da mesma fonte.

Nos seus últimos anos da infância começaram a se desenvolver os poderes psíquicos de Davis. Como Jeanne DArc, ouvia vozes no campo — vozes gentis que lhe davam bons conselhos e confôrto. A clarividência seguiu essa clariaudiência. Por ocasião da morte de sua mãe, teve uma notável visão de uma casa muito amável, numa região brilhante, que imaginou ser o lugar para onde sua mãe tinha ido. Entretanto sua completa capacidade foi despertada por uma circunstância: veio a sua aldeia um saltimbanco que exibia as maravilhas do mesmerismo; fêz uma experiência com Davis, e também com muitos outros jovens rústicos, que quiseram provar aquela sensação. Logo foi constatado que Davis possuía notável poder de clarividência.

Estes não foram desenvolvidos pelo peripatético mesmerista, mas por um alfaiate local, um certo Livingstone,

que parece ter sido um pensador avançado. Êle ficou tão intrigado com os dons do seu sensitivo que abandonou o seu próspero negócio e devotou todo o seu tempo ao trabalho com Davis, empregando a sua clarividência no diagnóstico de doenças. Davis havia desenvolvido essa fôrça, comum entre os psiquistas, de ver sem os olhos, inclusive aquelas coisas que não podiam ser vistas pela visão humana. A princípio o dom era usado como uma espécie de divertimento, na leitura de cartas e relógios de uma assistência rústica, tendo o sensitivo os olhos vendados. Neste caso, qualquer parte do corpo pode exercer a função de ver. A razão disso talvez seja que o corpo etérico ou espiritual, que possui os mesmos órgãos que o físico, esteja total ou parcialmente desprendido e registre a impressão. Desde que pode tomar tal atitude, ou andar à volta, pode ver de qualquer ponto. É uma explicação para casos como o que o autor encontrou no Norte da Inglaterra, onde Tom Tyrrell, o famoso médium, costumava andar à volta da sala, olhando os quadros, de costas para as paredes onde os mesmos estavam pendurados. Se em tais casos os olhos etéreos vêem os quadros, ou se vêem uma réplica etérea dos mesmos, temos um dos muitos problemas que deixamos à posteridade.

Livingstone, a princípio, usou Davis para diagnósticos médicos. Descrevia como o corpo humano se tornava transparente aos seus olhos espirituais, que pareciam funcionar do centro de sua testa. Cada órgão aparecia claramente e com uma radiação especial e peculiar, que se obscurecia em caso de doença. Para a mentalidade médica ortodoxa, com a qual muito simpatiza o autor, tais poderes são passíveis de abrir uma porta para o charlatanismo e ainda o inclina a admitir que tudo quanto foi dito por Davis tivesse sido corroborado pela própria experiência de Mr. Bloomfield, de Melbourne, que descreveu ao autor a admiração de que ficou possuído, quando sua fôrça se manifestou subitamente, na rua, lhe mostrando detalhes anatômicos de duas pessoas que andavam à sua frente. Tão bem verificados têm sido tais poderes, que não é raro verem-se médicos tomar clarividentes ao seu serviço, como auxiliares para o diagnóstico. Diz Hipócrates: "A alma vê de olhos fechados as afecções sofridas pelo corpo". Assim, ao que parece, os antigos sabiam algo a respeito de tais métodos. As observações de Davis não se circunscreviam aos que se achavam em sua presença: sua alma ou corpo etérico podia libertar-se pela ação magnética de

seu empresário e ser mandada como um pombo correio, na certeza de que regressaria com a informação desejada. Além da missão humanitária em que geralmente se empenhava, às vêzes vagava livremente; então descrevia, em magníficas passagens, como via a Terra translúcida, abaixo dêle, com os grandes veios de depósitos minerais, como que brilhando através de massas de metal fundido, cada qual com a sua radiação peculiar.

É notável que nessa fase inicial da experiência psíquica de Davis não tivesse êle a recordação daquilo que tinha visto em transe. Contudo, essa recordação era registrada no seu subconsciente e, posteriormente, a recuperava com clareza. Com o tempo tornou-se uma fonte de informações para os outros, pôsto que ficasse ignorante para si próprio.

Até então o seu desenvolvimento se havia processado de maneira não incomum e que podia ser comparado com a experiência de qualquer estudioso de psiquismo. Foi quando ocorreu um episódio inteiramente novo e que é minuciosamente descrito na sua autobiografia. Em resumo, os fatos foram os seguintes. Na tarde de 6 de março de 1844, Davis foi subitamente tomado por uma fôrça que o fêz voar da pequena cidade de Poughkeepsie, onde vivia, e fazer uma pequena viagem no estado de semitranse. Quando voltou à consciência, encontrava-se entre montanhas agrestes e aí, diz êle, encontrou dois anciãos, com os quais entrou em íntima e elevada comunhão, uma sôbre medicina e outra sôbre moral. Estêve ausente tôda a noite; e quando indagou de outras pessoas na manhã seguinte, disseram-lhe que tinha estado nas Montanhas de Catskill, a cêrca de quarenta milhas de casa. A história tem tôdas as aparências de uma experiência subjetiva, um sonho ou uma visão, e ninguém hesitaria em considerá-la como tal, se não fôsse o detalhe de seu regresso e da refeição que tomou a seguir. Uma alternativa seria que o vôo para as montanhas fôsse uma realidade e as entrevistas um sonho. Diz de que posteriormente identificou seus dois mentores como sendo Galeno e Swedenborg, o que é interessante, por ser o primeiro contacto com os mortos por êle próprio reconhecido. Todo o episódio pareceu visionário e não teve qualquer ligação com o notável futuro dêsse homem.

Verificou maiores fõrças a se agitarem em si mesmo e foi avisado de que, quando lhe faziam perguntas sérias, enquanto se achava em transe mesmérico, sempre respondia: "Responderei a isto em meu livro". Aos dezenove anos sentiu

chegado o momento de o escrever. A influência magnética de Livingstone, por isso ou por aquilo, parece que não era adequada para tal fim. Então foi escolhido o Doutor Lyon como novo magnetizador. Lyon abandonou o consultório e foi a New York com o seu protegido, onde procurou o Reverendo William Fishbough, convidando-o para servir de secretário. Parece que essa escolha intuitiva era justificada, pois êste logo abandonou o seu trabalho e aceitou o convite. Então, preparado o aparelho, Lyon submetia diàriamente o jovem a transes magnéticos e suas manifestações eram registradas pelo fiel secretário. Não havia dinheiro nem publicidade no assunto, de modo que nem o mais céptico dos críticos poderia deixar de admitir que a ocupação e os objetivos dêsses três homens constituíssem um maravilhoso contraste com a preocupação material de fazer dinheiro que os rodeava. Eles buscavam o mais além. E que é o que podia fazer o homem de mais nobre?

Há que levar em conta que um tubo não pode conter mais do que lhe permite o seu diâmetro. o diâmetro de Davis era muito diferente do de Swedenborg. Cada um recebia conhecimento quando num estado de iluminação. Mas Swedenborg era o homem mais instruído da Europa, enquanto Davis era um jovem tão ignorante quanto se podia encontrar no Estado de New York. A revelação de Swedenborg talvez fôsse a maior, pôsto que, muito provàvelmente, pontilhada por seus próprios conhecimentos. A revelação de Davis era, comparativamente, um milagre maior.

O Doutor George Bush, professor de Hebraico na Universidade de New York, uma das testemunhas quando eram recebidas as orações em transe, assim escreve:

"Afirmo solenemente que ouvi Davis citar corretamente a língua hebraica em suas palestras, e demonstrar um conhecimento de geologia muito admirável numa pessoa da sua idade, ainda quando tivesse devotado anos a esse estudo. Discutiu, com grande habilidade, as mais profundas questões de arqueologia histórica e bíblica, de mitologia, da origem e das afinidades das línguas, da marcha da civilização entre as várias nações da Terra, de modo que fariam honra a qualquer estudante daquela idade, mesmo que, para as alcançar, tivesse consultado tôdas as bibliotecas da Cristandade. Realmente, se êle tivesse adquirido tôdas as informações que externa em suas conferências, não em dois anos, desde que deixou o banco de sapateiro, mas em tôda a sua vida, com a maior assiduidade no estudo, nenhum prodígio intelectual de que o

mundo tem notícia, por um instante seria comparável com êste, muito embora nenhum volume, nenhuma página tenha sido publicada."

Eis um admirável retrato de Davis na época. E Bush chama-nos a atenção para o seu equipamento, quando diz: "A circunferência de sua cabeça é demasiadamente pequena. Se o tamanho fôsse a medida da fôrça, então a capacidade mental dêsse jovem seria limitadíssima. Os pulmões são fracos e atrofiados. Não viveu num ambiente refinado: suas maneiras eram grosseiras e rústicas. Não tinha lido senão um livro. Nada conhece de gramática ou das regras de linguagem nem estêve em contato com pessoas dos meios literários ou científicos".

Tal era o môço de dezenove anos, do qual jorrava então uma catadupa de palavras e de idéias, abertas à crítica, não por sua simplicidade, mas por serem demasiado complexas e envoltas em têrmos científicos, conquanto sempre com um fio consistente de raciocínio e de método.

Vem a propósito falar do subconsciente, embora isto geralmente tenha sido tomado como idéias aparentemente recebidas e submergidas. Se, por exemplo, o desenvolvido Davis pudesse recordar o que tinha acontecido em seus transes durante os seus dias de não desenvolvimento, teríamos um claro exemplo de emergência daquelas impressões sepultadas.

Mas seria abusar das palavras falar de um inconsciente quando tratamos com alguma coisa que, por meios normais, jamais poderia alcançar qualquer extrato da mente, consciente ou inconsciente.

Eis o comêço da grande revelação psíquica de Davis, que se derramou, ocasionalmente, por muitos livros, todos compendiados pelo nome de "Filosofia Harmônica".

Por sua natureza e por sua posição nos estudos psíquicos, dêles trataremos noutro lugar.

Nessa fase de sua vida, pretende Davis haver estado sob a influência direta da entidade que posteriormente identificou como sendo Swedenborg — nome muito pouco familiar naquele tempo. De vez em quando recebia um aviso, pela clarividência, "para subir a montanha". Essa montanha se acha situada na outra margem do Hudson, oposta a Poughkeepsie. Aí na montanha pretende êle que se encontrava e conversava com uma figura venerável. Parece que não houve qualquer indício de materialização e o incidente não tem analogia em nossa experiência psíquica, salvo se — e temos que falar com tôda a reverência — também o Cristo subiu a um monte e

entrou em comunhão com as formas de Moisés e de Elias.

Nisso a analogia parece completa.

Não parece que Davis tenha sido absolutamente um homem religioso, no sentido comum e convencional, embora se achasse saturado de fôrças verdadeiramente espirituais. Seus pontos de vista, até onde é possível acompanhá-lo, eram de crítica franca em relação à revelação bíblica e, na pior das hipóteses, honesto, honrado, incorruptível, ansioso pela verdade e consciente de sua responsabilidade pela sua divulgação.

Durante dois anos o seu subconsciente continuou ditando o livro sôbre os segredos da Natureza, enquanto o consciente Davis adquiriu um pouco de auto-educação em New York, com ocasionais visitas restauradoras a Poughkeepsie. Tinha começado a chamar a atenção de algumas pessoas sérias e Edgar Allan Poe era um de seus visitantes. Seu desenvolvimento psíquico continuava e antes dos vinte e um anos tinha chegado a ponto de não mais necessitar de alguém para cair em transe; realizava-o sozinho. Por fim sua memória subconsciente se tinha aberto e êle se tornou capaz de abarcar o largo alcance de suas experiências. Foi então que se assentou ao lado de uma senhora agonizante e observou todos os detalhes da partida da alma, cuja magnífica descrição nos dá no primeiro volume de "A Grande Harmonia". Conquanto sua descrição tenha aparecido numa separata, não é tão conhecida quanto deveria sê-lo. Um pequeno resumo deve ser interessante para o leitor.

Começa êle por uma consoladora reflexão sôbre os vôos de sua própria alma, que eram morte em todos os sentidos, salvo quanto a duração, e lhe haviam mostrado que a experiência era "interessante e deliciosa" e que aquêles sintomas que parecem sinais de sofrimento não passam de reflexos inconscientes do corpo e não têm significação. Diz então como, havendo-se jogado antes naquilo que chama de "Condição Superior", havia observado as etapas do lado espiritual. "O ôlho material vê apenas o que é material, e o espiritual o que é espiritual". Como, porém, tudo tem uma contrapartida espiritual, o resultado é o mesmo. Assim, se um Espírito vem a nós, não é a nós que êle vê, mas o nosso corpo etérico, que é, aliás, uma réplica do nosso corpo material.

Foi êsse corpo etérico que Davis viu emergindo do envoltório de protoplasma da pobre moribunda, que finalmente ficou vazio no leito, como a enrugada crisálida, depois que a

borboleta se libertou. O processo começou por uma extrema concentração no cérebro, que se foi tornando cada vez mais luminoso, enquanto as extremidades se tornavam escuras. É provável que o homem nunca pense tão claramente ou seja tão intensamente cônscio quanto depois que todos os meios de indicação de seus pensamentos o abandonaram. Então o novo corpo começa a emergir, a começar pela cabeça. Em breve se acha completamente livre, de pé ao lado de seu cadáver, com os pés próximo à cabeça e com uma faixa luminosa vital, correspondente ao cordão umbilical. Quando o cordão se rompe, uma pequena porção é absorvida pelo cadáver, assim o preservando da imediata putrefação. Quanto ao corpo etérico, leva algum tempo até adaptar-se ao novo ambiente, até passar pela porta aberta. "Eu a vi passar para a sala contígua, através da porta e da casa, erguer-se no espaço... Depois que saiu da casa encontrou dois Espíritos amigos, da região espiritual que, depois de um terno reconhecimento e de um entendimento entre os três, da mais graciosa das maneiras, começou a subir obliquamente pelo envoltório etéreo de nosso globo. Marchavam juntos tão naturalmente, tão fraternalmente que me custava imaginar que se equilibrassem no ar: pareciam subir pela encosta de uma montanha gloriosa e familiar. Continuei a olhá-los, até que a distância os fechou aos meus olhos".

Tal a visão da Morte, tal qual a percebeu A. J. Davis — muito diferente daquela treva horrível que por tanto tempo obsidiou a imaginação humana. Se isto é verdade, podemos voltar nossas simpatias para o Doutor Hodgson e sua exclamação:

"Custa-me suportar a espera". Mas é verdade? Apenas podemos dizer que há muita evidência a corroborá-la.

Muitas pessoas que caem em estado cataléptico, ou que estiveram tão doentes que chegaram ao estado de coma, trouxeram impressões muito concordes com a descrição de Davis, pôsto que outras tivessem voltado com o cérebro inteiramente vazio. Quando em Cincinnati, em 1923, o autor estêve em contacto com uma tal Mrs. Monk, que tinha sido, pelos médicos, dada como morta, e que durante cêrca de uma hora havia experimentado a vida postmortem, antes que um capricho da sorte a devolvesse àvida, ela escreveu um pequeno relato de sua experiência, no qual recorda uma vívida lembrança de ter saído do quarto, exatamente como descreve Davis, e do fio prateado que continuava unindo sua alma viva a seu corpo comatoso. Um notável caso foi publicado na revista Light, de 25 de março de 1922, no qual cinco filhas de uma

senhora agonizante, todas clarividentes, viram e descreveram o processo da morte de sua mãe. Aqui também a descrição do processo era muito semelhante àquele descrito, pôsto haja algumas diferenças bastantes entre êste último e outros casos para sugerir que a seqüência dos acontecimentos nem sempre é regida pelas mesmas leis. Outra variante de extremo interêsse encontra-se num desenho feito por uma criança médium, que pinta a alma deixando o corpo e é descrito no trabalho de Mrs. De Morgan, "Da Matéria ao Espírito", página 121. Êste livro, com suas oitenta páginas de prefácio pelo célebre matemático, Professor De Morgan, é um dos trabalhos de pioneiro do movimento espírita na Grã-Bretanha. Quando se pensa que foi publicado em 1863, sente-se um pêso no coração pelo sucesso daquelas fôrças de obstrução, tão fortemente refletidas na imprensa, que tem conseguido durante tantos anos colocar-se entre a mensagem de Deus e a raça humana.

A fôrça profética de Davis apenas pode ser desconhecida pelos cépticos que ignoram os fatos. Antes de 1856 profetizou detalhadamente o aparecimento do automóvel e da máquina de escrever. Em seu livro "Penetralia" lê-se o seguinte:

Pergunta: "Poderá o utilitarismo lazer descobertas em outra direção da locomoção?"

— "Sim: buscam-se nestes dias carros e transportes coletivos que correrão por estradas rurais — sem cavalos, sem vapor, sem qualquer fôrça natural visível — movendo-se com alta velocidade e com muito mais segurança do que atualmente. Os veículos serão acionados por uma estranha, bonita e simples mistura de gases aquosos e atmosféricos — tão fàcilmente condensados, tão simplesmente inflamados e tão ligados à máquina, que de certo modo se assemelha às nossas, que ficarão ocultos e serão manejados entre as rodas da frente. Tais veículos aqui terão muitos embaraços atualmente experimentados pela gente que vive em regiões pouco povoadas. O primeiro requisito para essas locomotivas de chão serão boas estradas, nas quais, com a sua máquina, sem cavalos, a gente pode viajar com muita rapidezembro Êsses carros me parecem de construção pouco complicada".

A seguir perguntaram:

—"Percebe algum plano que permita acelerar a maneira de escrever?"

—"Sim. Quase me sinto inclinado a inventar um psicógrafo automático, isto é, uma alma escritora artificial. Pode ser construída assim como um piano, com uma série de teclas, cada

uma para um som elementar; um teclado mais baixo para fazer uma combinação e um terceiro para uma rápida recombinação. Assim, em vez de se tocar uma peça de música, pode-se escrever um sermão ou um poema

Do mesmo modo, respondendo a uma pergunta relativa ao que era então chamado "navegação atmosférica", sentiu-se "profundamente impressionado" porque "o mecanismo necessário — para atravessar as correntes de ar, de modo que se possa navegar tão fácil, segura e agradàvelmente quanto os pássaros — depende de uma nova força motriz. Essa força virá. Não só acionará a locomotiva sôbre os trilhos, e os carros nas estradas rurais, mas também os veículos aéreos que atravessarão o céu, de país para país".

O aparecimento do Espiritismo foi predito nos seus "Princípios da Natureza", publicados em 1847, onde diz:

"É verdade que os Espíritos se comunicam entre si, quando um está no corpo e outro em esferas mais altas — e, também, quando uma pessoa em seu corpo é inconsciente do influxo e, assim, não se pode convencer do fato. Não levará muito tempo para que essa verdade se apresente como viva demonstração. E o mundo saudará com alegria o surgimento dessa era, ao mesmo tempo que o íntimo dos homens será aberto e estabelecida a comunicação espírita, tal qual a desfrutam os habitantes de Marte, Júpiter e Saturno".

Nesta matéria os ensinamentos de Davis eram definitivos, embora se deva admitir que uma boa parte de seu trabalho é vaga e difícil de ler, porque desfigurada pelo emprêgo de vocábulos longos e ocasionalmente inventados por êle. Entre. tanto são de um alto nível moral e intelectual, e pode ser melhor descrito como um atualizado Cristianismo, com a ética do Cristo aplicada aos problemas modernos e inteiramente coberto de quaisquer traços de dogmas. A "Religião Documentária", como a chama Davis, em sua opinião absolutamente não é uma religião. Tal nome só deve ser aplicado ao produto pessoal da razão e da espiritualidade. Tal a linha geral do ensino, misturado com muitas revelações da Natureza, exposto em sucessivos livros da "Filosofia Harmônica", a que se seguiram as "Revelações Divinas da Natureza" e que tomaram os anos seguintes de sua vida. Muitos de seus ensinos apareceram num jornal estranho, chamado "Univercoelum" e em conferências proferidas para dar a conhecer as suas revelações.

Em suas visões espirituais, Davis viu uma disposição do

universo que corresponde proximamente à que foi apresentada por Swedenborg, adicionada pelo ensino posterior dos Espíritos e aceita pelos espíritas. Viu uma vida semelhante à da Terra, uma vida que pode ser chamada semimaterial, com prazeres e objetivos adequados à nossa natureza, que de modo algum se havia transformado pela morte. Viu estudo para os estudiosos, tarefas geniais para os enérgicos, arte para os artistas, beleza para os amantes da Natureza, repouso para os cansados. Viu fases graduadas da vida espiritual, através das quais lenta-mente se sobe para o sublime e para o celestial. Levou a sua magnífica visão acima do presente universo e o viu como êste uma vez mais se dissolvia numa nuvem de fogo, da qual se havia consolidado, e, uma vez mais se consolidado para formar o estágio, no qual uma evolução mais alta teria lugar e onde uma classe mais alta se iniciaria do mesmo modo que algures a classe mais baixa. Viu que êsse processo se renovava muitas vêzes, cobrindo trilhões de anos e sempre trabalhando no sentido do refinamento e da purificação. Descreveu essas esferas como anéis concêntricos em redor do mundo; mas como admite que nem o tempo nem o espaço são claramente definidos em suas visões, não devemos tomar a sua geografia muito ao pé da Letra. O objetivo da vida é preparar para o adiantamento nesse tremendo esquema; e o melhor método para o progresso humano é livrar-se do pecado — não só dos pecados geralmente reconhecidos, mas também dos pecados do fanatismo, da estreiteza de vistas e da dureza, que são manchas especiais. não só na efêmera vida da carne, mas na permanente vida do Espírito. Para tal fim o retôrno a vida simples, às crenças simples e à fraternidade primitiva se tornam essenciais, O dinheiro, o álcool, a luxúria, a violência e o sacerdócio — no seu limitado sentido — constituem os maiores empecilhos do progresso humano.

Há que admitir-se que Davis, até onde se pode acompanhar a sua vida, tenha vivido para as suas idéias. Era muito humilde, mas daquela matéria de que são feitos os santos. Sua auto-biografia vai apenas até 1857, de modo que teria pouco mais de trinta anos quando a publicou. Mas dá uma descrição muito completa e por vêzes muito involuntária de seu íntimo. Era muito pobre, mas justo e caridoso. Era muito sério, mas muito paciente na argumentação e delicado na contradita. Fizeram-lhe as piores acusações, que êle recorda com um sorriso de tolerância. Dá uma informação completa de seus dois primeiros casamentos, tão originais quanto tudo o mais a seu

respeito, mas que apenas depõem em seu favor. Desde a data em que termina "A Vara Mágica", parece que levou a mesma vida, alternando leitura e escrita, conquistando cada vez mais prosélitos, até que morreu em 1910, na idade de oitenta e quatro anos. Passou os últimos anos de sua vida como diretor de uma pequena livraria em Boston. O fato de a sua "Filosofia Harmônica" ter tido umas quarenta edições nos Estados Unidos constitui uma prova de que a semente que lançou com tanta constância não caiu em terreno sáfaro.

Para nós o que é importante é o papel representado por Davis no comêço da revelação espírita. Êle começou a preparar o terreno, antes que se iniciasse a revelação. Estava claramente fadado a associar-se intimamente com ela, de vez que conhecia a demonstração de Hydesville, desde o dia em que ocorreu. De suas notas tomamos a passagem seguinte, que traz a data significativa de 31 de março de 1848:

"Esta madrugada um sôpro quente passou pela minha face e ouvi uma voz, suave e forte, dizer: "Irmão, um bom trabalho foi começado — olha! surgiu uma demonstração viva". Fiquei pensando o que queria dizer semelhante mensagem. Era o começo do enorme movimento do qual participaria como profeta. Suas próprias fôrças, do lado mental, eram supranormais, do mesmo modo que as físicas o são do lado material. Elas se completam. Era, até o extremo de sua capacidade, a alma do movimento, e o único cérebro que tinha uma visão clara da mensagem, anunciada de maneira tão nova como estranha. Nenhum homem poderia receber aquela mensagem por inteiro, porque éinfinita e cada vez se ergue mais alto, à medida que tomamos contacto com sêres mais elevados. Mas Davis a interpretou tão bem para os seus dias e para a sua geração que, mesmo agora, muito pouco pode ser adicionado às suas concepções.

Tinha ido além de Swedenborg, embora não possuísse o equipamento mental dêste, para abarcar os seus resultados. Swedenborg havia visto o céu e o inferno, tal como Davis os vira e descrevera minuciosamente. Entretanto Swedenborg não teve uma visão clara da posição dos mortos e da verdadeira natureza do mundo dos Espíritos, com a possibilidade de retôrno, como foi revelado ao vidente americano. Tal conhecimento veio lentamente a Davis. Suas estranhas entrevistas com o que chamava de "Espíritos materializados" eram coisas excepcionais, das quais tirou conclusões importantes. Só mais tarde é que tomou contacto com os

atuais fenômenos espíritas, cuja significação completa era capaz de ver. Êsse contacto não foi estabelecido em Rochester, mas em Stratford, no Connecticut, onde Davis foi testemunha dos fenômenos do Poltergeist, produzidos em casa de um clérigo, o Doutor Phelps, no comêço de 1850. O seu estudo conduziu-o a escrever um panfleto — Filosofia do Comércio com os Espíritos mais tarde desenvolvido num livro que encerra muita coisa que o mundo ainda não aprendeu. Algumas destas coisas, na sua sábia redução, devem ser recomendadas a alguns espíritas. "O Espiritismo é útil como uma vívida demonstração da existência futura", diz êle. "Os Espíritos me ajudaram muitas vêzes, mas nem controlam a minha pessoa, nem a minha razão. Bondosamente podem realizar — e realizam coisas para os que vivem na Terra. Mas os benefícios só serão garantidos com a condição de que lhes permitamos tornar-se nossos mestres e não nossos donos — que os aceitemos como companheiros, mas não como deuses a quem devamos adorar - Sábias palavras — é uma moderna verificação da observação vital de São Paulo, de que o profeta não se deve sujeitar aos seus próprios dons.

Para explicar adequadamente a vida de Davis, há que ascender às condições supranormais.

Mesmo assim, entretanto, há explicações alternadas, se forem considerados os seguintes fatos inegáveis:

1. **que êle proclama ter visto e ouvido a forma materializada de Swedenborg, antes que soubesse algo de seus ensinos;**
2. **que alguma coisa possuía êsse jovem ignorante, que lhe deu muita sabedoria;**
3. **que essa sabedoria cobriu os mesmos amplos e universais domínios que eram característicos de Swedenborg;**
4. **mas representavam um passo à frente, de vez que adicionavam aquêle conhecimento do poder do Espírito, que Swedenborg deve ter atingido após a sua morte.**

Considerando êstes quatro pontos, então, não será admissível que Davis fôsse controlado pelo Espírito de Swedenborg? Bom seria que a estimável, mas estreita e limitada Nova Igreja tomasse essas possibilidades em consideração. Se, porém, Davis ficar só, ou se fôr o reflexo de alguém maior que ele, resta o fato de que era um milagre, o inspirado, o culto, o deseducado apóstolo da nova revelação. Sua influência foi tão permanente que o conhecido artista e crítico Mr. E. Wake Cook, em seu notável livro "Regress&o em Arte" classifica os

ensinos de Davis como uma influência moderna que poderia reorganizar o mundo. Davis deixou uma profunda marca no Espiritismo. "Terra do Verso", por exemplo, como denominação para o moderno Paraíso e todo o sistema de Liceus, com a sua engenhosa organização, é de sua invenção. Conforme a observação de Mr. Baseden Butt, "Mesmo agora é difícil, senão impossível, avaliar todo o alcance de sua influência." (1)

1. Occult Review Fevereiro 1925

4
O Episódio de Hydesville

ACABAMOS de expor as várias manifestações, desconexas e irregulares, da fôrça psíquica, nos casos que se apresentaram, e chegamos, por fim, ao episódio particular que, realmente, se achava em nível inferior ao dos anteriores, mas ocorrido em presença de pessoas práticas, que encontraram meios de o explorar completamente e de introduzir raciocínio e sistema naquilo que havia sido mero objeto de admiração sem propósito. É verdade que as circunstâncias eram mesquinhas, os atõres humildes, o lugar remoto, a comunicação sórdida, de vez que obediente a um motivo tão baixo quanto a vingança. É verdade que, na vida diária dêste mundo, se quisermos verificar se um fio telegráfico está funcionando, examinaremos se uma mensagem passa por êle; mas a elevação ou a baixeza dessa mensagem será de consideração de segunda ordem. Diz-se que a primeira mensagem que foi transmitida pelo cabo submarino era uma trivialidade, uma pergunta feita pelo engenheiro inspetor. Não obstante, desde então o empregam reis e presidentes. É assim que o humilde Espírito do mascate assassinado de Hydesville pode ter aberto uma passagem, através da qual se precipitaram os anjos. Há bens e maus e inumeráveis intermediários no Outro Lado, como do lado de cá do véu. A companhia que atraímos depende de nós mesmos e de nossos próprios motivos.

Hydesville é um vilarejo típico do Estado de New York, com uma população primitiva, certamente semi-educada, mas, provàvelmente, como os demais pequenos centros de vida americanos, mais livres de preconceitos e mais receptivos das novas idéias do que qualquer outro povo da época - Aquela povoação, situada a cêrca de vinte milhas da nascente cidade de Rochester, consistia de um grupo de casas de madeira, de tipo muito humilde. Foi numa dessas casas, residência que não satisfaria as exigências de um inspetor de conselho distrital britânico, que se iniciou o desenvolvimento que, atualmente, na opinião de muitos, é a coisa mais importante que deu a América para o bem-estar do mundo. Era habitada por uma honesta família de fazendeiros, de nome Fox — um nome que, por curiosa coincidência, tinha sido registrado na história religiosa como o do apóstolo dos shakers. Além de pai e mãe, de religião metodista, havia duas filhas morando na casa ao

tempo em que as manifestações atingiram tal ponto de intensidade que atrairam a atenção geral. Eram as filhas Margaret, de catorze anos e Kate, de onze. Havia vários outros filhos e filhas, que não residiam aí, uma das quais, Leah, que ensinava música em Rochester, deve ser citada nesta narrativa.

A casinha já gozava de má reputação. Os fatos tinham sido coligidos e logo depois publicados. Parece que se ligam tanto a essas informações quanto é possível. À vista da extrema importância de tudo quanto se liga ao assunto, alguns extratos de tais informações devem ser incertos; mas para evitar um desvio da narrativa, a informação sôbre êste ponto foi relegada para o Apêndice. Assim, passaremos imediatamente ao tempo da residência da família Fox, que alugou a casa a 11 de dezembro de 1847. Só no ano seguinte foi que os ruídos notados pelos antigos inquilinos voltaram a ser ouvidos. Consistiam de ruidos de arranhadura. Tais ruídos pareceriam sons pouco naturais para serem produzidos por visitantes de fora, se quisessem advertir-nos de sua presença à porta da vida humana e desejassem que essa porta lhes fôsse aberta. Exatamente êsses arranhões (todos desconhecidos dêsses fazendeiros iletrados), tinham ocorrido na Inglaterra em 1661, em casa de Mrs. Mompesson, em Tedworth. (1)

1. "Saducismus Triumphatus", pelo Reverendo Joseph Glanvil.

Êsses arranhões também são registrados por Melancthon, como tendo sido verificados em Opáginasenheim, na Alemanha, em 1520. Também foram ouvidos em Epworth Vicarage, em 1716. Aqui o foram uma vez mais e, por fim, tiveram a sorte de ver a porta abrir-se.

Parece que êsses ruídos não incomodaram a família Fox até meados de março de 1848. Dessa data em diante cresceram continuamente de intensidade. As vêzes eram simples batidas; outras vezes soavam como o arrastar de móveis. As meninas ficavam tão alarmadas que se recusavam a dormir separadas e iam para o quarto dos pais. Tão vibrantes eram os sons que as camas tremiam e se moviam. Foram feitas tôdas as investigações possíveis: o marido esperava de um lado da porta e a mulher do outro, mas os arranhões ainda continuavam. Logo se espalhou que a luz do dia era inimiga dos fenômenos, o que reforçou a idéia de fraude; mas tôda solução possível foi experimentada e falhou. Finalmente, na noite de 31 de março houve uma irrupção de inexplicáveis sons

muito altos e continuados. Foi nessa noite que um dos grandes pontos da evolução psíquica foi alcançado, desde que foi nessa noite que a jovem Kate Fox desafiou a fôrça invisível a repetir as batidas que ela dava com os dedos. Aquêle quarto rústico, com aquela gente ansiosa, expectante, em mangas de camisa, com os rostos alterados, num círculo iluminado por velas e suas grandes sombras se projetando nos cantos, bem podia ser assunto para um grande quadro histórico. Procure-se por todos os palácios e chancelarias de 1848: onde será encontrada uma sala que se tenha notabilizado na história como aquêle pequeno quarto de uma cabana?

Conquanto o desafio da mocinha tivesse sido feito em palavras brandas, foi imediatamente respondido. Cada pedido era respondido por um golpe. Pôsto que humildes os operadores de ambos os lados, a telegrafia espiritual estava funcionando. Deixavam à paciência e à dedicação da raça humana determinar as alturas do emprêgo que dela faria no futuro. Havia muitas fôrças inexplicadas no mundo; mas aqui estava uma fôrça que pretendia ter às suas costas uma inteligência independente. Isto era a suprema significação de um novo ponto de partida.

Mrs. Fox ficou admirada daquele resultado e da posterior descoberta de que aquela fôrça, ao que parecia, era capaz de ver e ouvir, pois quando Kate dobrava o dedo sem barulho, o arranhão respondia. A mãe fêz uma série de perguntas, cujas respostas, dadas em números, mostravam maior conhecimento de seus próprios negócios do que ela mesma o possuía, pois os arranhões insistiam em que ela tinha tido sete filhos, enquanto ela protestava que só tinha tido seis, até que veio à sua mente um que havia morrido em tenra idade. Uma vizinha, Mrs. Redfield, foi chamada e sua distração se transformou em maravilha e, por fim, pavor, quando teve respostas corretas a questões íntimas.

À medida que se espalhavam as notícias dessas maravilhas, os vizinhos chegavam em bandos, um dos quais levou as duas meninas, enquanto Mrs. Fox foi passar a noite em casa de Mrs. Redfield. Em sua ausência os fenômenos continuaram exatamente como antes, o que afasta de uma vez por tôdas aquelas hipóteses de estalos de dedos e de deslocamentos de joelhos, tão freqüentemente admitidas por pessoas ignorantes da verdade dos fatos.

Tendo-se formado uma espécie de comissão de investigação, aquela gente, na maliciosa feição ianque, levou parte da

noite de 31 de março num jôgo de perguntas e respostas com a inteligência invisível. Conforme sua própria declaração, êle era um Espírito; tinha sido assassinado naquela casa; indicou o nome do antigo inquilino que o matara; tinha então — há cinco anos passados — trinta e um anos de idade; fôra assassinado por causa de dinheiro; tinha sido enterrado numa adega, a dez pés de profundidade. Descendo à adega, golpes pesados e brutais soaram, aparentemente vindos de dentro da terra, enquanto o investigador estava no meio da peça. Não houve sons em outras ocasiões. Aquêle era, pois, o lugar da sepultura! Foi um vizinho, chamado Duesler, quem, pela primeira vez, usou o alfabeto para obter respostas por meio de arranhões nas letras. Assim foi obtido o nome do morto — Charles B. Rosma. A idéia de coordenar as mensagens só se desenvolveu quatro meses mais tarde, quando Isaac Post, um quaker de Rochester, tomou a direção. Em poucas palavras, êstes foram os acontecimentos de 31 de março, que se continuaram e se confirmaram na noite seguinte, quando não menos de duzentas pessoas se haviam reunido em volta da casa. No dia 2 de abril foi constatado que os arranhões tanto se produziam de dia quanto de noite.

Eis a sinopse dos acontecimentos da noite de 31 de março de 1848, à pequena raiz da qual se desenvolveu uma árvore tão grande. E como êste volume pode ser chamado um monumento em sua memória, parece adequado que a história seja contada nas mesmas palavras das duas primeiras testemunhas adultas. Suas declarações foram feitas quatro dias após a ocorrência, e fazem parte daquela peça admirável de pesquisa psíquica, escrita pela comissão local, que será descrita e comentada posteriormente.

Eis o depoimento de Mrs. Fox:

"Na noite da primeira perturbação, todos nos levantamos, acendemos uma vela e procuramos pela casa inteira, enquanto o barulho continuava e era ouvido quase que no mesmo lugar. Conquanto não muito alto, produzia um certo movimento nas camas e cadeiras a ponto de notarmos quando deitadas. Era um movimento em trêmulo, mais que um abalo súbito. Podíamos perceber o abalo quando de pé no solo. Nessa noite continuou até que dormimos. Eu não dormi até quase meia-noite. Os rumores eram ouvidos por quase tõda a casa. Meu marido ficou à espera, fora da porta, enquanto eu me achava do lado de dentro, e as batidas vieram da porta que estava entre nós. Ouvimos passos na copa, e descendo a escada; não

podíamos repousar, então conclui que a casa deveria estar assombrada por um Espírito infeliz e sem repouso. Muitas vêzes tinha ouvido falar dêsses casos, mas nunca tinha testemunhado qualquer coisa no gênero, que não levasse para o mesmo terreno.

Na noite de sexta-feira, 31 de março de 1848, resolvemos ir para a cama um pouco mais cedo e não nos deixamos perturbar pelos barulhos: íamos ter uma noite de repouso. Meu marido aqui estava em tôdas as ocasiões, ouviu os ruídos e ajudou a pesquisa. Naquela noite fomos cedo para a cama — apenas escurecera. Achava-me tão quebrada e falta de repouso que quase me sentia doente. Meu marido não tinha ido para a cama quando ouvimos o primeiro ruído naquela noite. Eu apenas me havia deitado. A coisa começou como de costume. Eu o distinguia de quaisquer outros ruídos jamais ouvidos. As meninas, que dormiam em outra cama no quarto, ouviram as batidas e procuraram fazer ruídos semelhantes, estalando os dedos.

Minha filha menor, Kate, disse, batendo palmas: "Senhor Pérocluido, faça o que eu faço". Imediatamente seguiu-se o som, com o mesmo número de palmadas. Quando ela parou, o som logo parou. Então Margareth disse brincando: "Agora faça exatamente como eu. Conte um, dois, três, quatro" e bateu palmas. Então os ruídos se produziram como antes. Ela teve mêdo de repetir o ensaio. Então Kate disse, na sua simplicidade infantil: "Oh! mamãe! eu já sei o que é. Amanhã é primeiro de abril e alguém quer nos pregar uma mentira".

Então pensei em fazer um teste de que ninguém seria capaz de responder. Pedi que fôssem indicadas as idades de meus filhos, sucessivamente. Instantâneamente foi dada a exata idade de cada um, fazendo uma pausa de um para o outro, a fim de os separar até o sétimo, depois do que se fêz uma pausa maior e três batidas mais fortes foram dadas, correspondendo à idade do menor, que havia morrido.

Então perguntei: "É um ser humano que me responde tão corretamente?" Não houve resposta. Perguntei: "É um Espírito? Se fôr dê duas batidas." Duas batidas foram ouvidas assim que fiz o pedido. Então eu disse: "Se foi um Espírito assassinado dê duas batidas". Estas foram dadas instantâneamente, produzindo um tremor na casa. Perguntei: "Foi assassinado nesta casa?" A resposta foi como a precedente. "A pessoa que o assassinou ainda vive?" Resposta idêntica, por duas batidas. Pelo mesmo processo verifiquei que fôra um

homem que o assassinara nesta casa e os seus despojos enterrados na adega; que a sua família era constituída de espôsa e cinco filhos, dois rapazes e três meninas, todos vivos ao tempo de sua morte, mas que depois a espôsa morrera. Então perguntei: "Continuará a bater se chamar os vizinhos para que também escutem?" A resposta afirmativa foi alta.

Meu marido foi chamar Mrs. Redfield, nossa vizinha mais próxima. É uma senhora muito delicada. As meninas estavam sentadas na cama, unidas uma à outra e tremendo de mêdo. Penso que estava tão calma como estou agora. Mrs. Red. field veio imediatamente seriam cêrca de sete e meia pensando que faria rir às meninas. Mas quando as viu pálidas de terror e quase sem fala, admirou-se e pensou que havia algo mais sério do que esperava. Fiz algumas perguntas por ela e as respostas foram como antes. Deram-lhe a idade exata. Então ela chamou o marido e as mesmas perguntas foram feitas e respondidas.

Então, Mrs. Redfield chamou Mr. Duesler e a espôsa e várias outras pessoas. Depois, Mr. Duesler chamou o casal Hyde e o casal Jewell. Mr. Duesler fêz muitas perguntas e obteve as respostas. Em seguida, indiquei vários vizinhos nos quais pude pensar, e perguntei se havia sido morto por algum dêles, mas não tive resposta. Após isso, Mr. Duesler fêz perguntas e obteve as respostas: Perguntou: "Foi assassinado?" Resposta afirmativa. "Seu assassino pode ser levado ao tribunal?" Nenhuma resposta. "Pode ser punido pela lei?" Nenhuma resposta. A seguir, disse: "Se seu assassino não pode ser punido pela lei dê sinais." As batidas foram ouvidas claramente. Pelo mesmo processo Mr. Duesler verificou que êle tinha sido assassinado no quarto de leste, há cinco anos passados, e que o assassínio fôra cometido à meia-noite de uma têrça-feira, por Mr. que fôra morto com um golpe de faca de açougueiro na garganta; que o corpo tinha sido levado para a adega; que só na noite seguinte é que havia sido enterrado; tinha passado pela despensa, descido a escada, e enterrado a dez pés abaixo do solo. Também foi constatado que o móvel fôra o dinheiro.

"Qual a quantia: cem dólares?" Nenhuma resposta. "Duzentos? Trezentos?" etc. Quando mencionou quinhentos dólares as batidas confirmaram.

Foram chamados muitos dos vizinhos que estavam pescando no ribeirão. Êstes ouviram as mesmas perguntas e respostas. Alguns permaneceram em casa naquela noite. Eu e as meninas saímos. Meu marido ficou tôda a noite com Mr.

Redfield. No sábado seguinte a casa ficou superlotada. Durante o dia não se ouviram os sons; mas ao anoitecer recomeçaram.

Diziam que mais de trezentas pessoas achavam-se presentes. No domingo pela manhã os ruídos foram ouvidos o dia inteiro por todos quantos se achavam em casa.

Na noite de sábado, 1º de abril, começaram a cavar na adega; cavaram até dar nágua; então pararam. Os sons não foram ouvidos nem na tarde nem na noite de domingo. Stephen B. Smith e sua espôsa, minha filha Marie, bem como meu filho David S. Fox e sua espôsa dormiram no quarto aquela noite.

Nada mais ouvi desde então até ontem. Antes de meio-dia, ontem, várias perguntas foram respondidas da maneira usual. Hoje ouvi os sons várias vêzes.

Não acredito em casas assombradas nem em aparições sobrenaturais. Lamento que tenha havido tanta curiosidade neste caso. Isto nos causou muitos aborrecimentos. Foi uma infelicidade morarmos aqui neste momento. Mas estou ansiosa para que a verdade seja conhecida e uma verificação correta seja procedida. Ouvi as batidas novamente esta manhã, terça-feira, 4 de abril. As meninas também ouviram.

Garanto que o depoimento acima me foi lido e que é a verdade; e que, se fôsse necessário, prestaria juramento de que é verdadeiro."

(a.) MARGARET FOX

11 de abril de 1848.

Depoimento de John D. Fox

"Ouvi o depoimento acima, de minha espõsa, Margaret Fox, li-o e por isso certifico que o mesmo é verdadeiro em todos os seus detalhes. Ouvi as mesmas batidas das quais ela falou, em resposta a perguntas, conforme disse. Houve muitas outras perguntas, além daquelas, tôdas respondidas do mesmo modo. Algumas foram repetidas muitas vêzes, e a resposta foi sempre a mesma. Assim, jamais houve qualquer contradição.

Não sei de nenhuma causa a que atribuir aquêles ruídos caso tenham sido produzidos por meios naturais. Procuramos em cada canto da casa, e por diversas vêzes, para verificar, se possível, se alguma coisa ou alguém aí estivesse escondido e pudesse fazer aquêle ruído; não nos foi possível achar coisa alguma que pudesse explicar o mistério. Isto causou muito aborrecimento e ansiedade.

Centenas de pessoas visitaram a casa, de modo que nos

era impossível atender às nossas ocupações diárias. Espero que, quer causados por meios naturais, quer sobrenaturais, em breve seja esclarecida a matéria. A escavação na adega será continuada, assim que as águas secarem; então serão constatados os vestígios de um cadáver aí enterrado. Então, se os houver, não terei dúvida de que a origem é sobrenatural."

(a.) JOHN D. FOX.

11 de abril de 1848.

Espontâneamente os vizinhos se haviam constituído em comissão de investigação que, por segurança e eficiência, pudesse ser um ensinamento para muitos subseqüentes pesquisadores. Não começaram impondo condições; iniciaram, sem prevenções, o registro dos fatos, exatamente como os colhiam. Não só coligiram e registraram as impressões de cada interessado, como tomaram depoimentos escritos durante um mês. Em vão tentou o autor obter uma cópia do folheto original "Relatório dos Ruídos Misteriosos, Ouvidos na Casa de Mr. John D. Fox", publicado em Canandaigua, New York: apenas recebeu de presente um fac-simile do original; e é sua opinião que o fato da sobrevivência humana e o poder de comunicação ficou provado definitivamente para qualquer inteligência capaz de examinar um testemunho, desde a ocasião do aparecimento daquele documento.

A declaração feita por Mr. Duesler, presidente da comissão, é um importante testemunho da ocorrência de ruídos verificados na ausência das meninas Fox e afasta em definitivo a suspeita de sua cumplicidade nesses acontecimentos. Como vimos, Mrs. Fox, referindo-se à noite de sexta-feira, 31 de março, disse: "Eu e as meninas saímos". Parte do depoimento de Mr. Duesler está assim concebida:

"Eu moro a poucas varas da casa em que êsses ruídos têm sido ouvidos. A primeira vez que ouvi algo a respeito foi há uma semana, na noite de sexta-feira, 31 de março. Mrs. Redfield veio à minha casa convidar minha senhora para ir à casa de Mrs. Fox. Mrs. Redfield parecia muito agitada. Minha senhora quis que eu a acompanhasse e eu acedi. Seriam cêrca de nove horas da noite. Havia umas doze ou catorze pessoas presentes, quando as deixei. Algumas estavam tão assustadas que não queriam entrar no quarto. Entrei e sentei-me na cama. Mr. Fox fêz uma pergunta e ouvi distintamente a batida de que tinham falado. Notei que a cama tremeu quando se produziram

os sons.

O Hon. Robert Dale Owen (2),

2. Autor de "Footfalls on the Boundary of Another World" (1860) e "The Debatable Land" (1871).

membro do Congresso Norte Americano e antigo Ministro Americano em Nápoles, em sua narrativa oferece alguns detalhes adicionais, escritos depois de haver conversado com Mrs. Fox e suas filhas, Margaret e Catherine (Kate). Descrevendo a noite de 31 de março de 1848, diz êle, à página 287 de "Footfalls":

"Os pais haviam removido as camas das meninas para o seu quarto e as intimaram rigorosamente a não falar de ruídos, ainda mesmo quando os ouvissem. Mas assim que a mãe as viu acomodadas nos leitos e se preparava para repousar, as crianças gritaram: "Ei-los de novo!" A mãe ralhou com elas e deitou-se. Então os ruidos se tornaram cada vez mais altos e mais impressionantes. As mesmas sentaram-se na cama; Mrs. Foz chamou o marido.

Como a noite era de ventania, êle se capacitou de que deveriam ser estalos das persianas. Experimentou diversas, para ver se as taliscas estavam frouxas. A filha menor, Kate, observou que assim que o pai sacudia uma veneziana, o ruído como que o repetia. Sendo uma criança viva, e de certo modo acostumada ao que se estava passando, virou-se para o ponto de onde vinha o ruído, estalou os dedos e chamou: "Aqui, velho Pé-Rachado, faça o que faço!" O ruído respondeu instantaneamente. Isto foi precisamente o comêço.

Quem poderá dizer onde vai terminar? Mr. Mompesson, na cama com a sua filha, mais ou menos da idade de Kate, a quem, parece, o som acompanhava de preferência, "observou que, tamborilando, êle respondia a qualquer coisa que fôsse batida ou perguntada". Mas sua curiosidade não o levou mais longe. Não assim Kate Foz. Silenciosamente, uniu o polegar ao indicador, tentando obter uma resposta. Sim! Êle via, tanto quanto ouvia! Chamou a mãe.

"Olhe só, mamãe!" disse ela, unindo o polegar e o indicador, como antes. E tantas vêzes repetiu o movimento silencioso, quantas o ruído respondeu

No verão de 1848 Mr. David Fox, auxiliado por Mr. Henry Bush, Mr. Lyman Granger, de Rochester, e outros, retomou a escavação da adega. A uma profundidade de cinco pés

encontraram uma tábua; cavando mais, acharam carvão e cal e, finalmente, cabelos e ossos humanos, que foram declarados por um médico que testemunhava como pertencentes a esqueleto humano. Só cinqüenta e seis anos mais tarde foi feita uma descoberta que provou, acima de qualquer dúvida, que alguém realmente havia sido enterrado na adega da casa dos Fox.

Esta constatação aparece no Boston Journal — uma fôlha não espírita — de 23 de novembro de 1904, e está assim redigida:

"Rochester, N. Y., 22 de novembro de 1904: O esqueleto do homem que se supõe ter produzido as batidas, ouvidas inicialmente pelas irmãs Fox, em 1848, foi encontrado nas paredes da casa ocupada pelas irmãs e as exime de qualquer sombra de dúvida concernente à sua sinceridade na descoberta da comunicação dos Espíritos.

"As irmãs Fox haviam declarado que tinham aprendido a comunicar-se com o Espírito de um homem, e que êste lhes havia dito que tinha sido assassinado e enterrado na adega.

Repetidas escavações deixaram de localizar o corpo e, assim, oferecer prova positiva do que diziam.

"A descoberta foi feita por meninos de escola, que brincavam na adega da casa de Hydesville, conhecida como "A casa assombrada", onde as irmãs Fox tinham ouvido as batidas. William 2º. Hyde, respeitável cidadão de Clyde, e dono daquela casa, fêz investigações e encontrou um esqueleto humano quase completo entre a terra e os escombros das paredes da adega, sem dúvida pertencente àquele mascate que, segundo se dizia, tinha sido assassinado no quarto de leste da casa e cujo corpo tinha sido enterrado na adega.

Mr. Hyde avisou aos parentes das irmãs Foz e a noticia da descoberta será mandada à Ordem Nacional dos Espíritas, muitos dos quais se lembram de ter feito peregrinações à "Casa Encantada", como é chamada geralmente. O achado dos ossos pràticamente corrobora a declaração feita sob juramento por Margaret Foz, a 11 de abril de 1848".

Foi descoberta uma lata de mascate, bem como o foram os ossos. Essa lata é agora conservada em Lilydale, a sede central regional dos Espíritas Americanos, para onde foi transportada a velha casa de Hydesville.

Essas descobertas resolvem a questão de uma vez por tôdas e provam conclusivamente que houve um crime cometido na casa, e que êsse crime foi indicado por meios

psíquicos.

Quando se examinam os resultados das duas escavações, as circunstâncias podem ser restabelecidas. É claro que no primeiro caso o corpo foi enterrado com cal virgem no meio da adega. Depois o criminoso se alarmou pelo fato de ser o local muito exposto às suspeitas e desenterrou o corpo, ou parte do mesmo, e o enterrou sob a parede, onde ficaria mais fora da passagem. O serviço foi feito tão apressadamente ou com tão pouca luz, que alguns traços foram deixados, como vimos, da sepultura original.

Havia outras provas daquele crime? A fim de as encontrar temos que voltar ao depoimento de Lucretia Pulver, que serviu como empregada de Mr. e Mrs. Bell, ocupantes da casa quatro anos antes. Ela informa que o mascate veio para a casa e ali passou a noite com as suas mercadorias. Seus patrões lhe disseram que naquela noite podia ir para casa.

“Eu queria comprar apenas umas coisas do mascate, mas não tinha dinheiro comigo; êle disse que me procuraria em nossa casa na manhã seguinte e mas venderia. Nunca mais o vi.

Cêrca de três dias depois êles me procuraram para voltar. Assim, voltei...

Eu diria que êsse mascate de quem falei deveria ter uns trinta anos. Ouvi-o conversando com Mrs. Rell acêrca de sua família. Mrs. Rell me disse que era um velho conhecido dêles e que o tinha visto muitas vêzes antes disso. Uma noite, cêrca de uma semana depois, Mrs. Rell mandou-me a adega fechar a porta externa. Atravessando-a, caí perto do meio da adega.

Pareceu-me desnivelada e cavada naquela parte. Quando subi Mrs. Rell me perguntou porque havia gritado e eu lhe disse. Riu-se de meu susto e disse que só ali é quc os ratos tinham cavado o chão. Poucos dias depois Mr. Rell carregou uma porção de entulho para a adega, exatamente ánoite, e lá estêve trabalhando por algum tempo. Mrs. Rell me disse que êle estava tapando os buracos dos ratos.

"Pouco tempo depois Mrs. Rell me deu um dedal, que disse haver comprado do mascate.

Cerca de três meses depois eu a visitei e ela me disse que o mascate havia voltado e me mostrou outro dedal, que disse ter comprado a êle. Mostrou-me outras coisas que, disse, também, tinham sido compradas a êle."

Digna de registro é a declaração feita por uma tal Mrs. Lape, de que em 1847 tinha visto uma aparição naquela casa, e

que era de um homem de estatura mediana, que usava calças pardas e casaco e barrete pretos. Lucretia Pulver no depoimento afirmou que o mascate em vida usava casaco preto e calças claras.

Por outro lado, não devemos esquecer que Mr. Bel, que então ocupava a casa, não era um homem de caráter notório e fácil seria concordar que uma acusação inteiramente baseada numa prova psíquica seria incorreta e intolerável. Entretanto já se torna bem diferente quando as provas do crime foram descobertas, restando apenas provar quem era o inquilino naquela ocasião. O depoimento de Lucretia Pulver assume uma importância vital no que se refere a este caso.

Há um ou dois pontos que merecem discussão. O primeiro é que um homem com um nome tão notável como Charles B. Rosma jamais foi citado, apesar da publicidade que o caso mereceu. Então a coisa teria tido uma formidável objeção, embora, com os nossos conhecimentos atuais, possamos avaliar quanto é difícil nas mensagens ter os nomes corretos. Aparentemente um nome é puramente convencional e, como tal, muito diferente de uma idéia. Todo espírita praticante tem recebido mensagens corretas, associadas a nomes trocados. É possível que o nome verdadeiro fôsse Ross, ou mesmo Rosner, e que êsse êrro tivesse possibilitado a identificação. Além disso, é curioso que êle não soubesse que o seu corpo tinha sido removido do meio da adega para a parede, onde então foi encontrado.

Podemos apenas constatar o fato, sem o explicar.

Ainda mais, garantindo que as meninas eram os médiuns, e que a fôrça era retirada delas, como se produzia o fenômeno quando as mesmas se tinham ausentado de casa? A isto apenas é possível responder que, conquanto ao futuro coubesse demonstrar que na ocasião a fôrça emanasse das meninas, nem por isso deixaria de inundar a casa e de ficar à disposição da entidade manifestante, ao menos quando as meninas estivessem ausentes.

A família Fox estava sêriamente abalada com os acontecimentos; numa semana Mrs. Fox ficou grisalha. E como parecia que a coisa estivesse ligada às duas meninas, estas foram afastadas de casa. Mas em casa de seu irmão, David Fox, para onde foi Margaret, e na de sua irmã Leah, cujo nome de casada era Mrs. Fish, em Roehester, onde Kate estava hospedada, os mesmos ruídos eram ouvidos. Foram feitos todos os esforços para que o público ignorasse essas

manifestações; logo, porém, se tornaram conhecidos. Mrs. Fish, que era professôra de música, tornou-se incapaz de continuar as lições e centenas de pessoas enchiam a sua casa para ver as novas maravilhas. Deveria ter sido verificado se aquela fôrça era contagiosa ou se vinha descendo sôbre muitas pessoas independentemente de uma fonte comum. Assim, Mrs. Leah Fish, a irmã mais velha, a recebeu, embora em menor grau do que Kate e Margaret. Mas não se limitou por muito tempo à família Fox. Era como uma nuvem psíquica, descendo do alto e se mostrando nas pessoas susceptíveis. Sons idênticos foram ouvidos em casa do Reverendo A. 2º. Jervis, ministro metodista residente em Rochester. Poderosos fenômenos físicos irromperam na família do Diácono Hale, de Greece, cidade vizinha de Roehester. Pouco depois Mrs. Sarah A. Tamlin e Mrs. Benedict, de Auburn, desenvolveram notável mediunidade. Mr. Capron, o primeiro historiador dêsse movimento, descreve Mrs. Tamlin como uma das médiuns mais controláveis que jamais encontrou e diz que embora os sons ouvidos em sua presença não fôssem tão fortes quanto os da família Fox, as mensagens eram igualmente fidedignas.

Então e rapidamente, tornou-se evidente que essas fôrças invisíveis não estavam ligadas às meninas. Em vão a família orou, com os seus irmãos metodistas, esperando alívio. Em vão foram feitos exorcismos pelos padres de vários credos. Além de cobrir os "Améns" com batidas fortes, as presenças invisíveis não ligavam a êsses exercícios religiosos.

O perigo de seguir às cegas a orientação de um pretenso Espírito ficou patente poucos meses depois, nas vizinhanças de Rochester, onde um homem havia desaparecido em circunstâncias suspeitas. Um espírita fanático recebia mensagens pelas batidas, anunciando o seu assassinato. Estava sendo aberto um canal e foi ordenado à espôsa do desaparecido que entrasse por êle, o que quase lhe custou a vida. Alguns meses mais tarde o ausente apareceu: tinha fugido para o Canadá, para evitar uma prisão por dívida. Como bem se pode imaginar, isto foi um golpe no culto nascente. Então o público não entendeu aquilo que, mesmo agora, ainda é pouco compreendido: que a morte não opera mudanças no espírito humano, que abundam as entidades malévolas e brincalhonas e que o investigador deve utilizar os seus instintos e o seu bom senso a todo o instante. "Experimente os Espíritos a fim de os conhecer". No mesmo ano e no mesmo distrito a verdade dessa nova filosofia, por um lado, e suas

limitações e perigos, pelo outro, acentuaram-se ainda mais. Êsses perigos persistem. O homem ingênuo, o arrogante e enfatuado, o convencido, são sempre prêsa segura. Cada observador tem sido vítima de ciladas. O próprio autor teve a sua fé dolorosamente abalada por decepções até que algumas provas compensadoras lhe vieram assegurar que não era mais demoníaco nem mais admirável que inteligências desencarnadas fôssem mistificadoras, do que as mesmas inteligências revestidas de corpos humanos se divertissem da mesma maneira maluca.

O curso geral do movimento estava, então, mais amplo e mais importante. Já não era um assassinado que pedia justiça. Parece que o mascate havia sido usado como um prisioneiro e agora, achada uma saída e um método, miríades de inteligências formigavam às suas costas.

Isaac Post havia criado um método de deletrear pelas batidas, através do qual estavam chegando mensagens. Conforme estas, todo o sistema tinha sido inventado pelos artifícios de um bando de pensadores e inventores no plano do Espírito, entre os quais se destacava Benj amin Franklin, cuja inteligência viva e cujos conhecimentos sôbre eletricidade na vida terrena o qualificavam para tal empreendimento. Como quer que seja, o fato é que Rosna saiu do cartaz e as batidas inteligentes passaram a ser dadas pelos falecidos amigos dos investigadores que estavam preparados para tomar um sério interêsse no assunto e se reunir de modo reverente para receberem as mensagens. Que êles ainda viviam e ainda amavam, foi a mensagem constante do Além, acompanhada por muitas provas materiais, que confirmavam a fé vacilante dos novos aderentes ao movimento. Quando inquiridos sôbre os seus métodos de trabalho e as leis que os governavam, as respostas foram, de início, as mesmas de hoje: que se trata de um assunto relacionado com o magnetismo humano e espiritual; que alguns, ricamente dotados com essa propriedade física, eram médiuns; que êsse dom não se achava, necessàriamente, aliado à moralidade ou à inteligência; e que a condição de harmonia era especialmente necessária para assegurar bons resultados. Em setenta anos pouco mais aprendemos. E, depois de todos êsses anos, a lei primacial da harmonia é invariàvelmente quebrada nas chamadas sessões experimentais, cujos membros imaginam ter dado um cheque na filosofia, quando obtêm resultados negativos ou discordantes, ao passo que, atualmente, a

confirmam.

Numa das primeiras comunicações das Irmãs Fox foi afirmado que "as comunicações não se limitariam a elas; espalhar-se-iam pelo mundo". Em breve essa profecia se achou em bom caminho para a realização, pois essas novas fôrças e seus ulteriores desenvolvimentos, inclusive a visão e a audição dos Espíritos, e o movimento de objetos sem contacto, se manifestaram em muitos outros centros independentes da família Fox. Num lapso de tempo incrivelmente curto, com muitas excentricidades e fases de fanatismo, êle tinha varrido o Norte e o Leste dos Estados Unidos, sempre mostrando um núcleo sólido de fatos tangíveis, que, se ocasionalmente podiam ser simulados por impostores, sempre podiam ser verificados por investigadores honestos e isentos de idéias preconcebidas. Pondo de lado, momentaneamente, êsse largo desenvolvimento, continuemos a história dos círculos iniciais de Rochester.

As mensagens espíritas insistiam para que o pequeno grupo de pioneiros fizesse uma demonstração pública de seus poderes numa reunião pública, em Rochester — proposição que, naturalmente, encheu de espanto as duas desconfiadas meninas camponesas e os seus amigos. Tão irritados ficaram os Guias desencarnados pela oposição de seus agentes terrenos, que ameaçaram suspender completamente o movimento durante uma geração e o interromperam por algumas semanas. Ao cabo de pouco tempo as comunicações foram restabelecidas e os crentes, castigados durante aquêle intervalo, entregaram-se de corpo e alma nas mãos das fôrças externas, prometendo tudo fazer em benefício da causa. Não era coisa fácil. Uma parte do clero, notadamente o Ministro Metodista Reverendo A. 2º. Jervis, pôs. se ao seu lado; mas na sua maioria trovejaram do púlpito contra aquêles e a massa prontamente os apoiou na tarefa covarde de atacar os heréticos. A 14 de novembro de 1849 os espíritas realizaram a sua primeira reunião no Corinthian Hall, o maior auditórium disponível em Rochester. A assistência - registrê-mo-lo para sua honra — ouviu com atenção a exposição feita por Mr. Capron, de Auburn, o orador principal. Foi então escolhida uma comissão de cinco cidadãos representativos para examinar o assunto e fazer um relatório na noite seguinte, em nova reunião da assembléia. Tão certos estavam de que êsse relatório seria desfavorável que o Rochester Democrat, ao que se verificou, já tinha preparado o seu artigo de fundo, com o título:

“Exposição Completa da Mistificação das Batidas”. Entretanto o resultado obrigou o editor a sustá-lo. A comissão relatou que as batidas eram indubitàvelmente verdadeiras, embora a informação não fôsse inteiramente exata, isto é, embora as respostas às perguntas “nem fôssem tôdas certas, nem tôdas erradas”. Acrescentava que as batidas se produziam nas paredes, nas portas, a alguma distância das meninas, produzindo uma sensível vibração. “Não puderam encontrar nenhum processo pelo qual elas pudessem ser produzidas”.

Êsse relatório foi recebido pela assistência com sinais de desagrado, em conseqüência do que se formou uma segunda comissão, entre os descontentes. As investigações foram feitas no escritório de um advogado. Por qualquer motivo Kate estava ausente e só contaram com Mrs. Fish e Margaret. Nem por isso os ruídos deixaram de se manifestar como antes, muito embora o Doutor Langworthy tivesse estado presente para controlar a possibilidade de ventriloquia. O relatório final foi que os sons tinham sido ouvidos e uma investigação completa tinha mostrado que nem eram produzidos por máquina, nem pela ventriloquia, embora não tivessem podido determinar qual o agente que os teria produzido.”

Novamente a assistência devolveu o relatório à comissão, escolheu uma nova, entre os mais extremamente oponentes, um dos quais jurou que se não descobrisse qualquer truque ia atirar-se nas cataratas do Genesee. Sua inspeção foi minuciosa e brutal, e uma comissão de senhoras foi anexada à dos homens. Elas despiram as meninas, submetendo-as a investigações aflitivas e de modo brutal. Seus vestidos foram amarrados apertados nos corpos, e elas colocadas sôbre vidros e outros isolantes. A comissão se viu obrigada a referir que, “quando elas se acham de pé sôbre almofadas, com um lenço amarrado á borda de seus vestidos, amarradas pelas cadeiras. todos nós ouvimos as batidas distintas nas paredes e no soalho”. Por fim a comissão declarou que as suas perguntas, das quais algumas mentais, tinham sido respondidas corretamente.

Enquanto o público olhava o movimento como uma espécie de jõgo, estava preparado para ser tolerantemente divertido. Quando, porém, êsses relatórios sucessivos levaram a coisa para um ponto de vista mais sério, uma onda de indignação varreu a cidade, chegando a tal ponto que Mr. Wiletts, um valoroso quaker, na quarta assembléia pública, foi obrigado a declarar que “a corja de bandidos que pretendiam linchar as

moças poderia fazê-lo, mas depois de passar sôbre o seu cadáver". Houve um grande tumulto, as meninas foram salvas pelas portas do fundo e a razão e justiça foram abafadas pela fôrça e pela loucura. Então, como agora, a mente das criaturas estava tão atufada de coisas sem importância que não havia lugar para as coisas importantes. Mas a Sorte nunca tem pressa e o movimento continuou.

Muitos aceitaram as conclusões das sucessivas comissões como boas e, na verdade, é difícil ver como os fatos apontados poderiam ter sido mais severamente verificados. Ao mesmo tempo, êsse vinho novo, forte e fermentado começou a se derramar dos velhos odres onde havia sido pôsto, para excusável desgôsto do público.

Muitos centros discretos, sérios e religiosos estiveram durante algum tempo quase eclipsados por alguns energúmenos que se supunham em contacto com tôdas as excelsas entidades, dos Apóstolos para baixo, alguns até pretendendo receber o sôpro direto do Espírito Santo e emitindo mensagens que apenas deixavam de ser blasfemas por serem estúpidas e absurdas. Uma comunidade dêsses fanáticos, que se denominava "Círculo Apostólico da Gruta da Montanha" tornou-se notável por seu extremismo e pelo enorme material que fornecia aos inimigos da nova dispensação. A grande massa dos espíritas desaprovava êsses exageros, mas era incapaz de os coibir. Muitos fenômenos supra-normais bem constatados vieram confortar o desânimo dos que se deixavam vencer pelos excessos dos fanáticos. Numa ocasião, o que é muito convincente e vem a propósito, dois grupos de investigadores, em salas separadas, em Rochester, a 20 de fevereiro de 1850, receberam a mesma mensagem simultâneamente de uma certa fôrça central que se dizia Benjamin Franklin. Essa dupla mensagem estava assim concebida:

"Haverá grandes mudanças no século dezenove. Coisas que, atualmente parecem obscuras e misteriosas para vocês, tornar-se-ão claras aos seus olhos. Os mistérios vão ser revelados. O mundo será esclarecido". Devemos admitir que até agora só parcialmente foi realizada e, ao mesmo tempo, devemos concordar que, salvo notáveis exceções, as predições feitas pelos Espíritos não se fizeram notar por sua exatidão, especialmente no que concerne ao fator tempo.

Muitas vêzes levantou-se a questão: "Qual o objetivo de tão estranho movimento naquela época especial, admitindo que êle seja tudo aquilo que pretende ser?" O Governador Tallmadge,

ilustre Senador dos Estados Unidos, foi um dos primeiros adeptos do novo culto, deixou notas de que fêz aquela pergunta em duas ocasiões diferentes, em dois anos diversos e através de médiuns diversos. Em ambos os casos a resposta foi idêntica. A primeira dizia: "É para conduzir a humanidade em harmonia e para convencer os cépticos da imortalidade da alma". A segunda dizia: "É para unir a humanidade e convencer as mentes cépticas da imortalidade da alma". Certamente não é esta uma ambição ignóbil e não justifica aquêles ataques mesquinhos e violentos de ministros e dos menos avançados de seu rebanho, que os espíritas têm suportado até os nossos dias. A primeira metade da definição é particularmente importante, porque é possível que os resultados finais dêste movimento sejam unir a religião numa base comum tão forte e, na verdade, tão auto-suficiente, que as rusgas que hoje separam as Igrejas sejam vistas em suas verdadeiras proporções e, então, serão varridas ou superadas. Poder-se-ia mesmo esperar que tal movimento poderia espalhar-se além dos limites do Cristianismo e derrubar algumas das barreiras que se erguem entre os vários grupos humanos.

De tempos em tempos foram feitas tentativas para expor os fenômenos. Em fevereiro de 1851 o Doutor Austin Flint, o Doutor Charles A. Lee, e o Doutor C. B. Coventry, da Universidade de Buffalo, publicaram um trabalho (3)

3. Capron: "Modern Spiritualism, etc." páginas 310-313.

mostrando com satisfação que os ruídos verificados em presença das Irmãs Fox eram causados por estalos das juntas dos joelhos. Isto provocou uma resposta característica na imprensa, assinada por Mrs. Fish e Margaret Fox, assim dirigida aos três autores:

"Como não desejamos ficar sob a imputação de impostoras, estamos dispostas a submeter-nos a uma adequada e decente investigação, desde que possamos escolher três senhores e três senhoras de nossa amizade, que estejam presentes aos trabalhos. Podemos assegurar ao público que ninguém está mais interessado do que nós na descoberta da origem dessas misteriosas manifestações. Se elas podem ser explicadas pelos princípios de anatomia ou de fisiologia, cabe ao mundo fazer a sua investigação e que seja descoberta a mistificação. Como parece haver muito interêsse manifestado pelo público

sôbre êsse assunto, quanto mais cedo fôr convenientemente esclarecido, mais depressa a investigação será aceita pelas abaixo-assinadas.

ANN L. FISH
MARGARET FOX"

A investigação foi feita, mas os resultados foram negativos. Numa nota em apêndice ao relatório do doutor, publicado no New York Tribune, o editor Horace Greeley observa:

"Como foi noticiado em nossas colunas, os doutôres começaram admitindo que a origem das batidas deveria ser física e sua causa primeira uma volição das senhoras referidas ou em duas palavras, que essas senhoras eram "as impostoras de Rochester". Assim, êles aparecem neste caso como perseguidores numa acusação e devem ter escolhido outras pessoas como jurados e repórteres de um crime... É muito provável que tenhamos uma outra versão da história".

Muitos testemunhos logo apareceram em favor das Irmãs Fox, de modo que o único efeito da "exposição" do professor foi redobrar o interêsse público pelas manifestações.

Houve também a suposta confissão de Mrs. Norman Culver, que depôs a 17 de abril de 1851, dizendo que Kate Fox lhe havia revelado todo o segrêdo de como eram praticadas as batidas. Era uma pura invenção e Mr. Capron publicou uma esmagadora resposta, mostrando que na data em que Catherine Fox havia supostamente feito aquela confissão a Mrs. Culver, estava em sua casa, a setenta milhas de distância.

Mrs. Fox e suas três filhas iniciaram as sessões públicas em New York na primavera de 1850, no Hotel Barnum, e atraíram muitos curiosos. A imprensa foi quase unânime em as denunciar. Uma brilhante exceção foi constituída pelo já citado Horace Greeley, que escreveu um artigo em seu jornal, com as próprias iniciais, parte do qual se acha adiante, no Apêndice.

Depois de sua volta a Rochester, a família Fox fêz um giro pelos Estados do Oeste e, então, fizeram uma segunda visita a New York, onde despertaram o mesmo interêsse público. Tinham obedecido às ordens dos Espíritos para a propagação dessas verdades no mundo, e a nova era que tinha sido anunciada estava aberta oficialmente. Quando se lêem os minuciosos relatos dessas sessões americanas e se considera a fôrça mental dos seus assistentes, é interessante pensar quanto o povo, enriquecido pelos preconceitos, é tão crédulo

que imagina que tudo aquilo não passa de mistificação. Naqueles dias foi demonstrada uma coragem moral muito conspícua e que vem faltando desde que as fôrças reacionárias da ciência e da religião se combinaram para sufocar o novo conhecimento e apresentá-lo como perigoso para os seus professôres. Assim, numa única sessão em New York, em 1850, encontramos reunidos em tôrno da mesma o Reverendo Doutor Griswold, o novelista Fenimore Cooper, o historiador Bancroft, o Reverendo Doutor Hawks, o Doutor J. W. Francis, o dr - Marcy, o poeta quaker Willis, o poeta Bryant, Bigelow, redator do Evening Post, e o General Lyman. Todos êstes ficaram satisfeitos com os fatos, cujo relato diz:

"As maneiras e a conduta das senhoras (isto é, das Irmãs Fox) são tais que criam uma predisposição em seu favor". Desde então o mundo cavou e inventou terríveis engenhos de guerra. Mas poderíamos dizer que tenha avançado no conhecimento espiritual ou no respeito ao invisível? Sob a orientação do materialismo, tem seguido um caminho errado e cada vez se torna mais claro que o povo se encontra no dilema de voltar ou morrer.

5
A Carreira das Irmãs Fox

POR amor à continuidade, a história subseqüente das Irmãs Fox agora será dada após os acontecimentos de Hydesville. É uma história notável, embora dolorosa para os Espíritas; mas encerram êsses fatos uma lição, pelo que devem ser registrados fielmente. Quando os homens aspiram a verdade honestamente e de todo o coração, não há acontecimentos que os envergonhem ou que não encontrem um lugar no seu programa.

Durante alguns anos as duas irmãs mais novas, Kate e Margaret, fizeram sessões em New York e em outros lugares, triunfando em cada ensaio a que eram submetidas. Horace Greeley, posteriormente candidato à presidência dos Estados Unidos, conforme já o demonstramos, achava-se profundamente interessado por elas e convencido de sua honestidade. Diz-se que forneceu elementos para que a mais nova completasse a sua educação muito imperfeita.

Durante êsses atos de mediunidade pública, quando as moças faziam furor, tanto entre as pessoas que não tinham a menor idéia do significado religioso dessa nova revelação, quanto entre aquêles cujo interêsse estava na esperança de vantagens materiais, as irmãs estiveram expostas às enervantes influências das sessões promíscuas e de tal maneira que nenhum espírita avisado justificaria. Então os perigos de tais práticas não eram tão notados quanto agora, nem ao povo ocorria que não era possível que Espíritos elevados baixassem à Terra para dar conselhos acêrca das ações das estradas de ferro ou soluções para os casos amorosos. A ignorância era universal e não havia mentores à testa dêsses pobres pioneiros para lhes indicar um caminho mais elevado e mais seguro. O pior de tudo é que as suas energias esgotadas eram renovadas com a oferta de vinho, num momento em que, pelo menos uma delas, era pouco mais do que uma criança. Dizia-se que havia uma certa predisposição hereditária para o alcoolismo; mas, mesmo sem essa marca, o seu procedimento e modo de vida era ousado ao extremo. Contra sua formação moral jamais houve qualquer suspeita, mas elas tinham enveredado por um caminho que conduz à degeneração da mente e do caráter, muito embora só muitos anos mais tarde se tivessem manifestado os mais sérios efeitos.

Pode-se fazer uma idéia da pressão exercida então sôbre as Irmãs Fox pela descrição que Mrs. Hardinge Britten (1)

1. Autobiography, página 40.

nos faz de suas próprias observações. Ela fala de uma "parada no primeiro andar, para ouvir a pobre e paciente Kate Fox, em meio a uma multidão de investigadores curiosos e murmurantes, a repetir, hora após hora, as letras do alfabeto, enquanto que Espíritos não menos pobres e pacientes batiam nomes, idades e datas adequadas a cada visitante". Será para admirar que as môças, com a vitalidade gasta, sem a bela e vigilante influência materna, solicitadas por inimigos, sucumbissem a uma crescente tentação no sentido dos estimulantes?

Uma luz notável se faz para Margaret, durante êsse período, num curioso livrinho — "As Cartas de Amor, do Doutor Elisha Kane". Foi em 1852 que o Doutor Kane, mais tarde famoso explorador do Oceano Glacial Ártico, encontrou Margaret Fox, então uma jovem muito bonita e atraente. A ela Kane escreveu aquelas cartas de amor, que representam um dos mais curiosos amôres na literatura. Elisha Kane, como o seu prenome indica, era de origem puritana; e os Puritanos, com o seu ponto de vista que a Bíblia representa absolutamente a última palavra como inspiração espiritual, e que êles entendem o que essa última palavra significa, são por instinto antagonistas do novo culto que se propõe mostrar que novas fontes e novas interpretações ainda são possíveis.

Era, também, médico. E a profissão de médico é, simultâneamente, a mais nobre e a mais cinicamente incrédula do mundo. Para começar, Kane se convenceu de que a jovem estava envolvida em fraude e criou a teoria de que sua irmã mais velha, Leah, visando fins lucrativos, estava explorando a fraude. O fato de, pouco depois, Leah haver-se casado com um homem rico, chamado Underhill, magnata de seguros em Wall Street, parece que não modificou o ponto de vista de Kane, quanto à sua avidez por lucros ilícitos. O médico tomou-se de estreita amizade por Margaret, colocou-a sob as vistas de sua própria tia, a fim de a educar, enquanto se ausentava para o Oceano Ártico, e finalmente casou-se com ela sob uma espécie de casamento muito curioso, que era a lei Gretna Green, ao que parece, então vigente. Morreu pouco depois, em 1857, e a viuva, então se assinando Mrs. Fox-Kane, abjurou os fenômenos por algum tempo e foi recebida na Igreja Católica Romana.

Nessas cartas Kane censura continuamente a Margaret por

viver em êrro e hipocrisia. Restam poucas cartas de Margaret, de modo que não é possível saber até onde se defendeu.

Conquanto não espírita, diz o compilador do livro: "Pobre moças! Com a sua simplicidade, timidez e ingenuidade, não poderia, ainda que tivesse inclinação, ter praticado a menor falcatrua com qualquer possibilidade de sucesso". É um testemunho de valor, de vez que o compilador naturalmente estêve em estreitas ligações com pessoas relacionadas com o assunto. O próprio Kane, escrevendo à mais môça, Kate, diz: "Tome o meu conselho e jamais fale de Espíritos, quer aos íntimos, quer aos estranhos. Você sabe que com tôda a intimidade com Maggie, depois de um mês inteiro de tentativas, dêles nada pude obter. Assim, êles constituem um grande mistério."

Considerando suas íntimas relações e que Margaret claramente ofereceu a Kane tôdas as provas de sua fôrça, é inconcebível que um médico experiente admitisse que depois de um mês nada teria podido fazer, caso o fenômeno fôsse um simples estalo de uma articulação.

Nessas cartas não se podem encontrar indícios de fraude, mas amplas provas de que as duas môças, Margaret e Kate, não tinham a mais leve idéia de ligação religiosa com essas fôrças, ou das graves responsabilidades da mediunidade e de que faziam mau uso de seus dons no sentido de dar indicações a todo o mundo, receber uma assistência promíscua e responder a perguntas frívolas ou jocosas. Não era surprêsa para nenhum espírita experimentado que, em tais circunstâncias, tanto o seu caráter quanto as suas fôrças estivessem tão estragados. Não podiam dar coisa melhor. E tanto a sua idade quanto a sua ignorância as escusam.

Para compreender a sua situação, é preciso lembrar que eram pouco mais que crianças, pouco educadas e quase ignorantes da filosofia do assunto. Quando um homem como o Doutor Kane assegurava a Margaret que aquilo era um grave êrro, apenas repetia o que lhe entrava pelos ouvidos em tôda a parte, inclusive de metade dos púlpitos de New York.

Provavelmente tinha ela uma sensação desagradável de estar errada, sem ao menos saber por que, e isto, possivelmente, depõe em seu favor, por não se mostrar magoada por suas suspeitas. Na verdade podemos admitir que, no fundo, Kane estivesse certo e que os processos fôssem, por certo modo, injustificáveis. Naquela época elas próprias eram incorruptíveis; e se tivessem usado os seus dons como D. D.

Home, sem relação com as coisas mundanas, e apenas com o propósito de provar a imortalidade da alma e consolar os aflitos, então, sim, elas se teriam colocado acima da crítica. Ele estava errado quando duvidava de seus dons, mas certo quando encarava como suspeitas certas maneiras de os utilizar.

Como quer que seja, a posição de Kane é irremediàvelmente ilógica. Êle desfrutava da maior intimidade e afeição da mãe e das duas môças, muito embora, se as palavras têm algum sentido, êle as julgasse embusteiras, que viviam da credulidade pública. "Beije a Katie por mim", diz êle; e continuamente manda saudades a mãe.

Moças como eram, já havia da parte dêle a suspeita do perigo do alcoolismo, a que se achariam expostas mais tarde e naquela promiscuidade. "Diga a Katie que não tome champanha e você siga o mesmo conselho", dizia de. Era um conselho bom, e teria sido melhor para elas e para o movimento espírita se ambas o tivessem seguido. Novamente, porém, há que recordar a sua mocidade inexperiente e as constantes tentações.

Kane era uma curiosa mistura de herói e de bôbo. As batidas dos Espíritos, não apoiadas por qualquer sanção religiosa ou científica, vinda posteriormente, era uma baixeza, uma superstição de ignorantes e êle, um homem de reputação, iria cassar-se com um espírito-batedor? Nisto êle vacilou extraordinàriamente, começando uma carta pedindo para ser o seu irmão e terminando por lhe recordar os mais cálidos beijos. "Agora que você me deu o seu coração, eu serei o seu irmão", diz êle. Tinha uma veia de superstição, que o percorria todo e que estava muito abaixo da credulidade que atribui aos outros. Freqüentemente alude ao fato de possuir um poder divinatório pelo simples levantar da mão direita, coisa que havia aprendido "de um feiticeiro nas Índias". Por vêzes tanto é pretensioso. quanto tolo. "Até á mesa de jantar do presidente eu pensava em você". E mais adiante: "Você nunca poderia atingir os meus pensamentos e o meu objetivo. Eu nunca poderia descer até os seus". Na verdade, as poucas citações de suas cartas mostram uma mente inteligente e simpática.

Ao menos em uma ocasião encontramos Kane procurando decepcioná-la e ela combatendo a idéia.

Quatro pontos fixos podem ser estabelecidos nessas cartas:

1. Que Kane pensava de modo vago que houvesse

falcatrua.

2. Que nos anos de sua maior intimidade ela jamais o admitiu.

3. Que êle jamais pôde sugerir em que consistia a falcatrua.

4. Que ela empregou as suas fôrças de maneira que os espíritas sérios deploram.

Na verdade não sabia ela mais sôbre a natureza dessas fôrças do que os que a rodeavam.

Diz o escritor: "Ela dizia sempre que nunca tinha realmente acreditado que as batidas fôssem obra de Espíritos, mas pensava que nisso havia uma relação com certas leis ocultas da natureza". Esta foi a sua atitude posterior na vida, pois em sua ficha profissional dizia que o povo devia por si mesmo julgar da natureza de suas fôrças.

É natural que aquêles que falam do perigo da mediunidade e, particularmente, da mediunidade de efeitos físicos, deveriam apontar como exemplo as Irmãs Fox. Mas o seu caso não deve ser exagerado. Em 1871, depois de mais de vinte anos de trabalho exaustivo, ainda as encontramos recebendo entusiástico apoio e admiração de muitos homens e senhoras importantes da época. Só depois de quarenta anos de trabalhos públicos é que se manifestaram condições adversas em suas vidas. Assim, sem entrar na apreciação do que há de censurável, proclamamos que dificilmente o seu comportamento justificaria aqueles que consideram a mediunidade como uma profissão que degrada a alma.

Foi em 1871 que, graças à generosidade de Mr. Charles F. Livermore, eminente banqueiro de New York, Kate Fox visitou a Inglaterra. Era um sinal da gratidão do banqueiro pela consolação que havia recebido de sua fôrça maravilhosa e um apoio para o progresso do Espiritismo. Êle proveu tõdas as suas necessidades e assim evitou que ela tivesse de recorrer ao trabalho remunerado. Também providenciou para que ela viesse acompanhada por uma senhora com quem tinha afinidade.

Numa carta a Mr. Benjamin Coleman (2),

2. The Spiritual Magazine, 1871, páginas 525-6.

conhecido trabalhador do movimento espírita, assim se exprime Mr. Livermore:

"Vista de um modo geral, Mrs. Foz é, sem a menor dúvida, o mais maravilhoso médium vivo. Seu caráter é irrepreensível e

puro. Recebi, através de seus poderes mediúnicos, durante os últimos dez anos, tanta coisa consoladora, instrutiva e fulminante, que me sinto muitíssimo obrigado e desejo cercá-la de todos os cuidados enquanto ausente de casa e dos amigos."

Suas observações posteriores como que encerram um pressentimento dos últimos tristes acontecimentos de sua vida:

"Para que você compreenda melhor as suas idiossincrasias, permita-me explicar que ela é uma sensitiva da mais alta classe e de uma simplicidade infantil; ela sente intensamente a atmosfera de cada criatura com quem se põe em contacto e a tal ponto que por vêzes fica excessivamente nervosa e aparentemente caprichosa.

"Por essas razões eu a preveni para que não participasse de sessões no escuro, evitasse a irritação proveniente da suspeita dos cépticos, dos simples curiosos e dos apreciadores do maravilhoso.

"A perfeição das manifestações que se podem obter por seu intermédio depende do seu ambiente e, na medida de sua relação ou simpatia com os outros, parece receber a força espiritual. As comunicações por seu intermédio são muito notáveis e me têm chegado com freqüência de minha espôsa (Estelle) em perfeito francês, e às vêzes em espanhol e italiano, muito embora ela desconheça êsses idiomas. Você compreende isto; mas essas explicações serão necessárias para outros. Como disse, ela não fará sessões como profissional. Assim espero que ela fará todo o bem possível em favor da grande verdade de um modo suave, enquanto se encontra na Inglaterra".

Mr. Coleman, que tinha estado numa sessão com ela em New York, disse haver recebido uma das maiores provas de identidade de Espírito jamais verificada em sua experiência de dezessete anos. Mr. Cromwell F. Varley, o eletricista que lançou o cabo submarino do Atlântico, em sua prova perante a Sociedade Dialética de Londres, em 1869, falou de interessantes experiências sôbre eletricidade, que êle realizou com êsse médium.

A visita de Kate Fox à Inglaterra evidentemente foi considerada como uma missão, pois encontramos Mr. Coleman aconselhando-a a admitir apenas como assistentes pessoas que não temessem a publicação de seus nomes como testemunhas de fatos a que tivessem presenciado. Esse critério parece ter sido adotado até certo ponto, pois foram conservados muitos testemunhos de suas faculdades, entre outras pessoas, do Professor William Crookes, de Mr. S. C.

Hall, de Mr. W. H. Harrison, editor do The Spiritmtalist, de Miss Rosamund Dale Owen, posteriormente espõsa de Laurence Oliphant, e do Reverendo John Page Hopáginass.

A recém-chegada iniciou suas sessões logo depois de seu desembarque. Numa das primeiras, a 24 de novembro de 1871, um representante de The Times estêve presente e publicou um relato da sessão, realizada em conjunto com D. D. Home, grande amigo do médium. Isto se lê num artigo sob o título "Espiritismo e Ciência", que ocupou três colunas e meia em tipo saliente. O representante de The Timnes diz que Miss Fox o levou até a porta da sala, convidou-o a ficar de pé a seu lado e segurar-lhe as mãos, o que êle fêz, "quando foram ouvidos fortes golpes, que pareciam vir das paredes e como se fôssem dados com os punhos.

Os golpes eram repetidos, a pedido nosso, qualquer número de vezes". Contou haver experimentado todos os ensaios de que se havia lembrado e que tanto Miss Fox quanto Mr. Home lhe haviam dado tôdas as oportunidades para exame e que os seus pés e suas mãos estavam presos.

Num artigo de fundo sôbre o relatório acima referido e numa correspondência decorrente, o Times de 6 de janeiro de 1873 declarou que não era o caso para um inquérito científico:

"Muitos leitores sensíveis, segundo pensamos, julgarão que lhes devemos uma satisfação por termos aberto as nossas colunas a uma controvérsia para um assunto como é o Espiritismo, assim o considerando como uma questão aberta ou suscetível de discussão, e que esta deveria antes ser relegada como uma impostura ou como uma ilusão. Entretanto, mesmo uma impostura deve reclamar um desmascaramento e as ilusões populares, mesmo que absurdas, são por vêzes bastante importantes para não serem desprezadas pela parte mais sábia da humanidade... Há realmente algo, como diziam os advogados, que mereça um julgamento? Bem; por um lado temos abundância de supostas experiências, que dificilmente poderiam ser chamadas provas e uns poucos testemunhos de um caráter mais notável e impressionante. Por outro lado, temos muitas histórias de impostores confessos e muitos relatos autênticos dêsses desmascaramentos e descobertas, como era de esperar.

A 14 de dezembro de 1872 Miss Fox casou-se com Mr. H. D. Jencken, um advogado londrino, autor de um "Compêndio de Direito Romano Moderno", etc., e secretário geral honorário da Associação para a Reforma e Codificação do Direito Interna-

cional. Foi êle um dos primeiros espíritas da Inglaterra.

Relatando a cerimônia, diz The Spiritualist que a população dos espíritos participou da cerimônia, pois no almôço de gala, fortes batidas foram ouvidas em várias paredes da sala e a mesa, sôbre a qual se achava o bôlo nupcial, foi repetidamente levantada do solo.

Uma testemunha de vista informa que Mrs. Kate Fox-Jencken, como passou ela a ser conhecida, e seu marido na era dos setenta encontravam-se em bons meios sociais de Londres. Seus trabalhos eram muitíssimo procurados pelos investigadores.

John Page Hopáginass a descreve então como "uma criatura pequena, franzina, muito inteligente, mas de um sorriso tolo; maneiras finas e delicadas e um suave prazer nas suas experiências, que afastavam o mais leve traço de convencimento ou de afetação de mistério".

Sua mediunidade consistia principalmente de batidas —por vêzes muito fortes — de luzes espirituais, de escrita direta e da aparência de mãos materializadas. As materializações completas, que ocasionalmente se verificaram em suas sessões na América, foram raras na Inglaterra. Algumas vêzes objetos na sala das sessões foram deslocados pelos Espíritos e nalguns casos trazidos de fora, de uma outra sala.

Foi mais ou menos por êsse tempo que o Professor Williani Crookes fêz um inquérito sôbre os poderes da médium e publicou uma sincera declaração que veremos adiante, quando tratarmos dos primeiros contactos de Crookes com o Espiritismo. Essas cuidadosas observações mostram que as batidas constituíam uma pequena parte da fôrça psíquica de Kate Fox e que se podiam ser adequadamente explicadas por meios normais, ainda nos deixavam envoltos no mistério. Assim relata Crookes, quando as únicas pessoas presentes eram êle, sua senhora, uma parenta e Miss Fox:

"Eu segurava ambas as mãos da médium numa das minhas, enquanto seus pés estavam sôbre os meus. Havia papel sôbre a mesa em nossa frente e eu tinha um lápis na mão livre.

"Uma luminosa mão desceu do alto da sala e, depois de oscilar perto de mim durante alguns segundos, tomou o lápis de minha mão e escreveu rapidamente numa fôlha de papel, largou o lápis e ergueu-se sôbre as nossas cabeças, dissolvendo-se gradativamente na escuridão."

Muitos outros observadores descrevem fenômenos similares com o mesmo médium em várias ocasiões.

Uma fase muito extraordinária da mediunidade de Mrs. Fox-Jencken foi a produção de substâncias luminosas. Na presença de Mrs. MacDougdall Gregory, de Mr. W. H. Harrison, diretor de um jornal londrino e de outras pessoas, apareceu uma mão, com algum material fosforescente, de cêrca de quatro polegadas quadradas, com o qual houve uma batida no chão e um toque na face de um dos assistentes (3).

3. The Spiritualist, volume 8º, página 299.

Verificou-se que era uma luz fria. Miss Rosamund Dale Owen, relatando o fenômeno (4),

4. Liglit, 1884, página 170.

descreve os objetos como "cristais iluminados" e diz que não tinha visto uma materialização que desse uma sensação tão real da proximidade de um Espírito quanto essas luzes graciosas. O autor pode corroborar o fato de que essas luzes são geralmente frias, pois, em certa ocasião, com outro médium, uma luz semelhante lhe tocou a face. Miss Owen também fala de livros e outros pequenos objetos transportados e de uma pesada caixa de música de cêrca de vinte e cinco libras, que foi retirada de um console. A peculiaridade dêsse instrumento é que estava desarranjado há meses e não pôde ser tocado enquanto as fôrças invisíveis não o consertaram e o puseram em movimento.

A mediunidade de Mrs. Jencken se mesclava em todos os atos de sua vida diária. Diz o Professor Butlerof que, quando fêz uma visita matinal ao casal, em companhia de Mr. Aksakof, ouviu batidas no soalho. Passando uma tarde em casa dos Jencken, diz que as batidas foram numerosas durante o chá. Também conta Miss Rosamund Dale Owen (5)

5. Light, 1884, página 39.

que certa vez, estando a médium na rua, com duas senhoras, em frente a uma vitrina, as batidas se misturaram na conversa e o chão vibrava a seus pés. Diz até que as batidas eram tão altas que atraíam a atenção dos transeuntes. Mr. Jencken relata muitos casos de fenômenos espontâneos, em sua vida doméstica.

Os detalhes das sessões do médium poderiam encher um

volume. Mas, com exceção de um último caso, devemos contentar-nos com a opinião do Professor Butlerof, da Universidade de São Petersburgo que, depois de investigar os seus poderes em Londres, escreveu em The Spiritualist, de 4 de fevereiro de 1876:

"De tudo quanto me foi possível observar em presença de Mrs. Jencken, sou levado à conclusão de que os fenômenos peculiares a êsse médium são de natureza fortemente objetiva e convincente e que, penso, seriam suficientes para levar o mais pronunciado céptico, desde que honesto, a rejeitar a ventriloquia, a ação muscular e semelhantes explicações dos fenômenos".

Mr. H. D. Jencken morreu em 1881 e sua viúva ficou com dois filhos. Êsses mostraram maravilhosa mediunidade em tenra idade, cujo registro se encontra em escritos da época (6).

6. Tire Spiritualist, Volume 4º, página 138; volume 7º, página 66.

Mr. S. C. Hall, conhecido homem de letras e destacado espírita, descreve (7)

7. Light, 1882, página 239-40.

uma sessão em sua casa, em Kensington, no dia de seu aniversário, a 9 de maio de 1882, na qual a sua defunta espôsa se manifestou:

"Muitas mensagens interessantes e comoventes me chegaram através da escrita normal de Mrs. Jencken. Tinham pedido que apagássemos as luzes. Então começou uma porção de manifestações, como raramente tenho visto e mais raramente ultrapassadas... Tomei uma campainha de sôbre uma mesa e fiquei com ela na mão. Senti que outra mão a tomava e a tocava por tôda parte na sala, durante cerca de cinco minutos. Então coloquei um acordeon debaixo da mesa, de onde foi retirado e, a uma distância de três ou quatro pés da mesa à qual estávamos sentados, tocaram umas canções. O acordeon estava sendo tocado e a campainha agitada em diversas partes da sala quando duas velas foram acesas à mesa.

Assim, não era aquilo que se chama uma sessão às escuras, embora ocasionalmente as luzes fossem apagadas. Durante todo o tempo Mr. Stack segurava uma das mãos de Mrs. Jencken e eu segurava a outra — cada um dizendo de vez

em quando: “Tenho em minha mão a mão de Mrs. Jencken”.

“Cerca de cinqüenta amores-perfeitos foram colocados a minha frente, numa fôlha de papel. Pela manhã eu havia recebido de uma amiga alguns amores-perfeitos, mas o vaso onde tinham sido colocados não se achava na sala da sessão. Mandei examiná-lo e estava intacto. Naquilo que se denomina “escrita direta” encontrei as seguintes palavras, escritas a lápis com letra miudinha, numa fôlha de papel que estava á minha frente: “Eu lhe trouxe minha prova de amor. Numa sessão, dias antes. já com Mrs. Jencken, eu tinha recebido a seguinte mensagem:

“Pelo seu aniversário trarei uma prova de amor

Acrescenta Mr. Hall que havia marcado a fôlha de papel com as suas iniciais e, como uma preocupação a mais, tinha dobrado um dos cantos de certa maneira que pudesse reconhecê-la.

É evidente que Mr. Hall ficou muito impressionado com o que viu. Escreve êle: “Testemunhei e registrei muitas manifestações maravilhosas. Duvido que tenha assistido a alguma mais convincente do que esta e, certamente, nenhuma mais refinada; nenhuma que desse mais conclusiva demonstração de que só Espíritos puros, bons e santos se manifestavam”. Confessa que consentiu em ser o “banqueiro” de Mrs. Jencken, possivelmente para prover a educação de seus dois filhos. Em vista do que aconteceu posteriormente a êsse tão dotado médium, há um triste interêsse em suas palavras finais:

“Tenho uma confiança, uma quase certeza de que em todos os sentidos, ela agirá de maneira a aumentar e não a diminuir, a sua fôrça como médium, enquanto retiver a amizade e a confiança de muitos que a consideram do mesmo modo — de vez que a causa é a mesma — por que a Nova Igreja considera a Emmanuel Swedenborg, e os Metodistas consideram a John Wesley. Sem a menor dúvida os Espíritos devem a essa senhora um grande reconhecimento pelas confortadoras revelações de que, em grande parte, foi ela o instrumento escolhido pela Providência.

Fizemos êste relato com certa minúcia porque mostra que os dons da médium eram então de uma ordem muito elevada e poderosa. Poucos anos antes, numa sessão em sua casa, a 14 de dezembro de 1873, primeiro aniversário de seu casamento, uma mensagem espírita por batidas dizia assim: Quando as sombras caírem sôbre você, pense no lado mais luminoso”.

Era uma mensagem profética, pois o fim de sua vida foi ape-

nas de sombras.

Margaret (Mrs. Fox-Kane) tinha se juntado à irmã Kate na Inglaterra em 1876 e permaneceram juntas por alguns anos, até que ocorreu o lamentável incidente que deve ser analisado agora. Parece que houve uma discussão amarga entre a irmã mais velha, Leah (então Mrs. Underhill) e as duas mais moças. É provável que Leah tivesse sabido que havia então uma tendência para o alcoolismo e tivesse feito uma intervenção com mais fõrça do que tato... Alguns espíritas também interferiram e deixaram as duas irmãs meio furiosas, pois tinha sido sugerido que os dois filhos de Kate fôssem separados dela.

Procurando uma arma — uma arma qualquer — com a qual pudessem ferir aquêles a quem tanto odiavam, parece que lhes ocorreu — ou, de acôrdo com seu depoimento posterior, que lhes foi sugerido sob promessa de vantagens pecuniárias — que se elas injuriassem todo o culto, confessando que fraudavam, iriam ferir a Leah e a todos os confrades no que tinham de mais sensível. Ao paroxismo da excitação alcoólica e da raiva juntou-se o fanatismo religioso, pois Margaret tinha sido instruída por alguns dos principais Espíritos da Igreja de Roma, e convencida — como também ocorreu conforme durante algum tempo — que suas próprias fôrças eram maléficas. Ela se refere ao Cardeal Manning como tendo-a influenciado neste sentido, mas tal declaração não pode ser levada muito a sério. De qualquer modo, tôdas essas causas combinadas a reduziram a um estado vizinho da loucura.

Antes de deixar Londres escreveu ao New York Herald denunciando o culto, mas sustentando numa frase que as batidas "eram a única parte dos fenômenos digna de registro". Chegando a New York onde, conforme sua subseqüente informação, deveria receber certa quantia pela sensacional declaração prometida ao jornal, teve uma verdadeira explosão de ódio contra sua irmã mais velha.

É um curioso estudo psicológico e, também, curiosa a atitude mental do povo, imaginar que as declarações de uma mulher descontrolada, agindo sob o império do ódio, mas, também — como ela própria o confessou — na esperança de recompensa em dinheiro, pudesse prejudicar uma investigação criteriosa de uma geração de observadores.

Não obstante, temos que considerar o fato de que então ela produz batidas ou dá lugar a que estas se produzam, numa sessão subseqüente na Academia de Música de New York. Deve ser levado em conta que em tão grande auditório seria

impossível qualquer ruído antecipadamente preparado para ser atribuído ao médium. Mais importante é a prova dada a um redator do Herald, em sessão particular, que êle assim relata:

"Primeiro ouvi uma batida no solo, perto de meus pés, depois debaixo da mesa, ante a qual estava sentado. Eki me levou á porta e ouvi o mesmo som se produzir do outro lado. Então, quando ela se sentou ao piano, o instrumento vibrou mais alto e as batidas ressoaram em sua caixa.

Este relato deixa claro que os ruidos eram produzidos pelo contrôle, embora o jornalista deva ter sido menos céptico do que outros do meu conhecimento, para pensar que os sons, variando de qualidade e de posição, procedessem de um truque do pé do médium. É claro que êle não sabia como se produziam os sons e o autor é de opinião que Margaret também o ignorava. Está provado que realmente tinha ela algo que podia exigir, e não só pela verificação do jornalista, como pela de Mr. Wedg. wood, um espírita londrino, ao qual fêz ela uma demonstração antes de voltar para a América. Assim, pois, é em vão que negam base às manifestações de Margaret. O que era essa base e o que procuramos saber.

O escândalo de Margaret Fox-Kane foi em agôsto e setembro de 1888 — aproveitado pelo jornal que a havia explorado. Em outubro ela veio unir-se à sua irmã. Era preciso explicar que a disputa, até onde se pode saber, era entre Kate e Leah, porque esta última tinha tentado separar Kate dos filhos, alegando que a influência materna não era boa. Portanto, embora Kate não se irritasse e deliberadamente não desse demonstrações públicas ou particulares, se havia aliado à irmã com o objetivo comum de derrubar Leah a qualquer preço.

"Foi ela a causadora de minha prisão na última primavera", declarou Kate, "originando a posterior acusação de que eu era cruel para com os meus filhos. Não sei por que sempre teve inveja de Maggie e de mim; talvez porque nós pudéssemos fazer coisas no Espiritismo de que ela era incapaz."

Ela se achava presente na Sala de Música, na sessão de 21 de outubro, na qual Margaret firmou a sua reputação, produzindo batidas. Ficou calada na ocasião, mas o silêncio pode ser tomado como uma aprovação àquilo que então ouvia.

Se assim o foi, se disse aquilo que o repórter publicou, seu arrependimento deve ter vindo muito rapidamente. A 17 de novembro, menos de um mês após a famosa sessão, escreveu ela a uma senhora de Londres, Mrs. Cottell, que residia na velha casa de Carlyle, esta admirável carta de New York e

publicada no Light, em 1888, página 619:

"Eu lhe deveria ter escrito antes, mas minha surprêsa foi tão grande, ao chegar e saber das declarações de Maggie sôbre o Espiritismo, que não tive ânimo de escrever a ninguém -

"O empresário da exibição arranjou a Academia de Música, o maior auditório da cidade de New York; ficou superlotado.

"Fizeram uma renda de mil e quinhentos dólares. Muitas vêzes desejei ter ficado com você e se tivesse meios agora voltaria para me livrar de tudo isso.

"Agora penso que podia fazer dinheiro, provando que as batidas não são produzidas pelos dedos dos pés. Tanta gente me procura por causa da declaração de Maggie que me recuso a recebê-los.

"Insistem em desmascarar a coisa, se puderem; mas certamente não o conseguirão.

"Maggie está realizando sessões públicas nas grandes cidades americanas, mas só a vi uma vez desde que cheguei."

Esta carta de Kate denuncia a tentação do dinheiro representando um grande papel na história. Entretanto parece que cedo Maggie verificou que rendia pouco e que não havia vantagem em dizer mentiras pelas quais não era paga e que apenas provavam que o movimento espírita se achava tão firmemente estabelecido que não chegava a ser abalado pôr sua traição. Por esta ou por outras razões — esperamos que com algum remordimento de consciência pela parte que havia tomado, agora admitia ela que estivera dizendo falsidades pelos mais baixos motivos. A entrevista foi publicada na imprensa de New York a 20 de novembro de 1889, cêrca de um ano depois do escândalo.

"Praza a Deus", — disse ela com voz trêmula de intensa excitação — "que eu possa desfazer a injustiça que fiz à causa do Espiritismo quando, sob intensa influência psicológica de pessoas inimigas dêle, fiz declarações que não se baseiam nos fatos. Esta retratação e negação não parte apenas do meu próprio senso daquilo que é direito, como também do silencioso impulso dos Espíritos que usam o meu organismo, a des peito da hostilidade da horda traidora que prometeu riqueza e felicidade em troca de um ataque ao Espiritismo, e cujas esperançosas promessas foram tão falazes...

"Muito antes que falasse a quem quer que fôsse sôbre êste assunto, estava sendo incessantemente advertida por meu Espírito-Guia daquilo que devia fazer; por fim cheguei à

conclusão de que era inútil contrariar as suas recomendações.

—"Não houve qualquer consideração de ordem monetária nesta declaração?"

—"Não, por mínima que fôsse; absolutamente."

—"Então a senhora não visa vantagens pecuniárias?"

—"Indiretamente, sim. O Senhor sabe que embora governado pelos espíritos, um instrumento mortal deve zelar pela manutenção da vida. Isto pretendo conseguir de minhas conferências. Nem um centavo me veio ás mãos em conseqüência da atitude que tomei".

—"Por que motivo denunciou as batidas dos Espíritos?" "Naquela ocasião necessitava muito de dinheiro, e criaturas, cujo nome prefiro não citar, se aproveitaram da situação. Daí a embrulhada. Também a excitação ajudou a perturbar o meu equilíbrio mental".

—"Qual o objetivo das pessoas que a induziram a fazer a confissão que a senhora e todos os outros médiuns traficavam com a credulidade do povo?"

—"Visavam diversos objetivos, O primeiro e mais importante era a idéia de esmagar o Espiritismo, fazer dinheiro para si mesmos e provocar uma grande excitação, por lhes ser um elemento favorável".

—"Havia alguma verdade nas acusações que a senhora fêz do Espiritismo?"

—"Aquelas acusações eram falsas em tôdas as minúcias. Não hesito em dizê-lo... Não. Minha crença no Espiritismo não sofreu mudanças. Quando fiz aquelas terríveis declarações não era responsável por minhas palavras. Sua autenticidade é um fato incontroverso. Nem todos os Hermans vivos serão capazes de reproduzir as maravilhas que se produzem através de alguns médiuns. Pela habilidade manual e por meio de espertezas podem escrever em papéis e lousas, mas mesmo assim não resistem a uma investigação acurada. A produção da materialização está acima de seu calibre mental e desafio a quem quer que seja a produzir batidas nas condições em que as produzo. Não há ser humano na Terra que possa produzir as batidas do mesmo modo que elas o são por meu intermédio."

—"Propõe-se fazer sessões?"

—"Não. Dedicar-me-ei inteiramente ao trabalho de propaganda, pois êste me dará melhores oportunidades para refutar as calúnias que eu mesma lancei contra o Espiritismo."

—"Que diz sua irmã Kate de sua presente atitude?"

—"Está de pleno acôrdo. Ela não concordou com a minha

atitude no passado".

—"Terá um empresário para o seu ciclo de conferências?"

—"Não, senhor. Eu lhes tenho horror. Também êles me ultrajaram muito. Frank Stehen tratou-me ver gonhosamente. Fêz muito dinheiro à minha custa e deixou-me em Boston sem um centavo. Tudo quanto recebi dele foram quinhentos e cinqüenta dólares, dados no comêço do contrato."

Para dar maior autenticidade à entrevista, por sugestão dela foi escrita a seguinte carta aberta, à qual ela apôs a sua assinatura:

128, West Forty-third Street
New York City
16 de novembro de 1889.

AO PÚBLICO.

"Tendo-me sido lida a entrevista que se segue, nada encontrei que não fôsse a expressão correta de minhas palavras e exata expressão de meus sentimentos. Não fiz um retrato minucioso dos meios e modos empregados para me levar à sujeição e arrancar-me uma declaração de que os fenômenos espírit as, manifestados através de meu organismo, eram fraudulentos. Reservar-me-ei para preencher esta lacuna quando subir á tribuna de propaganda."

A autenticidade desta entrevista foi comprovada por algumas testemunhas, em cujo número se incluem J. L. ÓSullivan, Ministro dos Estados Unidos em Portugal, durante vinte e cinco anos. Disse êle: "Se alguma vez eu ouvi uma mulher dizer a verdade, foi nessa ocasião".

Assim deve ter sido. Mas a falta de um empresário deve ter sido um fator determinante da falta de êxito financeiro.

A constatação levantaria a questão de saber se as palavras da conferencista deveriam merecer inteiro crédito, pois infelizmente o autor é obrigado a convir com Mr. Isaac Funk, infatigável e imparcial investigador, que naquele período de sua vida Margaret não podia ser controlada.

O que representa muito mais para o objetivo é que Mr. Funk fêz sessões com Margaret, ouviu as batidas "por tôda a sala", sem lhe apreender a origem e que êles deletrearam um nome e um enderêço, tudo correto e inteiramente acima do conhecimento do médium. A informação dada estava errada mas, por outro lado, uma fôrça supranormal foi revelada na leitura do conteúdo de uma carta no bôlso de Mr. Funk. A mistura dêsses resultados é perturbadora, como outro problema mais

amplo, discutido adiante.

Há um fator no qual tocamos de leve neste exame. É o caráter e a carreira de Mrs. Fish, mais tarde Mrs. Underhill, que, como Leah, a irmã mais velha, representa tão importante papel no assunto. Conhecemo-la principalmente por seu livro "O Elo que falta no Espiritismo" (Knox e Co. New York, 1885). O livro foi escrito por um amigo, mas os fatos e os documentos foram fornecidos por Mrs. Underhill, que conferiu tôda a narrativa. São ligados simplesmente e mesmo cruamente, e o espírita é levado a concluir que as entidades com as quais o grupo Fox teve os primeiros contactos nem sempre eram da mais elevada classe. Talvez em outro plano, como neste, sejam os plebeus e os humildes que se encarreguem do pioneiro trabalho espiritual na sua própria maneira e abram o caminho para outros e mais refinados mensageiros. De lado isto, pode dizer-se que o livro dá uma forte impressão de candura e de bom senso e, como descrição pessoal de quem esteve tão envôlta nos momentâneos acontecimentos, está destinado a sobreviver à maioria dos livros comuns e a ser lido com maior atenção e mesmo com respeito pelas gerações futuras. Aquela gente humilde que participou do recente movimento — Capron, de Auburn, que fêz a primeira conferência pública; Jervis, o elegante ministro metodista, que exclamou: "Eu sei que é verdade e enfrentarei o mundo carrancudo!"; Georges Villetts, o quaker; Isaac Post, que realizou a primeira sessão espírita; o galante grupo que deu testemunho no palco de Rochester, enquanto os agitadores ferviam o alcatrão — todos estão fadados a viver na História. De Leah pode dizer-se que realmente reconheceu a significação religiosa do movimento muito mais claramente do que as suas irmãs e que se opôs ao seu emprêgo com objetivos puramente materiais, por ser uma degradação do que era divino. A seguinte passagem é de grande interêsse, pois mostra como a família Fox primeiro considerou essa manifestação, e deve impressionar o leitor pela sinceridade de sua autora:

"O sentimento geral de nossa família... era visceralmente adverso a tôda essa coisa estranha e grosseira. Nós a considerávamos como uma grande infelicidade caída sôbre nós; como, quando e por que, não o sabemos... Resistimos, lutamos contra ela e constantemente e corajosamente oramos para nos livrarmos dela, ainda mesmo quando um estranho fascínio ligado a essas maravilhosas manifestações a elas nos forçavam, contra a nossa vontade, por fôrças e agentes

invisíveis, aos quais nem podíamos resistir, nem controlar ou entender. Se a nossa vontade, o nosso ardente desejo e as preces pudessem ter prevalecido ou servido, tudo teria acabado então, e o mundo exterior à nossa pequena vizinhança jamais teria ouvido falar das batidas de Rochester ou da infeliz família Fox.

Estas palavras dão uma impressão de sinceridade e, por outro lado, em seu livro Leah aparece — com o testemunho de muitas pessoas citadas nominalmente, como digna do papel que desempenhou num grande movimento.

Tanto Kate Fox-Jencken quanto Margaret Fox.Kane morreram no comêço do decênio último do século e seu fim foi triste e obscuro. O problema que apresentam é exposto ao leitor, evitando-se a extrema sensibilidade espírita, que não enfrenta os fatos e as acusações dos cépticos, que carregam na narrativa daquelas partes que melhor servem aos seus propósitos, enquanto omitem ou reduzem tudo o mais. Vejamos, à custa de um desvio de nossa narrativa, se é possível achar uma espécie de explicação para o duplo fato de que aquilo que essas irmãs podiam fazer era absolutamente anormal e que o era, ao menos até certo ponto, dependente de seu contrôle. Não é um problema simples: ao contrário, é muitíssimo profundo e exaustivo e mais que exaustivo, pois o conhecimento psíquico de que então se dispunha estava muito acima do nível em que viviam as irmãs Fox.

A simples explicação então apresentada pelos espíritas não deve ser logo posta de lado — ao menos por aquêles que conhecem algo mais. Era que um médium que emprega mal os seus dons e sofre uma degradação do caráter através de hábitos ruins, torna-se acessível a influências maléficas, que podem utilizar a sua mediunidade para informações falsas ou para o descrédito da causa. Isto bem pode ser certo como a causa. Mas devemos ir mais adiante, em busca do como e do porquê.

O autor é de opinião que a verdadeira explicação será encontrada pela reunião de todos êsses acontecimentos com as recentes investigações do Doutor Crawford sôbre os meios pelos quais se produzem os fenômenos físicos.

Mostrou êle muito claramente e em detalhes no capítulo seguinte, que as batidas — e no momento só tratamos dessa fase — são causadas pela projeção, da pessoa do médium, de um longo fio de uma substância possuidora de propriedades que a distinguem de qualquer outra forma de matéria. Tal

substância foi cuidadosamente examinada pelo eminente fisiologista francês Doutor Charles Richet, que a chamou de ecto plasma. Êsses fios são invisíveis aos nossos olhos, parcialmente visíveis à placa fotográfica e ainda conduzem energia de tal maneira que produzem sons e dão batidas a distância.

Agora, se Margaret produzia as batidas da mesma maneira que o médium de Crawford, temos apenas que formular uma ou duas hipóteses prováveis em si mesmas e, cabendo à ciência do futuro prová-lo em definitivo, deixar a coisa inteiramente às claras. Uma hipótese é que o centro da fôrça psíquica é formado nalguma parte do corpo de onde sai o fio de ectoplasma. Supondo que o centro seja o pé de Margaret, isto lançaria uma intensa luz no testemunho coligido no inquérito de Seybert. Examinando Margaret e se esforçando por obter batidas por ela, alguém da comissão e com o consentimento dela, pôs a mão sobre o seu pé. Imediatamente as batidas se seguiram. O investigador exclamou: "Isto é a coisa mais maravilhosa que há, Mrs. Kane. Eu os percebo distintamente em seu pé. Não há o menor movimento do pé, mas há uma pulsação invulgar".

Esta experiência de modo algum admite a idéia de um deslocamento da junta ou de estalos dos dedos. É exatamente o que se poderia imaginar no caso de um centro do qual fôsse projetada uma fôrça psíquica. Essa fôrça é de forma material e é tirada do corpo do médium, de modo que deve haver algum nexo. Êste nexo pode variar. No caso citado estava no pé de Margaret. Foi observado pelos doutôres de Buffalo que havia um movimento sutil do médium no momento da batida. A observação era correta embora errada a interferência. O próprio autor viu distintamente, no caso de um médium amador, uma ligeira pulsação geral no momento em que era dada a batida — uma espécie de contração, após a descarga da fôrça.

Admitindo que a fôrça de Margaret trabalhasse dessa maneira, temos apenas que discutir se os bastões ectoplásmicos em qualquer circunstância podem projetar-se à vontade. Até onde o autor pode saber, não há observações que sustentem diretamente êsse ponto. Parece que o médium de Crawford sempre caía em transe, de modo que a questão não foi levantada. Em outros fenômenos físicos há uma certa razão para pensar que em sua forma mais simples estejam intimamente ligados ao médium, mas à medida que se desenvolvem escapam ao seu contrôle e são influenciados por fôrças estranhas a êle. Assim, as figuras ectoplásmicas

fotografadas por Madame Bisson e pelo Doutor Schrenck Notzing, aparecidas em seu recente livro, em suas primeiras formas podem ser atribuidas aos pensamentos do médium ou a lembranças que tomam forma visível no ectoplasma; como porém estas se perdem no transe, tomam forma de figuras que, em casos extremos, são dotadas de vida independente. Se houver uma analogia geral entre as duas classes de fenômenos, então é muito possível que Margaret tivesse algum contrôle sôbre a expulsão de ectoplasma que produzia o som; mas se o som produzia mensagens que estavam acima de seu conhecimento, como no caso exemplificado por Funk, a fôrça já não era empregada por ela, mas por alguma inteligência independente.

Deve lembrar-se que ninguém ignora mais como os seus efeitos são produzidos do que o médium, que é o seu centro. Um dos maiores médiuns de efeitos físicos do mundo disse uma vez ao autor que jamais havia testemunhado um fenômeno físico, pois sempre se achava em transe quando êstes ocorriam: a opinião de qualquer dos assistentes era assim mais valiosa do que a sua. Assim, no caso dessas irmãs Fox, que eram apenas crianças quando os fenômenos começaram, elas pouco sabiam da filosofia do assunto e Margaret dizia freqüentemente que não compreendia os seus próprios resultados. Se achava que ela própria possuía algum poder de produzir as batidas, por mais obscura que fôsse a maneira por que as produzia, estaria em condições mentais para impugnar as acusações do Doutor Kane, de que mistificava. Ainda a sua confissão e a da irmã seriam verdadeiras neste particular, mas cada uma teria consciência, como posteriormente admitiram, que havia muita coisa mais que não podia ser explicada e que não emanava delas mesmas.

Contudo, resta um ponto muito importante a discutir — o mais importante de todos para os que aceitam o significado religioso do movimento. Para os não iniciados no assunto um argumento naturalíssimo é a pergunta: "São êstes os vossos frutos? Pode ser boa uma filosofia ou uma religião que produz tais efeitos sôbre aquêles que ocultam um lugar destacado em seu estabelecimento?" Ninguém pode subterfugir a uma tal objeção à exigência de uma resposta clara, que muitas vêzes foi dada e ainda necessita de repetição.

Então estabeleçamos claramente que não existe mais conexão entre a mediunidade de efeitos físicos e a moralidade, do que entre um ouvido apurado para a música e a moralidade.

Ambos são puros dotes físicos. O músico pode interpretar os mais amáveis pensamentos e excitar nos outros as mais altas emoções, influenciando os seus pensamentos e elevando as suas mentes. E êle próprio pode ser um viciado em entorpecentes, um perverso ou um dipsômano. Por outro lado, pode aliar ao seu talento musical um caráter pessoal angélico.

Apenas não existe absolutamente uma conexão entre as duas coisas, a não ser que ambas têm o seu centro no mesmo corpo humano.

Assim na mediunidade de efeitos físicos. Todos nós, ou quase todos, expelimos uma certa substância de nosso corpo, a qual tem propriedades muito peculiares. Com muitos de nós — conforme foi verificado por Crawford pesando cadeiras, — a quantidade é desprezível. Mas com 1 em 100.000 é considerável. Tal pessoa é o médium de efeitos físicos.

Ele ou ela produz uma certa matéria prima que, sustentamos, pode ser usada por fôrças exteriores independentes. O caráter dos indivíduos nada tem com a matéria. Tal é o resultado de duas gerações de observações.

Se fôr exatamente como se verifica, de modo algum o caráter do médium será afetado pelo dom. Infelizmente assim não é. Em nossas atuais condições o médium de efeitos físicos está sujeito a certos riscos morais, que exigem uma forte e vigilante resistência para os suportar. Os desastres dos mais úteis e dedicados podem ser comparados às lesões físicas, perdas de dedos e de mãos nos que trabalhavam em raios-X antes que tôdas as propriedades dêstes fôssem conhecidas. Foram tomadas certas medidas para contornar êsses inconvenientes físicos depois que um certo número dêles se fizeram de mártires da ciência; assim os perigos morais serão evitados quando uma reparação tardia fôr feita aos pioneiros que se sacrificaram ao forçarem as portas do conhecimento. Êsses perigos residem no enfraquecimento da vontade, na extrema debilidade após as sessões de efeitos físicos, na tentação de recuperar temporàriamente as energias por meio do álcool, na tentação para fraudar quando as fôrças se ausentam e na possivelmente prejudicial influência de Espíritos que cercam um grupo promíscuo, reunido mais por curiosidade do que por interêsse religioso.

O remédio é segregar os médiuns, dar-lhes ordenado em vez de pagar os resultados, regular o número de sessões e o caráter dos assistentes, e assim afastar dêles as influências que sobrecarregaram as Irmãs Fox, bem como outros dos mais

fortes médiuns do passado.

Por outro lado há médiuns de efeitos físicos que agem por meio de fôrças tão poderosas e trabalham sob tão religiosa orientação que constituem o sal da terra. É a mesma fôrça que foi empregada por Buda e pela Pitoniza de Endor. Os objetivos e os métodos de seu uso são as determinantes do caráter.

O autor disse que há pouca conexão entre a mediunidade de efeitos físicos e a moralidade. Poderiam imaginar que o fluxo do ectoplasma, sendo tão ativo num pecador quanto num santo, atuaria sôbre objetos materiais do mesmo modo e produzindo resultados que teriam igualmente o bom efeito de convencer os materialistas da existência de fôrças invisíveis. Entretanto isto não se aplica à mediunidade interna, que não se revela pelos fenômenos, mas pelo ensino e pelas mensagens, tanto dadas pela voz do Espírito ou pela voz humana, quanto pela escrita direta ou qualquer outra maneira. Aqui o vaso é escolhido para receber o conteúdo. Não se poderia imaginar uma natureza mesquinha como habitação temporária de um grande Espírito. É preciso ser um Vale Owen para receber as mensagens de Vale Owen. Se um grande médium degenerar o caráter, esperarei que as mensagens cessem ou degenerem. Daí, também, as mensagens de um divino Espírito, tais como periodicamente são mandadas para sanear o mundo, de um santo medieval, de Joanna DArc, de Swedenborg, de Andrew Jackson Davis ou do mais humilde médium de escrita automática de Londres, desde que o impulso seja verdadeiro, são na realidade a mesma coisa, em graus diversos.

Cada um é um sôpro do alto e cada um marca com a sua personalidade a mensagem de que é intermediário. Assim, num vidro escuro, vemos esse prodigioso mistério tão vital, conquanto tão indefinido. É a sua mesma grandeza que o impede de ser definido. Fizemos um pouco, mas deixamos para traz muitos problemas para os que vêm depois de nós. Êles podem olhar as nossas mais avançadas especulações como elementares e ter pontos de vista que se estendam aos mais dilatados limites da visão mental.

6
Primeiras Manifestações na América

TENDO tratado da Família Fox e dos problemas que essa história levanta, teremos que voltar à América e observar os primeiros efeitos desta invasão de sêres de uma outra esfera.

Esses efeitos não foram inteiramente excelentes. Houve loucuras de uns indivíduos e extravagâncias de agrupamentos humanos.

Uma destas, baseada em comunicações recebidas através da mediunidade de Mrs. Benedict, foi o Círculo Apostólico. Começou com um pequeno grupo de homens muito crentes num segundo advento e que, através das comunicações espíritas, procuravam confirmar aquela crença.

Obtiveram aquilo que proclamavam como comunicação dos Apóstolos e profetas da Bíblia. Em 1849 James L. Scott, ministro batista do Sétimo Dia em Brooklyn, reuniu o centro em Auburn, o qual se tornou conhecido como o Movimento Apostólico, cujo chefe espiritual era supostamente o Apóstolo Paulo. A Scott uniu-se o Reverendo Thomas Lake Harris, e estabeleceram em Mountain Cove a comunidade religiosa que atraiu muitos adeptos até que, alguns anos depois, suas mistificações desiludiram e levaram à deserção os seus chefes autocráticos.

Esse Thomas Lake Harris é, certamente, uma das mais curiosas personalidades de que temos notícia e é difícil dizer quem predominava em seu caráter: se Mr. Jekill ou o Doutor Hyde. Era feito de extremos, de modo que tudo quanto fazia era decididamente para o bem ou para o mal. Originàriamente fôra um ministro universalista, de onde lhe vinha o prefixo "Reverendo", que usou por muito tempo. Separou-se de seus companheiros, adotou os ensinos de Andrew Jackson Davis, tornou-se um espírita fanático e, finalmente, como vimos, tornou-se um dos dirigentes autocráticos das almas e das bôlsas dos colonos de Mountain Cove. Chegou, porém, o momento em que aquêles colonos verificaram que eram bastante capazes de tratar de seus próprios negócios, quer espirituais, quer materiais. Assim Harris verificou que tinha perdido tempo. Então voltou para New York e atirou-se violentamente no movimento espírita, pregando no Dodworth Hall, o quartel-general do culto, conquistando uma grande e merecida reputação por sua notável eloqüência. Sua megalomania — possivelmente uma obsessão — arrebentou

uma vez mais e fêz extravagantes exigências que os espíritas sãos e equilibrados que se achavam em seu redor não podiam tolerar.

Havia, entretanto, uma coisa que pretendia fazer bem — era a inspiração de uma entidade muito elevada e veraz, muito embora não se soubesse quando nem como atuava. Nessa fase de sua carreira, êle ou alguma entidade por seu intermédio, produziu uma série de poemas, como "Um lírico da Idade de Ouro", "A Terra ao amanhecer", e outros, que, ocasionalmente, tocam as estrêlas. Ferido pela recusa dos espíritas de New York em admitir as suas faculdades supranormais, Harris foi então (1859) para a Inglaterra, onde ganhou fama por sua eloqüência, demonstrada em conferências cujo principal tema era a denúncia de seus antigos companheiros de New York. Cada nova etapa na vida dêsse homem era acompanhada por um desfile da etapa anterior.

Em 1860, em Londres, a vida de Harris despertou sübitamente um maior interêsse para os britânicos, principalmente para os que tinham afinidades literárias. Harris fêz conferências no Steinway Hall, onde foi ouvido por Lady Oliphant que, tocada por sua selvagem eloqüência, pôs o pregador americano em contacto com seu filho, Laurence Oliphant, um dos homens mais brilhantes de sua geração. É difícil determinar o ponto de atração, pois o ensino de Harris nessa etapa nada tinha de incomum no assunto, salvo que êle havia adotado o Deus-Pai e a Mãe-Natureza, idéia que tinha sido lançada por Davis. Oliphant considerava Harris um grande poeta, a êle se referindo como o maior poeta da época ainda desconhecido pela glória". Oliphant não era um crítico vulgar; mesmo assim, num período que contava um Tennyson, um Longfellow, um Browning e tantos outros, a frase parece extravagante. O fim de todo êsse episódio foi que, depois de adiamentos e vacilações, tanto a mãe quanto o filho se entregaram inteiramente a Harris e se aplicaram a trabalhos manuais numa nova colônia em Brocton, em New York, onde ficaram numa condição tal que, se não fôra voluntária, era virtualmente de escravidão. Se uma tal abnegação era santa ou idiota é um problema para os anjos. Certamente parece idiota quando se sabe que Laurence Oliphant teve a maior dificuldade em tomar férias para se casar e que exprimiu humildemente o seu agradecimento ao tirano quando, finalmente, a licença lhe foi concedida. Êle foi deixado livre para fazer as reportagens da Guerra franco-alemã de 1870, o que fêz na brilhante maneira

que dêle se podia esperar; depois voltou à servidão uma vez mais, e na qual um de seus deveres era vender morangos aos passageiros dos trens, enquanto era arbitrariamente separado de sua jovem espôsa, mandada para o sul da Califórnia, enquanto êle ficava em Broeton. Assim foi até 1882, vinte anos após o seu primeiro embaraço, quando Oliphant, ao morrer a sua mãe, rompeu com essa situação extraordinária e, depois de uma luta tremenda, no correr da qual Harris pretendeu encarcerá-lo num asilo, conseguiu unir-se à sua espôsa, recuperar algumas de suas propriedades e voltar à sua vida normal. Pintou o profeta Harris em seu livro "Masollam", escrito nos seus últimos anos de vida, e o resultado é tão característico, tanto para a brilhante descrição de Oliphant quanto para o homem extraordinário que êle pintou, que o leitor talvez fique satisfeito em encontrar uma referência no Apêndice.

Tais acontecimentos, como Harris e outros, foram meras excrescências na linha-tronco do movimento espírita que, de um modo geral, foi sadio e progressista. Entretanto ficaram na sua história as marcas das idéias de amor livre e de sentimentos comunistas, professados por algumas seitas mais rudes, as quais foram inescrupulosamente exploradas pelos adversários, como se fôssem características do todo.

Vimos que, muito embora as manifestações espíritas tivessem tido larga divulgação através das Irmãs Fox, já anteriormente eram conhecidas. A êsses testemunhos precedentes devemos ajuntar o que diz o Juiz Edmonds (1);

1. "Spiritualism", by Jobn W. Edmonds and George T. Dexter, M. D., New York, 1853, página 36.

"Foi mais ou menos há cinco anos que o assunto atraiu a atenção pública, muito embora se verifique que uns dez ou doze anos antes houve algo no gênero em diferentes lugares no país, mas que havia sido ocultado, tanto por mêdo do ridículo quanto pela ignorância do que isso fôsse." Isto explica o surpreendente número de médiuns dos quais se começou a ouvir falar tão logo houve publicidade do caso da família Fox. Não era um novo dom que exibiam, mas apenas uma ação corajosa em torná-lo largamente conhecido que Levava outros a se adiantarem e confessar que tinham o mesmo poder. Também êsse dom universal da mediunidade pela primeira vez começou a ser livremente desenvolvido, O resultado é que

cada vez mais se ouvia falar de médiuns. Em abril de 1849 houve manifestações na família do Reverendo A. H. Jervis, ministro metodista de Rochester, e na casa do Diácono Hale, nas vizinhanças da cidade de Greece. Assim, também, seis famílias na vizinha cidade de Auburn começaram a desenvolver a mediunidade.

Em nenhum dêsses casos a família Fox tinha algo que ver com o que acontecia. De modo que êstes pioneiros apenas abriram o caminho que os outros seguiram.

Fatos dignos de nota dos próximos anos foram o rápido crescimento do número de médiuns por tôda a parte e a conversão ao Ëspiritismo de grande número de homens públicos, como
o Juiz Edmonds, o ex-governador Tallmadge, o Professor Roberto Hare e o Professor Mapes. A adesão pública de homens tão notórios deu enorme publicidade ao assunto, ao mesmo tempo que aumentou a virulência da oposição, que então percebia que estava lidando com algo mais do que um bando de beócios iludidos. Homens como aquêles podiam fazer-se ouvir na imprensa diária. Houve também a mudança no caráter dos fenômenos. Em 1851 e 1852 Mrs. Hayden e D. D. Home foram instrumentos de muitas conversões. Teremos muito que dizer dêstes médiuns nos capítulos seguintes.

Numa comunicação dirigida "Ao público", aparecida no New York Courier e datada em New York de 1º de agôsto de 1853, o Juiz Edmonds, um grande caráter e uma inteligência brilhante, fêz um relato convincente de suas experiências. É curioso notar como os Estados Unidos, que então deram uma prova conspícua da coragem moral de seus chefes, parece que caíram, neste particular, em anos mais próximos de nós, pois o autor, em suas recentes viagens ali encontrou muitos que tinham conhecimento da verdade psíquica, mas ainda se encolhiam ante uma imprensa hostil, temerosos de confessar as suas convicções.

No citado artigo, o Juiz Edmonds começou descrevendo minuciosamente os fatos que o levaram a formar a sua opinião. Transcrevemos aqui as suas palavras com alguns detalhes, por que é muito importante mostrar a base sôbre a qual um homem altamente educado recebeu o novo ensino.

"Foi em janeiro de 1851 que a minha atenção foi inicialmente chamada para as "manifestações espíritas". Era um período em que me havia subtraído às relações sociais e trabalhava sob grande depressão de espírito. Dedicava todo o

meu tempo livre a leituras sôbre a morte e a sobrevivência do homem. No curso de minha vida eu tinha ouvido do púlpito, a êsse respeito, tão contraditórias e chocantes doutrinas, que dificilmente saberia em que acreditar. Não podia, mesmo que o quisesse, crer naquilo que não entendia, e ansiosamente buscava saber se, depois da morte, poderíamos encontrar aquêles a quem tínhamos amado e em que circunstâncias. Fôra convidado por uma amiga a assistir as "Batidas de Rochester". Aceitei mais para lhe ser atencioso e para matar uma hora de tédio. Pensei bastante naquilo que assisti e resolvi investigar o assunto e descobrir o que era aquilo. Se fôsse uma mistificação, uma desilusão, eu supunha poder averiguar. Durante cêrca de quatro meses dediquei pelo menos duas noites por semana e, às vêzes, mais, em testemunhar os fenômenos em tôdas as suas fases. Fiz um cuidadoso registro de tudo quanto assisti e, de vez em quando, comparava os resultados, a fim de apreender as inconsistências e as contradições. Li tudo quanto me vinha às mãos sôbre o assunto e especialmente as supostas "descobertas de charlatães". Andei aqui e ali, à procura de diversos médiuns, assistindo a diferentes sessões, — freqüentemente com pessoas das quais jamais ouvira falar e muitas vêzes no escuro e algumas no claro — por vêzes com descrentes inveterados e mais freqüentemente com crentes muito zelosos.

"Finalmente, aproveitei tôdas as oportunidades que se me ofereciam para esgotar o assunto desde a sua raiz. Durante todo êsse tempo eu era um descrente e pus à prova a paciência dos crentes por meu cepticismo, minha capciosidade e minha dura recusa em modificar as minhas idéias. vi em redor de mim algumas pessoas que passaram a crer em uma ou duas sessões; outras, nas mesmas condições, persistiam na mesma descrença; e algumas que recusavam o testemunho de todos e continuavam terminantemente incrédulas. Eu não podia tomar nenhum dêsses partidos e me recusava a crer, enquanto não tivesse a mais irrefragável das provas. Por fim a prova veio e com tal poder que nenhum homem equilibrado lhe poderia negar fé".

Como se vê, um dos primeiros entre os notáveis conversos ànova revelação, tomou as maiores precauções antes de aceitar a evidência que o convenceria da autenticidade das manifestações espíritas. A experiência geral mostra que uma aceitação fácil de tais manifestações é muito rara entre pensadores sérios e que dificilmente se encontra um espírita

eminente, cujo curso de estudos e de meditação não tenha consumido muitos anos. Isto forma um notável contraste com aquêles cuj a opinião negativa é devida a um preconceito inicial e a relatos tendenciosos ou escandalosos de autores fanáticos.

No excelente resumo de suas investigações, dado no artigo citado, um artigo capaz de converter todo o povo americano, se êle estivesse preparado para a assimilação, o Juiz Edmonds mostra a sólida base de sua crença. Destaca que nunca estava só quando essas manifestações ocorreram e que teve muitas testemunhas. Também mostra as minuciosas precauções que tomou:

"Depois de confiar nos meus próprios sentidos, nas diversas fases do fenômeno, invoquei o auxílio da ciência e, com a assistência de um hábil eletricista e seus mecanismos, e oito ou dez pessoas inteligentes, educadas e sérias, examinei o assunto. Continuamos a nossa investigação durante vários dias e, para nossa satisfação, constatamos duas coisas: primeiro, que os sons não eram produzidos por qualquer pessoa presente ou perto de nós; segundo, que êles não se produziam à nossa vontade."

Ocupa-se finalmente com as supostas "charlatanices", segundo a expressão dos jornais, algumas das quais de vez em quando são verdadeiras expressões contra um ou outro vilão, mas que, em geral causam maiores decepções, conscientes ou inconscientes ao público do que os males que pretendem evitar.

Assim:

"Quando as coisas se encontravam neste pé, apareceram nos jornais várias explicações de "fraudes e charlatanices", como costumavam dizer. Li-as com cuidado, na esperança de que me ajudassem em minhas pesquisas e apenas pude sorrir ante a ousa-dia e a futilidade de tais explicações. Por exemplo, quando certos professores ilustres de Buffalo se congratulavam por haverem localizado no artelho e no joelho do médium a causa das manifestações, estas se transformaram num toque de campainha colocada debaixo da mesa. Era como a solução dada posteriormente por um ilustre professor na Inglaterra, que atribui as batidas na mesa a uma fôrça especial das mãos colocadas sôbre ela, pondo de lado o fato de que muito freqüentemente as mesas se movem quando não há mãos sôbre elas".

Depois de focalizar a objetividade do fenômeno, o Juiz

aborda a questão mais importante da sua fonte. Comenta o fato de ter tido respostas a perguntas mentais e verifica que mesmo os seus mais secretos pensamentos foram revelados e que idéias que êle propositadamente havia mantido em segrêdo tinham sido manifestadas. Também observa que os médiuns tinham usado grego, latim, espanhol e francês, mesmo ignorando essas línguas.

Isto o leva a considerar se as coisas não podem ser explicadas como um reflexo da mente de alguma outra criatura viva. Essas considerações foram exaustivamente examinadas por todos os pesquisadores, pois os Espíritas não aceitam a doutrina de um fato, mas passo a passo, examinando cuidadosamente cada etapa. A tarefa empreendida pelo Juiz Edmonds é a mesma empreendida por outros. Êle dá a seguinte explicação para a recusa da influência de outras mentes:

"Fatos então completamente desconhecidos, foram verificados posteriormente. Como êste, por exemplo: Quando, durante o último inverno eu me achava ausente, na América Central, os meus amigos da cidade tiveram noticia de minhas excursões e da minha saúde, sete vêzes através de um médium; quando voltei, comparando essas informações com os registros em meu diário, foi verificado que tudo estava invariàvelmente correto. Assim, também, em minha recente visita ao Oeste o meu giro e as minhas condições de saúde foram ditos a um médium dessa cidade, enquanto eu viajava por estrada de ferro entre Cleveland e Toledo. Assim muitas idéias me foram comunicadas sôbre coisas que não estavam em minha mente e que eram absolutamente distintas de minha opinião. Isto me aconteceu muitas vêzes, bem como a outras pessoas, de modo a confirmar seguramente o fato de que não eram as nossas mentes que davam origem á comunicação ou a influenciavam".

Trata, então, dêsse maravilhoso desenvolvimento, chamando a atenção para o seu tremendo significado religioso, em linhas gerais, assunto que é focalizado no capítulo seguinte desta obra. O cérebro do Juiz Edmonds era realmente notável, e seu julgamento claro, pois muito pouco nos é possível acrescentar ao que verificou êle, e talvez ninguém tenha dito tanto em tão pouco espaço. Como frizamos, o Espiritismo mostrou-se consistente desde o início e os mestres e os guias não confundiram as suas mensagens. É estranho e até divertido que a ciência arrogante, que tentou, com simples palavras e deslumbramento, esmagar êsse conhecimento

inicial em 1850, tivesse demonstrado estar essencialmente errado em seu próprio terreno. São raros os axiomas científicos daquela época que não tenham sido controvertidos, como a finalidade do elemento, a indivisibilidade do átomo, a origem distinta das espécies, enquanto os conhecimentos psíquicos, tão menosprezados, se mantiveram firmes, aduzindo novos fatos, mas nunca contradizendo os que haviam sido anteriormente estabelecidos.

Escrevendo sôbre os benéficos efeitos de tal conhecimento, diz o Juiz:

"É isto o que consola o triste e anima os desanimados; que suaviza a passagem pelo túmulo e anula os terrores da morte; que ilumina o ateu e encoraja o virtuoso entre tôdas as provas e vicissitudes da vida; e que demonstra ao homem o seu dever e o seu destino, tirando-o imediatamente do vago e do incerto."

Jamais o assunto foi melhor sintetizado.

Há, entretanto, uma passagem final nesse documento notável que causa uma certa tristeza. Falando do progresso que o movimento tinha feito em quatro anos, nos Estados Unidos, diz êle:

"Há dez ou doze jornais e periódicos dedicados à causa, e a bibliografia espírita abarca mais de cem publicações diversas, algumas das quais já atingiram a circulação de mais de 10.000 exemplares. Além da multidão indistinta, há muitos homens de alta posição e de talento alinhados entre êles — doutôres, advogados, grande número de clérigos, um bispo protestante, o ilustre e reverendo presidente de uma universidade, juizes de nossas mais altas côrtes, membros do Congresso, embaixadores estrangeiros e ex-membros do Senado dos Estados Unidos."

Em quatro anos a fôrça do Espírito fêz tanto assim. Como estão as coisas hoje? A multidão indistinta avançou valentemente e a centena de publicações tornou-se muito mais; mas onde se acham os homens esclarecidos e dirigentes para apontar o caminho? Desde a morte do Professor Hyslop é difícil apontar nos Estados Unidos um homem eminente com a coragem de jogar a sua carreira e a sua reputação proclamando essas idéias. Aquêles que nunca temeram a tirania do homem encolheram-se ante as caretas da imprensa. A máquina impressora triunfou onde a roda de tortura teria fracassado, O prejuízo geral em sua reputação e nos seus interêsses, sofrido pelo Juiz Edmonds, que foi obrigado a resignar a sua cadeira na Suprema Côrte de New York, bem

como muitos outros que deram testemunho da verdade, estabeleceu o reinado do terror, que afasta do assunto as classes intelectuais. Assim estão as coisas presentemente.

Mas a imprensa no momento se achava bem disposta e o famoso relato do Juiz Edmonds, talvez o mais belo e o mais momentoso jamais produzido por um juiz, foi acolhido com respeito, senão com admiração. Eis o que disse o New York Courier:

"A carta do Juiz Edmonds, por nós publicada sábado, em relação às chamadas manifestações espíritas, vinda, como veio, de um eminente jurista, um homem notável por seu claro bom senso nas coisas da vida prática, e um cavalheiro de um caráter irreprochável, atraiu a atenção da comunidade e é por muita gente considerada como um dos mais notáveis documentos da atualidade."

Disse o Evening Mirror, de New York:

"John W. Edmonds, Presidente da Suprema Côrte dêste distrito, é um jurista hábil, um juiz ativo e um bom cidadão. Ocupando durante os últimos oito anos, ininterruptamente, as mais altas posições na magistratura, sejam quais forem as suas faltas, ninguém poderá acusá-lo justamente por falta de habilidade, de atividade, de honestidade e de destemor. Ninguém poderá pôr em dúvida a sua sanidade geral ou por um momento pensar que a sua atividade mental não seja tão rápida, precisa e correta como sempre. Tanto pelos advogados como pelos solicitadores no seu Tribunal êle é reconhecido como a cabeça, de fato e de mérito, da Suprema Côrte dêste Distrito."

Também é interessante a experiência do Doutor Robert Hare, professor de Química na Universidade de Pensilvânia, porque êle foi um dos primeiros eminentes homens de ciência que, disposto a desmascarar as ilusões do Espiritismo, tornou-se, por fim, um crente decidido.

Foi em 1853 que, segundo suas próprias palavras, sentiu-se "chamado, por um ato de dever para com a humanidade, a trazer tôda a influência que possuía no sentido de estacar a maré de loucura popular que, desafiando a razão e a ciência, estava se alastrando rapidamente em favor da grande ilusão chamada Espiritismo." Uma carta denunciadora sua, publicada nos jornais da Filadélfia, onde vivia, foi transcrita por outros jornais do país e serviu de texto a numerosos sermões. Mas, como no caso de Sir William Crookes, muitos anos mais tarde, o júbilo foi prematuro. Conquanto um grande céptico, o

Professor Hare foi induzido a fazer experiências, êle próprio, e após um período de ensaios cuidadosos tornou-se inteiramente convencido da origem espírita das manifestações. Como Crookes, criou aparelhos para controlar os médiuns. Mr. S. B. Brittan (2)

2. Redator de The Spiritual Telegraph.

faz o seguinte resumo de algumas experiências de Hare:

"Primeiramente, para se convencer de que os movimentos não eram obra dos mortais, tomou de bolas de bilhar, colocou-as sobre as lâminas de zinco e pôs as mãos dos médiuns sôbre as bolas. Com grande surprêsa sua, as mesas se moveram. A seguir arranjou uma mesa cujo tampo se movia para a frente e para trás; a êle adaptou um dispositivo que girava um disco contendo as letras do alfabeto, ocultas às vistas dos médiuns. As letras eram dispostas de modo variado, não dispostas em ordem consecutiva e ao Espírito era pedido que as dispusesse consecutivamente ou nos seus devidos lugares. E, vejam só! isto foi feito! Então seguiram-se frases inteligentes, que o médium não podia ver ou lhes saber o sentido, enquanto não lhes dissessem.

"Buscou um novo teste decisivo. O braço maior de uma alavanca foi ajustado a uma escala espiral, com um indicador e um pêso determinado; as mãos do médium ficavam sôbre o braço menor, de modo que era impossível fazer pressão de cima para baixo, mas se houvesse pressão esta teria o efeito contrário — levantaria o braço maior. Mesmo assim, o que é assombroso, o pêso foi aumentado de várias libras na escala".

O Professor Hare reuniu suas cuidadosas pesquisas e seus pontos de vista sôbre Espiritismo num livro importante, publicado em New York em 1855, sob o título de "Experimental Investigation of the Spirit Manifestations" (3)

3. Investigação experimental sôbre as manifestações de Espíritos. — N. do T.

- Neste livro, a página 55 assim resume êle as suas primeiras experiências:

"A prova das manifestações contidas na narrativa seguinte não se limita a mim somente, de vez que havia pessoas presentes quando elas foram observadas e em minha presença foram repetidas em essência, sob várias modificações, em

muitos casos não referidos de modo especial.

"A prova pode ser considerada sob várias fases. Primeiro, aquela em que as batidas ou outros ruídos eram impossíveis de ser reproduzidos por qualquer agente mortal; em segundo lugar aquela nas quais eram produzidos sons, indicando letras que formavam sentenças corretas, o que permitia a prova de que eram orientadas por um ser racional; em terceiro lugar, aquelas nas quais a natureza da comunicação era tal que provava que o ser causador, satisfeito de acompanhar as experiências, devia ser conhecido, amigo ou parente do investigador.

"Ainda casos nos quais foram movidos corpos pesados... de modo a produzirem comunicações intelectuais, semelhantes as que, acima referidas, eram obtidas por meio de sons.

"Con quanto o aparelho pelo qual essas comunicações eram obtidas com a maior precaução e precisão, as modificasse de certa maneira, em essência tôdas as provas que consegui, tendentes ás conclusões acima mencionadas, foram substancialmente obtidas por um grande número de observadores. Muitos que jamais buscaram qualquer comunicação espírita e jamais se inclinaram para inscrever-se como Espíritas, não só conf irmam a existência de sons e de movimentos, mas admitem a sua inexcrutabilidade."

Mr. James J. Mapes, LL. D. de New York, químico agrícola e membro de várias associações científicas, começou suas investigações no Espiritismo a fim de reunir seus amigos que, segundo dizia, estavam "correndo para a imbecilidade" dessa nova maluquice.

Através da mediunidade de Mrs. Cora Hatch, depois Mrs. Richmond, recebeu respostas às suas perguntas que são descritas como cientificamente maravilhosas. Acabou se tornando um crente completo, e sua espôsa, que não possuía dons artísticos, tornou-se médium pintora e desenhista. Sem que êle o soubesse, sua filha se havia tornado uma médium escrevente e, quando Lhe falou de seu desenvolvimento, êle lhe pediu uma demonstração de sua fôrça. Ela tomou de uma pena e ràpidamente escreveu uma mensagem, admitida como sendo do pai do Professor Mapes. O Professor pediu uma prova de identidade. Imediatamente a mão da filha escreveu: "Você pode se lembrar que lhe dei, entre outros livros, uma Enciclopédia; olhe à página 120 desta e aí encontrará o meu nome, que você jamais notou, O referido livro estava guardado com outros num depósito. Quando o professor abriu a caixa,

que jamais havia sido tocada há vinte e sete anos, com grande admiração viu o nome do pai escrito à página 120. Foi tal incidente que o levou primeiro a uma séria investigação pois, como seu amigo Professor Hare, tinha sido até então um materialista convicto.

Em abril de 1854, o Hon. James Shields apresentou um memorial (4)

4. Vide Capron, "Modern Spiritualism" páginas 359-363.

com treze mil assinaturas, pedindo um inquérito ao Congresso dos Estados Unidos. Encabeçava a lista o nome do Governador Tallmadge. Depois de uma discussão frívola, na qual Mr. Shield, o apresentante, se referiu à crença dos signatários como devida a uma ilusão, filha de uma educação defeituosa ou a desarranjos das faculdades mentais, foi decidido que o requerimento ficasse sôbre a mesa, O fato foi assim comentado por Mr. E. W. Capron (5):

5. "Modern Spiritualism", página 375.

"Não é provável que os signatários esperem melhor tratamento do que o que lhes foi dado. Cabe aos carpinteiros e pescadores do mundo investigar as novas verdades e fazer que Senados e Tronos creiam e as respeitem. É em vão esperar aceitação e respeito a novas verdades por homens tão altamente colocados."

A primeira organização espírita regular foi constituída em New York, a 10 de junho de 1854. Denominava-se "Sociedade para a difusão do Conhecimento Espírita", e entre os seus membros contava gente preeminente, como o Juiz Edmonds e o Governador Tallmadge, de Wisconssn.

Entre as atividades da sociedade se incluía a fundação de um jornal chamado "The Christian Spiritualist" (6)

6. "O Espírita Cristão". — N. do T.

e o contrato de Miss Kate Fox para sessões diárias, franqueadas ao público, desde as dez da manhã até uma da tarde.

Escrevendo em 1855, diz Capron (7):

7. "Modern Spiritualism", página 197.

"Seria impossível entrar em minúcias relativamente à difusão do Espiritismo em New York até o momento. Espalhou-se pela cidade e deixou de ser curiosidade ou maravilha. As sessões públicas se realizam regularmente e a investigação se desenvolve; mas os dias de excitação já passaram e de todos os lados êle é olhado como algo mais que simples truque. É verdade que o fanatismo religioso o denuncia, mas, sem disputar concorrência, ocasionalmente fazem uma pretensa exposição, visando especular. O fato é que o fenômeno espírita tornou-se uma coisa reconhecida por tôda a cidade."

Talvez o fato mais significativo do período que estamos considerando tenha sido o desenvolvimento da mediunidade em pessoas preeminentes, como por exemplo, o Juiz Edmonds e o Professor Hare. Assim escreve êste último. (8)

8. "Experimental Investigation of the Spirit Manifestation, página 54.

"Tendo ultimamente adquirido faculdades mediúnicas em grau suficiente para trocar idéias com Espíritos amigos, não mais necessito defender os médiuns da acusação de falsidade e de mistificação. Agora é apenas o meu caráter que está em jôgo."

Assim, retirando do cenário as irmãs Fox, temos a mediunidade particular do Reverendo A. H. Jervis, do Diácono Hale, de Lyman Granger, do Juiz Edmonds, do Professor Hare, de Mrs. Mapes, de Miss Mapes e a mediunidade pública de Mrs. Tamlin, de Mrs. Benedict, de Mrs. Hayden, de D. D. Home e de dezenas de outros.

Escapa ao objetivo desta obra tratar de grande número de casos individuais de mediunidade, alguns dos quais muito dramáticos e interessantes, ocorridos durante o primeiro período de demonstração. O leitor poderá recorrer às duas importantes compilações de Mrs. Hardinge Britten — "Modern American Spiritualism" e "Nineteenth Century Mira cles" (9),

9. "Moderno Espiritismo Americano" e "Milagres do Século Dezenove". N. do T.

livros que serão sempre o mais valioso registro dos primeiros dias. A série de casos fenomenais era tão grande que Mrs. Britten contou mais de quinhentos exemplos registrados na

imprensa nos primeiros anos, o que representa provàvelmente algumas centenas de milhares não registrados. A suposta religião uniu-se à suposta ciência, de uma vez, para desacreditar e perseguir a nova verdade e os seus partidários, enquanto a imprensa, infelizmente, achou que o seu interêsse estava em sustentar os preconceitos da maioria dos assinantes. Foi difícil proceder assim, porque naturalmente num movimento tão vital e convincente, houve alguns que se tornaram fanáticos, alguns que, por suas ações, atraíram o descrédito sôbre as suas opiniões, e alguns que tiraram partido do interêsse geral de imitar, com maior ou menor sucesso, os reais dons do Espírito. Êsses tratantes fraudulentos por vêzes agiam com inteiro sangue frio, embora por vêzes dessem a impressão de que eram médiuns que haviam temporariamente perdido a mediunidade. Houve escândalos e denúncias, fatos autênticos e imitações. Como agora, tais denúncias partiam, às vêzes, dos próprios Espíritas, que se opunham tenazmente que as suas cerimônias sagradas se transformassem em espetáculo para a hipocrisia e para a blasfêmia de vilãos que, como hienas humanas, procuravam viver fraudulentamente à custa dos mortos. O resultado geral foi um arrefecimento do grande entusiasmo inicial, um abandono daquilo que era verdadeiro e o incensamento daquilo que era falso.

O corajoso relatório do Professor Hare provocou uma desgraçada perseguição a êsse venerável cientista, que era então, com exceção de Agassiz, o mais conhecido homem de ciência da América. Os professôres de Harvard — a universidade que tem o menos invejável registro em assuntos psíquicos — toma uma resolução de o denunciar e a sua "insana adesão à gigantesca mistificação". Êle não podia perder a sua cátedra na Universidade da Pennsylvania, por isso que a ela havia renunciado, mas sofreu muito na sua reputação.

O coroamento e o mais absurdo exemplo de intolerância científica — uma intolerância que foi sempre tão violenta e desarrazoada quanto a da Igreja Medieval — foi dado pela Associação Científica Americana. esse corpo científico berrou contra o Professor Hare, quando àquele se dirigiu, e estabeleceu que o assunto era indigno de sua atenção. Entretanto os Espíritos registraram que aquela sociedade, na mesmíssima sessão, teve um animado debate para saber por que os galos cantavam entre meia-noite e uma da manhã e que,

finalmente, haviam chegado à conclusão de que, especialmente naquela hora, passa pela Terra uma onda de eletricidade, na direção norte-sul, e que as aves, despertas de seu sono e "tendo uma natural disposição para cantar", registram o acontecimento dessa maneira.

Ainda não se havia aprendido — e dificilmente terá sido aprendido — que um homem, ou uma sociedade, podem ser muito sábios em assuntos de sua especialidade e, entretanto, mostrar uma extraordinária falta de senso comum ao defrontarem uma nova proposição, que requer um completo reajustamento de idéias. A ciência inglêsa e, na verdade, a ciência do mundo inteiro, mostrou a mesma intolerância e falta de elasticidade que marcou aquêles primeiros dias na América.

Êsses dias foram tão bem descritos por Mrs. Harding Britten, a qual nêles desempenhou importante papel, que todos os interessados podem acompanhá-los em suas páginas. Algumas notas relativamente a Mrs. Britten podem adequadamente ser aí introduzidas, de vez que nenhuma história do Espiritismo seria completa sem referências a essa notável senhora, que foi chamada o São Paulo feminino do movimento espírita. Era ela uma pequena inglêsa que tinha ido para New York com uma emprêsa de teatro e tinha permanecido na América com sua mãe. Sendo estritamente evangélica, repelia fortemente aquilo que considerava um ponto de vista ortodoxo dos Espíritas e fugiu horrorizada de sua primeira sessão. Depois, em 1856, foi novamente posta em contacto com o assunto e teve provas cuja veracidade lhe foi impossível pôr em dúvida. Logo descobriu que era, também ela, um poderoso médium; e um dos melhores documentados e dos mais sensacionais casos no início do movimento foi aquêle no qual ela recebeu a informação de que o navio "Pacific" tinha naufragado no Atlântico médio, perecendo todos os passageiros, e foi perseguida pela companhia proprietária do navio, por haver repetido o que lhe havia dito o Espírito de uma das vítimas da catástrofe. Verificou-se que a informação era exata e o navio jamais foi encontrado.

Mrs. Emma Hardinge — que, por um segundo casamento, tornou-se Mrs. Hardinge Britten trouxe todo o seu temperamento entusiástico para o novo movimento e deixou nêle um rastro ainda visível. Foi uma propagandista ideal, pois reunia todos os dons. Era uma médium forte, oradora, escritora, pensadora equilibrada e trabalhadora infatigável. Ano após ano viajou de leste a oeste e de norte a sul dos Estados Unidos,

proclamando a nova doutrina em meio a muita oposição, dado o seu caráter de militante e anti-protestante de seus pontos de vista, que confessava receber diretamente de seus guias espirituais. Entretanto, como êsses pontos de vista eram que a moral das Igrejas estava demasiadamente relaxada e que se aspiravam mais altos padrões, não é de supor que o fundador do Cristianismo fôsse atingido por sua crítica. Essas opiniões de Mrs. Hardinge Britten diziam mais com o largo ponto de vista unitário dos corpos espiritualistas oficiais, que ainda existem, do que com qualquer outra causa.

Em 1866 voltou ela para a Inglaterra, onde trabalhou infatigàvelmente, produzindo as suas idéias duas grandes obras "Modern Americctn Spiritualism" e, mais tarde, "Nineteenth Century Miracles", ambas demonstrando interessante e volumosa pesquisa unida a um raciocínio claro e lógico. Em 1870 casou-se com o Doutor Britten, tão forte espírita quanto ela. Parece que foi uma união realmente feliz. Em 1878 foram à Austrália e Nova Zelândia, como missionários do Espiritismo, aí demorando muitos anos, fundando várias igrejas e sociedades, que o autor encontrou ainda de pé, quando, quarenta anos mais tarde, visitou os Antípodas com o mesmo objetivo. Quando na Austrália, escreveu ela "Faiths, Facts and Frauds of Religions History" (10),

10. Fé, Fatos e Fraudes da História Religiosa. — N. do T.

livro que ainda exerce muita influência. Houve então, indubitàvelmente, estreita conexão entre o movimento do livre pensamento e a nova revelação espírita. O Hon. Robert Stout, Procurador Geral da Nova Zelândia, era, ao mesmo tempo, Presidente da Associação dos Livre Pensadores e Espiritista ardente. Entretanto, agora se compreende mais claramente que as manifestações espíritas e seu ensino são demasiadamente largos, para se ajustarem a qualquer sistema, negativo ou positivo, e que é possível a um Espiritista professar qualquer credo, enquanto tiver o respeito essencial ao invisível e desprendimento por aquêles que o cercam.

Entre outros monumentos de sua energia, Mrs. Hardinge Britten fundou "The Two Worlds" (11)

11. Os dois mundos, N. do T.

de Manchester, que ainda, tem tão grande circulação quanto

qualquer jornal espírita no mundo. Transpôs os umbrais em 1889, tendo deixado suas pegadas indeléveis sôbre a vida religiosa de três continentes.

Essa digressão sôbre os primeiros dias do progresso na América foi longa mas necessária.

Aquêles primeiros dias foram marcados por grande entusiasmo, muito sucesso, mas, também, por considerável perseguição. Todos os dirigentes que tinham algo a perder, perderam-no. Diz Mrs. Hardinge:

"O Juiz Edmonds era apontado nas ruas como um espírita maluco. Ricos negociantes eram com pelidos a fazer declarações, a fim de serem considerados sãos e poderem manter os seus direitos comerciais pela mais firme e determinada atitude. Profissionais e comerciantes foram quase reduzidos á ruína e uma perseguição perseverante, originada na imprensa e mantida pelo púlpito, descarregava tôda sorte de impropérios contra a causa e os seus prosélitos. Muitas das casas onde se reuniam os grupos espÍritas eram perturbadas por multidões, reunidas ao cair da noite, aos urros, aos gritos, aos assovios, quando não quebrando as vidraças e procurando molestar os quietos investigadores no seu insano trabalho de "despertar os mortos", como piedosamente um dos jornais denominava o ato de invocar os "Mistérios dos Anjos".

De lado os altos e baixos do movimento, o aparecimento de novos médiuns, a ocasional denúncia dos falsos médiuns, as comissões de inquérito — quase sempre negativas pela falta de percepção dos investigadores de que o êxito de um grupo psíquico depende das condições psíquicas de todos os seus membros — o desenvolvimento de novos fenômenos e a conversão de novos iniciados, há alguns incidentes marcantes dessa primeira fase que deve ser particularmente frisada. Notável entre êstes é a mediunidade de D. D. Home, e a dos dois rapazes de Davenport, que constituem episódios tão importantes e atraem a atenção de tal maneira e por tanto tempo que são tratados em capítulos especiais. Há, entretanto, certas mediunidades menores, que reclamam uma breve referência.

Uma destas é a de Linton, o ferreiro, um homem quase analfabeto, pôsto que, como A. J. Davis, tivesse escrito um livro notável e, ao que parece, ditado por um Espírito. Êsse livro de 530 páginas, intitulado "The Healing o! the Nations" (12)

12. "A Cura das Nações". — N. do T.

é, certamente, uma notável produção, seja qual fôr a sua fonte, e é óbvio que não poderia ter sido produzido normalmente por tal autor. Está ornado de um prefácio longo, da pena do Governador Tallmadge, que mostra quanto o digno senador conhecia a antiguidade clássica. Do ponto de vista clássico e da Igreja Primitiva, poucas vêzes se tem escrito melhor.

Em 1857 a Universidade de Harvard mais uma vez se notabilizou pela perseguição e expulsão de um estudante, chamado Fred Willis, pela prática da mediunidade. Dir-se-ia que o Espírito de Cotton Mather e dos perseguidores das feiticeiras de Salém haviam caído em Boston, sôbre aquêle grande centro de saber, pois naqueles primeiros tempos estava sempre em luta com aquelas fôrças invisíveis, que ninguém pensa em dominar. A coisa começou por uma intempestiva ação da parte de um certo Professor Eustis, para provar que Willis fraudava, quando tôdas as experiências provam que era um verdadeiro sensitivo, que fugia de tôda demonstração pública de sua fôrça. O assunto produziu grande excitação e escândalo.

Êste e outros casos de violência podem ser citados. Não obstante, é preciso reconhecer que a esperança de êxito de um lado, e a efervescência mental causada por tão terrível revelação do outro, arrastaram, neste período, os supostos médiuns a um tal grau de desonestidade e a tão fanáticos excessos e grotescas afirmações, que comprometeram o sucesso imediato que os espíritas mais sãos e corretos podiam esperar.

Uma curiosa fase de mediunidade, que atraiu muita atenção, foi a de um fazendeiro, Jonathan Koons e sua família, que viviam num distrito rural de Ohio. Os fenômenos obtidos pelos irmãos Eddy são discutidos mais amplamente no capítulo seguinte e, como os dos Koons eram no mesmo sentido, não necessitam ser tratados minuciosamente. Os instrumentos musicais foram largamente empregados em demonstrações da fôrça dos Espíritos, e a cabana dos Koons tornou-se célebre em todos os Estados vizinhos — tão célebre que vivia cheia de gente, pôsto que situada a setenta milhas da cidade mais próxima.

Parece que se tratava de um verdadeiro caso de mediunidade de efeitos físicos, de natureza vulgar, como era de esperar onde o centro era um fazendeiro bronco. Muitas investigações foram feitas, mas os fatos ficaram sempre

inatingidos pela crítica. Contudo, eventualmente, Koons e sua família eram conduzidos de casa, pela perseguição da gente ignorante, em cujo meio viviam. A vida rude, ao ar Livre, do fazendeiro parece especialmente adequada ao desenvolvimento da forte mediunidade de efeitos físicos. Foi no lar de um fazendeiro americano que ela primeiro se manifestou, e os Koons em Ohio, os Eddy em Vermont, Foss em Massachusetts e muitos outros mostraram sempre a mesma fôrça.

Podemos fechar êste relato dos primeiros dias com muita propriedade, citando em fato onde a intervenção dos Espíritos provou a sua importância para a história do mundo. Foi um exemplo das inspiradas mensagens que determinaram a ação de Abrahan Lincoln no momento supremo da guerra civil. Os fatos estão fora de discussão e são citados com provas corroborantes do livro de Mrs. Maynard sôbre Abrahan Líncoln. O nome de solteira de Mrs. Maynard era Nettia Colburn e ela foi a heroína da história.

A môça era poderosa médium de transe e visitou Washington no inverno de 1862, para ver seu irmão que se achava no Hospital do Exército Federal. Mrs. Lincoln, espôsa do Presidente, que se interessava pelo Espiritismo, fêz uma sessão com Miss Colburn, ficou muito impressionada com o resultado e, no dia seguinte, mandou a carruagem buscar a médium para ver o Presidente. Ela descreve a bondosa maneira com que o grande homem a recebeu à entrada da Casa Branca e cita o nome das pessoas presentes. Sentou-se, caiu no transe costumeiro e não se recorda de mais nada. E assim continua:

"Durante mais de uma hora fizeram falar com êle e, pelos amigos, soube mais tarde que a conversa girava sôbre coisas que êle parecia entender muito bem, ao passo que êles pouco entendiam, inclusive a parte relacionada com a próxima Proclamação da Emancipação. Foi-lhe ordenado com a maior solenidade e fôrça de expressão que não modificasse os têrmos da sua proposição e não adiasse a sua trans formação em lei até o comêço do ano; foi-lhe assegurado que isto seria o coroamento de sua administração e de sua vida; e que, enquanto êle estava sendo aconselhado por fortes elementos para adiar aquela medida, substituindo-a por outras medidas e por uma dilação, não deveria dar atenção a tais conselhos, mas firmar-se nas suas convicções e destemerosamente realizar o trabalho e cumprir a missão para a qual tinha sido elevado pela

Providência. Os presentes declararam que esqueceram a presença da jovem timida, em face da majestade de sua advertência, a fôrça e o poder de suas linguagens e a importância da sua mensagem, que dava a impressão de que uma poderosa fôrça espiritual masculina falava sob um comando divino.

Jamais esquecerei a cena em meu redor, quando recuperei a consciência. Achava-me de pé em frente a Mr. Lincoln, o qual se achava afundado em sua cadeira, com os braços cruzados sobre o peito, olhando-me intensamente. Recuei, naturalmente confusa com a situação — sem me lembrar de momento onde me achava; relanceei o olhar sôbre o grupo no qual reinava absoluto silêncio. Durante um momento procurei recordar-me das coisas.

Um cavalheiro presente disse então, em voz baixa: "Senhor Presidente, notou algo de peculiar na maneira da mensagem?" Mr. Lincoln levantou-se, como que abalado. Pousou o olhar sôbre o retrato de corpo inteiro de Daniel Webster, acima do piano, e com muita ênfase, respondeu: "Sim, e é muito singular, muito!"

Mr. Somes disse: "Senhor Presidente, seria impróprio que eu perguntasse se houve qualquer pressão sôbre Vossa Excelência no sentido de adiar a aplicação da Proclamação?"

Ao que o Presidente respondeu: "Nestas circunstâncias a pergunta tem tôda propriedade, pois somos todos amigos." E, sorrindo para o grupo, acrescentou: "Essa pressão abala-me os nervos e as fôrças." A essa altura os cavalheiros o rodearam falando em voz baixa, sendo Mr. Lincoln o que menos falava. Por fim êle virou-se para mim e, pondo a mão sôbre minha cabeça, pronunciou as seguintes palavras que jamais esquecerei: "Minha filha, você possui um dom singular; e não tenho dúvidas que vem de Deus. Agradeço-lhe por ter vindo aqui esta noite. Isto é mais importante, talvez, do que a gente inimiga. Devo deixar vocês todos agora, mas espero vê-la novamente." Sacudiu bondosamente a mão, curvou-se ante o resto do grupo e se foi. Ficamos ainda uma hora, a conversar com Mrs. Lincoln e seus amigos e então voltei a Georgetown. Essa foi a minha primeira entrevista com Abraham Lincoln e a sua lembrança me ficou tão viva como na noite em que ela se deu".

Foi êste um dos mais importantes exemplos na história do Espiritismo e também deve tê-lo sido na história dos Estados Unidos, não só porque animou o Presidente a dar um passo

que levantou enormemente o moral do Exército do Norte e pôs nos homens algo do espírito de cruzada; mas uma mensagem que se seguiu apressou Lincoln a visitar os campos, o que êle fêz com o melhor efeito sôbre o moral das tropas. Entretanto, em vão procurará o leitor qualquer referência nos livros de história da grande luta e da vida do Presidente a êsse episódio vital. Tudo isto devido ao incorreto tratamento tanto tempo suportado pelo Espiritismo.

É impossível que se os Estados Unidos apreciassem a verdade, permitissem que o culto, cujo valor ficou provado no mais sombrio momento de sua história, seja perseguido e reprimido por uma polícia ignorante e por magistrados fanáticos, na maneira agora tão comum, ou que a imprensa continue a mofar de um movimento que produziu a Joanna DArc de seu país.

7
A Aurora na Inglaterra

OS PRIMEIROS espíritas freqüentemente têm sido comparados aos primeiros cristãos e, na verdade, há muitos pontos de semelhança. Num ponto, entretanto, os espÍritas levam uma vantagem. As mulheres da antiga dispensação representaram nobremente o seu papel, vivendo como santas e morrendo como mártires; mas não aparecem como pregadoras e missionárias. A fôrça psíquica e o conhecimento espírita, entretanto, são tão grandes num sexo quanto no outro; daí muitos dos grandes pioneiros da revelação espírita terem sido mulheres. Isto deve ser reclamado especialmente em relação a Emma Hardinge Britten, criatura cujo nome cresce à medida que o tempo passa. Contudo, houve várias outras missionárias destacadas; e a mais importante destas, do ponto de vista inglês, é Mrs. Hayden, a primeira a trazer os novos fenômenos a estas plagas, no ano de 1852. Tínhamos dos velhos apóstolos a fé religiosa. Finalmente aqui estava um apóstolo do fato religioso.

Mrs. Hayden era uma senhora notável tanto quanto excelente médium. Era espôsa de um respeitável jornalista da Nova Inglaterra, que a acompanhava em sua missão, organizada por um tal senhor Stone, o qual tinha alguma experiência das faculdades dela na América. Por ocasião de sua visita foi descrita como "môça, inteligente e, ao mesmo tempo, de maneiras simples e cándidas". Acrescenta o seu crítico britânico:

"Ele desarmava a suspeita por uma atitude de naturalidade sem afetação e muitos que vinham procurar divertir-se à sua custa eram forçados ao respeito e, até, à cordialidade pela paciência e bom humor que ela demonstrava. A invariável impressão deixada por uma entrevista com ela era que, conforme a observação de Mr. Dickens, se os fenômenos produzidos por ela fossem atribuidos a artifícios, era ela, até onde a arte poderia chegar, a mais perfeita artista, jamais apresentada ao público.

A ignorante imprensa britânica tratou Mrs. Hayden como simples aventureira americana. Seu verdadeiro calibre mental, entretanto, pode ser avaliado pelo fato de que, alguns anos mais tarde, depois de seu regresso aos Estados Unidos, Mrs. Hayden formou-se em medicina e exerceu a profissão durante quinze anos, O Doutor James Rodes Buchanan, famoso pioneiro da psicometria, a ela se refere como "um dos mais

hábeis e bem sucedidos médicos que jamais conheceu." Foi-lhe oferecida uma cadeira de professor de medicina numa faculdade americana e ela foi empregada pela Globe Insurance Com pany, no serviço de proteção da companhia contra os prejuízos nos seguros de vida. Um dos aspectos de seu sucesso era aquilo que Buchanan descreve como o seu gênio psicométrico. E acrescenta um único tributo ao fato de seu nome ter sido quase esquecido pela Junta de Saúde, porque, durante muitos anos, ela não deu nenhum atestado de óbito.

Tudo isto, entretanto, estava acima do conhecimento dos cépticos de 1852, que não podem ser censurados por insistirem para que essas estranhas manifestações de além-túmulo fôssem examinadas com o máximo rigor, antes de serem admitidas. Ninguém poderia opor-se a essa atitude da crítica. Mas o que parece estranho é que uma proposição que, se verdadeira, envolveria tão boas novas quanto a transposição das barreiras da morte e a verdadeira comunicação dos santos, provoque não uma crítica serena, conquanto rigorosa, mas uma tempestade de insultos e de abusos, inescusáveis em qualquer momento, mas principalmente quando dirigidos a uma senhora que visitava os nossos meios. Diz Mrs. Hardinge Britten que Mrs. Hayden não apareceu em cena antes que os chefes da imprensa, do púlpito e das academias não tivessem contra ela levantado uma tempestade de obscenidades, de perseguições e de insultos, tão deprimentes para os autores quanto humilhantes para o decantado liberalismo e para a acuidade científica de sua época. Acrescenta que o seu delicado espírito feminino deve ter sido profundamente ferido e que a harmonia mental, tão essencial à produção de bons resultados psicológicos, constantemente foi destruída, pelo cruel e insultuoso tratamento daqueles que se apresentaram como investigadores, mas na verdade ardendo de desejo de destrui-la e armando ciladas para falsearem as verdades de que Mrs. Hayden se tornara instrumento. Extremamente sensível ao ânimo de seus visitantes, ela podia sentir, e por vêzes se abateu sob a esmagadora fôrça do antagonismo despejada sôbre ela — sem que, então, soubesse como repelir ou resistir.

Ao mesmo tempo não se achava a nação inteira envolvida nessa hostilidade irracional que, de forma diluída, ainda vemos em tôrno de nós. Levantaram-se homens corajosos, que não temeram comprometer a sua carreira profissional ou a sua reputação de equilíbrio, como campeões contra uma causa

impopular: eram tangidos pelo simples apêgo à verdade e por aquêle espírito cavalheiresco, revoltado contra a perseguição a uma senhora. O Doutor Ashburner, um dos médicos do rei e Sir Charles Isham eram contados entre os que defenderam o médium pela imprensa.

Julgada pelos modernos padrões, a mediunidade de Mrs. Hayden parece ter sido estritamente limitada. A não ser para as batidas, pouco se fala de fenômenos físicos, do mesmo modo que não se alude a luzes, a materializações, ou Vozes Diretas. Entretanto, em harmoniosa companhia, as respostas obtidas pelas batidas eram exatas e convincentes. Como todo verdadeiro médium, era sensitivo às discórdias em seu redor. E o resultado disso era que a multidão desprezível de zombadores e pesquisadores de maus instintos que a visitavam tinham nela uma vítima fácil. Decepção é paga com a decepção e o louco recebe resposta conforme a sua Loucura, embora a inteligência que está por detrás das palavras aparentemente não se preocupe muito com o fato de que o instrumento empregado possa ser tomado como responsável pela resposta. Êsses pseudopesquisadores enchem a imprensa com seus relatos humorísticos de como enganaram aos Espíritos quando, na realidade, êles é que foram enganados. George Henry Lewes, posteriormente espôso de George Eliot (1)

1. George Eliot é o nome literário de Mary Ann Evans, nascida em 1819 e morta em 1880. Enviuvou em 1878; casou-se pouco antes de morrer, com J. W. Cros. — N. do T.

era um dêsses cínicos investigadores. Conta êle com ironia que, tendo perguntado por escrito ao Espírito manifestante: "Mrs. Hayden é uma impostora?", êste respondeu:

"Sim". Lewes era suficientemente desonesto para citar isto como se fôsse uma confissão de culpa de Mrs. Hayden. Qualquer um daí deduziria que as batidas eram inteiramente independentes do médium e, ainda, que perguntas feitas com puro espírito de frivolidade não merecem resposta séria.

Entretanto, é pela forma positiva e não pela negativa que perguntas como esta devem ser julgadas; e o autor deve aqui usar citações mais do que normalmente é seu hábito, pois não há outra maneira de mostrar como aquelas sementes foram inicialmente lançadas na Inglaterra e destinadas a atingir tão grandes alturas. Já aludiu ao testemunho do Doutor

Ashburner, o famoso médico e talvez seja bom acrescentar algumas palavras suas. Diz êle (2)

2. The Leader, 14 de março de 1853.

"O sexo deveria tê-la protegido contra as injúrias, se. êsses rapazes da imprensa não têm consideração pelos sentimentos de hospitalidade para com alguém de nossa classe, pois Mrs. Hayden é espôsa de um antigo editor e proprietário de jornal em Boston, o qual tem a maior circulação na Nova Inglaterra. Eu lhes declaro que Mrs. Hayden não é uma impostora; e quem quer que se aventure a uma conclusão oposta fá-lo-á sacrificando a verdade."

Novamente, em longa carta a The Reasoner (3)

3. 1º e 8 de junho de 1853.

depois de confessar que tinha visitado a médium numa disposição de espírito de absoluta incredulidade, esperando testemunhar "a mesma classe de aparentes absurdos", que tinha encontrado em outros supostos médiuns, escreve Ashburner: "Em relação a Mrs. Hayden tenho tão forte convicção de sua perfeita honestidade que me admiro de que alguém possa deliberadamente acusá-la de fraude". Ao mesmo tempo fornece detalhes de comunicações verazes que recebeu.

Entre os investigadores estava o célebre matemático e filósofo Professor De Morgan. Êle relata suas experiências e conclusões no longo e magistral prefácio ao livro de sua espôsa "From Matter lo Spirit", publicado em 1863, dizendo:

"Há dez anos passados Mrs. Hayden, a conhecidíssima médium americana, veio sozinha à minha casa. A sessão começou imediatamente após a sua chegada. Oito ou nove pessoas de todos os graus de crença e de descrença de que a coisa fôsse impostura se achavam presentes. As batidas começavam como de costume. Para mim eram limpas, claras, fracos sons que, se tivessem durado, dir-se-iam de uma campainha. Então os comparei ao ruido feito pelas pontas de agulhas de tricô, se largadas de uma certa altura sôbre o mármore de uma mesa e que instantâneamente fôsse abafado por um processo qualquer. E a seguir a prova que fizemos mostrou que minha descrição era razoàvelmente aceitável... No último período naquela noite, depois de cêrca de três horas de experiência, Mrs. Hayden levantou-se e falando a uma outra

mesa, enquanto tomava um refresco, sübitamente uma criança disse: "Quererão todos os Espíritos que estiveram aqui esta noite bater ao mesmo tempo?"

Nem bem haviam sido pronunciadas aquelas palavras e uma saraivada de batidas de agulhas de tricô foi ouvida durante cêrca de dois segundos, ouvindo-se distintamente o ruído forte das dos homens e mais fraco das mulheres e crianças, embora em perfeita desordem na sua produção".

Depois de uma observação no sentido de assentar que admite as batidas como produzidas pelos Espíritos, continua o Professor De Morgan:

"Solicitado a fazer uma pergunta ao primeiro Espírito, perguntei se poderia fazer tal pergunta mentalmente, isto é, sem a pronunciar, ou a escrever, ou apontar as letras componentes, e se Mrs. Hayden poderia ficar com os braços estendidos enquanto estivesse sendo dada a resposta. Os pedidos foram imediatamente garantidos por duas batidas. Fiz a pergunta e desejei que a resposta fôsse dada numa só palavra que escolhi; tudo mentalmente.

Então, tomei o alfabeto impresso, pus o livro de pé à sua frente e, olhando para aquêle, comecei a apontar as letras como de costume. Foi dada a palavra "chass" (4);

4. Xadrez (o jogo). — N. do T.

foi dada por meio de batidas a cada letra. Eu tinha agora uma raciocinada certeza da seguinte alternativa: ou uma leitura do pensamento de caráter inteiramente inexplicável, ou uma acuidade sobrehumana da parte de Mrs. Hayden, que lhe permitia perceber a letra que eu fixava, muito embora, sentada a cêrca de dois metros do livro que escondia o meu alfabeto, nem pudesse ver a minha mão nem os meus olhos nem, de modo algum, como estava apontando as letras. Antes que a sessão terminasse eu tinha sido obrigado a afastar a segunda hipótese."

Outro episódio da sessão, que êle relata, é dado com muitos detalhes, numa carta dirigida ao Reverendo W. Heald dez anos antes, que fosse publicada no livro de sua espôsa "Memoir of Agostous De Morgan", páginas 221 e 222:

"Então veio meu pai (ob. 1816) e, depois de uma ligeira conversa, o seguinte diálogo foi estabelecido:

-"Lembra-se de um periódico que tenho em mente?" — "Sim." — "Lembra-se das expressões que se referem a você?"

— “Sim.” — “Pode dar-me pelas cartas as iniciais daquelas expressões?” — “Sim.”

“Então comecei a apontar o alfabeto, tendo um livro a tapar as cartas. Mrs. H. se achava do outro lado de uma grande mesa redonda e uma lâmpada forte estava entre nós. Apontei letra por letra até que cheguei a F, que supunha fôsse a primeira inicial. Nenhuma batida. Alguém perto de mim disse: “Você passou; houve uma batida no comêço.” Recomecei e ouvi uma batida distinta no C. Isto me intrigou, mas logo vi o que era. A sentença havia começado por uma batida mais cedo do que eu esperava. Eu tinha deixado passar o “C” e registrado o “D” “T” “E” “O” “C”, iniciais das palavras consecutivas de referência a meu pai, numa velha revista publicada em 1817, das quais ninguém na sala jamais ouvira falar, exceto eu. “C” “D” “T” “E” “O” “C” estava certo e, assim que o constatei, parei, perfeitamente satisfeito que alguma forsa, ou alguém, ou algum Espírito, estivesse lendo os meus pensamentos. Estas e outras coisas se continuaram por cêrca de três horas, durante grande parte das quais Mrs. H. estivera lendo a “Key to Uncle Tom’s Cabin” (5),

5. “Chave da Cabana do Pai Tomás.” — N. do T.

que nunca tinha visto antes e lhe asseguro que o fazia com tanta avidez quanto você pode imaginar numa americana que o vê pela primeira vez. Enquanto isto, nós nos distraíamos por outro lado com as batidas. Declaro que tudo isto é absolutamente verdadeiro. Desde então tenho visto isto com freqüência em minha casa, sob o testemunho de várias pessoas. A maior parte das respostas é dada pela mesa, na qual são colocadas de leve uma ou duas mãos, para apontar as letras. Há muita coisa confusa nas respostas, mas de vez em quando vem algo que nos surpreende. Não tenho idéia formada a respeito, mas em um ou dois anos pode acontecer algo de curioso. Entretanto estou satisfeito com a realidade do fenômeno. Como eu, muitas outras pessoas conhecem êstes fenômenos, experimentando em suas próprias casas. Se você é um filósofo, pense o que quiser.”

Quando o Professor De Morgan diz que algum Espírito estava lendo seus pensamentos, deixa de observar que o incidente da primeira letra era prova de qualquer coisa que não estava em sua mente. Assim, da atitude de Mrs. Hayden durante a sessão, é claro que se tratava de sua atmosfera e não

de sua atual personalidade consciente. Outras provas importantes do De Morgans vão para o Apêndice.

Mrs. Fitzgerald, a conhecida figura dos primeiros tempos do Espiritismo em Londres, publica no The Spiritualist de 22 de novembro de 1878, a notável experiência feita com Mrs. Hayden, que damos a seguir:

"Meu primeiro contacto com o Espiritismo se deu há trinta anos, quando da primeira visita a êste país feita pela conhecida médium, Mrs. Hayden. Fui convidada a vê-la numa reunião dada por uma amiga em Wimpole Street, em Londres. Tendo antes assumido para aquela tarde um compromisso que não podia cancelar, cheguei atrasada, depois de uma cena extraordinária, da qual todos falavam animadamente. Meu olhar de desapontamento foi notado e Mrs. Hayden, que então encontrava pela primeira vez, adiantou-se muito bondosa, exprimindo o seu pesar e sugerindo que me sentasse a uma mesinha, separada das Outras pessoas, e que iria pedir aos Espíritos que se comunicassem comigo. Tudo isso era tão novo e surpreendente que eu quase não compreendia o que ela estava dizendo ou o que eu devia esperar. Ela colocou um alfabeto impresso à minha frente, um lápis e uma fôlha de papel.

Enquanto isto fazia, senti extraordinariamente as batidas sôbre a mesa, cujas vibrações me atingiam a planta do pé, apoiado sôbre o pé da mesa. Então ela me ensinou a anotar cada letra indicada por uma batida distinta e, com essa simples explicação, deixou-me entregue a mim mesma. Indiquei, como desejava, e uma batida distinta marcou a letra E; outras se seguiram até formarem um nome que eu não podia ignorar. Foi dada a data da morte, que eu ignorava e acrescendo uma mensagem que trouxe á minha memória as últimas fracas palavras de uma velha amiga, a saber: "Velarei por ti!" Então se desenhou vivamente em minha memória a lembrança de tôda a cena. Confesso que fiquei estupefata e algo aterrada.

Levei o papel no qual tudo isso fôra escrito e ditado pelo Espírito de minha amiga ao seu último procurador e êle me garantiu que as datas, etc. , estavam perfeitamente corretas. Não tinham ficado em minha mente porque eu não me tinha preocupado com elas."

É interessante notar que Mrs. Fitzgerald declara que supunha que a primeira sessão de Mrs. Hayden em Londres tinha sido feita com Lady Cambermere, seu filho, o Major Cotton, e Mr. Henry Thompson, de York.

No mesmo volume de The Spiritualist, à página 264, aparece o relato de uma sessão com Mrs. Hayden, realizada em vida de Charles Young, o conhecido ator trágico, escrito por seu filho, o Reverendo Julian Young:

"19 de Abril de 1853. Neste dia fui a Londres com o propósito de consultar meus advogados sôbre assunto de importância para mim e, tendo ouvido falar muito de uma Mrs. Hayden, senhora americana e médium espírita, desde que me achava na cidade resolvi descobri-la e avaliar os seus dons por mim mesmo. Acidentalmente encontrei um velho amigo, Mr. H., a quem pedi o enderêço dela. Disse-me êle que era em 22, Queen Street, Cavendish Square. Como êle jamais a tinha visto e desejava vê-la, mas não queria gastar um guinéu para isto, convidei-o para ir comigo. Aceitou com satisfação. As batidas de espíritos tornaram-se tão comuns em 1853 que eu abusaria da paciência do leitor se fôsse descrever a maneira convencional de comunicação entre vivos e mortos. Desde a data acima tenho assistido muito a batidas de Espíritos; e, con quanto meus órgãos da imaginação sejam muito desenvolvidos, e eu tenha um fraco pelo místico e pelo sobrenatural, ainda não posso dizer que haja testemunhado qualquer fenômeno espírita que não possa ser explicado por meios naturais, exceto o caso que vou relatar, no qual qualquer conluio parece afastado, pois o amigo que me acompanhava jamais tinha visto Mrs. Hayden e ela nem sabia o seu nome nem o meu. Entre mim e Mrs. Hayden travou-se o seguinte diálogo:

Mrs. H.: — O senhor deseja comunicar-se com algum amigo já falecido?

J. C. Y.: — Sim.

Mrs. H.: — Então tenha a bondade de fazer perguntas na maneira indicada na fórmula e eu lhe digo que obterá respostas satisfatórias.

J. C. Y. (Dirigindo-se a um invisível que admitia estivesse presente): — Diga-me o nome da pessoa com quem desejo comunicar-me.

As letras foram marcadas por batidas à medida que eram pronunciadas e formaram o nome de George William Young.

—Em quem estão fixados os meus pensamentos?

—Frederick William Young.

—De que sofre êle?

—Tic doloroso.

—Pode indicar alguma coisa para êle?

—Enérgico mesmerismo.
- Quem lho poderia administrar?
—Alguém que tivesse grande simpatia com o paciente.
—Eu teria êxito?
—Não.
—Quem teria?
—Joseph Ries.
Era um rapaz a quem meu tio respeitava.
—Perdi algum amigo recentemente?
—Sim.
—Quem?
Eu estava pensando em Miss Young, uma prima longe.
—Christiana Lane.
—Pode dizer onde dormirei esta noite?
—Em casa de James B, 9, Clarges Street.
—Onde dormirei amanhã?
—Na casa do Coronel Weymonth, em Upáginaser Grosvenor Street.

Eu estava tão assombrado com a exatidão das respostas dadas as minhas perguntas que disse ao senhor que estava comigo que desejava fazer algumas perguntas íntimas, que ninguém deveria ouvir e, assim, me via obrigado a lhe pedir que passasse á sala vizinha por alguns minutos. Isto pôsto, retomei o diálogo com Mrs. Hayden.

—Levei o meu amigo a afastar-se porque não desejo que êle saiba da pergunta que desejo fazer; mas, também, estou ansioso por que a senhora também não a saiba e, se bem compreendo, nenhuma resposta me pode ser dada senão por intermédio da senhora. Em tais circunstâncias, como deveremos proceder?

—Faça a sua pergunta de maneira que a resposta possa ser dada por uma palavra que focalize a idéia que o senhor tem em mente.

—Tentarei. Realizar-se-á aquilo que me ameaça?
- Não.

—Isto não satisfaz. É fácil dizer sim ou não, mas o valor da afirmação ou da negação dependerá da convicção que tenho de que a senhora saiba em que estou pensando. Dê-me uma palavra que mostre que a senhora tem a pista dos meus pensamentos.

—Testamento.

—Na verdade, um testamento pelo qual eu seria beneficiado estava ameaçado de contestação. Eu desejava saber se a

ameaça seria levada a efeito. A resposta recebida era correta".

Deve notar-se que Mr. Young, antes ou depois da sessão, não acreditava na manifestação dos Espíritos e que, certamente, depois dessa experiência, a assimilação de novos conhecimentos não depõe muito em favor de sua inteligência ou de sua capacidade.

A seguinte carta de Mr. John Malcolm, de Clifton, Bristol, publicada em The Spiritualist, menciona como são os assistentes pessoais muito conhecidos. Discutindo a questão levantada: onde teria sido realizada a primeira sessão na Inglaterra e quem a teria assistido, diz êle:

"Não me lembro da data; mas, visitando a minha amiga Mrs. Crowe, autora de "The Night Side of Natitre" (6)

6. "O Lado Obscuro da Natureza". — N. do T.

esta me convidou para acompanhá-la a uma sessão espírita em casa de Mrs. Hayden, em Queen Anne Street, Cavendish Square. Informou-me que Mrs. Hayden acabava de chegar da América para exibir os fenômenos espíritas ao povo da Inglaterra, que deveria interessar-se pelo assunto. Estavam presentes Mrs. Crowe, Mrs. Milner Gibson, Mr. Collej Grattan, autor de "High Ways and Bye Ways" (7),

7. "Estradas reais e caminhos secretos" — N. do T.

Mr. Robert Chambers, Doutor Daniel, Doutor Samuel Dickson e muitos outros cujos nomes não ouvi.

Algumas manifestações notabilíssimas ocorreram nessa ocasião. Posteriormente tive oportunidade de visitar Mrs. Hayden e, con quanto de início inclinado a duvidar da autenticidade dos fenômenos, tive prova tão evidente da comunicação dos Espíritos que me tornei um firme crente nessa verdade".

Na imprensa inglêsa desencadeou-se furiosa luta. Pelas colunas do jornal londrino Critic, Mr. Henry Spicer, autor de "Sights and Sounds" (8),

8. "Visões e ruídos". — N. do T.

respondia às críticas do Household Worlds, do Leader e do Zoist. Seguiu-se no mesmo jornal uma longa contribuição de um clérigo de Cambridge, que usava as iniciais M. A., e que era

admitido como sendo o Reverendo A. W. Hobson, do St. John's College, de Cambridge.

A descrição dêsse cavalheiro é forte e expressiva, mas demasiadamente longa para ser transcrita. A questão é de alguma importância, na opinião do autor, por se tratar do primeiro clérigo inglês interessado no assunto. É estranho e, talvez, característico da época, quão pouco as conseqüências religiosas chocaram os vários assistentes e como ficaram êles inteiramente absorvidos em saber o segundo nome da avó ou o número de seus tios. Mesmo os mais zelosos faziam perguntas fúteis e ninguém demonstrava haver compreendido as reais possibilidades de um tal intercâmbio ou que se poderia estabelecer uma base firme para a crença religiosa. Contudo aquêle clérigo, de maneira acanhada, viu o lado religioso da questão. E termina o seu relato com êste parágrafo:

"Concluo em poucas palavras aos numerosos leitores clericais de Critic. Como clérigo da Igreja da Inglaterra, considero êste um assunto ao qual meu irmão sacerdote deve, mais cedo ou mais tarde, demonstrar interêsse, por mais relutante que seja em se dedicar a êle. E minhas razões, em poucas palavras, são as seguintes: Se um tal interêsse se generalizar neste país, como já aconteceu na América, — e que razões temos nós para não o admitir? — então o clero de todo o reino a êle será chamado de todos os lados, terá que dar a sua opinião e provavelmente será obrigado, por seus mesmos deveres, a interferir e a evitar as mistificações a que, em muitos casos, o mistério conduziu. Um dos mais sensíveis e hábeis escritores sôbre as manifestações espíritas na América, como por exemplo Adin-Ballou, em seu trabalho advertiu os leitores que não acreditassem em todos os Espíritos que se comunicam, nem mudassem de opinião nem de crença, como tem sido feito aos milhares, influenciados por estas batidas. A coisa apenas começou na inglaterra; mas em poucos meses, desde que o casal Hayden chegou a Londres, espalhou-se como fogo na floresta e tenho boas razões para dizer que o entusiasmo apenas se acha em começo. Pessoas que de início consideraram a coisa como impostura e mistificação, testemunhando elas próprias os fenômenos, a princípio ficaram chocadas e atônitas, depois aceitaram cegamente as mais loucas conclusões — como, por exemplo, que tudo é trabalho do demônio ou, em sentido contrário, que há uma revelação do Céu. Vejo muitas pessoas capazes e inteligentes, terrível e completamente mistificadas. E ninguém sabe o que

fazer. De minha parte apresso-me a confessar que também me sinto mistificado. De que não é impostura estou absoluta e perfeitamente convencido. Além dos testes acima referidos, tive uma longa conversa com Mr. Hayden e sua senhora, separadamente, e tudo quanto me disseram tinha a marca de sinceridade e boa fé. Aliás isto não constitui prova para outros, mas apenas para mim. E se engano existe, tão enganados estão eles quanto as suas vítimas."

Não foi o clero, mas os livres-pensadores que perceberam a verdadeira significação da mensagem, e que ou deviam lutar contra essa prova da vida eterna ou deviam confessá-la honestamente, como tantos de nós o fizemos desde então, que a sua filosofia estava estraçalhada e que êles tinham sido batidos no seu próprio campo. Esses homens tinham pedido provas em questões transcendentes e os mais honestos e argutos foram forçados a admitir que as tinham tido. O mais nobre de todos êles foi Robert Owen, tão famoso por seus trabalhos humanitários como por sua atrevida independência em questões religiosas. Esse homem corajoso e honesto declarou publicamente que os primeiros raios dêsse sol nascente o tinham ferido e haviam dourado o sombrio futuro que êle imaginava. Diz êle:

"Tracei pacientemente a história dessas manifestações, investiguei os fatos a elas ligados, em numerosos casos testemunhados por pessoas de grande caráter, tive catorze sessões com a médium Mrs. Hayden, durante as quais ela me deu tôdas as oportunidades para verificar, quando possível, se poderia ter havido qualquer mistificação de sua parte."

"Não só me convenci de que não havia mistificação, com médiuns fidedignos nesses processos, mas que os mesmos estão destinados, no atual período, a realizar a maior revolução moral no caráter e nas condições da raça humana."

Mrs. Emma Hardinge Britten comenta o interêsse e a admiração produzida pela conversão de Robert Owen, cuja influência, puramente materialista, era tida como exercendo um efeito prejudicial sôbre a religião. Diz ela que um dos mais preeminentes estadistas ingleses dizia que "Mis. Hayden merecia um monumento, quando mais não fôsse, pela só conversão de Robert Owen".

Pouco depois o famoso Doutor Elliotson, presidente da secular sociedade, foi convertido, como São Paulo, depois de violento ataque à nova revelação. Êle e o Doutor Ashburner tinham sido os mais preeminentes defensores do mesmerismo

naqueles dias em que êsse indiscutível fenômeno tinha que lutar por sua existência e quando cada médico que o apoiava estava arriscado a ser chamado de charlatão. Foi penoso para ambos, porque enquanto o Doutor Ashburner se atirava entusiasmado nessas altas cogitações, seu amigo se via compelido não só a repeli-lo, mas a atacá-lo. Contudo, a divergência foi liquidada pela completa conversão de Elliotson; e Mis. Hardinge Britten relata como, em seus últimos dias, êle insistia para que ela viesse vê-lo e como o encontrou como um fervoroso adepto do Espiritismo, uma fé que o venerando senhor amava como a mais brilhante revelação, que jamais o havia iluminado e que, finalmente, suavizando a escura passagem para o Além da Morte, havia feito dessa transição uma cena de fé triunfante e de sorridente antecipação".

Como era de esperar, não demorou muito para que o rápido desenvolvimento dos fenômenos das mesas obrigasse os cientistas cépticos a lhes reconhecer a existência ou, pelo menos, tentar demonstrar o engano dos que atribuíam os movimentos a uma causa externa. Braid, Carpenter e Faraday sustentavam publicamente que os resultados obtidos eram devidos apenas a uma ação muscular inconsciente. Faraday imaginou instrumentos engenhosos por meio dos quais tinha comoprovada a sua assertiva. Mas, como muitos outros críticos, não tinha feito experiências com um bom médium e o fato muito bem constatado do movimento de mesas sem contacto era suficiente para desmoronar as suas teorias. Se se pudesse imaginar um leigo sem telescópio a contradizer um astrônomo, que o tivesse usado, teríamos uma analogia para essa gente que se aventura a criticar assuntos psíquicos sem jamais ter feito experiências psíquicas.

Foi Sir David Brewster quem exprimiu o estado de ânimo daquela época. Falando de um convite de Monckton Milnes para encontrar-se com Mr. Galla, o explorador africano "que lhe havia assegurado que Mrs - Hayden lhe havia dito nomes de pessoas e lugares da África que ninguém, a não ser êle, podia saber", comenta Sir David: "É fora de dúvida que o mundo está ficando maluco.

Mrs. Hayden ficou cêrca de um ano na Inglaterra, tendo voltado para a América em fins de 1853. Um dia, quando estas questões tiverem a sua verdadeira proporção, em relação a outros acontecimentos, sua visita será considerada como um acontecimento histórico marcante. Dois outros médiuns americanos estiveram na Inglaterra durante a sua visita: Mrs.

Roberts e Miss Jay; seguiram-na pouco depois, mas parece que tiveram pouca influência no movimento e que lhe foram inferiores em fôrça psíquica.

Um quadro daqueles primeiros dias é dado por um resumo de um artigo sôbre o Espiritismo, publicado a 25 de outubro de 1856 no The Yorkshireman, jornal não espírita:

"Pensamos que, em geral, o público inglês não conhece a natureza das doutrinas espíritas e, sem dúvida, muitos dos nossos leitores certamente não se acham preparados para pensar que elas prevaleçam, até certa extensão, em nosso país. Os fenômenos comuns de movimento de mesas, etc., na verdade são familiares a muita gente. Há cêrca de dois ou três anos não havia uma reunião noturna que não tentasse a realização de um milagre espírita... Naqueles dias a gente era convidada para "chá e mesas girantes", como um novo divertimento e tinha que se mexer com tôda a família, em volta dos móveis, como loucos".

Depois de afirmar que o ataque de Faraday "tinha espantado os Espíritos", de modo que por algum tempo não mais se ouvia falar das suas atividades, acrescenta o jornal:

"Contudo temos provas amplas de que o Espiritismo, como uma crença vital e ativa, não está circunscrito aos Estados Unidos, mas encontrou favor e aceitação entre um considerável número de entusiastas em nosso país."

Mas a atitude geral da imprensa mais influente foi muito semelhante à atual: ridículo e negação dos fatos e o ponto de vista que, mesmo quando os fatos fôssem verdadeiros, para que serviriam? The Times, por exemplo, um jornal muito mal informado e reacionário sôbre assuntos psíquicos, num artigo de fundo, pouco depois dessa data, sugere:

"Seria algo como tomar o nosso chapéu do cabide por um esforço de vontade, sem ir pegá-lo ou ocupar um criado.

"Se a fôrça da mesa pudesse ser aplicada ao menos para acionar uma máquina de moer café ganharíamos alguma coisa.

"Seria melhor que os nossos médiuns, em vez de indagar de que morreu alguém há cinqüenta anos, descobrissem as cotações da bolsa daqui a três meses".

Quando a gente lê tais comentários num grande jornal, fica a pensar se realmente êsse movimento não foi prematuro e se, numa época tão baixa e material, não seria impossível fixar a idéia de uma intervenção exterior. Entretanto a maior parte dessa intervenção era devida à frivolidade dos investigadores que ainda não haviam compreendido a inteira significação

dêsses sinais do Além e os empregava, como assinala o jornal de Yorkshire, como uma espécie de divertimento social e uma nova excitação para uma mundanidade fatigada.

Mas enquanto, na opinião da imprensa, um golpe mortal havia sido dado no desacreditado movimento, a investigação prosseguia silenciosamente em muitos lugares.

Gente sensata, segundo indica Howitt "estava com êxito experimentando aqueles anjos, na sua mesma forma de apresentação e verificando que eram reais" pois, como diz muito bem, "os médiuns públicos jamais fizeram mais do que inaugurar o movimento".

Se tivéssemos que julgar pelo público testemunho da época, a influência de Mrs. Hayden deveria ser considerada como de pouca extensão. De um modo geral, para o público era ela uma maravilha fugaz; mas espalhou muita semente que germinou lentamente. O fato é que abriu o assunto e o povo, na maioria nos mais baixos degraus da vida, começou a experimentar e a descobrir a verdade por si mesmo; embora com as cautelas filhas da experiência, tomou a maior parte dessas experiências para si próprio. É fora de dúvida que Mrs. Hayden desempenhou a sua missão.

A história do movimento bem pode ser comparada a um mar que avança em ondas sucessivas, cada vez maiores. Cada onda era tomada pelo observador como sendo a última, até que surgisse uma nova vaga. O tempo decorrido entre a partida de Mrs. Hayden em 1853 e o aparecimento de D. D. Home em 1855 representa o primeiro repouso na Inglaterra. Os críticos superficiais pensavam que era o fim. Mas em milhares de casas em todo o país realizavam-se experiências; muitos dos que haviam perdido completamente a fé nas coisas do espírito, naquilo que era talvez o mais material período da história do mundo, tinham começado a examinar as provas e a compreender com alívio ou com espanto que estava passando a idade da fé, e que o período do conhecimento, que São Pedro havia dito ser melhor, estava se aproximando. Dedicados estudantes das Escrituras recordam as palavras do Mestre: "Eu tenho ainda muitas coisas que vos dizer; mas vós não as podeis suportar agora e pensavam se êsses estranhos movimentos de fôrças exteriores não fariam parte daquele novo conhecimento que havia sido prometido.

Enquanto Mrs. Hayden havia plantado as primeiras sementes em Londres, uma segunda onda de acontecimentos tinha trazido os fenômenos espíritas ao alcance do povo de

Yorkshire. Isto se deveu à visita de um certo Mr. David Richmond, um "shaker" americano, à cidade de Keighley, quando procurou Mr. David Weatherhead e o interessou no novo desenvolvimento. Foram obtidas manifestações de mesa e descobertos médiuns locais, de modo que se organizou um centro florescente, que ainda existe. De Yorkshire o movimento ganhou o Lancashire e formou uma interessante cadeia com o passado, essa formada por Mr. Wolstenholme, de Blackburn, falecido em 1925, em idade provecta e que, quando garôto, escondeu-se debaixo de uma mesa numa dessas primeiras sessões, de onde testemunhou os fenômenos, embora pensemos que não os tenha auxiliado. O jornal The Yorkshire Spiritual Telegraph. apareceu em Keighley em 1855, e suas despesas, bem como outras, foram cobertas por David Weatherhead, cujo nome deveria ser venerado como um dos primeiros a entregar-se de corpo e alma no movimento. Keighley é ainda um centro ativo de trabalho e de estudos psíquicos.

8
Progressos Contínuos na Inglaterra

O RELATO feito por Mrs. De Morgan sôbre dez anos de experiência de Espiritismo cobre um período de 1853 a 1863. O aparecimento dêsse livro com o prestigioso prefácio do Professor De Morgan, foi um dos primeiros sinais de que o novo movimento tanto se espalhava nas altas camadas quanto nas massas. Então surgiu o trabalho de D. D. Home e o dos Davenport, que são tratados alhures minuciosamente. O exame pela Sociedade Dialética começou em 1869 e a êle nos referimos mais adiante. O ano de 1870 foi a data das primeiras pesquisas de William Crookes, empreendidas depois do escândalo produzido pela recusa dos homens de ciência "de investigar a existência e a natureza de fatos constatados por muitas testemunhas honestas e fidedignas."

No mesmo periódico — o Quarterly Jour. nal of Science — refere-se êle à crença compartilhada por milhões, e acrescenta: "Quero verificar as leis que regem a manifestação de tão notáveis fenômenos que, presentemente, ocorrem numa amplitude quase incrível."

A história dessa pesquisa foi publicada in extenso em 1874 e causou tamanho tumulto entre os mais fossilizados homens de ciência — dêsses de quem se pode dizer que ficaram com a mente dominada por aquilo em que trabalham — que chegaram a propalar que êle seria expulso da Sociedade Real. A tempestade desabou, mas Crookes foi chocado por sua violência e verificou-se que, durante muitos anos, até que a sua posição fôsse consolidada, tornou-se muito cauteloso em exprimir publicamente as suas opiniões. Em 1872-73 apareceu o Reverendo Stainton Moses como um novo fator e sua escrita automática levantou o assunto para um plano mais espiritual, na opinião de muita gente. O lado fenomênico pode atrair a curiosidade, mas quando muito repetido como que choca as mentes judiciosas.

Então ficaram em moda as conferências e os transes. Mrs. Emma Hardinge Britten, Mrs. Cora L. V. Tapáginasan e Mr. J. J. Morse fizeram orações eloqüentes, supostamente sob a ação de Espíritos, influenciando largamente enormes auditórios. Mr. Gerald Massey, o conhecido poeta e escritor e o Doutor George Sexton também fizeram conferências públicas. De um modo geral o Espiritismo teve grande publicidade.

O estabelecimento da "British National Association of

Spiritualists" (1)

1. "Associação Nacional Britânica dos Espiritistas." — N. do T.

em 1873 deu impulso ao movimento, porque muitos homens públicos bem conhecidos e senhoras da alta sociedade a ela se associaram. Entre estas devem ser mencionadas a Condessa de Caithness, Mrs. Makdougall Gregory (viúva do Professor Gregory, de Edimburgo), o Doutor Stanhope Speer, o Doutor Gully, Sir Charles Isham, o Doutor Maurice Davies, Mr. H. D. Jencken, o Doutor George Sexton, Mrs. Ross Church (Florence Marryat), Mr. Newton Crosland e Mr. Benjamin Coleman.

A mediunidade de uma alta qualidade, no setor dos fenômenos físicos foi fornecida por Mrs. Jencken (Kate Fox) e Miss Florence Cook. O Doutor J. R. Newton, famoso médium curador da América, chegou em 1870, e numerosas curas gratuitas foram registradas. Desde 1870 Mrs. Everitt exercitou uma mediunidade maravilhosa, como a de D. D. Home, gratuitamente, convencendo a muita gente. Herne e Williams, Mrs. Grupáginasy, Eglington, Slade, Lottie Fowler e outros fizeram muitas conversões através de sua mediunidade. Em 1872 as fotografias do Espírito de Hudson despertaram enorme interêsse e em 1875 o Doutor Alfred Russel Wallace publicou o seu famoso livro "On Miracles and Modern Spiritualism". (2)

2. "Sôbre Milagres e Moderno Espiritismo" — N. do T.

Um bom meio de traçar o desenvolvimento do Espiritismo nesse período é examinar o depoimento de testemunhas fidedignas contemporâneas, especialmente as que são qualificadas por sua posição e experiência para poderem opinar. Antes, porém, de lançar um olhar sôbre o período que estamos considerando, olhemos a situação em 1866, tal qual a via Mr. William Howitt nuns poucos parágrafos tão admiráveis que o autor se sente obrigado a citá-los ad litteram. Diz êle:

A posição atual do Espiritismo na Inglaterra, se a imprensa fôsse onipotente, dada a sua influência, seria pouco animadora. Depois de empregar todos os meios possíveis para prejudicar e desacreditar o Espiritismo; depois de lhe haver aberto as suas colunas, na esperança de que o vazio e a loucura ficassem tão aparentes que os seus espertos inimigos logo fôssem capazes de atingi-lo com argumentos irrespondíveis e assim verificarem que tôdas as vantagens da

razão de fato estavam de seu lado; depois de havê-lo difamado e ferido sem propósito, tôda a imprensa, como se por consenso geral ou de plano pré-estabelecido, adotou a tática de abrir as suas colunas a tôda falsidade e a tôda história insensata a respeito dêle, mas se fechando hermêticamente a qualquer explicação, refutação ou defesa. Desde que todos os outros meios para o liquidar haviam falhado, foi decidido sufocá-lo. Pregar um esparadrapo literário em sua bôca e deixar que seu pescoço fôsse cortado por quem quer que desejasse fazê-lo. Assim esperava poder desferir-lhe o golpe de graça.

"Se alguma coisa pudesse aniquilar o Espiritismo, sua atual estima pelo público inglês, seu tratamento pela imprensa e pelas côrtes de jwstiça, a tentativa de sua supressão por tôdas as fôrças da inteligência pública, o ódio que lhe votam todos os heróis do púlpito de todas as igrejas e credos, a sua simples aceitação ainda mesmo por êsse público que a imprensa considera maluco, e pervertido, as suas próprias divisões internas — numa palavra, a sua preeminente impopularidade o teriam liquidado. Mas é assim? Ao contrário: jamais êle se arraigou tão firmemente na massa de mentes adiantadas; nunca seu número cresceu tão ràpidamente; jamais suas verdades foram mais eloqüente e claramente defendidas; jamais as investigações a seu respeito foram mais abundantes e ansiosas.

Durante todo o tempo em que a imprensa e os boatos estiveram lançando o insulto e o desprêzo sôbre êle, jamais as reuniões de Harley Street foram tão concorridas e superlotadas por senhoras e cavalheiros das classes médias e altas, que ouviam com admiração as eloqüentes e sempre variadas mensagens de Emma Hardinge. Ao mesmo tempo os Davenport, milhares de vêzes denunciados como impostores, outras tantas demonstraram que os fenômenos que produziam continuavam inexplicáveis por qualquer teoria, exceto a espírita.

Que significa tudo isto? Que indicam êsses fatos? Que a imprensa e o púlpito, os magistrados e as côrtes de justiça uniram as suas fôrças, mas fracassaram. Ficaram aniquilados ante essa coisa que êles próprios classificam de pobre, maluca, falsa e inconsistente. Se ela fôsse tão pobre, maluca, falsa e inconsistente, como é que o seu saber, as suas denúncias inescrupulosas, os seus vastos meios de ataque e os seus não menores meios de cerceamento da defesa, as

suas ordens aos ouvintes e sua opinião para a multidão — como é que todo o seu espírito, sarcasmo, lógica e eloqüência não a podem atingir?

Longe de a abalar e atingir, não alcança um cabelo de sua cabeça ou uma franja de seu vestido.

Já não é tempo para que tôdas essas hostes combinadas dos grandes e dos sábios, dos cientistas e dos ilustrados, dos dirigentes do senado e das côrtes de justiça, os eloqUentes favoritos do Parlamento, os magnatas da imprensa popular, de posse de tôda essa artilharia intelectual que um grande sistema nacional de educação e um grande sistema nacional de Igreja, de Estado e de aristocracia, acostumado a proclamar aquilo que deve ser aceito como verdade e considerado honroso por todos os cavalheiros e senhoras honradas — já não é tempo, perguntava eu, de que todo êsse grande e esplêndido mundo de espírito e de sabedoria comece a suspeitar de que defrontam algo de sólido? De que existe algo vital nisso que têm tratado como um fantasma?

Não quero dizer a essas grandes corporações que governam o mundo que abram os olhos e vejam que os seus esforços são infrutíferos e confessem a sua derrota, porque provavelmente elas jamais abrirão os olhos e confessarão a sua vergonha. Mas digo aos próprios Espíritas: por mais escuros que os dias vos pareçam, jamais foram tão cheios de promessas. Ligadas como estão tôdas as forças dos instrutores e dirigentes públicos, jamais, entretanto, as perspectivas foram mais claras de nossa vitória final. Sôbre êle há tôdas as características de conquista de influência em nossos dias. Êle tem à sua frente todo o legitimismo da história. Tôdas as grandes reformas sociais, morais, intelectuais ou religiosas triunfaram através da luta".

Como que mostrando a mudança ocorrida depois do que Mr. Howitt escreveu em 1866, encontramos em The Times de 26 de dezembro de 1872 um artigo sob o título de "Espiritismo e Ciência", estirando-se por três colunas e meia, no qual se exprime a opinião de que agora "é chegado o momento de mãos competentes cortarem o nó górdio", muito embora não explique porque as mãos de Crookes, de Wallace ou de De Morgan seriam incompetentes.

Falando sôbre o livrinho de Lord Adare, de edição particular, a respeito de suas experiências com D. D. Home, o escritor parece impressionado pela posição social das várias testemunhas. As características dêsse artigo são a grosseria e

o pedantismo:

“Um volume que se acha à nossa frente mostra quanto essa loucura espalhou-se por tôda a sociedade. Foi-nos emprestado por um distinto espiritista, sob o solene compromisso de que não publicaríamos nenhum dos nomes ali referidos. Contém cêrca de 150 páginas de relatos de sessões e foi impresso em particular por um nobre Conde, recentemente desaparecido da Câmara dos Lords; e que também desocupou, ao que nos parece, as cadeiras ocupadas por Espíritos e as mesas de que gostava em vida, não sàbiamente, pôsto gostasse muito. Nesse livro, coisas mais maravilhosas do que quaisquer outras de que tenhamos noticia, são relatadas minuciosamente, de modo tão natural quanto se fôssem fatos rotineiros. Não cansaremos o leitor citando algum dos casos relatados e, não obstante, êle acreditará em nossa palavra quando dissermos que se enquadram em tôda sorte de manifestações, de profecias para baixo.

O que desejamos observar mais especialmente é que d entrada do livro se acha o atestado de cinqüenta respeitáveis testemunhas. Entre estas se acham uma duquesa viúva, e outras senhoras de posição, um Capitão de Guardas, um nobre, um barão, um membro do Parlamento, vários membros de corporações científicas, um advogado, um comerciante e um médico. As camadas mais altas da classe média estão representadas por gente de todos os graus e por pessoas que, a julgar pela posição que ocupam e pela profissão que exercem, deviam possuir inteligência e perspicácia.

Oeminente naturalista Doutor Alfred Russel Wallace, numa carta escrita a The Times, em 4 de janeiro de 1874, descrevendo uma visita a um médium público, diz:

“Não acho exagêro dizer que os fatos principais agora se acham tão bem estabelecidos e tão facilmente verificáveis como qualquer dos mais excepcionais fenômenos da Natureza ainda não reduzidos a lei. Êles têm uma significação mais importante na interpretação da História, que está cheia de narrativas de fatos similares, e na natureza da vida e do intelecto, sôbre os quais a ciência física derrama uma luz muito fraca e muito incerta; e é minha crença firme e deliberada que cada ramo da filosofia deve sofrer até serem os fatos honesta e seriamente investigados e trabalhos como constituintes de uma parte essencial dos fenômenos da natureza humana”.

A gente se extravia com os fenômenos do ectoplasma e as experiências de laboratório, que desviam o pensamento do

essencial. Wallace foi um dos poucos cuja mentalidade grandiosa, avassaladora e sem preconceitos, viu e aceitou a verdade em sua maravilhosa inteireza, desde as humildes provas físicas de uma fôrça exterior até ao mais alto ensino mental que essa fôrça podia trazer, ensino que ultrapassa de muito em beleza e em credibilidade tudo quanto a mente moderna tem conhecido.

A aceitação pública e o decidido apoio dêsse grande homem de ciência, um dos primeiros cérebros de seu tempo, foram de grande importância, desde que êle teve espírito para compreender a completa revolução religiosa que estava por detrás dêsses fenômenos.

Foi um fato curioso que, salvo algumas exceções, em nossos dias, assim como no passado, a sabedoria tenha sido dada aos humildes e negada aos doutos. Sentimento e intuição triunfaram onde falhou o cérebro. Talvez pensassem que a questão era simples. Ela deve ser expressa numa série de perguntas, à maneira de Sócrates: "Estabelecemos contacto com a inteligência dos que morreram?" O Espírita diz: "Sim" "Deram informações sôbre a nova vida que levam e como esta foi afetada por sua vida terrena?" Ainda, "Sim". "Acharam que corresponde à descrição feita por tôdas as religiões da Terra?" "Não." Mas se é assim, não está claro que a nova informação é de vital importância religiosa? O humilde espiritista vê isto e adapta a sua religiosidade aos fatos.

Sir William Barrett, então professor, apresentou o problema do Espiritismo à Associação Britânica para o Progresso da Ciência em 1876. Seu estudo tinha por título "Sôbre alguns fenômenos associados com condições mentais anormais." Foi difícil ser ouvido. A Comissão de Biologia recusou o estudo e passou-o para a Subcomissão de Antropologia, que só o aceitou pelo voto de minerva do Secretário, Doutor Alfred Russel Wallace. O Coronel Lane Fox ajudou a vencer a oposição, perguntando por que, se no ano anterior havia sido discutida a magia antiga, êste ano não se podia discutir a magia moderna. A primeira parte do trabalho do Professor Barrett tratava de mesmerismo, mas na segunda parte eram descritas as suas experiências com os fenômenos espíritas. E insistia para que novo exame científico fôsse feito sôbre a matéria. Deu um detalhe convincente de uma experiência sôbre batidas, feita com uma criança (3).

3. The Spiritualist, Setembro 22, 1876 (Volume 9º, página 87-88).

Na discussão que se seguiu, Sir William Crookes falou das levitações que êle havia testemunhado com D. D. Home; disse da levitação: "A prova em seu favor é mais forte do que a prova em favor de quase todos os fenômenos que a Associação Britânica pôde investigar". Fêz ainda as seguintes observações relativas ao seu próprio método de pesquisa psíquica:

"Pediram-me para investigar logo que apareceu o Doutor Slade e eu expus as minhas condições. Jamais fiz investigações senão nessas condições. Deveriam ser feitas em minha casa; eu mesmo deveria escolher os amigos e os assistentes; seriam realizadas dentro de minhas próprias condições e eu faria o que quisesse em relação aos aparelhos. Sempre que foi possível, procurei fazer que os testes fôssem realizados pelos próprios aparelhos de física e nunca acreditei mais do que era possível em meus próprios sentidos. Mas quando é necessário crer em meus sentidos, sou obrigado a discordar de Mr. Barrett quando diz que um investigador físico não auxilia um médium profissional. Sustento que um investigador físico é mais que um auxiliar."

Uma importante contribuição para a discussão foi a de Lord Rayleigh, o distinto matemático, que disse:

"Penso que somos muito obrigados ao Professor Barrett, por sua coragem, pois é necessária alguma coragem para avançar neste terreno e trazer-nos os benefícios de sua cuidadosa experiência. Meu próprio interêsse pelo assunto data de dois anos. Fui atraído inicialmente para êle pela leitura das investigações de Mr. Crookes. Con quanto as minhas oportunidades não tenham sido tão felizes como as do Professor Barrett, tenho visto o bastante para me convencer de que estão errados os que quiserem obstar as investigações atirando o ridículo sôbre os que se sentem inclinados a fazê-las."

O orador seguinte foi Mr. Groom Napier, acolhido com gargalhadas, quando descreveu as constatações psicométricas feitas de algumas pessoas apenas por sua caligrafia encerrada em envelopes lacrados; e quando começou a descrever as luzes de Espíritos, que de próprio tinha visto, o barulho foi tal que se viu obrigado a sentar-se. Respondendo à crítica, disse o Professor Barrett:

"Isto mostra o enorme avanço que o assunto fêz nestes poucos anos: que uma comunicação sôbre fenômenos espíritas, que há poucos anos causaria riso, agora é admitida

na Associação Britânica e merece uma larga discussão, como a de hoje."

O Spectator, de Londres, num artigo intitulado "A Associação Britânica e a Comunicação do Professor Barrett" começa com êste ponto de vista de uma mente larga.

"Agora que temos à nossa frente uma descrição completa da comunicação do Professor Barrett, e da discussão da mesma, seja-nos permitido exprimir a nossa esperança de que a Associação Britânica realmente exerça alguma influência sôbre o assunto da comunicação, a despeito dos protestos do partido que chamaríamos partido da incredulidade supersticiosa. Dizemos incredulidade supersticiosa porque é realmente pura superstição, e nada mais para admitir que estejamos tão bem informados sôbre as leis da Natureza que, mesmo os fatos cuidadosamente examinados e atestados por um observador experimentado devam ser postos de lado como absolutamente indignos de crédito, simplesmente porque, à primeira vista, se chocam com aquilo que já é mais conhecido."

Os pontos de vista de Sir William Barrett foram progredindo firmemente até que aceitou a posição de espírita em têrmos inequívocos, antes de sua lamentada morte em 1925. Viveu até o mundo melhorar o seu antagonismo contra tais assuntos, embora pequena fôsse a diferença observada na Associação Britânica, que pareceu obscurantista como sempre. Essa tendência, entretanto, não deve ter sido um mal porque, como assinala Sir Oliver Lodge, se os prementes problemas materiais se tivessem complicado com as soluções psíquicas, é possível que não tivessem sido resolvidos. Deve ser digno de registro que Sir William Barrett, em conversa com o autor, tenha lembrado que os quatro homens que o apoiaram naquele difícil momento histórico, viveram bastante para receberem a Ordem do Mérito —a maior distinção que o seu país podia conceder. Os quatro foram Lord Rayleigh, Crookes, Wallace e Higgins.

Não era de esperar que o rápido crescimento do Espiritismo fôsse isento de aspectos menos desejáveis. Êstes foram, pelo menos, dois. Primeiro, o grito de mediunidade fraudulenta, ouvido com freqüência. Á luz de nossos últimos e mais completos conhecimentos sabemos que muito daquilo que reveste as aparências de fraude absolutamente não o é. Ao mesmo tempo, a ilimitada credulidade de uma parte dos Espiritistas indubitavelmente ofereceu um campo fácil aos

charlatães. Numa conferência lida na Sociedade da Universidade de Cambridge para Investigações Psicológicas, em 1879, disse o seu presidente Mr. J. A. Campbell (4).

4. The Spiritualist, abril 2º, 1879, página 170.

"Desde o aparecimento de Mr. Jlome, o número de médiuns aumenta dia a dia, como aumenta a loucura e a impostura. Aos olhos dos tolos cada farsante se converteu numa figura angélica; e não só cada farçante, mas cada trapaceiro, metido numa mortalha, é chamado ou quer se chamar um "Espírito materializado". Uma suposta religião foi assim estabelecida e nela a honra dos mais sagrados nomes foi transferida para Espíritos de batedores de carteiras. Não farei aos leitores o insulto de falar do caráter dessas divindades, nem das doutrinas que as mesmas ensinam. Assim é sempre quando a loucura e a ignorância tomam em suas mãos a arma da realidade eterna para abusos, distorsões e até crimes. É o mesmo que crianças a brincarem com ferramentas aliadas; e quem, senão um ignorante, iria gritar: faca malvada! Pouco a pouco o movimento se vai libertando dessas excrescências; gradativamente se vai tornando mais moderado, mais puro e mais forte; e como homens sensíveis e educados, estudam, oram e trabalham, empenhando-se em fazer bom uso de seus conhecimentos, nesse sentido o movimento crescerá.

O segundo aspecto foi o aparente crescimento daquilo que pode denominar-se Espiritismo anticristão, embora não anti-religioso. Isto levou William Howitt e outros destacados mantenedores do movimento a se afastarem dêste. Howitt e outros escreveram fortes artigos contra essa tendência no Spiritual Magazine.

Uma sugestão, quanto à necessidade de cautelas e equilíbrio apareceu nas observações de Mr. William Stainton Moses que, numa comunicação lida perante a Associação Nacional Britânica dos Espiritistas, a 26 de janeiro de 1880 diz (5)

5. The Psycological Review. Val. 2º, página 546.

"Precisamos muitíssimo de disciplina e de educação. Ainda não tomamos pé após o nosso rápido crescimento. Nascida há trinta anos, a criança cresceu em estatura, mas não em sabedoria, e muito ràpidamente. Cresceu tão ràpidamente que

a sua educação foi descurada. Na expressiva linguagem de sua pátria, foi "arrancada" promiscuamente. E o seu crescimento fenomenal absorveu tôdas as outras considerações. É chegado o momento em que aquêles que o consideraram como um aleijão produzido pela Natureza apenas para morrer prematuramente, começam a ver que se enganaram. A monstruosa criação quer viver; e, por baixo de sua feiúra, o menos simpático olhar percebe um objetivo coerente em sua existência. É a apresentação de um princípio inerente á natureza do homem, um princípio que a sua sabedoria desenvolveu até que fosse eliminado inteiramente, mas que brota sempre e sempre, malgrado seu — o princípio do Espírito como oposto à Matéria, da Alma agindo e existindo independentemente do corpo que a encerra. Longos anos de negação de alguma coisa, salvo as propriedades da matéria levaram as grandes luzes da ciência moderna ao puro Materialismo. Assim, para êles, o Espiritismo é um portento e um problema. É uma volta à superstição; uma sobrevivência de selvageria; um borrão na inteligência do século dezenove. Ridicularizado, êle ridiculariza; desdenhado, paga-se na mesma moeda."

Em 1881 apareceu Light, um semanário espírita de alta classe, e em 1882 assistimos à criação da Society for Psychical Research (6).

6. Sociedade de Pesquisas Psíquicas. N. do T.

De um modo geral pode dizer-se que a atitude da ciência organizada, durante êsses trinta anos, foi tão irracional e anti-científica quanto a dos Cardeais para com Galileu e que, se tivesse havido uma Inquisição Científica, esta teria lançado o terror sôbre o novo conhecimento. Nenhuma tentativa séria, de qualquer espécie, até a formação da SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH foi feita no sentido de compreender e explicar um assunto que estava atraindo a atenção de milhões de criaturas. Em 1853 Faraday lançou a teoria de que o movimento das mesas era produzido por uma pressão muscular, que pode realmente ser verdadeira nalguns casos, mas nenhuma relação tem com a levitação de mesas e, em todo o caso, só se aplica a uma classe de fenômenos psíquicos. A costumeira "objeção" científica era que nada ocorria, mas isto desprezava o testemunho de milhares de pessoas fidedignas. Outros sustentavam que aquilo que se passava era susceptível de ser

repetido por um feiticeiro, e qualquer imitação grosseira, como a paródia dos Davenport, feita por Maskelyne, era calorosamente saudada como uma mistificação, sem referência ao fato de que todo o aspecto mental da questão, com a sua prova esmagadora, ficava inatingido.

A gente "religiosa" ficava irritada por se ver sacudida nas suas práticas tradicionais e, como selvagem, se dispunha a admitir que tudo aquilo era obra do diabo. Assim Católicos Romanos e seitas Evangélicas se encontraram unidos na sua oposição. É fora de dúvida que podemos chamar Espíritos baixos, desde que em redor de nós existem Espíritos de tôdas as classes e que o semelhante atrai o semelhante. Mas os ensinamentos elevados, consistentes e filosóficos que são dados aos investigadores sérios e de mentalidade honesta mostram que não é o diabolismo, mas o Angelismo que está dentro do nosso alcance. O Doutor Carpenter sustentou uma teoria complexa, mas parece que ficou só na sua aceitação e mesmo na sua compreensão. Os cientistas tiveram uma explicação: era o estado das juntas, o que é ridículo para quem quer que tenha tido experiência pessoal daqueles sons percutidos, que variam desde o tic-tac de um relógio até a pancada de um martelete.

Outras explicações, vez por outra, incluíam a doutrina teosófica, que admitia os fatos mas desprezava os Espíritos, descrevendo-os como cascões astrais, com uma espécie de semiconsciência sonhadora, ou possivelmente uma consciência atenuada, que os reduzia a criaturas sub-humanas pela inteligência e pela moralidade. Certamente a qualidade das manifestações espíritas varia enormemente, mas o mais alto se acha tão elevado que dificilmente podemos imaginar que apenas nos achamos em contacto com uma fração do ser pensante. Entretanto, como é certo que, mesmo neste mundo, nosso ser subliminal é muitíssimo superior à nossa individualidade normal, é muito natural que o mundo dos Espíritos deve confrontar-nos com algo inferior aos seus mais altos poderes.

Uma outra teoria sustenta a Anima Mundi, vasto reservatório ou banco central da inteligência, com uma câmara de compensação, na qual tôdas as consultas são atendidas. Os rigorosos pormenores que recebemos do Outro Lado são incompatíveis com qualquer idéia, tão vaga quão grandiosa, do destino. Finalmente, há uma alternativa realmente formidável, que o homem tem um corpo etérico com muitos dons

desconhecidos, entre os quais deve ser incluído um poder de manifestação exterior em formas curiosas. É a esta teoria da Criptestesia que Richet e outros se agarraram e até um certo ponto há um argumento em seu favor. O autor se convenceu de que há uma etapa preliminar e elementar em todo trabalho psíquico que depende de um poder inato e possivelmente inconsciente do médium. A leitura em invólucro fechado, a produção de batidas a pedido, a descrição de cenas distantes, os notáveis efeitos da psicometria, as primeiras vibrações da Voz Direta — cada um e todos em diversas ocasiões parecem emanações do próprio médium. Assim, em muitos casos deveria aparecer uma inteligência exterior capaz de se apropriar daquela fôrça e utilizá-la para seus próprios objetivos. Temos uma ilustração nas experiências de Bisson e de Schrenk Notzing com Eva, nas quais as formas ectoplásmicas a princípio eram sem dúvida reflexo de ilustrações dos jornais, de certo modo modeladas pela passagem através da mente do médium. Mais tarde veio um período mais profundo, no qual a forma ectoplásmica evoluiu a ponto de se mover e falar. O grande cérebro de Richet e o seu enorme poder de observação se concentraram muito sobre os fenômenos físicos e parece que não teve muito contacto com as experiências pessoais mentais e espirituais que possivelmente lhe teriam modificado os pontos de vista. Cabe, entretanto, acrescentar que tais pontos de vista se desenvolveram continuamente na direção da explicação espírita.

Resta apenas a hipótese da personalidade complexa, que bem pode influenciar certos casos, pôsto pareça ao autor que tais casos também possam ser explicados pela obsessão. Entretanto êsses exemplos apenas tocam a superfície do assunto e ignoram completamente o aspecto fenomênico, de modo que o assunto não deve ser levado muito a sério. Contudo nunca será por demais repetido que o investigador deveria esgotar cada explicação normal possível para sua completa satisfação, antes de adotar o ponto de vista espírita. Se assim tiver procedido, sua plataforma será estável; se assim não tiver feito, jamais estará seguro de sua estabilidade. Na verdade pode o autor dizer que, ano após ano, agarrou-se a cada linha de defesa até que, finalmente, foi compelido, desde que tinha de guardar a honestidade mental, a abandonar a posição materialista.

9
A Carreira de D. D. Home

DANIEL Dunglas Home nasceu em 1833 em Currie, uma aldeia perto de Edimburgo.

Havia um mistério relativamente à sua ascendência: tanto se afirmava, quanto se negava que fôsse, de certo modo, da família do Conde de Home. Na verdade foi um homem que herdou um tipo elegante, maneiras delicadas, disposição sensível e um gôsto para o luxo, fôsse de que fonte fôsse. Mas pela sua fôrça psíquica e pelo entusiasmo que esta comunicou ao seu caráter complexo, êle podia ser realmente tomado como o tipo exato de um caçula aristocrata, que herda as tendências, mas não a riqueza dos pais.

Home saiu da Escócia para a Nova Inglaterra aos nove anos de idade, com uma tia que o havia adotado, outro mistério que lhe cercava a existência. Aos treze anos de idade começou a mostrar as faculdades psíquicas herdadas de sua mãe, descendente de velha família de Highland e que possuía a faculdade de previsão característica de sua raça- Sua tendência mística revelou-se numa conversa com um colega, chamado Edwin, acêrca de uma história, na qual fôra feito um pacto em conseqüência do qual a criatura amada mostrar-se-ia à outra depois da morte. Do mesmo modo os dois rapazes fizeram o pacto de se mostrar um ao outro, Home mudou-se para outro distrito, a algumas milhas de distância e, um mês mais tarde, certa noite, assim que foi para a cama, teve a visão de Edwin e anunciou à sua tia a morte do rapaz, do que tiveram informação um ou dois dias depois. Uma segunda visão, em 1850, referia-se à morte de sua mãe, que tinha ido com o marido viver na América. Nessa ocasião o rapaz se achava acamado e sua mãe se achava fora, em visita a amigos distantes.

Uma noite êle gritou por socorro e quando a tia chegou encontrou-o muito abatido.

Disse que a mãe havia morrido naquele dia às doze horas; que ela lhe havia aparecido e dado aviso. Em breve batidas fortes começaram a perturbar aquêle lar quieto e os móveis a serem arrastados por fôrças invisíveis. Sua tia, criatura de estreita visão religiosa, disse que o rapaz havia trazido o Diabo para casa e jogou-o na rua.

Êle refugiou-se com os amigos e nos anos seguintes passava na casa de um para a de outro, de cidade em cidade.

Sua mediunidade se havia desenvolvido poderosamente e nas casas em que se hospedava realizava freqüentes sessões, às vêzes seis ou sete por dia, pois as limitações da fôrça e as reações entre o físico e o psíquico eram então mal compreendidas.

Isto lhe produzia grande perda de fôrças, e freqüentemente o levava para a cama.

Multidões acorriam de todos os lados para presenciar as maravilhas que se produziam na presença de Home. Entre os que então investigaram com êle estava o poeta americano Bryant, que era acompanhado pelo Professor Wells, da Universidade de Harvard. Em New York encontrou muitos americanos distintos, dos quais três fizeram sessões com êle: o Professor Hare, o Professor Mapes e o Juiz Edmonds, da Suprema Côrte de New York. Êstes três, como ficou dito, tornaram-se espiritistas convictos.

Nesses primeiros anos o encanto da personalidade de Home e a profunda impressão criada por sua fôrça permitiram que recebesse muitas ofertas. O Professor George Bush convidou-o para sua companhia, a fim de estudar para ministro swedenborgiano; Mr. e Mrs. Elmer, um rico casal sem filhos, que lhe haviam tomado grande afeição, ofereceram-se para adotá-lo e fazê-lo seu herdeiro, com a condição de trocar o nome pelo de Elmer.

Seu notável poder curador tinha excitado a admiração e, persuadido pelos amigos, começou a estudar medicina. Mas a sua saúde delicada, complicada com uma afecção pulmonar, forçou-o a abandonar os seus planos e, a conselho médico, deixou New York e foi para a Inglaterra.

Chegou a Liverpool a 9 de abril de 1855, e foi descrito como um jovem alto, esguio, de marcada elegância e exagerada limpeza do vestir, mas com um olhar típico e uma expressão que traía a devastação feita pela moléstia. Tinha os olhos azuis e os cabelos castanhos; era dêsse tipo facilmente sujeito a tuberculose e a extrema emaciação mostrava quanto era insignificante a sua capacidade de resistência. Um médico, bom observador, certamente lhe faria um prognóstico de apenas uns meses de vida, num clima úmido como o nosso e de tôdas as maravilhas que Home realizava, o prolongamento da sua vida certamente não foi das menores. Seu caráter já havia tomado aquêles traços emocionais e religiosos que o distinguiam e êle recordou como, antes de desembarcar, correu para o seu camarote e ajoelhou-se em prece. Quando a

gente considera a admirável carreira que se abre à sua frente e o grande papel que êle desempenhou no estabelecimento das bases materiais que diferenciam êsse movimento religioso de qualquer outro, pode proclamar-se que êsse visitante estava entre os mais notáveis missionários que jamais apareceram por estas plagas.

No momento a sua posição era muito singular. Tinha uma relação difícil com o mundo.

Seu pulmão esquerdo estava parcialmente destruído. Seus recursos eram modestos, embora suficientes. Não tinha negócios nem profissão e sua educação havia sido interrompida pela doença. De caráter desconfiado, gentil, sentimental, artístico, afetuoso e profundamente religioso, tinha uma profunda tendência para a Arte e para o Drama. Assim, a sua capacidade para a escultura era considerável e como declamador provou mais tarde que pouca gente o igualava. Mas acima de tudo isto, de uma honestidade inflexível e tão rigorosa que por vêzes chegava a ofender aos seus aliados, havia um dom tão admirável que apagava todos os demais. Êste repousa naquelas fôrças, muito independentes de sua vontade, que iam e vinham com desconcertante subitaneidade, mas demonstrando a todos que examinassem a prova, que havia algo na atmosfera dêsse homem que permitia que as fôrças a êle exteriores, como exteriores à nossa percepção, se manifestassem neste plano da matéria. Por outras palavras, êle era um médium — o maior que o mundo moderno já viu, no campo das manifestações físicas.

Um homem inferior teria usado os seus poderes extraordinários para fundar uma seita especial, da qual teria sido o sumo sacerdote inconteste, ou para se rodear de uma auréolà de poder e de mistério. Certamente muita gente na sua posição teria sido tentada a usar aquêles dons para fazer dinheiro. Em relação a êste ponto seja dito antes de mais nada que no curso de seus trinta anos de estranho ministério, jamais êle tocou num tostão como paga de seus dons. É absolutamente certo que lhe foram oferecidas duas mil libras pelo Clube União, em Paris, no ano de 1857, por uma única sessão, e que êle, pobre e inválido, as recusou terminantemente. "Fui mandado em missão", disse êle. "Essa missão é demonstrar a imortalidade. Nunca recebi dinheiro por isso e jamais o receberei". Houve certos presentes da Realeza que não podiam ser recusados sem grosseria: anéis, alfinêtes de gravatas e outros, que mais eram sinais de amizade do que recompensa; porque, antes de

sua morte prematura, poucos eram os monarcas da Europa com os quais êsse môço desconfiado de um subúrbio de Liverpool não estivesse em afetuosa intimidade. Napoleão 3º cuidou de sua única irmã; o Imperador da Rússia foi testemunha de seu casamento. Qual o novelista que seria capaz de inventar uma tal carreira?

Há, porém, tentações mais sutis do que as da riqueza. A inquestionável honestidade de Home foi a melhor salvaguarda contra aquelas. Jamais êle perdeu, por um só instante, a sua humildade e o seu senso de proporção. "Tenho êsses poderes", teria êle dito, serei feliz até o limite de minhas fôrças, eu vô-los demonstrar, se vos aproximardes de mim, do mesmo modo que um cavalheiro se aproximaria de outro. Alegrar-me-ei se lançardes um pouco mais de luz sôbre elas. Prestar-me-ei a qualquer experiência razoável. Eu não exerço controle sôbre elas. Elas me usam, mas eu não as uso. Elas me abandonam durante meses e voltam com redobrada energia. Eu sou um instrumento passivo — nada mais." Tal era a sua atitude invariável. Êle era sempre o homem mundano fácil e amigo, que nem tinha o manto do profeta nem o turbante do mágico. Como os homens realmente grandes, não havia em sua natureza o mínimo de pose. Um indício de sua elegância é que, sempre que devia confirmar os seus resultados, jamais citava nomes, a menos que estivesse absolutamente certo de que as pessoas citadas de modo algum se incomodariam em ser referidas a um culto impopular. Por vêzes, ainda quando estas lhe houvessem autorizado a citá-las, evitava fazê-lo, com receio de ofender a um amigo. Quando publicou as primeiras séries dos "Incidentes em minha Vida", o Saturday Review cobriu de sarcasmos o anônimo "testemunho da Condessa O... do Conde B... do Conde de K... da Princesa de B... e de Mrs. E... que eram apontados como tendo assistido às manifestações. Em seu segundo volume, tendo-se assegurado do apoio de seus amigos, Home preencheu os claros com os nomes da Condêssa Orsini, do Conde de Beaumont, do Conde de Komar, da Princesa de Beauveau e a conhecida dama americana Mrs. Henry Senior. Jamais citou os seus amigos reais, embora fôsse muito sabido que o Imperador Napoleão e Imperatriz Eugênia, o Tzar Alexandre, o Imperador Guilherme 1º da Alemanha e os Reis da Baviera e do Wurtemberg também haviam sido convencidos por suas fôrças extraordinárias. Nem uma só vez Home foi condenado por qualquer mistificação, quer por palavras, quer por atos.

Por ocasião de sua primeira viagem à Inglaterra, hospedou-se no Cox's Hotel, em Jermyn Street, e é provável que tenha escolhido essa hospedaria por ter sabido, através de Mrs. Hayden, que o seu proprietário era simpático à causa. Como quer que seja, Mr. Cox logo descobriu que o seu jovem hóspede era o mais notável médium e, a seu convite, os mais notáveis intelectuais do momento foram convidados a examinar os fenômenos que Home lhes poderia exibir. Entre outros, Lord Brougham veio à sessão e trouxe um cientista seu amigo, Sir David Brewster. Em plena luz do dia investigaram os fenômenos e na sua satisfação pelo que se havia passado, ao que se conta, teria dito Brewster: "Isto derrota a filosofia de cinqüenta anos". Se êle tivesse dito "mil e quinhentos" ter-se-ia aproximado da marca - Êle descreve o que aconteceu numa carta à sua irmã, só muito mais tarde publicada (1).

1. "Home Life of Sir David Brewster", por Mrs. Gordon, sua filha.

Estavam presentes Lord Brougham, Sir David Brewster, Mr. Cox e o médium.

"Nós quatro", disse Brewster, "sentamo-nos a uma mesa de tamanho regular, e cuja estrutura nos tinham convidado a examinar. Em pouco tempo a mesa fêz esforços e um tremor percorreu os nossos braços; êsses movimentos cessavam e recomeçavam ao nosso comando. As mais incontáveis batidas se produziram em várias partes da mesa e esta se ergueu do chão quando não havia mãos sôbre ela. Outra mesa maior foi utilizada e produziu os mesmos movimentos..

"Uma pequena sineta foi posta no chão, sôbre o tapête, de bôca para baixo; depois de algum tempo ela soou sem que ninguém a tivesse tocado." Acrescenta êle que a sinêta veio para êle e se colocou em suas mãos; depois fêz o mesmo com Lord Brougham - E conclui: "Estas foram as principais experiências. Não poderíamos explicá-las nem imaginar por que espécie de mecanismo poderiam ter sido produzidas."

Declara o Conde de Dunraven que foi levado a investigar os fenômenos pelo que Brewster lhe havia contado. Descreve o encontro com êste último, que dizia serem as manifestações inexplicáveis pela fraude, ou por quaisquer leis de física de nosso conhecimento. Home remeteu uma descrição dessa sessão a um amigo na América, onde a mesma foi publicada e comentada. Quando os comentários foram reproduzidos na im-

prensa inglêsa, Brewster ficou muito alarmado. Uma coisa é sustentar certas idéias na intimidade e outra enfrentar a inevitável perda de prestígio, que ocorreria nos meios científicos em que se achava. Sir David não era daquele estôfo de que são feitos os mártires e os pioneiros.

Escreveu ao Morning Advertiser, declarando que, embora tivesse visto vários efeitos mecânicos que não poderia explicar, ainda era de opinião que os mesmos poderiam ser produzidos por pés e mãos humanos. Aliás jamais lhe ocorrera que a carta escrita à sua irmã, a que acima nos referimos, um dia fôsse publicada.

Quando tôda a correspondência foi publicada, o Spectator observou, em relação a Sir David Brewster:

"Parece estabelecido pela mais clara prova que êle sentiu e descreveu, logo depois de suas sessões com Mr. Ijome, uma maravilha e quase terror, que depois desejou explicar. O herói da ciência não se absolve como a gente desejaria, ou como era de esperar."

Abordamos ligeiramente o incidente com Brewster porque é típico da atitude científica de então e porque o seu efeito era despertar um maior interêsse em Home e seus fenômenos, e acordar novos investigadores. Pode alguém lembrar que os homens de ciência se dividem em três classes: os que absolutamente não examinaram o assunto — o que não os impede de pronunciar opiniões muito violentas; os que sabem que a coisa é verdadeira, mas temem confessá-lo; e, finalmente, a brilhante minoria dos Lodges, dos Crookes, dos Barretts e dos Lombrosos, que sabem que é verdade e não temem proclamá-lo.

De Jermyn Street, Home foi morar com a família Rymer, em Ealing, onde foram realizadas muitas sessões. Aí foi visitado por Lord Lytton, o famoso novelista que, muito embora tivesse recebido notáveis provas, jamais confessou públicamente a sua crença nos poderes do médium, a despeito de suas cartas particulares e das novelas publicadas constituírem provas evidentes de seu modo de sentir. Assim acontecia com muitos homens e senhoras bem conhecidos. Entre os seus primeiros assistentes estavam o Socialista Robert Owen, o escritor T. A. Trollope e o alienista Doutor J. Garth Wilkiuson.

Nestes dias, quando os fenômenos psíquicos são familiares a todos, exceto aos que propositadamente os ignoram, dificilmente podemos imaginar a coragem moral necessária a Home para desenvolver as suas fôrças e as exibir em público.

Para o britânico de educação média na material época Vitoriana, um homem que se dissesse capaz de produzir fenômenos que contrariassem a lei da gravidade de Newton e que mostrasse uma inteligência invisível atuando sôbre a matéria visível era, de saída, julgado um tratante e um impostor. O ponto de vista sôbre o Espiritismo, externado pelo vice-chanceler Giffard, na conclusão do processo Home-Lyon, era o da classe a que êle pertencia. Nada conhecia sôbre o assunto, mas tomou como certo que tudo nesse particular era falso. É verdade que semelhantes coisas eram descritas em terras distantes e em livros antigos, mas que elas pudessem ocorrer na velha e sólida Inglaterra prosaica, na Inglaterra de dividendos bancários e de livre câmbio, era demasiadamente absurdo para uma mentalidade séria. Foi lembrado que nesse processo Lord Giffard virou-se para o advogado de Home e perguntou: "Parece-me que o senhor sustenta que o seu cliente foi levitado no ar?" O advogado o confirmou e então o juiz voltou-se para o júri e fêz um tal movimento, como o teria feito um sumo sacerdote, rasgando suas vestes talares em sinal de protesto contra a blasfêmia. Em 1868, havia poucas pessoas do júri suficientemente educadas para verificar as observações do juiz, e é exatamente neste particular que fizemos algum progresso nestes cinqüenta anos. Trabalho lento — mas o Cristianismo levou mais de três séculos para se firmarço

Tome-se êste caso de levitação de Home como um teste de seu poder. Sustenta-se que por mais de cem vêzes, perante testemunhas respeitáveis, êle flutuou no ar. Considere-se a prova. Em 1857, num castelo perto de Bordéos, êle foi erguido até o teto de um salão alto, em presença de Madame Ducos, viúva do Ministro da Marinha e do Conde e da Condêssa de Beaumont. Em 1860 Robert Bell escreveu um artigo, no Cornhill, sob o título de "Mais estranho do que uma ficção", no qual diz que "foi erguido de sua cadeira quatro a cinco pés do solo... Vimos o seu corpo passar de um para o outro lado da janela, com os pés para a frente, pôsto horizontalmente no ar". O Doutor Gully, de Malvern, médico muito conhecido, e Robert Chambers, autor e editor, eram outras testemunhas. Pode admitir-se que êsses homens mentissem por deliberado acôrdo ou que não soubessem dizer se um homem flutuava no ar ou apenas pretendia fazê-lo?

No mesmo ano Home foi levantado em casa de Mis. Milner Gibson, em presença de Lord e Lady Clarence Paget, tendo o

Lord passado as mãos por baixo de Home, a fim de se certificar do fato. Poucos meses mais tarde, Mr. Wason, advogado de Liverpool, com sete outros, assistiram ao mesmo fenômeno. Diz êle:

"Mr. Home atravessou a mesa, passando por cima das cabeças das pessoas sentadas em sua volta". E acrescenta: "Alcancei a sua mão a sete pés do solo e dei cinco ou seis passos enquanto êle flutuava no espaço, acima de mim." Em 1861 Mrs. Parkes, de Cornwald Terrace, Regent's Park, conta como se achava presente, com Bulwer Lytton e Mr. Hall, quando Home, em sua própria sala de visitas, foi levantado até que a mão chegou ao alto da porta e então flutuou horizontalmente. Em 1866 Mr. e Mis. Hall, Lady Dunsany e Mrs. Scnior, em casa de Mr. Hall, viram Home, com o rosto transfigurado e brilhante, erguer-se duas vêzes até o teto e deixar uma cruz, feita com lápis, na segunda levitação, de modo a assegurar às testemunhas que não eram vítimas de sua própria imaginação.

Em 1868 Lord Adare, Lord Lindsay, o Capitão Wynne e Mr. Smith Barry viram Home levitado várias vêzes. Uma descrição minuciosa foi deixada pela primeira daquelas testemunhas da ocorrência de 16 de dezembro daquele ano (2),

2. O almanaque mostra que era domingo, dia 13.

quando em Ashley House, em estado de transe, Home flutuou do quarto para a sala de estar, passando pela janela, a setenta pés acima da rua. Depois de chegar à sala, voltou para o quarto com Lord Adare e, depois que este observou que não compreendia como Home poderia ter passado pela janela, apenas parcialmente levantada, "êle me disse que se afastasse um pouco. Então passou pelo espaço aberto, primeiro a cabeça, muito rapidamente, estando o seu corpo aparentemente rígido e quase na horizontal. Voltou novamente, com os pés para a frente". Tal a informação dada por Lord Adare e Lord Lindsay. Diante de sua publicação, o Doutor Carpenter, que gozava de uma reputação nada invejável por uma perversa oposição a tudo quanto se relacionava com êste assunto, escreveu exultante indicando que havia uma terceira testemunha que não tinha sido ouvida, admitindo sem o menor fundamento que o depoimento do Capitão Wynne seria em sentido contrário. Por fim disse que "um simples céptico honesto declara que Mr. Home estêve sentado todo o tempo

em sua cadeira" afirmação que apenas pode ser tomada como falsa. Então o Capitão Wynne escreveu corroborando os outros depoimentos e acrescentando:

"Se o senhor não acredita na prova corroborante de três testemunhas insuspeitas, então será o fim de tôda a justiça e das côrtes da lei".

Para ver quanto a crítica procurou uma saída para escapar ao inevitável, basta dizer que ela se agarrou ao que Lord Lindsay escreveu algum tempo depois, dizendo que a coisa tinha sido Vista à luz da Lua. Entretanto o calendário mostra que naquele dia a Lua era invisível. Observa Mr. Andrew Lang:

"Entretanto, mesmo com cerração, a gente numa sala pode ver um homem entrar por uma janela e sair novamente, com a cabeça para a frente, com o corpo rígido". (3)

3. "Historical Myteries", página 236.

A todos nós parece que se víssemos uma coisa tão maravilhosa, não nos preocuparíamos em determinar se a víamos à luz da Lua ou de lâmpadas da rua. Contudo deve admitir-se que a descrição de Lord Lindsay é redigida grosseiramente — tão grosseiramente que a gente quase desculpa Mr. Joseph Mc Cabe, quando diz numa conferência que os observadores não olhavam a coisa diretamente e a sua sombra no peitoril da janela, mas que se achavam de costas para a janela e apenas viam a sombra da coisa na parede. Entretanto, quando a gente considera a segurança das três testemunhas de vista que depuseram sôbre o caso, tem o direito de perguntar se, quer no passado, quer no presente, qualquer fato extraordinário já foi mais claramente provado.

Tantos são os outros casos de levitação de Home que facilmente seria escrito um longo artigo sôbre êste particular aspecto de sua mediunidade. O Professor Crookes foi outras tantas vêzes testemunha do fenômeno e se refere a cinqüenta exemplos que haviam chegado ao seu conhecimento. Haverá porém alguém de cérebro equilibrado que, tendo lido o incidente aqui referido, não diga, com o Professor Challis: "Ou os fatos devem ser admitidos tais quais são relatados, ou devemos dizer adeus à possibilidade de nos certificarmos de fatos através do testemunho humano"

"Voltamos, então, à era dos milagres?", perguntará o leitor. Não há milagres. Nada neste plano é sobrenatural. Aquilo que vemos agora e o que lemos de tempos passados é apenas a

operação da lei que ainda não foi bem estudada e definida. Já imaginamos algo de suas possibilidades e de suas limitações, que são tão exatas na sua maneira quanto as de qualquer fôrça puramente física. Devemos fazer um balanço entre os que em nada acreditam e os que acreditam demais. Gradativamente a bruma se vai clarificando e poderemos definir os contornos da costa sombria. Quando pela primeira vez uma agulha foi movida pelo magneto, não houve infração às leis da gravidade. É que houve a intervenção local de outra fôrça mais poderosa. Esse é também o caso quando as fôrças psíquicas atuam no plano da matéria. Se a fé que Home tinha em sua fôrça tivesse faltado, ou se o seu círculo tivesse sido perturbado indevidamente, êle teria falhado. Quando Pedro perdeu a fé afundou-se nas ondas. Através dos séculos a mesma causa ainda produziu o mesmo efeito. A fôrça espiritual ainda está conosco se não lhe voltamos a face e nada foi concedido à Judéia que fôsse negado à Inglaterra.

A êsse respeito é como uma confirmação do poder do invisível e como uma resposta final ao materialismo, tal qual o entendemos, que a carreira pública de Home é de suprema importância. Êle foi uma testemunha a afirmar a verdade daqueles chamados "milagres" que foram o pesadelo para tantas mentes espertas e agora se destinam a ser a prova sólida e forte da exatidão das narrativas primitivas. Milhões de almas em dúvida, na agonia dos conflitos espirituais reclamavam provas definitivas de que nem tudo era um vazio em redor de nós, de que havia fôrças fora do nosso alcance, de que o ego não era uma mera secreção do tecido nervoso e de que os mortos realmente levavam sua indestrutível existência pessoal.

Tudo isso foi provado pelo maior dêsses grandes missionários modernos, a qualquer um capaz de observar ou de raciocinar. É possível achar graça em mesas dançantes e em muros que tremem, mas êstes foram os mais próximos e os mais naturais objetos que podiam, em têrmos materiais, registrar aquela fôrça que estava acima do alcance humano. Um cérebro que fôsse imobilizado por uma sentença inspirada seria levado à humildade e a novos caminhos de pesquisa em presença até do mais caseiro dêsses inexplicáveis fenômenos. É fácil chamá-los de pueris, mas realizaram o objetivo para que foram destinados, sacudindo em seus fundamentos a complacência daqueles materialistas homens de ciência que eram postos em contacto com êles. Êles não devem ser achados como um fim em si, mas como um meio elementar

pelo qual a mente deveria ser conduzida a novos canais do pensamento. E êsses canais do pensamento levaram ao reconhecimento da sobrevivência do Espírito.

"Trouxestes incalculável alegria e consolo ao coração de muita gente", disse o Bispo Clark, de Rhode Island. "Iluminastes lugares habitados que antes eram trevas". "Mademoiselle", disse Home à môça que ia ser sua espôsa, "há uma missão a mim confiada.

Ela é grande e santa". O famoso Doutor Elliotson, imortalizado por Thackeray sob o nome de Doutor Goodenough, era um dos chefes do materialismo britânico. Encontrou Home, viu os seus poderes e teve a coragem de dizer imediatamente que tinha vivido tôda a sua vida em trevas e pensava que nada havia na vida que não fôsse material; mas que agora tinha a firme esperança que, assim pensava, haveria de alimentar enquanto vivesse.

Poderiam citar-se inúmeros exemplos do valor espiritual do trabalho de Home; mas êle jamais foi melhor sintetizado do que num período escrito por Mrs. Webster, de Florença, que viu muito da sua atuação. "Êle é o mais maravilhoso missionário dos tempos modernos e da maior de tôdas as causas, e o bem que êle tem feito não pode ser avaliado. Quando Mr. Home passa, derrama em seu redor a maior de tôdas as bênçãos — a certeza da vida futura".

Agora que é possível conhecer detalhes de sua vida, pode dizer-se que é para o mundo inteiro que se dirige a mais vital de tôdas as mensagens. Sua atitude, em relação à sua própria missão, foi expressa numa conferência feita em Londres, na Sala Willis, a 15 de fevereiro de 1866. Disse êle: "Sinceramente penso que essa força aumentará cada vez mais para nos aproximar de Deus. Perguntareis se ela nos torna mais puros. Minha única resposta é que somos mortais apenas e, como tal, sujeitos ao erro. Mas ela ensina que aquêles de coração puro verão a Deus. Ela nos ensina que Deus é amor e que não há morte. Aos velhos ela vem como uma consolação, quando se aproximam as tempestades da vida e quando vem o descanso. Aos moços ela fala do dever que temos uns para com os outros e diz que colheremos o que houvermos semeado. A todos ensina resignação. Vem desfazer as nuvens do êrro e trazer a manhã radiosa de um dia interminável".

É curioso notar como a sua mensagem afetou os de sua geração. Lendo o relato de sua vida, escrita por sua espôsa — um documento muito convincente, de vez que foi ela, de tôdas

as criaturas, a que mais deveria ter conhecido o homem real — ressalta que o mais cordial apoio e o maior aprêço lhe veio dos aristocratas da França e da Rússia, com os quais tinha tomado contacto. O caloroso brilho de admiração pessoal e até a reverência em suas cartas é tal, que dificilmente pode ser igualada em qualquer outra biografia. Na Inglaterra tinha êle um círculo íntimo de ardentes defensores, alguns das altas camadas sociais, como os Halts, os Howitts, Robert Chambers, Mrs. Milner Gibson, o Professor Crookes e outros. Mas havia uma lamentável falta de coragem entre êstes, que admitiam os fatos na intimidade e se mantinham alheios em público. Lord Brougham e Bulwer Lytton eram do tipo de Nicodemos, principalmente o novelista. De um modo geral a "inteligência" saiu-se muito mal neste assunto e muitos nomes festejados sofreram com a história. Tyndall e Faraday foram fantasticamente anticientíficos nos seus métodos de prejulgar a questão, logo de saída, e posteriormente se ofereceram para a examinar, sob a condição de que fôsse aceita a sua opinião. Sir David Brewster, como ficou dito, disse algo de honesto, e depois, em pânico, negou que o houvesse dito, esquecendo-se de que a prova já estava feita. Browning escreveu um longo poema — se é que aquilo se pode chamar poesia — descrevendo uma manifestação que jamais ocorreu. Carpenter conquistou uma notoriedade pouco invejável como opositor sem escrúpulos, ao proclamar uma singularíssima tese espírita de sua invenção. Os secretários da Sociedade Real recusaram o convite para assistirem às demonstrações de Crookes sôbre os fenômenos físicos, enquanto se manifestavam terminantemente contra os mesmos. Lord Giffard despejou da Tribuna contra um súdito os primeiros elementos daquilo que ignorava.

Quanto ao clero nenhuma ordem deve ter sido dada, durante os trinta anos em que a mais maravilhosa dispensação espiritual desde muitos séculos foi dada ao público. Não é possível recordar o nome de um único clérigo britânico que tivesse mostrado um interêsse inteligente.

E em 1872, quando começou a aparecer em The Times uma descrição minuciosa das sessões de São Petersburgo, a coisa foi cortada logo, segundo Mr. H. T. Humphreys, "devido ás fortes queixas feitas a Mr. Delane, seu diretor, por algumas figuras da alta direção da Igreja da Inglaterra." Tal foi a contribuição dos nossos dirigentes espirituais. O Doutor Elliotson, o nacionalista, era muito mais vivo do que êles. Eis o

amargo comentário da senhora Home: "O veredito de sua própria geração foi o do cego e do surdo contra quem vê e ouve.

A caridade era uma das mais belas características de Home. Como tôda verdadeira caridade, era secreta e só se tornava conhecida indiretamente, e por acaso. Um de seus numerosos caluniadores declarou que lhe havia endossado uma letra de cinqüenta libras em favor de seu amigo Mr. Rymer. Em legítima defesa apurou-se que não era uma letra, mas um cheque, enviado muito generosamente por Mr. Home para tirar aquêle amigo de um apuro.

Considerando a sua constante pobreza, cinqüenta libras talvez representassem uma boa parte de suas reservas bancárias. Sua viúva se detém com perdoável orgulho sôbre muitas provas encontradas em suas cartas, após a sua morte. "Agora é um artista desconhecido, para cujo pincel o generoso esfôrço de Home havia encontrado emprêgo; depois, é um trabalhador infeliz que escreve sôbre a sua espôsa doente, cuja vida foi salva pelo confôrto proporcionado por Mr. Home; ou uma mãe que agradece o seu apoio para a iniciação de seu filho na vida. Quanto tempo e quanta atenção devotou êle aos outros quando as circunstâncias de sua vida levariam muitos homens a pensar apenas em si próprios e em suas necessidades."

"Mande-me uma palavra do coração que tantas vêzes soube consolar um amigo!" exclamava um de seus protegidos.

"Poderei um dia mostrar-me digno de todo o bem que você me fêz?" pergunta outro numa carta.

Encontramo-lo vagando pelos campos de batalha, perto de Paris, às vêzes debaixo de fogo, com os bolsos cheios de cigarros para os feridos. Um oficial alemão escreve afetuosamente para lhe lembrar como o salvou de morrer de hemorragia, carregando-o em seus fracos ombros para fora da zona de fogo. Certamente Mrs. Browning era um melhor juiz do caráter do que seu espõso e Sir Galahad um nome melhor do que Lama.

Ao mesmo tempo seria absurdo pintar Home como um caráter sem jaça. Tinha êle a fraqueza de seu temperamento e algo de feminino em sua disposição que se mostrava de muitas maneiras. Estando na Austrália, o autor teve oportunidade de ler uma correspondência datada de 1856, entre Home e o filho mais velho dos Rymer. Tinham viajado juntos pela Itália e Home tinha abandonado o amigo em circunstâncias que

demonstravam inconstância e ingratidão. Mas é justo dizer que sua saúde era então tão precária que dificilmente poderíamos considerá-lo normal. "Tinha êle os defeitos de um caráter emotivo", disse Lord Dunraven, "como a vaidade altamente desenvolvida, talvez sâbiamente lhe permitindo subtrair-se ao ridículo que então era despejado sôbre o Espiritismo e tudo quanto a êste se ligava. Era sujeito a grandes depressões e crises nervosas dificilmente compreensíveis, mas era, também, simples, bondoso, de bom humor, de disposição amorável, que me atraía... Minha amizade ficou inalterável e sem diminuição até o fim."

Há poucos daqueles variados dons, que chamamos "mediúnicos" e que São Paulo chama "do Espírito", que Home não possuísse. Na verdade, a característica de sua fõrça psíquica era uma invulgar versatilidade. Geralmente falamos de um médium de Voz Direta, de um que fala em transe, de um clarividente ou de um de efeitos físicos, quando Home era os quatro.

Tanto quanto podemos verificar, tinha êle pouca experiência quanto àfôrça de outros médiuns e não estava isento daquele ciúme psíquico, que é um traço comum dêsses sensitivos. Mrs. Jencken, antes Miss Kate Fox, foi o único médium a quem teve amizade.

Sentia amargamente qualquer mistificação, e denotou sempre êsse excelente fraco do caráter, qual o de guardar suspeitas de tôdas as formas de manifestações que não correspondessem exatamente às suas. Essa opinião, expressa de modo não comprometedor em seu último livro "Lights and Shadows of Spiritualism" (4)

4. "Luzes e Sombras do Espiritismo". N. do T.

naturalmente magoaram outros médiuns, que pretendiam ser tão honestos quanto êle. Um mais largo e profundo contacto com os fenômenos o teriam tornado mais caridoso. Assim, êle protestou fortemente contra tôda sessão feita no escuro, o que é um conselho de perfeição, de vez que as experiências sôbre o ectoplasma, que é a base física de tõdas as materializações, mostram, em geral, que aquêle é afetado pela luz, exceto pela vermelha. Home não tinha grande experiência das materializações completas, tais como foram obtidas naqueles dias por Miss Florence Cook ou por Madame d'Esperance, ou em nossos dias pela mediunidade de Madame Bisson. Assim,

podia êle dispensar a obscuridade completa em seu trabalho. Por isso sua opinião foi injusta para com os outros. Por outro lado, Home declarou enfàticamente que a matéria não podia passar através da matéria, porque os seus fenômenos não tomavam êsse aspecto. Ainda a prova de que, em certos casos, a matéria podia passar através da matéria era esmagadora. Até pássaros de variedades raras foram trazidos para as salas de sessões, em circunstâncias que excluem qualquer fraude e as experiências de madeira que atravessa a madeira, como as que foram apresentadas a Zõllner e outros professores em Leipzig, foram tão concludentes que se acham relatadas pelo famoso físico na Física Transcendental, de suas experiências com Slade. Dêste modo, deve levar-se como uma pequena fraqueza do caráter de Home o fato de gritar e duvidar das fôrças que porventura êle não possuísse.

Podem alguns acusá-lo de dirigir sua mensagem antes aos dirigentes da sociedade do que às massas trabalhadoras. É provável que, de fato, Home tivesse a fraqueza, assim como as graças de sua natureza artística, que o faziam sentir-se mais feliz numa atmosfera de elegância e de finura e uma repulsa visceral por tudo quanto fôsse sórdido e desfavorecido.

Se outras razões não existissem, o precário estado de saúde o tornava inapto para qualquer tarefa pesada; as contínuas hemorragias o levaram a preferir a agradável e refinada vida na Itália, na Suíça e na Riviera. Mas, em relação ao desenvolvimento de sua missão, de lado o auto-sacrifício pessoal, não há a menor dúvida de que a sua mensagem, levada ao laboratório de um Crookes ou à Côrte de um Napoleão, foi mais útil do que se tivesse sido levada à multidão. A aprovação da ciência e do caráter era necessária antes que o público ficasse seguro de que essas coisas eram verdadeiras. Se isso não foi inteiramente conseguido a falta cabe certamente aos encapuçados homens de ciência e aos pensadores da época e de modo algum Home, que representou o seu papel de demonstrador com perfeição, deixando a outros homens menos dotados a análise e a publicidade do que lhes havia mostrado. Não era êle um homem de ciência, mas a matéria-prima da ciência, desejando ansioso que os outros dêle pudessem aprender tudo quanto pudesse trazer ao mundo, de modo que a própria ciência pudesse dar testemunho da religião, enquanto se apoiasse sôbre a ciência. Quando a mensagem de Home tiver sido aprendida completamente, um homem sem fé não será acusado de

impiedade, mas de ignorância.

Havia algo de patético no esfôrço de Home para descobrir alguma crença na qual pudesse satisfazer o seu próprio instinto gregário — porque êle não era tido como um individualista cabeçudo — e ao mesmo tempo achar um nicho no qual pudesse depositar seu próprio volume de autênticas verdades. Sua peregrinação reivindica a afirmação de alguns espíritas de que um homem pode pertencer a qualquer crença e possuir conhecimentos espíritas, mas também apóia os que replicam que a perfeita harmonia com aquêles conhecimentos espíritas só pode ser encontrada, tal qual a coisa se encontra agora, numa comunidade espírita especial. Ah! se pudesse ser assim, pois é ele demasiado grande para afogar-se numa seita, por maior que seja ela. Na mocidade Home seguiu a Wesley, mas logo se passou para a mais liberal atmosfera do Congregacionalismo. Na Itália a atmosfera artística da Igreja Católica Romana e, possivelmente o registro de tantos fenômenos semelhantes aos seus próprios, levaram-no a se converter com a intenção de entrar para uma ordem monástica — intenção que o seu bom senso o levou a abandonar. A sua mudança de religião se deu num período em que as fôrças psíquicas o haviam abandonado durante um ano e seu confessor lhe garantiu que elas eram de origem perversa e que jamais lhe voltariam, agora que se transformara num filho da verdadeira Igreja. Não obstante, no próprio dia em que se completava um ano, elas voltaram com renovado vigor. Desde então parece que Home foi católico apenas de nome, se é que o foi, e depois de seu segundo casamento —ambos com senhoras russas — foi êle fortemente atraído para a Igreja Grega e foi no seu ritual que o seu corpo foi encomendado em St. Germain, em 1886. "A outro o discernimento dos Espíritos" (1 Epístola aos Coríntios, capítulo 12º versículo 10) é a curta inscrição sôbre aquêle túmulo, do qual o mundo ainda não ouviu a última palavra.

Se fôssem necessárias provas da vida inatacável de Home, estas não poderiam ser melhor apresentadas do que pelo fato de que seus numerosos inimigos, sempre à espera de uma oportunidade para o ataque, jamais puderam encontrar algo em tôda a sua carreira para um comentário, a não ser o caso absolutamente inocente, e que se tornou conhecido como o caso Home-Lyon. Qualquer juiz imparcial, lendo os depoimentos nesse caso, — e êstes se encontram verbum ad verbum na segunda série dos "Incidents in My Life" (5)

5. “Incidentes em minha Vida”. — N. do T.

— conviria que não há censura mas comiseração devida a Home. Não se poderia desejar maior nobreza de caráter do que a sua em relação àquela mulher desagradável e caprichosa, que inicialmente lhe havia doado boa soma de dinheiro e depois, mudando de idéia, ao ver frustrada a esperança de ser apresentada na alta sociedade, nada levou em consideração com intuito de reaver aquêle dinheiro. Se ela apenas tivesse pedido a sua devolução, não há dúvida de que os delicados sentimentos de Home o teriam levado a devolvê-lo, ainda que lhe tivesse custado muito trabalho e despesas, pois se tratava de mudar o seu nome para Home-Lyon, a fim de satisfazer a vontade daquela mulher que queria adotá-lo como filho. Suas exigências, entretanto, eram tais, que êle não as poderia aceitar honrosamente, pois implicava o reconhecimento de que procedera mal aceitando o presente. Consultando as cartas originais — o que, parece, não foi feito pelos poucos que comentaram o caso — verifica-se que Home, o seu procurador S. C. Hall e seu advogado Mr. Wilkinson imploraram àquela senhora que moderasse a sua desarrazoada benevolência que se havia transformado tão ràpidamente numa malevolência ainda mais desarrazoada. Ela estava absolutamente determinada a que Home ficasse com o dinheiro e se constituísse seu herdeiro. Jamais houve um homem menos mercenário: êle lhe pediu repetidamente que pensasse em seus parentes, ao que ela respondia que o dinheiro lhe pertencia e que ela poderia fazer com êle o que bem quisesse e que nenhum parente dependia dela. Desde o momento em que aceitou a situação, agiu e escreveu como um filho devotado e não é falta de caridade supor que essa atitude inteiramente filial não tivesse sido aquela que a velhota havia planejado. De qualquer modo, cedo ela se cansou de esperar e exigiu o dinheiro sob a escusa — escusa monstruosa para quem quer que leia as cartas e considere as datas — de que mensagens espíritas é que a tinham levado a tomar aquela resolução.

O caso correu na Côrte de Chancery e o juiz aludiu a “inúmeras falsidades de Mrs. Lyon, em tão importantes detalhes —falsidades declaradas sob juramento e tão perversas que causavam um grande embaraço à Côrte e desacreditavam o testemunho da queixosa”. A despeito dêsse comentário cáustico e da elementar justiça, o veredito foi

contra Home, por isso que, de um modo geral, é taxada como falha de provas a defesa em tais casos e uma completa falta de provas é impossível quando a ação é contestada. Sem dúvida Lord Giffard se teria mostrado superior à simples letra da lei, se não fôsse tão profundamente contrário a qualquer referência às fôrças psíquicas, que, no seu modo de ver, eram manifestamente absurdas e ainda eram sustentadas pela defesa em sua cara, na sua própria Côrte de Chancery. Até os piores inimigos de Home foram forçados a admitir que o fato de haver êle retido o dinheiro na Inglaterra, em vez de o depositar em lugar onde não pudesse ser requisitado, prova as suas intenções honestas no mais infortunado episódio de sua vida. Não há notícia de que tenha êle perdido a amizade de um só dos homens de honra, que o tinham como amigos, por causa das maquinações de Mrs. Lyon. Os próprios motivos dessa senhora eram óbvios. Como todos os documentos estavam em ordem, seu único caminho para recuperar o dinheiro foi acusar Home de extorsão por meio de simulação; e ela era bastante esperta para saber que chance teria um médium — mesmo um médium amador e que não se fazia pagar — na ignorante e material atmosfera de uma côrte de justiça do período médio-vitoriano. Ah! omitamos êsse médio-vitoriano e a verificação é a mesma.

As faculdades de Home foram atestadas por tantos e tão famosos observadores e foram mostradas sob condições tão francas que nenhum homem razoável poderá pô-las em dúvida.

Só a prova de Crookes é conclusiva (6).

6. "Researches in the Phenomena of Spiritualism, e SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH Proceedings, volume 6º, página 98

Há também, o notável livro, recentemente reeditado, no qual Lord Dunraven conta a história de sua mocidade em ligação com Home.

Mas, de lado êstes, entre aquêles que na Inglaterra investigaram nos primeiros anos e cujo testemunho público ou cartas a Home mostram que não só estavam convencidos dos fenômenos, mas também de sua origem espiritual, devemos mencionar a Duquesa de Sutherland, Lady Shelley, Lady Gomm, o Doutor Robert Chambers, Lady Otway, Miss Catherine Sinclair, Mrs. Milner Gibson, Mr. e Mrs. William Howitt, Mrs. De Burgh, o Doutor Gully (of Malvern), Sir Charles

Micholson, Lady Dunsany, Sir Daniel Cooper, Mrs. Adelaide Senior, Mr. e Mrs. 5. C. Hall, Mrs. Macdougall Gregory, Mr. Pickersgill, R. A., Mr. E. L. Blanchard e Mr. Robert Bell.

Outros que chegaram a admitir que a teoria da impostura era insuficiente para explicar os fenômenos foram: Mr. Ruskin, Mr. Thackeray (então redator do Cornhill Magazine), Mr. John Bright, Lord Dufferin, Sir Edwin Arnold, Mr. Heaphy, Mr. Durham (escultor), Mr. Nassau Senior, Lord Lyndhurst, Mr. J. Hutchinson (ex-secretário da Bôlsa) e o Doutor Lockhart Robertson.

Tais foram as testemunhas e tal o seu trabalho. E ainda quando a sua vida utilíssima e altruísta chegava a seu fim, deve ser lembrado, para eterna vergonha da Imprensa Britânica, que dificilmente se encontra um jornal que não se referisse a êle como um impostor e um charlatão. Contudo chega o momento em que êle será reconhecido pelo que realmente foi — um dos pioneiros do lento e árduo avanço da Humanidade na selva da ignorância, que tanto a retardou.

10
Os Irmãos Davenport

A FIM de apresentar uma história contínua foi necessário descrever tôda a vida de D. D. Home. Agora é preciso voltar aos primeiros dias na América, e considerar o desenvolvimento dos dois Davenports. Home e os Davenports tiveram um papel internacional e sua história cobre o movimento na Inglaterra e nos Estados Unidos. Os Davenports trabalharam num nível muito mais baixo do que Home, fazendo profissão de seus notáveis dons e ainda pelos rudes métodos através dos quais tiveram resultado no meio da multidão, de maneira que não teria sido usada por um médium mais fino. Se considerarmos todo êsse trem de eventos como tendo sido produzidos por uma fôrça sábia — mas não infalível ou onipotente — situada no Além, observaremos como cada ocasião é utilizada por um instrumento adequado, e como, ao falhar uma demonstração, outra a substitui.

Os Davenports tiveram sorte com os seus cronistas. Dois escritores publicaram livros (1),

1. "A Biography of the Brothers Davenport", by T. L. Nichols, M. D., London, 1864. "Supranrundane Facts in the Life of Reverendo J. B. Ferguson, LL. D." by T. L. Nichols, M. D. London, 1865. "Spiritual Experiences: Including Seven Months with tire Brothers Davenport» by Robert Cooper, London, 1867.

descrevendo os acontecimentos de sua vida e a literatura periódica do tempo está cheia de seus relatos.

Ira Erastus Davenport e William Henry Davenport nasceram em Buffalo, no Estado de New York, o primeiro a 17 de setembro de 1839 e o segundo a 1º de fevereiro de 1841. Seu pai, descendente dos primeiros colonos inglêses da América, ocupava posição no departamento de polícia de Buffalo. Sua mãe, nascida em Kent, na Inglaterra, veio criança para a América. Foram observados alguns sinais de faculdades psíquicas na vida da mãe. Em 1846 a família foi perturbada alta noite por aquilo que descreveram como "batidas, socos, ruídos altos, rupturas e estalos". Isto foi dois anos antes do surgimento das manifestações nas Fox que, neste caso, como em muitos outros, os levou a investigar e descobrir que tinham faculdades mediúnicas.

Os dois rapazes Davenport e sua irmã Elizabeth, a mais môça dos três, experimentaram pondo as mãos sôbre a mesa. Ruídos fortes e violentos eram ouvidos e mensagens eram deletreadas. A notícia espalhou-se e, do mesmo modo que com as irmãs Fox, centenas de curiosos e de incrédulos se amontoavam na casa. Ira desenvolveu a escrita automática e distribuiu entre os presentes mensagens escritas com extraordinária rapidez, contendo informações que êle não podia possuir. Logo se seguiu a levitação e o rapaz era suspenso no ar, por cima das cabeças dos que se achavam na sala, a uma altura de nove pés do solo. Depois o irmão e irmã foram igualmente influenciados e os três flutuavam no alto da sala. Centenas de cidadãos respeitáveis de Buffalo são citados como tendo presenciado êsses fatos. Uma vez, quando a família tomava uma refeição, as facas, os garfos e os pratos dançaram e a mesa foi erguida no ar. Numa sessão, pouco depois, disso um lápis foi visto escrevendo em plena luz do dia, sem qualquer contacto humano. Então as sessões passaram a ser feitas com regularidade, começaram a aparecer luzes, e instrumentos de música boiavam no ar e eram tocados acima das cabeças dos circunstantes. A Voz Direta e outras manifestações extraordinárias se seguiram muito numerosas. Atendendo o pedido das inteligências comunicantes, os irmãos começaram programando os vários lugares onde seriam realizadas sessões públicas. Entre estranhos, insistiam pedidos de testes. A princípio os rapazes eram segurados por pessoas escolhidas entre os presentes, mas isto foi considerado insatisfatório, porque pensavam que aquêles que os seguravam eram comparsas. Então passaram a amarrá-los com cordas. A leitura da lista das engenhosas maneiras de controle que eram propostas, sem que pudesse haver interferência, mostra como é quase impossível convencer cépticos opiniáticos. Desde que um processo de controle dava resultado, outro era proposto. Em 1857 os professôres da Universidade de Harvard examinaram os rapazes e os seus fenômenos. Assim se expressa o seu biógrafo (2).

2. "A Biography o! the Brothers Davenport", by T. L. Nichols, M. D. páginas 87-88.

"Os professores demonstraram ingenuidade, pro pondo testes. Seriam êles capazes de se submeterem a ser algemados? Sim. Permitiriam que fôssem agarrados? Sim.

Fizeram uma dúzia de propostas, que foram aceitas e logo rejeitadas por seus próprios autores. Se algum teste fosse adotado pelos irmãos, isto bastava para o pôr de lado. Admitiam que estivessem preparados para isso, de modo que qualquer outro devia ser encontrado."

Finalmente os professôres trouxeram cento e cinqüenta metros de corda, encheram de buracos o gabinete preparado numa de suas salas e ai amarraram brutalmente os rapazes. Todos os laços da corda foram amarrados com fio de linho e um dêles, o Professor Pierce, isolou-se dentro do gabinete, entre os dois rapazes. Imediatamente mostrou-se a mão de um fantasma, moveram-se instrumentos, que eram notados pelo professor junto à sua cabeça ou ao seu rosto. A cada instante, êle procurava os rapazes com as mãos, sempre constatando que estavam imobilizados. Por fim os operadores invisíveis libertaram os rapazes das suas amarras e quando o gabinete foi aberto, as cordas foram encontradas enroladas no pescoço do professor! Depois de tudo isso os professôres não fizeram nenhum relatório. É interessante ler a descrição de um aparelho de contrôle realmente interessante, consistindo do que se pode chamar de mangas e calças de madeira, muito bem pregadas, inventado por um homem chamado Darling, em Bangor, nos Estados Unidos. Como outros aparelhos, foi incapaz de evitar as manifestações. Devemos lembrar que muitos dêsses testes foram aplicados quando aquêles irmãos eram garotos, demasiado moços para terem aprendido complicados meios de mistificar.

Não é estranho ler-se que os fenômenos levantaram violenta oposição mais ou menos por tôda a parte; e freqüentemente os rapazes eram denunciados como trapaceiros e mistificadores. Foi depois de dez anos de trabalho público nas maiores cidades americanas que os irmãos Davenport vieram para a Inglaterra. Êles se haviam submetido com êxito a tôdas as provas que o engenho humano podia inventar e nenhuma foi capaz de explicar como eram obtidos os resultados. Por seu próprio comportamento haviam conquistado uma grande reputação. Agora iriam recomeçar tudo.

Os irmãos Ira e William tinham, então, vinte e cinco e vinte e três anos, respectivamente. O World, de New York, assim os descreve:

"Eram notàvelmente parecidos em quase tudo, muito bonitos, com a cabeleira grande, crespa e preta, tinham a testa

larga mas não alta, olhos pretos e vivos, sobrancelhas grossas, bigode e cavanhaque, lábios acentuados e corpos musculosos e bem proporcionados. Vestiam fraque prêto e um deles usava relógio com corrente."

O seu biógrafo, Doutor Nichols, dêles nos dá essa primeira impressão:

"Os jovens, com os quais tive um ligeiro contacto, e que jamais tinha visto antes de sua chegada a Londres, se me afiguraram, tanto no intelecto, quanto no caráter, acima da média de seus companheiros camponeses; não são notáveis pela inteligência, pôsto que razoàvelmente habilidosos e Ira possui algum talento artístico. Os moços parecem absolutamente honestos e singularmente desinteressados e não mercenários — muito mais satisfeitos de que a gente fique contente com a sua integridade e com a realidade das manifestações, do que preocupados em ganhar dinheiro. Sem dúvida têm uma ambição, que é gratificada por terem sido escolhidos como instrumentos daquilo que consideram um grande bem para a humanidade."

Foram à Inglaterra acompanhados pelo Reverendo Doutor Ferguson, antigo pastor de uma grande igreja em Nashville, no Tennessee, que era freqüentada por Abraham Lincoln, por Mr. D. Paimer, conhecido maestro, que exercia as funções de secretário, e por Mr. William M. Fay, que também era médium.

Em sua biografia dos Davenports, publicada anônimamente em Boston, em 1869, Mr. PÁGINA B. Randall indica que a sua missão na Inglaterra era "encontrar-Se, no seu próprio campo, conquistando-o por meios adequados, com o materialismo duro e o cepticismo da Inglaterra". O primeiro passo no reconhecimento, diz êle, é convencer-se da ignorância. E acrescenta:

"Se as manifestações obtidas por intermédio dos irmãos Davenport podem provar às classes intelectuais e científicas que há forças e forças inteligentes ou poderes inteligentes — acima da faixa de suas filosofias, e que aquilo que elas consideram impossibilidades físicas é rapidamente realizado pelo invisível, para elas desconhecido, mas que são inteligências, um novo universo abrir-se-á para o pensamento humano e para a investigação."

Há uma pequena dúvida sôbre se os médiuns exerceram tal efeito sôbre muitas mentes.

As manifestações da mediunidade de Mrs. Hayden eram calmas e sossegadas, enquanto as de D. D. Home eram mais

notáveis, se limitavam, entretanto, a pessoas que não pagavam entrada. Mas êsses dois rapazes alugavam salões e desafiavam todo o mundo a vir assistir os fenômenos que ultrapassavam os limites da crença ordinária. Não era preciso ser arguto para prever uma forte oposição: assim aconteceu. Mas êles atingiram o objetivo que certamente tinham em vista os dirigentes invisíveis. Chamaram a atenção do público como nunca na Inglaterra para um tal assunto. Melhor testemunho não poderia ser dado do que o de seu maior oponente, Mr. N. N. Maskelyne, o célebre mago, que escreve (3):

3. "Modern Spiritualism", página 65.

"É verdade, a Inglaterra foi inteiramente dominada, por algum tempo, pelas maravilhas apresentadas por êsses charlatães". Depois acrescenta:

"Os irmãos fizeram mais que ninguém para familiarizar a Inglaterra com o chamado Espiritismo; ante imenso auditório e sob várias condições, na verdade produziram fatos maravilhosos. As sessões dos outros médiuns eram feitas no escuro ou na semi-obscuridade, ante uma assistência simpática ou, freqüentemente, devota; aí parece que ocorriam manifestações, que não podem ser comparadas com as exibições dos Davenport, pelo seu efeito sôbre a opinião pública."

Sua primeira sessão em Londres, de caráter privado, foi a 28 de setembro de 1864, na residência de Mr. Dion Bouci. cault, em Regent Street. No salão dêsse famoso ator e autor encontravam-se as principais figuras da imprensa e distintos homens de ciência, O noticiário da imprensa foi notàvelmente completo e — o que é uma maravilha — correto.

A descrição do Morning Post, no dia seguinte, diz que aos convidados tinham pedido uma crítica severa e que tôdas as necessárias precauções fôssem tomadas contra a fraude e a mistificação, e continua:

"As pessoas convidadas a assistir as manifestações da noite passada eram em número de doze ou catorze, tôdas tidas como de considerável distinção nas respectivas profissões que exercem. Em sua maioria jamais haviam assistido a qualquer coisa no gênero. Tôdas, entretanto, estavam determinadas a descobrir e, se possível, denunciar, qualquer tentativa de mistificação. Os irmãos Davenport são de pequena estatura, de aparência distinta, e as últimas pessoas no mundo de quem se

poderia esperar uma grande demonstração de fôrça. Mr. Fay aparenta alguns anos mais e é de constituição mais robusta."

Depois de descrever as ocorrências, continua o articulista:

"Tudo quanto pode ser garantido é que as demonstrações que descrevemos ocorreram, na presente ocasião, em circunstâncias que excluem tôda presunção de fraude".

The Times, o Daily Telegraph e outros jornais publicaram notícias longas e honestas. Omitiram as suas citações porque o seguinte depoimento de Mr. Dion Boucicault, publicado no Daily News, bem como em muitos outros jornais londrinos, cobre todos os fatos. Descreve êle uma sessão posterior, em sua própria casa, a 1º de outubro de 1864, a que estiveram presentes, entre outras pessoas, o Visconde Bury, deputado, Sir Charles Wike, Sir Nicholson, o Chanceler da Universidade de Sidney, Mr. Robert Chambers, Charles Reade, escritor, e o Capitão Inglefield, explorador do Ártico.

"Senhor.

Ontem realizou-se em minha casa uma sessão com os Irmãos Davenport e Mr. W. Fay, à qual estiveram presentes... (Aqui menciona vinte e quatro nomes, entre os quais os acima referidos).

À três horas todos se achavam reunidos. Mandamos buscar numa casa de música próxima seis violões e dois tamborins, de modo que o material usado não fôsse aquêle com que os operadores estavam familiarizados.

As três e meia chegaram os Irmãos Davenport e Mr. Fay, e verificaram que nós tínhamos alterado os seus planos, trocando a sala previamente escolhida por êles para as manifestações.

A sessão começou pelo exame das roupas dos Irmãos Davenport, tendo sido verificado que nenhum dispositivo ou quaisquer artifícios se achavam em suas pessoas ou nas proximidades. Entraram na cabine e sentaram-se de frente um para o outro. Então o Capitão Inglefiekl, com uma corda nova, que ele próprio trouxera, amarrou Mr. W. Davenport de pés e mãos, com as mãos para as costas. Do mesmo modo Lord Bury amarrou Mr. I. Davenport. Os laços foram amarrados e selados com lacre e carimbados. Um violão, um violino, um tamborim, dois sinos e uma trombeta de latão foram colocados no piso da cabine. Então as portas foram fechadas e se fêz luz bastante na sala para que pudéssemos ver o que acontecia.

Omitirei a descrição minuciosa da babel de sons que se produziram na cabine e a violência com que as portas se

abriam continuamente e os instrumentos eram jogados para fora; as mãos aparecendo geralmente por um orifício em forma de losango ao centro da porta da cabine. Os incidentes que se seguem pareceram-nos particularmente dignos de menção:

Quando Lord Bury estava inclinado dentro da cabine, estando a porta aberta e os dois operadores amarrados e lacrados, foi vista uma mão destacada descer sôbre êle; êle recuou, observando que uma mão lhe havia batido. De noite, em plena luz do candelabro de gás e durante um intervalo da sessão, estando abertas as portas da cabine e quando as ligaduras dos irmãos Davenport estavam sendo examinadas, uma mão feminina, muito branca e fina e o punho tremeram por alguns segundos no espaço -Essa aparição provocou uma exclamação geral.

Então Sir Charles Wyke entrou na cabine e sentou-se entre os dois moços, pondo cada uma das mãos sôbre êles e os segurando. Depois, as portas foram fechadas e recomeçou a babel de sons. Várias mãos apareceram no orifício — entre as quais a de uma criança. Depois de algum tempo Sir Charles voltou para o nosso meio e informou que enquanto segurava os dois irmãos diversas mãos lhe tocaram o rosto e puxaram os seus cabelos; em seu redor os instrumentos se ergueram e foram tocados em volta de seu corpo e da cabeça, enquanto um dêles se apoiou sôbre o seu ombro. Durante os seguintes incidentes as mãos que apareceram foram tocadas e seguradas pelo Capitão Inglefield o qual verificou, pelo tato, que eram aparentemente humanas, embora escapassem de suas mãos.

Deixo de mencionar outros fenômenos já descritos em outra parte.

"A parte seguinte da sessão foi realizada no escuro. Um dos Davenport e Mr. Fray ficaram sentados entre nós. Duas cordas foram atiradas a seus pés e em dois minutos e meio estavam êles amarrados de pés e mãos, com as mãos para trás, fortemente atadas às cadeiras e estas amarradas a uma mesa próxima. Enquanto esta operação se realizava o violão foi erguido da mesa e tocou e flutuou em volta da sala e por cima da cabeça de todos, tocando de leve um ao outro. Então uma luz fosforescente foi atirada de um para outro lado, por cima de todos; o peito, as mãos ou as costas de vários dos presentes foram simultaneamente tocados, batidos ou arranhados por mãos, enquanto o violão flutuava no ar, agora próximo do teto e batia na cabeça e nos ombros dos menos felizes. As

campainhas soavam aqui e ali, e uma leve vibração era mantida no violino. Os dois tamborins pareciam rolar para lá e para cá pelo chão, ora sacudidos violentamente, ora tocando nas mãos e nos joelhos dos circunstantes — sendo que tôdas essas coisas eram sentidas ou ouvidas simultâneamente. Segurando um tamborim, Mr. Rideout perguntou se o mesmo poderia ser tirado de suas mãos; quase que instantâneamente o instrumento foi arrebatado. Ao mesmo tempo Lord Bury fêz a mesma pergunta e houve uma tentativa de arrebatamento do tamborim que êle segurava fortemente. Então Mr. Fay perguntou se lhe poderiam tirar o paletó. Imediatamente ouvimos um puxão violento e aconteceu a coisa mais notável. Uma luz foi acesa antes que o paletó saisse de Mr. Fay, tirado por cima. Voou para o candelabro onde ficou pendurado por um instante e depois caiu no chão. Enquanto isto Mr. Fay era visto como antes, de pés e mãos atados. Um do grupo tirou então o próprio casaco, que foi colocado sôbre a mesa. A luz foi apagada e êsse casaco foi levado para as costas de Mr. Fay com a mesma rapidezembro Durante as ocorrências acima no escuro, culocamos uma fôllia de papel debaixo dos pés dos dois operadores e com um lápis fizemos o seu contôrno, a fim de verificar se êles os tinham movido. Por iniciativa própria êles quiseram ficar com as mãos cheias de farinha ou substância similar, a fim de provarem que não as tinham usado, mas essa precaução foi julgada desnecessária. Contudo, nós lhes pedimos que contassem de um a doze continuamente, para que suas vozes fôssem ouvidas ininterruptamente e pudéssemos saber que vinham do lugar onde estavam amarrados. Cada um de nós segurou firmemente o vizinho, de modo que ninguém podia mover-se sem que duas pessoas adjacentes o percebessem.

No fim da sessão estabeleceu-se uma conversa geral, a respeito do que tínhamos visto e ouvido. Lord Bury sugeriu que a opinião parecia ser que deveríamos assegurar aos Irmãos Davenport e a Mr. Fay que, depois de rigoroso julgamento e rigorosa investigação de seus procedimentos, os senhores presentes não podiam chegar a outra conclusão senão de que não havia qualquer indicio de truque e, certamente, nem havia com parsas nem maquinismos, e que todos aquêles que haviam testemunhado os resultados declaravam livremente, na sociedade em que se achavam, até onde as investigações lhes permitiam formar opinião, que os fenômenos ocorridos em sua presença não eram produto de malabarismo. Esta sugestão foi

aceita por todos imediatamente."

Êsse maravilhosamente completo e lúcido relato é dado sem abreviações, porque responde a muitas objeções e porque o caráter do narrador e testemunha não pode ser pôsto em dúvida. Certamente deve ser aceito como conclusivo, no que respeita a honestidade. Tôda obsessão subseqüente é mera ignorância dos fatos.

Em outubro de 1864 os Davenport começaram a realizar sessões públicas no Queen's Concert Rooms, em Hanover Square. Eram escolhidas comissões entre os assistentes e eram feitos esforços visando descobrir como as coisas eram feitas, mas tudo sem resultado. Essas sessões, entremeadas por sessões particulares, continuaram tõdas as noites, até o fim do ano. A imprensa diária estava repleta de seus relatos e o nome dos irmãos estava em tôdas as bôcas. No comêço de 1865 fizeram uma excursão pelas províncias inglêsas, e em Liverpool, Hudderfield e Leeds sofreram violências físicas da multidão. Em fevereiro, em Liverpool, dois dos assistentes lhes ataram as mãos tão brutalmente que sangraram e Mr. Ferguson cortou as cordas e os soltou. Os Davenports recusaram-se a continuar e a multidão invadiu o palco e destruiu a cabine. As mesmas táticas foram seguidas em Hadderfield a 21 de fevereiro e depois em Leeds, com crescente violência, organizada pelos opositores. Essas desordens levaram os Davenports a cancelar quaisquer outros compromissos na Inglaterra. Depois disso foram a Paris, onde receberam o conselho de ir ao Palácio de St. Cloud, onde o Imperador e a Imperatriz, com um séquito de cêrca de quarenta pessoas, testemunharam a sessão. Quando em Paris, Hamilton, sucessor do célebre mágico Robert Houdin, os visitou e numa carta a um jornal parisiense, diz: "Os fenômenos ultrapassaram a minha expectativa e foram cheios de interêsse para mim. Considero um dever declarar que são inexplicáveis." Depois de breve visita à Inglaterra, a Irlanda foi visitada em começos de 1866. Em Dublin tiveram muitos assistentes da alta sociedade, inclusive o redator do Irish Tines e o Reverendo Doutor Tisdal, que proclamava publicamente sua crença nas manifestações.

Em abril do mesmo ano êles foram a Hamburgo e depois a Berlim, mas, como esperavam uma guerra (desde que os guias a tinham previsto), a excursão não foi lucrativa. Gerentes de teatro lhes ofereceram elevadas somas para umas exibições

mas, seguindo o conselho de seu sempre presente Espírito monitor, que disse que as suas manifestações deviam ser conservadas acima do nível dos divertimentos teatrais, desde que eram supernaturais, êles recusaram o convite com o que muito se contrariou o seu empresário. Durante o mês que passaram em Berlim foram visitados por membros da Família Real. Depois de três semanas em Hamburgo seguiram para a Bélgica, onde alcançaram notável sucesso em Bruxelas, bem como nas principais cidades. A seguir foram à Rússia, chegando a São Petersburgo a 27 de dezembro de 1866. A 7 de janeiro de 1867 deram a primeira sessão pública a um auditório de mil pessoas. A sessão seguinte foi na residência do Embaixador da França, a uma assistência de cinqüenta pessoas, inclusive figuras da Côrte Imperial, e a 9 de janeiro deram outra sessão no Palácio de Inverno para o Tzar e para a Família Imperial. Depois disso visitaram Polônia e Suécia. A 11 de abril de 1868 reapareceram em Londres no Hanover Square Rooms e receberam entusiástica recepção de uma grande multidão. Mr. Benjamin Coleman, eminente espírita, que lhes proporcionou a primeira sessão pública em Londres, escrevendo a êsse tempo sôbre a sua estada de quatro anos na Europa (4)

4. Spiritual Magazine, 1868, página 321.

diz:

"Desejo exprimir aos meus amigos da América, que mos apresentaram, a segurança de minha convicção de que a missão dos irmãos na Europa foi um grande serviço ao Espiritismo; que a sua conduta pública como médiuns — e só nessas condições eu os conheço — tem sido correta e excepcional."

Acrescenta que desconhece qualquer forma de mediunidade mais adequada a grandes auditórios do que a dêles. Depois de sua visita a Londres os Davenport voltaram para a América. Visitaram a Austrália em 1876 e em 24 de agôsto deram a primeira sessão pública em Melbourne. William morreu em Sidney em julho de 1877.

Durante sua carreira os Irmãos Davenport excitaram profunda inveja e malícia da confraria dos mágicos. Maskeline, com um cínico desembaraço, pretendeu os haver desmascarado na Inglaterra. Sua alegação nesse particular foi muito bem respondida pelo Doutor George Sexton, antigo

redator do Spiritual Magazine, que descreveu em público, em presença do próprio Maskeline, como eram feitos os seus truques, comparando-os com. os resultados obtidos pelos Davenport, e disse: "Há tanta semelhança entre um lado e o outro quanto entre as produções do poeta Close e os sublimes e gloriosos dramas do imortal bardo de Ávon" (5).

5. Palestra na Sala Cavendish, Londres, a 15 de junho de 1873.

Os mágicos fizeram ainda mais barulho em público do que os Espíritas e, com a imprensa que os sustentava, fizeram o público, em geral, pensar que os Irmãos Davenport tinham sido desmascarados.

Anunciando a morte de Ira Davenport na América, em 1911, Light comenta as demonstrações de ignorância que essa morte ensejou. Cita o Daily News por haver dito o seguinte: "Êles cometeram o êrro de aparecer como feiticeiros, em vez de como honestos mágicos. Se, como seu vencedor Maskelyne, tivessem pensado em dizer "Isto é muito fácil", os irmãos não só teriam ganho uma fortuna como consideração". Respondendo a isto, Light pergunta por que, se êles fôssem simples mágicos e não crentes honestos em sua mediunidade, iriam suportar ataques, injúrias e insultos e sofrer as indignidades que lhes atiravam quando, se renunciassem a mediunidade, poderiam tornar-se considerados e ricos?

Uma observação inevitável por parte daqueles que não são capazes de descobrir truques é perguntar que elevado objetivo pode encontrar-se em fenômenos semelhantes aos observados com os Davenport. O conhecido autor e arrojado espírita William Howitt deu uma boa resposta:

Esses que fazem truques e tocam instrumentos são Espíritos do céu? Na verdade Deus os pode mandar? Sim; Deus os envia para que nos ensinem, pelo menos, isto: que Êle tem servos de todos os graus e todos os gostos para fazerem tôda sorte de trabalhos; e aqui Êle mandou aquêles que chamais Espíritos atrasados e palhaços a uma época degradada e muito sensual. Se Êle tivesse mandado algo mais elevado, teria passado por cima da assistência. Assim, nove décimos não acreditam no que veem.

É triste verificar que os Davenport — talvez os maiores médiuns de seu gênero que o mundo já viu — sofressem tôda a vida uma oposição e uma perseguição brutais. Em muitas oca-

siões suas vidas estiveram até em perigo.

A gente é forçada a pensar que não haveria mais clara prova da influência das sombrias fôrças do mal do que essa permanente hostilidade a tôdas as manifestações espíritas.

A êsse propósito diz Mr. Randall (6).

6. Rio graphy, página 82.

"Parece que há uma espécie de má-vontade crônica, quase ódio, na mente de algumas pessoas contra tôda e qualquer coisa espiritual. Parece que há um vapor flutuando no ar — uma espécie de esporo mental, fluindo pelo espaço, respirado pela grande maioria da humanidade, que acende um contínuo fogo letal em seus corações contra todos aquêles cuja missão é trazer a paz na terra e a boa vontade entre os homens. Os homens e as mulheres do futuro ficarão muito admirados dos que vivem atualmente, quando lerem que os Davenport e todos os outros médiuns foram forçados a enfrentar a mais inveterada hostilidade; que êles, e o autor destas linhas, foram obrigados a suportar horrores indescritíveis, por nenhum outro motivo senão porque buscavam convencer a multidão de que não eram animais que morrem sem deixar sinais, mas almas imortais, que sobrevivem aos túmulos.

Só os médiuns são capazes de demonstrar que a existência do homem continua após a morte. E ainda — estranha incoerência da natureza humana! — as próprias pessoas que perseguem a êstes, que são os seus mais verdadeiros e melhores amigos, que os atiram no desespêro ou lhes dão morte prematura, são as mesmas que prodigalizam tudo quanto a fortuna pode dar àqueles cujo ofício é apenas admitir que a humanidade é imortal."

Discutindo as alegações de vários mágicos profissionais de que haviam desmascarado ou imitado os Davenport, disse Sir Richard Burton:

"Passei a maior parte de minha vida no Oriente, e vi muitos de seus mágicos. Finalmente tive a oportunidade de presenciar os trabalhos dos senhores Anderson e Tolmaque. O último mostrou, como dizem, notáveis mágicas, mas nem se aproximam do que fazem os irmãos Davenport e Mr. Fay: por exemplo, o bonito manejo de instrumentos de música. Finalmente li e ouvi tôdas as explicações dos chamados truques dos Davenport perante o público inglês e — acreditem-me — se alguma coisa me faria dar um pulo tremendo "da

matéria para o Espírito" é a inteira e completa sem-razão das razões pelas quais são explicadas as manifestações."

É de notar-se que os próprios Davenport, contrastando com amigos e companheiros de viagem, jamais pretenderam qualquer origem sobrenatural para os seus efeitos. A razão disso deve ter sido que, como um entretenimento, era mais picante e menos provocante quando cada assistente podia formar a sua própria opinião. Escrevendo ao mágico americano Houdini, disse Ira Davenport, em sua velhice: "Nós nunca afirmamos de público a nossa crença no Espiritismo. Não considerávamos isso de interêsse para o público, nem oferecemos nosso entretenimento como o resultado de habilidade manual nem, por outro lado, como Espiritismo. Deixávamos que os amigos e os mortos resolvessem isso lá entre êles, como melhor pudessem, mas, infelizmente, fomos por vêzes vítimas de sua discordância".

Posteriormente Houdini alegou que Davenport admitia que seus resultados eram conseguidos normalmente; mas Houdini de fato encheu tanto de erros o seu livro "A Magician Among the Spirits" (7)

7. "Um Mago entre os Espíritos. — N. do T.

e mostrou tanto preconceito em todo o assunto que o seu depoimento não tem valor. A carta que exibe não lhe dá razão. Uma declaração posterior, citada como tendo sido feita por Ira Davenport, é demonstràvelmente falsa. É a de que os movimentos jamais saíram da cabine. Na verdade o representante do The Times foi severamente batido no rosto por um violão que andava no ar, a sobrancelha ficou ferida e em diversas ocasiões, quando se acendia a luz, os instrumentos caíam por tôda a sala. Se Houdini não entendeu êsse último depoimento, não é de supor que esteja tão bem informado quanto aos primeiros.

Objetam-me — e tenho recebido essa objeção tanto de Espíritas quanto de cépticos, que todo êsse amontoado de exibições é indigno e sem valor. Muitos de nós assim pensam e muitos outros fazem eco às seguintes palavras de Mr. PÁGINA B. Randall:

"A falha não é dos imortais, mas nossa. Porque, conforme o pedido, assim é a entrega.

Se não podemos ser alcançados de um modo, devemos e somos alcançados de outro. E a sabedoria do mundo eterno dá

aos cegos aquilo que êles podem suportar e não mais. Se somos crianças intelectuais devemos alimentar-nos com sopinhas mentais, até que a nossa capacidade digestiva suporte e exija alimentação mais forte. E, se o povo pode ser melhor convencido da imortalidade por processos grosseiros, os fins justificam os meios. A visão do braço de um espectro num auditório de três mil pessoas falará a mais corações, causará mais profunda impressão e converterá mais gente à crença no post-mortem, em dez minutos, do que todo um regimento de pregadores, por mais eloqüentes que sejam, em cinco anos.

11
As pesquisas de Sir William Crookes – de 1870 até o ano de 1874

AS PESQUISAS sôbre os fenômenos do Espiritismo por Sir William Crookes — ou Professor Crookes, como era então chamado — durante os anos de 1870 a 1874 constituem um dos mais significativos incidentes na história do movimento. São notáveis devido ao elevado padrão científico do investigador, o severo e justo espírito com que o inquérito foi conduzido, os extraordinários resultados e a corajosa profissão de fé que as seguiu. A tecla favorita dos adversários foi atribuir certa fraqueza física ou crescente senilidade a cada nova testemunha da verdade psíquica, mas ninguém pode negar que essas pesquisas foram conduzidas por um homem em pleno apogeu de seu desenvolvimento mental e que a famosa carreira que se seguiu constituiu uma prova suficiente de sua estabilidade intelectual. É de notar-se que o resultado não só veio provar a integridade do médium Florence Cook, com quem foram obtidos os mais sensacionais resultados, mas também a de D. D. Home e a de Miss Kate Fox, que foram, também, severamente controlados.

Sir William Crookes, que nasceu em 1832 e morreu em 1919, era figura preeminente no mundo científico. Eleito Membro da Sociedade Real (F.R.S.) em 1863, recebeu dessa organização, em 1875, a Royal Gold Medal, por suas várias pesquisas no campo da química e da física, a Davy Medal, em 1888, e a Sír Joseph Copley Medal em 1904. Foi nomeado Cavaleiro pela Rainha Vitória em 1897 e recebeu a Ordem do Mérito em 1910. Ocupou diversas vêzes a cadeira de Presidente da Royal Society, da Chemical Society , da Institution of Electrical Engineers, da British Association e da Society for Psychical Research. Sua descoberta do novo elemento químico a que deu o nome de "Thallium", suas invenções do radiômetro, do espintariscópio e do tubo de Crookes representam apenas uma pequena parte de sua grande pesquisa. Em 1859 fundou o Chemical News, que editou, e em 1864 tornou-se redator do Quarterley Journal of Science. No ano de 1880 a Academia de Ciências da França lhe concedeu uma medalha de ouro e um prêmio de 3.000 francos, em reconhecimento por seu importante trabalho.

Confessa Crookes que iniciou as suas investigações sôbre fenômenos psíquicos pensando que tudo fôsse truque. Seus

colegas sustentavam o mesmo ponto de vista e ficaram satisfeitos com a atitude que êle havia adotado. Foi manifestada profunda satisfação porque a investigação ia ser conduzida por um homem tão altamente qualificado. Quase não duvidavam de que aquilo que consideravam as falsas pretensões do Espiritismo fôsse desmascarado. Disse um escritor: "Se homem como Mr. Crookes trata do assunto... em breve saberemos em que acreditar." Numa comunicação a Nature, o Doutor Balfour Stewart, mais tarde Professor, elogiou a coragem e a honestidade que levou Mr. Crookes a tomar aquela resolução. O próprio Crookes assentou que era dever dos cientistas fazer tal investigação. E escreveu: "Tem-se lançado em rosto dos homens de ciência a sua pretensa liberdade de opinião, quando sistemàticamente se recusam a fazer uma investigação científica sôbre a existência e a natureza de fatos sustentados por tantos testemunhos competentes e fidedignos, e os convidam a um exame livre, onde e quando quiserem. Por minha parte dou muito valor à pesquisa da verdade e à descoberta de qualquer fato novo na Natureza, para me insurgir contra a investigação apenas por parecer que ela se choca com as opiniões predominantes".

Foi com êsse Espírito que êle iniciou a sua investigação.

Contudo deveria ser verificado que, conquanto o professor Crookes fôsse severo crítico dos fenômenos físicos, já tinha êle tomado contacto com os fenômenos mentais e parece que os havia aceitado. É provável que essa simpatia espiritual o tenha ajudado na obtenção de seus notáveis resultados, porque, nunca será por demais repetido, de vez que é sempre esquecido — a pesquisa psíquica da melhor qualidade é sempre "psíquica" e depende de condições espirituais. Não é o homem teimoso e opiniático, que investiga com uma grande falta de senso de medida para coisas espirituais o que consegue resultados; mas aquêle que verifica que o estrito uso da razão e da observação não é incompatível com a humildade mental e com aquela delicadeza e cortesia que produzem a harmonia e a afinidade entre o investigador e o seu sensitivo.

Parece que as investigações menos materiais de Crookes começaram no verão de 1869. Em julho daquele ano fêz sessões com o conhecido médium Mrs. Marshall e em dezembro com outro médium famoso, J. J. Morse. Em julho de 1869 D. D. Home, que havia feito sessões em S. Petersburgo, voltou a Londres com uma carta de apresentação do Professor Butlerof para o Professor Crookes.

Ressalta um fato interessante do diário pessoal de Crookes, quando de sua viagem à Espanha, em dezembro de 1870, com a Expedição do Eclipse. Em data de 31 de dezembro (1),

1. "Life of Sir William Crookes" by E. E. Fournier d'Albe, 1923.

escreve êle:

"Não posso deixar de recordar esta data no ano passado. Nelly (2)

2. Sua espôsa. — N. do T.

e eu estávamos em sessão, comunicando-nos com queridos amigos mortos e, ao soarem as doze horas, êles nos desejaram feliz Ano Novo. Sinto que agora nos olham e, como o espaço não lhes é obstáculo, penso que ao mesmo tempo olham para Nelly. Sôbre nós ambos sei que há alguém e que todos nós — Espíritos e mortais — em sua presença nos curvamos como ante um Pai e Mestre; e minha humilde prece a Êle — o Grande Deus, como O chama o Mandarim é que continue sua misericordiosa proteção sôbre Nelly e sôbre mim, bem como sôbre nossa pequena e querida família... Possa Êle também permitir que continuemos a receber comunicações espíritas de meu irmão, que atravessou os umbrais em alto mar, a bordo de um navio, há mais de três anos".

Depois acrescenta amorosos cumprimentos de Ano Bom a sua espôsa e às crianças e conclui:

"E quando os anos terrenos houverem passado, possamos nós viver outros mais felizes no mundo dos Espíritos, do qual tenho tido ocasionalmente alguns reflexos."

Miss Florence Cook, com a qual Crookes realizou a sua série clássica de experiências, era uma jovem de quinze anos, de quem se dizia possuir enorme fôrça psíquica, que tomava as raras formas de materializações completas. Parece que era uma característica de família, porque sua irmã, Miss Kate Cook, não era menos famosa. Houve algumas dissensões sôbre um suposto desmascaramento, nas quais um tal Mr. Volckman tomou posição contra Miss Cook e, no propósito de se vingar, colocou-se inteiramente sob a proteção de Mrs. Crookes, declarando que seu marido podia fazer quaisquer experiências sôbre os seus dons e nas condições que quisesse, nada pedindo a não ser que pudesse demonstrar o seu caráter como médium, através de exatas conclusões apresentadas ao

mundo. Felizmente ela estava tratando com um homem de inatacável honestidade intelectual. Temos tido experiências, nestes últimos tempos, com médiuns que se entregavam com reservas às investigações científicas e foram atraiçoados por investigadores que não possuíam a coragem moral de admitir aquêles resultados que teriam conduzido à aceitação pública da interpretação espírita.

O Professor Crookes publicou um relatório completo de seus métodos no Que rterly Journal of Science, do qual era então redator. Em sua casa em Mornington Road, um pequeno gabinete se abria para o laboratório, por uma porta com uma cortina. Miss Cook jazia em transe num divã no quarto interno; no externo, com luz reduzida, ficava Crookes com as pessoas que houvesse convidado. No fim de um período de vinte minutos a uma hora estava completa a figura com o ectoplasma da médium. A existência dessa substância e o seu método de produção eram então desconhecidos. Pesquisas posteriores lançaram muita luz sôbre o assunto, razão por que foram incorporadas no capítulo sobre o ectoplasma. Completada a operação, abria-se a cortina e entrava no laboratório uma figura feminina, geralmente tão diferente da médium quanto duas pessoas podem sê-lo. Essa aparição, que se movia, falava e agia em todos os sentidos como uma entidade independente, é conhecida pelo nome que ela própria adotou, de "Katie King".

A explicação natural dos cépticos é que as duas mulheres realmente eram uma e mesma e que Katie era uma clara imagem de Florence. O opositor podia apoiar-se no fato de que, como observaram Crookes, Miss Marryat e outros, por vêzes Katie era muito parecida com Florence.

Aqui está um dos mistérios da materialização que exige mais consideração cuidadosa do que zombarias. Experimentando com Miss Besinnet, famosa médium americana, o autor destas linhas observou a mesma coisa: quando era pouca a fôrça psíquica, o rosto começava por se assemelhar ao da médium e por fim se tornava completamente diferente. Alguns especuladores imaginaram que a forma esférica da médium, seu corpo espiritual, teria tido liberdade pelo transe e constituía a base sôbre a qual as outras entidades manifestantes construiam seu próprio simulacro. Seja como fôr, a coisa não foi admitida; é semelhante aos fenômenos de Voz Direta, nos quais por vêzes a voz se assemelha à do médium, logo de início, tomando depois um tom inteiramente diferente, ou se dividindo em duas vozes simultâneas.

Entretanto o estudioso por certo tem o direito de proclamar que Florence Cook e Katie King eram a mesma individualidade, até que provas evidentes lhe demonstrem que isto é possível. Tal prova o Professor Crookes tem muito cuidado em oferecer.

Os pontos diferentes que observou entre Miss Cook e Katie são os seguintes:

"A altura de Katie varia; em minha casa eu a vi quinze centímetros mais alta que Miss Cook. Na noite passada estando descalça e sem pisar na ponta dos pés, ela era doze centímetros mais alta que Miss Cook. O pescoço de Katie estava nu; a pele era perfeitamente lisa à vista quanto ao tato, enquanto o de Miss Cook é uma grande escara que, nas mesmas condições, é distintamente visível e áspera ao tato. As orelhas de Katie não são furadas, enquanto que Miss Cook habitualmente usa brincos. A compleição de Katie é muito alva, enquanto a de Miss Cook é muito morena. Os dedos de Katie são muito mais longos do que os de Miss Cook e seu rosto também é maior. Há também marcadas diferenças nos modos e nos ademanes".

Posteriormente, acrescenta:

"Ultimamente tendo examinado muito Katie, iluminada àluz elétrica, posso acrescentar aos pontos, já mencionados, de diferenças entre ela e o seu médium, que tenho a mais absoluta certeza de que Miss Cook e Miss Katie são duas individualidades distintas, no que se refere aos corpos. Vários sinais no rosto de Miss Cook não existem no de Katie. O cabelo de Miss Cook é de um castanho tão escuro que parece negro; um cacho do cabelo de Katie, que tenho agora em minha frente, e que ela me permitiu cortasse de suas tranças exuberantes, inicialmente examinado e, para minha satisfação, verificado que cresceu, é de um rico dourado escuro.

"Uma noite contei o pulso de Katie. Tinha 75 pulsações, enquanto que o de Miss Cook pouco depois marcava 90 pulsações. Aplicando o ouvido ao peito de Katie, pude ouvir o coração a bater ritmado e pulsando mais firmemente que o de Miss Cook, quando esta me permitiu que a auscultasse depois da sessão. Examinados do mesmo modo os pulmões de Katie pareceram mais fortes que os da médium, pois ao tempo em que a examinei, Miss Cook estava sob tratamento médico de uma tosse rebelde."

Crookes tirou quarenta e quatro fotografias de Katie King, empregando a luz elétrica. Escrevendo em The Spiritualist, em 1874, à página 270, assim descreve os métodos adotados:

“Durante a semana anterior à partida de Katie, ela fêz sessões quase que tôdas as noites em minha casa, a fim de me permitir fotografá-la à luz artificial. Cinco aparelhos completos foram dispostos para êsse fim; consistiam de câmaras, umas chapas completas, outra de metade de chapas, uma terceira de quartos de chapas e duas câmaras estereoscópicas binoculares, preparadas para fotografarem Katie ao mesmo tempo, cada vez que ela posasse. Cinco banhos reveladores e de viragem-fixagem foram usados e bom número de chapas foi preparado antecipadamente, de modo que não houvesse complicações ou demoras durante a operação de fotografia que foi realizada por mim mesmo, com o auxílio de um assistente.

Minha biblioteca foi usada como câmara escura. Tem portas de sanfona, que abrem para o laboratório; uma dessas portas foi tirada das dobradiças, e uma cortina foi colocada em seu lugar, de modo a permitir que Katie passasse para um lado e para o outro fàcilmente.

Os nossos amigos presentes ficaram sentados no laboratório, em frente à cortina e as câmaras foram colocadas um pouco atrás dêles, prontas para fotografarem Katie quando ela saísse e fotografar também qualquer coisa na cabine, quando a cortina fôsse levantada para isso. Cada noite havia três ou quatro tomadas de fotografias em cada uma das cinco máquinas, obtendo-se pelo menos quinze fotografias separadas em cada sessão. Algumas se estragaram ao serem reveladas, outras na regulagem da luz. Ao todo tenho quarenta e quatro negativos, alguns inferiores, outros sofríveis, e alguns excelentes.”

Algumas dessas fotografias estão em poder do autor destas linhas e certamente não há mais maravilhosa impressão em qualquer chapa do que aquela que mostra Crookes no auge de seu vigor com êsse anjo — porque na verdade ela o era — apoiando-se em seus braços. O vocábulo “anjo” pode parecer um exagêro, mas quando um Espírito do outro mundo se submete ao momentâneo desconfôrto de uma existência artificial a fim de trazer a lição da sobrevivência a uma geração materialista e mundana, não há têrmo que melhor se lhe aplique.

Surgiu uma discussão se Crookes alguma vez teria visto ao mesmo tempo o médium e Katie. Diz Crookes a certa altura de seu relatório que freqüentemente acompanhou Katie até a cabine “e algumas vêzes as via juntas, ela e a sua médium,

mas na maioria das vêzes não vi ninguém, a não ser a médium em transe, caída no chão, pois Katie e seus vestidos brancos tinham desaparecido instantaneamente".

Entretanto, um testemunho muito mais direto é dado por Crookes numa carta a Banner o/ Light, U. S. A. (3)

3. "A Bandeira de Luz" — N. do T.

e que é reproduzida em The Spiritualist, (4)

4. "O Espírita" — N. do T.

de Londres, de 17 de julho de 1874, página 29. Diz êle:

"Em resposta a sua pergunta quero afirmar que vi Miss Cook e Katie juntas, no mesmo momento, sob a luz de uma lâmpada de fósforo, que era suficiente para que visse distintamente aquilo que descrevi. O ôlho humano tem naturalmente um grande ângulo de horizonte, de modo que as duas figuras eram abarcadas ao mesmo tempo no meu campo visual; mas como a luz era fraca, e os dois rostos por vêzes estavam distanciados alguns pés um do outro, naturalmente eu movia a luz e meu olhar fixava alternadamente uma e outra, quando queria trazer o rosto de Miss Cook ou de Katie para aquela parte do campo visual onde a visão é mais nítida. Desde que a ocorrência acima referida foi verificada, Katie e Miss Cook foram vistas juntas por mim e por oito outras pessoas, em minha casa, iluminada fartamente por lâmpadas elétricas. Nessa ocasião o rosto de Miss Cook não era visível, pois sua cabeça ficava envôlta num xale grosso, mas eu, principalmente, tinha a satisfação de verificar que ela lá estava. Uma tentativa de dirigir a luz sôbre a sua face descoberta, quando em transe, teve sérias conseqüências."

A máquina fotográfica também demonstra as diferenças entre a médium e a forma. Diz êle:

"Uma das mais interessantes fotografias é aquela em que me acho de pé ao lado de Katie; ela está descalça, em certo ponto do soalho. Depois vesti Miss Cook como Katie e nos colocamos, eu e ela, exatamente na mesma posição e fomos fotografados pelas nossas máquinas, colocadas exatamente como na outra experiência, e iluminadas pela mesma luz.

Quando essas duas chapas são superpostas, a minha imagem coincide, no que se refere á estatura, etc.; mas Katie é meia cabeça mais alta que Miss Cook e parece uma mulher

grande, em comparação com esta última. Em muitos dos relatos diferem quanto à largura da face e quanto a vários outros detalhes."

Crookes rende uma grande homenagem à médium Florence Cook:

"As sessões quase diárias com as quais Miss Cook me obsequiou lhe produziram severo desgaste de energias e quero demonstrar publicamente a minha gratidão para com ela, pela solicitude em ajudar as minhas experiências. Cada ensaio que eu propunha tinha a sua imediata aprovação e se submetia com o maior entusiasmo; fala franca e diretamente e jamais percebi a menor coisa que denunciasse o desejo de mistificar. Na verdade não acredito que ela conseguisse mistificar, ainda quando tentasse; e se o fizesse seria pilhada incontinenti, pois tais atitudes destoam completamente de sua natureza. Aliás, imaginar que uma mocinha de quinze anos fôsse capaz de conceber e, durante três anos, realizar tão gigantesca impostura; que, durante êsse tempo, se submetesse a qualquer teste que lhe fosse proposto e mantido no mais rigoroso segrêdo; que se sujeitasse a ser examinada a qualquer momento, antes como depois da sessão e tivesse os melhores êxitos em minha casa, do que em casa de seus pais, sabendo-se que ela me visitava com o objetivo de se submeter a ensaios estritamente científicos — imaginar, digo eu, que a Katie King dos últimos três anos fôsse fruto de uma impostura é maior violência para a razão humana e para o bom senso do que acreditar que ela seja aquilo que diz ser". (5)

5. "Researches in the Phenomena of Spiritualism".

Admitindo que uma forma temporária foi construída com o ectoplasma de Florence Cook, e que essa forma foi então utilizada como um ser independente, que se dizia "Katie King", ainda enfrentamos a questão: "Quem foi Katie King?" A isto só se pode dar a resposta que ela deu, quando reconhecia que não tínhamos provas. Declarou-se filha de John King, que desde muito era conhecido entre os Espíritas como um Espírito que presidia a sessões de fenômenos materiais. Sua personalidade e adiante discutida, num capítulo sôbre os Irmãos Eddy e Mrs. Holmes, que recomendamos ao leitor. Seu nome era Morgan e King era antes um título comum a certa classe de Espíritos, do que um nome familiar. Sua vida decorrera duzentos anos antes, no reinado de Carlos 2º, na Ilha

da Jamaica. Se isto éverdade ou não, certamente ela se adaptou ao papel e sua conversação era em geral concorde com a informação. Uma das filhas do Professor Crookes escreveu ao autor e aludiu a uma vivida lembrança das histórias da Espanha, contadas por êsse gentil Espírito às crianças da família.

Ela mesma se fêz amada por todos. Mrs. Crookes escreveu:

"Numa sessão em nossa casa, com Miss Coolc, quando um dos nossos filhos tinha apenas três anos, Katie King, um Espírito materializado, demonstrou por êle o mais vivo interêsse e pediu para ver a criança. Então o menino foi trazido para a sala da sessão, pôsto nos braços de Katie que, segurando-o por algum tempo muito naturalmente, o devolveu tôda risonha."

O Professor Crookes deixou registrado que a sua beleza e o seu encanto eram únicos em sua experiência.

O leitor pode muito bem pensar que a luz reduzida empregada pelo Professor Crookes comprometa o resultado da experiência. Contudo o Professor nos assegurou que na série de sessões foi verificada a tolerância e que a imagem era capaz de suportar uma luz muito mais intensa. Essa tolerância tinha os seus limites, que aliás nunca foram ultrapassados pelo Professor Crookes, mas que foram verificados numa ousada experiência descrita por Miss Florence Marryat (Mrs. Ross-Curch). É preciso dizer que o Professor Crookes não se achava presente, nem Miss Marryat jamais o afirmou. Entretanto ela cita o nome de Mr. Carter Hall, como um dos presentes. Katie havia consentido com muito bom humor que examinassem qual o efeito que seria produzido sôbre a sua imagem por uma luz intensa.

"Ficou de pé junto à parede da sala de visttas, com os braços abertos como se estivesse crucificada. Então foram acesos três bicos de gás em todo o seu poder, num espaço de cêrca de dezesseis pés quadrados. O efeito sôbre Katie King foi maravilhoso. Ela manteve o seu próprio aspecto durante um segundo, no máximo, e depois começou a fundir-se gradualmente. Não posso comparar a sua desmaterialização senão a uma boneca de cera que se fundisse junto a um fogo intenso. Primeiro as formas se tornaram alteradas e indistintas; parecia que se interpenetravam. Os olhos desapareceram nas órbitas, o nariz desapareceu, o osso frontal sumiu. Depois os membros como que desapareciam debaixo dela, que se

tornava cada vez menor, como um edifício que ruisse. Por fim havia apenas a cabeça no chão — depois apenas um pedaço de pano, que desapareceu de súbito, como se uma mão o tivesse puxado — e nós ficamos admirados, a olhar os bicos de gás, no lugar onde Katie King havia estado". (6)

6. "There is no Death", página 143

Miss Marryat acrescenta o interessante detalhe de que nalgumas dessas sessões o cabelo de Miss Cook ficou prêso ao solo, o que de modo algum atrapalhou o aparecimento subseqüente de Katie fora da cabine.

Os resultados obtidos em sua própria casa foram honesta e destemerosamente relatados pelo Professor Crookes em seu Journal e produziram a maior impressão no mundo científico.

Alguns dos maiores espíritas, como Russel Wallace, Lord Rayleigh, o jovem e brilhante físico William Barrett, Cromwell Varley e outros tiveram confirmados os seus pontos de vista anteriores ou foram encorajados a avançarem por um novo caminho do conhecimento. Houve, entretanto, um grupo ferozmente intolerante, chefiado pelo fisiologista Carpenter, que zombou do assunto e fàcilmente imputou tudo desde a maluquice até a fraude de seu ilustre colega. A ciência oficial pôs-se de fora da questão. Publicando o seu relatório, Crookes anexou as cartas nas quais pedia a Stokes, Secretário da Sociedade Real, que viesse ver as coisas com os próprios olhos. Recusando-o, Stokes colocou-se exatamente na mesma posição daqueles cardeais que não quiseram ver as luas de Júpiter pelo telescópio de Galileu.

Defrontando um fato novo, a ciência material se mostrou tão fanática quanto a teologia medieval.

Antes de deixar o assunto Katie King, algumas palavras devem ser ditas quanto ao futuro do grande médium, do qual aquela extraia o seu invólucro físico. Miss Cook tornou-se Mrs. Comer, mas continuou a exibir os seus admiráveis poderes. O autor conhece apenas um caso em que a honestidade de sua mediunidade foi posta em dúvida; foi quando ela foi pegada por Sir George Sitwell e acusada de fingir-se de Espírito. O autor é de opinião que um médium de materializações deveria ser manietado, de modo que não pudesse vagar pela sala — e isto com o objetivo de proteger o próprio médium. É pouco provável que o médium se mova em transe profundo, mas em semitranse nada impede que inconsciente ou semiconsciente-

mente, ou ainda obedecendo a uma sugestão dos assistentes, passeie fora da cabine. É um reflexo de nossa própria ignorância admitir que uma infinidade de provas pudessem ser comprometidas por um único episódio dessa natureza. É digno de nota, entretanto, a circunstância de que, nessa ocasião, os observadores concordaram que a figura estava de branco, enquanto que, ao ser agarrada, Mrs. Comer não estava de branco. Um investigador experimentado teria concluído que isso não era uma materialização, mas uma transfiguração, o que significa que o ectoplasma, sendo insuficiente para construir uma figura completa, foi usado para revestir o médium de modo que êste pudesse carregar o simulacro. Estudando casos semelhantes, o grande investigador alemão Doutor Schrenck Notzing (7)

7. «Phenomena of Materialization" (English Translation).

diz:

"Isto (uma fotografia) é interessante porque esclarece a gênese das chamadas transfigurações, isto é... o médium toma a si o papel de Espírito, esforçando-se para representar o caráter da pessoa em questão, revestindo-se do material fabricado. Essa fase de transição é encontrada em quase todos os médiuns de materialização. A literatura sôbre tais casos registra um grande número de tentativas de fraude de médiuns que assim representavam Espíritos, como, por exemplo, a do médium Bastian pelo Príncipe Herdeiro Rudolph, a da médium de Crookes, Miss Cook, a de Madame d'Espérance, etc. Em todos êsses casos o médium foi agarrado, mas os estojos usados para o disfarçar desapareceram Emediatamente e não mais foram encontrados."

Assim, parece que a verdadeira censura, em tais casos, deve ser dirigida mais aos assistentes negligentes do que à médium inconsciente.

A natureza sensacional das experiências de Crookes com Miss Cook e, sem dúvida, o fato de que eram mais acessíveis ao ataque, tenderam para fazer sombra aos resultados muito positivos com Home e com Miss Fox, que assentaram os dons dêsses médiuns sôbre bases sólidas. Cedo Crookes deparou com as naturais dificuldades com que se encontram os investigadores, mas teve bastante senso para admitir que num assunto inteiramente novo a gente tem que se adaptar às condições e não abandonar o trabalho, aborrecido pelo fato de

as condições não se adaptarem às nossas idéias preconcebidas. Assim, falando de Home, diz êle:

"As experiências que realizei foram muito numerosas mas, devido ao nosso imperfeito conhecimento das condições que favorecem ou não as manifestações dessa fôrça, é aparentemente caprichosa maneira por que se exerce, e ao fato de que Mr. Home está sujeito a incontáveis flutuações dessa energia, só algumas vêzes aconteceu que o resultado obtido numa ocasião fôsse subseqüentemente confirmado e verificado com aparelhos imaginados para tal fim". (8)

8. "Researches in the Phenomena of Spiritualism", página 10.

O mais notável dêsses resultados foi a alteração no pêso dos objetos, posteriormente confirmada completamente pelo Doutor Crawford, trabalhando com o grupo Goligher, e também no curso da investigação Margery, em Boston. Objetos pesados tornavam-se leves e os leves tornavam-se pesados, pela ação de uma fôrça invisível que parecia estar sob a influência de uma inteligência independente. Os controles por meio dos quais era eliminada tôda possibilidade de fraude foram sempre usados nas experiências e devem convencer qualquer leitor liberto de preconceitos. O Doutor Huggins, muito conhecida autoridade em espectroscopia, e Serjeant Cox, o eminente jurista, reunidos com diversos outros assistentes, testemunharam as experiências. Entretanto, como já ficou dito, foi impossível a Crookes levar alguns dos mais eminentes homens de ciência a dar ao assunto ao menos uma hora de atenção.

O manejo de instrumentos de música, especialmente um acordeon, em condições que era impossível atingir as teclas, foi um outro fenômeno perfeitamente examinado e constatado por Crookes e seus distintos assistentes. Admitindo que o próprio médium fôsse capaz de tocar o instrumento, o autor não se acha em condições de admitir que o fenômeno seja uma prova de uma inteligência independente. Uma vez garantida a existência de um corpo etérico, com membros correspondentes aos nossos, não há uma razão plausível por que não se realizasse um desdobramento parcial e por que os dedos etéricos não se aplicassem sôbre as teclas enquanto os dedos materiais repousassem sôbre os joelhos do médium. O problema se resolve simplesmente, então, admitindo-se que o cérebro do médium pode comandar os seus dedos etéricos e

êsses dedos podem adquirir a fôrça suficiente para fazer pressão sôbre as teclas. Muitos fenômenos psíquicos, como a leitura com os olhos vendados, o toque em objetos distantes, etc. podem, na opinião do autor, ser referidos ao corpo etérico e ser classificados antes como um materialismo elevado e sutil do que como Espiritualismo.

Acham-se numa classe muito distinta da dos fenômenos mentais, tais como as evidentes mensagens dos mortos, que constituem verdadeiramente o centro do movimento espírita.

Falando de Miss Kate Fox, diz o Professor Crookes: "Observei muitos casos em que, parece, a inteligência do médium participa largamente dos fenômenos." E acrescenta que isto não ocorre de maneira consciente e desonesta, e continua: "Observei alguns casos que parecem indicar seguramente a ação de uma inteligência exterior, não pertencente a quem quer que seja presente na sala". (9)

9. "Researches in the Phenomena of Spiritualism", página 95.

Eis o ponto a que chegou o autor, e que é expresso por uma autoridade maior que a sua própria.

Os fenômenos que melhor ficaram estabelecidos na investigação de Miss Kate Fox foram o movimento de objetos a distância e a produção de sons percutidos ou batidas. Estas últimas cobriam uma larga escala: "leves batidas, sons agudos como os de uma bobina de indução em trabalho, detonações no ar, agudas pancadas metálicas, estalos como os de uma máquina de fricção, sons como de arranhaduras, chilrear de pássaros, etc." (10)

10. "Researches in the Phenomena of Spiritualism", página 86.

Todos quanto tivemos experiência com êsses sons fomos obrigados a nos perguntar até onde estariam êles sob o contrôle do médium. O autor chegou à conclusão, como já ficou dito, de que até certo ponto estão sob o contrôle do médium e, dai por diante, não. Êle não pode esquecer o mal-estar e o embaraço de um grande médium camponês do norte quando, em presença do autor, batidas fortes e sons como os estalos dos dedos se fizeram ouvir em tôrno de sua cabeça na sala do café de um hotel em Doncaster. Se êle tivesse dúvidas de que as batidas eram independentes do médium, estas não teriam prevalecido naquela ocasião. A respeito da objetividade

dêsses ruídos, diz Crookes de Miss Kate Fox:

"Parece que lhe basta pôr a mão sôbre uma coisa para que se ouçam ruidos altos, como uma tríplice pulsação, por vêzes tão altos que são ouvidos de outras salas. Assim os ouvi numa árvore, num pano de vidraça, num pedaço de fio de ferro, num pedaço de membrana, num tamborim, no fôrro de um tilbori, no piso de um teatro. Além disso não é necessária a permanência do contacto. Ourri tais sons provenientes do chão, das paredes, etc., quando as mãos do médium e os pés eram seguros — quando ela estava de pé numa cadeira — quando ela estava num gancho presa do teto — quando presa numa jaula de ferro — e quando caía desmaiada num sofá. Ouvi-os numa caixa harmônica e os senti em meus ombros e debaixo das próprias mãos. Ouvi-os numa folha de papel, segura entre os dedos por um fio atravessado numa das pontas. Conhecendo tôdas as hipóteses aventadas, principalmente na América, para explicar tais sons, experimentei-as de todos os modos possíveis, até que não houve meio de fugir a convicção de que eram ocorrências reais, não produzidas por truques ou por meios mecânicos.

Assim ficam liquidadas as lendas do estalo dos artelhos, da queda das maçãs e de outras explicações absurdas que têm sido aventadas para se compreenderem os fatos. Apenas é preciso dizer que os lamentáveis incidentes ligados aos últimos dias das Irmãs Fox de certo modo justificam aquêles que, sem conhecimento real dos fatos, tiveram a sua atenção voltada para aquêle único episódio — que é abordado alhures.

Pensou-se por vêzes que Crookes houvesse modificado as suas opiniões a respeito dos fenômenos psíquicos, segundo expressou em 1874. Pode, ao menos, dizer-se que a violência da oposição e a timidez dos que deviam tê-lo sustentado o alarmaram e o levaram a considerar em perigo a sua posição do ponto de vista científico. Sem buscar subterfúgios, êle esquivou-se. Recusou reeditar os seus artigos sôbre o assunto e não quis que circulassem as fotografias maravilhosas nas quais o Espírito materializado de Kate King aparecia de braço com êle. Tornou-se excessivamente cauteloso em definir a sua posição. Numa carta citada pelo Professor Brofferio (11)

11. "Fur den Spiritismus", Leipzig, 1894, página 319.

diz êle:

"Tudo quanto me interessa é que sêres invisíveis e

inteligentes dizem que são Espíritos de pessoas mortas. Mas nunca tive provas de que sejam realmente as pessoas que dizem ser, como as exigia, para que pudesse acreditá-lo. Entretanto inclino-me a acreditar que muitos dos meus amigos tenham recebido, como declaram, as provas desejadas e eu próprio freqüentemente me tenho inclinado para essa convicção".

Á medida que envelhecia, essa convicção se arraigou ou, talvez, se tornou mais consciente das responsabilidades que essas excepcionais experiências podem determinar.

Em seu relatório presidencial perante a Associação Britânica em 1898, em Bristol, Sir William se refere ligeiramente às suas primeiras pesquisas. E diz:

"Ainda não toquei num outro interêsse — para mim o mais sério e o de maior alcance.

Nenhum incidente em minha carreira científica é mais conhecido do que a parte que tomei durante anos em certas pesquisas psíquicas. Já se passaram trinta anos desde que publiquei um relatório das experiências tendentes a mostrar que fora do nosso conhecimento científico existe uma fôrça utilizada por inteligências que diferem da comum inteligência dos mortais... Nada tenho de que me retratar. Confirmo minhas declarações já publicadas. Na verdade, muito teria que acrescentar a isto."

Cêrca de vinte anos mais tarde sua crença era ainda mais forte. Durante uma entrevista (12)

12. The International Psychic Gazette, Dezembro, 1917, 61-2.

disse êle:

"Jamais tive que mudar de idéia a tal respeito. Estou perfeitamente satisfeito do que disse nos primeiros dias. É muito certo que um contacto foi estabelecido entre êste mundo e o outro."

Em resposta à pergunta se o Espiritismo não havia liquidado o velho materialismo dos cientistas, acrescentou:

"Penso que sim. Pelo menos êle convenceu a maioria do povo, que sabe alguma coisa relativa à existência do outro mundo".

Por gentileza de Mr. Thomas Blyton, tive ultimamente a oportunidade de ver a carta de pêsames escrita por Sir William Crookes, por ocasião da morte de Mrs. Comer. É datada de 24 de abril de 1904, e nela diz: "Transmita a mais sincera simpatia

de Lady Crookes e minha própria, à família, por essa perda irreparável. Acreditamos, como verdadeira crença, que os nossos entes queridos, ao passarem para o Além, ainda nos observam — e essa crença que deve muito de sua certeza à mediunidade de Mrs. Comer (ou Florence Cooh, como aparecerá ela por vêzes à nossa lembrança) — fortificará e consolará aquêles. que aqui ficaram". Anunciando a sua morte, disse a filha: "Ela morreu em grande paz e felicidade".

12
Os Irmãos Eddy e os Holmes

DENTRO de certos limites é difícil acompanhar o aparecimento de vários médiuns nos Estados Unidos. O estudo de um ou dois casos proeminentes é suficiente para servir de exemplo do todo. Os anos de 1874 e 1875 foram marcados por grande atividade psíquica, e produziram convicção por um lado e escândalo pelo outro. No conjunto parece que predominou o escândalo; mas se com ou sem razão, é uma questão que também pode ser discutida. Os adversários da verdade psíquica contam com o clero de várias igrejas, com a ciência oficiaL e com a enorme massa inerte da humanidade material; tinham a imprensa profana às suas ordens; de modo que tudo quanto lhe fôsse favorável ou era sonegado ou distorcido e tudo quanto lhe fôsse contrário tinha a mais larga publicidade. Daí ser necessária uma constante verificação de passados episódios e uma reconsideração de valores. Mesmo agora a atmosfera é saturada de preconceitos. Se um homem de responsabilidade entrasse agora na redação de um jornal londrino e dissesse que tinha pilhado um médium em fraude, a coisa seria aceita com satisfação e espalhada por todo o país. Se o mesmo homem proclamasse que, debaixo do mais rigoroso contrôle os fenômenos eram autênticos, é pouco provável que lhe consagrassem um período. A edição já estaria sobrecarregada... Na América, onde pràticamente não existe uma lei contra a difamação, e onde a Imprensa é por vêzes violenta e sensacional, êsse estado de coisas era e, possivelmente, ainda é — talvez mais evidente.

O primeiro incidente notável foi a mediunidade dos irmãos Eddy, que talvez jamais tenha sido superada no terreno da materialização ou, como podemos agora chamar, das formas ectoplásmicas. A dificuldade então em aceitar êsses fenômenos repousava no fato de que os mesmos pareciam regidos por leis desconhecidas e se acharem isolados de tôda a nossa experiência da Natureza. Os trabalhos de Geley, de Crawford, de Madame Bisson, de Schrenck Notzing e de outros removeram essa dificuldade e nos deram, quando mais não seja, uma hipótese perfeitamente científica, apoiada em prolongadas e cuidadosas investigações, de modo que podem pôr alguma ordem no assunto. Isto não existia em 1874 e podemos admitir a dúvida, mesmo nos espíritos mais honestos e cândidos, quando lhes pediam que acreditassem que dois

rudes camponeses, desajeitados e sem instrução, podiam produzir requintados que eram negados ao resto do mundo e completamente inexplicáveis pela ciência:

Os irmãos Eddy, Horatio e William, eram primitivos moradores de uma pequena propriedade na aldeia de Chittenden, perto de Rutland, no Estado de Vermont. Um observador os descreveu como "sensitivos, frios e abruptos com os estranhos, mais parecendo trabalhadores braçais de fazenda do que profetas ou sacerdotes de uma nova dispensação; de compleição maciça, cabelos e olhos negros, articulações duras, atitude des graciosa, encolhida e que embaraça os recém-chegados. Não se dão com alguns vizinhos e para outros não são simpáticos... Na verdade se acham separados da opinião pública, que não está preparada ou desejosa de estudar os fenômenos, as maravilhas científicas, ou as revelações do outro mundo".

Os rumores dos estranhos acontecimentos que se passaram em casa dos irmãos Eddy se espalharam e despertaram uma curiosidade semelhante à causada pela sala de música de Koons nos primeiros dias. Veio gente de tôda parte investigar. Parece que os Eddy tinham acomodações amplas, embora primitivas, para os seus visitantes, e que os alojavam num grande quarto, onde o rebôco das paredes caía aos pedaços e a comida era tão simples como a das cercanias. Cobravam essa hospedagem môdicamente e parece que não tiravam nenhuma vantagem disso a não ser a demonstração de suas faculdades psíquicas.

Uma grande curiosidade tinha sido despertada em Boston e em New York pelo relato do que acontecia e um jornal de New York, o Daily Graphic, encarregou o Coronel Olcott de fazer investigações. Olcott não se havia identificado até então com qualquer movimento psíquico — ao contrário, tinha o espírito prevenido contra isso e iniciou a sua tarefa antes com o fito de desmascarar um impostor. Era um homem de mente clara, de notável habilidade e com um alto sentido de honra. Ninguém poderá ler os ricos e íntimos detalhes de sua vida, contados em suas memórias, "Old Diary Leaves" (1),

1. "Fôlhas Velhas de um Diário". — N. do T.

sem sentir respeito por aquêle homem tão leal, desinteressado, e com uma rara coragem moral de seguir a verdade e aceitar os resultados, mesmo quando opostos à nossa expectativa e aos

nossos desejos. Não era um sonhador místico, mas um homem de negócios muito prático e algumas de suas observações psíquicas despertaram menos atenção do que mereciam.

Olcott ficou dez semanas na atmosfera de Vermont, o que demonstrou uma considerável fôrça de vontade em suportar o meio primitivo e a vida dura daquela gente. Voltou com algo próximo do aborrecimento pessoal pela morosidade de entendimento com os seus hóspedes, mas, por outro lado, com absoluta confiança em seus poderes psíquicos. Como todo investigador sensato, recusa-se a dar atestados em branco sôbre o caráter e não responde pelas ocasiões em que não se achava presente, nem pela futura conduta daqueles a quem julga. Limita-se à sua experiência do momento e, em quinze notáveis artigos publicados no New York Daily Graphic, em outubro e novembro de 1874, deu os resultados completos e as medidas que havia tomado para os controlar. Lendo-os, é difícil lembrar uma precaução que não tenha sido tomada.

Seu primeiro cuidado foi examinar a história dos Eddy. Foi um bom registro, a que não faltaram manchas. Nunca será demais insistir em que o médium é um mero instrumento e que o seu dom nenhuma relação tem com o seu caráter. Isto se aplica aos fenômenos físicos, mas não aos mentais, porque jamais um alto ensino poderia chegar através de um canal inferior.

Nada havia de mau na investigação daqueles irmãos, mas admite-se que certa vez deram uma falsa exibição de mediunidade, anunciando-a como tal, mas praticando truques. É provável que tal tivesse sido feito para dar o que falar e ainda para conciliar os vizinhos fanáticos, que viviam enfurecidos contra os legítimos fenômenos. Seja qual fôr a causa ou motivo, Olcott foi naturalmente levado a tornar-se muito circunspecto em seus contactos, desde que mostrava um bom conhecimento dos truques.

A ancestralidade era muito importante, porque, não só havia uma ininterrupta cadeia de poderes psíquicos, que se estendia sôbre várias gerações, como, também, a avó dêles, que fôra processada quatro vêzes como feiticeira, fôra queimada como tal ou, pelo menos, sentenciada, no famoso processo de Salém, em 1692. Muitos de nossos contemporâneos gostosamente fariam o mesmo com os nossos médiuns, como foi o caso de Cotton Mather.

Mas as perseguições policiais constituem o seu equivalente moderno, O pai dos Eddy foi, infelizmente, um dêsses fanáticos perseguidores. Olcott declara que os meninos foram marcados

para tôda a vida pelos golpes que o pai lhes havia dado, visando desencorajar aquilo que chamava de poderes diabólicos. A mãe, que era possuidora de grande fôrça psíquica, ficou sabendo como êsse bruto "religioso" agia injustamente: seu lar tornou-se um inferno na terra. Não havia refúgio para as crianças em parte alguma, pois os fenômenos psíquicos geralmente as acompanhavam, até mesmo à escola e excitava a grita dos jovens bárbaros ignorantes em seu redor. Em casa, quando o jovem Eddy caía em transe o pai e um vizinho despejavam água fervente sôbre êle e punham brasas vermelhas sôbre a cabeça, deixando-lhe marcas indeléveis. Felizmente o rapaz estava adormecido. É de admirar que depois de uma tal infância as crianças se tivessem tornado homens sombrios e desconfiados?

Depois que cresceram, o infeliz pai tentou fazer dinheiro por meio dos poderes que tão brutalmente havia desencorajado e alugava os rapazes como médiuns. Ninguém jamais descreveu adequadamente os sofrimentos a que se sujeitam os médiuns públicos nas mãos de investigadores idiotas e cépticos cruéis. Olcott testemunhou que as mãos e os braços das irmãs, bem como dos irmãos, estavam cheios de marcas das ligaduras e de escaras produzidas por lacre quente para selar os nós, enquanto que duas das meninas tinham pedaços de pele e carne esgarçadas pelas algemas. Eram enjauladas, batidas, queimadas, apedrejadas, enquanto as cabines eram destroçadas. O sangue escorria dos cantos das unhas, devido à compressão das artérias. Assim foram os primeiros dias na América, mas a Grã-Bretanha não ficou atrás, se recordarmos os irmãos Davenport e a violência brutal da massa em Liverpool.

Parece que os Eddy eram possuidores de tôdas as mediunidades. Olcott dá esta lista: batidas, movimento de objetos, pintura a óleo e aquarela sob influência de Espíritos, profecia, fala de línguas estranhas, poder de cura, discernimento dos Espíritos, Levitação, escrita de mensagens, psicometria, clarividência, e, finalmente, a produção de formas materializadas.

Desde que São Paulo enumerou os dons do Espírito, jamais se organizou uma lista mais extensa.

O método das sessões era o seguinte: o médium ficava sentado numa cabine de um lado da sala, e a assistência em bancos, enfileirados à sua frente. Perguntar-se-á por que uma cabine. E a experiência continuada mostrou que, de fato, esta

pode ser dispensada, salvo no fenômeno de materialização. Home jamais usou a cabine e atualmente os principais médiuns inglêses raramente a empregam. Há, contudo, uma razão muito aceitável para a sua presença.

Sem querer ser muito didata num assunto que ainda se acha na fase de exame, pode ser admitido, como hipótese muito aceitável, que os vapôres ectoplásmicos, que se solidificam numa substância plástica, da qual surgem as formas, podem condensar-se mais fàcilmente num espaço limitado. Entretanto, achou-se que a presença do médium não era necessária dentro dêsse espaço. Na maior sessão de materialização a que o autor estêve presente, na qual cêrca de vinte formas de várias idades e tamanhos apareceram numa noite, o médium estava sentado fora da porta da cabine, da qual saíam as formas. É de presumir que, de acôrdo com a hipótese, seu vapor ectoplásmico fôsse levado para aquêle espaço confinado, independentemente da posição de seu corpo físico. Isso não tinha sido reconhecido ao tempo da investigação, de modo que a cabine foi utilizada.

É óbvio, entretanto, que a cabine oferecia um meio para fraudes e disfarces, com o que era cuidadosamente examinada. Ficava num segundo andar, e tinha uma janelinha. Olcott tinha a janela tapada com tela antimosquito, pregada por fora, O resto da cabine era de madeira sólida e só atingível pela sala onde se achavam os espectadores. Parece que não havia possibilidades de fraudes. Olcott a tinha feito examinar por um perito, cujo certificado aparece no livro.

Em tais circunstâncias Olcott contou em seus artigos e, depois, no seu notável livro "People fron the Other World" (2)

2. "Gente do Outro Mundo" — N. do T.

que, certamente, durante dez semanas, viu nada menos de quatrocentas aparições saindo da cabine, de tôdas as formas, tamanhos, sexos e raças, vestidos maravilhosamente, crianças de colo, guerreiros índios, cavalheiros em trajes de rigor, um curdo com uma lança de nove pés, uma índia pele vermelha fumando, senhoras com vestidos elegantes, etc. Tal o testemunho de Olcott.

E não havia um caso que êle não fôsse capaz de dar as mais seguras provas. Seu relato foi recebido com incredulidade, mas agora já produz menor descrença. Mas Olcott dominava o assunto e, tomando suas precauções, preveniu, assim como

prevenimos, a crítica daqueles que, não tendo estado presentes, preferem dizer que os que estavam ou foram enganados ou eram malucos. Diz êle: "Se alguém lhes fala de crianças carregadas por senhoras que saem da cabine, ou de môças de formas flexíveis, cabelos dourados e pequena estatura, de velhas e velhos apresentando-se em corpo inteiro e falando conosco, de criançolas, vistas aos pares, simultaneamente com outras formas e roupas diferentes, de cabeças calvas, de cabelos grisalhos, de feias cabeças negras de cabelos encarapinhados, de fantasmas imediatamente reconhecidos como amigos, e fantasmas que falam de modo audível línguas estranhas que o médium desconhece — sua indiferença não se altera... A credulidade de alguns homens de ciência, também, seria ilimitada — antes prefeririam acreditar que uma criança possa levantar uma montanha sem uma alavanca do que um Espírito possa levantar um pêso."

Mas, de lado o céptico irredutível, que ninguém convence, e que, no último dia classificará o Anjo Gabriel como uma ilusão de ótica, há algumas objeções muito naturais que um novato pode fazer honestamente e um pensador honesto pode responder. Podemos aceitar uma lança de nove pés como sendo um objeto espiritual? Que dizer dessas roupagens?

De onde vêm elas? A resposta se encontra, até onde podemos entender as coisas, nas admiráveis propriedades do ectoplasma. É a mais protéica substância, capaz de ser moldada instantaneamente em qualquer forma, e o poder de moldagem é a vontade do Espírito, dentro ou fora de um corpo. Tudo pode ser instantâneamente feito com êle, desde que assim o decida a inteligência predominante. Em tôdas as sessões dessa natureza parece que se acha presente um ser espiritual controlador, que comanda as figuras e confecciona o programa. Ás vêzes fala e dirige abertamente. Outras vêzes fica calado e se manifesta apenas por atos. Como ficou dito, muitas vêzes os contrôles são Índios Peles-Vermelhas, que parecem ter em sua vida espiritual uma afinidade especial com os fenômenos físicos.

William Eddy, o médium principal dêsses fenômenos, parece nada haver sofrido quanto à saúde e à fôrça, naquilo que em geral é um processo de exaustão. Crookes constatou como ficava Home "como que desfalecido no chão, pálido e sem fala." Entretanto Home não era um rude camponês, mas um inválido sensitivo e artista. Parece que Eddy comia pouco, mas fumava continuamente. Nas sessões eram empregados a

música e o canto, porque de longa data foi observado que há uma íntima conexão entre as vibrações musicais e os resultados psíquicos. Também se verificou que a luz branca é prejudicial aos resultados, o que agora é explicado pelo efeito dissociativo que a luz exerce sôbre o ectoplasma. Muitas côres têm sido examinadas com o fito de evitar a completa escuridão. Mas, se se pode confiar no médium a escuridão é mais favorável, especialmente aos fenômenos de fosforescência e de jatos de luz, que se contam entre os mais belos fenômenos. Se se empregar luz, a mais tolerada é a vermelha. Nas sessões de Eddy havia uma luz atenuada de uma lâmpada velada.

Seria cansativo para o leitor entrar em detalhes sôbre os vários tipos que apareceram nessas interessantes reuniões. Madame Blavatsky, então uma criatura desconhecida em New York, tinha vindo observar as coisas. Naquela época ainda não havia ela desenvolvido a linha teosófica do seu pensamento e era uma espiritista ardorosa. O Coronel Olcott e ela se encontravam pela primeira vez na casa da fazenda de Vermont, onde começou uma amizade que produziria no futuro estranhos desenvolvimentos. Em sua homenagem, ao que parece, apareceu um séquito de imagens russas, mantendo com ela uma conversação nessa língua. A principal figura, entretanto, era um chefe índio, chamado Santum, e uma índia de nome Honto, que se materializaram tão completamente e tantas vêzes que a assistência seria desculpada por esquecer que estava tratando com Espíritos. Tão grande foi o contacto, que Olcott mediu Honto numa escala pintada ao lado da porta da cabine. Tinha um metro e sessenta centímetros. Certa vez expôs o seio e pediu a uma senhora presente que observasse as batidas do coração. Honto era leviana, gostava de dançar, de cantar, de fumar e exibir sua rica cabeleira negra aos assistentes. Santum, por outro lado, era um guerreiro taciturno, de um metro e noventa centímetros. O médium tinha apenas um metro e setenta e cinco centímetros.

Digno de menção é o fato de o índio usar sempre um polvarinho de chifre, que lhe fôra dado então por um dos assistentes. Estava pendurado na cabine e lhe fôra dado quando estava materializado. Alguns dos Espíritos de Eddy falavam, outros não, e a fluência variava muito.

Isto concordava com a experiência do autor em sessões semelhantes. Parece que a alma que volta tem muito que aprender quando maneja êsse simulacro de si própria e que aqui, como alhures, a prática vale muito. Ao falar, essas figuras

movem os lábios exatamente como faziam em vida. Também foi mostrado que a sua respiração em água de cal produz a reação característica de dióxido de carbono. Diz Olcott: "Os próprios Espíritos dizem que têm de aprender a arte de se materializar, como a gente procederia com qualquer outra arte.

A princípio apenas podem moldar mãos, como no caso dos Davenport, das Fox e outros. Muitos médiuns jamais vão além dêsse estágio.

Entre os numerosos visitantes da casa de Vermont naturalmente alguns havia que assumiam uma atitude hostil. Nenhum dêstes, entretanto, parece ter dominado inteiramente o assunto. Um dos que mais chamavam a atenção foi um tal Doutor Beard, médico de New York, que, apenas com uma sessão, sustentava que tôdas as figuras eram disfarces do próprio William Eddy. Para sustentar êsse ponto de vista nenhuma prova foi produzida, mas apenas a sua opinião pessoal; e êle declarava ser capaz de produzir os mesmos resultados com aparelhos de teatro do custo de três dólares. Tal opinião bem podia ser formulada honestamente numa única sessão, especialmente se esta tivesse sido mais ou menos bem sucedida. Mas é perfeitamente insustentável quando comparada com as das pessoas que assistiram a várias sessões. Assim, o Doutor Hodgson, de Stoneham, em Massachussetts, com mais quatro outras testemunhas, assinam um documento que diz: "Atestamos que... Santum estava do lado de fora, na plataforma, quando um Outro índio mais ou menos da mesma estatura saiu e os dois passavam e repassavam um pelo outro, andando para cima e para baixo. Ao mesmo tempo era mantida uma conversa entre George Dix, Mayflower, o velho Mr. Morse e Mrs. Eaton, dentro da cabine. Nós reconhecemos a voz familiar de cada um".

Há muitas testemunhas de fatos semelhantes, além de Olcott; e todos põem a teoria dos disfarces está fora de cogitação. É preciso acrescentar que muitas das formas eram crianças e até crianças de colo. Olcott mediu uma criança cuja altura era de setenta e um centímetros.

Poderia acrescentar-se honestamente que uma coisa que preocupa ocasionalmente o leitor é a hesitação de Olcott, além de sua reserva. A coisa era nova para êle e de vez em quando uma onda de receio e de dúvida passava por sua mente e êle pensava que tivesse ido muito longe e que devia contorná-la, caso, de algum modo, mostrassem que êle estava errado.

Assim, diz êle: "As formas que vi em Chittenden, enquanto

aparentemente desafiando qualquer outra explicação que nEïo a de uma origem supra-sensível, permanecem, do ponto de vista científico como ainda "não provadas". Noutra passagem refere-se a falta de "condições para testes".

Esta expressão tornou-se uma espécie de advertência que perde tôda significação. Assim, quando se diz ter visto, fora de qualquer dúvida ou engano, o rosto da própria mãe falecida, o oponente replica: "Ah! mas foi sob condições para teste?" O teste repousa no próprio fenômeno. Quando se pensa que durante dez semanas Olcott pôde examinar a pequena cabine, vigiar o médium, medir e pesar as formas ectoplásmicas, fica-se a pensar o que é que se poderia exigir para fazer prova completa. O fato é que enquanto Olcott escrevia o seu relato veio o suposto desmascaramento de Mrs. Holmes e a parcial retratação de Mr. Dale Owen, o que o levou a tomar essas precauções.

Foi a mediunidade de William Eddy que tomou a forma de materializações. Horace Eddy fêz sessões de caráter bem diverso. Em seu caso foi usada uma espécie de tela, em cuja frente êle se sentava com um dos assistentes, ao seu lado, sob boa luz e segurando a sua mão. Do outro lado da tela era colocado um violão ou outro instrumento, que então começava a ser tocado, aparentemente sem executante, enquanto mãos materializadas eram vistas às bordas da cortina, O efeito geral era muito semelhante ao produzido pelos irmãos Davenport, mas era mais impressionante, uma vez que o médium era visto inteiramente e se achava sob contrôle de um espectador. A hipótese da moderna ciência psíquica, baseada em muitas experiências, é que faixas invisíveis de ectoplasma, que são antes condutoras de fôrça do que fôrças elas próprias, são emitidas do corpo do médium e aplicadas sôbre o objeto que deve ser manipulado, sendo empregadas para o levantar, para o tocar, conforme um poder invisível o deseje — poder invisível que, conforme pretende o Professor Charles Richet, é um prolongamento da personalidade do médium e, conforme a mais avançada escola, uma entidade independente. Nada disso era conhecido ao tempo dos Eddys e os fenômenos apresentavam uma indubitável aparência de tôda uma série de efeitos sem causa. Quanto à realidade do fato, é impossível ler a minuciosa descrição de Olcott sem ficar convencido de que não poderia haver êrro nisso. Êsse movimento de objetos a distância do médium, ou telecinésia, para usar a expressão moderna, é um raro fenômeno à luz; mas certa ocasião, numa

reunião de amadores, que eram espíritas experimentados, o autor viu uma espécie de bandeja de madeira, à luz de uma vela, ser levantada pela borda e responder a perguntas por meio de batidas, quando se achava a menos de dois metros de distância.

Nas sessões em escuridão de Horatio Eddy, onde a completa ausência de luz dava todo vigor à fôrça psíquica, Olcott verificou que havia uma louca dança guerreira de índios, com o sapateado de uma dúzia de pés e, simultâneamente, o som de um instrumento selvagem, acompanhado por guinchos e gritos. "Como pura exibição de fôrça bruta", diz êle, "essa dança índia provavelmente é insuperável nos anais de tais manifestações". Uma luz produzida instantaneamente encontraria os instrumentos cobertos no chão, e Horatio em profundo sono, sem uma gôta de suor, inconsciente em sua cadeira. Assegura-nos Olcott que tanto êle quanto outros cavalheiros presentes, cujo nome declina, tiveram a permissão de se sentarem sôbre o médium, mas que em um ou dois minutos todos os instrumentos estavam sendo tocados novamente. Depois dessa experiência — e as houve muitíssimas —qualquer verificação posterior parece desnecessária. A menos que houvesse uma absoluta falta de senso da parte de Olcott e de outros espectadores, não há dúvida que Horatio Eddy exercitava poderes de que a ciência tinha, e ainda tem, um conhecimento imperfeito.

Algumas das experiências de Olcott são tão definitivas e narradas tão franca e claramente que merecem respeitosa consideração e se adiantam aos trabalhos de muitos dos nossos modernos pesquisadores. Por exemplo, êle trouxe de New York uma balança, que foi devidamente aferida e dada como exata num certificado publicado para êsse efeito. Então persuadiu a uma das formas materializadas, a índia Honto, a ficar de pé sôbre ela, enquanto o seu pêso era verificado por uma terceira pessoa, Mr. Pritchard, cavalheiro respeitável e não interessado no assunto. Olcott faz um relato dos resultados e adiciona um certificado de Pritchard, como jurado perante um juiz. Honto foi pesada quatro vêzes, de pé sôbre a plataforma, de modo que não podia de modo algum aliviar o seu pêso. Era uma mulher de um metro e sessenta centímetros de altura e era de esperar que registrasse um pêso de cêrca de sessenta e um quilos. Os quatro resultados foram, respectivamente, de 39,9; 26,3; 26,3 e 29,5 quilos — todos tomados na mesma noite. Isso parece mostrar que seu corpo era um mero simulacro, cuja

densidade podia variar de momento a momento. Também demonstrou aquilo que mais tarde foi verificado por Crawford, que todo o pêso do simulacro não poderia derivar do médium. É inconcebível que Eddy, cujo pêso era de cêrca de 82 quilos, fôsse capaz de dar quase 40. Tôda a assistência, conforme a sua capacidade, que varia enormemente, é chamada a contribuir; e outros elementos podem muito provavelmente ser trazidos da atmosfera. Atualmente a maior perda de pêso demonstrada por Miss Goligher, nas experiências de Crawford, foi de 23,7 quilos; mas cada um dos assistentes sofreu uma perda de pêso, conforme registrou o mostrador das cadeiras-balanças: era a contribuição individual para a formação do ectoplasma.

Também preparou o Coronel Olcott duas balanças de mola e fêz testes da capacidade de tração das mãos dos Espíritos, enquanto as do médium eram seguradas por alguém da assistência. Uma mão esquerda puxou com uma fôrça de 18 quilos e a direita, de 23,6 quilos, a uma luz tão boa que Olcott pôde ver que na mão direita faltava um dedo. Êle estava familiarizado com o caso, pois se tratava do Espírito de um marinheiro que havia perdido um dedo em vida. Quando a gente lê tais coisas, o aviso de Olcott de que seus resultados não eram definitivos e de que não tinha êle as perfeitas condições de experimentação, nos torna mais difícil a compreensão. Entretanto, fecha as suas conclusões com estas palavras: "Não obstante o número de cépticos se batendo contra esses fatos graníticos; não obstante o disfarce que possam vestir os "desmascaradores", a trombetear cornetinhas de brinquedo, essa Jericó resistirá".

Uma observação feita por Olcott foi que essas formas ectoplásmicas obedeciam facilmente a um comando mental de um assistente de mente forte, pois iam e vinham aonde êstes quisessem. Outros observadores em várias sessões notaram o mesmo fato, o que pode ser tomado como um dos pontos verificados nesse problema crucial.

Há um outro ponto curioso que possivelmente Olcott deixou de noticiar. Os médiuns e os Espíritos que tinham sido muito seus amigos durante a sua longa visita, sübitamente se tornaram azedos e esquivos. Parece que essa mudança se operou logo depois da chegada de Madame Blavatsky, com quem Olcott havia estabelecido íntimas relações. Como se sabe, aquela senhora era uma espírita convicta na ocasião, mas é possível que os Espíritos tenham previsto e pressentido

o perigo oferecido pela dama russa. Os seus ensinos teosóficos, apresentados um ou dois anos mais tarde, eram tais que, embora os fenômenos fôssem reais, os Espíritos eram meros cascões astrais e não tinham vida própria. Seja qual fôr a verdadeira explicação, a mudança nos Espíritos foi notável. "Muito embora a importância de meu trabalho tenha sido reconhecida e tôdas as facilidades razoáveis me tenham sido concedidas, eu era constantemente mantido a distância, como se fôsse um inimigo, em vez de um observador sem preconceitos".

O Coronel Olcott narra muitos casos onde os assistentes reconheceram Espíritos, mas nêles não se pode confiar muito, porque com uma luz fraca e as condições emocionais é fácil de ser enganado um observador honesto. O autor tem tido a oportunidade de demorar o olhar sôbre rostos de cêrca de cem dessas imagens e apenas se lembra de dois casos nos quais estava absolutamente certo de sua identidade. Em ambos êsses casos os rostos tinham sua própria luz e o autor não dependia de lâmpada vermelha. Houve duas outras ocasiões em que, com a lâmpada vermelha, êle estava moralmente certo; mas, na maioria dos casos, era possível, se se admitir o trabalho da imaginação, ver o que se quisesse na vaga moldagem que se defrontava. Foi talvez o que ocorreu no grupo de Eddy: realmente C. C. Massey, um juiz muito competente, em sessão com Eddy em 1875, queixava-se dêsse fato. O verdadeiro milagre não era a identidade, mas a simples presença do ser.

Não há dúvida que o interêsse despertado pela imprensa, ao relatar os fenômenos de Eddy deveria ter produzido um mais sério tratamento da ciência psíquica e, possivelmente, adiantado de uma geração a causa da verdade. Infelizmente, no momento exato em que a atenção do público era atraída para o assunto, sobreveio real ou imaginário — o escândalo dos Holmes em Filadélfia, o qual foi rigorosamente explorado pelos materialistas, ajudados pela exagerada honestidade de Robert Dale Owen. Os fatos foram os seguintes:

Dois médiuns em Filadélfia Mr. e Mrs. Nelson Holmes, tinham feito uma série de sessões, nas quais supostamente aparecia, de contínuo, um Espírito que havia tomado o nome de Katie King, declarando-se a mesma com que o Professor William Crookes havia feito experiências em Londres. Em face disto a afirmação tornou-se duvidosa, desde que a original Katie King havia dito que a sua missão estava concluída.

Entretanto, de lado a identidade do Espírito, parece que havia fortes indícios de que o fenômeno fôsse genuíno e não fraudulento, por ser geralmente endossado por Mr. Dale Owen, pelo General Lipáginasitt e por vários outros observadores, que citaram experiências pessoais acima de qualquer suspeita.

Havia então em Filadélfia um certo Doutor Child, que representou um papel muito ambíguo nos fatos obscuros que se seguiram. Child tinha sustentado a autenticidade dos fenômenos de maneira pronunciada. Chegara a ponto de declarar, num folheto que publicou em 1874, que o próprio James, como Katie King, que êle vira na sala das sessões, tinham vindo ao seu próprio consultório e aí haviam ditado particularidades de sua vida terrena, o que também foi publicado. Tais declarações, naturalmente, levantam dúvidas no espírito de qualquer estudante de psiquismo, porque uma forma espiritual só se manifesta através de um médium, e não há indício de que Child o fôsse. De qualquer modo pode imaginar-se que, depois de uma tal asserção, Child seria a última criatura no mundo com autoridade para dizer que as sessões eram fraudulentas.

Um grande interêsse público tinha sido despertado por um artigo do General Lipáginasitt, em Galaxy de dezembro de 1874 e por um outro de Dale Owen no Atlantic Monthly, de janeiro de 1875. Subitamente a coisa estourou. Foi prenunciada por uma notícia publicada por Dale Owen a 5 de janeiro, dizendo que lhe tinham sido apresentadas provas que o obrigavam a retirar as expressões de confiança nos Holmes. Coisa semelhante fêz o Doutor Child.

Escrevendo a Olcott, o qual, depois de sua investigação com Eddy, era considerado uma autoridade, disse Dale Owen:

"Penso que ultimamente êles nos mistificaram, talvez apenas misturando o bom e o falso, o que levanta dúvidas sôbre as manifestações do último verão. Assim, provàvelmente não as empregarei em meu próximo livro sôbre Espiritismo. É uma perda, mas você e Mr. Crookes têm contribuído o bastante para o Espiritismo.

A posição de Dale Owen é bastante clara, desde que era um homem de honra muito sensível, horrorizado com a idéia de que, por um instante, pudesse ter atestado que uma impostura era uma verdade. Parece que o seu êrro repousa na circunstância de ter agido ao primeiro cicio de suspeita, em vez de esperar que os fatos se esclarecessem. A posição do Doutor Child, entretanto, émais discutível, pois se as

manifestações realmente fôssem fraudulentas, como poderia êle ter tido entrevistas sozinho com os mesmos Espíritos em seu consultório?

Foi então verificado que uma senhora, cujo nome não foi dado, tinha estado representando Katie King nas sessões; que havia consentido que seu retrato fôsse tirado e vendido como Katie King, que podia mostrar os vestidos e enfeites usados por Katie King nas sessões e que estava pronta para fazer uma confissão plena. Nada parecia mais desesperador e mais completo. Foi nessa altura que Olcott tomou a investigação e parece que estava preparado para verificar que a opinião geral era certa.

Logo as suas investigações revelaram alguns fatos que, entretanto lançaram uma luz nova sôbre a questão, provando que, a fim de ser minuciosa e exata, a pesquisa psíquica deve examinar as "imposturas" com o mesmo senso crítico que aplica aos fenômenos. O nome da pessoa que tinha confessado haver representado o papel de Katie King foi declinado: era Elisa White. Numa declaração que ela publicou, sem dar o nome, disse haver nascido em 1851, o que lhe dava então vinte e três anos de idade. Tinha-se casado aos quinze e tinha um filho de oito anos. Seu marido havia morrido em 1872 e ela devia sustentar-se e ao filho. Desde março de 1874 os Holmes moravam na mesma casa que ela. Em maio a contrataram para representar o Espírito. A cabine tinha uma parede falsa na parte posterior, por onde ela podia insinuar-se vestida de musselina. Mr. Dale Owen tinha sido convidado para as sessões e ficara inteiramente empolgado. Tudo isto resultou-lhe num drama de consciência, que, todavia, não a impediu de arriscar-se a maiores cometimentos, tais como os de aprender a desvanecer-se ou mudar de forma, por meio de panos pretos ou fazer-se fotografar como Katie King.

Um dia, de acôrdo com o seu relato, veio à sua sessão um homem chamado Leslie, empreiteiro de estrada de ferro. Êsse cavalheiro mostrou suspeitas e na sessão seguinte revelou-lhe a sua fraude, e lhe ofereceu auxílio em dinheiro se ela o confessasse. Aceitou e mostrou a Leslie os seus métodos de mistificação. A 5 de dezembro foi realizada uma sessão fraudulenta, na qual ela representou seu papel como nas sessões reais. Isto impressionou de tal modo a Dale Owen e ao Doutor Child, que se achavam presentes, que publicaram aquelas notícias nas quais reconsideravam a sua crença — e essa reconsideração foi um golpe naqueles que acreditavam

nas primeiras declarações de Dale Owen e que agora entendiam que êle deveria ter feito uma investigação mais completa, antes de sustentar tais coisas. A coisa era tanto mais penosa quanto Dale Owen contava setenta e três anos de idade e tinha sido um dos mais eloqüentes e corajosos discípulos da nova dispensação.

A primeira tarefa de Olcott foi examinar cuidadosamente as declarações já feitas e destruir o anonimato de sua autora. Logo descobriu, como foi dito, que era Elisa White e que, conquanto em Filadélfia, recusou-se a recebê-lo. Por outro lado os Holmes agiram muito abertamente e se ofereceram para criar tôdas as facilidades de examinar os seus fenômenos em quaisquer condições que lhes aprouvesse. Uma investigação sôbre o passado de Elisa White mostrou que seu depoimento, no que diz respeito à sua pessoa, era uma teia de mentiras. Ela era muito mais velha do que dissera — não tinha menos de trinta e cinco anos — e não é certo de que um dia se tivesse casado com White. Durante anos tinha sido vocalista numa companhia ambulante. White ainda era vivo, de modo que não havia a questão da viuvez. Olcott publicou um atestado do Chefe de Polícia a tal respeito.

Entre outros documentos fornecidos pelo Coronel Olcott estava um de Mr. Allen, Juiz de Paz de New Jersey, dado sob juramento. Elisa White, conforme essa testemunha, era "tao indigna de crédito que aqueles a quem falava nunca sabiam se deviam acreditar, e sua reputação moral era tão ruim quanto possivel." Contudo o Juiz Allen pôde dar um depoimento mais diretamente referido ao assunto em discussão. Declarou que havia visitado os Holmes em Filadélfia e tinha visto o Doutor Child preparar a cabine, que era sôlidamente construída e que não havia possibilidade de qualquer entrada pelos fundos, como dissera Mrs. White. Além disso, que estivera na sessão em que aparecera Katie King e que os trabalhos haviam sido interrompidos pelo canto de Mrs. White num outro quarto, de modo que era impossível que Mrs. White pudesse, como dizia, ter feito o papel de um Espírito. Sendo êste um depoimento jurado de um Juiz de Paz, parece uma peça de pêso como prova.

Parece que a cabine foi feita em junho, pois o General Lipáginasitt, excelente testemunha, descreveu um dispositivo bem diferente quando assistiu às experiências. Diz êle que duas portas se dobravam em harmônica, de modo que se tocavam; a cabine era apenas o recanto formado por elas e um

quadro por cima. "Nas primeiras duas ou três sessões fiz um exame minucioso, e uma vez com um mágico profissional, que ficou perfeitamente satisfeito por não haver possibilidade de truques". Isto foi em maio, de modo que as duas descrições não são contraditórias — salvo quanto à declaração de Elisa White de que podia deslizar para dentro da cabine.

Além dessas razões para precauções ao formar opinião, os Holmes foram capazes de exibir cartas que lhes foram escritas por Mrs. White, em agôsto de 1874, onde se vê a incompatibilidade para a existência entre êles de qualquer segrêdo criminoso. Por outro lado, uma dessas cartas disse que haviam sido feitos esforços para que ela forjasse uma confissão de que tinha sido Katie King. Mais tarde no mesmo ano, parece que Mrs. White assumiu um tom mais ameaçador, conforme um depoimento escrito e formal dos Holmes, quando ela declarou que, a menos que lhe pagassem uma pensão determinada, havia um bom número de cavalheiros ricos, inclusive membros da Associação Cristã de Moços, que estavam prontos para lhe pagar uma larga soma e que ela não mais incomodaria os Holmes. Mil dólares era a soma exata que Elisa White iria receber se concordasse em admitir que tinha representado Katie King. Certamente há que convir que tal verificação, em conjunto com as declarações da mulher, exige que se peçam provas de tudo quanto ela diz.

Resta um fato culminante. Na hora exata em que a falsa sessão foi realizada e na qual Mrs. White estava mostrando como Katie King era representada, os Holmes realizavam uma sessão real, assistida por vinte pessoas e na qual o Espírito apareceu da maneira de sempre. O Coronel Olcott recolheu várias declarações de pessoas então presentes e não há dúvida a respeito do fato. A do Doutor Adolphus Fellger é curta e pode ser dada quase que por inteiro.

Diz êle sob juramento que "viu o Espírito conhecido como Katie King, ao todo, cêrca de oito vêzes; é perfeitamente familiar com os seus modos e não se sente enganado em relação á identidade de Katie King, que apareceu na tarde de 5 de dezembro, pois enquanto o dito Espírito aparecia exatamente da mesma altura e com os mesmos gestos, em duas sessões seguidas, sua voz era sempre a mesma e a expressão de seus olhos e os tópicos da conversa lhe davam maior certeza de tratar-se da mesma pessoa". Esse Fellger era muito conhecido e respeitado em Filadélfia como médico, cuja palavra simples, no dizer de Olcott, vale mais que "vinte juramentos escritos da

vossa Elisa White".

Também ficou demonstrado que Katie King aparecia constantemente quando Mrs. Holmes estava em Blissfield e Mrs. White em Filadélfia e que Mrs. Holmes havia escrito a Mrs. White descrevendo suas aparições reais, o que parece uma prova final de que a última não era uma parceira.

Por êsse tempo deve admitir-se que a confissão anônima de Mrs. White é um tiro numa coisa furada e com tantos buracos que a coisa se afunda. Há, porém, um detalhe que, na opinião do autor, ainda flutua. É o caso da fotografia. Foi confessado pelos Holmes, numa entrevista com o General Lipáginasitt, — cuja palavra é um pedaço sólido naquele charco — que Elisa White foi contratada pelo Doutor Child para posar num retrato como Katie King. Parece que Child representou um papel dúplice em todo êsse negócio, fazendo, em diferentes ocasiões, afirmações muito contraditórias e tendo, ao que parece, um interêsse pecuniário no caso. Por isso a gente se inclina a considerar seriamente essa acusação, e pensar se os Holmes teriam participado da fraude. Garantindo que a imagem de Katie King era real, talvez tivessem duvidado se ela seria ou não fotografável, de vez que sua produção exigia que a luz fôsse fraca. Por outro lado, havia uma clara fonte de lucro, desde que os retratos eram vendidos aos numerosos assistentes por meio dólar. Em seu livro, o Coronel Olcott reproduz a fotografia de Mrs. White ao lado de outra supostamente de Katie King, e chama a atenção para a falta de semelhança. É claro, entretanto, que tivessem solicitado ao fotógrafo que a retocasse, para disfarçar a semelhança, pois do contrário a fraude seria notada. O autor tem a impressão, que não é certeza, de que os dois rostos são os mesmos, apenas com algumas alterações obtidas pela manipulação. Assim, admite que a fotografia seja fraudulenta, mas isto de modo algum corrobora o resto da narrativa de Mrs. White, muito embora abale a nossa fé a respeito do caráter de Mr. e Mrs. Holmes, do mesmo modo que do Doutor Child. Mas o caráter dos médiuns de efeitos físicos tem apenas uma influência indireta na questão da realidade de sua fôrça psíquica, que deveria ser apreciada através de sua própria natureza, pouco importando se o indivíduo é santo ou pecador.

A sábia conclusão do Coronel Olcott foi que, à vista do conflito de provas, deveria pôr tudo de lado e controlar os médiuns à sua maneira, sem se importar com o que havia passado.

E o fêz de maneira convincente, de modo que, quem quer que leia a sua investigação — "People From the Other World" (3),

3. Gente do Outro Mundo. — N. do T.

página 460 e seguintes, — não poderá negar que êle tomou tôdas as precauções possíveis contra as fraudes. A cabine era revestida de tela pelos lados, de modo que ninguém poderia entrar, como Mrs. White disse haver feito. Mrs. Holmes era posta num saco, atado ao pescoço e, como o marido se achava ausente, ficava reduzida aos seus próprios recursos. Em tais circunstâncias numerosas cabeças se formaram, algumas das quais semi-materializadas, apresentando uma aparência horrível. Isto deve ter sido feito como um teste ou, possivelmente, a longa contenção deve ter prejudicado os poderes do médium. Os rostos costumavam aparecer a uma altura que o médium não podia alcançar. Dale Owen achava-se presente a essa demonstração e já deveria ter lamentado a sua declaração prematura.

Sessões posteriores e com os mesmos resultados foram realizadas por Olcott em seus próprios aposentos, de modo a eliminar a possibilidade de qualquer mecanismo sob o contrôle do médium. Numa ocasião, quando a cabeça de John King, o Espírito dirigente, apareceu no ar, Olcott, lembrando-se da declaração de Elisa White, de que êsses rostos eram apenas máscaras de dez centavos, pediu e obteve permissão para passar a sua bengala em redor dêle, e assim ficou satisfeito de verificar que não era sustentado por ninguém. Essa experiência parece tão conclusiva que o leitor que pretender mais provas deve ser remetido ao livro onde encontrará muito mais. Era claro que, qualquer que fôsse o papel representado por Elisa White na fotografia, não havia sombra de dúvida de que Mrs. Holmes era um médium genuíno e poderoso para fenômenos de materializações. Deveria acrescentar-se que a cabeça de Katíe King foi vista repetidas vêzes pelos investigadores, conquanto a forma inteira, ao que parece, só se materializou uma vez. O General Lipáginasitt estava presente a essa reunião e associou-se püblicamente, pela Banner of Light de 6 de fevereiro de 1875, às conclusões de Olcott.

O autor demorou-se um pouco sôbre êsse caso porque o mesmo representa a maneira típica pela qual o povo é desviado do Espiritismo. Os jornais estão cheios de

“desmascaramentos”. A coisa é investigada e tanto se mostra o que é falso, quanto o que é parcialmente verdadeiro. Isto não é publicado e o público fica com a primeira impressão incorreta. Mesmo agora, quando se menciona Katie King, é freqüente essa crítica: “Foi provado que era uma fraude, em Filadélfia”, e, por uma natural confusão de idéias, isto foi até usado como argumento contra as experiências clássicas de Crookes. A questão — especialmente a momentânea fraqueza de Dale Owen — atrasou de muitos anos o Espiritismo na América.

Foi feita uma referência a Jehn King, o Espírito dirigente das sessões dos Holmes. Essa estranha entidade parece ter sido o principal controlador de todos os fenômenos físicos nos primeiros dias do movimento e ainda é visto e ouvido ocasionalmente. Seu nome está ligado com o salão de música de Koons, com os irmãos Davenport, com Williams em Londres, com Mrs. Holmes e muitos outros. Pessoalmente, quando materializado, tem aparência de um homem alto, moreno, uma cabeça nobre e grande barba negra. Sua voz é alta e profunda, enquanto as suas batidas têm um caráter peculiar. É senhor de tôdas as línguas, tendo sido experimentado nas línguas mais originais, como o georgiano, e nunca foi pilhado em êrro.

Essa criatura formidável controla bandos de Espíritos inferiores, índios Peles-Vermelhas e outros, que assistem a tais fenômenos. Afirma que Katie King é sua filha e que em vida, como Henry Morgan, fôra pirata, perdoado e armado cavaleiro por Carlos 2º e que terminara como Governador da Jamaica. Se assim foi, teria sido um rufião crudelíssimo, que muito terá que expiar. Contudo, o autor deve declarar que possui um retrato de Henry Morgan, feito na época — e que se encontra na obra de Howard Pyles “Buccaneers”, à página 178, e que, se controlada, nenhuma semelhança apresenta com John King. Tôdas estas questões de identificação material são muito obscuras. (4)

4. Como o autor deu uma deixa contra a identidade de John King como Morgan, é justo que dê outra que a comprove — e esta lhe vem quase que em primeira mão e de fonte fidedigna. A filha de um recente Governador da Jamaica achava-se ültimamente numa sessão em Londres e se defrontou com John King. O Espírito King lhe disse:

— “Você trouxe da Jamaica algo que me pertencia.”

—"O que foi?" perguntou ela.

—"Meu testamento", respondeu êle. Era um fato, absolutamente desconhecido dos presentes, que seu pai havia trazido tal documento.

Antes de encerrar o relato das experiências de Olcott, nessa etapa de sua evolução, deve ser feita uma referência ao caso da chamada transfiguração de Compton, que mostra em que águas profundas nos encontramos quando tentamos pesquisas psíquicas. Essas profundezas ainda não foram avaliadas, nem delineadas. Nada pode ser mais claro do que os fatos, nem mais satisfatório do que as provas. A médium Mrs. Compton se achava fechada em sua cabine, com um fio passado pelos furos de suas orelhas e amarrado ao encôsto de sua cadeira. Então uma esguia figura branca emergiu da cabine. Olcott tinha providenciado uma balança de plataforma, na qual o Espírito ficou de pé. Foi pesado duas vêzes, registrando 35,7 quilos e 27,3 quilos respectivamente. Então, conforme as disposições prévias, Olcott foi à cabine, deixando o espectro do lado de fora. A médium tinha desaparecido. A cadeira lá estava, mas nem sinal da senhora. Então Olcott voltou e pesou novamente a aparição, que então apresentava 23,5 quilos. Depois disso o Espírito voltou à cabine, da qual surgiam outras figuras. Finalmente, diz Olcott:

"Eu ali entrei com uma lâmpada e encontrei a médium exatamente como havia deixado no comêço da sessão, com os fios intactos e cada nó perfeito! Estava sentada, com a cabeça apoiada na parede, pálida e fria como mármore, os olhos revirados, a testa coberta de uma umidade de morte, sem respiração pulmonar nem batidas do pulso. Quando todos acabaram de examinar os fios e os nós frágeis eu os cortei com uma tesoura e, levantando a cadeira pelo encôsto e pelo assento, transportei a senhora em catalepsia para um lugar arejado fora da câmara.

Ela ficou inanimada durante dezoito minutos. Gradativamente a vida foi voltando, até que a respiração, o pulso e a temperatura se tornaram normais... Então a levei para a balança... Pesava 55 quilos!"

Que fazer de tais resultados? Havia onze testemunhas além de Olcott. Os fatos parecem acima de dúvidas. Mas, que deduzir dêles? O autor viu uma fotografia, tomada em presença de um médium amador, na qual todos os detalhes da sala tinham sido apanhados, mas a médium havia desaparecido. O

desaparecimento da médium tem alguma analogia com êsse caso? Se a figura ectoplásmica só pesava 35 quilos e a médium 55, torna-se claro que apenas 20 quilos lhe eram deixados, quando o fantasma estava fora. Se 20 quilos não bastavam para continuar o processo de vida, não poderiam os seus guias ter usado a sua química oculta sutil a fim de a desmaterializar e assim salvá-la do perigo ate que a volta do fantasma permitisse a reabsorção? É uma estranha suposição, mas parece que atende aos fatos — o que pode ser feito por mero palpite ou por uma incredulidade não raciocinada.

13
Henry Slade e o Doutor Monck

É IMPOSSÍVEL relacionar todos os médiuns das várias gradações de fôrça e, ocasionalmente, de honestidade, que têm demonstrado os efeitos que inteligências estranhas podem produzir quando as condições materiais são tais que permitem a sua manifestação neste plano. Há alguns, entretanto, que foram tão preeminentes e tão envolvidos em polêmicas públicas que nenhuma história do movimento poderá esquecê-los, mesmo quando sua carreira não estivesse, sob todos os pontos, isenta de suspeitas. Trataremos neste capítulo da história de Slade e de Monck, os quais representaram em sua época um papel destacado.

Henry Slade, célebre médium da escrita nas lousas, foi exibido publicamente na América durante quinze anos, antes que chegasse a Londres a 13 de julho de 1876. O Coronel H. S. Olcott, antigo presidente da Sociedade Teosófica, declara que, com a Senhora Blavatsky era responsável pela visita de Slade à Inglaterra. Parece que, como o Grão-Duque Constantino da Rússia desejasse fazer uma investigação científica do Espiritismo, uma comissão de professôres da Universidade de São Petersburgo pediu ao Coronel OLcott e à Senhora Blavatsky que escolhessem entre os melhores médiuns americanos um que pudesse ser recomendado para ensaios. Êles escolheram Slade, depois de o submeter a testes durante várias semanas, perante uma comissão de cépticos, que em seu relatório certificavam que "eram escritas mensagens nas faces inteiras de duas lousas, por vêzes amarradas e seladas juntas, quando postas sôbre uma mesa, à vista de todos; acima das cabeças de membros da comissão; prêsas à parte inferior do tampo da mesa; ou, ainda, nas mãos de um membro da comissão, sem que o médium as tocasse". Foi se dirigindo para a Rússia que Slade veio à Inglaterra.

Um representante do jornal World, de Londres, que estêve numa sessão de Slade logo após à sua chegada, assim o descreve: "Muito bem conformado, temperamento nervoso, rosto místico e sonhador, gestos regulares, olhos expressivos e luminosos, um sorriso antes triste e uma certa graça melancólica de maneiras, eram as impressões despertadas por êsse homem alto e flexível, que me foi apresentado como sendo o Doutor Slade. É o tipo de homem que a gente marcaria numa assembléia como um entusiasta." Diz o relatório da

Comissão Seibert que "tinha cêrca de 1 metro e 83 centímetros de altura, com um rosto de inusitada simetria" e que "sua face chamava a atenção em qualquer parte por sua beleza incomum e acresenta que é "um homem digno de nota sob todos os aspectos".

Logo depois de sua chegada a Londres, Slade começou a fazer sessões em seus aposentos, 8 Upáginaser Bedford Place, Russel Square, com um sucesso imediato e pronunciado.

Não só a escrita era obtida de modo evidente, sob fiscalização e com lousas dos próprios assistentes, mas a levitação de objetos e a materialização de mãos foi observada sob intensa luz do dia, O redator de The Spiritual Magazine, o mais sereno e elevado periódico dos Espíritas da época, escreveu:

"Não hesitamos em dizer que o Doutor Slade é o mais notável médium dos tempos modernos".

Mr. J. Enmore Jones, conhecido pesquisador do psiquismo daqueles dias e, posteriormente, redator de The Spiritual Magazine, disse que Slade estava ocupando o lugar deixado por D. D. Home. A descrição que faz de sua primeira sessão indica o severo método de exame: "No caso de Mr. Home, recusou receber um salário e, via de regra, as sessões eram feitas ao anoitecer, no calmo ambiente familiar. Mas no caso do Doutor Slade elas se realizavam a qualquer hora, durante o dia, nos aposentos que êle ocupava numa pensão.

Cobra vinte shillings e prefere que apenas uma pessoa fique na sala que ocupa. Não perde tempo: assim que o visitante se senta, começam os incidentes, continuam e terminam em cêrca de quinze minutos". Stainton Moses, que depois foi o primeiro presidente da Aliança Espírita de Londres, externou a mesma idéia a respeito de Slade. Escreveu: "Em sua presença os fenômenos ocorrem com uma regularidade e precisão, com uma ausência de preocupação com as "condições" e com uma facilidade para observação que satisfaz inteiramente os meus desejos. É impossível imaginar circunstâncias mais favoráveis para a minuciosa investigação do que aquelas sob as quais testemunhei os fenômenos que ocorrem em sua presença com tão surpreendente rapidezembro.. Não havia hesitação nem tentativas. Tudo era rápido, agudo, decisivo. Os operadores invisíveis sabiam exatamente o que iam fazer, e o faziam com presteza e precisão". (1)

1. The Spiritualist, Volume 9º, página 2.

A primeira sessão de Slade na Inglaterra foi realizada a 15 de julho de 1876, para Mr. Charles Blackburn, eminente espiritista, e Mr. W. Il. Harrison, redator de The Spiritualist.

Em plena luz do dia o médium e os dois assistentes ocuparam os três lados de uma mesa comum de cêrca de três pés de lado. Slade pôs um pedacinho de lápis, mais ou menos do tamanho de um grão de trigo, sôbre uma ardósia e segurou esta por um canto, com uma mão, encostando-a no tampo por baixo da mesa. Ou. via-se a escrita na lousa e, examinada, verificou-se que uma curta mensagem fôra escrita. Enquanto isso acontecia, as quatro mãos dos assistentes e a mão livre de Slade eram agarradas no centro da mesa. A cadeira de Mr. Blackburn foi arrastada umas quatro ou cinco polegadas, estando êle sentado, e ninguém senão êle a tocava. A cadeira vazia no quarto lado da mesa uma vez pulou no ar, batendo o assento na borda inferior da mesa. Duas vêzes uma mão com a aparência de vida passou em frente a Mr. Blackburn, enquanto ambas as mãos de Slade eram observadas. O médium segurou um acordeon debaixo da mesa e, enquanto se via claramente a outra mão sôbre a mesa, foi tocada a "Home, Sweet Home". Então Mr. Blaekburn segurou o acordeom da mesma maneira, quando o instrumento foi empurrado violentamente e tocada uma nota. Enquanto isto ocorria, as mãos de Slade estavam sôbre a mesa. Finalmente os três presentes levantaram as mãos cêrca de trinta centímetros acima da mesa e esta ergueu-se até tocar as suas mãos. Em outra sessão no mesmo dia uma cadeira ergueu-se cêrca de um metro e vinte, quando ninguém a tocava e, quando Slade tinha uma mão no espaldar da cadeira de Mr. Blackburn, a cadeira elevou-se cêrca de meio metro acima do solo.

Assim descreve Mr. Stainton Moses uma das primeiras sessões com Slade:

"Um sol de meio-dia, bastante quente para torrar a gente, derramava-se na sala; a mesa estava descoberta; o médium estava sentado e visto inteiramente; nenhum ser humano se achava presente, além de mim e êle. Que melhores condições poderia haver? As batidas foram instantâneas e fortes, como se dadas por um homem forte. A escrita na lousa ocorreu conforme a sugestão feita, sôbre uma lousa sustentada por mim e pelo Doutor Slade; sôbre outra sustentada por mim e que eu mesmo trouxera; e sobre uma terceira sustentada apenas por mim, no canto da mesa mais distanciado do

médium. A última escrita demorou algum tempo e o ruído característico do lápis ao formar as palavras era ouvido distintamente. Uma cadeira em minha frente foi levantada cêrca de meio metro do solo; a lousa foi arrancada de minha mão e levada para o outro lado da mesa, onde nem eu nem o Doutor Slade poderíamos alcançá-la; o acordeon, tocava em redor de mim, enquanto o doutor o segurava pela parte inferior e, finalmente, tendo êle tocado no encôsto de minha cadeira, fomos levitados com cadeira e tudo, algumas polegadas".

O próprio Mr. Stainton Moses era um médium poderoso e sem dúvida êsse fato auxíliou as condições. Acrescenta êle:

"Tenho visto todos êsses fenômenos e muitos outros várias vêzes antes desta, mas nunca tão rapidamente, tão consecutivamente em plena luz do dia. Tôda a sessão não durou mais que meia hora e, do comêço ao fim, não houve interrupção dos fenômenos." (2)

2. The Spiritualist, Volume 9º, página 2.

Tudo foi bem durante seis semanas, e Londres estava cheia de curiosidade pelos dons de Slade, quando se deu, infelizmente, uma interrupção.

No comêço de setembro de 1876 o Professor Ray Lankester, com o Doutor Donkin, tiveram duas sessões com Slade e, na segunda, tomando uma lousa, encontraram-na escrita, quando se pensava que nada tivesse sido produzido. Ele era absolutamente inexperiente em pesquisas psíquicas, do contrário saberia que é impossível dizer o momento exato em que se dá a escrita nessas sessões. Ocasionalmente uma fôlha inteira parecia precipitada num instante, enquanto de outras vêzes o autor ouvia claramente o ruido do lápis, linha por linha. Para Ray Lankester, entretanto, pareceu um caso típico de fraude e êle escreveu uma carta ao The Times (3),

3. 16 de setembro de 1876.

denunciando Slade e o perseguiu por tomar dinheiro de modo fraudulento. Foram publicadas cartas em resposta a Lankester pelo Doutor Alfred Russel Wallace, pelo Professor Barrett e outros, O Doutor Wallace chamou a atenção para o fato de que o relato do Doutor Lankester daquilo que acontecera era extremamente diferente do que lhe ocorreu durante a sua visita ao médium, bem como o registro das experiências de Serjeant

Cox, do Doutor Carter Blake e muitos outros, de modo que o podia considerar como um notável exemplo da teoria do Doutor Carpenter, sôbre as idéias preconcebidas. Diz êle: "O Professor Lankester foi com a firme convicção de que tudo o que ia assistir era impostura e, assim, pensa que viu imposturas". O Professor Lankester demonstrou o seu êrro quando, referindo-se à comunicação lida na Associação Britânica a 12 de setembro pelo Professor Barrett, no qual trata dos fenômenos espíritas, disse na sua carta a The Times: "As discussões na Associação Britânica foram degradadas pela introdução do Espiritismo".

O Professor Barrett escreveu que Slade tinha uma resposta pronta, baseada no fato de ignorar quando a escrita era produzida. Descreve uma sessão muito probante, que êle realizou, na qual a lousa ficou sôbre a mesa e debaixo de seu cotovêlo. Uma das mãos de Slade era sustentada por êle, enquanto os dedos da outra mão tocavam de leve na lousa, O Professor Barrett fala, depois, de um eminente cientista seu amigo, que obteve a escrita numa lousa limpa, que êle próprio segurava, quando ambas as mãos do médium se achavam sôbre a mesa. Por certo tais exemplos devem ser absolutamente convincentes para o leitor desprevenido; e é claro que, se fica bem estabelecido o que é positivo, as ocasionais alegações negativas não têm cabida na conclusão geral.

O julgamento de Slade se deu na Côrte de Polícia de Bow Street, a 1º de outubro de 1876, perante o Juiz Flowers. A acusação estêve a cargo de Mr. George Lewis e a defesa foi feita por Mr. Munton. As provas sôbre a autenticidade da mediunidade de Slade foram dadas pelo Doutor Alfred Russel Wallace, por Serjeant Cox, pelo Doutor George Wyld e outros, mas só quatro testemunhas foram permitidas. O magistrado classificou a prova testemunhal como esmagadora" dada a evidência dos fenômenos, mas no julgamento excluiu tudo, exceto a acusação de Lankester e de seu amigo Doutor Donkin, dizendo que era obrigado a basear a sua decisão em "inferências deduzidas dos conhecidos fatos naturais." Uma declaração feita pelo conhecido mágico Maskelyne, de que a mesa usada por Slade era preparada para truques, foi desmascarada pelo testemunho do carpinteiro que a tinha feito. Essa mesa atualmente pode ser vista nos escritórios da Aliança Espírita de Londres e a gente fica estupefato pelo fato de uma testemunha ter sido capaz de comprometer a liberdade de um homem por um depoimento tão falso que alterou

profundamente o curso do processo. Na verdade, ante as declarações de Ray Lankester, de Donkin e de Maskelyne é difícil ver como Mr. Flowers podia deixar de condenar, pois diria, com razão, "O que se apresenta à Côrte não é o que aconteceu em outras ocasiões — por mais convincentes que sejam êsses testemunhos — mas o que ocorreu nessa ocasião particular, e aqui temos duas testemunhas de um lado e apenas um prisioneiro do outro." A mesa-truque certamente arranjou as coisas.

Slade foi condenado nos têrmos da lei contra a vagabundagem a três meses de prisão com trabalhos forçados. Houve apêlo e êle foi sôlto sob fiança. Quando o apêlo foi julgado a condenação foi anulada sob fundamento de ordem técnica. É de notar-se que, embora se livrasse sob um fundamento de ordem técnica, isto é, de que as palavras "pela leitura da mão ou por outro meio", que aparecem na lei haviam sido omitidas, não se deve pensar que, se o fundamento técnico tivesse falhado, êle não teria escapado pelos méritos de seu caso. Slade, cuja saúde ficou sêriamente afetada com a prisão, deixou a Inglaterra pelo continente um ou dois dias depois. Depois de um repouso de alguns meses em Haya, Slade escreveu ao Professor Lankester oferecendo-se para voltar à Inglaterra e lhe dar exaustivas demonstrações particulares, com a condição de que não fôsse molestado. Não obteve resposta a essa sugestão, que seguramente não seria feita por um criminoso.

Em 1877 os Espíritas de Londres mandaram a Slade o seguinte manifesto:

"Á vista da deplorável maneira por que terminou a visita de Henry Slade a êste país, os abaixo-assinados desejam exprimir o alto conceito de sua mediunidade e a reprovação ao tratamento que lhe foi dispensado.

"Consideramos Henry Slade um dos mais valiosos médiuns para experiências atualmente. Os fenômenos que ocorrem em sua presença se desenvolvem com uma rapidez e uma regularidade raramente igualadas...

"Ele partiu, não só inatingido na sua reputação pelo procedimento de nossa Côrte de Justiça, como também com volumoso testemunho em seu favor que provàvelmente não teria sido obtido de outra maneira.

Êste é assinado por Mr. Alexander Calder, Presidente da Associação Nacional dos Espíritas Britânicos e grande número de espíritas de representação. Infelizmente, entretanto, são os

“contras” e não os “pros” que a imprensa ouve e, ainda agora, cinqüenta anos mais tarde, seria difícil encontrar um jornal bastante esclarecido para fazer justiça.

Entretanto os espiritistas mostraram muita energia na defesa de Slade. Em face do processo foi criado um Fundo de Defesa e os Espíritas da América mandaram um memorial ao Ministro Americano em Londres. Entre a sentença de Bow Street condenando-o e a apelação, um memorial foi mandado ao Ministro do Interior, protestando contra a ação do Govêrno ao prosseguir na perseguição depois da apelação. Cópias dêsse protesto foram mandadas a todos os membros da Câmara dos Comuns, a todos os magistrados do Middlesex, a diversos membros da Sociedade Real e a outros organismos públicos. Miss Kislingbury, secretária da Associação Nacional dos Espiritistas, enviou uma cópia à rainha.

Depois de sessões de êxito em Haya, Slade foi a Berlim, em novembro de 1877, onde despertou o mais vivo interêsse. Dizia-se que êle não sabia alemão, mas apareceram mensagens nessa língua sôbre as lousas e escritas em caracteres do século quinze. O Bertiner Fremdenblatt de 10 de novembro de 1877, publicou o seguinte: “Desde a chegada de Mr. Slade ao Hotel Kronprinz uma grande parte do mundo culto de Berlim vem sofrendo de uma epidemia que podemos chamar de febre espírita”. Descrevendo suas experiências em Berlim, disse Slade que havia começado por converter o propriittário do hotel, usando as suas próprias lousas e mesas. O dono convidou o Chefe de Polícia e muitas pessoas eminentes de Berlim para testemunharem as manifestações, e estas se declararam satisfeitas. Escreve Slade: ”Samuel Bellachini, prestigitador da Côrte do Kaiser, fêz uma semana de experiências gratuitas comigo. Dei-lhe de duas a três sessões diárias e uma em sua própria casa. Depois de sua mais completa investigação êle foi a um tabelião e fêz um juramento de que os fenômenos eram autênticos e não havia fraudes”. A declaração jurada de Bellachini, que foi publicada, confirma essa informação. Diz êle que, depois de minuciosa investigação, considera “absolutamente impossível” qualquer explicação de prestidigitação. A conduta dos prestidigitadores parece ter sido determinada, em geral, por uma espécie de inveja sindicalizada, como se os resultados do médium constituíssem uma espécie de violação de um monopólio. Mas êsse alemão esclarecido, juntamente com Houdin, Kellar e outros mais, mostraram uma mente mais aberta.

Seguiu-se uma visita à Dinamarca e em dezembro começaram as históricas sessões com o Professor Zõllner, em Leipzig. Um relato completo encontra-se na obra de Zóliner, "Física Transcendental", que foi traduzida por Mr. C. C. Massey. Zõllner era Professor de Física e de Astronomia na Universidade de Leipzig e em sua companhia, nas experiências com Slade, estavam outros homens de ciência, inclusive William Edward Weber, Professor de Física; o Professor Scheibner, ilustre matemático; Gustave Theodore Fechner, Professor de Física e eminente filósofo naturalista, todos na expressão do Professor Zõllner, "perfeitamente convencidos da realidade dos fatos observados, inclusive de que não havia impostura ou prestidigitação." Entre os fenômenos contavam-se os nós dados numa corda sem fim, o rompimento das cortinas do leito do Professor Zóllner, o desaparecimento e imediato aparecimento de uma pequena mesa, descendo do teto em plena luz, numa casa particular e debaixo de observação, notando-se principalmente a aparente imobilidade do Doutor Slade durante essas ocorrencias.

Certos críticos tentaram apontar aquilo a que chamavam de precauções insuficientes nessas experiências. O Doutor J. Maxwell, arguto crítico francês, deu uma excelente resposta a essas objeções. Argumenta êle (4)

4. "Metapsychicat Phenomena" (Translation 1905), página 405.

que, desde que investigadores de psiquismo, habilidosos e conscientes, deixaram de indicar explicitamente, nos seus relatórios, que tôdas as hipóteses de fraude foram estudadas e postas de lado, na suposição de que "sua afirmação implícita da realidade do fenômeno lhes parece suficiente", e para evitar que seus relatórios se tornassem de difícil manuseio, críticos capciosos não hesitaram em os condenar e sugerir possíveis fraudes, quase inadmissíveis nas condições que foram observadas.

Zõllner deu uma resposta digna à suposição de que havia sido ludibriado na experiência de nós na corda: "Se, não obstante o fundamento do fato, por mim deduzido na pressuposição de uma concepção mais larga de espaço, pudesse ser negado, só uma outra espécie de explicação restaria, surgindo de um código moral de consideração que, presentemente, é bem verdade, é muito habitual. Essa explicação consistiria na presunção de que eu próprio e os

honrados cidadãos de Leipzig, em cuja presença muitas dessas cordas foram lacradas, ou eram vulgares impostores, ou não tinham senso suficiente para perceber que o próprio Mr. Slade tinha feito aquêles nós, antes que as cordas fôssem lacradas. A discussão, entretanto, de uma tal hipótese, já não pertence ao domínio da ciência: cai na categoria da decência social". (5)

5. Massey's Zóllner, páginas 20-21.

Como uma amostra dessas impetuosas declarações dos oponentes do Espiritismo, deve mencionar-se que Mr. Joseph Mc Cabe, que é ultrapassado apenas pelo americano Houdini pelas grosseiras imprecisões, fala de Zôllner (6)

6. "Spiritualism. A Popular History from 1847", página 161.

como "um professor decrépito e míope", quando na verdade êle faleceu em 1882 aos quarenta e oito anos de idade e suas experiências com Slade haviam sido feitas entre 1877 e 1878, quando êsse cientista se achava no vigor de sua vida intelectual.

Os oponentes levaram tão adiante a sua inimizade que chegaram a declarar que Zõllner estava desequilibrado e que a sua morte, poucos anos depois, foi acompanhada de fraqueza cerebral. Um inquérito feito pelo Doutor Funk os remeteu ao silêncio, embora e infelizmente seja fácil encontrar libelos como êsse em circulação, mas seja difícil encontrar as contraditas.

Eis o documento: (7)

7. "The Widow's Mite", página 276.

"Sua carta dirigida ao Reitor da Universidade, em data de 20 de outubro de 1903 foi recebida. O Reitor desta Universidade estava instalado aqui depois da morte de Zóllner e não tinha relações pessoais com êle; mas as informações recebidas dos colegas de Zôllner comprovam que durante todos os seus estudos aqui na Universidade até a sua morte era uma mente sólida; além disso, tinha a melhor saúde. A causa de sua morte foi uma hemorragia cerebral, na manhã de 25 de abril de 1882, quando almoçava com sua mãe, do que veio a falecer pouco depois. É verdade que o Professor Zôllner era um adepto

ardente do Espiritismo e, como tal, tinha íntimas ligações com Slade".

Doutor) KARL BUCHER, Professor de Estatística e Economia Nacional na Universidade.

A tremenda fôrça que, ocasionalmente, se manifesta quando favoráveis as condições, mostrou-se uma vez em presença de Zõllner, Weber e Scheibner, os três professôres da Universidade. Havia um forte bastidor de madeira a um lado da sala:

"De repente ouviu-se um estalo violento como numa descarga de uma grande bateria de Leyden. Voltando-se alarmado para aquêle lado, o mencionado bastidor caiu desfeito em dois pedaços. Os fortes para 1 usos de madeira de meia polegada de grossura tinham-se partido de cima abaixo, sem qualquer contacto visível de Slade com o bastidor. As partes quebradas achavam-se pelo menos a um metro e meio de Slade, que estava de costas; mas, ainda que tivesse tentado quebrá-lo com um hábil movimento lateral, teria sido necessário prendê-lo do lado oposto. Como se achava, o bastidor estava quase sôlto e as fibras da madeira, sendo paralelas ao eixo dos suportes cilíndricos de madeira, a fratura só se podia dar por uma fôrça que atuasse longitudinalmente à parte em questão. Estávamos todos admirados dessa manifestação violenta e imprevista da fôrça mecânica e perguntamos a Slade o que significava aquilo tudo. Mas êle apenas deu de ombros e disse que tais fenômenos por vêzes ocorriam em sua presença, embora um tanto raramente. Enquanto falava e se achava de pé, colocou um pedaço de lápis sôbre a superfície polida da mesa, e pôs em cima uma lousa que eu tinha comprado e acabara de limpar e fêz pressão com os cinco dedos abertos da mão direita na superfície da lousa, enquanto a mão esquerda se apoiava no centro da mesa. A escrita começou na face interna da lousa e quando Slade a virou estava escrita a seguinte sentença em inglês: "Não tínhamos a intenção de causar um prejuízo. Perdoai o que aconteceu." Estávamos mais surpreendidos com a escrita naquelas circunstâncias, principalmente porque estávamos observando que ambas as mãos de Slade ficavam imóveis enquanto a escrita prosseguia." (8)

8. "Transcendental Physics", páginas 34-35.

Em sua desesperada tentativa para explicar êsse incidente

Mr. McCabe diz que provavelmente o bastidor já estava quebrado e repregado com um parafuso. Na verdade não há limites para a credulidade dos incrédulos.

Depois de uma série de êxitos nas sessões de São Petersburgo, Slade voltou a Londres por alguns dias, em 1878, e então se dirigiu à Austrália. Um interessante relato de seu trabalho ali é o livro de James Curtis "Rustlings in the Golden City" (9).

9. "Ruídos na Cidade de Ouro". — N. do T.

Então voltou à América. Em 1885 compareceu perante a Comissão Seybert, em Filadélfia e em 1887 visitou novamente a Inglaterra sob o nome de "Doutor Wilson", pôsto se soubesse muito bem quem era êle. É possível que o disfarce fôsse devido ao receio de renovação de velhos processos.

Na maioria de suas sessões Slade demonstrou possuir clarividência e as mãos materializadas eram coisa familiar. Na Austrália, onde as condições psíquicas são boas, obteve materializações. Diz Mr. Curtis que o médium não gostava dessa forma de sessões, porque durante algum tempo sentia-se enfraquecido e porque preferia sessões em plena luz.

Entretanto concordou em experimentar com Mr. Curtis, que assim descreve o que aconteceu em Ballarat, em Victoria:

"Nossa primeira experiência com o aparecimento de Espíritos materializados ocorreu no Lester's Hotel. Coloquei a mesa a cêrca de quatro a cinco pés da parede do lado oeste do quarto. Mr. Slade sentou-se ao lado mais afastado da parede, enquanto me colocava no Lado norte. A luz do gás foi reduzida o suficiente para que fôssem percebidos os objetos do quarto. Nossas mãos foram colocadas umas sôbre as outras, numa pilha única. Sentamo-nos muito quietos durante uns dez minutos, quando observei algo como uma nuvem vaporosa entre mim e a parede. Quando minha atenção foi atraida para o fenômeno, êle tinha a altura e a côr de um cavalheiro com uma cartola acinzentada. Essa como que nuvem cresceu ràpidamente e se transformou, de modo que vi à nossa frente uma mulher — uma dama. O ser assim vestido e perfeito, ergueu-se do solo até a altura da mesa, onde me foi possível examiná-la mais distintamente. Os braços e as mãos tinham formas elegantes; o rosto, a bôca, o nariz, as faces e os cabelos castanhos se mostravam harmoniosamente, cada parte em concordância com o todo. Só os olhos eram velados,

porque não podiam materializar-se completamente. Os pés calçavam sapatos brancos de cetim. Toda a figura era graciosa e a toalete perfeita. O vestido brilhava à luz e era o mais bonito que eu jamais vira, nas suas côres brilhantes, com cambiantes de prata, cinza e branco, O Espírito materializado deslizou e andou um pouco, fazendo a mesa vibrar e mesmo oscilar. Também pude ouvir o frufru do vestido, quando a visitante celeste se movia de um lugar para outro. A forma espiritual, a dois pés de nossas mãos ainda empilhadas, foi se dissolvendo até desaparecer aos nossos olhos".

As condições dessa bela sessão, na qual as mãos do médium estavam seguras e havia luz suficiente para a visibilidade, parecem satisfatórias, desde que aceitemos a honestidade da testemunha. Como o prefácio contém o valioso testemunho de um membro responsável de um Govêrno Australiano, que também se refere, de início, ao extremo cepticismo de Mr. Curtis, bem podemos aceitá-lo. Na mesma sessão, a figura reapareceu quinze minutos depois:

"Então a aparição flutuou no ar e pousou sôbre a mesa, deslizou rapidamente e três vêzes curvou a suo figura em cumprimento gracioso, cada mesura com passada e profunda, trazendo a cabeça até seis polegadas de meu rosto. Ouvia-se o frufru do vestido, a cada movimento como se fôra sêda. A face estava parcialmente velada, como antes. A visibilidade foi diminuindo e por fim desapareceu, como na primeira materialização".

São descritas outras sessões como esta.

Diante dos complicados e rigorosos testes a que foi submetido com sucesso, a história do desmascaramento de Slade na América em 1886 não convence, mas nós a referimos por motivos históricos e para mostrar que tais incidentes não se acham excluídos de nosso exame do assunto. O Boston Herald de 2 de fevereiro de 1886 assim abre os títulos de seu relato: "O célebre Doutor Slade pilhado em Weston, West Virgínia; escreve sôbre lousas que descansam em seus joelhos debaixo da mesa e inove mesas e cadeiras com os artelhos".

Observadores numa sala anexa, olhando através de fendas embaixo das portas viram êsses atos de agilidade sendo executados pelo médium, embora os que com êle se achavam na sala não o percebessem. Parece, entretanto, que houve neste, como em outros casos, ocorrências que tomaram a aparência de fraudes e havia Espíritas entre os que o denunciaram. Numa sessão pública, que se seguiu, para

Escrita Espírita Direta, no Palácio da Justiça de Weston, Mr. E. S. Barret descreve como um "espírita" viu e explicou de que forma a impostura de Slade havia sido descoberta. Convidado a explicar-se, Slade parecia mudo e apenas pôde dizer, segundo o relato, que se os seus acusadores tinham sido enganados, êle também o tinha, pois se o engano era coisa sua, o tinha praticado inconscientemente.

Mr. J. Simmons, administrador dos negócios de Slade, fêz uma declaração franca, que parece indicar a operação de membros ectoplásmicos, como ficou provado, anos mais tarde, ser o caso com a famosa médium italiana Eusapia PalLadino. Diz êle: "Não duvido que êsses senhores tenham visto aquilo que dizem; mas, ao mesmo tempo, estou convencido de que Slade é inocente daquilo de que é acusado, assim como o senhor (o redator) teria sido em similares circunstâncias. Mas sei que minha explicação não teria valor numa Côrte de Justiça. Eu mesmo vi uma mão, que eu juraria ser de Slade, se fôsse possível que sua mão ficasse naquela posição. Quando uma de suas mãos estava sôbre a mesa e a outra segurava a lousa a um canto da mesa, apareceu uma terceira mão com uma escôva de roupa (e que momentos antes me havia escovado do joelho para cima), no meio do lado oposto da mesa, a qual tinha um metro e seis centímetros de comprimento." Slade e o seu empresário foram presos e soltos mediante fiança, mas nenhuma medida posterior foi tomada contra êles.

Também Fruesdell, em seu livro "Spiritualism, Bottom Facts" (10),

10. "Espiritismo, Fatos básicos". — N. do T.

declara que viu Slade efetuar um movimento de objetos com o pé, e pede aos leitores que acreditem que o médium lhe fêz uma completa confissão de como eram produzidas as suas manifestações. Se realmente Slade o fêz, deve levar-se à conta de manifestação de doentia leviandade, procurando enganar um certo tipo de investigador, dizendo-lhe exatamente aquilo que êle queria que fôsse dito. A tais exemplos podemos aplicar o julgamento do Professor Zõllner, no incidente Lankester: "Os fenômenos físicos por nós observados em tão admirável variedade em sua presença negam em tôda a linha a suposição de que êle, num caso único, tenha recorrido à voluntária impostura". E acrescenta — o que certamente ocorreu naquela

circunstância especial — que Slade foi vítima dos limitados conhecimentos de seu acusador e de seu juiz.

Ao mesmo tempo, há muitos indícios de que no fim da vida o caráter de Slade degenerou. Sessões promíscuas, com finalidade comercial, esgotamentos conseqüentes e o estimulo alcoólico, que produz um estimulo passageiro, tudo aquilo agindo sôbre uma organização muito sensível, teve um efeito deletério. Êsse enfraquecimento do caráter, com a correspondente perda da saúde, deve ter conduzido a uma diminuição de suas fôrças psíquicas e aumentado a tentação para usar os truques. Concordando com a dificuldade de distinguir o que é fraude daquilo que é de pura origem psíquica, uma impressão desagradável fica em nossa mente pela prova dada pela Comissão Seybert e pelo fato de espíritas locais haverem condenado o seu procedimento. A fragilidade humana, entretanto, é uma coisa e a fôrça psíquica, outra. Os que buscam provas desta última encontrá-las-ão abundantes naqueles anos em que o homem e os seus dons estavam no zênite.

Slade morreu em 1905 num sanatório em Michigan, para onde havia sido mandado pelos Espíritas Americanos, e a notícia foi acompanhada pela costumeira espécie de comentários na imprensa londrina. O Star, que tem uma triste tradição em matéria de psiquismo, publicou um artigo sensacional, sob o título de "Spook Swindles" (11)

11. Fraudes de Espírito. — N. do T.

fazendo um relato mutilado da perseguição de Lankester em Bow Street. Referindo-se a isso (12)

12. 1886, página 433.

diz Light:

"Aliás tudo isso é um amontoado de ignorância, de malevolência e de preconceitos. Não nos interessa discutir ou contraditar. Seria inútil fazê-lo por amor aos malévolos, aos ignorantes e aos preconcebidos; e é desnecessário aos que o sabem. Basta dizer que o Star só um exemplo mais acrescenta sôbre a dificuldade de captar todos os fatos perante o público. Mas os jornais prevenidos têm, êles próprios, de censurar-se por sua ignorância e por sua impressão.

É, novamente, a história dos Irmãos Davenport e de Mas-

helyne".

Se é difícil avaliar a carreira de Slade, sendo-se forçado a admitir que houve uma esmagadora preponderância de resultados psíquicos, também houve um resíduo que deixou uma desagradável impressão que o médium suplementava a verdade com a fraude, o mesmo deve ser admitido em relação ao médium Monck, que representou um considerável papel na era dos setenta. De todos os médiuns nenhum é mais difícil de julgar, porque, de um lado muitos de seus resultados estão acima de qualquer discussão, enquanto alguns outros parecem absolutamente desonestos. Em seu caso, como no de Slade, houve causas físicas que puderam responder por uma degeneração das fôrças morais e psíquicas.

Monck era um clérigo não conformista, discípulo favorito do famoso Spurgeon. De acôrdo com o seu próprio relato, desde a infância tinha sido sujeito a influências psíquicas, que aumentaram com a idade. Em 1873 anunciou sua adesão ao Espiritismo e fêz uma palestra em Cavendish Rooms. Pouco depois começou a fazer demonstrações, aparentemente gratuitas e em plena luz. Em 1875 fêz um giro pela Inglaterra e pela Escócia, onde suas demonstrações excitaram muita atenção e debates e, em 1876 visitou a Irlanda, onde seus dons foram aplicados em curas. Assim, ficou geralmente conhecido como o "Doutor Monck", fato que levantou gerais protestos da classe médica.

O Doutor Alfred Russel Wallace, muito competente e honesto observador, descreveu uma sessão de materialização com Monck, a qual parece uma pedra de toque tanto quanto possível. Nenhuma suspeita ou convicção posterior poderá jamais eliminar tão incontestável exemplo de fôrça psíquica. Deve notar-se quanto os efeitos concordaram com as posteriores demonstrações da expansão ectoplásmica no caso de Eva e de outros médiuns modernos. Os companheiros do Doutor Wallace nessa ocasião eram Mr. Stainton Moses e Mr. Hensleigh Wedgewood. Escreve o Doutor Wallace:

"Era uma brilhante tarde de verão e tudo aconteceu em plena luz do dia. Depois de uma curta conversa, Monck, que estava vestido com o costumeiro hábito clerical negro, pareceu cair em transe; então ficou de pé a alguns passos à nossa frente e, depois de uns instantes, apontou para o lado e disse: "Olhem!"

"Vimos aí uma tênue mancha em seu casaco, ao lado esquerdo. Essa tornou-se mais brilhante; então pareceu ondular

e estender-se para cima e para baixo, até que, gradualmente, tomou a forma de uma coluna de névoa, que ia de seu ombro até os pés e junto ao seu corpo.

O Doutor Wallace continua descrevendo como a figura nevoenta por fim tomou a forma de uma mulher envôlta em panos grossos que, depois de uns instantes, pareceu absorvida no corpo do médium.

E acrescenta: "Todo o processo de formação de uma figura amortalhada era visto em plena luz do dia."

Mr. Wedgewood assegurou-lhe que tinha tido outras manifestações dessa espécie ainda mais notáveis com Monck, quando o médium estava em transe profundo e todo à vista.

Depois de tal demonstração é quase impossível duvidar ao mesmo tempo dos dons do médium, O arquidiácono Colley, que tinha visto semelhantes exibições, ofereceu um prêmio de mil libras a Mr. J. N. Maskelyne, o famoso ilusionista, para repetir a façanha. O desafio foi aceito por Maskelyne, mas as provas foram que a imitação nenhuma relação tinha com o original. Êle tentou conquistar uma decisão do tribunal, mas a sentença lhe foi desfavorável.

É interessante comparar o relato feito por Russel Wallace e a experiência posterior de um americano muito conhecido, o Juiz Dailey. Escreveu êle: (3)

13. "Banner of Light", Dec. 15, 1881.

"Lançando o olhar para o Lado do Doutor Monck, notamos algo semelhante a uma massa opalescente de vapor compacto, emergindo justamente debaixo do coração, ao lado esquerdo. Aumentou de volume, subindo e crescendo para baixo, enquanto a porção superior tomava a forma da cabeça de uma criança, e a face se distinguia como a de um filho que eu havia perdido há cêrca de vinte anos. Ficou assim apenas por uns instantes e subitamente desapareceu, parecendo ter sido instantaneamente absorvida pelo lado do doutor. Êsse notável fenômeno repetiu-se quatro ou cinco vêzes, em cada uma das quais a materialização se tornava mais distinta do que nas anteriores. Isto foi testemunhado por todos na sala, com o gás bastante claro para que todos os objetos fôssem bem visíveis.

Era um fenômeno visto raramente e permitiu que todos quantos o viram não só atestassem o notável dom do Doutor Monck, como médium de materializações, mas a maravilhosa maneira por que um Espírito muda de posição quando nossas

mãos jamais se moveram enquanto eu não desatei as lousas para verificar o resultado."

Certamente, depois de um tal testemunho, seria vão negar que o Doutor Monck possuísse uma grande fôrça psíquica. Além das materializações, o Doutor era um notável médium para escrita em lousas. Numa carta ao Spectator (14)

14. 7 de outubro de 1877.

diz o Doutor Russel Wallace que com Monck numa casa particular em Richmond, limpou duas lousas e, depois de colocar entre elas um fragmento de lápis, amarrou-as bem com um cordão forte, cruzando-os de maneira a lhes evitar qualquer movimento.

"Então as coloquei sôbre a mesa, sem as perder de vista nem por um instante. O Doutor Monck colocou os dedos de ambas as mãos sôbre elas, enquanto eu e uma senhora sentada do lado oposto púnhamos as suas mãos sobre os cantos das lousas. Nessa posição nossas mãos não se moveram enquanto eu não desatei as lousas para examinar os resultados."

Monck pediu a Wallace que dissesse uma palavra para ser escrita na lousa. Êle escolheu a palavra Deus e em resposta a um pedido decidiu que a mesma deveria ser escrita longitudinalmente na lousa. Ouviu-se o ruído da escrita e quando as mãos do médium foram retiradas, Wallace abriu as lousas e achou na inferior a palavra que tinha pedido e escrita da maneira indicada.

Diz o Doutor Wallace:

"Ás precauções essenciais dessa experiência são que eu mesmo limpei e amarrei as lousas; mantive as mãos sôbre elas todo o tempo; elas nem por um instante saíram de minhas vistas; e que eu escolhi a palavra a ser escrita e a maneira de escrevê-la, depois que elas foram amarradas e fixadas por mim.

Mr. Edward T. Benett, secretário-assistente da Sociedade de Pesquisas Psíquicas acrescenta a êsse relato:

"Eu me achava presente nessa ocasião e certifico que o relato de Mr. Walkwe daquilo que ocorreu está correto."

Outro bom teste é descrito por M. W. PÁGINA Adshead, de Belper, investigador muito conhecido, que diz de uma sessão em Derby, a 18 de setembro de 1876:

"Havia oito pessoas presentes, sendo três senhoras e

cinco cavalheiros. Uma senhora a quem o Doutor Monck nunca tinha visto tinha uma lousa que lhe fôra entregue por um dos presentes; examinou-a e achou-a limpa. O lápis que se achava sôbre a mesa poucos minutos antes que nos sentássemos não foi encontrado. Um investigador sugeriu que seria um bom teste se fôsse usado um lápis comum.

Assim, um lápis de grafite foi pôsto sôbre a lousa, e a senhora segurou ambos por baixo da mesa. Instantaneamente ouviu-se o ruído da escrita e em poucos segundos a comunicação tinha sido escrita, enchendo um lado da ardósia. A escrita fôra feita com o lápis, era muito miúda e legível e tratava de assunto estritamente particular.

Eis três testes simultâneos: 1 — a escrita foi obtida sem que o médium tocasse na lousa, do começo ao fim, e nenhuma outra pessoa, a não ser a senhora; 2º — a escrita foi feita com um lápis de grafite, por uma sugestão espontânea de um outro estranho; 3º — foi dada como testemunho importante uma comunicação sôbre assunto estritamente particular. O Doutor Monck não fêz mais do que tocar na ardósia do comêço ao fim."

Mr. Adshead também fala dos fenômenos físicos que ocorreram com êsse médium, quando suas mãos estavam bem presas no aparelho chamado "stocks", que não permitia o menor movimento em qualquer direção.

Em 1876 Slade estava sendo processado em Londres, como ja ficou dito, e os desmascaramentos estavam no ar. Considerando o caso seguinte antes como de perplexidade e certamente suspeito, deve lembrar-se que, quando um homem que se exibe publicamente, que é um ilusionista ou um mesmerista, pode proclamar que desmascarou um médium, ganha enorme publicidade e atrai aquela numerosa parte do público que deseja ver o desmascaramento, Mas é preciso ter isto em mente e guardar uma certa média onde existe apenas um conflito de evidência.

Neste caso o ilusionista e o mesmerista era um Lodge, e a ocasião uma sessão realizada a 3 de novembro de 1876, em Huddersfield. Subitamente Mr. Lodge pediu que o médium fôsse examinado. Temendo uma agressão ou uma denúncia de fraude, Monck correu para cima e trancou-se no quarto. Então pulou pela janela e procurou a delegacia de polícia, onde apresentou queixa. A porta de seu quarto foi forçada, as coisas rebuscadas, sendo encontrado um par de luvas de lã. Monck declarou que essas luvas tinham sido feitas para uma

conferência na qual havia exposto a diferença entre prestidigitação e mediunidade. Ainda, conforme observa um jornal espírita da época:

"Os fenômenOS de sua mediunidade não repousam apenas na sua probidade. Se êle fôsse o maior trapaceiro e o mais hábil prestidigitador, simultaneamente, isto não iria explicar as suas manifestações, que têm sido referidas".

Monck foi condenado a três meses de prisão e diz-se que fêz uma confissão a Mr. Lodge

Depois de solto, Monck realizou um certo número de sessões com Stainton Moses, nas quais ocorreram notáveis fenômenos.

"Aquêles cujos nomes referimos como testemunhas da autenticidade dos fenômenos mediúnicos do Doutor Monck, são velhos conhecidos dos Espíritas como argutos experimentadores, escrupulosamente cautelosoS e Mr. Hensleigh Wedgwood é um nome de muita responsabilidade, pois é conhecido como um homem de ciência e era cunhado de Charles Darwin."

Há um elemento de dúvida quanto ao caso de Huddersfield, sôbre se o acusador era realmente criatura imparcial; mas Sir William Barrett dá o testemunho de que por vêzes Monck descia com sangue frio à trapaça deliberada. Assim escreve Sir William:

Assim comenta Light:

"Apanhei o "Doutor" numa fraude grosseira: um pedaço de musselina branca numa instalação de arame, ligada a um parafuso prêto, sendo empregada pelo médium para simular a materialização parcial". (15)

15. SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH Proceedings, Volume 4º, página 58. (rodapé).

Tal desmascaramento, vindo de fonte tão segura, produz um sentimento de mal-estar, que nos induz a abandonar toda evidência a respeito dêle na cesta de papéis. Contudo, a gente deve ter paciência e ser razoável em tais assuntos. As primeiras sessões de Monck, como ficou claramente demonstrado, foram em plena luz e qualquer mecanismo estava fora de cogitação. Não se deve argumentar que, pelo fato de um homem forjar uma vez, jamais tenha assinado um cheque honesto. Mas devemos admitir claramente que Monck foi capaz de fraudes, que êle seguia o caminho mais fácil,

quando as coisas se tornavam difíceis, e que cada uma de suas manifestações deveria ser controlada cuidadosamente.

14
Investigações Coletivas sobre o Espiritismo

COMISSÕES diversas têm-se reunido em diferentes ocasiões para examinar o Espiritismo. Dessas as duas mais importantes foram a da Sociedade Dialética, em 1869 a 1770 e a Comissão Seybert em 1884, das quais a primeira era inglêsa e a segunda americana. A estas deve acrescentar-se uma francesa, o Instituto Geral Psicológico, em 1905 a 1908. A despeito dos intervalos entre essas várias investigações, é conveniente tratá-las num capítulo único, porque certas observações em comum se aplicam a cada uma delas.

Há óbvias dificuldades no caminho das investigações coletivas — dificuldades por vêzes tão graves que são quase insuperáveis. Quando um Crookes ou um Lombroso explora o assunto, ou o faz sozinho com o médium, ou tem consigo outras pessoas cujo conhecimento das condições psíquicas, bem como de suas leis podem ser um auxílio no trabalho. Geralmente assim não se dá com as comissões. Elas não compreendem que são, elas próprias, parte da experiência e que lhes é possível criar vibrações tão intoleráveis e se cercarem de uma atmosfera tão negativa que essas fôrças exteriores, que são governadas por leis muito definidas, se tornam incapazes de a penetrar. Não é em vão que a palavra "unânimemente" é intercalada no relato da reunião apostólica da sala de cima (1).

1. A expressão do A. é "with one accord" e se refere aos Atos dos Apóstolos, Capítulo 1º, versículo 14. Traduzimo-la por "unânimemente" por ser esta a expressão usada na versão portuguêsa de Figueiredo, e que, posto não seja literal, bem traduz o pensamento original. Com efeito o texto grego é cutol návtes. — N. do T.

Se uma pequena peça de metal pode perturbar tôda uma instalação magnética, também uma poderosa corrente psíquica adversa pode estragar um círculo psíquico. É por esta razão, e não por qualquer credulidade superior, que os praticantes espíritas freqüentemente alcançam resultados jamais obtidos por simples pesquisadores. Também esta deve ser a razão por que uma comissão na qual os espíritas se achavam bem representados foi a única a obter certos resultados positivos. Esta foi a comissão escolhida pela Sociedade Dialética de

Londres, a qual iniciou as suas investigações no comêço de 1869 e apresentou o seu relatório em 1871. Se o bom senso e as leis comuns da evidência tivessem sido respeitados na recepção dêsse relatório, o progresso da verdade psíquica teria sido acelerado de cinqüenta anos.

Trinta e quatro cavalheiros de posição tinham sido nomeados para essa comissão, cujos têrmos de referência eram investigar os fenômenos tidos como manifestações espíritas". A maioria dos membros certamente tinha disposição para desmascarar qualquer impostura, mas eles defrontaram uma porção de provas que não podiam ser desprezadas e terminaram convindo que "o assunto era digno de maior atenção e cuidadosa investigação do que tinha recebido até então". Essa conclusão de tal maneira pasmou a sociedade que êles representavam, que não foi possível dela obter a publicação das observações. Então a comissão resolveu publicá-la à sua própria custa, oferecendo assim um permanente registro da mais importante investigação.

Os membros da comissão tinham sido escolhidos das mais variadas profissões, inclusive um doutor em teologia, dois médicos, dois cirurgiões, dois engenheiros civis, dois membros de sociedades científicas, dois advogados e outros de alta reputação. Charles Bradlaugh, o Racionalista, dela fazia parte. O Professor Huxley e G. H. Lewes, marido de George Eliot (2)

2. George Eliot é o pseudônimo da notável escritora inglesa Mary Ann Evans — nasceu em 1819 e morreu em 1880. — N. Do T

tinham sido convidados a cooperar, mas ambos recusaram. Huxley, em resposta ao convite, disse que "supondo que os fenômenos sejam verdadeiros, êles não me interessam", expressão que mostra que êsse grande homem iluminado tinha suas limitações.

As seis subcomissões se reuniram quarenta vêzes para experiências, por vêzes sem o auxílio de um médium profissional e com absoluto senso de responsabilidade concordaram que os seguintes pontos aparentemente tinham sido estabelecidos:

1. **"Que sons de um caráter muito variado, aparentemente vindos de móveis, do soalho e das paredes da sala — as vibrações acompanhadas de sons são muitas vêzes**

distintamente perceptíveis ao tato - ocorrem sem serem produzidos por ação muscular ou dispositivo mecânico."

2. **"Que movimentos de corpos pesados se dão sem dispositivo mecânico de qualquer espécie ou adequada aplicação de fôrça muscular pelas pessoas presentes, e freqüentemente sem contacto ou conexão com qualquer pessoa."**
3. **"Que êsses sons e êsses movimentos muitas vêzes ocorrem em ocasiões e da maneira pedida pelas pessoas presentes e, por meio de um simples código de sinais, respondem a perguntas e deletreiam comunicações coerentes."**
4. **"Que as respostas e comunicações assim obtidas são, em sua maioria, constituidas de fatos comuns; mas por vêzes são contados corretamente fatos conhecidos apenas de uma das pessoas presentes".**
5. **"Que as circunstâncias sob as quais ocorrem os fenômenos são variáveis e o fato mais importante é que a presença de certas pessoas parece necessária à sua ocorrência e que a de outras, geralmente, é adversa; mas essa diferença não parece depender de nenhuma crença ou descrença relativa ao fenômeno."**
6. **"Que, não obstante, a ocorrência dos fenômenos não égarantida pela presença ou ausência de tais pessoas, respectivamente."**

Orelatório resume em poucas palavras, como se vê adiante, as provas orais ou escritas recebidas, e que não só testemunham fenômenos da mesma natureza dos observados pelas sub-comissões, mas outros do mais variado e extraordinário caráter:

1. **"Treze testemunhas declaram que viram corpos pesados — nalguns casos homens — erguerem-se lentamente no ar e aí ficarem por algum tempo, sem apoio visível ou tangível".**
2. **"Catorze testemunhas atestam terem visto mãos ou rostos, não pertencentes a nenhum ser humano, mas com aparência de vida e cem mobilidade, que por vêzes tocaram ou roçaram e, assim, estão convencidos que não eram o resultado de impostura, nem de ilusão."**
3. **"Cinco testemunhas sustentam que foram tocadas por algum agente invisível, em várias partes do corpo, e onde pediam que o fôssem, quando as mãos de todos eram visíveis."**
4. **"Treze testemunhas declaram que ouviram peças de música bem tocadas em instrumentos não manipulados por**

qualquer agente visível."

5. "Cinco testemunhas sustentam que viram carvões incandescentes postos nas mãos e na cabeça de várias pessoas, sem produzir dor ou queimadura, e três testemunhas sustentam que fizeram a mesma experiência em si mesmas, com os mesmos resultados."
6. "Oito testemunhas declaram que receberam informações precisas através de batidas, de escrita e por outros meios, e cuja exatidão era então desconhecida por elas próprias ou por qualquer dos presentes e que, em investigação posterior, verificaram ser exatas."
7. "Uma testemunha declara que recebeu uma informação precisa e minuciosa que, não obstante, ficou provado ser inteiramente inverídica."
8. "Três testemunhas declaram que se achavam presentes quando, em pouco tempo, foram feitos desenhos a lápis e aquarela e em tais condições que a ação humana era impossível."
9. "Seis testemunhas declaram ter recebido informações de acontecimentos futuros e que, nalguns casos, a hora exata foi predita com precisão, com alguns dias e até com semanas de antecedência."

Além disso, foram dadas provas de conversa em transe, de curas, de escrita automática, de transporte de flôres e de frutos para recintos fechados, de vozes no ar, de visões em cristais e em espelhos e de alongamento do corpo humano.

O relatório termina com estas observações:

"Apresentando o seu relatório, vossa comissão, levando em consideração o elevado caráter e a grande inteligência de muitas das testemunhas dos mais extraordinários fatos, a extensão que êsse testemunho alcança pelos relatórios das subcomissões, e a ausencia de qualquer prova de impostura ou fraude, no que respeita a grande parte dos fenômenos; e, além disso, considerando o caráter excepcional dos fenômenos, o grande número de pessoas de várias camadas sociais e acima de tudo o mundo civilizado, que é mais ou menos influenciado pela crença em sua origem sobrenatural, e o fato de que até agora não se chegou à sua explicação filosófica, ela é de opinião que lhe cumpre declarar a sua convicção de que o assunto é digno de mais séria atenção e cuidadosa investigação do que tem tido até agora."

Entre os que deram provas ou leram trabalhos perante a comissão, estavam: o Doutor Alfred Russel Wallace, Mrs. Emma

Hardinge, Mr. H. D. Jencken, Mr. Benjamim Coleman, Mr. Cromwell F. Varley, Mr. D. D. Home, e o governador de Lindsay. Foi recebida correspondência de Lord Lytton, Mr. Robert Chambers, Doutor Garth Wilkinson, Mr. William Howitt, M. Camille Flammarion e outros.

A comissão teve a felicidade de obter provas dos que acreditavam nos fenômenos, mas quase que falhou por completo, como se vê do relatório, quando as quis daqueles que os atribuíam à fraude ou à prestidigitação.

No registro de provas de mais de cinqüenta testemunhas, há um volumoso testemunho da existência de fatos trazidos por cavalheiros e senhoras de alta reputação. Uma testemunha (3)

3. Grattan Geary

achou que o mais admirável fenômeno revelado pelos trabalhadores da comissão foi o extraordinário número de homens eminentes que se mostraram crentes firmes na hipótese espírita. E uma outra (4)

4. E. L. Blanchard.

declarou que, fôssem quais fôssem as fôrças empregadas em tais manifestações, elas não podiam ser explicadas pelo recurso à impostura, de um lado, e à alucinação, do outro.

Um aspecto interessante do desenvolvimento do movimento é aquêle observado por Mrs. Emma Hardinge de que, ao tempo (1869) apenas conhecia dois médiuns profissionais em Londres, ao passo que conhecia muitos não profissionais. Como ela própria era médium, certamente tinha razão ao se exprimir assim.

Mr. Cromwell Varley constatou que provavelmente não haveria mais que cem médiuns conhecidos em todo o império e acrescentou que muito poucos dêsses eram bem desenvolvidos. Temos aqui um testemunho conclusivo para o grande trabalho realizado na Inglaterra por D. D. Home, pois a maioria dos conversos o tinha sido através de sua mediunidade. Outra médium que desempenhou um papel importante foi Mrs. Marshall.

Muitas testemunhas falam das sessões convincentes que fizeram em sua casa. Mr. William Howitt, o conhecido escritor, era de opinião que tinha então recebido a consagração de

cêrca de vinte milhões de criaturas em tôda a parte, após um exame pessoal.

O que pode ser chamado a prova para a oposição não foi absolutamente formidável. Lord Lytton disse que em sua experiência os fenômenos constavam de influências materiais, de cuja natureza nós éramos ignorantes; o Doutor Carpenter defendeu a sua tecla da "cerebração inconsciente". O Doutor Kidd pensava que em sua maioria os fenômenos eram subjetivos e três testemunhas, conquanto convencidas da autenticidade dos fatos, os tomavam por ações demoníacas. Essas objeções foram bem respondidas por Mr. Thomas Shoster, autor das "Confessions of a Truth Seeker" (5),

5. "Confissões de um Pesquisador da Verdade". — N. do T.

e secretário do Colégio dos Trabalhadores, numa admirável análise do relatório em The Spiritual Magazine (6).

6. 1872, páginas. 3 a 15.

É digno de nota que, ao ser publicado êsse relatório tão importante quanto ponderado, tivesse sido ridicularizado por uma boa parte da imprensa de Londres. Uma honrosa exceção foi o Spectator.

O noticiarista de The Times considerou-o "nada mais que uma mixórdia de conclusões inconsistentes, adornada por uma porção de monstruosidades sem valor que, para infelicidade nossa, jamais se reuniram para um julgamento."

O Morning Post disse: "O relatório que foi publicado não vale nada."

O Saturday Review esperava que aquêle relatório "desacreditasse um pouco mais uma das mais inequivocamente degradantes superstições que jamais circularam entre gente que raciocina.

O Standard fêz uma crítica sólida, que merece ser lembrada. Objetando à observação dos que não acreditam no Espiritismo, embora digam que "existe algo novo" o jornal observou sábiamente: "Se nisto existe algo além de impostura e imbecilidade, há todo um outro mundo aí".

O Daily News considera o relatório como "uma importante contribuição para a literatura de um assunto que, mais dia menos dia, pelo próprio número de seus adeptos, exigirá mais longa investigação".

O Spectator, depois de descrever o livro como extremamente curioso, acrescenta: "Poucos, entretanto, lerão a massa de provas coligidas nesse volume, mostrando a sólida fé na realidade dos supostos fenômenos espíritas, ocorridos com um bom número de individuos de caráter respeitável e sólido, sem concordar, também, com a opinião de Mr. Jeffrey de que os notáveis fenômenos testemunhados, alguns dos quais não tinham sido inquinados de impostura ou de fraude e o testemunho coletivo de pessoas respeitáveis "justificam a recomendação do assunto a investigações posteriores cautelosas".

São êstes ligeiros extratos de um noticiário mais longo nalguns poucos jornais de Londres — pois houve muitos outros — e, ruins como são, não deixam de indicar que nenhuma mudança de atitude houve por parte da imprensa, que habitualmente ignorava o assunto.

É preciso lembrar que o relatório apenas tratava do aspecto fenomênico do Espiritismo e êste, na opinião dos dirigentes espíritas, constitui, decididamente, o seu lado menos importante. Apenas no relatório de uma subcomissão se registra que, de um modo geral, o tema central das mensagens era que a morte física não passava de trivial assunto retrospectivo, mas que para o Espírito havia um renascimento em novas experiências de existências, que a vida do Espírito era, sob todos os pontos, humana; que as relações amigáveis eram tão comuns e agradáveis quanto em vida; que, não obstante os Espíritos demonstrassem grande interêsse pelas coisas mundanas, não desejavam retornar à anterior condição de vida; que a comunicação com os amigos da Terra era agradável e desejada pelos Espíritos, devendo ser por aquêles tomada como uma prova da continuidade da vida, a despeito da dissolução do corpo, e que os Espíritos não pretendiam ter o poder seguro de profetizar. Eis os principais pontos das informações recebidas.

No futuro será reconhecido, de um modo geral, que em seus dias e naquela geração, a Comissão da Sociedade Dialética realizou um trabalho excelente. A grande maioria de seus membros se opunha às alegações psíquicas, mas, em face da evidência, com poucas exceções, tais como o Doutor Edmunds, êstes reforçaram o testemunho dos sentidos. Houve poucos exemplos de intolerância, como a infeliz declaração de Huxley e a de Charles Bradlaugh de que nem mesmo examinaria certas coisas, porque se situavam na região do

impossível; mas, em conjunto, o trabalho das subcomissões foi excelente.

No relatório da Comissão da Sociedade Dialética há um longo artigo do Doutor Edmunds, adversário do Espiritismo, e das constatações dos colegas. Merece leitura, como típico de uma certa classe de mentalidade. O digno doutor, imaginando-se imparcial, étão absolutamente prevenido que jamais pôde entrar em sua cachola a concebível possibilidade de que os fenômenos fôssem supra-normais. Quando assiste a um dêles com os próprios olhos, pergunta: "Como foi o truque?" Se não consegue responder àpergunta, não o considera digno de qualquer outra explicação, e apenas registra que não lhe foi possível descobrir o truque. Assim seu testemunho, que é perfeitamente honesto em relação ao fato, registra que algumas flôres e frutas ainda úmidas, caíram sôbre a mesa — fenômeno de transporte, tantas vêzes verificado com Mrs. Gupáginasy. O único comentário do doutor é que elas devem ter sido tiradas do aparador, embora se possa imaginar que uma cesta de frutas sôbre o aparador deveria ter chamado a atenção e êle não se arrisque a dizer que tinha visto tal objeto. De novo foi fechado na cabine com Davenport e admite que êste nada podia fazer, mas, em todo caso, deve haver um truque de mágica. Então, quando verifica que os médiuns que percebem que a sua atitude mental é de irremediável recusa de examinar novamente o caso, toma a observação como um reconhecimento de culpa. Há um certo tipo de mentalidade científica que é muito aguda dentro de sua especialidade; mas, fora dela, é a coisa mais maluca e ilógica do mundo.

Para a Comissão Seybert, que estudaremos agora, foi uma infelicidade ter sido composta inteiramente de gente tal, com a exceção de um espírita, um certo Mr. Hazard, que fôra convocado por êles e que tinha pouca possibilidade de influenciar a sua atmosfera geral de obstrução. As circunstâncias em que foi nomeada a Comissão foram as seguintes: um tal Henry Seybert, cidadão de Filadélfia havia deixado a soma de sessenta mil dólares com o objetivo de ser criada uma Cadeira de Filosofia na Universidade de Pensilvânia, com a condição que a mesma Universidade nomeasse uma comissão para fazer uma completa e imparcial investigação sôbre todos os sistemas morais, religiosos ou filosóficos que pretendem representar a verdade e, particularmente, o Espiritismo". O pessoal da comissão escolhida é indiferente, não obstante ser intimamente ligado à Universidade, ao Doutor Pepáginaser,

deão da Universidade, como presidente honorário, ao Doutor Furnnes, como presidente efetivo e ao Professor Fullerton, como secretário. A respeito de que o dever da Comissão era "fazer uma completa e imparcial investigação" do moderno Espiritismo, o relatório preliminar diz friamente:

"A Comissão é com posta de homens cujos dias já se acham cheios de obrigações, que não podem ser postas de lado e que assim, apenas podem dedicar uma pequena parte de seu tempo a essas investigações".

O fato de estarem os membros satisfeitos de principiar com essa restrição, mostra quão pouco entendiam a natureza do trabalho que defrontavam. Em tais circunstâncias o fracasso era inevitável. As reuniões começaram em março de 1884 e um relatório preliminar, ou coisa que o valha, foi publicado em 1887. Pelo que se viu o relatório ficou sendo final, por isso que, reimpresso em 1920, nada lhe foi acrescentado, a não ser um prefácio incolor em três períodos, por um descendente do primeiro presidente. O motivo central dêsse relatório é que a fraude de um lado e a credulidade do outro constituem tudo no Espiritismo e que realmente nada havia de sério que merecesse referência. O documento merece uma leitura completa por todo estudioso de psiquismo. A impressão que fica na mente éque os vários membros da Comissão se achavam em seus campos limitados, esforçando-se honestamente para apreender os fatos, mas que as suas mentes, como a do Doutor Edmunds, eram formadas de tal modo que quando, a despeito de sua atitude repelente e impossível, algum acontecimento psíquico tentava romper as suas barreiras, nem por um instante consideravam a possibilidade de que fôsse genuíno, mas simplesmente passavam adiante como se não existisse. Assim, com Mrs. Fox-Kane obtiveram acentuadissimas batidas mas se satisfazem com a suposição, milhares de vêzes desmentida, de que viessem de dentro de seu próprio corpo e passaram sem comentários sôbre o fato de que por seu intermédio receberam longas mensagens, escritas rapidamente pelo avêsso, de modo que só podiam ser lidas através do espelho. Essa escrita rapidíssima, continha um latim abstruso, uma sentença que aparentemente estava muito acima da capacidade do médium. Tudo isto ou foi ignorado ou ficou sem explicação.

Novamente, observando Mrs. Lord, a Comissão obteve a Voz Direta e luzes fosforescentes, depois de ter examinado a médium. Temos informações de que a médium produziu "um

quase contínuo bater de palmas", além de que, pessoas mais afastadas parecem ter sido tocadas. O preconceito que presidiu o inquérito pode ser caracterizado pela observação do presidente efetivo W. M. Kewler, que era tido como um fotógrafo de Espíritos, pois "não ficaria satisfeito senão com um querubim em minha cabeça, um em cada membro e um anjo batendo asas na minha frente..." Um Espírita ficaria muito surpreendido se realmente um investigador de maneiras tão frívolas conseguisse resultados. Em tudo, a explicação de que o médium produzia alguma coisa como um mágico. Nunca, por um momento sequer êles admitiram que a simpatia e o consentimento de agentes invisíveis pudesse ser essencial — agentes que se podem curvar ante mentes simples, encolher-se ou fazer o jôgo de quem sabe se divertir.

Enquanto houve alguns resultados que podem ser genuínos, mas que são postos de lado no relatório, houve alguns episódios penosos para os espíritas, mas que nem por isso podem ser esquecidos. A Comissão descobriu fraudes óbvias no caso da médium da lousa, Mrs. Patterson e é impossível negar que o caso de Slade seja substancial. Os últimos dias dêsse médium foram certamente sombrios e as fôrças que outrora tinham sido tão notáveis devem ter sido substituidas pelos truques. O Doutor Eurness chega mesmo a asseverar que êsses truques eram admitidos, mas a anedota, como é dada no relatório, antes sugere uma leviandade da parte do médium. Que o Doutor Slade pudesse divertir-se com o Doutor através de sua janela aberta e imediatamente respondesse a uma frase faceta, admitindo que tôda a sua vida tinha sido uma fraude, é absolutamente inacreditável.

Há alguns aspectos nos quais a Comissão — ou pelo menos alguns de seus membros — não procedeu com ingenuidade. Assim, declaram de início que apóiam o seu relatório em seu próprio trabalho e desprezam a massa de material aproveitável. A despeito disso, incorporam um longo relatório adverso, escrito por seu secretário sôbre as declarações de Zöllner, dado no capítulo que trata das experiências de Slade em Leipzig. Ele teve o cuidado de eliminar o fato de que o maior ilusionista da Alemanha, após considerável investigação, deu um atestado de que os fenômenos de Slade não eram truques. Por outro lado, quando o testemunho de um mágico é contra a explicação espírita, como nos comentários de Kellar, esta vem na íntegra, aparentemente sem conhecimento de que no caso de um outro médium, Eglinton, êsse mesmo Kellar havia declarado que os

resultados estavam acima de sua arte.

Na entrada do relatório diz a Comissão: "Sentimo-nos felizes por têr-nos contado, desde o início, com Mr. Thomas R. Hazard, amigo pessoal de Mr. Seybert, como conselheiro, desde que é muito conhecido na região como um espírita convicto". Evidentemente Mr. Hazard conhecia a importância de garantir as condições adequadas e o exato tipo de assistentes para um trabalho experimental como aquêle. Descrevendo uma entrevista com Mr. Seybert, poucos dias antes de sua morte, quando aceitou ser seu representante, diz Mr. Hazard que o fêz apenas "com inteira e clara compreensão de que me fôsse permitido indicar os métodos a seguir na investigação, designar os médiuns que deveriam ser consultados e recusar a presença de pessoas que julgasse em conflito com a harmonia e a boa ordem dos grupos espíritas". Mas êsse representante de Mr. Seybert parece que ficou inteiramente esquecido pela Universidade. Depois de haver a Comissão realizado algumas sessões, Mr. Hazard ficou descontente com alguns de seus membros e com os seus métodos. Encontramo-lo publicando o que se segue em Filadélfia no North American de 18 de maio de 1885, possivelmente depois de vãos contactos com os diretores da Universidade:

"Sem querer atingir, no mínimo que seja, o inatacável caráter moral de cada um dos membros da Faculdade, inclusive a Comissão na estima pública ou no alto padrão social e literário que êles ocupam na sociedade, devo dizer que, com uma estranha convicção, um julgamento vesgo ou uma perversão intelectual as Autoridades da Universidade colocaram na Comissão de Investigação do Espiritismo uma maioria de membros cuja educação, hábitos mentais e preconceitos os inabilitam singularmente para uma investigação completa e imparcial do assunto que as Autoridades Universitárias por uma questão legal e por uma questão de honra, são obrigadas a fazer; que o objetivo foi diminuir, desacreditar e atrair o desprêzo e a animadiversão geral para a causa que eu sei que o finado Henry Seybert tinha no coração e amava acima de qualquer coisa no mundo. As Autoridades dificilmente poderiam escolher instrumentos mais adequados para o seu objetivo, entre os cidadãos de Filadélfia do que os cavalheiros que constituem a maioria da Comissão Seybert. E isto eu repito, não por motivos que lhes afete o padrão moral, social ou literário na sociedade, mas simplesmente devido aos seus

preconceitos contra a causa do Espiritismo."

Posteriormente avisou as Autoridades que deveriam ser excluídos da Comissão os senhores Fullerton, Thompson e Koenig.

Mr. Hazard informou que, numa conferência feita a 3 de março de 1885, no Clube da Universidade de Harvard, o Professor Fullerton havia dito:

"É possível que o meio pelo qual os médiuns contam a vida de uma pessoa seja o processo de transmissão de pensamento, pois cada um que tem noticia dessas coisas vai a um médium pensando exatamente naqueles pontos que o médium aborda.

... Quando alguém tem um resfriado, sente um zumbido nos ouvidos, e um louco, constantemente, ouve sons que jamais ouvira. Então é possível que uma doença mental ou dos ouvidos, ou uma forte emoção, sejam a causa de um grande número de fenômenos espíritas."

Estas palavras foram ditas depois que o Professor tinha servido na Comissão por mais de doze meses.

Mr. Hazard também cita o Doutor George A. Koenig, cujo ponto de vista foi publicado em Philadelphia Press, cêrca de um ano depois de sua nomeação para a Comissão:

"Devo admitir francamente que estou preparado para negar a verdade do Espiritismo, tal qual é agora popularmente entendido. É minha convicção que, sem exceção, todos os chamados médiuns são charlatães. Jamais vi Slade realizar algum de seus truques; mas, pelas descrições publicadas, convenci-me de que é um impostor, e o mais esperto da turma.

Não penso que a Comissão veja com muito agrado o exame dos chamados médiuns espíritas. Os homens mais sábios são capazes de ser enganados. Numa hora um charlatão pode inventar tantos truques que um homem honesto levará um ano para descobri-los.

Mr. Hazard soube, de fonte que considerava segura, que o Professor Robert E. Thompson era responsável por êsse tópico que apareceu em fevereiro de 1880 no Penn's Monthly:

"Ainda que o Espiritismo fôsse tudo quanto pretendem os seus campeões, êle nenhuma importância tem para os que prof essam a fé cristã. A consideração e a discussão do assunto são comprometedoras de suas noções e arrastam a discussões com as quais nada tem que ver um crente cristão."

Temos nestas expressões o meio de julgar como estavam capacitados os membros da Comissão para fazer aquilo que

pedira Mr. Seybert — "uma completa e imparcial" investigação do assunto.

Um periódico espírita americano, o Banner ai Light, comentando o comunicado de Mr. Hazard, escreveu:

"Tanto quanto estamos informados, não se tomou conhecimento do apelo de Mr. Hazard — certamente nenhuma medida, pois os membros citados continuam na Comissão até agora e seus nomes aparecem no relatório preliminar. De fato o Professor Fullerton foi e é ainda o secretário; cento e vinte das cento e cinqüenta páginas do volume que temos sob os nossos olhos são escritos por êle e exibem essa falta excessiva de percepção espiritual e de conhecimento do oculto e, podemos ainda dizer, das leis naturais, o que o levou a informar o auditório de estudantes de Harvard que "quando alguém tem um resfriado sente um zumbido nos ouvidos"; que "um louco constantemente ouve sons que jamais ouvira"; e sugere que os fenômenos espíritas devem proceder de tais causas.

E continua o Banner of Light:

"Consideramos que a falta da Comissão Seybert, desatendendo o conselho de Mr. Hazard, como era de sua inteira obrigação, é a chave do fracasso completo de todos os seus subseqüentes esforços. A insignificância dos resultados fenomênicos, aproximando-se daquele que seria desejável, até por um céptico, e que são registrados nesse livro, certamente é notável. É um relatório do que não foi feito, mais do que daquilo que foi. Nos memorandos dos registros de cada sessão, redigidos pelo Professor Fullerton, está mais do que visto o esforço para realçar tudo quanto uma mentalidade superficial pode considerar como prova de trapaça do médium e subtrair tudo quanto possa tornar evidente a verdade das alegações... É mencionado que, quando certos membros da Comissão se achavam presentes, os fenômenos cessavam. Isto prestigia a correta posição de Mr. Hazard. E não há ninguém que, tendo experiências com médiuns, bastante para que sua opinião seja tida como valiosa, não a endosse. Os Espíritos sabiam com que elementos se iam encontrar; esforçaram-se por afastar aquêles que reduziriam as suas experiências; falharam devido à ignorância, à teimosia e aos preconceitos da Comissão, e as experiências falharam. Assim a Comissão, muito "cônscia de si mesma", decidiu que tudo era fraude."

Referindo-se ao relatório, diz Light (7)

7. 1887, página 391.

aquilo que se precisa dizer agora, tanto quanto em 1887:

"Noticiamos com alguma satisfação, con quanto sem qualquer admiração pelo que possa resultar do prosseguimento de maus métodos de investigação, que a Comissão pretende comtinuar o seu inquérito "com a mente tão sincera e honestamente aberta, como até aqui, para a convicção." Desde que assim é, permitimo-nos oferecer algumas palavras de conselho baseadas numa larga experiência. A investigação dêsses obscuros fenômenos é conduzida com dificuldades e tôda instrução que possa ser dada se deriva de um conhecimento que é, principalmente, empírico. Sabemos, porém, que prolongadas e pacientes experiências com um grupo constituído adequadamente são uma condição sineqüanon. Sabemos que nem tudo depende do médium, mas que o círculo deve ser formado e variado experimentalmente de vez em quando, até que os próprios constituintes sejam garantidos. Não podemos dizer o que sejam êsses elementos na Comissão Seybert. lUes devem descobri-lo por si mesmos. Que estudem a literatura espírita e as variadas características da mediunidade antes de fazerem experiências pessoais. E quando o tiverem Jeito e, talvez, quando tiverem verificado como assim é fácil conduzir um exame dessa natureza, para chegar a resultados negativos, estarão numa posição melhor para devotarem um cuidado paciente e inteligente a um estudo que não pode ser conduzido com proveito de outra maneira.

Não há dúvida de que o relatório da Comissão Seybert atrasou por algum tempo a causa da verdade psíquica. Mas o prejuízo real caiu também sôbre a instituição científica que aquêles cavalheiros representavam. Nos dias atuais, quando o ectoplasma, a base física dos fenômenos psíquicos, foi estabelecido acima de qualquer sombra de dúvida para quem quer que examine os fatos, é demasiado tarde para pretender que nada existe a ser examinado.

Agora rara é a capital que não possui a sua sociedade de Pesquisas Psíquicas — resposta final à conclusão da Comissão de que não há campo para pesquisas. Se a Comissão Seybert tivesse tido o efeito de levar a Universidade de Pensilvânia a encabeçar êsse movimento, inspirando-se na grande tradição do Professor Hare, como seria brilhante a sua posição final!

Como Newton associou Cambridge com a lei da gravitação, assim Pensilvânia ter-se-ia ligado a um maior avanço do conhecimento humano. A vários centros científicos da Europa coube partilhar essa honra.

A restante investigação coletiva é de menor importância, desde que se dedica a um médium particular. Esta foi conduzida pelo Instituto Geral Psicológico, em Paris. Consistiu em três séries de sessões com a famosa Eusapia Palladino, nos anos de 1905, 1906 e 1907, num total de quarenta e três sessões. Não são conhecidas as listas com os nomes de todos os assistentes, nem houve um adequado relatório geral: o único registro é o do secretário. Entre os investigadores incluíam-se figuras distintas, como Charles Richet, o Casal Curie, Bergson, Perrin, o Professor d'Arsonval, do Colégio de França, que era o presidente da Sociedade, o Conde de Grammont, o Professor Charpentier e o Reitor Debierne, de Sorbonne. O resultado obtido não foi desastroso para a médium, desde que o Professor Richet endossou a realidade de sua fôrça psíquica, mas os pequenos desuses de Eusapia são registrados no subseqüente relato de sua carreira e bem podemos imaginar o efeito desconcertante que teriam tido sôbre aquêles para quem essas coisas eram novidade.

Está incluída no relatório uma espécie de conversa entre os assistentes, na qual falam do assunto, muitos porém de maneira nebulosa e imprópria para mentes disciplinadas. Não se pode alegar que qualquer luz nova tivesse sido derramada sôbre a médium ou que qualquer novo argumento tivesse sido aduzido, quer pelos cépticos, quer pelos crentes. Entretanto o Doutor Geley, que se aprofundou tanto quanto quem mais o fêz no psiquismo, proclama que "as experiências" — e não o relatório — constituem valiosa contribuição para o assunto (8).

8. L'Ectoplasmie et la Clairvoyance" 1924, página 402.

Baseia-se êle no fato que os resultados verificados, por vêzes, confirmam notàvelmente os obtidos em seu próprio Instituto Metapsíquico, com Kluski, Guzik e outros médiuns. As diferenças, diz êle, são de detalhes: nunca essenciais, O contrôle das mãos foi o mesmo em ambos os casos, onde ambas as mãos eram prêsas. Isto foi mais fácil no caso dos últimos médiuns, especialmente com Kluski em transe, enquanto Eusapia era geralmente muito irrequieta. Parece que o meio têrmo era a condição característica de Eusapia e o que

foi observado pelo autor no caso do Frau Silbert, Evan Powell e outros médiuns, onde a personalidade parece normal, e ainda peculiarmente susceptível de sugestão ou outras impressões mentais. A suspeita de fraude pode ser levantada muito facilmente em tais condições, porque o desejo geral da parte da assistência de que aconteça alguma coisa reage fortemente sobre a mente do médium, que no momento não raciocina. Um amador que tinha alguma fôrça psíquica garantiu ao autor que necessita de considerável inibição para manter tais impulsos latentes e aguardar de fora a verdadeira fôrça. Nesse relatório lemos: "Estando controladas as mãos, os joelhos e os pés de Eusápia, a mesa ergueu-se subitamente, pelos quatro pés, que ficaram acima do chão. Eusapia cerra os punhos e os apóia na mesa, que então se ergue completamente do chão, cinco vêzes seguidas, ao mesmo tempo que eram dadas cinco batidas. É de novo levantada completamente, enquanto cada uma das mãos de Eusapia se apóia na cabeça de um assistente. É levantada de cêrca de trinta centímetros do solo e suspensa no ar durante sete segundos, enquanto mantém a mão sôbre a mesa e uma vela acesa é colocada debaixo", e assim por diante, com provas mais conclusivas com a mesa e outros fenômenos.

A timidez do relatório foi satirizada pelo grande espírita francês Gabriel Delanne. Disse êle:

"O relatório insiste em dizer "parece" e "dá a impressão", de um homem que não está seguro daquilo que descreve. Os que realizaram quarenta e três sessões, com bons olhos e aparelhos de verificação devem ter uma opinião firmada — ou, pelo menos, ser capazes de dizer, se consideram determinado fenômeno como fraudulento; que numa determinada sessão tinham visto o médium em ato de fraude. Mas não há nada disso. O leitor é deixado na incerteza — uma vaga suspeita pairando sôbre tudo, muito embora sem qualquer base séria.

Comentando isto, diz Light (9):

9. 1909, página 356.

"Mostra Delanne, pelos resumos do próprio Relatório, que algumas experiências tiveram êxito, ainda quando as maiores precauções foram tomadas, tais como usar lâmpada escura para verificar-se realmente Eusapia tocara os objetos que se moviam.

Deliberadamente o Relatório ainda desconta essas observações diretas e positivas, com exemplos de casos

“ocorridos em outras ocasiões e outros lugares”, nos quais “se dizia” ou se pensava” que Eusapia tivesse indevidamente influenciado o fenômeno.

“O relatório Courtier provará cada vez mais ser aquilo que já dissemos ser — “um monumento de inépcia” e a realidade dos fenómenos de Eusapia não pode honestamente ser posta em dúvida por frases sem sentido, con as quais o relatório foi enfeitado com liberalidade.”

Aquilo que pode ser chamado uma investigação coletiva de um médium, foi empreendido nos anos de 1923 a 1925, com Mrs. Crandon, senhora de um médico de Boston, por uma comissão escolhida pelo Scientific Ámerican e depois por uma pequena comissão de homens de Harvard, tendo como chefe o conhecido astrônomo Doutor Shapley. A controvérsia sôbre êste inquérito ainda ruge e o assunto foi referido no capítulo que trata dos grandes médiuns modernos. Em resumo, pode dizer-se que dos investigadores do Scientif ia American, o secretário, Mr. Malcolm Bird e o Doutor Hereward Carrington proclamaram a sua completa conversão, Os outros fizeram declarações imprecisas, que envolvem a humilhante confissão de que, após numerosas sessões, feitas sob suas próprias condições e em presença de constantes fenômenos, não poderiam dizer se tinham sido enganados ou não.

O defeito da comissão era não contar com um espírita experimentado e familiar com as condições psíquicas. O Doutor Prince era muito surdo, enquanto o Doutor McDougall estava numa situação em que tôda a sua carreira acadêmica se achava ameaçada pela aceitação de uma explicação impopular. A mesma observação se aplica à comissão do Doutor Shapley, tôda composta de rebentos científicos. Sem imputar consciente desonestidade mental, há uma saída subconsciente em busca da segurança. Lendo o relatório dêsses cavalheiros, com sua concordância com tôdas as sessões e seus resultados, e seu veredicto final de fraude, não é possível descobrir nenhum caminho normal para que tivessem chegado às suas conclusões.

Por outro lado, o endôsso da mediunidade por gente que não tinha razões pessoais para extrema precaução era freqüente e entusiástico. O Doutor Mark Richardson, de Boston, referiu que tinha estado em mais de trezentas sessões e não tinha a menor dúvida quanto aos resultados.

O autor viu numerosas fotografias do fluxo ectoplásmico de “Margery” e, comparando-as com fotografias semelhantes,

tiradas na Europa, não hesita em dizer que são inquestionavelmente genuínas, e que o futuro justificará o médium contra os seus críticos insensatos.

15
A Carreira de Eusapia Palladino

A MEDIUNIDADE de Eusapia Palladino marca um estágio importante na história da pesquisa psíquica, porque foi ela a primeira dos médiuns de fenômenos físicos a ser examinada por um grande número de homens de ciência. As principais manifestações que ocorreram com ela consistiam no movimento de objetos sem contacto, a levitação de uma mesa e outros objetos, a levitação do médium, o aparecimento de mãos materializadas, de rostos, de luzes, além da execução de músicas em instrumentos, mas sem contacto humano.

Todos êsses fenômenos ocorreram, como vimos, muito anteriormente com o médium D. D. Home, mas quando Sir William Crookes convidou seus colegas para que viessem examiná-lo, êles declinaram do convite. Agora, pela primeira vez êsses fatos estranhos eram submetidos a prolongada investigação por homens de reputação na Europa. Desnecessário é dizer que êsses experimentadores inicialmente eram cépticos no mais alto grau e os chamados testes — freqüentemente mesquinhas precauções que comprometem o objetivo visado — estavam na ordem do dia. Nenhum médium em todo o mundo foi mais duramente examinado do que essa mulher e, desde que foi capaz de convencer a grande maioria dos assistentes, é claro que a sua mediunidade não era do tipo comum. Desnecessário dizer que nenhum pesquisador deveria ser admitido à sala das sessões sem, pelo menos, um conhecimento elementar das complexidades da mediunidade e das corretas condições para a sua manifestação ou sem, por exemplo, uma compreensão da verdade básica que não é o médium só, mas igualmente os assistentes, que são fatôres no êxito da experiência. Nem um só homem de ciência em mil reconhece isto; e o fato de ter Eusapia triunfado a despeito dessa tremenda desvantagem, éum eloqüente tributo à sua fôrça.

A carreira mediúnica dessa napolitana humilde e iletrada, de tão grande interêsse e de extrema importância quanto aos resultados, ainda oferece outro exemplo da humildade empregada como instrumento para esmagar os sofismas dos sábios. Eusapia nasceu a 21 de janeiro de 1854 e morreu em 1918. Sua mediunidade começou a manifestar-se quando tinha cêrca de catorze anos. A mãe morrera quando ela nasceu e o pai quando ela estava com doze anos. Em casa de amigos, com

quem foi morar, persuadiram-na a que se sentasse à mesa com outras pessoas. No fim de dez minutos a mesa foi levitada, as cadeiras começaram a dançar, as cortinas da sala a ser puchadas, os copos e garrafas a se moverem. Cada assistente foi examinado por sua vez, para se descobrir quem era responsável pelos movimentos; no fim constatou-se que Eusapia era o médium. Ela não tomou interêsse nas experiências e só consentiu em fazer novas sessões para agradar aos hóspedes e evitar ser mandada para um convento. Só aos vinte e dois ou vinte e três anos é que começou a sua educação espírita e então, de acôrdo com Flammarion, foi dirigida por um ardoroso espírita, Signor Damiam.

Em conexão com êsse período Eusapia relata um incidente interessante. Em Nápoles uma senhora inglêsa que se havia casado com o Senhor Damiani foi aconselhada nossa sessão, por um Espírito que dava o nome de John King, a procurar uma senhora chamada Eusapia, num determinado enderêço. Disse que se tratava de uma poderosa médium, através da qual êle pretendia manifestar-se. A Senhora Damiani foi ao enderêço marcado e encontrou Eusapia Palladino, de quem jamais ouvira falar. As duas senhoras fizeram uma sessão e John King controlou a médium, de quem passou, daí em diante, a ser o guia.

Sua primeira apresentação ao mundo científico europeu foi através do Professor Chiaia, de Nápoles, que em 1888 publicou num jornal de Roma uma carta ao Professor Lombroso, dando detalhes de suas experiências e convidando êsse célebre alienista a fazer investigações diretas com a médium. Só em 1891 Lombroso aceitou o convite e em fevereiro daquele ano fêz duas sessões com Eusapia, em Nápoles. Converteu-se e escreveu:

"Estou cheio de confusão e lamento haver combatido com tanta persisténcia a possibilidade dos fatos chamados espíritas". Sua conversão levou muitos cientistas importantes da Europa a investigar e daí em diante a Senhora Palladino estêve ocupada durante muitos anos em sessões experimentais.

As sessões de Lombroso em Nápoles em 1891, foram seguidas pela Comissão de Milão em 1892, que contava com o Professor Schiaparelli, Diretor do Observatório de Milão, o Professor Gerosa, Catedrático de Física, Ermacora, Doutor em Filosofia Natural, Aksakoff, Conselheiro de Estado do Tzar da Rússia, Charles du Prel, Doutor em Filosofia de Munique, e o

Professor Charles Richet, da Universidade de Paris. Foram realizadas dezesseis sessões.

Depois veio a investigação em Nápoles, em 1893; em Roma, entre 1893 e 1894; em Varsóvia e na França em 1894 esta última sob a direção do Professor Richet, de Sir Oliver Lodge, de Mr. F. W. H. Myers e do Doutor Ochorowicz; em 1895, em Nápoles; e no mesmo ano na Inglaterra, em Cambridge, em casa de Mr. F. W. H. Myers, em presença do Professor e de Mrs. Sidgwick, de Sir Oliver Lodge e do Doutor Richard Hodgson. Foram continuadas em 1895, na França, em casa do Coronel de Rochas; em 1896 em Tremezzo, em Auteuil e em Choisy Yvrac; em 1897 em Nápoles, Roma, Paris, Montfort e em Bordéus; em Paris, em novembro de 1898, em presença de uma comissão de cientistas, composta dos senhores Flammarion, Charles Richet, A. de Rochas, Victorien Sardou, Jules Claretie, Adolphe Bisson, G. Delanne, G. de Fontenay e outros, também em 1901 no Clube Minerva, de Genebra, em presença dos Professores Porro, Morselli, Bozzano, Venzano, Lombroso, Vassalo e outros. Houve muitas outras sessões experimentais com homens de ciência, tanto da Europa quanto da América.

Em sua carta ao Professor Lombroso, já referida, o Professor Chiaia fêz uma vívida descrição dos fenômenos que ocorriam com Eusapia. Convidou-o a observar um caso especial, que considera digno de atenção da mente de Lombroso, e continua:

"Refiro-me ao caso de uma mulher inválida, da mais humilde camada social. Tem cêrca de trinta anos e é muito ignorante; seu olhar nem é fascinante nem dotado daquele poder que os modernos criminalistas chamam irresistível. Mas quando ela quer, seja dia ou noite, pode divertir um grupo durante uma hora ou mais, com os mais curiosos fenômenos. Tanto amarrada a uma cadeira, quanto segura pelas mãos pelos assistentes, atrai a si móveis e objetos que a cercam, levanta-os, mantendo-os suspensos no ar, como o féretro de Maomé, e fá-los descer novamente com um movimento ondulatório, como se obedecessem à sua vontade. Aumenta ou diminui à vontade o seu pêso. Ouvem-se arranhaduras e batidas nas paredes, no teto, no soalho, com muito ritmo e cadência. Em resposta a perguntas dos assistentes, algo como jatos de eletricidade emana de seu corpo e a envolve ou aos espectadores dessas cenas maravilhosas. Desenha sôbre cartões que os outros seguram, aquilo que se deseja —figuras, assinaturas, números, sentenças — apenas estirando a mão na

direção indicada.

Se se colocar num canto da sala uma bacia contendo uma camada fina de cal, no fim de algum tempo aí se encontra a impressão de uma pequena ou de uma grande mão, um rosto, de frente ou de perfil, do qual se poderia tirar um molde. Assim têm sido conservados retratos tirados de vários ângulos e os que desejam podem assim fazer sérios estudos.

Essa mulher ergue-se no ar, sejam quais forem as amarras que a sustenham. Parece librar-se no ar como se sôbre um colchão, contrariando tôdas as leis da gravidade. Toca instrumentos de música — órgãos, sinos, tamborins — como se êles tivessem sido tocados por suas mãos ou movidos pelo sôpro de invisíveis gnomos... Essa mulher por vêzes aumenta a sua estatura de mais de dez centímetros."

Como vimos, o Professor Lombroso interessou-se bastante por essa descrição e investigou. O resultado foi que se converteu. A Comissão de Milão, que foi a seguinte a experimentar, em 1892, assim diz em seu relatório:

"É impossível dizer o número de vêzes que uma mão apareceu e foi tocada por um de nós. Basta dizer que a dúvida já não era possível. Realmente era uma mão viva que víamos e tocávamos, enquanto, ao mesmo tempo, o busto e os braços do médium estavam visíveis e suas mãos eram seguras pelos que se achavam ao seu lado."

Muitos fenômenos ocorreram à luz de duas velas ou lâmpadas de óleo e as mesmas ocorrências foram testemunhadas em plena luz, quando o médium estava em transe. O Doutor Ochorowicz persuadiu Eusapia a visitar Varsóvia em 1894 e as experiências aí foram feitas em presença de homens e senhoras eminentes nos círculos científicos e filosóficos. O relato dessas sessões diz que levitações parciais e completas da mesa e muitos outros fenômenos físicos foram conseguidos. Essas levitações se deram quando os pés do médium eram vistos à luz ou quando eram amarrados e seguros por um assistente ajoelhado debaixo da mesa.

Depois das sessões em casa do Professor Richet, em 1894, na Ilha de Roubaud, fazendo um relatório à Sociedade de Pesquisas da Inglaterra, disse Sir Oliver Lodge:

"Conquanto os fatos devam ser explicados, sou forçado a admitir a sua possibilidade.

Em minha mente não há mais lugar para dúvidas. Qualquer pessoa sem invencível preconceito que tenha tido a mesma experiência terá chegado à mesma larga conclusão, isto é, que

atualmente acontecem coisas consideradas impossíveis... O resultado de minha experiência é convencer-me de que certos fenômenos geralmente considerados anormais, pertencem à ordem natural e, como um corolário disto, que êsses fenômenos devem ser investigados e verificados por pessoas e sociedades interessadas no conhecimento da natureza (1).

1. Journal SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH Volume 6º - Novembro de 1894. páginas 334 e 360.

Na sessão em que Sir Oliver Lodge leu o seu relatório, Sir William Crookes chamou a atenção para a semelhança entre os fenômenos que ocorriam com Eusapia e os que se davam em presença de D. D. Home.

O relatório de Sir Oliver Lodge foi combatido pelo Doutor Richard Hodgson, então ausente nos Estados Unidos, e, como conseqüência, Eusapia Palladino e o Doutor Hodgson foram convidados para uma série de sessões na Inglaterra, em Cambridge, as quais se realizaram em agôsto e setembro de 1895, em casa de Mr. F. W. II. Myers. Essas "Experiências de Cambridge", como foram chamadas, na sua maioria foram mal sucedidas e alegou-se que a médium foi seguidamente pilhada em fraude. Escreveu-se muito pró e contra, na acesa controvérsia que se seguiu. Basta dizer que observadores competentes recusaram êsse veredicto contra Eusapia, e condenaram formalmente os métodos empregados em Cambridge pelo grupo de experimentadores.

É interessante lembrar que um repórter americano, por ocasião da visita de Eusapia aos Estados Unidos em 1910, lhe perguntou à queima-roupa se alguma vez havia sido surpreendida em fraude. Eusapia respondeu francamente: "Muitas vêzes dizem-me que sim. O senhor vê, é assim. Alguns dos que estão à mesa esperam truques; na verdade os desejam.

Eu estou em transe. Nada acontece. Eles ficam impacientes; pensam em truques, e eu — Eu — automàticamente respondo. Mas não é freqüente. Apenas querem que eu os pratique. Eis tudo". Isso parece uma engenhosa adaptação de uma defesa, que Eusapia ouviu outros fazerem a favor dela. Ao mesmo tempo há nisso, inquestionàvelmente, um elemento de verdade, que é o aspecto psicológico da mediunidade ainda pouco compreendido.

Em relação ao caso podem ainda fazer-se duas observações

importantes. Primeiro, como bem indicou o Doutor Hereward Carrington, várias experiências conduzidas com o fito de repetir os fenômenos por meios fraudulentos resultaram em completo fracasso em quase todos os casos. Em segundo lugar, ao que parece, os assistentes das sessões de Cambridge eram completamente ignorantes da existência e do modo de agir daquilo que pode ser chamado de "alavanca ectoplásmica", fenômeno observado no caso de Slade e de outros médiuns. Diz Carrington:

"Tôdas as objeções de Mrs. Sidgwick podem ser resolvidas se admitirmos, em certas ocasiões, um terceiro braço, que produz êsses fenômenos e que se recolhe ao seu próprio corpo quando êsses se realizaram". Agora, por mais estranho que pareça, é justamente essa a conclusão a que conduzem abundantes indicações. Já em 1884 Sir Oliver Lodge viu aquilo que descreve como uma aparência de membros extra", em continuação do corpo de Eusapia ou muito junto a êste. Com essa segurança que muitas vêzes a ignorância se permite, o comentário editorial no Jornal da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, no qual foi publicado o relato de Sir Oliver, diz: "É absolutamente necessário observar que a continuidade dos membros do "Espírito" com o corpo do médium é, prima facie, uma circunstância altamente sugestiva de fraude".

Mas, posteriores cientistas investigadores confirmam amplamente a suposição de Sir Oliver Lodge. Declara o Professor Botazzi:

"De outra feita, mais tarde, a mesma mão se colocou sôbre o meu antebraço direito, sem fazer pressão. Nessa ocasião não só levei a mão esquerda para o lugar, como olhei, de modo que podia ver e sentir ao mesmo tempo: e vi uma mão humana, de côr natural, e com os meus dedos senti os dedos e as costas de uma mão tépida nervosa e áspera. A mão se dissolveu — eu vi com os próprios olhos — retraindo-se como se para dentro do corpo da senhora Palladino, descrevendo uma curva. Confesso que tive dúvidas se a mão esquerda da senhora Palladino se tinha libertado da minha direita, para alcançar o meu ante braço, mas no mesmo instante fui capaz de provar a mim mesmo que essa dúvida não tinha fundamento, porque nossas duas mãos permaneciam em contacto, como de costume. Se todos os fenômenos observados nessas sete sessões desaparecessem da minha memória, eu jamais esqueceria êste."

Em 1907 o Professor Galeotti viu aquilo a que chamou o

duplo do braço esquerdo do médium. E exclamou: "Olhem! eu vejo dois braços esquerdos, de idêntica aparência! Um está sôbre a mesinha e é tocado pelo senhor Bottazzi e o outro parece que sai de seu ombro — para se aproximar dela, tocá-la e voltar a fundir-se novamente em seu corpo. Isto não é uma alucinação". Numa sessão em julho de 1905, em casa do senhor Berisso, quando as mãos de Eusapia eram inteiramente controladas e visíveis a todos, o Doutor Venzano e outros presentes "viram distintamente uma mão e um antebraço, coberto por uma manga escura que saia da frente e da parte superior do ombro direito da médium". Um testemunho muito semelhante poderia ser dado.

Como contribuição para o estudo das complexidades da mediunidade, principalmente de Eusapia, o caso seguinte merece séria atenção. Numa sessão com o Professor Morselli, Eusapia tinha sido apanhada libertando-se da mão do professor e tentando apanhar uma cameta que se achava sõbre a mesa. Foi obstada de o fazer. Então, diz o relatório:

"Neste momento, quando certamente mais rigoroso era o contrôle, a cameta foi erguida da mesa e desapareceu dentro da cabine, passando entre a médium e o Doutor Morselli. Evidentemente a médium tinha tentado fazer com a mão o que a seguir fêz mediunicamente. Um esfôrço tão fútil e tão inútil para fraudar é inexplicável. Não há dúvidas a respeito; desta vez a médium não tocou, nem podia tocar na cameta; e, mesmo que a tivesse alcançado, não a teria levado para a cabine, que fica às suas costas."

Deve ser lembrado que o canto da sala tinha uma cortina, que formava a chamada cabine, isto é, um recinto fechado para reunir fôrça, e que Eusapia, ao contrário dos outros médiuns, sentava-se do lado de fora, a cêrca de trinta centímetros, ficando a cortina as suas costas.

Em 1895, a Sociedade de Pesquisas Psíquicas tinha decidido que todos os fenômenos de Eusapia eram fraudulentos e não queria mais contacto com ela. Mas no continente europeu grupo após grupo de cientistas investigadores, tomando as mais rigorosas precauções, atestaram os dons de Eusapia. Então em 1908 a Sociedade de Pesquisas Psíquicas decidiu examinar a médium mais uma vez. Nomeou três de seus cépticos mais capacitados. Um dêles, Mr. W. W. Baggally, membro do Conselho, tinha investigado os fenômenos psíquicos por mais de trinta e cinco anos e, durante êsse tempo — com exceção, talvez, de uns poucos incidentes numa

sessão com Eusapia, poucos anos antes — jamais havia testemunhado um único fenômeno físico legítimo. "Em tôdas as suas investigações sempre tinha verificado fraudes e nada mais que fraudes". Ainda mais, era um hábil ilusionista. Mr. Everard Fielding, secretário honorário da Sociedade, tinha feito investigações por alguns anos, mas "durante todo êsse tempo jamais tinha visto um fenômeno físico que lhe parecesse conclusivamente provado" a não ser, talvez, um caso em sessão com Eusapia. O Doutor Hereward Carrington, o terceiro nomeado, conquanto tivesse assistido a inúmeras sessões, podia dizer que até assistir a uma sessão com Eusapia, "jamais tinha visto uma única manifestação de ordem física que pudesse considerar autêntica".

À primeira vista êsse registro dos três investigadores parece esmagador para o que pensavam os Espíritas. Mas nas investigações de Eusapia Palladino êsse trio de cépticos teve o seu Waterloo. A história completa de sua longa e paciente pesquisa desse médium em Nápoles encontra-se no livro do Doutor Hereward Carrington "Eusapia Palladino and Her Phenomena" (1909) (2).

2. Eusapia Palladino e os seus Fenômenos (1909). — N. do T.

Como prova da cuidadosa investigação dos cientistas do continente, devemos lembrar que o Professor Morselli observou nada menos que trinta e nove tipos diversos de fenômenos que se passavam com Eusapia Palladino.

Os incidentes que se seguem devem ser lembrados porque bem podem ser classificados sob o título de "Provas malucas". De uma sessão em Roma, em 1894, em presença do Professor Richet, do Doutor Schrenck Notzing, do Professor Lombroso e de outros, o relatório diz o seguinte:

"Esperando obter o movimento de um objeto sem contacto, colocamos um pedacinho de papel dobrado em forma de "A" sob um copo em cima de um disco de papelão fino... Nada se tendo verificado, não quisemos fatigar a médium e deixamos as coisas em cima de uma grande mesa. Então tomamos os nossos lugares em redor da mesinha, depois de havermos fechado cuidadosamente tôdas as portas, cujas chaves pedimos aos convidados que guardassem nos bolsos, para que não nos acusassem de não havermos tomado tôdas as precauções.

A luz foi apagada. Logo ouvimos soar o copo sôbre a nossa

mesa e, tendo acendido uma luz, encontramo-lo em nosso meio e na mesma posição, emborcado e cobrindo o pedacinho de papel. Só que o papelão estava faltando. Em vão o procuramos. Terminada a sessão conduzi os convidados mais uma vez para a antecâmara. O Senhor Richet foi o primeiro a abrir a porta, bem aferrolhada por dentro. Qual não foi a sua surprêsa quando percebeu, perto da soleira da porta e do outro lado, na caixa da escada, o disco que tanto procuráramos! Apanhou-o e todos reconheceram o papelão que fôra pôsto debaixo do copo."

Uma forte prova digna de registro é a de que o Senhor de Fontenay fotografou várias mãos que apareciam sôbre a cabeça de Eusapia e numa das fotografias as mãos da médium aparecem bem seguras pelos investigadores. Essas fotografias são reproduzidas nos "Annais of Psychical Science", de abril de 1908, página 181 e seguintes.

Na sexta e última sessão dessa série em Gênova, com o Professor Morselli, em 1906 e 1907, foi obtida uma prova decisiva. A médium estava amarrada no divã com uma larga faixa, como as camisas de fôrça usadas nos asilos. Morselli, com a experiência de um alienista, realizou a operação e ainda amarrou-lhe os punhos e os tornozelos. Depois foi acêsa uma lâmpada vermelha de dez velas. A mesa, que estava livre de qualquer contacto, movia-se de vez em quando, foram vistas pequenas luzes e uma mão. Num dado momento, abriu-se uma cortina em frente à cabine, deixando ver a médium estirada e bem amarrada. Diz o relatório: "Os fenômenos eram inexplicáveis, de vez que, dada a sua posição, qualquer movimento era impossível.

Em conclusão, aqui estão os relatos de dois casos, entre muitos, de materializações convincentes. O primeiro é descrito pelo Doutor Joseph Venzano, nos "Annais of Psychical Science", volume 6º, página 164, de setembro de 1907. Havia a luz de uma vela, que permitia se visse a figura da médium:

"A despeito da pouca luz, eu podia ver distintamente a Senhora Palladino e meus companheiros. De súbito, percebi que detrás de mim havia uma forma, bastante alta, que estava inclinando a cabeça sôbre o meu ombro esquerdo e soluçando violentamente, tanto que os presentes ouviam os soluços: beijava-me repetídas vêzes. Percebi claramente os traços fisionómicos, que me tocavam o rosto e senti os seus cabelos finos e abundantes em contacto com a minha face esquerda, de modo que eu tinha certeza que era uma mulher.

Então a mesa começou a mover-se e pela tiptologia deu o nome de uma ligação de família, de todos desconhecida, exceto por mim. Tinha morrido algum tempo antes e, devido a uma incompatibilidade temperamental houve sérios desacordos com ela. Eu estava tão longe de esperar essa resposta tiptológica que a princípio pensei que fôsse mera coincidência de nome; mas enquanto mentalmente eu fazia tal reflexão, senti uma bôca, com o sôpro quente, tocar-me a orelha esquerda e sussurrar, em voz baixa, em dialeto genovês, uma porção de frases que os assistentes podiam ouvir. Essas sentenças foram interrompidas por um soluço e o tema era, repetidamente, o pedido de perdão de injúrias feitas a mim, com uma riqueza de detalhes ligados a assuntos familiares que só poderiam ser conhecidos da pessoa em questão. O fenômeno parecia tão real que me vi obrigado a responder aos pedidos de desculpas com frases afetuosas e, por meu turno, pedir perdão se qualquer ressentimento pelos mal-entendidos tinham sido excessivos. Mal eu tinha pronunciado as primeiras sílabas e duas mãos, com excessiva delicadeza, se aplicaram sôbre os meus lábios, evitando que eu continuasse. Então a forma me disse obrigado, abraçou-me, beijou-me e desapareceu."

Com outros médiuns têm havido melhores materializações do que esta e com melhor luz; mas no caso havia uma prova interior e mental de identidade.

O último exemplo que daremos ocorreu em Paris, em 1898, numa sessão em que se achava presente Flammarion, quando o Senhor Le Bocain se dirigiu em árabe a um Espírito materializado e disse: Rosália, se és tu que te encontras entre nós, puxa-me três vêzes o cabelo na parte posterior da cabeça". Cêrca de dez minutos depois e quando o Senhor Le Bocain quase havia esquecido o pedido, sentiu que lhe puxavam o cabelo três vêzes, exatamente como havia pedido. E disse: "Certifico êste fato que, além disso, constituiu para mim a mais convincente prova da presença de um Espírito familiar junto a mim". E acrescenta que é desnecessário dizer que Eusapia não sabe árabe.

Os adversários e uma parte dos pesquisadores de psiquismo acham que os fenômenos que ocorrem numa sessão têm pouco valor probante, porque os observadores comuns não conhecem os recursos dos mágicos. Em 1910, em New York, o Doutor Hereward Carrington levou a uma sessão de Eusapia Mr. Howard Thurston, que descreve como o mais notável

mágico da América. Mr. Thurston que, com o seu assistente, controlava as mãos e os pés da médium em boa luz, descreve:

"Fui testemunha pessoal das levitações da mesa da Senhora Paladino... e estou. absolutamente convencido de que os fenômenos que vi não eram devidos à fraude e não foram executados nem por seus pés, nem por seus joelhos ou mãos."

Ele se prontificou a dar mil dólares a uma instituição de caridade se provassem que essa médium não era capaz de levitar uma mesa sem um dispositivo para truque ou fraude.

Perguntar-se-á qual o resultado de tantos anos de investigação com essa médium. Certo número de cientistas, sustentando com Sir David Brewster que o Espírito seria a última hipótese que admitiriam, inventaram hipóteses engenhosas para explicar os fenômenos, de cuja autenticidade estavam convencidos. O Coronel de Rochas procurou explicá-los pelo que chamou "exteriorização da motricidade". O Senhor Le Bocain falava de uma teoria dinâmica da matéria; outros pensavam numa "fôrça endêmica" e numa "consciência coletiva" ou na ação da mente subconsciente; mas aquêles casos, bem autenticados, onde a operação de uma inteligência independente se mostrava claramente, tornou insustentáveis essas tentativas de explicação. Vários experimentadores foram forçados a aceitar a hipótese espírita como a única que explicava todos os fatos de maneira razoável. Diz o Doutor Venzano:

"No maior número das formas materializadas por nós percebidas, quer pela vista, quer pelo tato, ou pela audição, foi-nos possível reconhecer pontos de semelhança com pessoas mortas, geralmente nossos parentes, desconhecidos da médium e apenas conhecidos dos presentes relacionados com os fenômenos."

O Doutor Hereward Carrington vacila. Considerando a opinião de Mrs. Sidgwick de que é inútil especular se os fenômenos são de caráter espírita ou se representam "alguma lei biológica desconhecida", até que os fatos se hajam estabelecido por si mesmos, diz: "Devo dizer que, antes de eu mesmo realizar sessões, também concordava com o ponto de vista de Mr. Sidgwick". E acrescenta: "Minhas próprias sessões me convenceram finalmente e de modo conclusivo de que os fenômenos verdadeiros devem ocorrer, e que, neste caso, a questão de sua interpretação se esclarece á minha frente... Penso que não só a hipótese espírita se justifica como uma teoria aceitável, mas que é, de fato, a única capaz de uma

explicação racional dos fatos.” (3)

3. “Eusapia Palladino and Her Phenomena”. By Hereward Carrington Ph. D. páginas 250 e 251.

Como dissemos de início, a mediunidade de Eusapia Palladino era semelhante à de outros, mas tinha ela a vantagem de chamar a atenção de homens de influência, cujo relato público de seus fenômenos teve um prestígio de que não gozaram as descrições feitas por gente menos conhecida. Especialmente Lombroso registrou as suas convicções na conhecida obra “Morte — E depois?”, aparecida em 1909. Eusapia foi o instrumento de demonstração de certos fatos não aceitos pela ortodoxia científica. Para o mundo é mais fácil negar êsses fatos do que os explicar — o que constitui a norma geralmente seguida.

Aquêles que procuram explicar tôda a mediunidade de Eusapia por meio do hábito aparente de enganar, consciente ou inconscientemente, os assistentes, apenas procuram enganar-se a si mesmos. Que houve êsses truques é fora de dúvida. E Lombroso, que endossa a legitimidade de sua mediunidade, assim descreve os truques:

“Muitos são os engenhosos truques que ela emprega, quer no estado de transe, isto é, inconscientemente, quer não. Por exemplo, libertando uma das mãos, seguras pelos controladores, com o objetivo de mover objetos próximos; fazendo toques; levantando devagarinho as pernas da mesa, quer com os joelhos, quer com um pé; fingindo arranjar os cabelos e aproveitando a circunstância para colocar uma mecha sôbre o prato de uma balança pesa-cartas, a fim de o mover. Foi vista por Faifofer, antes da sessão, colhendo furtivamente flores num jardim, para fingir algum transporte, aproveitando a obscuridade da sala... E ainda a sua profunda tristeza é a de ser acusada de trapaça durante a sessão — por vêzes, também, acusada injustamente, fôrça é confessar, porque agora temos certeza de que membros fantásticos são ajustados ao seu corpo e atuam como substitutos, quando foram sempre tornados como sendo os seus próprios membros, apanhados no momento de realizar uma trapaça”.

Em sua visita à América, já no seu declínio, quando os seus dons estavam em declínio também, foi pilhada nesses truques e de tal modo ofendeu os assistentes que êstes se afastaram; mas Toward Thurston, o famoso ilusionista, diz que resolveu

pôr tudo isto de lado e continuar a sessão, cujo resultado foi uma autêntica materialização. Outro conhecido assistente depõe que no próprio instante em que a censurava por mover um objeto com a mão, outro objeto, bastante longe dela, moveu-se ao longo da mesa. Seu caso é na verdade peculiar, pois deve ser dito com mais verdade a seu respeito, do que em relação a qualquer outro médium, que ficou provado que possuía poderes psíquicos e também que, mais do que nenhum outro, aproveitou êsses poderes para enganar. Nisto, como sempre, o que conta é o resultado positivo.

Eusapia tinha uma depressão característica do parietal, causada, ao que se diz, por um acidente na infância. Tais defeitos físicos muito comumente estão associados com poderosa mediunidade. É como se a fraqueza física causasse aquilo que pode ser descrito como um deslocamento da alma, de modo que esta fica mais destacada e capaz de ações independentes.

Assim, a mediunidade de Mrs. Piper seguiu-se a duas operações internas; a de Home acompanhou a sua diátese tuberculosa. Muitos outros casos podem ser citados. Sua natureza era histérica, impetuosa e irrequieta, mas possuía alguns traços bonitos. Dela diz Lombroso que possuia uma singular bondade de coração, que a levava a distribuir o que ganhava com os pobres e com as crianças, para aliviar os seus infortúnios, o que a impelia a sentir uma ilimitada piedade pelos velhos e pelos doentes, a ponto de passar noites em claro, pensando nêles. A mesma bondade de coração a leva a proteger os animais que estão sendo maltratados, advertindo àsperamente o cruel opressor". Esta passagem deve chamar a atenção dos que pensam que as fôrças psíquicas cheiram a diabo.

16
Grandes Médiuns de 1870 a 1900: Charles H. Foster, Madame d'Esperamce, William Eglinton, Stainton Moses

HOUVE muitos médiuns notáveis e alguns notórios, no período que vai de 1870 a 1900. Dêstes D. D. Home, Slade e Monck já foram mencionados. Quatro outros, cujos nomes viverão na história do movimento, são o americano C. H. Foster, Madame d'Esperance, Eglinton e o Reverendo W. Stainton Moses. Daremos agora um ligeiro histórico de cada um dêles.

Charles H. Foster teve a sorte de ter um biógrafo que o admirava tanto a ponto de o chamar "o maior médium espírita desde Swedenborg". Há uma tendência da parte dos escritores de exagerar o valor de um dado sensitivo com que se põem em contacto. Nada obstante, Mr. George C. Bartlett, no seu "The Salem Seer" (1)

1. "O Vidente de Salém". — N. do T.

mostra que tinha estreita ligação pessoal com Foster, e que êste era realmente um médium muito notável. Sua fama não se limitava à América, pois êle viajou muito e tanto visitou a Austrália quanto a Grã-Bretanha. Neste último país fêz amizade com Bulwer Lytton, visitou Knebworth e foi o modêlo de Margrave em "A Strange Story" (2).

2. "Uma história esquisita". — N. do T.

Parece que Foster foi um clarividente de grande poder, e tinha a faculdade peculiar de dar o nome ou as iniciais do Espírito que descrevia, exibindo nome ou letras sôbre a própria pele, geralmente no antebraço. Êsse fenômeno era tão freqüentemente repetido e tão severamente examinado que o fato não pôde ser pôsto em dúvida, O que seria a causa do fato é uma outra questão. Havia muitos outros pontos na mediunidade de Foster que sugeriam uma projeção da personalidade antes que uma inteligência exterior. Por exemplo, é francamente incrível que Espíritos dos grandes que se foram, como Virgílio, Camões e Cervantes, tivessem estado à espera dêsse iletrado da Nova Inglaterra, e contudo, para confirmar o fato, temos a autoridade de Bartlett, ilustrada com muitas citações, de que manteve conversas com tais

entidades, e que lhe eram capazes de citar passagens e qualquer estrofe escolhida de suas copiosas obras poéticas.

Tais exemplos de familiaridade com a literatura, muito acima da capacidade do médium, tem alguma analogia com testes de livros empregados nos últimos anos, onde uma linha de uma obra numa biblioteca é prontamente localizada. Isto não necessita a sugestão da presença do autor de tal volume; deve antes depender de algum poder indefinido do eu etérico liberto do médium, ou possivelmente de alguma outra entidade de natureza de um guia, que pudesse rapidamente colhêr a informação de maneira supranormal. Os espíritas extremaram tanto o caso que não é possível emprestar a todos os fenômenos psíquicos o valor que lhes atribuem; e o autor confessa ter observado com freqüência que algures, em data anterior, o médium consultou impressos ou escritos que nos são trazidos depois fora das condições normais.

O dom peculiar de Foster, pelo qual as iniciais eram estampadas em sua carne, tinha resultados cômicos. Bartlett conta como um certo Mr. Adams consultou a Foster. "Quando ia saindo, Mr. Foster lhe disse que em tôda a sua experiência jamais tinha visto um indivíduo trazer tantos Espíritos... A sala estava literalmente cheia dêles, indo e vindo. Às duas da manhã seguinte Mr. Foster me chamou.. - dizendo: "George, quer fazer o favor de acender o gás? Eu não posso dormir: o quarto está cheio da família Adams e parece que estão escrevendo seus nomes em mim." E com grande admiração minha, a lista de nome da família de Adams estava gravada em seu corpo. Contei onze nomes diferentes: um estava escrito na testa, outros nas costas. Tais anedotas certamente contribuem para as piadas dos trocistas, mas nós temos aqui uma prova de que o senso de humor, será maior do Outro Lado.

O dom das letras escarlates sôbre a pele de Foster parece bem comparável ao conhecido fenômeno dos estigmas que aparecem nas mãos e nos pés das beatas. Num caso, a concentração do pensamento do indivíduo sôbre um assunto teve um resultado. No outro, pode ser que a concentração de uma entidade invisível tenha um efeito semelhante. Devemos lembrar-nos que somos todos Espíritos, dentro ou fora do corpo, e temos os mesmos poderes, em graus variáveis.

A opinião de Foster sôbre sua própria condição parece ter sido muito contraditória, pois freqüentemente declarava, como Margaret Fox-Kane e os Davenport, que não se arriscava a dizer que seus fenômenos eram devidos a sêres espirituais,

quando, por outro lado, tôdas as suas sessões eram conduzidas na clara suposição de que o eram. Assim, descrevia êle minuciosamente a aparência do Espírito e dava mensagens em seu nome para os parentes vivos. Como D. D. Home, era excessivamente crítico dos outros médiuns, e não acreditava no poder fotográfico de Mumler, embora tal poder fôsse bem atestado em si próprio. Parece que possuía, em grau exagerado, o espírito volátil do médium típico, facilmente influenciável para o bem e para o mal. Seu amigo, que era claramente um observador atento, dêle diz:

"Era extravagantemente dúplice. Não era apenas Doutor Jekyll e Mr. Hyde, mas representava meia dúzia de diferentes Jekylls e Hydes. Era estranhamente dotado e, por outro lado, lamentàvelmente deficiente. Era um gênio desequilibrado e, por vêzes, eu o diria insano. Tinha um coração realmente tão grande que abarcava o mundo: lágrimas pelos aflitos; dinheiro para os pobres; e as fibras de seu coração eram tocadas pelas alheias misérias. Outras vêzes seu coração se encolhia como se desaparecesse. Tornava-se desalmado e petulante como uma criança, até abusar dos melhores amigos. Atirou fora muitos amigos, como um bagual indomável. Não havia freios que lhe servissem. Foster não era vicioso, mas era absolutamente incontrolável. Tinha que seguir o seu caminho, muitas vêzes um caminho errado. Como uma criança, parecia nada prever. Dava a impressão de viver para o dia, despreocupado com o amanhã. Se fôsse possível, fazia exatamente o que queria, sem olhar as conseqüências. Não ouvia conselhos de ninguém, apenas porque não podia. Parecia impermeável ás opiniões alheias e aparentemente cedia aos desejos alheios; mas apesar de tudo não se estragou muito e continuou em perfeita saúde até o fim. Quando se lhe perguntava "Como vai a saúde?" sua resposta favorita era "Excelente. Estou apenas vendendo saúde". A mesma natureza dúplice mostrou em seu trabalho. Por vêzes era capaz de sentar-se a uma mesa o dia inteiro e entrar pela noite, sob um tremendo esfôrço mental. E o fazia dia após dia, noite após noite. Então vinham dias e semanas em que não fazia absolutamente nada — jogando centenas de dólares e agastando as pessoas sem razão aparente, a não ser que se encontrasse em disposição folgazã."

Madame d'Esperance, cujo verdadeiro nome era Mrs. Hope, nasceu em 1849 e sua carreira se estendeu por mais de trinta anos, numa atividade que alcançou o continente e a Grã-

Bretanha. Apareceu em público graças a T. P. Barkas, cidadão muito conhecido em New Castle. A médium era então uma mocinha de educação da classe média. Entretanto, quando em semitranse, demonstrava em grau notável aquêle dom de sabedoria e conhecimento que São Paulo coloca no tôpo de sua categoria espiritual. Barkas descreve como preparava extensas listas de perguntas que cobriam quase todos os setores da ciência e como as respostas eram escritas ràpidamente pela médium, geralmente em inglês, mas por vêzes em alemão ou mesmo em latim. Resumindo essas sessões, diz Mr. Barkas (3)

3. Psychological Review, Volume 1º, página 224.

"Deve ser geralmente admitido que ninguém pode, por um esfôrço normal, responder com detalhes a perguntas críticas ou obscuras, em muitos setores difíceis da ciência com que se não é familiarizado. Além disso deve admitir-se que ninguém pode ver normalmente e desenhar com minuciosa precisão em completa obscuridade; que ninguém pode, por meios normais da visão ler o conteúdo de uma carta fechada no escuro; que ninguém que ignore a língua alemã possa escrever com rapidez e exatidão longas comunicações em alemão. Entretanto todos êsses fenômenos foram verificados com êsse médium e são tão acreditados quanto as ocorrências normais da vida diária".

Deve admitir-se, entretanto, que enquanto não conhecermos os limites a que pode chegar a fôrça produzida pela libertação parcial ou total do corpo etérico, não podemos com segurança atribuir tais manifestações à intervenção dos Espíritos. Eles mostraram uma notável individualidade psíquica muito pessoal e, possivelmente, nada mais que isso.

Mas a fama de Madame d'Esperance como médium depende de muitos dons que eram, sem dúvida, mais espirituais. Temos um relato muito completo dêsses dons, pela sua própria pena, pois ela escreveu um livro intitulado "Shadow Land" (4),

4. "Região das Sombras" — N. do T.

que se pode alinhar com o "Magic Staji" (5)

5. "Comando Mágico" — N. do T.

de A. J. Davis, e com "The Beginnings o/ Seership" (6),

6. "Os princípios da Vidência" — N. do T.

de Turvey, assim como entre as mais notáveis autobiografias psíquicas de nossa literatura. Não épossível lê-lo sem se ficar impressionado pelos bons sentimentos e pela honestidade da escritora.

Como outros sensitivos o fizeram, ela narra como em sua infância brincava com Espíritos de crianças, que lhe eram tão reais quanto as vivas. Essa fôrça de clarividência permaneceu em tôda a sua vida, mas o dom mais raro da materialização lhe foi adicionado. O citado livro contém fotografias de Yolanda, uma bonita môça árabe, que era para essa médium o que Kate King foi para Florence Cook. Não era raro que se materializasse quando Madame d'Esperance estava sentada fora da cabine, sendo vista inteiramente pelos assistentes. Assim, a médium podia ver a sua própria emanação estranha, tão íntima e, contudo, tão distinta. Eis a sua própria descrição:

"Sua roupagem leve permitia que se visse muito bem a bela cor azeitonada de seu pescoço, dos ombros, dos braços e dos tornozelos. Os longos cabelos negros e ondulados desciam pelos seus ombros até abaixo do peito e eram atados por uma espécie de turbante pequenino. Suas feições eram miúdas, corretas e graciosas; os olhos eram negros, grandes e vivos; todos os seus movimentos eram cheios daquelas graças infantis ou como os de uma jovem gazela, quando a vi, entre tímida e decidida, por entre as cortinas.

Descrevendo as suas impressões durante uma sessão. Madame d'Esperance fala da sensação de uma como que teia de aranha, que estivesse em tôrno de seu rosto e de suas mãos. Quando uma fraca luz penetrou por entre as cortinas da cabine, ela viu uma massa vaporosa esbranquiçada, flutuando em seu redor, como o vapor de uma locomotiva e, além disso, evoluindo para uma forma humana. Uma sensação de vazio começou, assim que aquilo que ela chamou de teia de aranha se apresentou. Então perdeu o contrôle de seus membros.

O Hon. Alexander Aksakof, de São Petersburgo, conhecido pesquisador do psiquismo e redator do Psychische Studien, descreveu em seu livro "Um Caso de Desmaterialização Parcial", uma sessão extraordinária, na qual o corpo dessa médium dissolveu-se parcialmente. Comentando o fato, observa êle: "O fato freqüentemente notado, da semelhança da

forma materializada com a médium, tem aqui a sua explicação natural. Como a forma é apenas um duplo da médium, é natural que lhe tenha todos os aspectos

E, diz Aksakoff, isto deve ser natural; mas é igualmente natural que provoque o ridículo dos cépticos. Uma experiência mais ampla, entretanto, os convenceria de que o cientista russo está certo. O autor assistiu a sessões de materialização onde viu os duplos do rosto da médium tão claramente à sua frente que estava pronto para denunciar um procedimento fraudulento; mas, com paciência e um acúmulo maior de fôrça, viu mais tarde que outros rostos se formavam e que nenhum esfôrço mental poderia identificar ao da médium. Em alguns casos pareceu-lhe que fôrças invisíveis, dessas que produzem os seus efeitos sem se importarem com os equívocos daí resultantes, usaram a atual face física da médium inconsciente e a enfeitaram com apêndices ectoplásmicos, a fim de o transformarço Noutros casos podia-se pensar que o duplo etérico da médium tivesse sido a base para uma nova criação. Assim acontecia algumas vêzes com Katie King, que ocasionalmente se parecia com Florence Cook quanto às feições, ainda quando diferisse profundamente na estatura e na coloração. Em outras ocasiões a figura materializada é absolutamente diferente. O autor observou as três fases da construção do Espírito, no caso da médium americana, Miss Ada Besinnet, cuja figura ectoplásmica por vêzes tomava a forma de um índio musculoso e bem desenvolvido. A história de Madame d'Esperance corresponde muito exatamente a essas variedades de poder.

Mr. William Oxley, compilador e editor de um notável trabalho em cinco volumes, intitulado "Angelic Revelations", descreveu vinte e sete rosas produzidas numa sessão por Yolanda, a figura materializada, e a materialização de uma planta rara em flor. Diz Mr. Oxley:

"Eu tinha fotografado a planta — Ixora crocata — na manhã seguinte, depois do que trouxe para casa e a coloquei na minha estufa, aos cuidados do jardineiro. Ela viveu três meses, depois murchou. Tomei as fôlhas, muitas das quais abandonei, exceto a flor e três brotos que o jardineiro cortou, quando cuidava da planta".

Na sessão de 28 de julho de 1890, na presença do Senhor Aksakoff e do Professor Butlerof, de São Petersburgo, um lírio dourado, de sete pés de altura, ao que se diz, foi materializado. Foi conservado durante uma semana, durante a qual foram

tiradas seis fotografias, depois do que dissolveu-se e desapareceu. Uma dessas fotografias aparece em "Shadow Land", após a página 328.

Uma forma feminina, um pouco mais alta que a médium, e conhecida pelo nome de Y-Ay-Ali, provocava a maior admiração. Diz Mr. Oxley: "Vi muitas formas de Espíritos materializados; mas a perfeição de simetria no rosto e a beleza da atitude jamais igualava a dêste". A figura lhe deu a planta que havia materializado; então jogou para trás o véu; deu-lhe um beijo na mão e estendeu a sua, que êle beijou.

"Como estava exposta à luz, eu via perfeitamente a sua face e as mãos. O rosto era belo e as mãos macias, quentes e perfeitamente naturais, e, a não ser pelo que se seguiu, eu teria pensado estar segurando a mão de uma senhora permanentemente encarnada, perfeitamente natural, pôsto que exquisitamente bela e pura.

Prossegue descrevendo como ela se afastou dois pés da médium, na cabine e, à vista de todos, "desmaterializou-se gradativamente, fundindo-se de cima para baixo, até que só a cabeça fôsse vista no soalho; então essa diminuiu até que ficou um ponto branco, que desapareceu depois de alguns momentos -

Na mesma sessão materializou-se uma forma de criança e pôs três dedos de sua mãozinha na de Mr. Oxley. Depois êste a segurou e beijou-a. Foi em agôsto de 1880.

Mr. Oxley registra um fato muito interessante e de grande valor probante. Quando Yolanda, a môça árabe, estava falando com uma senhora na assistência, "a parte superior de seu vestido caiu e mostrou as suas formas. Verifiquei que as formas eram imperfeitas, pois o busto não era desenvolvido e o peito não era acentuado, o que constitui uma prova de que a forma não era uma figura preparada." Ele poderia ter acrescentado que também não era a da médium.

Escrevendo sôbre "Como um médium se sente numa materialização", Madame d'Esperance lança alguma luz sôbre a curiosa simpatia que constantemente se nota entre o médium e a forma espiritual. Descrevendo uma sessão na qual estava sentada fora da cabine (7)

7. "Médium and Daybreak, 1893, página 46.

diz ela:

"E agora aparece outra pequena forma delicada, com os

bracinhos estendidos. Alguém colocado do outro lado do grupo levanta-se, aproximam-se e abraçam-se. Ouço sons inarticulados:

"Anna, oh! Anna, minha filha, querida filhinha!" Então outra pessoa se ergue e cerca o Espírito com os braços; nessa ocasião ouço soluços e exclamações, de mistura com bênçãos.

Sinto meu corpo mover-se de um para outro lado; tudo se torna escuro aos meus olhos. Sinto o braço de alguém em tôrno aos meus ombros; o coração de alguém bate contra o meu peito. Parece que algo acontece. Ninguém está junto a mim; ninguém me presta a menor atenção. Todos os olhares estão lixados naquela figurinha branca e esguia, nos braços das duas mulheres em pranto.

Deve ser o meu coração que ouço batendo tão distintamente e, certamente, o braço de alguém ainda em meu redor. Jamais senti mais completamente um abraço. Começo a pensar. Quem sou eu? Sou aquela branca aparição, ou sou eu quem permanece sentada na poltrona? Aquêles são os meus braços em tôrno do pescoço da senhora mais idosa? Ou os meus são os que estão em minha frente, em meu vestido? Sou eu o fantasma? Se sou, como chamarei o ser que jaz na poltrona?

"Certo é que meus lábios são beijados; minhas faces estão orvalhadas de pranto, derramado abundantemente pelas duas senhoras. Mas como pode ser isto? Essa sensação de dúvida relativamente à nossa própria identidade é horrível. Desejo estender uma das mãos que se acham no vestido, mas não posso. Desejo tocar alguém para ter absoluta certeza de que eu sou a mesma ou se isto é apenas um sonho; se Anna sou eu ou se eu estou, de certo modo, nela dissolvida".

Enquanto a médium se acha nesse estado de dúvida, outro pequenino Espírito de criança, que se havia materializado, vem e põe as mãozinhas nas de Madame d'Esperance.

"Como me sinto feliz ao sentir êsse toque, ainda que de uma criancinha! Minhas dúvidas a respeito de quem sou eu e onde me acho se vão. E enquanto experimento tudo isto, a branca forma de Anna desaparece na cabine e as duas senhoras voltam aos seus lugares, chorosas, sacudidas de emoção, mas intensamente felizes."

Não é para admirar que um assistente das sessões de Madame d'Esperance, segurando a figura materializada, houvesse declarado que era a própria médium. A propósito, o ponto de vista de Aksakoff de um modo geral (8),

8. "A Case of Partial Dematerialization", página 181.

é o seguinte:

"Alguém pode agarrar a forma materializada, segurá-la e ter a certeza de que não segura senão o médium, em carne e osso. E isto ainda não é uma prova de fraude da parte do médium. De fato, de acôrdo com a nossa hipótese, que é o que poderia acontecer se segurássemos o duplo da médium, quando se achasse de tal modo materializado, que não restasse senão o seu simulacro invisível, sentado por detrás da cortina? É óbvio que o simulacro — aquela pequena porção fluida e etérea — seria imediatamente absorvida na forma já completamente materializada, à qual, para ser a médium apenas faltaria aquêle resto invisível."

Na introdução escrita para o livro "Shadow Land, de Madame d'Esperance, Aksakof rende um alto tributo a ela como mulher e como médium. Diz que tanto quanto êle, ela se achava interessada em achar a verdade. Submetia-se de boa vontade a todos os testes que lhe impusesse.

Um interessante incidente na carreira de Madame d'Esperance foi o seu êxito em reconciliar o Professor Friese, de Breslau, com o Professor Zõllner, de Leipzig. O rompimento dêsses dois amigos ocorrera por fôrça da profissão de fé espírita de Zõllner. Mas o médium inglês foi capaz de dar tais provas a Friese que êle não mais contestou as conclusões de seu amigo.

Devemos salientar que, no curso das experiências de M. Oxley com Madame d'Esperance, foram feitos moldes de mãos e de pés de figuras materializadas, com punhos e tornozelos, cujas aberturas eram demasiado estreitas para permitir a saída dos membros, salvo por desmaterialização. Em vista do grande interesse tomado pelas moldagens em parafina, feitas em Paris, em 1922, através do médium Kluski, é curioso observar que a mesma experiência tinha sido feita com sucesso, e apenas noticiada pela imprensa psíquica, por êsse estudante de Manchester já em 1876.

A última parte da vida de Madame d'Esperance, passada principalmente na Escandinávia, foi amargurada pela doença adquirida no choque que sofreu no chamado "desmascaramento", quando Yolanda foi agarrada por um pesquisador desavisado de Helsingfors, em 1893. Ninguém mais do que ela demonstrou mais claramente quanto os

sensitivos sofrem a ignorância do mundo que os rodeia. No último capítulo de seu notável livro o assunto é abordado. Conclui ela: "Os que vierem depois de mim talvez venham a sofrer quanto eu tenho sofrido pela ignorância das leis de Deus. Quando o mundo fôr mais sábio do que no passado, é possível que os que tomarem as tarefas na nova geração não tenham que lutar, como lutei, contra o fanatismo estreito e os julgamentos duros dos adversários."

Cada um dos médiuns focalizados neste capítulo teve um ou mais livros dedicados à sua carreira. No caso de William Eglinton há um notável volume — Twist Two Worlds por J. E. Farmer (9),

9. "Entre dois Mundos" — N. do T.

que encerra quase tôda a sua atividade. Quando rapazinho, era muito imaginoso, sonhador e sensitivo mas, como tantos outros grandes médiuns na adolescência, não deu sinais de possuir qualquer dom psíquico. Em 1874, portanto aos dezes-sete anos de idade, Eglinton entrou no grupo da família em cujo meio seu pai investigava os supostos fenômenos espíritas. Até então o grupo não havia obtido resultados; quando, porém, o rapaz a êle se ligou, a mesa ergueu-se ràpidamente do chão a ponto dos assistentes terem que se pôr de pé a fim de manter as mãos sôbre ela. Para satisfação dos presentes as perguntas eram respondidas. Na sessão seguinte, logo na noite imediata, o rapaz caiu em transe e foram recebidas comunicações evidentes de sua falecida mãe. Em poucos meses sua mediunidade se havia desenvolvido, e ocorriam manifestações mais fortes. Sua fama de médium espalhou-se e êle recebeu numerosos convites para sessões, mas resistiu a todos os esforços para o transformar em médium profissional. Finalmente cedeu em 1875.

Assim descreve Eglinton as suas sensações antes de entrar pela primeira vez na sala das sessões e a mudança que nele se operou:

"Minhas maneiras, antes de entrar nisto, eram as de um rapaz alegre; mas assim que me vi em presença dos investigadores, uma sensação estranha e misteriosa se apoderou de mim e eu não a podia superar. Sentei-me à mesa, resolvido a impedir qualquer manifestação, caso algo acontecesse. Êsse algo aconteceu mas eu não tinha fôrças para o evitar. A mesa começou a dar sinais de vida e de vigor;

subitamente ergueu-se do solo e pairou no ar, tanto que tínhamos de ficar de pé para ter as mãos sôbre ela. Isto se deu em plena luz do gás. Depois respondeu inteligentemente às perguntas que lhe eram feitas e deu várias provas às pessoas presentes.

A noite seguinte nos encontrou ansiosos por novas manifestações e com um grupo maior, pois a notícia se havia espalhado de que "tínhamos visto fantasmas e falado com êles", e outras coisas parecidas.

Depois de havermos lido a prece costumeira, em breve me pareceu que não era dêste mundo. Veio-me uma sensação de êxtase e logo passei ao transe - Todos os meus amigos eram novatos no assunto e procuraram vários meios de me despertar, mas sem resultado. No fim de meia hora voltei ao estado consciente, sentindo um forte desejo de voltar àquele estado. Tivemos comunicações que, em minha opinião, provaram conclusivamente que o Espírito de minha mãe realmente tinha voltado ao nosso meio... Então comecei a verificar quanto estivera enganado — quão terrivelmente vazia e material tinha sido a minha vida até então e senti um prazer inacreditável em saber, sem sombra de dúvida, que aquêles que deixaram a Terra poderiam voltar novamente e provar a imortalidade da alma. Na quietude de nosso grupo familiar... gozamos ao máximo a nossa comunicação com os tres-passados e muitas foram as horas felizes que assim passei."

Sob dois aspectos, os seus trabalhos se assemelham aos de D. D. Home. Suas sessões geralmente eram feitas em plena luz e êle sempre se submetia de boa mente aos testes propostos. Posteriormente, um forte ponto de semelhança se estabeleceu: é que os fenômenos eram observados e registrados por muitos homens eminentes e por boas testemunhas críticas.

Como Home, Eglinton viajou muito e sua mediunidade foi observada em muitos lugares.

Em 1878 viajou para a África do Sul. No ano seguinte visitou a Suécia, a Dinamarca e a Alemanha. Em fevereiro de 1880 foi à Universidade de Cambridge e realizou sessões sob os auspícios da Sociedade de Psicologia. Em março viajou para a Holanda, de onde seguiu para Leipzig, onde realizou sessões com o Professor Zõllner e outros ligados à Universidade. Seguiram-se Dresden e Praga, e em Viena, em abril, foram realizadas mais de trinta sessões, assistidas por muitos mem-bros da aristocracia. Em Viena foi hóspede do Barão de Hellen-

bach, conhecido escritor, que, em sua obra "Preconceitos da Humanidade" descreveu os fenômenos então verificados. Voltando à Inglaterra viajou para os Estados Unidos a 12 de fevereiro de 1881, demorando-se então três meses. Em novembro do mesmo ano foi à Índia e, depois de realizar numerosas sessões em Calcutá, regressou em abril de 1882. Em 1883 visitou novamente Paris, e em 1885 estêve ainda em Viena e em Paris. A seguir foi a Veneza, que descreve como um "verdadeiro viveiro do Espiritism o."

Em 1885 Eglinton encontrou em Paris M. Tissot o famoso artista que assistiu às suas sessões e a seguir o visitou na Inglaterra. Uma notável sessão de materialização, em que duas figuras foram vistas completamente, uma das quais, uma senhora, reconhecida como uma parenta, foi imortalizada por Tissot numa tela intitulada "Aparição Medianímica". Esse belo e artístico trabalho de que há uma cópia na Aliança Espírita de Londres, mostra as duas figuras iluminadas por luzes espirituais, que carregam nas mãos. Tissot também fêz uma água-forte do médium, que é reproduzida no frontispício de livro de Farmer, "Entre Dois Mundos".

Um exemplo típico de sua iniciação mediúnica é dado por Miss Kingsbury e pelo Doutor Carter Blake, Docente de Anatomia no Westminster Hospital, nestes têrmos (10).

10. The Spiritualist, May 12, 1876, página 221.

"As mangas do casaco de Mr. Eglinton tinham sido costuradas às suas costas, perto dos punhos, com um cordão branco de algodão; os encarregados dêsse trabalho o amarraram depois à cadeira, passando a fita perto do pescoço e o colocaram junto a cortina da cabine e por detrás desta, defrontando a assistência, tendo os joelhos e os pés à vista. Uma mesinha redonda com vários objetos foi posta em frente ao médium, fora da cabine e à vista dos assistentes; um pequeno instrumento de cordas, conhecido como Oxford Chimes (11),

11. Espécie de bandolim. — N. do T.

foi pôsto emborcado sôbre as suas pernas, sôbre êle um livro e sôbre êste uma campainha. Em poucos momentos as cordas foram tocadas, sem que mão alguma visível as tocasse; o livro, cuja lombada se voltava para os assistentes foi invertido,

aberto e fechado repetidas vêzes, de modo que os presentes viram a experiência com tôda segurança; e a campainha foi tocada de dentro, isto é, sem serem levantadas as suas bordas. A caixa de música colocada perto da cortina, mas inteiramente à vista, foi parada e depois dada a marcha, enquanto a tampa continuava fechada; de vez em quando dedos e, algumas vêzes mãos se introduziam pelas cortinas. Depois que uma destas apareceu, pediram ao Capitão Rolleston que passasse o braço pela cortina e verificasse se a amarração e a costura estavam como de início. Êle verificou que estavam e o mesmo testemunho foi dado por outro cavalheiro, pouco depois."

Esta foi uma, de uma série de sessões excepcionais, realizadas sob os auspícios da British National Association of Spiritualists, em sua sede em Londres, 38 Great Russel Street. Referindo-se a elas diz lhe Spiritualist (12).

12. May, 12, 1876.

"O ensaio de manifestações por Mr. Eglinton tem grande valor, não porque outros médiuns não possam, igualmente, obter resultados conclusivos, mas porque em seu caso tinham sido observadas e controladas por um bom número de testemunhas críticas, cujo depoimento pesará diante do público".

A princípio as materializações de Eglinton eram obtidas àluz da Lua, enquanto os presentes se sentavam a uma mesa e não havia cabine. Também o médium ficava, em geral, consciente. Foi induzido a fazer sessões no escuro, a fim de obter manifestações, por um amigo que havia assistido a sessões de um médium profissional. Tendo começado assim, sentia-se obrigado a continuar, mas verificou que os resultados alcançados eram menos espirituais. Uma característica dessas sessões de materialização era o fato de sentar-se entre os presentes e de serem as suas mãos seguradas. Nessas condições, materializações completas foram vistas à luz apenas suficiente para o reconhecimento das aparições.

Em janeiro de 1877 Eglinton fêz uma série de sessões não profissionais, em casa de Mrs. Macdougall Gregory, viúva do Professor Gregory, de Edimburgo, perto do Park Lane. Foram assistidas por Sir Patrick e Lady Colquhoun, Lord Borthwick, Lady Jenkinson, Reverendo Maurice Davies, D.D., Lady Archibald Camphell, Sir William Fairfax, Lord e Lady Mount-Temple, General Brewster, Sir Garnet e lady Wolseley, Lord e

Lady Avonmore, Professor Blackie e muitos outros. Mr. W. Harrison, redator de The Spiritualist (13)

13. "The Spiritualist", Feb. 23, 1877, página 96.

assim descreve uma dessas sessões:

"Na noite de segunda-feira última dez ou doze amigos se reuniram em volta de uma grande mesa circular, com as mãos juntas, em cujas condições o médium Mr. W. Eglinton ficava seguro pelos dois lados. Não havia outras pessoas na sala além das que estavam sentadas à mesa. Um fogo que se apagava dava uma luz fraca, que apenas permitia que se vissem as silhuetas dos objetos. O médium estava na parte da mesa mais próxima do fogo, de modo que suas costas ficavam para a luz. Uma forma, na inteira proporção de um homem, ergueu-se lentamente do chão até ao nível da borda da mesa; estava a cêrca de trinta centímetros atrás do cotovêlo direito do médium. O assistente mais próximo era Mr. Wiseman, de Orme Square, Bayswater. A forma estava coberta com um pano branco, e as feições não eram visíveis. Como se achava próximo ao jogo, podia ser vista distintamente pelos que se achavam mais próximos. Foi observado por todos que assim estavam que o canto da mesa ou os assistentes não tapavam a vista da forma; assim, foi observada por quatro ou cinco pessoas e isto não foi resultado de impressões subjetivas. Depois de erguer-se até o nível da mesa, mergulhou e não mais foi vista, ao que parece tendo esgotado as fôrças. Mr. Eglinton estava numa casa estranha e vestido a rigor. De um modo geral foi um teste de manifestação que não podia ser produzido por meios artificiais".

Uma sessão descrita por Mr. Dawson Rogers apresentou características notáveis. Foi a 17 de fevereiro de 1885, em presença de catorze pessoas, em condições de prova. Conquanto um quarto interno tivesse sido usado como cabine, Mr. Eglinton ai não ficou — mas entre os assistentes, cujos assentos tinham sido dispostos em forma de ferradura. Uma forma se materializou e passeou pela sala, dando a mão a cada um dos presentes. Depois aproximou-se de Mr. Eglinton, que em parte estava sendo sustentado por Mr. Rogers, para que não caísse e, tomando o médium pelos ombros, levou-o para a cabine. Diz Mr. Rogers: "A forma era de um homem algumas polegadas mais alto, e mais velho que o médium. Vestia uma túnica flutuante, era cheio de vida e de animação e uma vez

ficou a três metros do médium".

Há um particular interêsse ligado a essa fase de sua vida no aspecto de mediunidade psicográfica, ou de escrita em lousas. A êsse respeito existe uma esmagadora massa de testemunhas. À vista dos maravilhosos resultados que obtinha, é digno de nota que fêz sessões por mais de três anos sem obter a escrita de uma única letra. Foi a partir de 1884 que êle concentrou sua fôrça nessa forma de manifestação, que era considerada a mais adequada aos principiantes, especialmente porque tôdas as sessões se realizavam às claras. Recusando-se a fazer sessões de materialização para um grupo de investigadores que não tinham, então, qualquer experiência, Eglinton assim justificou a sua atitude: "Sustento que um médium é colocado numa posição de muita responsabilidade, e que tem o dever de satisfazer, tanto quanto lhe seja possível, aquêles que o procuram. Agora, a minha experiência, um tanto variada, leva-me à conclusão de que nenhum céptico, por melhor intencionado e honesto que seja, pode ficar convencido nas condições prevalecentes nas sessões de materialização, e o resultado é um maior cepticismo de sua parte e a condenação do médium. As coisas são diferentes quando há um grupo para testemunhar tais fenômenos, e com os quais sempre terei prazer em fazer sessões. Mas um neófito deve ser preparado por outros métodos. Se o seu amigo se interessa em comparecer a uma sessão de escrita na ardósia eu terei o prazer de arranjar uma hora; do contrário deverei declinar da sessão, pelas razões acima, e que se recomendam por si mesmas a você e a todos os pensadores espíritas".

No caso de Eglinton, é preciso dizer que eram usadas lousas comuns de escola e que os assistentes tinham a liberdade de trazer as suas próprias lousas e que, depois de lavadas, um fragmento de lápis para ardósia era colocado em cima desta e que esta era colocada debaixo do tampo da mesa, fazendo-se pressão contra o mesmo; que a ardósia era segurada pelo médium, mas de modo que o seu polegar fôsse visível na parte superior do tampo. Então o som da escrita era ouvido e, a um sinal consistente de três batidas, a lousa era examinada, verificando-se que continha uma mensagem. Do mesmo modo duas lousas do mesmo tamanho eram usadas, superpostas e amarradas, como também se usavam as lousas-caixas, às quais se ligavam cadeados com chave. Em muitas ocasiões foram obtidas escritas numa única lousa posta em cima da mesa, com um lápis em cima da mesa, mas debaixo da

ardósia.

Mr. Gladstone fêz uma sessão com Eglinton a 29 de outubro de 1884, e mostrou-se muito interessado pelo que aconteceu. Quando Light publicou um relato dessa sessão, foi transcrito na maioria dos jornais de importância no país e o movimento ganhou consideràvelmente com essa publicidade. Consta que ao terminar a sessão Mr. Gladstone teria dito: "Sempre pensei que os homens de ciência correm muito por uma trilha. Fazem um trabalho nobilitante na sua própria linha especial de pesquisa, mas, muito freqüentemente se sentem sem disposição para um pouco de atenção a assuntos que aparentemente estão em conflito com a sua maneira de pensar. Na verdade não é raro que tentem negar coisas que jamais investigaram, pois não meditam bastante que possa haver fôrças de cuja natureza êles nada sabem". Pouco depois, Mr. Gladstone, pôsto que jamais se tivesse confessado espírita, mostrou um firme interêsse no assunto, ao se associar à Society for Psychical Research.

Eglinton não se subtraiu aos ataques costumeiros. Em junho de 1886 Mrs. Sidgwick, espôsa do Professor Sidgwick, de Cambridge, sócia fundadora da Society for Psychical Research (SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH), publicou um artigo no Jornal dessa sociedade, sob o título de "Mr. Eglinton" (14),

14. Junho de 1886, páginas 282-324.

no qual, depois de transcrever descrições feitas por outros, relativas a mais de quarenta sessões para escrita na ardósia com êsse médium, diz: "Para mim, agora não hesito em atribuir tais realizações a truques hóbeis".

Ela não tinha qualquer experiência pessoal com Eglinton, mas baseou a sua opinião na impossibilidade de manter uma observação contínua durante as manifestações. Pelas colunas de Light (15)

15. 1886, página 309.

Eglinton convidou testemunhas que estavam convictas da legitimidade de sua mediunidade e, posteriormente, num suplemento especial, o mesmo jornal deu a resposta de muitos, dos quais um bom número, composto de membros ou sócios da SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH O Doutor

George Herschell, provecto mago amador, com uma experiência de catorze anos, deu uma das mais convincentes respostas a Mrs. Sidgwick.

Também a Society for Psychical Research publicou relatos minuciosos dos resultados obtidos por Mr. J. S. Davey, que declarava conseguir tais resultados pela fraude e resultados ainda mais maravilhosos do que os de Eglinton quanto à escrita na ardósia (16).

16. SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH Proceedings, Volume 4º, páginas 416 e 487.

Mr. C. C. Massey, advogado, observador muito competente e experimentado, sócio da SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, subscreveu o ponto de vista de muita gente, quando escreveu a Eglinton, com referência ao artigo de Mrs. Sidgwick:

"Estou de acôrdo com você, quando diz que ela "não aduz a menor prova" em apoio a êsse injurioso julgamento que opõe a um grande número de excelentes testemunhos. A êstes só se opõem presunções que, segundo me parece, são contrárias ao bom senso e a tôda experiência."

De um modo geral, o rude ataque de Mrs. Sidgwick contra aquêle médium teve um bom resultado, porque determinou o aparecimento de um volume de testemunhos mais ou menos valiosos em favor da autenticidade das manifestações que com êle ocorriam.

Como muitos outros médiuns de manifestações físicas, Eglinton teve os seus "desmascaramentos". Um dêstes foi em Munique, onde tinha sido convidado a fazer uma série de doze sessões. Dez delas tinham tido um grande sucesso, mas na décima primeira foi descoberto um sapo mecânico na sala e, conquanto as mãos do médium estivessem prêsas, foi acusado de fraude porque o instrumento de música tinha sido escurecido secretamente e pó preto foi encontrado nêle. Três meses depois um assistente confessou que tinha trazido o brinquedo mecânico para a sala. Nenhuma explicação para o pó prêto foi dada, mas o fato de estarem seguras as mãos do médium constituíram refutação suficiente.

Um conhecimento mais completo desde então tem mostrado que os fenômenos físicos dependem do ectoplasma e que êsse ectoplasma é absorvido no corpo do médium, lavando e colorindo a matéria. Assim, no caso de Miss

Goligher, depois de uma experiência com carmin, o Doutor Crawford encontrou manchas de carmim em várias partes de sua pele.

Assim, tanto no caso do sapo mecânico, quanto no do pó prêto, como tantas vêzes acontece, os desmascaradores é que estavam errados, e não o infeliz médium.

Uma acusação mais séria contra êle foi feita pelo Arquidiácono Colley, que declarou (17)

17. "Médium and Daybreak", 1878, páginas 698-730. The Spiritualist. 1879, Volume 14º, páginas 83, 135.

que em casa de Mr. Owen Harries, onde Eglinton fazia uma sessão, havia descoberto no sobretudo do médium pedaços de musselina e uma barba, que correspondiam a pedaços e cabelos cortados de supostas formas materializadas. Mrs. Sidgwick em seu artigo no SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH Journal, reproduziu as acusações do Arquidiácono Colley, e Eglinton, em sua resposta geral a ela, se limita a uma negação simples, fazendo notar que ela se achava ausente na África do Sul, quando as acusações foram publicadas e que não as viu senão anos depois.

Discutindo o incidente, diz Light num artigo de fundo, que as acusações em questão foram minuciosamente investigadas pelo Conselho da British National Association of Spiritualists e abandonadas, sob o fundamento de que o Conselho não podia de modo algum obter provas diretas dos acusadores. E assim continua (18).

18. 1886, página 324.

"Mrs. Sidgwick suprimiu, muitos fatos em sua citação publicada no Jornal. Em primeiro lugar as alegadas circunstâncias ocorreram dois anos antes da carta em que fêz a acusação; durante êsse tempo êle não fêz nenhum movimento público na matéria e só o fêz em conseqüência da atitude pessoal contra o Conselho da BNAS. Em segundo lugar as partes da carta suprimida por Mrs. Sidgwick lançam-lhe em rosto a marca de desvalia. Afirmamos que ninguém acostumado a examinar e avaliar as provas de maneira científica teria concedido à correspondência a mais ligeira atenção sem o mais claro testemunho corroborante.

Não obstante admitir-se que um espírita de coração como o

arquidiácono Colley fizesse uma acusação tão concreta, temos uma questão muito grave que não pode ser levianamente posta de lado. Há sempre a possibilidade de um grande médium, ao verificar que perde os seus dons — como por vêzes acontece — recorrer à fraude para dissimular a deficiência, até que os dons retornem. Home descreveu como de súbito perdia as fôrças durante um ano, para depois voltarem em tôda a plenitude. Se um médium viver da sua mediunidade, tal hiato pode ser uma coisa séria e uma tentação à fraude. Como quer que tenha sido nesse caso especial, o que é certo é que, como foi mostrado nestas páginas, há uma massa de provas em favor da realidade dos dons de Eglinton, que não podem ser abaladas. Entre outras testemunhas de sua fôrça está Kellar, o famoso ilusionista, que admitia, bem como muitos outros ilusionistas, que os fenômenos físicos ultrapassam as possibilidades dos prestidigitadores.

Não há escritor que tivesse deixado tão fortemente a sua marca sôbre o lado religioso do Espiritismo quanto o Reverendo W. Stainton Moses. Seus escritos confirmam o que já era aceito e definem muito do que era nebuloso. Êle é geralmente considerado pelos Espíritas como o mais alto expoente de seus pontos de vista. Entretanto não o julgam o último e infalível; em comunicações póstumas, que têm forte indício de autenticidade, êle declarou que sua experiência se ampliara, modificando o seu ponto de vista sôbre certos assuntos. Isto é o inevitável resultado da nova vida para cada um de nós. Êsses pontos de vista religiosos serão abordados em capítulo à parte, que trata da religião dos Espíritas.

Além de ser um inspirado pregador religioso, Stainton Moses era um poderoso médium, de modo que foi um dos poucos homens que puderam seguir o preceito apostólico e o demonstrar por palavras e, também, pelo poder. Neste ligeiro relato é o aspecto físico que deve ser destacado.

Stainton Moses nasceu em Lincolnshire, a 5 de novembro de 1839, e foi educado em Bedford Grammar School e no Exeter College de Oxford. Voltou-se para o ministério religioso e, depois de alguns anos de trabalho como cura na Ilha de Mau e alhures, tornou-se professor na University College School. É notável o fato que, durante o seu ano de viagem, tenha visitado o mosteiro do Monte Athos, e aí tenha passado seis meses — rara experiência para um protestante inglês. Mais tarde teve a certeza de que isso fôra o início de sua carreira psíquica.

Enquanto cura, teve oportunidade de mostrar a sua coragem

e o senso de dever. Uma grande epidemia de varíola espalhou-se na sua paróquia, que não dispunha de médico. Diz o seu biógrafo:

"Dia e noite estava êle à cabeceira de doentes pobres; por vêzes, depois de haver assistido a um moribundo, se via obrigado a unir as tarefas de sacerdote às de coveiro, e êle próprio transportar os cadáveres". Não é de admirar que ao se retirar tenha recebido uma grande manifestação de reconhecimento dos habitantes, que pode ser resumida nestas palavras: "Quanto mais o conhecemos e quanto mais vimos o seu trabalho, tanto maior é a nossa saudade do senhor".

Em 1872 é que sua atenção se voltou para o Espiritismo, por meio de sessões com Williams e Miss Lottie Fowler. Muito antes havia êle verificado que possuía o dom da mediunidade de maneira invulgar. Ao mesmo tempo se havia prontificado a fazer um estudo completo do assunto, pondo sua poderosa inteligência a êsse serviço. Seus escritos, com o pseudônimo de M. A. Oxon, são clássicos no Espiritismo. Incluem os "Ensinos Espiritualistas", elevados aspectos do Espiritismo, e outros trabalhos. Finalmente tornou-se redator de Light e durante muitos anos sustentou as suas altas tradições. Sua mediunidade progrediu ràpidamente até que abarcou quase todos os fenômenos físicos conhecidos.

Esses resultados não foram conseguidos antes que êle passasse por um período de preparação. Diz êle:

"Durante muito tempo falhou-me a prova desejada. E, se tivesse feito como a maioria dos investigadores, teria desesperado e abandonado a investigação. Meu estado mental era muito positivo e eu era obrigado a algum sofrimento pessoal antes de conseguir o que desejava. Pouco a pouco, um pedacinho aqui, outro ali, veio a prova, quando minha mente se abriu para a receber. Cêrca de seis meses haviam sido aplicados em persistentes esforços para que me fôsse dada a prova da eterna existência de Espíritos humanos e de seu poder de comunicação."

Em presença de Stainton Moses erguiam-se no ar mesas pesadas, livros e cartas eram trazidos de uma sala para outra em plena luz. Há testemunhos independentes dessas manifestações, por pessoas fidedignas. Em seu llvro "What ani 1?" (19),

19. "Que Sou Eu?". - N. do T.

o finado Serjeant Cox registra o seguinte incidente, ocorrido com Stainton Moses:

"Têrça-feira, 2 de junho de 1873, um amigo pessoal, cavalheiro de alta posição social, formado em Oxford, veio à minha residência em Russel Square, vestir-se para um jantar a que tínhamos sido convidados. Êle havia demonstrado antes notável fôrça psíquica. Como tínhamos meia hora de espera, fomos à sala de jantar. Eram exatamente seis horas e, aliás, estava claro. Eu abria cartas e êle lia The Times. Minha mesa de jantar é de mogno, muito pesada, antiga, e tem um metro e oitenta por dois e setenta. Está sôbre um tapête turco, o que aumenta a dificuldade de a mover. Uma tentativa mais tarde mostrou que os esforços combinados de dois homens fortes apenas a moviam uma polegada. Estava sem toalha e a luz caía em cheio sôbre ela. Ninguém se achava na sala, exceto eu e meu amigo. Subitamente, enquanto estávamos sentados, ocorreram batidas altas e freqüentes sôbre a mesa. Meu amigo estava sentado e segurava o jornal com ambas as mãos, tendo um braço apoiado na mesa e o outro no espaldar da cadeira; sentava-se de lado, de modo que as pernas e os pés não se achavam debaixo da mesa, mas de lado. Então a mesa estremeceu, como se estivesse com sezões; depois oscilou para um lado e para o outro tão violentamente, quase deslocando as pesadas colunas, em número de oito, que lhe serviam de pernas. Em seguida, moveu-se para a frente cêrca de três polegadas. Olhei para baixo dela, para me assegurar de que não era tocada; mas ainda se moveu e continuaram as batidas no seu tampo.

Êsse súbito acesso de tal fôrça, àquela hora e naquele lugar, sem ninguém mais, além de mim e de meu amigo, e sem qualquer idéia de a invocar, causou-nos a maior admiração. Meu amigo disse que jamais lhe acontecera algo no gênero. Então sugeri que talvez fôsse uma rara oportunidade, com tamanha fôrça em ação, para fazer uma tentativa de movimento sem contacto, quando a presença de apenas duas pessoas, a luz do dia, o lugar, o tamanho e o pêso da mesa tornavam a experiência de suma importância. Em conseqüência ficamos de pé, êle de um lado da mesa, eu, do outro. Estávamos afastados dela cêrca de sessenta centímetros e mantínhamos as mãos cêrca de vinte centímetros acima dela. Em um minuto ela se abalou violentamente; depois moveu-se sôbre o tapête a uma distância de uns dezoito centímetros. Depois levantou-se cêrca de sete centímetros, do lado em que se achava o meu amigo; a

seguir ergueu-se igualmente do meu lado. Finalmente, meu amigo baixou a mão até dez centímetros acima da ponta da mesa, e pediu que ela se erguesse e tocasse em sua mão. Assim se fêz. E então, conforme o pedido, ela se ergueu até a minha mão, que do outro lado se achava à mesma altura e da mesma maneira.

Em Douglas, na Ilha de Man, num domingo de agôsto de 1872, foi feita notável exibição de fôrça de um Espírito. Os fatos descritos por Stainton Moses são confirmados pelo Doutor Speer e sua senhora, em cuja residência ocorreram os fenômenos, que duraram desde o almôço até às dez da noite. Batidas acompanhavam o médium para onde quer que êle fosse, até mesmo na igreja e o Doutor Speer e a senhora as ouviam quando sentados em seus lugares. Ao regressar da igreja, Stainton Moses verificou em seu quarto que os objetos tinham sido tirados da penteadeira para a cama, onde tinham sido dispostos em forma de cruz. Foi avisar o Doutor Speer, para que testemunhasse o que tinha acontecido e ao voltar ao quarto verificou que o seu cabeção, que tinha tirado poucos instantes antes, havia sido colocado, na sua ausência, em redor do tôpo da cruz. Ele e o Doutor Speer trancaram a porta do quarto e desceram para o lanche, mas durante a refeição batidas fortes se produziram e a pesada mesa de jantar foi movida três ou quatro vêzes. Num exame posterior no quarto acharam que dois outros objetos tirados das gavetas tinham sido adicionados à cruz, O quarto foi trancado novamente e em três visitas subseqüentes novos objetos tinham ampliado a cruz. Disseram-nos que, na primeira ocasião, em casa não estava ninguém que fôsse capaz de fazer tais brincadeiras e que depois precauções adequadas haviam sido tomadas para evitar essas coisas.

Assim Mrs. Speer descreveu a série de acontecimentos:

"Enquanto estávamos na igreja foram ouvidas pancadas por todos os membros do grupo, em diversas partes do banco onde estávamos sentados, De volta Mr. S. M. encontrou em sua cama três coisas tiradas de sua penteadeira e colocadas sôbre a sua cama em forma de cruz. Chamou o Doutor S. ao seu quarto, para que visse o que havia acontecido em sua ausencia. O Doutor S. ouviu batidas fortes no pé da cama. Então trancou a porta, meteu a chave no bôlso e deixou o quarto vazio por algum tempo. Fomos jantar e, durante a refeição, a grande mesa de jantar, cheia de cristais, porcelanas, etc., moveu-se várias vêzes, trepidou e deu batidas. Parecia

cheia de vida e movimento.

Batidas acompanharam o hino que nossa filhinha estava cantando, e batidas inteligentes acompanhavam a nossa conversa. Várias visitas foram feitas ao quarto fechado e de cada vez verificávamos que algo tinha sido adicionado à cruz. O Doutor S. tomou a chave, abriu a porta e saiu por último. Finalmente tudo cessou. A cruz foi colocada abaixo do centro da cama; todos os objetos de uso tinham sido tirados da valise do nosso amigo. Cada vez que iam os ao quarto ouviam-se as batidas. Em nossa última visita foi lembrado deixar uMa fôlha de papel e um lápis na cama e, quando voltamos novamente, encontramos as iniciais de três amigos de Mr. S. M., todos mortos, e desconhecidos de quem quer que fôsse na casa, exceto ele próprio. A cruz era perfeitamente simétrica e tinha sido feita num quarto fechado, onde ninguém poderia ter entrado e era, realmente, uma notável manifestação da fôrça do Espírito".

Um desenho mostrando os vários objetos de toucador e sua disposição é dado à página 72 do livro de Arthur Lillie "Modern Mystics and Modern Magic" (20).

20. "Mística moderna e Magia moderna". - N. do T.

Outros exemplos são citados no apêndice.

Em suas sessões com o Doutor Speer e senhora, muitas comunicações foram recebidas, dando provas de identidade de Espíritos, sob a forma de nomes, datas e lugares, desconhecidos dos presentes e verificados posteriormente.

Diz-se que um grupo de Espíritos estava ligado à sua mediunidade. Por seu intermédio um corpo de doutrina foi comunicado por meio da escrita automática, começando a 30 de março de 1873 e continuando até o ano de 1880. Uma seleção dêstes escritos constitui os "Ensinos Espiritistas". Na sua Introdução diz Stainton Moses:

"O tema central foi sempre de caráter puro e elevado, em grande parte de aplicação pessoal, visando minha própria direção e orientação. Posso dizer que através de tôdas essas comunicações escritas, que vão, ininterruptamente até 1880, não há leviandades, nem brincadeiras, não há vulgaridades nem incongruências, não há falsidades nem enganos, tanto quanto eu saiba ou tenha podido descobrir. Nada incompatível com o objetivo visado, sempre e sempre repetido, de instrução, de esclarecimento e de orientação por Espíritos escolhidos

para essa tarefa. Julgados como eu mesmo desejo ser julgado, êles foram o que desejavam ser. Suas palavras eram de sinceridade e de objetivos sóbrios e sérios.

Um relato minucioso das pessoas que se comunicaram, muitas das quais tinham nomes importantes, se acha no livro de Mr. A. W. Trethewy "The Controls of Stainton Moses" (1923) (21):

21. "Os Guias de Stainton Moses". - N. do T.

Stainton Moses contribuiu para a formação da Society for Psychical Research em 1882, mas se demitiu em 1886, desgostoso com a maneira por que foi tratado o médium William Eglinton. Foi o primeiro presidente da London Spiritualist Alliance, formada em 1884, posição que ocupou até à morte.

Além das obras "Spirit Identity" (1879) ; "Higer Aspects of Spiritualism" (1880) ; "Psycography" 2ª ed. (1882) ; e "Spirit Teachings" (1883) (22),

22. "identidade dos Espíritos" (1879); "Aspectos mais elevados do Espiritismo" (1880); "Psicografia" (2ª ed. 1882); e "Ensinos Espiritistas" 1883. — N. do T.

contribuiu freqüentemente para a imprensa espírita, bem como para o Saturday Review, para o Punch e vários outros jornais de valor.

Um magistral resumo de sua mediunidade foi escrito por Mr. F. W. H. Myers (23)

23. Volume 9º, páginas 245 e 353 e Volume 11º, páginas 24 e 113.

e publicado pela Society for Psychical Research. Na notícia de sua morte disse Mr. Myers: "Eu pessoalmente considero a sua vida como uma das mais notáveis de nossa geração e de poucos homens ouvi, em primeira mão, fatos mais notáveis do que os que dêle ouvi."

Os vários médiuns referidos neste capítulo — pode dizer-se — cobrem diversos tipos de mediunidade, predominantes durante êsse período. Mas houve muitos que foram quase tão conhecidos quanto os aqui citados. Assim, Mrs. Marshall trouxe ensinamentos a muitos; Mrs. Gupáginasy mostrou poderes que, em certas direções, jamais haviam sido atingidos;

Mrs. Everitt, uma amadora, continuou por tôda a sua vida, que foi longa, a ser um centro de energia psíquica; e Mrs. Mellon, tanto na Inglaterra quanto na Austrália, foi extraordinária em materializações e em fenômenos físicos.

17
A Sociedade de Pesquisas Psíquicas

QUALQUER descrição minuciosa das atividades da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, cem seu registro estranhamente misturado de utilidades e de obstruções, estaria fora de lugar neste volume. Há alguns pontos, entretanto, que devem ser focalizados e alguns casos que deveriam ser discutidos. Em certo sentido o trabalho da sociedade foi excelente; mas desde o comêço ela cometeu o êrro capital de assumir um certo ar carrancudo contra o Espiritismo, o que teve como efeito alienar um certo número de homens que poderiam ter sido valiosos em seu conselho e, acima de tudo, de ofender àqueles médiuns, sem cuja boa vontade de cooperação, o trabalho da sociedade não se teria fanado. Atualmente a sociedade possui uma excelente sala de sessões, mas a dificuldade está em persuadir qualquer médium a entrar ali.

É o que tinha de acontecer, pois tanto o médium quanto a causa que este representa se acham em perigo, quando hipóteses vesgas e acusações injuriosas são feitas tão levianamente quanto no passado. A pesquisa psíquica deveria mostrar algum respeito pelos sentimentos e pelas opiniões dos Espíritos, pois é bem certo que sem êstes aquela não existiria.

Entre as irritações daquilo que consideram como crítica ofensiva, os Espíritas não deveriam esquecer que, em várias ocasiões, a sociedade fêz excelentes trabalhos. Assim, foi a matriz de outras sociedades que se tornaram mais ativas que ela. Ela também produziu, tanto em Londres, quanto nas suas ramificações na América, um certo número de homens que acompanharam as provas e se tornaram sinceros defensores do ponto de vista espírita. Na verdade pode, sem favor, dizer-se que todos os grandes homens, os homens que deram mostras de poderosa mentalidade, em setores diversos e dêste assunto particular, adotaram a explicação psíquica. Sir William Crookes, Sir Oliver Lodge, Russell Wallace, Lord Rayieigh, Sir William Barrett, Professor William James, Professor Hyslop, Doutor Richard Hodgson e Mr. F. W. H. Myers estavam todos, em graus diversos, do lado dos anjos.

Houve antes uma sociedade com idênticos objetivos — a Sociedade Psicológica da Grã-Bretanha — fundada em 1875 por Mr. Serjeant Cox. Com a morte dêsse cavalheiro em 1879, a sociedade se dissolveu. A 6 de janeiro de 1882 foi feita uma

reunião, por iniciativa de Sir William Barrett, para considerar a formação de uma sociedade nova e a 20 de fevereiro seguinte foi esta instalada. Foi eleito presidente o Professor Henry Sidgwick, de Cambridge, e entre os vice-presidentes estava o Reverendo Stainton Moses. O conselho contava com representantes espíritas, entre os quais Mr. Edmund Dawson Rogers Mr. Hensieigh Wedgewood, Doutor George Wild, Mr. Alexander Caider e Mr. Moreli Theobald. No correr do exame de sua história veremos como a Society for Psychical Research alienou gradualmente as simpatias dêsses membros e levou muitos dêsses a pedir demissão, e como essa clivagem precoce se foi alargando com o correr dos anos.

Diz um manifesto da Sociedade:

"Foi largamente sentido que o presente oferece oportunidade para uma tentativa organizada e sistemática de investigar o enorme grupo de fenômenos discutíveis, designados por expressões como mesmerismo, psiquismo e espiritismo."

Em seu primeiro relatório presidencial, em 17 de julho de 1882, falando da necessidade de pesquisa psíquica, diz o Professor Sidgwick:

"Somos todos concordes em que o presente estado de coisas é um escândalo para o período esclarecido em que vivemos; que a discussão sôbre a realidade dêsses maravilhosos fenômenos — cuja importância, científica não será nunca exagerada, se apenas a décima parte do que dizem testemunhas geralmente crédulas pudesse ser demonstrada como verdadeira — como ia dizendo, é um escândalo que a discussão sôbre a realidade dêsses fenômenos ainda perdure; que tantas testemunhas competentes tenham declarado a sua crença nêles; que tantos outros estejam profundamente interessados em esclarecer a questão; e, ainda, que o mundo culto se ache, apenas, numa atitude de incredulidade".

Assim definida por seu primeiro presidente, a atitude da Sociedade seria correta e razoável. Respondendo à crítica de que sua intenção era rejeitar como inverídicos os resultados de tôdas as investigações anteriores sôbre fenômenos psíquicos, disse êle:

"Não creio que possa produzir provas de melhor qualidade do que muitas já apresentadas por escritores de indubitável reputação científica — homens como Mr. Crookes, Mr. Wallace e o falecido Professor de Morgan. Mas é claro que, de tudo que eu defini como escopo da sociedade, por melhores que sejam algumas dessas provas como qualidade, nos é necessário um

número muito maior."

O mundo culto, como êle diz, ainda não se acha convencido e, assim, mais provas devem ser acumuladas. Não declarou que já houvesse provas abundantes, mas que o mundo não se havia dado ao trabalho de examinar.

Voltando a êsse aspecto, no final de seu discurso, disse:

"A incredulidade científica cresceu durante tanto tempo, e criou tantas e tão fortes raízes, que teremos apenas que a maior, se formos capazes disso, relativamente àquelas questões, enterrando-a viva, sob um monte de fatos. Devemos plantar balizas, como o disse Lincoln; devemos acumular fatos sôbre fatos, e somar experiência a experiência e, diria até, não esbravejarmos demasiadamente com os incrédulos de fora acêrca do valor probante de cada uma delas, mas acreditar na massa de provas para convicção, O mais alto grau de fôrça demonstradora que pudermos obter além de um simples registro de uma investigação é, aliás, limitada pela fidedignidade do investigador. Fizemos tudo quanto era possível quando o crítico nada deixou para alegar senão que o investigador era parceiro no truque. Mas quando não deixou coisa alguma, alegará isso. Devemos levar o opositor a ser forçado a admitir ou que os fenômenos são inexplicáveis, ao menos para si, ou a acusar os investigadores de serem mentirosos ou trapaceiros, ou de uma cegueira e um descuido incompatíveis com qualquer condição intelectual fora da idiotia".

O primeiro trabalho da Sociedade foi dedicado a uma investigação experimental de transmissão de pensamento, assunto que Sir William, então Professor Barrett, tinha apresentado à British Association em 1876. Depois de longa e paciente pesquisa foi considerado que a transmissão de pensamento, ou telepatia, como era chamada por Mr. F. W. H. Myers, era um fato inconteste. No domínio dos fenômenos mentais foi feito um trabalho muito valioso por essa Sociedade, e isso foi registrado de maneira sistemática e cuidadosa nos "Proceedings" da mesma. Também as suas pesquisas sôbre a chamada "Correspondência Cruzada" constituem fase importante de suas atividades. A investigação da mediunidade de Mrs. Piper foi ainda um trabalho notável e a êle voltaremos mais tarde.

Onde a sociedade foi menos feliz foi no que se refere aos chamados fenômenos físicos do Espiritismo. Mr. E. T. Bennett, que durante vinte anos foi secretário assistente da Sociedade,

assim se exprime a respeito:

"É notável, e nós nos inclinamos a dizer que é uma das coisas mais notáveis na história da Sociedade, que êsse ramo de investigações tivesse sido — e não há nisso exagero — absolutamente falho de resultados. Também deve ser dito que o resultado foi tanto mais falho quanto maior a simplicidade dos supostos fenômenos. Quanto ao movimento de mesas e outros objetos sem contacto, a produção de batidas audíveis e de luzes visíveis, a opinião, mesmo dentro da Sociedade, para não falar das criaturas inteligentes que estão de fora, permanece no mesmo estado caótico de vinte anos passados. A questão do movimento das mesas sem contacto está exatamente no ponto em que foi deixado pela Sociedade Dialética em 1869. Mesmo então, o fato de o movimento de uma pesada mesa de jantar, que nenhum dos presentes tocava, e não em presença de um médium profissional, foi atestado por numerosas pessoas bem conhecidas. Se era "um escândalo que a discussão sôbre a realidade dêsses fenômenos ainda perdurasse", quando o Professor Sidgwick leu o seu primeiro relatório presidencial, quanto maior será o escândalo agora, depois de um lapso de quase um quarto de século, "que o mundo culto, como um todo, ainda se ache apenas numa atitude de incredulidade"? Em tôda a série de volumes publicados pela Sociedade, nenhuma luz foi derramada sôbre os simples supostos fenômenos de ver e ouvir. Em relação a fenômenos físicos mais elevados, que implicam inteligência para a sua produção, tais como a Escrita Direta ou a Fotografia de Espíritos, algumas investigações foram feitas, mas em grande parte com resultados quase que inteiramente negativos." (1)

1. "Twenty Years of Psychical Research" by Edward Bennett (1904), páginas 21 e 22.

Essas vassouradas na Sociedade são feitas por uma crítica amiga. Vejamos como os Espíritas contemporâneos viam as suas atividades. Para começar, logo no início, já em 1883, encontramos — justamente um ano depois de fundada — um correspondente a escrever à Light, perguntando: "Qual a diferença entre a "Sociedade de Pesquisas Psíquicas" e a "Associação Central dos Espíritas?" E quer saber se existe algum antagonismo entre as duas organizações. A resposta foi dada num artigo de fundo (2),

2. Light, 1883, página 54.

do qual fazemos êste extrato. Com o nosso retrospecto de quarenta anos, é êle de interêsse histórico:

"Os Espíritas não podem duvidar qual será o objetivo —não podem duvidar de que, com o tempo, a Sociedade de Pesquisas Psíquicas dará provas tão claras e insofismáveis de clarividência, de escrita mediúnica, de aparições de Espíritos e de várias formas de fenômenos físicos do mesmo modo que vitoriosamente as deu de transmissão de pensamento.

Há, porém, uma clara linha de separação entre a Sociedade de Pesquisas Psíquicas e a Associação Central dos Espíritas. Os Espíritas têm uma fé estabelecida — ainda mais, um certo conhecimento — em relação aos fatos, a respeito dos quais a Sociedade de Pesquisas Psíquicas ainda não pode confessar possuir qualquer conhecimento. A Sociedade de Pesquisas Psíquicas está preocupada apenas com os fenômenos, buscando provas de sua realidade... Para êles, a idéia da comunicação dos Espíritos, de uma suave conversa com os mortos queridos — tão preciosas para os Espíritas, não apresenta interêsse atual. Falamos dêles, como uma Sociedade — e não como membros individuais. Como Sociedade estão estudando ossos e músculos: ainda não chegaram ao coração e a alma".

Continuando, o articulista dá um mergulho no futuro, embora não pudesse ver quando a prova iria ser feita:

"Como Sociedade, ainda não se podem dizer espíritas. Como Sociedade, e à medida que as provas se acumularem, provavelmente êles se dirão, primeiro, "Espíritos sem Espíritos"; por fim — exatamente como os outros Espíritos, com o acréscimo de satisfação de, ao chegar a essa posição, terem feito bem cada etapa de seu caminho, á medida que avançavam e, por sua conduta cautelosa, terem induzido muitas criaturas nobres e lúcidas a palmilhar o mesmo caminho."

Em conclusão, o correspondente é informado de que não há antagonismo entre as duas Sociedades e de que os Espíritas confiam que a Sociedade de Pesquisas Psíquicas esteja fazendo um trabalho muito útil.

O extrato é instrutivo, pois mostra os delicados sentimentos do principal órgão dos Espíritas para com a nova sociedade. A profecia que o acompanha, entretanto, está longe de se

realizar. Numa exagerada aspiração pelo que era considerado uma atitude científica imparcial, um pequeno grupo dentro da sociedade continuou, durante muitos anos, a manter uma posição, senão de hostilidade, ao menos de negação da realidade das manifestações físicas observadas com médiuns particulares. Ela não sopesou a importância do testemunho que viria de homens fidedignos, cujos títulos e cuja experiência os tornou dignos de crédito.

Assim que a Sociedade de Pesquisas Psíquicas passou a considerar êsse testemunho ou, mais raramente, a conduzir ela própria as investigações, ou foram feitas abertamente acusações de fraude contra os médiuns, ou foi admitido que os resultados deveriam ter sido obtidos por outros meios que não os supranormais sugeridos. Assim, temos Mrs. Sidgwick, que é um dos piores ofensores a êsse respeito, dizendo de uma sessão com Mrs. Jencken (Kate Fox), realizada em plena luz, que foi julgada bastante para se lerem impressos, e na qual foi obtida a escrita direta numa fôlha de papel fornecida pelos assistentes e colocada debaixo da mesa, escreveu: "Pensamos que Mrs. Jencken deve ter escrito com o pé. De Henry Slade disse: "A impressão que tenho, depois de dez sessões com o Doutor Slade... é que os fenômenos são produzidos por truques". Da escrita na lousa, por William Eglinton, escreveu:

Por mim não hesito em atribuir as realizações a finas mágicas". Uma senhora médium, filha de conhecido professor, descreveu ao autor como era impossível e, na verdade, como era inconscientemente insultuosa, a atitude de Mrs. Sidgwick em tais ocasiões.

Muitas outras citações do mesmo tipo poderiam ser dadas em relação a outros médiuns famosos. Mr. Sidgwick contribuiu com um trabalho intitulado "Mr. Eglinton", publicado no Jornal, órgão da Sociedade, em 1886, e que provocou uma tempestade de críticas acerbas e um suplemento especial de Light, dedicado a cartas de protesto. Num comentário editorial, da pena de Mr. Stainton Moses, êste jornal, que antes havia mostrado uma simpatia igual à novel sociedade, assim se expressa:

"A Sociedade de Pesquisas Psíquicas em mais de um aspecto colocou-se numa posição falsa e quando sua atenção era chamada para o fato permitiu-se considerá-lo fraudulento.

Na verdade, a história secreta da "Pesquisa Psíquica" na Inglaterra, se fôr escrita, provará uma descrição muito instrutiva e sugestiva. Além disso — pesa-nos dizê-lo e o fazemos com inteiro senso de gravidade de nossas palavras —

até onde toca a discussão livre e completa, sua política tem sido obstrucionista... Nestas circunstâncias, pois, cabe à Sociedade de Pesquisas Psíquicas decidir se o atrito atualmente existente será aumentado ou se um "modus vivendi" entre ela e a Sociedade Espírita poderá ser estabelecido. Nenhuma desaprovação oficial foi feita do ponto de vista da sociedade. Entretanto êste seria o primeiro passo.

A situação aqui indicada no quarto ano de vida da sociedade continuou com pequenas alterações até agora. Podemos vê-la bem descrita por Sir Oliver Lodge (3),

3. "The Survtval of Man" (1909), página 6.

que diz da Sociedade, embora não concordando com o que se diz: "Ela tem sido chamada de sociedade para a supressão dos fatos, para a imputação geral de impostura, para o desencorajamento dos sensitivos e para o repúdio de tôda revelação daquela espécie que desce das regiões da luz e do conhecimento sôbre a humanidade".

Uma das primeiras atividades públicas da SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH foi a viagem à Índia de seu representante Doutor Richard Hodgson, com o fito de investigar os supostos milagres que se davam em Adyar, quartel general de Madame Blavatsky, que havia desempenhado papel tão preeminente na ressurreição da antiga sabedoria do Oriente, sistematizando-a sob o nome de Teosofia, num sistema filosófico inteligível e aceitável pelo Ocidente. Não é aqui o lugar para discutir o caráter misto dessa notável senhora: basta dizer que o Doutor Hodgson formou opinião absolutamente contrária a ela e aos seus supostos milagres. Por algum tempo parecia que essa conclusão era definitiva; mas, posteriormente, certas razões forçaram a sua reconsideração, de que temos o melhor resumo na defesa feita pela Senhora Besant (4).

4. "H. PÁGINA Blavatsky and the Masters of Wisdom" (Theosophical Publishing House).

O ponto principal da Senhora Besant é que as testemunhas eram completamente maliciosas e corruptas e que muitos dos testemunhos eram claramente manipulados. O resultado líquido é que quando ocorrem episódios semelhantes, que maculam a reputação de Madame Blavatsky, não se pode dizer

que se haja obtido uma prova definitiva.

Neste, como noutros casos, o padrão dos argumentos da Sociedade, a fim de provar que houve fraude, é muito mais elástico do que quando ela examina os supostos fenômenos psíquicos.

É mais interessante voltarmo-nos para um exame completo da mediunidade de Mrs. Leonora Piper, a célebre sensitiva de Boston, E.U.A., porque ela se alinha entre os mais belos resultados obtidos pela Sociedade de Pesquisas Psíquicas. Ela se exerceu por um período de mais de quinze anos e os relatos são volumosos. Entre os investigadores estavam homens conhecidos e competentes, como o Professor William James, da Universidade de Harvard, o Doutor Richard Hodgson e o Professor Hyslop, da Universidade de Columbia. Êsses três estavam convencidos da autenticidade dos fenômenos que ocorriam em sua presença e todos foram favoráveis à sua interpretação espírita.

Naturalmente os Espíritas ficaram jubilosos com a confirmação de suas alegações. Mr. E. Dawson Rogers, Presidente da London Spiritualist Alliance, numa reunião dessa sociedade, em 24 de outubro de 1901, (5)

5. Light, 1901, página 523.

disse:

"Nos últimos dias deu-se um pequeno fato que, segundo pensam alguns, reclama algumas palavras minhas. Como muitos sabem, nossos amigos da Sociedade de Pesquisas Psíquicas — ou alguns dêles — passaram para o nosso lado. Isto não quer dizer que aderiram à Aliança Espírita de Londres — quero dizer que alguns se riam e zombavam de nós há alguns anos, agora se dizem adesos ao nosso credo, isto é, aderentes à hipótese ou teoria de que o homem continua a viver depois da morte e que, sob certas condições, lhe é possível comunicar-se com os que aqui ficaram.

Bem, agora tenho uma dolorosa recordação dos primeiros tempos da Sociedade de Pesquisas Psíquicas. Felizmente, ou infelizmente, fui membro do seu primeiro Conselho, em companhia do nosso saudoso amigo W. Stainton Moses. Reuníamo-nos e ficávamos tristes pela maneira com que o Conselho da Sociedade de Pesquisas Psíquicas recebia qualquer sugestão relativa à possibilidade de demonstrar a continuação da existência do homem após a chamada morte. O

resultado foi que, não podendo sofrer isto por mais tempo, Mr. Stainton Moses e eu resignamos os nossos cargos no Conselho. Entretanto o tempo exerceu a sua vingança. Naquela época os nossos amigos se diziam ansiosos por descobrir a verdade; mas esperavam e esperavam ansiosamente — que a verdade fôsse que o Espiritismo era uma fraude...

Passaram, felizmente, aquêle tempo e aquela atitude; agora podemos considerar a Sociedade de Pesquisas Psíquicas como uma excelente amiga. Ela se pôs ao trabalho assídua e intensamente e provou a nossa tese — se e que provas eram necessárias — à sociedade. Em primeiro lugar temos o nosso amigo Mr. F. W. H. Myers, cuja memória todos veneramos, e não esquecemos que Mr. Myers declarou plenamente que havia chegado à conclusão de que a hipótese espírita era a única admissível para explicar os fenômenos que havia testemunhado. Depois vem o Doutor Hodgson. Todos quantos conhecem o assunto de longa data se lembram quanto êle perseguia tenazmente os que professavam o Espiritismo. Era um autêntico Saulo a perseguir os cristãos. E êle próprio, por fôrça da investigação dos fenômenos que se davam em presença de Mrs. Leonora Piper, veio para o nosso lado e, honestamente, destemerosamente, declarou-se convertido à hipótese espírita. E agora, nestes últimos dias, tivemos um notável volume de autoria do Professor Hyslop, da Universidade de Colúmbia, New York, publicado pela Sociedade de Pesquisas Psíquicas — um livro de 650 páginas, que mostra que, também êle, um Vice-Presidente da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, está convencido de que a hipótese espírita é a única capaz de explicar os fenômenos de que foi testemunha. Todos estão rindo; e eu estou começando a ter esperanças em nosso bom amigo Mr. Podmore".

Da nossa posição privilegiada dêstes últimos vinte anos singulares, vemos que o vaticínio era muito otimista. Mas o trabalho de Mrs. Piper está acima de contestação.

O Professor James tomou contacto com Mrs. Piper em 1885, ao saber da visita de um seu parente, que obtivera resultados muito interessantes. Conquanto fôsse antes céptico, resolveu-se a investigar diretamente. Conseguiu bom número de mensagens probantes. Por exemplo, sua sogra havia perdido seu talão de cheques, mas o Doutor Phinuit, guia de Mrs. Piper, a quem haviam pedido que ajudasse a encontrá-Lo, disse onde estava e a informação estava certa. Em outra ocasião êsse guia disse ao Professor James: "Sua filha tem um rapaz, chamado

Robert F., como companheiro em nosso mundo". Os Fs. eram primos de Mrs. James e viviam em outra cidade. O professor James contou a sua senhora que o Doutor Phinuit tinha cometido um engano quanto ao sexo da criança morta dos Fs, pois havia dito que era um rapaz. Mas o Professor James estava enganado: a criança era um rapaz e a informação dada estava certa. Aqui, pois, não podia ser uma questão de leitura do pensamento dos assistentes. Muitos outros exemplos de comunicações verídicas podiam ser aduzidos. O Professor James descreve Mrs. Piper como uma criatura absolutamente simples e honesta e diz de sua investigação: "O resultado é fazer-me sentir, tão absolutamente certo quanto estou de qualquer fato pessoal no mundo, que em seus transes ela sabe de coisas que não seria possível ter ouvido quando desperta."

Depois da morte do Doutor Richard Hodgson, em 1905, o Professor Hyslop obteve, por intermédio de Mrs. Piper, uma série de comunicações probantes, que o convenceram de que realmente se achava em contacto com seu amigo e companheiro de trabalho. Por exemplo, Hodgson lhe lembrou um médium particular, a respeito de cujos dons os dois homens haviam discordado. Disse que o tinha visitado e acrescentou: "Achei as coisas melhor do que pensava". Falou de um ensaio com água corada, que êle e Hyslop tinham usado para experimentar um médium a quinhentas milhas de Boston, e acêrca do qual Mrs. Piper nada sabia. Houve também referência a uma discussão que êle tinha tido com Uyslop a respeito de certo manuscrito de um dos livros de Hyslop. O céptico poderá objetar que êsses fatos estavam dentro do conhecimento do Professor Hyslop, de quem Mrs. Piper os teria obtido por meio da telepatia. Mas, acompanhando as comunicações, havia muitas provas de peculiaridades pessoais do Doutor Hodgson, que foram reconhecidas pelo Professor Hyslop.

A fim de permitir que o leitor julgue a consistência de algumas das provas dadas por intermédio de Mrs. Piper, sob a ação do guia Phinuit, citamos o seguinte caso (6).

6. "Proceedings" of SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH Volume 6º, página 509. Quoted in M. Sages "Mrs. Piper and the SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH"

Na 45ª sessão na Inglaterra, a 24 de dezembro de 1889, quando Messrs. Oliver e Alfred Lodge e Mr. Thompson e

senhora eram assistentes, de súbito disse Phinuit:

“Conhece Richard, Rich, Mr. Rich?”

—“Não muito bem”, respondeu Mrs. Thompson. “Conheci um Doutor Rich”.

“— É este. Morreu. Está mandando saudades a seu pai”.

Na 83ª sessão, quando Mr. Thompson e a senhora se achavam presentes novamente, Phinuit disse de repente:

—“Aqui está o Doutor Rich!”

Então o Doutor Rich começou a falar.

—“É muita bondade dêste cavalheiro”. (Referia-se ao Doutor Phinuit), “deixar que eu vos fale. Mr. Thompson, desejo que leve uma mensagem a meu pai.”

—“Levá-la-ei”, respondeu Mr. Thompson.

—“Agradeço milhares de vêzes”, respondeu o Doutor Rich. “É muita bondade. Como vêdes, passei subitamente. Meu pai ficou muito perturbado com isto e ainda se acha perturbado. Não se recuperou. Diga-lhe que estou vivo; que lhe mando a minha afeição. Onde estão os meus óculos?”

A médium passa a mão sôbre os olhos.

—“Eu usava óculos”. (Era verdade). “Penso que êle os guarda, bem como alguns de meus livros. Havia uma pequena caixa preta, que eu tinha — penso que está com êle. Não desejo que se perca. Ás vêzes êle é perturbado por um zumbido na cabeça — fica nervoso — mas isto não tem importância.”

—“Que faz o seu pai?” pergunta Mr. Thompson.

A médium tomou um cartão e parecia escrever nêle: parecia pôr um sêlo no canto.

— “Êle se ocupa com estas coisas. Mr. Thompson, se o senhor lhe der esta mensagem, eu o ajudarei de muitas maneiras. Posso e quero.”

A respeito dêste incidente, observa o Professor Lodge:

“Mr. Rich, pai, é administrador dos Correios de Liverpool... Meu filho, o Doutor Rich, era quase estranho a Mr. Thompson e quase estranho para mim. O pai tinha ficado muito chocado com a morte do filho, como verificamos. Mr. Thompson o havia procurado e dado o recado. Mr. Rich, pai, considera o episódio extraordinário e inexplicável, salvo por alguma espécie de fraude. A frase “agradeço milhares de vezes — concordou o velho —é característica e admite que recentemente sofreu de zumbidos”. Mr. Rich não soube a que caixa preta o filho se referia. A única pessoa que podia dar informações a respeito achava-se então na Alemanha. Mas foi verificado que, em seu

leito de morte, o Doutor Rich falava constantemente de uma caixa preta.

Assim comenta M. Sage: "Sem dúvida Mr. Thompson e a senhora conheceram o Doutor Rich, pois o encontraram uma vez. Mas eram perfeitamente ignorantes de todos os detalhes dados aqui. Onde os colheu a médium? Não da influência deixada num objeto qualquer, pois não havia tal objeto na sessão.

Mrs. Piper teve vários guias em diversas etapas de sua longa carreira, O primeiro dêles foi o Doutor Phinuit, que dizia ter sido um médico francês, mas cujo relato de sua vida terrena era contraditório e insuficiente. Nada obstante, sua atuação foi muito notável e êle convenceu a muita gente de que então era um intermediário entre os vivos e os mortos.

Algumas objeções contra êle, entretanto, tinham fôrça, pois, conquanto seja muito possível que uma prolongada experiência das condições do outro mundo apague a nossa lembrança das coisas terrenas, é pouco admissível que assim fôsse até o ponto que a experiência o demonstrou. Por outro lado, a alternativa de que fôsse uma segunda personalidade de Mrs. Piper, um simples fio, se assim se pode dizer, separado do tecido da sua individualidade, abre dificuldades ainda maiores, desde que foi dada tanta coisa que se achava acima do possível conhecimento da médium.

Estudando êsses fenômenos o Doutor Hodgson, que tinha sido um dos mais severos críticos de tôdas as explicações transcendentes, foi pouco a pouco forçado a aceitar a hipótese espírita como a única capaz de abarcar os fatos. Achou que a telepatia entre assistente e médium não bastava. Verificou impressionado que, quando a inteligência comumente tinha tido um distúrbio mental antes de morrer, as mensagens posteriores eram obscuras e grosseiras. Isto seria inexplicável se as mensagens fôssem meros reflexos mentais dos assistentes. Por outro lado, havia casos, como de Hannah Wild, em que uma mensagem selada em vida, não pôde ser dada depois de morta. Admitindo valor a tais objeções, não podemos senão repetir que nos cingiríamos aos resultados positivos e esperamos que conhecimentos mais completos possam dar-nos a chave que explicará aquêles que se afiguram negativos. Como podemos imaginar quais sejam as leis e quais as dificuldades especiais em tais experiências?

Em março de 1892 o guia Phinuit foi avantajado pelo guia George Pelham e o tom das comunicações mudou com a troca.

George Pelham era um jovem literato, morto aos trinta e dois anos, numa queda de cavalo. Tinha-se interessado pelos estudos psíquicos e então havia prometido ao Doutor Hodgson que se morresse iria esforçar-se por se manifestar. Foi uma promessa que cumpriu vantajosamente e o autor destas linhas deseja aqui consignar a sua gratidão, porque foi o estudo das manifestações de George Pelham (7)

7. Doutor Hodgsons Report. Proceedings, of SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH Volume 13º, páginas 284-582.

que tornaram a sua mente receptiva e simpática até que as provas finais lhe vieram durante a Grande Guerra.

Pelham preferia escrever pela mão de Mrs. Piper. E não era raro que enquanto Phinuit falava, Pelham estivesse escrevendo. Pelham estabeleceu sua identidade encontrando trinta velhos amigos, desconhecidos da médium; reconheceu-os a todos e a cada um se dirigiu no tom costumeiro de quando era vivo. Nunca tomou um estranho por um amigo. É difícil imaginar como a continuidade de identidade e o poder de comunicabilidade — duas coisas essenciais no Espiritismo poderiam ser melhor estabelecidos do que em tais registros. É instrutivo que o ato de se comunicar era muito agradável a Pelham. "Sinto-me feliz aqui, e mais ainda desde que me posso comunicar com você. Lamento os que não podem falar." Por vêzes mostrava ignorância do passado. Comentando isto, diz M. Sage: "Se há um outro mundo, os Espíritos não vão para lá a fim de ruminar o que aconteceu em nossa vida incompleta: vão para serem arrastados no vórtice de uma atividade maior e mais alta. Se, por vêzes se esquecem, não é de admirar. Não obstante, parece que esquecem menos do que nós". (8)

8. M. Sage "Mrs. Ptper and SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, página 98.

É claro que se Pelham estabeleceu a sua identidade, tudo quanto nos possa dizer de sua experiência atual no outro mundo é da mais alta importância. É aqui que o lado fenomênico do Espiritismo dá lugar ao lado religioso, pois, que segurança dos mais veneráveis mestres, ou dos escritos, pode dar-nos a mesma convicção que um relato de primeira mão, de alguém que conhecemos e que vive atualmente a vida que descreve? Êste assunto é tratado mais completamente em

outro lugar. Assim, basta dizer aqui que a descrição de Pelham, de um modo geral, é a mesma que tantas vêzes temos recebido, e que pinta uma vida de evolução gradativa, que é a continuação da vida terrena e apresenta, de muito, os mesmos aspectos, pôsto que, em geral, de forma mais agradável. Não é uma vida de mero prazer e de preguiça egoística, mas uma vida na qual tôdas as nossas faculdades pessoais têm um imenso campo de ação.

Em 1898, James Hervey Hyslop, Professor de Lógica e Ética na Universidade de Colúmbia, substituiu o Doutor Hodgson como chefe experimentador. Começando na mesma posição de cepticismo, aos poucos foi levado pelas próprias experiências à mesma conclusão.

É impossível ler os seus relatórios, publicados em vários livros e, também, no Volume 16º dos "Proceedings" da SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH sem sentir que talvez êle não suportasse a evidência. Seu pai e muitos parentes voltaram e mantiveram palestras que estavam muito acima da alternativa de personalidade secundária ou de telepatia. Ele não discute o obscuro em sua conversação, mas diz: "Estive conversando com meu pai, meu irmão, meus tios" e quem quer que leia a sua descrição será forçado a concordar com êle.

Como essa Sociedade pode ter tais provas em seus próprios "Proceedings" e ainda, até onde a maioria de seu Conselho é responsável, continuar não convertida ao ponto de vista Espírita, é um mistério. Isto apenas pode ser explicado pelo fato de haver um tipo de mente egocêntrica e limitada - embora possivelmente aguda — que absolutamente não recebe impressões do que acontece aos outros e, ainda, é constituída de tal modo que é o último tipo de mente a convencer-se por si mesma, devido ao seu efeito sôbre o material de que depende a prova. Nisto está a razão por que de outro modo seria inexplicável.

As lembranças do velho Hyslop não eram muito minuciosas nem muito definitivas para alcançar o seu filho. Muitos fatos haviam sido esquecidos e alguns jamais tinham chegado ao conhecimento dêste. Dois vidros em sua escrivaninha, seu canivete castanho, sua caneta com pena de pato, o nome de seu piquira, seu boné prêto a gente pode considerar estas coisas triviais, mas elas são essenciais à comprovação da personalidade. Êle tinha sido membro ativo de uma pequena seita. Apenas nisto parece que havia mudado. "A ortodoxía nada tem com isto. Eu podia ter mudado de idéia em muitas

coisas, se as tivesse conhecido.”

É interessante notar que quando, em sua décima sexta sessão, o Professor Hyslop adotou os métodos dos Espíritas, conversando livremente e sem testes, obteve uma corroboração mais efetiva do que nas quinze sessões em que havia tomado precauções. O fato confirma a observação de que quanto menor o constrangimento em tais entrevistas, mais positivos são os resultados, e que o pesquisador meticuloso muitas vêzes estraga a própria sessão. Hyslop registrou que em 205 incidentes mencionados nessas conversas foi-lhe possível verificar a exatidão de nada menos que 152.

Talvez a mais interessante e dramática conversação jamais obtida através de Mrs. Piper seja a que se deu entre seus dois investigadores, após a morte de Richard Hodgson, em 1905.

Temos aqui dois cérebros de primeira classe — Hodgson e Hyslop — um “morto” e o outro na plenitude de suas faculdades, mantendo uma palestra no seu nível habitual, pela bôca e pela mão dessa mulher meio deseducada e em transe. É uma situação maravilhosa e quase que inconcebível que êle, que durante tanto tempo estivera estudando o Espírito através dessa mulher, deveria agora ser o Espírito que usasse a mesma mulher e, por seu turno, fôsse examinado por seu velho colega. O episódio merece um estudo cuidadoso (9).

9. “The Psychical Riddle”. Funk, página 58 e seguintes.

Assim também é a mensagem atribuida a Stainton Moses. A seguinte passagem dá o que pensar a muitos dos nossos mais materiais investigadores do psiquismo. O leitor dirá se ela pode ter brotado do cérebro de Mrs. Piper:

“Desejamos incutir êsse pensamento no vosso cérebro e no dos amigos terrenos: há uma diferença entre a entrada no Mundo dos Espíritos daqueles que buscam o desenvolvimento espiritual, e o daqueles que apenas buscam o conhecimento científico. Pede o Doutor Hodgson que vos diga que ele cometeu um grande êrro em ficar tanto tempo aferrado à vida e às coisas materiais. Compreendereis que ele quer dizer que não se interessou pelo mundo mais alto ou espiritual. Êle não viu êsses assuntos psíquicos do mesmo ponto de vista que eu. Êle procurou basear tudo em fatos materiais e não procurou interpretar coisa alguma como um todo espiritual. Aquêle que chega onde êle chegou é transplantado de uma para outra esfera da vida, como uma criança recém-nascida. Êle tem sido

crivado de mensagens vindas de vosso lado. Os mensageiros lhe têm trazido tôda sorte de mensagens. Tudo em vão: êle não pode responder. E repete que eu vos devo dizer que agora se dá conta de que apenas viu um lado dessa magna questão a que era menos importante".

Uma descrição dessa notável médium deve interessar ao leitor. Dela assim fala Mr. A. J. Philpott:

"Pareceu-me uma senhora de meia-idade, agradável, bem feita e saudável; acima da estatura média, cabelos castanhos e uma atitude equilibrada e de uma matrona. Parecia uma criatura bem educada, sem quaisquer características marcantes, intelectuais ou outras. Aliás eu esperava encontrar um tipo diferente, alguém que mostrasse o sistema nervoso com mais eficiência. Essa senhora parecia tão calma e fleugmática quanto uma caseira alemã.

Evidentemente nunca se havia preocupado com problemas metafísicos ou de qualquer outra espécie e de caráter vago e abstrato. De qualquer modo lembrou-me uma enfermeira que certa vez eu havia visto num hospital — uma mulher calma e senhora de si."

Como muitos outros grandes médiuns, tal como Margaret Fox-Kane, era agnóstica relativamente à origem de suas fôrças, o que é mais natural em seu caso, desde que caía sempre em profundo transe e apenas de segunda mão é que lhe vinha o relato do que se passava. Inclinava-se para uma grosseira e superficial explicação baseada na telepatia. Como no caso de Eusapia Palladino, sua mediunidade, desabrochou após um acidente na cabeça. Parece que suas fôrças a deixaram de súbito, como tinham chegado. O autor encontrou-a em New York, em 1922, quando parecia ter perdido completamente suas faculdades, embora conservasse interêsse pelo assunto.

A Sociedade dedicou muito trabalho àquilo que se costuma chamar "correspondência cruzada". Centenas de páginas dos "Proceedings" são dedicadas ao assunto, que despertou acalorada controvérsia.

Foi sugerido que o esquema se havia originado no Outro Lado, por F. W. H. Myers, como um método de comunicação que eliminava o bicho-papão de tantos pesquisadores do psiquismo — a telepatia dos vivos. Pelo menos existe a certeza de que, quando vivo, Myers havia considerado o projeto de maneira mais simplista, qual fôsse a de obter a mesma palavra ou mensagem através de dois médiuns.

Mas a correspondência cruzada da SOCIETY FOR

PSYCHICAL RESEARCH tem, de um modo geral, um caráter muito mais complicado. Nesta um escrito não é a mera reprodução de declarações feitas em outro; os escritos parece que representam antes aspectos diversos da mesma idéia e, muitas vêzes, a informação em um é explanatória, mas complementar no outro.

Mrs. Alice Johnson, encarregada da pesquisa pela SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, foi a primeira a notar êsse elo entre os escritos. Ela cita êste simples exemplo:

"Num caso o escrito de Mrs. Forbes, supostamente ditado por seu filho Talbot, afirmava que era o momento de a deixar, uma vez que buscava um sensitivo que escrevesse automaticamente, a fim de que pudesse conseguir a confirmação do próprio escrito.

"No mesmo dia Mrs. Verrall escreveu sôbre uma árvore — um abeto — plantada num jardim e a descrição foi assinada com, uma espada e uma corneta pendurada nela. A corneta fazia parte do distintivo do regimento a que Talbot havia pertencido; e em seu jardim Mrs. Forbes tinha alguns abetos, originários de sementes que o filho lhe enviara. Êsses fatos eram desconhecidos de Mrs. Verall."

Mrs. Johnson, que fêz um minucioso estudo das mensagens recebidas por Mrs. Thompson, Mrs. Forbes, Mrs. Verall, Mrs. Willett, Mrs. Piper e outras, chegou à seguinte conclusão:

"A característica dêstes casos — ou, pelo menos, alguns dêles — é que não encontramos na escrita de um médium automático nada parecido com uma reprodução"verbum ad verbum" das frases do outro. Também não captamos a mesma idéia expressa de diversas maneiras — como bem poderia resultar da telepatia direta entre os médiuns. O que colhemos é uma reprodução produção fragmentária num escrito, que não parece ter um ponto particular ou significação e uma outra informação fra gmentária no outro, igualmente sem uma característica especial; mas quando unimos os dois escritos, vemos que se completam e que, aparentemente, há uma idéia coerente ligando os dois, mas apenas parcialmente expressa em cada um dêles."

Diz ela (10)

10. SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH Proceedings, Volume 21º, página 375.

o que não é o caso, pois centenas de casos contrários podem

ser citados — o seguinte:

"O ponto fraco de todos os casos bem autenticados de aparente telepatia dos mortos é, aliás, que êles podem ser explicados pela telepatia entre os vivos.

E acrescenta:

"Nessas correspondências cruzadas, entretanto, encontramos, aparentemente, telepatia referente ao presente — isto é, as informações correspondentes são mais ou menos contemporâneas e sôbre fatos do presente que, de qualquer modo, são desconhecidos de qualquer pessoa viva, desde que a significação e a passagem da mensagem muitas vêzes não é compreendida para cada médium automático até que a solução seja encontrada quando se juntam os dois escritos."

O estudioso que tomar a peito o imenso trabalho de examinar cuidadosamente essas mensagens — que se estendem por centenas de páginas — talvez se satisfaça com a prova apresentada.

Mas, na verdade, verificamos que muitos pesquisadores de psiquismo, experimentados e capazes, as consideram insuficientes. Eis algumas opiniões a respeito.

Diz Richet: (11)

11. "Thirty Years of Psychical Research".

"Certamente êstes são casos bem marcados de criptestesia; mas, se há criptestesia, ou lucidez, ou telepatia, isto de modo algum implica a sobrevivência de uma personalidade consciente".

Deve, entretanto, lembrar-se que Richet não é um controvertista imparcial, de vez que qualquer admissão de Espírito seria contrária aos ensinamentos de tôda a sua vida.

Da mesma escola de Richet é o Doutor Joseph Maxwell, que diz:

"É impossível admitir a intervenção de um Espírito. Queremos provar os fatos, e o sistema de correspondência cruzada se funda em fatos negativos, o que é uma base instável.

Só os fatos positivos têm valor intrínseco, que as correspondências cruzadas não apresentam, pelo menos, na atualidade."

É de notar-se que Maxwell, como Richet, fêz depois uma longa caminhada para o Espiritismo.

Encontramos isto discutido com a necessária gravidade, no

Spectator, de Londres, que diz:

"Ainda que essas coisas (isto é, as correspondências cruzadas de tipo complexo) fôssem comuns, não se poderia argumentar que seriam apenas uma prova de que algum ser consciente as produzisse; que dificilmente provariam que êsse ser consciente estivesse "no espírito"; que certamente não provariam que fôsse uma determinada pessoa morta qual a que tal se diz? Uma correspondência cruzada é uma possível prova de organização, mais não de identidade."

É verdade que muita gente capaz, como Sir Oliver Lodge e Mr. Gerald Balfeur, aceitam a prova das correspondências cruzadas. Mas se estas satisfazem comparativamente a poucas pessoas, então o seu objetivo não foi atingido.

Eis uns poucos exemplos dos mais simples, tomados da SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, em seus "Proceedings". Como nada menos de que 50 a 100 páginas impressas são dedicadas a um dos mais complicados casos, é difícil resumi-las adequadamente em poucas linhas e desnecessário declarar quão cansativos são para o leitor se transcritos integralmente.

A 11 de março de 1907, à uma hora, disse Mrs. Piper ao despertar:

"Violetas".

No mesmo dia, às 11:00 da manhã Mrs. Verall escreveu automàticamente:

"Suas cabeças foram coroadas com botões de violetas".

"Violaceae odores" (cheiro de violetas).

"Fôlhas de violetas, de oliveira, vermelho e branco". "A cidade das violetas. .

A 8 de abril de 1907, o suposto Espírito de Myers, através de Mrs. Piper, disse a Mrs. Sidgwick:

"Lembra-se de Eurípides ?... Lembra-se do Espírito e do anjo? Dei a ambos... Quase tôdas as palavras que hoje escrevi se referem a mensagens que estou tentando transmitir através de Mrs. V."

A 7 de março, no curso de uma escrita automática, Mrs. Verall tinha as palavras "Hércules Furens" e "Eurípides". E a 25 de março Mrs. Verall havia escrito:

"Ali está o drama de Hércules e o roteiro está no de Eurípides; se ao menos você pudesse vê-lo..

Certamente isto escapa da coincidência.

Novamente, a 16 de abril de 1907, estando na Índia, Mrs. Holland recebeu uma mensagem na qual aparecem as palavras

“Mors” e “A Sombra da Morte”.

No dia seguinte Mrs. Piper pronunciou a palavra Tanatos — naturalmente uma pronúncia imperfeita de Thanatos — voz grega que, como a latina Mors, significa a Morte.

A 29 de abril Mrs. Verall escreveu tôda uma mensagem versando a idéia da Morte, com citações de Landor, Shakespeare, Virgílio e Horácio, tôdas envolvendo a idéia da Morte.

A 30 de abril Mrs. Piper, despertando, repetiu três vêzes, dentro de poucos instantes a palavra Thanatos.

Aí novamente a teoria da coincidência fica demasiado afastada.

Outra correspondência cruzada relativa à frase Ave Roma immortalis é demasiado longa.

Mr. Gerald Balfour, ao discutí-la (12),

12. SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH Proceedings, Volume 25º, página 54.

diz que a idéia completa é o conhecido quadro existente no Vaticano.

A mensagem de Mrs. Verall deu detalhes dêsse quadro, para ela sem sentido, mas esclareceu pela frase Ave Roma Immortalis, que surgiu poucos dias depois, na mensagem por Mrs. Holland.

Um aspecto interessante foi a aparente compreensão do guia daquilo que estava acontecendo.

A 2 de março, quando começou a correspondência cruzada, Mrs. Verall escreveu que tinha mandado “através de outra senhora”, a palavra “que elucidaria as questões”. A 7 de março, quando começou a correspondência, a contribuição de Mrs. Holland foi seguida por estas palavras: “Como poderia eu ter tornado mais claro sem lhe dar um roteiro?”

Com razão considera Mr. Gerald Balfour que êsses dois comentários mostram que essa correspondência cruzada estava sendo conduzida com propósito deliberado.

Sir Oliver Lodge, comentando a maneira por que o sentido é disfarçado nessas correspondências cruzadas, diz de uma delas:

“A habilidade, a sutileza e a alusão literária tornaram a mensagem difícil de ler, mesmo quando decifrada e apresentada pelo talento de Mr. Piddington.”

Essa crítica, feita por quem se convenceu de seu verdadeiro

caráter, é uma indicação bastante de que as correspondências cruzadas não podem fazer mais que um limitado serviço.

Para o comum dos Espíritas parece um método demasiadamente complicado para demonstrar aquilo que pode ser demonstrado por métodos mais fáceis e convincentes. Se um homem tentasse demonstrar a existência da América apanhando nas praias da Europa madeira arrastada pelas correntes marinhas, como o fêz Colombo, em lugar de tomar contacto com a terra e os seus habitantes, apresentaria uma grosseira analogia com êsses processos indiretos de investigação.

Além das mensagens de correspondência cruzada, muitas outras foram minuciosamente analisadas pela SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, das quais a mais notável e convincente foi a que se chamou "O Ouvido de Dionysius". É preciso convir que, depois da inferior e, ocasionalmente, sórdida atmosfera dos fenômenos físicos, essas incursões intelectuais nos levantam para uma atmosfera mais pura e mais rarefeita. As correspondências cruzadas foram muito prolongadas e complexas para conquistar simpatias e tinham uma penosa semelhança a um pedante jõgo de salão. Já é diferente com o Ouvido de Dionysius. Este naturalmente assume um tom acadêmico, desde que é um assunto clássico, presumivelmente manejado por dois professôres, mas é uma tentativa muito direta e muito clara para provar a sobrevivência, mostrando que ninguém, a não ser aquêles dois homens, poderia ter escrito a mensagem e que esta certamente estava acima do conhecimento e das faculdades de quem escreve.

Esse escritor, que preferiu tomar o nome de Mrs. Willet, em 1910 escreveu a frase "Ouvido de Dionysius. O Lóbulo". Aconteceu que se achava presente Mrs. Verall, espôsa de um famoso homem de letras. Ela levou a frase ao seu marido. Êle explicou que o nome era dado a uma enorme pedreira abandonada em Siracusa, que tinha a forma aproximada de uma orelha de jumento. Nesse lugar os infelizes atenienses prisioneiros tinham sido confinados, depois daquela famosa derrota que foi imortalizada por Tucídides; tinha recebido aquêle nome porque as suas peculiares condições acústicas tinham permitido que o Tirano Dionysius ouvisse a conversa de suas vítimas.

O Doutor Verall morreu pouco depois. Em 1914 as mensagens de Mrs. Willett começaram a encerrar muitas referências ao "Ouvido de Dionysius". Esta pareciam provir do ilustre

morto. Por exemplo, uma sentença dizia: "Lembra-se de que você não sabia e eu lamentei a sua ignorância dos clássicos? Ela se referia a um lugar onde foram postos os escravos e se liga à escuta também à acústica. Pense na galeria dos cochichos".

Algumas das alusões, como as citadas, indicavam o Doutor Verall, enquanto outras pareciam associadas a um outro cientista morto em 1910. Era o Professor S. H. Butcher, de Edimburgo. A mensagem dizia assim: "Pai Cam passeando de braço dado com o Canongate", isto é, Cambridge com Edimburgo. Esse estranho mosaico foi descrito por um guia como "uma associação literária de idéias, indicando a influência de duas mentes desencarnadas". Essa idéia certamente foi desenvolvida, e ninguém poderá ler cuidadosamente o resultado sem se convencer de que ela tem sua origem nalguma coisa absolutamente distante de quem escreve. Tão recônditas eram as alusões clássicas que mesmo os melhores cientistas por vêzes eram vencidos; e um dêles declarou que nenhum cérebro de seu conhecimento, a não ser os de Verrall ou de Butcher, poderia ter produzido aquilo.

Depois de minucioso exame das mensagens, Mr. Gerald Balfour declarou que estava disposto a aceitar aquêles dois sábios como "os verdadeiros autores do curioso quebra-cabeça literário". Os mensageiros invisíveis parece que se fatigaram de tão complicados métodos e a Butcher é atribuida esta expressão: "Oh! essa velha atrapalhação é tão fatigante!" Não obstante, o resultado alcançado é um dos mais marcantes êxitos nas pesquisas puramente intelectuais da SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH

O trabalho da SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH durante os recentes anos não tem melhorado a sua reputação e é com relutância que o autor, um dos seus mais velhos membros, é obrigado a dizê-lo. O mecanismo central da sociedade caiu nas mãos de um grupo de homens cujo único cuidado parece ser não provar a verdade, mas desacreditar o que parece sobrenatural. Dois grandes homens, Lodge e Barrett, enfrentaram a onda, mas foram vencidos pelos obstrucionistas. Os Espíritas e especialmente os médiuns, tinham aversão aos investigadores e a seus métodos - Parece que nunca ocorreu àquela gente que os médiuns são, ou deveriam ser, inertes, e que deveria haver uma fôrça inteligente por detrás do médium, o qual apenas pode ser aconselhado e encorajado por uma simpatia suave e raciocinada, por uma

atitude cheia de tato.

Eva, médium de materializações, veio à França, mas os resultados foram parcos e as precauções exageradas comprometeram os resultados que se tinham em vista. O relatório em que a comissão dá as suas conclusões é um documento contraditório, pois que, enquanto o ocasional leitor fica sabendo de seu texto que não houve resultados — pelo menos dignos de registro — o texto se acha ilustrado com fotografias de derrame de ectoplasma, exatamente — em ponto menor — aos que foram obtidos em Paris. Madame Bisson, que acompanhou a sua protegida a Londres, para infelicidade de ambas, naturalmente ficou indignada com tal resultado e o Doutor Geley publicou um trabalho incisivo no Boletim do Instituto de Metapsíquica, no qual expôs os erros da investigação e a desvalia do relatório. Os Professôres da Sorbonne devem ser desculpados por terem manejado Eva sem o menor respeito às leis psíquicas, mas os representantes de um organismo de psiquismo científico deveriam ter mostrado maior compreensão.

O ataque a Mr. Hope, o fotógrafo do psiquismo, foi examinado por uma comissão muito independente e ficou demonstrado que era inconsistente e, até, tinha sinais de uma conspirata contra o médium. Nesse caso tortuoso a sociedade foi implicada diretamente, desde que um de seus diretores participou das investigações e reportou os resultados no jornal, órgão oficial da sociedade. Tôda essa história, inclusive a recusa da sociedade de enfrentar os fatos que lhe eram apontados, deixam uma sombra sôbre tudo que lhes diz respeito.

A despeito de tudo que foi dito e feito, o mundo tem favorecido a existência da SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH Ela tem sido uma espécie de banco de redesconto para as idéias sôbre psiquismo e um pouso para os que foram atraidos para o assunto embora ainda temessem um contacto mais íntimo com uma filosofia tão radical quanto a Filosofia Espírita. Houve um constante movimento entre os membros da direita no sentido da negação e da esquerda no sentido da aceitação. O simples fato da substituição de presidentes por Espíritas profundos é um sinal de que o elemento anti-espiritual não era muito intolerante ou intolerável. De um modo geral, como tôda instituição humana, ela está aberta para o elogio e para a censura. Se teve suas passagens sombrias, também foi ocasionalmente iluminada por períodos brilhantes.

Constantemente tem lutado contra a acusação de ser uma mera sociedade espírita, o que a privaria da posição de judiciosa imparcialidade, que pretende ter, mas que nem sempre exercitou. Sua situação por vêzes foi difícil e o simples fato de que a sociedade se tem mantido por tantos anos é uma prova de que tem havido alguma sabedoria em sua atitude; e de que podemos esperar que o período de esterilidade e de mirrada crítica negativa esteja marchando para o seu têrmo. Enquanto isto, o Psychic College, uma instituição fundada pelo trabalho de auto-sacrifício de Mr. Hewat McKenzie e sua senhora, tem mostrado amplamente que um severo interêsse pela verdade e pelas exigências necessárias quanto às provas não é incompatível com um tratamento humano aos médiuns e uma atitude geralmente simpática em relação ao ponto de vista espírita.

18
Ectoplasma

DESDE os primeiros dias, os Espírítas têm sustentado que há uma base física material para os fenômenos. Na incipiente literatura espírita encontram-se centenas de vêzes as descrições de um denso vapor semiluminoso, que flui do lado ou da bôca do médium e é fracamente visível no escuro. Tinham ido mais longe: observaram como êsse vapor às vêzes se solidifica numa substância plástica, de que são feitas as várias estruturas na sala da sessão.

Uma observação científica mais rigorosa apenas confirmou o que êsses pioneiros haviam verificado.

Para citar alguns exemplos: o Juiz Peterson declara que em 1877 viu com o médium W. Lawrence "uma nuvem floculenta", que parecia sair do lado do médium e que, gradativamente, formava um corpo sólido (1).

1. "Essays from the Unseen".

Também fala de uma figura surgindo de "uma bola de luz". James Curtis viu com Slade, na Austrália, em 1878, "uma como que nuvem de vapor branco-acinzentado" se formando e aumentando, antes do aparecimento de uma figura inteiramente materializada. Alfred Russel Wallace descreve ter visto com o Doutor Monck, primeiro "uma mancha branca" que gradativamente se transformou numa "coluna nevoenta". Essa mesma expressão é usada por Mr. Alfred Smedley, em relação a uma aparição com o médium Williams, quando John King se manifestou; fala também de "uma nuvem fracamente iluminada". Com o médium D. D. Home, Sir William Crookes viu "uma nuvem luminosa", que se condensou numa mão perfeita. Mr. E. A. Brackett viu com a médium Helen Barry, em 1885, nos Estados Unidos, "uma pequena substância branca, como uma nuvem", que se expandiu até ficar com quatro a cinco pés de altura "quando de súbito dela saiu a forma total, sólida, como uma sílfide, de Berthri" (2).

2. "Materialized Apáginasaritions", página 106.

Mr. Edmund Dawson Rogers, descrevendo uma sessão com Eglinton, em 1885, diz ter visto surgir do lado do médium "uma substância esbranquiçada e fumacenta", que oscilava e

pulsava. Mr. Vincent Turvey, o conhecido sensitivo de Bournemouth, fala de uma "substância vermelha, viscosa", (3),

3. "Beginnings of Seership", página 55.

saindo do médium. Um particular interêsse é ligado a uma descrição dada pela maravilhosa médium de materializações, Madame d'Esperance, que diz: "Parecia-me sentir que fios muito finos me saíam pelos poros da pele." (4).

4. "Shadow Land", página 229.

Isto tem um importante contacto com as pesquisas do Doutor Crawford e suas observações sôbre os "bastões psíquicos" e a matéria como esporos. Também encontramos em The Spiritualist que, quando o Espírito materializado de Katie King se manifestava através de Miss Florence Cook era ligado à médium por meio de fios nevoentos e fracamente luminosos". (5)

5. "The Spiritualist", 1873, página 83.

Para contrabalançar essas referências abreviadas, vamos dar em detalhe três experiências da formação de ectoplasma. Um dos assistentes do grupo de Madame d'Esperance, deu a seguinte descrição:

"Primeiro foi observada no chão, em frente à cabine, uma mancha como uma fita nevoenta e esbranquiçada. Aumentou gradualmente, estendendo-se visivelmente como se fôsse uma mancha animada de musselina, jazendo camada sôbre camada no chão, até se estender por cêrca de três pés e com uma profundidade de algumas polegadas — talvez seis ou mais. Então começou a se erguer lentamente, mais ou menos ao centro, como se uma cabeça estivesse por baixo, ao passo que a fita nevoenta no chão começou a parecer mais com musselina caindo em dobras junto da porção que se erguia misteriosamente. Depois atingiu dois pés ou um pouco mais e parecia que uma criança estava debaixo dela, movendo os braços em tôdas as direções, como se por baixo estivesse manipulando alguma coisa. Continuava a se erguer, por vêzes mergulhando um pouco para novamente se erguer mais, até atingir uma altura de cinco pés, quando sua forma pôde ser vista como se arranjando as dobras do panejamento em redor

de sua forma. Então os braços se ergueram consideravelmente acima da cabeça e se abriram através de uma massa nebulosa de um panejamento espiritual, e Yolanda se apresentou desvelada, graciosa e bela, com cêrca de cinco pés de altura, com uma espécie de turbante na cabeça, do qual caíam sôbre os ombros e as costas seus longos cabelos negros... O excesso de panejamento esbranquiçado se compôs em redor dela ou projetou-se no tapête, até ser utilizado novamente. Tudo isto se realizou em cerca de quinze minutos". (6)

6. "Shadow Land", by E. d'Esperance (1887), páginas 254 e 255.

O segundo relato é de Mr. Edmund Dawson Rogers (7).

7. "Life and Experience", página 58.

Diz que na sessão exclusiva de Mr. Eglinton, havia catorze pessoas presentes, tôdas bem conhecidas e que havia luz suficiente para permitir que o escrevente do relatório "observasse bem a todos e a tudo na sala" e quando a "forma" ficou à sua frente êle era "perfeitamente capaz de notar todos os detalhes". Em estado de transe Mr. Eglinton passeou pela sala, entre os assistentes, durante cinco minutos, e então...

"Começou delicadamente a tirar de seu lado e a atirar em ângulo reto uma substância fumacenta e esbranquiçada, que caía á sua esquerda. A massa de matéria branca no chão ia aumentando de largura, começou a pulsar e a se mover para cima e para baixo, oscilando para um lado e para o outro, como se a fôrça motora estivesse por baixo. A massa cresceu até três pés de altura e logo depois a forma cresceu ràpidamente, silenciosa-mente até a plena estatura. Por um rápido movimento das mãos Mr. Eglinton separou o material branco que cobria a cabeça da forma e aquêle caiu para trás, sôbre os ombros, tornando parte da indumentária do visitante, O laço de ligação — o fio esbranquiçado que saía do lado do médium — foi cortado ou se tornou invisível, e a forma avançou para Mr. Everitt, deu-lhe um apêrto de mão e correu todo o círculo, tratando cada um da mesma maneira".

Isto aconteceu em Londres, em 1885.

A última descrição é de uma sessão em Argel, em 1905, com Eva C., então conhecida como Marthe Béraud. Assim descreve Madame 10º (8):

8. "Annals of Psychical Science", Volume 2º, página 305.

"Marthe estava só na cabine, nessa ocasião. Depois de esperar cerca de vinte minutos, ela mesma abriu completamente a cortina e sentou-se em sua cadeira. Quase imediatamente — estando Marthe bem à vista dos assistentes, suas mãos, a cabeça e o corpo bem visíveis — vimos uma coisa branca, de aparência disforme, se formando junto a ela. A princípio parecia uma grande mancha nevoenta perto do cotovelo direito de Marthe e parecia ligada a seu corpo. Era muito móvel e crescia rapidamente para cima e para baixo, assumindo finalmente uma aparência de certo modo amorfa de uma coluna nevoenta, que ia desde cêrca de dois pés acima da cabeça de Marthe até os seus pés. Não me era possível distinguir nem as mãos nem a cabeça; o que eu via era semelhante a nuvens brancas e floculentas, de brilho variável, que se iam condensando gradualmente, e se concentrando como que em redor de um corpo para mim invisível".

Eis um relato que se pode comparar de modo maravilhoso com os que foram citados, de sessões realizadas há muitos anos.

Quando examinamos as descrições do aparecimento de ectoplasma em grupos espíritas há quarenta ou cinqüenta anos, e as comparamos com o que ocorre em nossos dias, vemos como os primeiros resultados eram mais ricos. Os métodos não científicos estavam em voga, conforme o ponto de vista de muitos modernos investigadores do psiquismo. Contudo, os primeiros investigadores pelo menos observaram uma regra de ouro. Cercavam o médium de uma atmosfera de amor e simpatia. Discutindo as primeiras manifestações ocorridas na Inglaterra, diz The Spiritualist, num artigo de fundo (9):

9. 1873, páginas 82 e 83.

"A influência do estado espiritual dos observadores encontra uma expressão ótica nas sessões de materializações. A gente mundana e suspeitosa consegue as manifestações mais fracas; então os Espíritos por vêzes têm apenas uma expressão, como de costume, quando a fôrça é pouca.

Isto é síngularmente exato como descrição de muitos rostos em sessões com Eva C.

A gente espírita, em cuja presença os médiuns se sentem

muito felizes, vêm muito mais e melhores manifestações... Con quanto os fenômenos espíritas sejam regidos por leis fixas, aquelas leis funcionam de certa maneira na prática que, inquestionàvelmente, o Espiritismo assume mais o caráter de uma relação especial para gente escolhida".

Mr. E. A. Brackett, autor daquele notável livro que é"Materialized Apáginasaritions" (10),

10. "Aparições Materializadas". - N. do T.

exprime a mesma verdade por outras palavras. Aliás o seu ponto de vista excita a ironia dos chamados círculos científicos, mas encerra uma verdade profunda. É antes o espírito de suas palavras do que a sua significação literal que êle quer exprimir:

"A chave que abre as portas de uma outra vida é pura afeição, simples e confiada como aquela que leva a criança a atirar os braços em redor do pescoço de sua mãe. Para aquêles que se prezam acima de seu alcance espiritual, isto pode parecer uma submissão àquilo a que chamam faculdades mais altas. Neste caso posso dizer verdadeiramente que enquanto adotei essa atitude, sinceramente ou sem reservas, nada aprendi a respeito dessas coisas. Em vez de obumbrar a minha razão e o meu raciocínio, isso abriu a minha mente a uma percepção mais clara e mais inteligente do que ocorria à minha frente. Êsse espírito de delicadeza, de bondade amorosa que, mais do que qualquer outra coisa, coroa de eterna beleza os ensinos do Cristo, deveria encontrar completa expressão em nosso contacto com aqueles seres."

Se alguém, ao ler esta passagem, pensasse que o autor era um pobre maluco fanático, sôbre o qual qualquer médium desonesto pudesse impor-se fàcilmente, um relance sôbre o seu excelente livro provaria o contrário imediatamente.

Além disso o seu método deu resultados. Estava êle lutando com a dúvida e a perplexidade quando, a um terno conselho de um Espírito materializado, decidiu pôr de lado tôda a reserva "e saudar essas formas como queridos amigos mortos, que tinham vindo de longe e tinham lutado para chegar a mim". A mudança foi instantânea.

"Desde aquêle instante as formas, ás quais parecia faltar vitalidade, tornaram-se animadas de uma fôrça maravilhosa. Êles avançaram para me cumprimentar; braços delicados me enlaçaram; formas que tinham sido quase mudas durante a mi-

nha investigação agora falavam livremente; rostos que tinham revestido mais o aspecto de máscara, do que de vida real, agora irradiavam, beleza. Aquilo que se dizia minha sobrinha... cumulou-me de demonstrações de carinho. Lançando os braços em redor de mim e debruçando a cabeça sôbre o meu ombro, olhou para cima e disse: "Agora podemos vir tão perto do senhor!"

Foi uma pena que Eva C. não tivesse tido uma oportunidade de exibir seus dons numa atmosfera amorosa, numa sessão a velha moda espírita. É muito provável que o resultado tivesse sido muito diverso quanto às materializações. Como prova disso, Madame Bisson, numa íntima sessão particular com ela, obteve maravilhosos resultados, jamais alcançados através dos métodos desconfiados dos investigadores científicos.

O primeiro médium de materializações que se pode dizer que tenha sido investigado com cuidados científicos foi essa môça Eva, ou Eva C., como é geralmente chamada, pois seu nome era Carriere. Em 1903 foi examinada numa série de sessões em Villa Carmen, em Argel, pelo Professor Charles Richet; e foi a sua observação dêsse material esbranquiçado, que parecia sair do médium, que o levou a cunhar o vocábulo "ectoplasma". Eva tinha então dezenove anos e estava no auge de suas fôrças, que foram gradativamente minadas por longos anos de investigação sob constrangimento. Tentaram pôr em dúvida os resultados constatados por Charles Richet, pretendendo que as figuras materializadas eram, na verdade, um disfarce doméstico; mas a resposta final foi que as experiências tinham sido realizadas a portas fechadas e que semelhantes resultados tinham sido obtidos muitas vêzes. É uma justiça poética pensar que o Professor Richet tenha sido submetido a essa crítica deselegante e deprimente, porque em seu grande livro "Trinta Anos de Pesquisas Psíquicas", é êle ainda mais deselegante para com os médiuns, acreditando em cada história para seu descrédito e agindo continuamente de acôrdo com o princípio de que ser acusado é o mesmo que ser condenado.

Em seu primeiro relatório, publicado em "Anais da Ciência Psíquica", Richet descreve minuciosamente a aparência com o médium Eva C., da forma materializada de um homem que dizia chamar-se "Bien Boa". Diz o Professor que essa forma possuía todos os atributos de vida. "Anda, fala, move-se e respira como um ser humano. O corpo é resistente e tem uma certa fôrça muscular. Nem é uma figura de gesso, nem uma boneca ou

uma imagem refletida num espelho; é um ser vivo; é um homem vivo; e há razões para resolutamente pôr de lado qualquer outra suposição que uma ou outra dessas hipóteses — de que seja um fantasma com atributos de vida; ou de que seja uma pessoa viva, fazendo o papel de um fantasma". (11)

11. "Annals of Psychical Science", Volume 2º página 273.

Ele discute minuciosamente as suas razões para afastar a possibilidade de ser um caso de desdobramento da personalidade.

Descrevendo o desaparecimento da forma, diz êle:

"Bien Boa procura, segundo me parece, vir ao nosso meio, mas anda coxeando e hesitante. Não poderia dizer se êle anda ou desliza. Em certa ocasião escorrega e quase cai, mancando como se a perna não pudesse suportá-lo. (Dou a minha própria impressão). Então se encaminha para a abertura da cortina e subitamente mergulha, desaparecendo no chão; ao mesmo tempo ouve-se um "clac! clac!" como o ruido de um corpo atirado no chão."

Enquanto isto acontecia, a médium era vista perfeitamente na cabine por um outro assistente, Gabriel Delanne, editor da Revue du Spiritisme.

Continua Richet:

"Pouco tempo depois, — dois ou três minutos — bem aos pés do General, à abertura da cortina, vemos novamente a mesma bola branca — a sua cabeça? — no chão. Sobe rápidamente, quase vertical, atinge a altura de um homem, então de súbito cai no chão, com o mesmo barulho de "clac! clac!" de um corpo que cai no chão. O General sentiu o choque dos membros que, caindo, bateram violentamente em suas pernas.

O súbito aparecimento e desaparecimento parecia tanto uma ação através de uma porta falsa que no dia seguinte Richet fêz minuciosa observação nos ladrilhos do piso, bem como no teto da garage que ficava embaixo, mas não encontrou o mais leve indício de uma porta falsa. Para afastar os rumores de sua existência obteve posteriormente um certificado do arquiteto.

O interêsse dêsses registros das primeiras manifestações aumentou pelo fato de que, ao tempo, a médium obtinha materializações completas, enquanto posteriormente, em Paris, estas eram extremamente raras em suas sessões.

Uma curiosa experiência com Bien Boa foi tentar que êle

soprasse num frasco contendo uma solução de barita, para ver se a respiração mostrava óxido de carbono. Com dificuldade a forma fêz o que lhe pediam e o líquido mostrou a reação esperada. Durante essa experiencia as formas da médium e de uma nativa que se sentava com ela na cabine foram vistas claramente.

Richet registra um incidente divertido durante essa experiência. Quando a solução de barita se tornou branca, os assistentes gritaram "Bravo! ", com o que a forma de Bien Boa apareceu três vêzes à abertura da cortina, curvou-se como um ator no teatro, ao ser chamado a cena.

Richet e Delanne tomaram muitas fotografias de Bien Boa, as quais são descritas por Sir Oliver Lodge como as melhores que êle tinha visto no gênero. Uma particularidade interessante a êsse respeito é que um braço da médium se apresenta achatado, indicando um processo de desmaterialização tão bem observado com outra médium, Madame d'Esperance. Richet observa com muita finura (12)

12."Annals of Psychical Science, Volume 2º, página 288.

"Não receio dizer que o vazio da manga, longe de demonstrar a presença de uma fraude, ao contrário estabelece que não houve fraude; também que isto parece depor em favor de uma espécie de desagregação material da médium, que ela própria era incapaz de suspeitar."

Em seu último livro, já referido, Richet publica pela primeira vez a história de uma esplêndida materialização a que êle próprio assistiu em Villa Carmen.

"Quase no mesmo momento em que as cortinas foram baixadas, foram reabertas e entre elas apareceu o rosto de uma mulher jovem e bonita, com uma espécie de fita dourada ou diadema, cobrindo seu bonito cabelo e o alto da cabeça. Ria gostosamente e parecia muito satisfeita; ainda me recordo perfeitamente de seu riso e das pérolas que eram os seus dentes.

Apareceu duas ou três vêzes, mostrando a cabeça e escondendo-a, como uma criança brincando de esconde-esconde".

Pediram-lhe que trouxesse uma tesoura no dia seguinte, quando lhe permitiriam cortar uma mecha de cabelos dessa rainha egípcia, como era ela chamada. E assim aconteceu.

"A rainha egípcia voltou mas só mostrou a coroa de sua cabeça com cabelos muito bonitos e abundantes; estava ansiosa por saber se eu tinha trazido a tesoura. Então tomei

uma mão-cheia de seus longos cabelos, mas dificilmente lhe podia ver o rosto, que ela escondia por detrás da cortina. Quando eu ia cortar uma longa mecha, uma mão firme, por detrás da cortina, baixou a minha, de modo que apenas cortei uma ponta de quinze centímetros. Mas como eu demorasse para fazer isso, ela disse em voz baixa: "Depressa, depressa!" e desapareceu. Eu havia tomado a mécha; o cabelo é muito fino, sedoso e vivo, O exame microscópico mostrou que era cabelo autêntico; e me informam que um postiço daqueles custaria uns mil francos. O cabelo de Marthe é muito escuro e ela os corta bem curtos". (13)

13. "Thirty Years of Psychical Research" página 508.

Cabe aqui uma referência àquilo a que o Professor Richet denomina "histórias de jornais ignóbeis", de uma suposta confissão de fraude pela médium e ainda a informação de um cocheiro árabe, empregado pelo General Noel, que teria representado o papel de Espírito em Vila Carmen. Em relação a êste último, a verdade é que jamais foi êle admitido na sala das sessões; e quanto a ela, negou públicamente a acusação. Observa Richet que, ainda quando verdadeira a acusação, os pesquisadores psíquicos estavam advertidos do valor que deviam emprestar a tais revelações, que apenas mostram a instabilidade dos médiuns.

Assim resume Richet:

As materializações produzidas por Marthe Béraud têm a mais alta importância. Apresentaram numerosos fatos que ilustrem o processo geral das materializações, e forneceram à ciência metapsíquica dados inteiramente novos e imprevistos."

Eis o seu raciocinado julgamento final.

A primeira investigação sistemática e prolongada do ectoplasma foi empreendida por uma senhora francesa, Madame Bisson, viúva de Adolphe Bisson, conhecido homem público.

É possível que Madame Bisson venha a ocupar um lugar ao lado de sua compatriota Madame Curie nos anais da ciência. Madame Bisson adquiriu considerável influência sôbre Eva que, após as experiências de Argel, tinha sido vítima das costumeiras perseguições.

Tomou-a aos seus cuidados e proveu-a de tudo. Então começou uma série de experiências que duraram cinco anos e que produziram resultados tão sólidos que no futuro, não uma ciência, mas várias, marcarão daí a sua origem. Nessas

experiências associou-se com o Doutor Schrenck Notzing, um cientista alemão de Munique, cujo nome também será imperecível, no que se relaciona com a original investigação do ectoplasma. Seus estudos se realizaram entre 1908 e 1913 e se acham registrados em seu livro "Os Chamados Fenômenos de Materialização" e em "Fenômenos de Materialização", de Schrenck Notzing, ambos em francês, e êste último vertido para o inglês.

Seu método consistia em fazer Eva C. mudar tôda a roupa, sob contrôle, e vestir uma espécie de camisola sem botões, e fechada pelas costas. Apenas as mãos e os pés ficavam livres. Assim era levada para a sala de experiências, onde não entrava senão nessa ocasião.

Numa das extremidades da sala havia um recanto fechado por cortinas, por detrás, pelos lados e por cima, mas aberto pela frente. Isto era chamado a cabine e a sua finalidade era concentrar os vapôres de ectoplasma.

Descrevendo os seus resultados conjugados, diz o cientista alemão: "Muitas vêzes fomos capazes de verificar que, por um processo biológico desconhecido, vem do corpo da médium um material, a princípio semifluído, que possui algumas das propriedades da substância viva, principalmente a do poder de transformação, de movimento e de aquisição de formas definidas". E acrescenta: "Poderia duvidar-se da verdade desses fatos, se os mesmos não tivessem sido verificados centenas de vêzes no curso de laboriosos ensaios sob variadas e estritas condições". Poderia haver, no que diz respeito a essa substância, mais completa vingança para os Espíritas que, durante duas gerações suportaram o ridículo do mundo? Schrenck Notzing termina o seu digno prefácio exortando os seus companheiros de trabalho a tomarem coragem. "Não permitais o desencorajamento nos vossos esforços para abrir um novo domínio à ciência, nem pelos ataques malucos, nem pelas calúnias covardes, nem pela falsificação dos fatos, nem pela violência dos malévolos ou por qualquer espécie de intimidação. Avançai sempre pelo caminho que abristes, tendo em mente aquelas palavras de Faraday: "Nada é demasiado maravilhoso para ser verdadeiro.

Os resultados estão entre os mais notáveis de tôdas as investigações de que temos notícia.

Foi verificado por numerosas testemunhas competentes e confirmado por fotógrafos que da bôca, dos ouvidos, do nariz, dos olhos e da pele dos médiuns fluía êsse extraordinário

material gelatinoso. As figuras são estranhas e repulsivas; mas muitos dos processos da Natureza assim se apresentam aos nossos olhos. A gente pode ver essa coisa como filamentos viscosos, como água de súbito congelada, pendente do queixo, caindo pelo corpo, formando um avental branco ou se projetando sem forma pelos orifícios da face. Quando tocada, ou quando uma luz inadequada a atinge, ela se recolhe tão ràpidamente e tão maravilhosamente quanto os tentáculos de um polvo invisível. Se agarrada e apertada, o médium gritará. Ela sai pelas roupas e some-se de novo, quase sem deixar traços. Com o consentimento do médium foi cortada uma pequena porção. Dissolveu-se na caixa em que foi colocada, como se fôsse neve, deixando umidade e algumas células que poderiam provir de um fungo. O microscópio demonstrou células epiteliais da membrana mucosa, das quais a coisa parecia originar-se.

A produção dêsse estranho ectoplasma basta, por si só, para tornar essas experiências revolucionárias e marcantes de uma época, mas o que se segue é demasiado estranho e responderá à pergunta que se ergue na mente do leitor: "Que tem tudo isso que ver com os Espíritos?" Por mais incrível que isto possa parecer, depois de se formar, essa substância começa, nalguns médiuns — Eva entre êstes — a tomar formas definidas e essas formas são membros humanos, são rostos, a princípio vistos em duas dimensões, mas depois se modelando nos contornos até se tornarem destacados e completos. Muitíssimas fotografias mostram esses estranhos fantasmas, por vêzes muito menores do que na vida real. Algumas dessas faces talvez representem pensamentos — formas do cérebro de Eva, tornando-se visíveis e uma clara semelhança foi notada entre algumas delas e retratos que ela deve ter visto e cujos traços teria conservado na memória. Uma, por exemplo, parece um Presidente Wilson muito janota, de bigodes, enquanto outra parece uma reprodução feroz de Mr. Poincaré. Uma delas mostra a palavra "Miroir" (Espelho) impressa na cabeça da médium, que alguns críticos pretendem que ela tivesse surrupiado do jornal daquele nome, a fim de o exibir, muito embora não expliquem qual teria sido o objetivo. Sua própria explicação é que, de algum modo os guias fizeram o transporte daquela legenda, possivelmente para despertar a idéia de que aquêles rostos e aquelas figuras não são os seus sêres reais, mas como se fôssem vistos através de um espelho.

Mesmo assim o leitor não descobre uma óbvia conexão

com o Espiritismo; mas na etapa seguinte todos vemos o caminho. Quando Eva se acha em sua melhor disposição — o que só se verifica em longos intervalos e à custa de sua saúde — formam-se figuras completas; estas são modeladas à semelhanças de pessoas mortas; o cordão que as liga à médium parte-se; a personalidade que é ou pretende ser a de um morto toma posse da figura e um sôpro de vida passa pela imagem de tal maneira que ela se move, fala e exprime as emoções do Espírito. As últimas palavras de Mr. Bisson dizem isto: "Desde que se iniciaram estas sessões — e em numerosas ocasiões — o fantasma se mostrou todo inteiro, saiu da cabine, começou a falar e aproximou-se de Madame Bisson, que beijou no rosto, O som dêsse beijo foi audível".

Porventura já houve mais estranho desfecho de uma investigação científica? Ela pode ilustrar como é impossível, mesmo para o mais esperto materialista, encontrar qualquer explicação para tais fatos de acôrdo com as suas teorias. A única que Mr. Joseph Mc Cabe, em seu recente debate público, pôde apresentar, foi a de um caso de vômitos dos alimentos.

Parece que êle não se apercebeu de que um véu cobria o rosto do médium nalgumas experiências, sem obstar no mínimo o fluxo do ectoplasma.

Conquanto controlados de todos os modos possíveis, êsses resultados são tão admiráveis que o investigador tinha o direito de manter o seu julgamento em suspenso até que os mesmos fôssem confirmados. Mas isto já o foi inteiramente. O Doutor Schrenck Notzing voltou a Munique e aí teve a grande sorte de encontrar outra médium, uma senhora polonesa, que possuía a faculdade de materializações. Com ela fêz uma série de experiências que relatou no já mencionado livro. Trabalhando com Stanislawa, a médium polonesa, e adotando os mesmos rigorosos métodos que nas de Eva, conseguiu exatamente os mesmos resultados.

Seu livro supera o de Madame Bisson, por isso que, relatando as experiências de Paris, dá uma parte mais importante, que é a sua confirmação fornecida pelas experiências de contrôle, feitas no verão de 1912, em Munique. As várias fotografias do ectoplasma dificilmente se distinguem das já obtidas. Assim, a hipótese de uma fraude preparada por Eva, conduz à mesma fraude por parte de Stanislawa. Muitos observadores alemães controlaram essas sessões.

Seguindo os métodos alemães, Schrenck Notzing foi mais a fundo no assunto do que Madame Bisson. Obteve cabelos de

uma forma materializada e os comparou microscôpicamente com os cabelos de Eva (ocorrência verificada na série de ensaios na França) mostrando que não podiam ser da mesma pessoa. Também deu os resultados do exame químico de uma certa porção de ectoplasma, que foi reduzida a cinzas, com o cheiro de chifre queimado. Entre os seus elementos constituintes foram encontrados cloreto de sódio (sal de cozinha) e fosfato de cálcio. Finalmente obteve a filmagem do ectoplasma fluindo da bôca da médium. Parte de tudo isto é reproduzida em seu livro.

Deve explicar-se que, enquanto a médium estivesse em transe durante essas experiências, de modo algum ficava inanimada: uma outra personalidade parecia empolgá-la, e que poderia ser tomada como uma de suas individualidades secundárias, ou uma momentânea obsessão externa. Essa personalidade costumava referir-se à médium com severidade, dizendo a Madame Bisson que era preciso disciplina e que ela devia mantê-la em trabalho.

Ocasionalmente essa personalidade dava sinais de clarividência, explicando corretamente, por exemplo, o que tinha ocorrido com um aparelho elétrico que havia deixado de funcionar. Um contínuo acompanhamento de gemidos e protestos do corpo de Eva parece que eram puramente animais e independentes de sua inteligência.

Os resultados foram corroborados uma vez mais pelo Doutor Gustave Geley, cujo nome viverá para sempre nos anais das pesquisas psíquicas. O Doutor Geley era um pesquisador geral em Annecy, onde cumpria as elevadas promessas que havia feito em sua vida acadêmica em Lyon. Foi atraído pela ciência nascente e foi sàbiamente nomeado por Mr. Jean Meyer diretor do Instituto de Metapsíquica. Seu trabalho e os seus métodos serão sempre um exemplo para os continuadores, pois cedo mostrou que não só era um experimentador genial e um observador rigoroso, como um profundo pensador e filósofo. Seu grande livro "Do Inconsciente ao Consciente" certamente resistirá ao teste do tempo. Foi assaltado pelos costumeiros mosquitos humanos, que aborrecem os primeiros pioneiros que avançam pela floresta virgem do pensamento. Mas os enfrentou com bravura e bom humor.

Sua morte foi súbita e trágica. Tinha estado em Varsóvia e conseguido algumas novas moldagens ectoplásmicas com o médium Kluski. Infelizmente o aeroplano em que viajava espatifou-se e Geley morreu. Foi uma perda irreparável para a

ciência psíquica.

A comissão do Instituto de Metapsíquica, que era reconhecida pelo Govêrno Francês como de utilidade pública, incluía o Professor Charles Richet; o Professor Santolíquido, ministro da Saúde Pública da Itália; o Conde de Grammont, do Instituto de França; o Doutor Calmette, Inspetor-Geral médico; o Senhor Camille Flammarion, o Senhor Jules Roche, ex-ministro de Estado; o Doutor Treissier, do Hospital de Lyon; tendo o Doutor Gustave Geley como diretor. Entre êstes posteriormente tinham sido incorporados a comissão: Sir Oliver Lodge, o Professor Bozzano, e o Professor Leclainche, membro do Instituto de França e Inspetor Geral dos Serviços Sanitários do Ministério da Agricultura. O Instituto está equipado com um bom laboratório para pesquisas psíquicas e tem uma biblioteca, uma sala de leitura, e salões de recepção e de conferências. Os trabalhos realizados são publicados na sua revista, denominada La Revue Métapsychique.

Um aspecto importante da atividade do Instituto tem sido o convite a eminentes homens públicos em ciência e em literatura para testemunharem as investigações metapsíquicas que se realizam. Mais de cem dêstes homens têm tido provas em primeira mão e, em 1923, trinta dêles, inclusive dezoito médicos de destaque, assinaram e permitiram que fôsse publicada uma declaração de sua crença na autenticidade das manifestações assistidas sob rigoroso contrôle.

Certa vez o Doutor Geley realizou uma série de sessões com Eva, convidando cem homens de ciência para que testemunhassem uma ou outra sessão. Tão rigorosos eram os seus testes que êle pôde proclamar: "Não direi apenas que não há fraudes. Direi que não há possibilidade de fraudes". Novamente percorreu o antigo caminho e obteve os mesmos resultados, a não ser que em suas experiências o fantasma tomava formas femininas, por vêzes belas e, como êle próprio garantiu ao autor, para êle desconhecidas. Podem ser pensamentos-formas de Eva, pois em nenhum de seus resultados registados conseguiu um Espírito absolutamente vívido. Havia, porém, o suficiente para que o Dr. Geley dissesse:

"Aquilo que vimos mata o materialismo. Já não há mais lugar para ele no mundo". Refere-se êle, assim, ao velho materialismo clássico do período vitoriano, para o qual o pensamento era uma secreção da matéria. Tôdas as novas provas apontam a matéria como uma resultante do

pensamento. E' sómente quando se pergunta de quem é o pensamento que se cai num terreno de debate.

Depois de suas experiências com Eva, o Dr. Geley conseguiu resultados ainda mais maravilhosos com Frank Kluski, um polonês, com o qual as formas ectoplásmicas eram tão sólidas que era possível tirar moldagens de suas mãos em parafina. Essas luvas de parafina, que são exibidas em Londres (14),

14.Luvas semelhantes acham-se no Psychic College, 595 Holland Park, W. ou no Psychic Museum, Abbey House, Victoria Street, Westminster.

são tão pequenas no pulso que a mão não poderia passar pela abertura sem romper o molde. Só poderia ter sido feita por desmaterialização — qualquer outro meio seria impossível. Essas experiências foram dirigidas por Geley, Richet e o Conde de Graminont, três homens competentíssimos. Uma descrição mais detalhada destas e de outras moldagens, tiradas de figuras ectoplásmicas, se acha adiante, no Capítulo XX. São muito importantes, por serem as mais permanentes e inegáveis provas, jamais obtidas dessas estruturas. Até agora nenhuma crítica racional lhes foi feita.

Outro médium polonês, chamado Jean Guzik, foi examinado em Paris, no Instituto, pelo Dr. Geley. As manifestações consistiam em luzes, mãos e rostos ectoplásmicos. Sob o mais severo contrôle, trinta e quatro pessoas distintas de Paris, muitas das quais inteiramente cépticas, afirmaram, depois de longa e minuciosa investigação, a sua crença na autenticidade dos fenômenos observados com êsse médium. Entre elas se achavam membros da Academia Francesa, da Academia de Ciências, da Academia de Medicina, doutôres em medicina e em direito e técnicos de polícia.

O ectoplasma é a mais protéica das substâncias e pode manifestar-se de muitas maneiras e com propriedades variadas. Isso foi demonstrado pelo Doutor W. J. Crawford, Professor de Engenharia Mecânica na Queen's University, de Belfast. Dirigiu uma importante série de experiências de 1914 a 1920, com a médium Kathleen Goligher. Fêz o seu relato em três livros, que são: "Ihe Reality of Psychic Phenomena" (1917), "Experiments in Psychical Science", em 1910 e "Ihe Psychic Structures at Lhe Goligher Circle" em 1921. (15)

15. "A Realidade dos Fenômenos Psíquicos" (1917); "Experiên-

cias em Ciéncia Psíquica" (1919) e "As Estruturas Psíquicas no Grupo Goligher", em 1921. — N. do T.

O Doutor Crawford morreu em 1920, mas deixou um monumento imperecível nesses três livros de original pesquisa experimental que, provavelmente, fizeram tanto para colocar a ciência psíquica numa base sólida quanto quaisquer outros trabalhos no gênero.

Para entendermos completamente as conclusões a que chegou, seus livros devem ser lidos; mas aqui diremos resumidamente que êle demonstrou que a levitação da mesa, as batidas no chão e o movimento dos objetos na sala das sessões eram devidos à ação das "alavancas psíquicas", ou, conforme passou a designá-las em seu último livro, às "estruturas psíquicas", que emanavam do corpo da médium. Quando a mesa é levitada, essas alavancas são operadas em dois sentidos. Se a mesa fôr leve, a alavanca ou estrutura não toca no solo, mas é "um modilhão fixado firmemente no corpo da médium por uma extremidade e suspendendo a superfície inferior ou as pernas da mesa, pela extremidade livre". No caso de uma mesa pesada, a reação, em vez de ser aplicada na médium, o é no piso da sala, formando uma espécie de suporte entre a face inferior da mesa levitada e o piso. A médium foi colocada numa balança e, quando a mesa era levitada, observava que ela aumentava de pêso.

O Doutor Crawford apresenta esta interessante hipótese para o processo de formação de ectoplasma no grupo. É preciso entender-se que o que êle chama "operadores" são os. Espíritos que trabalham controlando os fenômenos.

"Os operadores atuam no cérebro dos assistentes e, pois, em seu sistema nervoso.

Pequenas partículas, mesmo moléculas, são expelidas do sistema nervoso dos corpos dos assistentes, pelos punhos, pelas mãos, pelos dedos ou por outras partes. Essas pequenas partículas, agora livres, têm uma enorme quantidade de fôrça latente, que lhes é inerente, uma energia que pode reagir em qualquer sistema nervoso humano com o qual se ponham em contacto. Essa corrente de partículas energizadas flui em tôrno do grupo, talvez pela periferia de seus corpos. Pelo aumento gradativo produzido pelos assistentes, a corrente alcança o médium num alto grau de tensão, energiza o médium, de quem recebe incremento, atravessa novamente o círculo e assim por diante. Finalmente quando a tensão é bastante grande, cessa o

processo circulatório e as partículas energizadas se reúnem, ou são ligadas ao sistema nervoso do médium, que então dispõe de um reservatório onde a buscar. Tendo assim um bom suprimento de energia adequada ao seu dispor, como, por exemplo, energia nervosa, podem atuar sôbre o corpo do médium, que é de tal modo constituído que enorme quantidade de matéria de seu corpo, por meio da tensão nervosa que lhe é aplicada, pode ser então destacada temporàriamente da sua posição normal e projetada na sala da sessão." (16)

16. "The Reality of Psychic Phenomena", página 243.

Esta será, provàvelmente, a primeira tentativa de uma explicação clara do que ocorre numa sessão de fenômenos físicos, e épossível que descreva com muita precisão aquilo que realmente ocorre. No seguinte resumo o Doutor Crawford faz uma importante comparação entre as primeiras e as últimas manifestações psíquicas e ainda enuncia uma audaciosa mas compreensível teoria para todos os fenômenos psíquicos:

"Comparei aquela matéria esbranquiçada e semelhante a uma nuvem, quanto a estrutura, com fotografias de fenômenos de materialização em vários estágios e obtidos com muitos médiuns, diferentes em todo o mundo. Cheguei á conclusão de que êsse material é muito semelhante, senão idêntico ao material usado em tais fenômenos de materializações.

De fato, não é fora de propósito considerar êsse material esbranquiçado, translúcido e nebuloso como a base de todos os fenômenos psíquicos de ordem física. Sem êle, até certo ponto não é possível qualquer fenômeno físico. É êle que dá consistência ás estruturas de tôda sorte erigidas pelos operadores nas câmaras de sessões; é êle que, quando convenientemente manipulado e aplicado, permite que as estruturas se ponham em contacto com as formas ordinárias da matéria que nos são familiares, ainda que tais estruturas, sejam semelhantes àquelas a que me refiro particularmente, ou quando sejam materializações de formas corpóreas, como mãos ou rostos. Além disso, parece-me que essa matéria será, eventualmente, a base de estruturas aparentemente construídas para a manifestação daquela forma particular de fenômeno, conhecido como Voz Direta, enquanto que os fenômenos ditos Fotografia de Espíritos também parecem ter a mesma base". (17)

17.“The Psychic Structures at the Goligher Circle”, página 19.

Enquanto Crawford trabalhava com as alavancas ectoplásmicas em Belfast, o Doutor Geley controlava os resultados obtidos de Eva C. por uma nova série de experiências. Assim resume êle as suas observações sôbre os fenômenos observados:

“Uma substância emana do corpo da médium; exteriorizase; é amorfa ou polimorfa à primeira vista. Essa substância toma várias formas, mas em geral mostra órgãos mais ou menos compósitos. Podemos distinguir: 1 — a substância como um trato da materialização; 2 — seu desenvolvimento organizado. Seu aparecimento em geral é anunciado pela presença do fluído, como flóculos esbranquiçados e luminosos, que vão desde o tamanho de uma ervilha até o de uma moeda de cinco francos e distribuídos aqui e ali, sôbre o vestido prêto da médium, principalmente do lado direito... A própria substância emana de todo o corpo da médium, mas especialmente dos orifícios naturais e das extremidades, do tôpo da cabeça, do peito e das pontas dos dedos. A origem mais comum, a mais facilmente observada, é a bôca...

A substância aparece de várias formas, por vêzes como uma pasta dúctil outras vêzes como verdadeira massa protoplásmica ou em forma de numerosos fios muito finos ou de cordas de várias grossuras, ou, ainda, como raios estreitos e rígidos, como faixas largas, como uma membrana, como um material de lã, de linhas indefinidas e irregulares. A mais curiosa aparência é apresentada por uma membrana muito espichada, com franjas e dobras e com a aparência de um alçapão.

A quantidade de matéria exteriorizada varia dentro de largos limites. Nalguns casos envolve completamente a médium num manto. Pode ter três côres diferentes: branco, prêto e cinza. A côr branca é mais freqüente, talvez por ser mais facilmente observável. Por vezes as três côres aparecem simultaneamente. A visibilidade da substância varia muito e pouco a pouco pode crescer ou diminuir de intensidade. Dá várias impressões ao toque. Por vêzes é fria e úmida; outras vêzes viscosa e consistente; mais raramente sêca e dura. .. A substância é móvel. Por vêzes se move lentamente, para cima e para baixo, através do médium, nos ombros, no peito, nos joelhos, num movimento sinuoso de réptil. Outras vêzes os movimentos são súbitos e rápidos. A substância aparece e

desaparece como relâmpago e é extraordinariamente sensitiva. É sensitiva á luz."

Só nos foi possível dar uma parte da magistral análise descrita pelo Doutor Geley. Sua passagem final trata de um aspecto importante:

"Durante todo o fenômeno da materialização, o produto formado está em óbvia conexão fisiológica e psíquica com a médium. A conexão fisiológica por vêzes é perceptível sob a forma de um fino cordão, ligando a estrutura á médium, o que pode ser comparado ao cordão umbilical, que liga o feto à mãe. Mesmo quando êsse cordão não é visível, a relação fisiológica é sempre estreita. Cada impressão recebida através do ectoplasma reage sôbre a médium e vice-versa. A sensação reflexa da estrutura coexiste com a da médium. Numa palavra, tudo prova que o ectoplasma é a parte exteriorizada da própria médium."

Comparando as minúcias desta descrição com as que foram dadas à entrada dêste capítulo, ver-se-á imediatamente quão numerosos são os pontos de semelhança. O ectoplasma sempre foi, fundamentalmente, a mesma coisa. Depois dessas afirmações não será o cepticismo, mas a pura ignorância que negará a existência dêsse estranho material.

Eva C. veio a Londres, como foi dito, e realizou trinta e oito sessões sob os auspícios da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, mas o relatório (18)

18.SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH Proceedings, volume 32º, páginas. 209 e 343.

é um documento muito contraditório e insatisfatório. O Doutor Schrenck Notzing pôde ainda demonstrar, através de um outro médium, a existência do ectoplasma, e os resultados corresponderam, de um modo geral, aos obtidos em Paris. Era um rapazinho de catorze anos, chamado Willie S. No caso de Willie, mostrou o Doutor Schrenck Notzing essa substância a uma centena de agudos observadores, nenhum dos quais foi capaz de negar a evidência de seus próprios sentidos. Entre os que assinaram uma declaração afirmativa estavam os professôres ou ex-professôres de Jena, Giessen, Heidelberg, Munique, Tübingen, Upsala, Friburgo, Basiléia e outras universidades, além de bom número de famosos físicos, neurologistas e cientistas de tôda espécie.

Assim, não se pode dizer que haja dúvida quanto à sua

existência. Contudo, não pode ser produzido por ordem nossa. É uma operação delicada, que pode falhar. Assim vários experimentadores, principalmente um pequeno grupo da Sorbonne, falhou. Aprendemos que são exigidas pessoas adequadas e condições apropriadas, e que estas mais mentais e espirituais do que químicas. Uma atmosfera harmoniosa favorece, ao passo que uma desafinada ou antagônica prejudicará ou inutilizará totalmente a sua manifestação. Nisto êle mostra as suas afinidades espirituais e que também difere dos produtos puramente físicos.

Que é êle? Êle toma forma. Quem determina essa forma? Será a mente do médium em transe? A mente dos observadores? Ou alguma outra mente independente? Entre os experimentadores temos uma escola material que insiste em que estamos encontrando uma extraordinária propriedade latente do corpo normal; temos uma outra escola, a qual pertence o autor, que acredita que estamos atingindo um elo que deve ser parte de uma cadeia que nos conduz a uma nova ordem de vida. Deveria acrescentar-se que nada de tudo isto foi desconhecido dos velhos alquimistas da Idade Média. Êsse fato interessantíssimo foi trazido à luz por Mr. Foster Damon, da Universidade de Harvard, que publicou uma série de resumos dos trabalhos de Vaugham, filósofo que viveu pelas alturas de 1650, nos quais sob o nome de "Matéria-Prima", ou de "Mercúrio" é descrita uma substância que possui tôdas as características do ectoplasma. Eram aquêles dias em que, entre a Igreja Católica de um lado, e os descobridores de feiticeiros dos Puritanos, do outro, os caminhos dos pesquisadores psíquicos se tornavam muito difíceis. Eis porque os químicos. daqueles dias disfarçavam o seu saber sob nomes fantásticos, em conseqüência do que morreu aquêle conhecimento.

Quando verificamos que pelo Sol significavam o operador, pela Lua o paciente, pelo Fogo, a fôrça mesmérica ou magnética, e pelo Mercúrio o ectoplasma resultante, adquirimos a chave de alguns de seus segredos.

O autor tem visto com freqüência o ectoplasma em forma vaporosa, mas apenas uma vez solidificado (19).

19. Salvo os numerosos casos de materializações ocasionais de mãos e de rostos.

Foi numa sessão com Eva C., sob a direção de Madame Bisson.

Naquela ocasião essa estranha e variável substância apareceu como um pedaço de matéria de quinze centímetros, não muito diverso de um segmento de cordão umbilical, aderente às roupas na região inferior do estômagosto Era visível em boa luz e o autor teve licença de o examinar entre os dedos, quando lhe foi dada a impressão de substância viva, que se encolhia e pulsava sob o toque. Nessa ocasião não havia a menor possibilidade de fraude.

É impossível contemplar os fatos conhecidos acêrca do ectoplasma sem ver como se apresentam na fotografia psíquica. As figuras fotografadas junto a Eva, com a sua vaporosa aparência de lã, são muitas vêzes absolutamente como as fotografias obtidas por Mr. Hope e outros. A mais racional opinião parece ser que, uma vez formado, o ectoplasma pode ser modelado pelo pensamento e que êsse pensamento, nos casos mais simples, será apenas a mente inconsciente do médium. Por vêzes nós mesmos nos esquecemos de que somos Espíritos e de que um Espírito num corpo possivelmente tem poderes semelhantes ao de um Espírito fora do corpo. Nos casos mais complexos, e especialmente na fotografia psíquica, é demasiadamente claro que não é o espírito da médium que está operando, mas sim, alguma fôrça mais poderosa e propositada que intervém.

Pessoalmente o autor é de opinião que muitas formas diferentes de plasma, com atividades diversas serão descobertas, tudo isto constituindo uma especial ciência no futuro, e que bem pode ser chamada Plasmologia. Pensa êle também que todos os fenômenos psíquicos externos ao médium, inclusive a clarividência, podem ser referidos a essa fonte.

Assim, o médium clarividente pode muito bem ser quem emite essa ou outra substância análoga, que constrói em redor dêle uma atmosfera especial que possibilita que o Espírito se manifeste àqueles que têm poder de recepção. Assim como ao passar pela atmosfera da Terra um aerólito é visível por um momento entre duas eternidades de invisibilidade, também pode ser que o Espírito, ao passar pela atmosfera psíquica do médium de ectoplasma, pode por momentos indicar a sua presença. Tais especulações estão acima das provas atuais, mas Tyndall mostrou como tais hipóteses exploratórias podem tornar-se pontas de lança da verdade. A razão por que umas pessoas vêem um fantasma e outras não, talvez seja porque

algumas forneçam bastante ectoplasma para uma manifestação e outras não, enquanto a sensação de frio, o tremor e o subseqüente desmaio, talvez sejam devidos não a um simples terror, mas parcialmente a uma súbita descarga de elementos psíquicos.

De lado essas especulações, o sólido conhecimento do ectoplasma, que já foi adquirido, dá-nos, finalmente, uma sólida base material para a pesquisa psíquica. Quando o Espírito desce a matéria, necessita dessa base material, sem o que lhe é impossível impressionar os nossos sentidos materiais. Já em 1891 Stainton Moses, pioneiro do psiquismo em seus dias, foi forçado a dizer:

"Não sei mais nada, a res peito do método ou métodos pelos quais são produzidas as formas materializadas, do que sabia quando as vi pela primeira vez". Se ainda estivesse vivo, dificilmente diria isso agora.

Êsse conhecimento novo e preciso teve a utilidade de nos dar uma explicação racional daquelas batidas, que foram os primeiros fenômenos a chamar a atenção. Seria prematuro dizer que elas só por uma maneira podem ser produzidas; mas, ao menos, pode dizer-se que o seu processo usual de produção é o da extensão de uma alavanca de ectoplasma, que pode ser visível ou não, e pela sua percussão nalgum objeto sólido. É provável que essas alavancas sejam os condutores de fôrça e não fôrças prôpriamente ditas, do mesmo modo que um fio de cobre pode levar uma descarga elétrica, que desintegra um navio de guerra. Numa de suas admiráveis experiências, Crawford, verificando que as alavancas vinham do peito da médium, molhou a sua blusa com um líquido carmesim e depois pediu que batessem na parede fronteira. Então foi verificado que o muro estava com alguns pontos vermelhos, pois a projeção ectoplásmica havia carregado consigo a tinta através, da qual havia passado. Do mesmo modo, quando autênticas, as batidas na mesa parecem devidas a uma acumulação de ectoplasma em sua superfície, retirada dos vários assistentes e depois utilizada pela inteligência que preside. Crawford admitia que as projeções por vezes deveriam possuir ventosas ou garras nas extremidades, de modo a mover ou levantar objetos; e o autor, posteriormente, obteve várias fotografias dessas formações, que mostram claramente que terminam com o tôpo plano, que se presta a tal objetivo.

Crawford deu grande importância à correspondência entre o pêso do ectoplasma emitido e a perda de pêso do médium.

Suas experiências parecem mostrar que todos são médiuns; que cada um perde pêso numa sessão de materialização, e que o médium principal apenas difere dos outros pela circunstância de poder desprender muito maior quantidade de ectoplasma. Se perguntarmos por que um ser humano terá que ser diferente de outro a êsse respeito, chegamos à eterna controvérsia do por que êste tem um ótimo ouvido para a música, enquanto aquêle é uma negação. Devemos considerar êsses atributos pessoais. tais quais os encontramos. Nas experiências de Crawford, habitualmente a médium perdia de 10 a 15 libras numa sessão — pêso que se restaurava assim que o ectoplasma era reabsorvido.

Numa ocasião foi registrada a enorme perda de cinqüenta e duas libras. Poder-se-ia pensar que as balanças então estivessem descalibradas, se se não tivessem registrado perdas ainda maiores, com outros médiuns, como foi o caso descrito nas experiências de Olcott com os Eddys.

Há outras propriedades das projeções ectoplásmicas que deveriam ser notadas. Não só a luz lhes é destrutiva, a menos que sejam gradativamente alimentadas e especialmente preparadas com antecedência pelos guias, mas o efeito de um súbito jato de luz faz a substância recuar para o médium, com á fôrça de um elástico. Isto não é absolutamente uma alegação falsa, visando proteger o médium contra uma surprêsa: é um fato certo, que tem sido verificado por muitos observadores. Qualquer esperteza com ectoplasma, a menos que se tenha certeza de que haja fraude na sua produção, deve ser evitada, e agarrar à fôrça uma trombeta ou qualquer outro objeto sustentado pelas alavancas ectoplásmicas é quase tão perigoso quanto a sua exposição à luz. O autor se lembra de um caso onde um assistente ignorante arrancou a trombeta, que flutuava no ar, a sua frente, dentro do círculo. Fê-lo em silêncio; ninguém sofreu com isto senão o médium, que se queixou de dores e prostrou-se durante alguns dias. Outro médium sentiu uma irritação superficial, do peito ao ombro, causada pela retração da faixa ectoplásmica, quando um pretenso investigador acendeu uma lanterna elétrica. Quando o ectoplasma se retrai sôbre uma superfície mucosa, pode determinar uma forte hemorragia, como tem notícia o autor de numerosos casos semelhantes. Num dêles, o de Susanna Harris, em Melbourne, a médium ficou de cama uma semana depois de tal experiência.

É impossível, num simples capítulo de um trabalho que

cobre tão vasto assunto, dar pontos de vista minuciosos de uma seção dêsse assunto, que se pode desenvolver num volume. Nosso conhecimento dessa substância enganadora, protéica, onímoda, aumenta de ano para ano e pode profetizar-se que se a última geração se preocupou com o protoplasma, a futura geração será aumentada com o seu equivalente psíquico que, assim o esperamos, reterá o nome de ectoplasma, dado por Charles Richet, embora vários outros vocábulos, como plasma, teleplasma e ideoplasma infelizmente tenham entrado em circulação.

Depois que êste capítulo foi escrito, novas demonstrações do ectoplasma foram realizadas em diversas partes do mundo. A mais notável, entretanto, foi a de "Margery" ou de Mrs. Crandon, de Boston, cujos dons foram tratados no livro de Mr. Malcolm Bird, que traz aquêle nome.

19
Fotografia Espírita

O PRIMEIRO relato autêntico da produção daquilo que é chamado fotografia espírita data de 1861. O resultado foi obtido por William H. Mumler, em Boston, nos Estados Unidos. Diz-se que em 1851, na Inglaterra, Richard Boursnell fêz uma experiência semelhante, mas nenhuma fotografia dessa natureza foi conservada. O primeiro exemplo na Inglaterra que se pode constatar ocorreu em 1872, com o fotógrafo Hudson.

Como o progresso do moderno Espiritismo, êsse novo desenvolvimento foi predito pelo Outro Lado. Em 1856 Mr. Thomas Slater, um óptico residente em Euston Road 136, em Londres, realizava uma sessão com Lord Brougham e Mr. Robert Owen, quando, por batidas, foi dito que chegaria o dia em que Mr. Slater faria fotografias de Espíritos. Mr. Owen observou que se estivesse no mundo dos Espíritos quando chegasse aquêle dia, iria aparecer numa chapa. Em 1872, quando Mr. Slater fazia experiências de fotografia espírita, ao que se diz, obteve numa chapa o rosto de Mr. Robert Owen, bem como o de Lord Brougham (1).

1. The Spiritualist, Novembro de 1873.

Alfred Russel Wallace viu essas chapas mostradas por Mr. Slater, e escreve (2).

2. "Miracles and Modern Spiritualism", 1901, página 198.

"O seu primeiro êxito consistiu em dois rostos obtidos ao lado do retrato de sua irmã.

Uma dessas cabeças, sem sombra de dúvida, é de Lord Brougham; a outra, muito menos distinta, é reconhecida por Mr. Slater como a de Robert Owen, que êle conhecia intimamente. até o momento de sua morte."

Depois de descrever outras fotografias de Espíritos, obtidos por Mr. Slater, continua o Doutor Wallace:

"Agora, se essas figuras estão ou não identificadas corretamente não é ponto essencial.

O fato de que algumas figuras, tão claras e indiscutivelmente humanas como essas, aparecem em chapas batidas no estúdio particular de um óptico experimentado e fotógrafo amador que fabrica os seus próprios aparelhos, e

sem ninguém presente a não ser a sua própria família, — constitui verdadeira maravilha. Num caso, um segundo rosto apareceu numa chapa com êle, tomada por Mr. Slater quando se achava absolutamente só, pelo simples processo de ocupar a cadeira de um assistente depois de preparada a máquina...

O próprio Mr. Slater mostrou-me tôdas essas fotografias e explicou as condições em que foram obtidas. É certo que não se trata de uma impostura e como primeiras confirmações independentes do que antes havia sido obtido por fotógrafos profissionais, seu valor é inestimável".

De Mumler, em 1861 a William Hope, em nossos dias, apareceram de vinte a trinta médiuns reconhecidos para fotografia espírita que, ao todo, produziram centenas de resultados supranormais, que chegaram a ser considerados "extras". O mais conhecido dêsses sensitivos, além de Hope e de Mrs. Deane, são Hudsou, Parkes, Willie, Buguet, Boursnell e Duguid.

Mumler, que trabalhava como gravador numa das principais joalherias de Boston, não era espírita nem fotógrafo profissional. Em horas de folga, quando tentava tirar fotografias de si mesmo, no atelier de um amigo, obteve numa chapa o contôrno de uma outra figura. O método que empregava era focalizar uma cadeira vazia e, depois de descobrir a objetiva, alcançar a cadeira escolhida e aí ficar durante o tempo necessário à exposição. Nas costas da fotografia Mr. Mumler tinha escrito:

"Esta fotografia foi feita por mim mesmo, de mim mesmo, num domingo, quando não havia viva alma na sala — por assim dizer. A forma à minha direita reconheço como minha prima, morta há doze anos. - W. H. MUMLER"

A forma é de uma mocinha, que aparece sentada na cadeira. A cadeira é vista com nitidez através do corpo e dos braços, como também a mesa na qual ela apóia o braço. Abaixo do peito, diz um relato contemporâneo, a forma (que parece usar um vestido decotado e sem mangas) se desagrega num tênue vapor, como simples nuvens na parte inferior do retrato. É interessante notar pormenores nessa primeira fotografia espírita, que se repetiram muitas vêzes nas que foram obtidas posteriormente por outros operadores.

Logo correu a notícia do que havia acontecido a Mumler e êle foi assediado por pedidos de sessões. A princípio recusou-se, mas finalmente concordou e quando, posteriormente, outros extras" foram obtidos, e sua fama se espalhou, foi então compelido a abandonar o seu negócio e a dedicar-se a êsse

novo trabalho. Como, de um modo geral, as suas experiências foram como as de todos os fotógrafos psíquicos que o sucederam, podemos considerá-las rapidamente.

Investigadores particulares de boa reputação obtiveram retratos absolutamente reconhecíveis de amigos e parentes e ficaram inteiramente satisfeitos porque os resultados eram genuínos. Então vieram os fotógrafos profissionais, convencidos de que havia truques e que se lhes dessem oportunidade de fazer experiências, sob suas próprias condições, seriam capazes de descobrir como a coisa era feita. Vieram, um após outro, nalguns casos com as suas próprias chapas, máquinas, reveladores e fixadores, mas depois de dirigirem e fiscalizarem tôdas as operações, foram incapazes de descobrir qualquer truque. Mumler também foi aos seus ateliers e lhes permitiu fazer todo o manejo bem como a revelação das chapas, com os mesmos resultados. Andrew Jackson, que era então redator-chefe do Herald of Progress, em New York, mandou um fotógrafo profissional, Mr. William Guay, fazer uma investigação completa. Êste contou que, depois de lhe haver sido permitido o inteiro contrôle de todo o processo fotográfico, apareceu na chapa o retrato do Espírito. Experimentou com êsse médium em várias outras ocasiões e ficou convencido de sua autenticidade.

Outro fotógrafo, Mr. Horace Weston, foi mandado a investigar por Mr. Black, famoso fotógrafo retratista de Boston. Quando voltou, depois de haver obtido uma fotografia de Espírito, disse que não tinha verificado coisa alguma nas operações que fôsse diferente dos que se fazia no trabalho ordinário dos fotógrafos. Então Black foi em pessoa e fêz tôdas as manipulações das chapas, bem como a sua revelação. Quando examinava a revelação de uma delas, viu aparecer uma forma além da sua e, finalmente, viu que era um homem que apoiava o braço sôbre o seu ombro e exclamou, entusiasmado: "Meu Deus! é possível?"

Mumler teve mais convites para sessões do que lhe era possível atender e os compromissos eram marcados com semanas de antecedência. Vinham de tôdas as classes: ministros, doutôres, advogados, juizes, prefeitos, professôres e homens de negócio eram contados entre as pessoas interessadas. Um relatório extenso dos vários resultados positivos obtidos por Mumler se encontra na imprensa da época (3).

3. The Spiritual Magazine, 1862, página 562; 1863, páginas 34 a 41.

Em 1863 Mumler, como tantos outros médiuns para fotografia espírita desde a sua época, encontrou nas suas chapas "extras" de pessoas vivas. Seus maiores defensores foram incapazes de aceitar esse novo e estranho fenômeno e, conquanto mantivessem a crença em seus dons, ficaram convencidos de que êle recorria aos truques. Numa carta ao Banner of Light, de Boston, de 20 de fevereiro de 1863, referindo-se a êsse novo desenvolvimento, escreve o Doutor Gardner:

"Conquanto eu esteja inteiramente convencido de que, através de sua mediunidade, foram tomados retratos de Espíritos, pelo menos em dois casos me foram dadas provas de fraude, o que é perfeitamente conclusivo... Mr. Mumler, ou alguém em contato na sala de Mrs. Stuart, é responsável pela trapaça contra as autênticas fotografias de Espíritos, substituidas pelas de pessoas vivas desta cidade."

O que tornou o caso ainda mais convincente para os acusadores foi o fato de o mesmo "extra" de uma pessoa viva aparecer em duas chapas. Esta falcatrua ultrapassou as medidas da opinião pública contra êle e em 1868 Mumler partiu para New York. Aí o seu negócio prosperou durante algum tempo, até que foi prêso por ordem do prefeito de New York, a pedido do repórter de um jornal, que havia recebido uma fotografia com um "extra" irreconhecível. Depois de um processo moroso foi absolvido, sem mancha no seu caráter. As provas dos fotógrafos profissionais, que não eram espíritas, eram fortemente favoráveis a Mumler.

Assim testemunhou Mr. Jeremiah Gurney:

"Sou fotógrafo há vinte e oito anos; testemunhei os processos de Mumler; e, con quanto tivesse ido preparado para examinar a coisa, nada achei que cheirasse a fraude ou truque... A única coisa fora da nossa rotina foi o fato do operador manter a mão sôbre a máquina."

Mumler, que morreu pobre em 1884, deixou uma narrativa interessante e convincente de sua carreira, em seu livro "Personal Experiences of William H. Muinler in Spirit Photography" (4)

4. Experiências Pessoais de William H. Mumler com Fotografia de Espíritos". Boston, 1875. — N. do T.

de que existe um exemplar no Museu Britânico.

Hudson, que obteve a primeira fotografia espírita na Inglaterra e da qual temos prova objetiva, teria então sessenta e cinco anos de idade (em março de 1372). A experiência era conduzida por Miss Georgiana Houghton, que descreveu minuciosamente o incidente (5).

5. "Chronicles of the Photographs of Spiritual Beings", etc. 1882, página 2.

Há um testemunho abundante do trabalho de Hudson. Mr. Thomas Slater, já citado, levou sua própria máquina e chapas e, depois de minuciosa observação, relatou que "trapaça ou truque estavam fora de cogitação". Mr. William Howitt, desconhecido do médium, não foi anunciado; mas recebeu e reconheceu numa fotografia "extras" de seus dois filhos mortos. E disse que as fotografias eram "perfeitas e inconfundíveis".

O Doutor Alfred Russel Wallace obteve uma boa fotografia de sua mãe. Descrevendo sua visita (6)

6. "Miracles and Modern Spiritualism". (Revised Edition 1901), páginas 196 e 197.

diz êle:

"Estive em três sessões, em tôdas escolhendo o meu próprio lugar. De cada vez uma segunda figura apareceu no negativo comigo. A primeira era uma figura masculina, com um punhal; a segunda era um corpo inteiro, aparentemente a alguns pés para o lado e por trás de mim, olhando para baixo para mim e sustentando um ramo de flôres. Numa terceira sessão, depois de me colocar e depois que a chapa fôra colocada na máquina, pedi que a figura viesse para junto de mim. A terceira chapa mostrou uma figura feminina, de pé, junto e em frente a mim, de modo que o panejamento cobriu a parte inferior de meu corpo. Assisti à revelação de tôdas as chapas e em cada caso a figura "extra" começou a aparecer no momento em que o revelador era despejado, enquanto o meu retrato só se tornava visível cêrca de vinte segundos depois. Não reconheci nenhuma das figuras nos negativos; mas no momento em que tirei as provas, ao primeiro relance a terceira chapa mostrou um inconfundível retrato de minha mãe — como

era, na atitude e na expressão; não aquela semelhança de um retrato feito em vida, mas algo pensativa, uma semelhança ideal — ainda assim, para mim, uma semelhança inconfundível".

Conquanto indistinto, o segundo retrato foi reconhecido pelo Doutor Wallace como sendo de sua mãe. O primeiro "extra" de um homem não foi reconhecido.

Mr. J. Traill Taylor, então redator do British Journal oJ photography, testemunhou (7)

7. "British Journal of Photography", Agosto, 1873.

que tinha obtido resultados supra-normais com êsse médium, usando as suas próprias chapas "e que em nenhuma ocasião, durante a preparação, a exposição ou a revelação dos retratos, Mr. Hudson se achava a menos de três metros da máquina ou da câmara escura - Por certo isto deve ser aceito como prova.

Mr. F. M. Parkes, residente em Grove Road, Bow, no East End de Londres, era um médium natural, que tinha visões verídicas desde a infância. Nada sabia de Espiritismo até 1871 e no comêço do ano seguinte fêz experiências de fotografia com seu amigo, Doutor Reeves, proprietário de um restaurante perto de King's Cross. Tinha então trinta e nove anos de idade. A princípio apenas marcas irregulares e manchas de luz apareciam nas chapas; mas depois de três meses foi obtido um Espírito, logo reconhecido, estando presentes o Doutor Sexton e o Doutor Clarke, de Edimburgo. O Doutor Sexton convidou Mr. Bowman, de Glasgow, fotógrafo experimentado, o qual fêz um minucioso exame da máquina, da câmara escura e do material usado. Feito isso, foi declarada impossível qualquer fraude da parte de Parkes. Durante alguns anos êsse médium não recebeu remuneração por seus serviços. Mr. Stainton Moses, que dedicou um capítulo a Mr. Parkes (8),

8. Human Natura, 1875, página 152.

assim escreve:

"Folheando o álbum de Mr. Parkes, o mais notável ponto é a enorme variedade das figuras; o seguinte é a dissemelhança entre todos êles e a forma convencional dos fantasmas.

Em cento e dez retratos que tenho diante dos olhos, começados em abril de 1872 e, com ligeiros intervalos, obtidos até agora, não há dois parecidos — raramente dois apresentam

alguma semelhança entre si. Cada desenho é peculiar e tem no rosto uma individualidade diferente".

Afirma que um bom número dessas fotografias, foi identificado pelos assistentes.

Mr. Ed. Buguet, fotógrafo de Espíritos, era francês e visitou Londres em junho de 1874; em seu estúdio, situado em Baker Street 33, houve muitas sessões notáveis. Mr. Harrison, redator de The Spiritualist, fala de um teste empregado por êsse fotógrafo, que consistia em quebrar um canto da chapa e ajustar o pedaço, depois que aquela era revelada. Mr. Stainton Moses descreve Buguet como um homem magro e alto, de rosto inteligente e feições bem marcadas, com abundante cabeleira negra. Diz-se que durante a exposição da chapa êle ficava em semitranse. Os resultados psíquicos obtidos eram de mais alta qualidade artística e de maior distinção que os obtidos por outros médiuns. Também uma grande percentagem de Espíritos era reconhecida. Um curioso aspecto com Buguet era que de conseguia numerosos retratos do "duplo" dos assistentes, tanto quanto de pessoas vivas mas não presentes, aparecendo com êle no estúdio. Assim, enquanto se achava em Londres no estado de transe, o retrato de Stainton Moses apareceu em Paris quando Mr. Gledstones fazia uma experiência (9).

9. Human Natura, Volume 9º, página 97.

Em abril de 1875 Buguet foi prêso e acusado pelo govêrno francês de produzir fraudulentas fotografias de Espíritos. Para salvar-se confessou que todos os resultados obtidos eram truques. Foi condenado a pagar quinhentos francos de multa e a um ano de prisão. Durante o processo um certo número de conhecidos homens públicos sustentaram a sua opinião quanto à autenticidade dos "extras" que haviam obtido, a despeíto de se dizer que Buguet havia usado comparsas para fingirem de Espíritos. A verdade sôbre fotografias espíritas não pára aí: os que têm interêsse em ler tôda a história de sua prisão e seu processo (10)

10. The Spiritualist, Volumes 6º e 7º (1875) and Humau Nature, Volume 9º, página 334.

podem assim formar a própria opinião. Escrevendo depois do processo, diz Mr. Stainton Moses: "Não só acredito — mas sei,

tão certo como sei outras coisas, que algumas das fotografias de Buguet eram autênticas".

Entretanto diz Coates que Buguet era um tipo sem valor. Certamente a posição de um homem que apenas pode provar que não é um patife pelo fato de haver feito uma falsa confissão por mêdo é um tanto fraca. O caso para a fotografia espírita, sem êle, ficaria mais valorizado. Quanto à sua confissão, foi ela arrancada criminosamente pelo Arcebispo da Igreja Católica de Toulouse, numa ação contra a Revue Spirite, quando seu redator, Leymarie, foi acusado e condenado. Disseram a Buguet que a sua salvação estava em confessar.

Assim constrangido, fêz o que antes haviam feito tantas vítimas da Inquisição: uma confissão forçada que, entretanto, não o salvou de doze meses de cadeia.

Richard Boursnell (1832-1900) ocupou uma posição preeminente no período médio da história da fotografia espírita. Formava uma parceria com um fotógrafo profissional em Fleet Street e dizem que tinha faculdades psíquicas e que eventualmente mãos e rostos apareciam em suas chapas, já em 1851. Seu companheiro o acusou de não lavar convenientemente as chapas, ao tempo do processo coloidal e, após uma discussão violenta, Boursnell disse que não mais continuaria com êsse negócio. Só quarenta anos mais tarde é que novamente apareceram figuras psíquicas e, então, com formas extras, em suas fotografias, para seu desapontamento, porque prejudicaram o seu negócio e ocasionaram a destruição de muitas chapas. Foi com muita dificuldade que Mr. W. F. Stead o persuadiu a realizar algumas sessões. Nas suas próprias condições, Mr. Stead obteve repetidamente aquilo que o velho fotógrafo chamava "retratos de sombras". A princípio não eram reconhecidas, mas, por fim, foram obtidas algumas bem identificadas. Mr. Stead forneceu detalhes das precauções observadas no preparo das chapas, etc., mas diz que liga pouca importância a estas, considerando que o aparecimento numa chapa de uma semelhança de um parente desconhecido ou de um assistente desconhecido é um teste muito superior às precauções que um mágico hábil ou um fotógrafo de truques pode ludibriar. E diz:

"De vez em quando eu enviava amigos a Mr. Boursnell, sem o informar quem eram êles, nem lhes dizer coisa alguma acêrca da identidade de pessoas mortas parentas ou amigas dos recomendados, cujo retrato queriam obter; e, ao revelar as chapas, os retratos apareciam, por vezes atrás, outras vezes

em frente ao interessado. Isso acontecia com tanta freqüência que estou convencido de que qualquer fraude era impossível. Uma vez aconteceu que um editor francês descobrisse o retrato de sua falecida espôsa num negativo que fôra revelado; e ficou tão encantado que insistiu em beijar o velho fotógrafo, com o que o deixou muito embaraçado. De outra feita foi um engenheiro do Lancashire, também fotógrafo, que marcou as chapas e tomou outras precauções. Obteve retratos de dois parentes e um outro de eminente personagem com quem havia mantido estreitas relações. Ainda de outra foi um vizinho próximo que, indo como um desconhecido, obteve o retrato de sua filha morta".

Em 1903 os espíritas de Londres presentearam êsse médium com uma bôlsa de ouro e um documento assinado por mais de cem espíritas notáveis. Nessa ocasião as paredes das salas da Sociedade de Psicologia, em George Street, Portman Square, estavam cobertas por trezentas fotografias escolhidas de Espíritos, feitas por Boursnell.

Em relação à opinião de Mr. Stead quanto à "reconhecida semelhança", declaram os críticos que os assistentes muitas vêzes imaginam a semelhança, e que por vêzes dois assistentes alegam que o mesmo extra" é o seu parente. Em resposta a isto deve dizer-se que o Doutor Alfred Russel Wallace, por exemplo, deve ser o melhor juiz se a figura era ou não parecida com sua mãe, O Doutor Cushman, de quem falaremos adiante, submeteu o "extra" de sua filha Agnes a um certo número de parentes e amigos e todos estavam convencidos da semelhança. Mas, fora de qualquer certeza quanto à semelhança, resta a esmagadora prova de que essas fotografias supranormais realmente acontecem e, em milhares de casos, foram identificadas.

Mr. Edward Wyllie, nascido em 1848 e falecido em 1911, tinha genuínos dons mediúnicos, que foram verificados por inúmeros investigadores, qualificados. Nascera em Calcuttá, pois o seu pai, Coronel Robert Wyllie, fôra secretário militar do Governador da Índia. Wyllie, que servira como capitão na guerra Maori, na Nova Zelândia, depois fêz fotografias ali. Em 1886 foi para a Califórnia. Depois de algum tempo começaram a aparecer pontos luminosos em seus negativos e como aumentavam sempre, ameaçavam destruir o seu negócio. Jamais tinha ouvido falar de fotografia de Espíritos, até que uma senhora lhe sugeriu isto como possível explicação. Experimentando com ela apareceram rostos nas chapas nos

pontos iluminados. Daí por diante êsses rostos apareciam com tanta freqüência com outros assistentes que êle se viu obrigado a deixar o negócio comum e devotar-se à fotografia de Espíritos. Mas então defrontou novas dificuldades. Foi acusado de obter fraudulentamente êsses resultados e isso o feriu tanto que tentou ganhar a vida de outra maneira, mas sem resultado. Teve que voltar àquêle trabalho como médium-fotógrafo, como era chamado. A 27 de novembro de 1900 uma comissão da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Pasadena fêz uma investigação com êle em Los Angeles. Foram respondidas as seguintes perguntas por Wyllie. Aqui as transcrevemos por serem de interêsse histórico.

Pergunta: — O Senhor anuncia ou promete fotografar rostos de Espíritos ou alguma coisa parecida e fora do comum aos seus fregueses?

Resposta: — Absolutamente. Não garanto nem prometo coisa alguma. Não tenho contrôle sôbre isto. Apenas cobro o meu tempo e o material, como podem ver pelo quadro que está ali na parede. Cobro um dólar por sessão. E se a primeira não fôr satisfatória, faço uma segunda tentativa sem mais despesas.

Pergunta: — Por vêzes deixa de obter algo de extraordinário?

Resposta: — Oh! sim, muitas vêzes. Sábado passado, trabalhando à noite, fiz cinco sessões e nada obtive.

Pergunta: — Em que proporção são essas falhas?

Resposta: — Diria que num dia comum de trabalho a média éde três a quatro falhas — dias mais, dias menos.

Pergunta: — Em que proporção avalia que os rostos "extras" que aparecem são reconhecidos pelos assistentes ou por seus amigos?

Resposta: - Durante alguns meses do ano passado eu fazia um registro dêsse ponto e achei que em cêrca de dois têrços um ou mais rostos extras eram reconhecidos. Às vêzes havia apenas uma face extra; outras vêzes cinco ou seis, ou mesmo oito e eu não podia fazer um registro delas, mas apenas do número total de sessões, como se vê em meu livro de notas.

Pergunta: — Quando uma sessão é feita o senhor conhece, como sensitivo, se há ou não extras na chapa?

Resposta: — Às vêzes eu vejo luzes em volta do assistente e então tenho certeza de que haverá algo para êle ou para ela; mas não sei exatamente o que será, assim como os senhores não sabem. Não sei o que é enquanto não o vejo na chapa

revelada, fixada e examinada à luz.

Pergunta: — Quando um assistente deseja fortemente que um determinado amigo desencarnado apareça na chapa é mais provável obter resultado?

Resposta: — Não. Um forte estado de tensão mental, ou de desejo,
quer seja de ansiedade ou de antagonismo, torna mais difícil para
o Espírito o emprêgo do magnetismo do assistente a fim de produzir a manifestação; de modo que é menos provável que, então, apareça um extra na chapa. Uma condição repousante, passiva e à vontade é mais favorável aos bons resultados.

Pergunta: — Os Espíritas conseguem melhores resultados que os descrentes?

Resposta: — Não. Alguns dos melhores resultados que jamais obtive ocorreram quando a cadeira era ocupada por gente muito céptica.

Com essa comissão não foram obtidos os extras. Antes, em 1899, outra comissão havia submetido o médium a testes rigorosos e quatro chapas em oito "mostraram resultados que a comissão foi incapaz de explicar." Depois de minucioso relato das precauções tomadas, conclui o relatório:

"Como comissão não temos uma teoria: apenas testemunhamos "aquilo que sabemos". Individualmente discordamos quanto às causas prováveis, mas sem prevenção concordamos no que respeita aos fatos prováveis... Daremos vinte e cinco dólares a qualquer fotógrafo de Los Angeles que, por meio de truque ou de habilidade, produzir resultados semelhantes, em condições similares."

(assinado)

Julian Mc Crae, P. C. Campbell, I. W. Mackie, W. N. Slocum, John Henley.

David Duguid (nasceu em 1832 e morreu em 1907), conhecido médium de escrita automática e de pintura, foi beneficiado por uma cuidadosa investigação sôbre as suas fotografias de Espíritos, por Mr. J. Traiu Taylor, redator do British Journal of Plzotography, o qual numa conferência lida perante a London and Provincial Photographic Association em 9 de março de 1893, descreveu as recentes pesquisas com esse médium. Diz êle:

"Minhas condições eram muito simples... Admitindo tratar com trapaceiros e para me guardar contra êles, exigi que fôsse usada a minha própria máquina e caixas de chapas compradas

em casas de confiança, não permitindo que tais chapas saissem de minhas mãos enquanto não fôssem reveladas, caso não resolvesse o contrário. Mas, assim como eu os tinha em suspeita, êles suspeitavam de mim. De modo que todos os atos que eu praticasse deviam sê-lo em presença de duas testemunhas, isto é, que eu devia marcar o tempo na minha própria máquina, obter, por assim dizer, uma duplicata com o mesmo foco — por outras palavras, usar uma binocular estereoscó pica e ditar tôdas as condições da operação."

Depois. de entrar em detalhes quanto ao processo adotado, registra o aparecimento de figuras extras nas chapas e continua:

"Algunws estavam em foco, outras não; umas eram iluminadas pela direita, enquanto o assistente recebia a luz pela esquerda... algumas ocupavam a maior parte da chapa, quase que cobrindo o assistente material; outras eram como retratos em vinhetas horrorosas, ou em ovais como que cortados com um abridor de latas e pregadas por detrás do assistente. Mas aqui é que bate o ponto: nenhuma só dessas figuras que apareciam tão fortemente nos negativos era de qualquer modo visível para mim durante o tempo de exposição da máquina e eu declaro peremptoriamente que ninguém manipulou uma chapa antes que ela fosse posta no caixilho ou antes que fôsse revelada. Do ponto de vista fotográfico eram de mau gôsto. Mas como apareceram?"

Outros assistentes bem conhecidos descreveram resultados, notáveis obtidos com Duguid (11).

11. James Coates, "Photographing the Invisible" (1921) and Andrew Glendinning. "The Veil Lifted" (1894).

Mr. Stainton Moses, na conclusão de seu valioso trabalho sobre a Fotografia de Espíritos (12),

12. Human Nature, Volumes 7º e 9º, 1874 e 1875.

discute a teoria de que as formas extras fotografadas são moldadas de ectoplasma (êle fala de uma "substância fluídica") pelos operadores invisíveis e faz importantes comparações entre os resultados obtidos por diferentes médiuns fotógrafos.

As "valiosas e conclusivas experiências" de Mr. John Beattie, segundo a expressão do Doutor Alfred Russel Wallace, só rápidamente serão tratadas. Mr. Beattie, de Clifton, Bristol,

fotógrafo aposentado de vinte anos de atividade, teve dúvidas sôbre a autenticidade de muitas fotografias de Espíritos que lhe foram mostradas, pelo que resolveu êle próprio examinar o assunto. Sem nenhum médium profissional, mas em presença de um amigo íntimo, que era um sensitivo de transe, êle e o seu amigo Doutor G. S. Thomson, de Edimburgo, realizaram uma série de experiências em 1872 e obtiveram, inicialmente, manchas nas chapas e, depois, completas figuras extras. Verificaram que êsses extras e as manchas na chapa apareciam muito antes que o assistente material, durante a revelação — peculiaridade frequentemente notada por outros experimentadores. A honestidade de Mr. Beattie é absolutamente endossada pelo redator do British Journal of Photography. Mr. Stainton Moses (13)

13. Human Nature, Volume 8º (1874), página 300 e seguintes.

e outros dão detalhes das experiências acima referidas.

Em 1908 o Daily Mau, de Londres, nomeou uma comissão para fazer "um inquérito sôbre a autenticidade ou não das chamadas fotografias de Espíritos", que não chegou a qualquer resultado. Era composta de três não espíritas — R. Child Bayley, F. J. Mortimer e E. Sanger-Shepsherd e três defensores da fotografia espírita — A. P. Sinnett, E. R. Serocold Skeels e Robert King.

No relatório dêstes três últimos contavam que apenas podem relatar que a comissão falhou na obtenção de provas de que é possível a fotografia espírita, não devido á falta de provas abundantes no particular, mas devido à atitude infeliz e nada prática tomada pelos outros membros da comissão, que não possuíam qualquer experiência do assunto".

Detalhes sôbre a Comissão podem ser encontrados em Light (14).

14. 1908, página 526 e 1909, páginas 290, 307, 329.

Nos últimos anos a história das fotografias de Espíritos concentrou-se muito em tôrno do que é conhecido por Crewe Cirde, agora constituído por Mr. William Ilope e Mrs. Buxton, ambos de Crewe. O grupo se constituiu mais ou menos em 1905, mas só atraiu a atenção em 1908. Descrevendo suas primeiras experiências, Mr. Hope diz que, quando trabalhava numa fábrica perto de Manchester, num sábado à tarde fêz uma

fotografia de um operário, numa pôse junto a um muro de tijolos. Quando a chapa foi revelada via-se, além do retrato de seu amigo, a forma de uma mulher ao seu lado, vendo-se o muro por transparência. O homem perguntou a Hope como tinha êle pôsto ali o outro retrato, no qual reconhecia uma irmã falecida havia alguns anos. Diz Mr. Hope:

"Então eu nada sabia a respeito de Espiritismo. Levamos a fotografia aos trabalhadores na segunda-feira, e um deles, espírita, disse que era o que se chamava uma fotografia de Espírito. Sugeriu que no sábado seguinte, no mesmo lugar e com a mesma máquina, tentássemos novamente. Concordamos. E não só a mesma senhora apareceu na chapa, mas uma criancinha com ela. Achei isto muito estranho, fiquei interessado e continuei as experiências.

Durante muito tempo Hope destruia tôdas as chapas de Espíritos, até que o Arquidiácono Colley travou conhecimento com êle e o aconselhou a conservá-las.

O arquidiácono Colley fêz a primeira sessão com o Crewe Circle em 16 de março de 1908. Trouxe a sua própria máquina — uma Lancaster de um quarto de chapa, que Mr. Hope ainda usa — seus caixilhos e suas chapas marcadas a diamante e revelou as chapas com. seus próprios produtos químicos. A única coisa que Mr. Hope fêz foi apertar o botão para a exposição. Numa das chapas apareceram dois Espíritos.

Desde êsse dia Mr. Hope e Mrs. Buxton fizeram milhares de fotografias de Espíritos sob todos os testes imagináveis e se orgulham de poderem dizer que jamais ganharam um tostão por seus trabalhos; apenas cobravam o material usado e o seu tempo.

Mr. M. J. Vearncombe, fotógrafo profissional em Bridgewater, Somerset, teve a mesma perturbadora experiência de Wyllie, Boursnell e outros, ao descobrir inúmeras manchas luminosas nas suas chapas e, como aquêles, chegando a fazer fotografias de Espíritos. Em 1920 Mr. Fred Barlow, de Birmingham, conhecido investigador, obteve com êsse médium rostos extras e mensagens escritas, em condições de testes, em chapas que não haviam sido expostas na máquina (15).

15. Ver Light, 1929, página 190.

Desde essa data Mr. Vearn. combe obteve muitos resultados probantes.

A mediunidade de Mrs. Deane é de data recente — sua

primeira fotografia de Espírito data de junho de 1920. Foram obtidos muitos extras reconhecíveis em condições de testes e seu trabalho por vêzes é igual aos melhores dos seus predecessores no gênero. Recentemente conseguiu ela dois magníficos resultados, O Doutor Allerton Cushman, conhecido cientista americano, Diretor dos National Laboratories, em Washington, fêz uma visita inesperada ao British College of Psychic Science, em Holland Park, em julho de 1921 e obteve através de Mrs. Deane, uma bela fotografia extra, reconhecida como de sua filha morta. Detalhes completos dessa sessão se acham com as fotografias, no Jornal da American Society for Psychical Research (16).

16. March 1922, páginas 132 a 147.

O outro grande resultado foi a 11 de novembro de 1922, por ocasião do Grande Silêncio, no Dia do Armistício, em Whitehall, quando uma fotografia foi tomada da multidão imensa em tôrno no Cenotáfio e na qual aparecem, visíveis, rostos de Espíritos, alguns dos quais foram reconhecidos. Isto se repetiu durante três anos.

As pesquisas modernas provaram que êsses resultados psíquicos não são obtidos, pelo menos em alguns casos, através das lentes da máquina. Em muitas ocasiões, em condições de testes, êsses retratos supra-normais têm sido conseguidos em caixas fechadas de placas fotográficas, mantidas nas mãos de um ou mais assistentes. Também quando tentada a experiência com mais de uma máquina, quando o extra aparece numa máquina, não aparece na outra. A teoria sustentada é de que a imagem é precipitada na placa fotográfica ou que uma tela psíquica é aplicada à chapa.

Talvez possa o autor dizer algumas palavras de sua experiência pessoal, que foi principalmente com o Crewe Circle e com Mrs. Deane. Neste último caso sempre houve resultados, mas em nenhum os extras foram reconhecidos. O autor está perfeitamente certo da fôrça psíquica de Mrs. Deane, que foi magnificamente demonstrada durante uma longa série de experiências feitas por Mr. Warrick, sob tôdas as possíveis condições de teste e que são minuciosamente descritas em Psychic Science (17).

17. Julho, 1925.

Entretanto a sua experiência pessoal nunca foi evidente e, atendo-se a ela, não se pode falar com segurança. Ele empregou as próprias chapas de Mrs. Deane e tem uma forte impressão de que os rostos podem ter sido precipitados nas chapas nos dias de preparação, quando ela as levava em pacotes. Ela tem a impressão de que facilitava assim os resultados obtidos; mas talvez se enganasse, pois o caso Cushman foi uma surprêsa. Também há a consignar que uma vez ela foi vítima de um truque no Psychic College: seu pacote de chapas foi substituido por outro. Não obstante os extras foram obtidos. Bem que podia ser avisada, pois se abandonasse o método que lhe dá resultados, embora legítimos, seriam êles passíveis de ataque (18).

18. Desde que escreveu esta observação, o autor tem experimentado a médium com as suas próprias chapas, fazendo êle próprio a revelação. Obteve seis resultados psíquicos em oito experiências.

Já o caso é diferente com Mr. Hope. Nas várias oportunidades em que o autor experimentou com êle, fê-lo com as suas próprias chapas, prêviamente marcadas na câmara escura e manejadas e reveladas por êle próprio. Em quase todos os casos um extra foi conseguido; e êsse extra — conquanto não tenha sido claramente reconhecido — certamente foi uma produção anormal. Mr. Hope suportou os costumeiros ataques da ignorância e da malícia, a que se acham expostos todos os médiuns, mas sempre dêles saiu com a honra inatingida.

Uma referência deve ser feita aos notáveis resultados de Mr. Staveley Bulford, talentoso estudante de psiquismo, que produziu os melhores e mais autênticos retratos psíquicos.

Ninguém poderá olhar o seu livro de recortes e notar o gradual desenvolvimento de seus dons, desde as simples manchas de luz até os rostos perfeitos, sem ficar convencido da realidade do processo.

O assunto é ainda obscuro e tôda a experiência pessoal do autor é no sentido de defender o ponto de vista de que num certo número de casos nada de externo foi realizado: o efeito é produzido por uma espécie de raio, que carrega a figura, penetra os sólidos, como a parede do caixilho, e a imprime na placa. A experiência já citada, na qual duas máquinas foram usadas simultâneamente, com o médium entre elas, parece conclusiva, de vez que mostra um resultado numa chapa e não na outra. O

autor obteve resultados em chapas que jamais saíram do caixilho e tão bons quanto os das que haviam sido expostas à luz. É provável que se Hope jamais tivesse tirado a tampa da objetiva, por vêzes os seus resultados teriam sido os mesmos.

Seja qual fôr a eventual explicação, a única hipótese que atualmente abarca os fatos é a de uma sábia e invisível Inteligência presidindo à operação e trabalhando a sua maneira, e que mostra diferentes resultados em grupos diferentes. Tão padronizados são os métodos de cada um que o autor é capaz de dizer, à primeira vista, qual o fotógrafo que fêz a chapa que lhe apresentarem. Supondo que tal Inteligência tenha os poderes que lhe são atribuidos, podemos então ver imediatamente por que cada lei normal de fotografia é violada, por que sombras e luzes não mais concordam e, por fim, por que uma série de armadilhas são preparadas para a generalidade dos críticos convencionais. Também podemos entender por que, desde que a figura seja simplesmente constituída pela Inteligência e posta na chapa, encontramos resultados que são reproduções de velhos quadros e de fotografias, e porque também é possível que apareça o rosto de uma pessoa viva na chapa do mesmo modo que o de um Espírito desencarnado. Num exemplo, citado pelo Doutor Henslow, a reprodução de um raro escrito grego do Museu Britânico apareceu numa das chapas de Hope, com uma ligeira alteração no grego, o que provava que não era uma cópia (19).

19. "Proofs of the Truths of Spíritualism", página 218. Henslaw.

Aqui, ao que parece, a Inteligência tinha notado a inscrição, tinha-a gravado na chapa, mas tinha feito um ligeiro lapso de memória na transcrição. Esta explicação tem o desconcertante corolário que o mero fato de têrmos o retrato psíquico de um amigo morto absolutamente não constitui prova de que o mesmo se ache presente. Sómente quando o fato éconfirmado independentemente numa sessão, antes ou depois, é que temos algo da natureza de prova.

Em suas experiências com Hope, o autor teve a impressão de lobrigar o processo pelo qual as fotografias objetivas são construídas — tanto que pôde êle arranjar uma série de dísticos que mostraram os vários estágios. O primeiro dêsses dísticos, —tomado com Mr. William Jeffrey, de Glasgow, como assistente, — mostra uma espécie de casulo de veios finos, um

material como fita, que poderemos chamar de ectoplasma, desde que os vários plasmas ainda não foram subdivididos. É tão tênue quanto uma bôlha de sabão e nada contém: isto poderia parecer o envoltório dentro do qual o processo é transportado, estando aí reunidas as fôrças, como se na cabine de um médium. No dístico seguinte vê-se que a face se formou dentro do casulo e que o casulo se abre debaixo do centro. São vistos vários estágios dessa abertura. Finalmente, a face aparece por fora, com o casulo festonado, para trás, e formando um arco sõbre o rosto e um véu pendurado de ambos os lados. Êsse véu é muito característico nas fotografias de Hope e quando falta em uma podemos sustentar que não houve presença objetiva e que é um puro efeito psicográfico. O véu ou mantilha, de várias formas, podem ser encontrados numa longa série de fotografias anteriores, e e especialmente observável numa tomada de um amador na Costa Ocidental Africana, onde o Espírito escuro tem densas dobras sôbre a cabeça e no chão. Quando semelhantes resultados são alcançados em Crewe, ou em Lagos, é simples questão de bom senso convir que se trata de uma lei comum.

Apontando a prova do casulo psíquico, espera o autor haver dado uma pequena contribuição para uma melhor compreensão do mecanismo da fotografia psíquica. É um verdadeiro departamento da ciência psíquica, como verá qualquer investigador sério. Contudo não se pode negar que tenha sido transformado em objeto para patifarias, como não podemos garantir que, por serem genuínos alguns resultados conseguidos por médiuns, tenhamos que aceitar de olhos fechados tudo quanto nos mostrem, venha de onde vier.

20
Vozes Mediúnicas e Moldagens

É IMPOSSÍVEL dedicar capítulos separados a cada forma de fôrça psíquica, pois o resultado exorbitaria dos limites desta obra. Mas os fenômenos de produção de vozes bem como os de moldagens são tão claros e evidentes que não será supérfluo um relato mais desenvolvido.

Milhares de pessoas tornam-se eco daquelas palavras de Job: eu ouvi uma voz", significando uma voz que não vinha de alguém que vivesse na Terra. E o disse com segura convicção, depois de uma série de testes. A narrativa bíblica é farta em exemplos dêsse fenômeno (1)

1. Veja-se "The Voices", de Usborne Moore (1913), página 433.

e as constatações psíquicas dos tempos modernos mostram que aqui, como em outras manifestações supra-normais, o que aconteceu na aurora do mundo acontece ainda.

Os exemplos históricos de mensagens faladas são os de Sócrates e de Joana DArc, embora não seja claro que em ambos os casos as vozes tivessem sido audíveis para os outros.

É à luz do inteiro conhecimento que chegamos a concluir, com alguma probabilidade, que as vozes ouvidas eram do mesmo caráter supranormal daquelas com que hoje estamos familiarizados.

Mr. F. W. H. Myers (2)

2. SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH Jornal, Volume 3º (1887) página 131.

faz-nos pensar que o Demônio de Sócrates era "um mais profundo extrato do próprio sábio", a comunicar-se com "o extrato superficial e consciente". E do mesmo modo explicaria as vozes que vieram a Joana. Falando assim, entretanto, êle nada explica.

Que devemos pensar da história de que as estátuas antigas falavam? O ilustre autor anónimo, — que se supõe tenha sido o Doutor Leornard Marsh, da Universidade de Vermont, — daquele curioso livro "Apocatastasis", ou "Progresso Regressivo", cita as seguintes palavras de Nonnus:

"No que respeita a essa estátua (de Apolo), onde se achava, e como ela falava, eu nada disse. Deve, entretanto, entender-se

que havia uma estátua em Delfos, que emitia uma voz inarticulada. Porque deveis saber que os Espíritos falam, com vozes inarticuladas, de vez que não possuem órgãos pelos quais possam falar articuladamente".

Assim o comenta o Doutor Marsh:

"Parece que o autor não estava bem informado relativamente ao poder de falar dos Espíritos, desde que tôda a história antiga declara que muitas vêzes a sua voz era ouvida no ar, falando articuladamente e repetindo as mesmas palavras em diversos lugares; e essa voz era chamada, e universalmente conhecida, pelo nome de "Vox Divina".

E prossegue dizendo que com a mencionada estátua o Espírito evidentemente estaria experimentando com o grosseiro material de que era feita — provavelmente de pedra — a ver se poderia produzir sons articulados, mas não o conseguia, pois que a estátua "não possuia laringe ou outros órgãos da voz, como os modernos médiuns". Em seu livro o Doutor Marsh procura demonstrar que então (1854) os fenômenos espíritas eram crus e imaturos, em comparação com as manifestações espíritas da antigüidade. Os antigos, diz êle, falavam disso como de uma ciência, e declaravam que os, conhecimentos obtidos por seu intermédio eram exatos e controláveis "a despeito de todos os demônios fraudulentos". Garantindo que o sacerdote era um médium de vozes, facilmente se explicam os oráculos falantes.

É digno de nota que a Voz, que foi uma das primeiras formas de mediunidade associada ao moderno Espiritismo, é ainda preeminente, ao passo que outros aspectos da mediunidade inicial se tenham tornado raros.

Mas como há um bom número de investigadores competentes que consideram o fenômeno da voz entre as, mais convincentes das manifestações psíquicas, lancemos um olhar sôbre o que há a respeito.

Jonathan Koons, fazendeiro em Ohio, parece ter sido o primeiro dos modernos médiuns com quem isto se verificou. Na choupana já mencionada, chamada a sua "Casa do Espírito" teve êle em 1852, e durante muitos anos, uma porção de fenômenos surpreendentes, entre os quais havia vozes de Espíritos, que falavam através de um pequeno megafone ou trombeta, Mr. Charles Partridge, conhecido homem público, que foi um dos investigadores dos primeiros dias, assim descreve como ouviu o Espírito conhecido como John King, falando numa sessão em casa de Koon, em 1855:

"Ao terminar a sessão, como de costume, o Espírito de John King tomou da trombeta e fêz uma pequena palestra através dela — falando clara e distintamente — mostrando o benefício que se colheria no tempo e na eternidade, da conversa com os Espíritos, e nos exortando a sermos discretos e firmes no falar, aplicados em nossas investigações, fiéis às responsabilidades que tais privilégios impunham, caridosos para com os que estão no êrro e na ignorância, temperando o nosso zêlo com a sabedoria, etc.".

O Professor Mapes, conhecido químico americano, disse que em presença dos Davenport havia conversado durante meia hora com John King, cuja voz era alta e distinta. Mr. Robert Cooper, um dos biógrafos dos Irmãos Davenport, ouviu muitas vêzes a voz de John King à luz do dia, e à luz da lua, quando passeando pela rua com os Davenport.

Atualmente chegamos a formar uma idéia de como tais vozes se produzem nas sessões.

Aliás êsse conhecimento foi corroborado pelas, comunicações recebidas dos próprios Espíritos.

Parece que o ectoplasma procedente do médium, mas também, em menor proporção, dos assistentes, é usado pelos Espíritos operadores na moldagem de uma espécie de laringe humana. E a utilizam para a produção da voz.

Na explicação dada aos Koons pelos Espíritos, êstes, falavam do emprêgo combinado de elementos do corpo espiritual, e o que corresponde ao nosso atual ectoplasma, "uma aura física que emana do médium". Compare-se isto com a explicação dada através de Mis. Bassett, a conhecida inglêsa médium de vozes, aos setenta anos: "Dizem êles que tomam as emanações do médium e de outros membros da assistência, com o que fazem um aparelho para falar e que o empregam" (3).

3. The Spiritual Magazine, 1872, página 45.

Mrs. Mary Marshall, falecida em 1875, e que foi a primeira dos médiuns públicos inglêses, era canal para vozes vindas de John King e outros. Em 1809, em Londres, Mr. W. Harrisson, redator de The Spiritualist, fêz exaustivos ensaios com ela. Como os espíritas eram tidos como gente facilmente impressionável, é interessante notar a sua cuidadosa investigação. Falando de Mrs. Mary Marshall, (4)

4. The Spiritualíst, Volume 1º, página 38.

diz êle:

"Mesas e cadeiras moviam-se à luz do dia e por vêzes se erguiam do chão, enquanto que nas sessões ás escuras ouviam-se vozes e viam-se manifestações luminosas. Tôdas estas coisas pareciam vir dos Espíritos. Então resolvi ser um visitante constante das sessões e permanecer no trabalho até verificar se as asserções eram verdadeiras ou descobrir a impostura com bastante precisão e segurança para o denunciar em presença de testemunhas e poder publicar os fatos com desenhos completos dos aparelhos usados.

A voz de John King é inspirada por uma inteligência, ao que parece, inteiramente diferente da maneira da de Mr. e Mrs. Marshall. Entretanto, admiti que Mr. Marshall produziu a voz e, assistindo a algumas sessões, verifiquei que era comum que Mr. Marshall e John King falassem ao mesmo tempo. Assim, fui obrigado a abandonar a minha teoria.

Então admiti que era Mrs. Marshall quem falava, até que uma noite fiquei junto a ela; ela estava à minha direita e eu lhe segurava a mão e o braço e John King veio e falou ao meu ouvido esquerdo, quando Mrs. Marshall estava absolutamente imóvel. Assim se foi minha nova teoria.

Diante disso admiti que um parceiro entre os visitantes do grupo fazia a voz de John King. De modo que fiz uma sessão apenas com Mr. Marshall e sua senhora. John compareceu e falou durante uma hora.

Por fim estabeleci que um parceiro escondido produzia a voz. Então fiz duas sessões nas quais Mrs. Marshall se achava entre estranhos, numa casa estranha, e novamente John King estava mais vivo do que nunca. Finalmente na noite de quinta-feira, 30 de dezembro de 1869, John King veio e falou a onze pessoas, no grupo de Mrs. C. Berry, na ausência de Mr. Marshall e de sua senhora, sendo médium Mrs. Perzin".

Enquanto Mr. Ilarrison se satisfez, dêsse modo, de que nenhuma criatura humana presente produzia as vozes, não mencionou — o que era o caso — que as vozes freqüentemente davam provas de identidade tais que nem o médium nem um comparsa poderiam ter dado.

O senhor Damiani, conhecido investigador, em sua prova perante a Sociedade Dialética de Londres declarou (5)

5. Report of the London Dialectical Society (1871), página 201.

que as vozes lhe tinham falado em presença de médiuns não estipendiados, depois haviam conversado com êle em sessões particulares com Mrs. Marshall e aí "haviam demonstrado as mesmas peculiaridades quanto ao tom, a expressão, o andamento, o volume, a pronúncia, que nas vêzes anteriores". Essas vozes lhe falavam sôbre assuntos de natureza tão particular que ninguém, além dêle, podia ter conhecimento. Por vêzes também predisseram acontecimentos que se verificaram em tempo certo.

É natural que aquêLes que tiveram contacto pela primeira vez com o fenômeno das vozes deveriam suspeitar de ventriloquia, como uma possível explicação. D. D. Home, com quem essas vozes ocorriam tantas vêzes, tinha cuidado ao encontrar essa objeção. Descrevendo a sessão quando Home o visitou em Cupar, em Fife, em 1870, assim escreve o General Boldero (6).

6. SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH Jornal, Volume 4º, página 127.

"Então as vozes foram ouvidas, falando simultaneamente na sala — duas pessoas diversas, a julgar pela entonação. Não nos foi possível guardar as palavras pro feridas, desde que Home persistia em falar conosco todo o tempo. Reclamamos contra a sua conversa, mas êle replicou: "Falo de propósito, para que possa convencer-se de que as vozes não são devidas a qualquer ventriloquia de minha parte, desde que isto é impossível quando alguém está falando com a sua voz natural". A voz de Home era muito diferente das que se ouviam no ar.

O autor pode corroborar isto com a sua experiência pessoal, pois muitas vêzes ouviu vozes falando ao mesmo tempo. Há exemplos no capítulo sõbre os grandes médiuns modernos.

O almirante Usborne Moore dá o testemunho de ter ouvido simultâneamente, com Mrs. Wriedt, de Detroit, as vozes de três ou quatro Espíritos. Em seu livro "lhe Voices", de 1913, cita o testemunho da conhecida escritora Miss Edith K. Harper, antes secretária particular de Mr. W. T. Stead. Escreve ela (7):

7. "The Voices", páginas 324 e 325.

"Depois de examinar um relato de cêrca de duzentas

sessões com Mrs. Etta Wriedt, durante as suas três visitas à Inglaterra, cujas notas de sessões gerais bastariam para encher um grosso volume se fôssem escritas in extenso, procurarei relatar, resumidamente, algumas das mais notáveis experiências que eu e minha mãe tivemos o privilégio de assistir pela mediunidade de Mrs. Wriedt. Examinando as minhas notas de sua primeira visita em 1911, sobressaem os seguintes detalhes entre os principais aspectos das sessões:

1. Jamais Mrs. Wriedt caia em transe; conversava livremente com os assistentes; nós a ouvíamos falar também, até mesmo argumentando com Espíritos, com, cujas opiniões não concordava. Lembro-me de uma vez em que Mr. Stend sacudia-se em gargalhadas, ou ouvir a reprimenda de Mrs. Wriedt ao editor do Progressive Thinker por sua atitude contra os médiuns e da evidente confusão de Mr. Francis que, depois de uma tentativa de explicação, derrubou a trombeta e retirou-se aborrecido.

2. Duas, três e até quatro vozes de Espíritos falando simultaneamente a diversos assistentes.

3. Mensagens dadas em língua estranha — francês, alemão, italiano, espanhol, norueguês, holandês, árabe e outras, com as quais a médium não estava familiarizada. Uma senhora norueguesa, muito conhecida no mundo das letras e da política, foi abordada em norueguês, por uma voz masculina, dizendo-se seu irmão e dando o nome de "P." Ela conversou com êle e deu mostras de satisfação ante as provas dadas de sua identidade... De outra vez uma voz falou em espanhol fluente, dirigindo-se determinadamente a uma senhora no grupo, que ninguém sabia tivesse ligações com essa língua. Então a senhora estabeleceu uma conversa fluente com o Espírito, em espanhol, com evidente satisfação para êste".

Mrs. Mary Hollis, depois Mrs. Hollis-Billings, era uma notável médium. Esta americana visitou a Inglaterra em 1874 e também em 1880, quando foi apresentada à sociedade de Londres por destacados Espíritas. Um belo relato de sua variada mediunidade é feito pelo Doutor N. B. Wolfe em seu livro "Startling Facts in Modern Spiritualism" (8).

8. "Fatos admiráveis no Espiritismo Moderno". - N. do T.

Mrs. Hollis era uma senhora fina e milhares de pessoas tiveram provas e consolações através de seus dons. Seus dois guias

Jomes Nolan e um índio chamado Ski falavam livremente em voz direta. Numa de suas sessões, realizada em casa de Mrs. Makdougall Gregory, em Grosvenor Square, a 21 de janeiro de 1880, um clérigo da Igreja da Inglaterra (9)

9. Spiritual Notes, Volume 1º, página 262.

"sustentava o fio de uma conversa com um Espírito, a qual havia sido interrompida há sete anos e se confessou muito satisfeito com a autenticidade da voz, que era muito peculiar e perfeitamente audível para todos os assistentes, de ambos os lados do clérigo a quem o Espírito se dirigia".

Mr. Edward C. Randall conta de uma outra boa médium americana para vozes diretas, Mrs. Emily S. French, em seu livro "The Dead Have Never Died (10).

10. "Os Mortos Nunca Morreram". — N. do T.

Ela faleceu em sua casa em Rochester, New York, a 24 de junho de 1912. Mr. Randall investigou as suas faculdades durante vinte anos e se convenceu de que a sua mediunidade era de um altíssimo padrão.

Mrs. Mercia M. Swain, que faleceu em 1900, era uma médium de voz direta cuja instrumentalidade foi aproveitada por um grupo da Califórnia, o Rescue Circle, para ajudar os Espíritos atrasados. Um relato dessas extraordinárias sessões, que eram dirigidas por Mr. Leander Ficher, de Buffalo, New York, e que se estenderam de 1875 a 1900, se acha no livro do Almirante Usborne Moore "Glimpses of the Next State" (11).

11. "Relances sôbre o novo estado". — N. do T.

Mrs. Everitt, senhora finíssima e médium não profissional, produziu vozes diretas na Inglaterra em 1867 e por muitos anos depois.

Muitos dos grandes médiuns de efeitos físicos, especialmente os de materializações, produziram os fenômenos de vozes diretas. Estas ocorriam, por exemplo, com Eglinton, Spriggs, Husk, Duguid, Herne, Mrs. Gupsy e Florence Cook.

Mrs. Elizabeth Blake, de Ohio, que faleceu em 1920, era um dos mais maravilhosos médiuns de voz direta de que temos notícia e, talvez, o de maior valor probante, porque em sua

presença as vozes se produziam com regularidade em plena luz do dia. Era pobre, iletrada, vivendo na pequena aldeia de Bradrick, a margem do rio Ohio, do outro lado da cidade de Húntingdon, em West Virginia. Era médium desde criança. Era muito religiosa e pertencia à Igreja Metodista, da qual, como alguns outros, entretanto, foi expulsa devido à sua mediunidade.

Pouco se tem escrito a seu respeito: um único relato minucioso é a valiosa monografia do Professor Hyslop (12).

12. Proceedings, American. SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Volume 7º (1913) páginas 570 a 578.

Dizem que foi sucessivamente submetida a testes por "cientistas, médicos e outros" e que o fazia de boa vontade. Entretanto, como êsses homens não foram capazes de a pilhar em fraude, não se preocuparam em oferecer ao mundo os resultados obtidos. Hysiop teve a sua atenção atraida para ela por ouvir dizer que um muito conhecido mágico americano, com uma experiência de muitos anos, se havia convencido da autenticidade de seus fenômenos e em 1906 foi a Ohio examinar a sua mediunidade.

Ovolumoso relatório de Hyslop descreve legítimas comunicações que ocorreram.

Ele faz essa rara confissão de ignorância do processo do ectoplasma na produção dos fenômenos das vozes:

"A altura dos sons, nalguns casos, exclui a suposição de que as vozes sejam conduzidas das cordas vocais à trombeta. Ouvi sons a seis metros de distância e os poderia ter ouvido a doze ou quinze metros — e os lábios de Mrs. Blake não se moviam.

Resta estabelecer uma hipótese possível para explicar êste aspecto dos fenômenos.

Mesmo que chamemos a isto "Espíritos", a explicação não satisfaz ao homem comum de ciência. Ele quer saber do processo mecânico que o envolve, assim como nós explicamos o falar comum.

Talvez sejam os Espíritos a causa primeira no caso, mas há degraus no processo que vão desde a iniciativa até o último resultado. É isto que cria a perplexidade muito mais que a suposição de que, de certo modo, estejam Espíritos por detrás de tudo isto... e o homem de ciência não pode ver como os

Espíritos podem instituir um fato mecânico sem o emprêgo de aparelhos mecânicos.

Também ninguém o pode. Mas neste caso a explicação tem sido dada uma ou outra vez pelo Outro Lado. O desejo do Professor Hyslop de conhecer o elo que existe entre os sons e sua fonte seria menos surpreendente se não fôsse um fato que os próprios Espíritos reiteradamente responderam à pergunta que êle faz. Através de muitos médiuns deram êles explicações mais ou menos idênticas.

O Doutor L. V. Guthrie, superintendente do Asilo de West Virginia, em Huntingdon, conselheiro médico de Mrs. Blake, estava convicto de seus dons. Escreve êle (13):

13. Opcit. página 581.

"Fiz sessões com ela em meu próprio escritório e no alpendre, ao ar livre e, numa ocasião, dentro de uma carruagem numa esarada. Constantemente se me oferecia para fazer sessões e usar uma manga de candeeiro em vez de uma pequena corneta e muitas vêzes a vi produzir vozes tendo a mão numa das extremidades da trombeta."

O Doutor Guthrie relata os dois casos seguintes com Mrs. Blake, nos quais a informação dada era desconhecida dos assistentes e não podia ter sido também da médium.

"Uma de minhas empregadas, uma senhora môça, cujo irmão tinha entrado para o exército e seguido para as Filipinas, estava ansiosa para receber notícias suas e lhe havia escrito cartas sôbre cartas, dirigidas aos cuidados da companhia nas Filipinas. Mas não obtinha resposta. Ela visitou Mrs. Blake e soube pelo "Espírito" de sua mãe, morta há vários anos, que deveria mandar uma carta ao irmão para C... a fim de obter resposta. Assim fêz: recebeu resposta em dois ou três dias, pois que êle havia regressado das Filipinas, sem que ninguém da família o soubesse."

O caso seguinte é ainda mais interessante.

"Uma parenta minha, de importante família nesta região do Estado, cujo avô tinha sido encontrado morto ao pé de uma grande ponte, com o crânio esmagado, visitou Mrs. Blake há poucos anos e não estava pensando no avô na ocasião. Ficou muito surpreendida porque o Espírito do avô lhe disse que não havia caído da ponte quando embriagado, como ao tempo haviam pensado. Tinha sido assassinado por dois homens que o haviam encontrado num carrinho e tinham conseguido pegá-

lo, despojá-lo de seus valores e atirá-lo de cima da ponte. O Espírito descreveu minuciosamente os dois homens que o haviam assassinado e deu tais informações que foi possível prendê-los e obter a confissão de um ou de ambos".

Numerosos assistentes notaram que enquanto Mrs. Blake falava ouviam-se as vozes dos Espíritos, e, ainda, que os mesmos Espíritos apresentavam a mesma personalidade, bem como a mesma inflexão de voz durante anos. Hyslop dá detalhes de um caso com essa médium, na qual as vozes comunicantes deram a solução correta para abrir um cadeado de segrêdo, que era desconhecida do assistente.

Entre os modernos médiuns de voz direta da Inglaterra estão Mm. Roberts$_1$ Johnson, Mrs. Blanche Cooper, John C. Sloan, William Phoenix, as Misses Dunsmore, Evan Powell, médium Welsh, e Mr. Potter.

Mr. H. Dennis Bradley fêz um minucioso relato da mediunidade de voz direta de George Valiantine, o conhecido médium americano. Mr. Bradley conseguiu vozes no seu próprio Grupo Doméstico, sem médiuns profissionais. É impossível exagerar os serviços que o trabalho dedicado e de auto-sacrifício de Mr. Bradley prestou à ciência psíquica. Se todo o nosso conhecimento dependesse das provas dadas nesses dois livros - "Towards the Stars" e "The Wisdom of the Gods" (14)

14. "Rumo às Estrelas" e "A Sabedoria dos Deuses". —. N. do T.

isso seria bastante para qualquer homem razoável.

*** * ***

Algumas páginas devem ser dedicadas a um resumo da prova objetiva e muito convincente das moldagens tomadas de corpos de ectoplasma — por outras palavras, de formas materializadas. Quem primeiro explorou essa linha de pesquisa parece ter sido William Denton, autor de "NaturÉs Secrets" (15),

15. Segredos da Natureza. — N. do T.

um livro de psicometria, publicado em 1863. Em 1875, trabalhando em Boston, U.S.A., com a médium Mary M. Hardy, empregou êle métodos que se assemelham aos usados por

Charles Richet e Gustave Geley em suas mais recentes experiências em Paris. Então Denton fêz uma demonstração pública no Paine Haul, quando a moldagem do rosto de um Espírito, ao que se diz, foi fundida em parafina. Outros médiuns com os, quais êstes moldes foram obtidos foram Mrs. Firman, Doutor Monck, Miss Fairlamb (posteriormente Mrs. Mellon) e William Eglinton. O fato de terem sido tais resultados corroborados posteriormente na: sessões de Paris, é um forte argumento em favor de sua validade. Mr. William Oxley, de Manchester, descreve como a 5 de fevereiro de 1876 foi obtida uma bela moldagem de uma mão de senhora e como em seguida um molde da mão de Mrs. Firman demonstrou uma grande diferença. Nessa ocasião Mrs. Firmam estava amarrada pela cabeça, o peito, os braços e as mãos. Isto parecia suficiente, no que respeita à fraude por parte da médium, ao mesmo tempo que se verifica que a cêra da moldagem era fervente, o que mostra que não podia ter sido trazida à sala das sessões. É difícil imaginar que outras precauções poderiam ter sido tomadas para garantir os resultados. Numa outra ocasião foram obtidas as moldagens de um pé e de uma mão, nas quais a abertura do pulso e do tornozelo eram tão pequenas que os membros não teriam passagem. Parece que não há outra explicação a não ser que pé e mão se houvessem desmaterializado.

Os resultados do Doutor Monck também parecem suportar a crítica. Em 1878 Oxley fêz experiências com êle em Manchester e teve o mesmo sucesso que com Mrs. Firmam. Nessa ocasião diversos moldes foram tirados de duas individualidades diferentes. Diz Oxley dessas experiências: "A importância e o valor dessas moldagens de Espíritos jamais seriam superestimados porque enquanto a relação do fenômeno espírita com outros de atitude duvidosa ou céptica só é válida no campo da crença, esses moldes de mãos e de pés são fatos patentes e permanentes e agora exigem dos homens de ciência, dos artistas, e dos trocistas, uma solução do mistério de sua produção". Essa exigência permanece. Um famoso mágico, Houdini, e um grande anatomista, Senhor Arthur Keith, tentaram fazer moldes de mãos e os resultados, laboriosamente obtidos, apenas serviriam para acentuar o caráter único daquilo que procuravam copiar.

No caso de Eglinton, foi registrado pelo Doutor Nichols, biógrafo do Davenport, que indiscutíveis moldes de mãos foram obtidos e que uma senhora presente reconheceu uma

peculiaridade — uma leve deformidade — característica da mão de sua filhinha, que morrera afogada na África do Sul, com a idade de cinco anos.

Talvez os mais completos e probantes dêsses moldes sejam os obtidos por Epes Sergeant com a médium Mrs. Hardy, já mencionada em ligação com as experiências de Denton. As conclusões merecem ser citadas por extenso. Diz o escritor:

"Nossas conclusões são as seguintes:

1. O molde de uma mão perfeita, em tamanho natural, foi produzido numa caixa fechada, por uma fôrça desconhecida, exercitando inteligência e atividade manual.

2. As condições da experiência independiam do controle, do caráter e da boa fé da médium não obstante sua mediunidade ficasse plenamente demonstrada pelo resultado.

3. Essas condições eram tão simples e tão severas que excluem completamente toda oportunidade para fraude e tôda possibilidade de ilusão, de modo que as nossas conclusões quanto à experiência são per feitas.

4. O fato, de há muito conhecido dos investigadores, de que mãos materializadas e evanescentes, guiadas por uma inteligência e projetadas de um organismo invisível, podem tornar-se visíveis e tangíveis, recebe uma confirmação dêste duplo teste.

5. A experiência de moldagem, associada com a chamada fotografia espírita, dá provas objetivas da ação de uma fôrça inteligente exterior a qualquer organismo visível e oferece uma boa base à investigação científica.

6. A pergunta: "Como teria sido produzida essa moldagem dentro da caixa?" leva a considerações que devem ser de máxima importância para a filosofia do futuro, do mesmo modo que sôbre problemas de psicologia e de fisiologia e abre novos horizontes às fôrças latentes e ao alto destino do homem."

Sete testemunhas respeitáveis assinam o relatório.

Se o leitor não ficar satisfeito com tão variados exemplos da validade dessas experiências de fotografia e moldagens, deverá ler as conclusões a que chegou o grande investigador Geley, ao fim de suas experiências clássicas com Kluski, a que aludimos de passagem.

O Doutor Geley realizou com Kluski algumas notáveis experiências sôbre a formação de moldagens em cêra, de mãos materializadas. Registrou os resultados (16)

16. Revue Métapsychtque, Junho, 1921.

de uma série de onze sessões bem sucedidas com tal objetivo. Em luz muito fraca a mão direita do médium foi segurada pelo Professor Charles Richet e a esquerda pelo Conde Pctocki. Uma vasilha com cêra, mantida em ponto de fusão por meio de água fervente, foi colocada a sessenta centímetros em frente a Kluski e, para efeito de teste — o que era ignorado pelo médium — a cêra estava impregnada de colesterina, a fim de evitar a sua substituição. Diz o Doutor Geley:

"A luz muito fraca não permitia que se assistisse ao fenômeno; éramos advertidos do momento de mergulhar a mão, pelo ruído no liquido. A operação exigira duas ou três imersões. A mão que estava agindo era mergulhada no vaso, retirada coberta de parafina quente, tocava as mãos dos controladores da experiência e então era mergulhada novamente na cêra. Depois da operação a luva de parafina, ainda quente mas solidificada, era colocada de novo junto à mão de um dos controladores".

Desta maneira nove moldes foram tirados. Sete de mãos, um de pé e outro de um queixo com os lábios. Examinada a cêra de que eram feitos, deu a reação característica da colesterina. O Doutor Geley mostrou vinte e três -fotografias de moldes e de cópias em gêsso que dêles foram feitas. Ë preciso dizer que as moldagens mostram as dobras da pele, as unhas e as veias, as quais de modo algum se parecem com as do médium. Os esforços para obter moldagens semelhantes de mãos de criaturas vivas foram apenas parcialmente realizados, e as diferenças entre uns e outros são marcantes. Escultores e reputados modeladores declararam que não conhecem nenhum método de produção de moldagens semelhantes às obtidas nas sessões com Kluski.

Assim resume Geley os resultados (17).

17. "L'Ectoplasmie", etc., página 278.

"Enumeraremos agora as provas que temos dado da autenticidade das moldagens de membros materializados em nossas experiências em Paris e Varsóvia:

Mostramos que, além do contrôle do médium, cujas mãos mantínhamos sempre seguras, tôda fraude era impossível.

1. A teoria da fraude pela luva de borracha é inadmissível, porque essa tentativa dá resultados absurdos e grosseiros que, à primeira vista, se nota que são imitações.

2. Não é possível produzir tais luvas de cêra usando um molde rígido pré-fabricado. Uma tentativa neste sentido logo mostra a sua impossibilidade.

3. O emprêgo de um molde preparado de uma substancia fusível e solúvel, coberto com uma camada de parafina, durante a sessão e então dissolvido num balde dágua, não é possível, com o processo empregado. Não tínhamos balde dágua.

4. A teoria de que uma mão viva era usada, fôsse do médium ou de um assistente, é inadmissível. Isto não podia ser feito por várias razões, uma das quais é que a luva assim obtida é grossa e sólida, enquanto que as nossas são finas e delicadas e, ainda, que a posição dos dedos em nossas moldagens torna impossível a sua retirada, sem quebrar a luva. Além disso, as luvas foram comparadas com as mãos do médium e dos assistentes e não se assemelham. Isto também é mostrado pelas mensurações antropológicas.

Finalmente, Fui a hipótese de terem sido as luvas trazidas pelo médium. Isto não se ajusta ao fato de havermos em segrêdo introduzido um produto químico na cêra fundida, e que o mesmo foi encontrado nas luvas.

O relatório dos especialistas em modelagem neste ponto é categórico e final.

Nada constitui prova para aquêles que se acham tão cheios de preconceitos que não têm mais lugar para o raciocínio. Mas é inconcebível que um homem normalmente dotado pudesse ler tudo quanto fica dito acima e duvidar da possibilidade de fazer moldagens de figuras ectoplásmicas.

21
Espiritismo francês, alemão e italiano

O ESPIRITISMO na França e nas raças latinas concentra-se em tõrno de Allan Kardec, que prefere o têrmo Espiritismo, e sua feição predominante é a crença na reencarnação.

O Senhor Hipolyte Leon Denizard Rivail, que adotou o pseudônimo de "Allan Kardec", nasceu em Lyon em 1804, onde seu pai era juiz. Em 1850, quando as manifestações espíritas americanas chamavam a atenção da Europa, Allan Kardec investigou o assunto através da mediunidade de duas filhas de um amigo.

Nas comunicações obtidas foi informado de que "Espíritos de uma categoria muito mais elevada do que os que habitualmente se Comunicavam através dos dois jovens médiuns, tinham vindo especialmente para êle, e queriam continuar a vir, a fim de lhe permitir desempenhar uma importante missão religiosa.

Ele controlou isto escrevendo uma série de perguntas relativas aos problemas humanos e, submetendo-as às supostas inteligências operantes, por meio de batidas e da escrita com a prancheta, recebeu respostas sôbre as quais baseava o seu sistema de Espiritismo.

Depois de dois anos de comunicações verificou que suas idéias e convicções tinham mudado completamente. E disse:

"As instruções assim transmitidas constituem uma teoria inteiramente nova da vida humana, do dever e do destino, que se me afigura perfeitamente racional e coerente, admiravelmente lúcida e consoladora e intensamente interessante". Veio-lhe a idéia de publicar o que havia recebido e, submetendo-a às inteligências comunicantes, foi-lhe dito que os ensinamentos lhe haviam sido dados expressamente para os transmitir ao mundo e que êle tinha uma missão que lhe fôra confiada pela Providência. E lhe disseram que denominasse a obra "O Livro dos Espíritos".

Olivro assim produzido em 1856 teve um grande sucesso. Mais de vinte edições foram publicadas e a "Edição Revista" publicada em 1857, tornou-se o livro básico da filosofia espírita na França. Em 1861 publicou, "O Livro dos Médiuns"; em em 1864, "O Evangelho Segundo o Espiritismo", em 1865, "O Céu e o Inferno" e em 1868, "A Gênese". Além dêstes, que são as suas obras principais, publicou pequenos tratados, sob os títulos de "O Que é o Espiritismo" e "O Espiritismo reduzido à

sua Expressão mais Simples".

Miss Anna Blackwell, que traduziu as obras de Allan Kardec para o inglês, assim o descreve:

"Pessoalmente Allan Kardec era de estatura média. Compleição forte, com uma cabeça grande, redonda, maciça, feições bem marcadas, olhos pardos, claros, mais se assemelhando a um alemão do que a um francês. Enérgico e perseverante, mas de temperamento calmo, cauteloso e não imaginoso até a frieza, incrédulo por natureza e por educação, pensador seguro e lógico, e eminentemente prático no pensamento e na ação. Era igualmente emancipado do misticismo e do entusiasmo... Grave, lento no falar, modesto nas maneiras, embora não lhe faltasse uma certa calma dignidade, resultante da seriedade e da segurança mental, que eram traços distintos de seu caráter. Nem provocava nem evitava a discussão mas nunca fazia voluntàriamente observações sôbre o assunto a que havia devotado tôda a sua vida, recebia com afabilidade os inúmeros visitantes de tôda a parte do mundo que vinham conversar com êle a respeito dos pontos de vista nos quais o reconheciam um expoente, respondendo às perguntas e objeções, explanando as dificuldades, e dando informações a todos os investigadores sérios, com os quais falava com liberdade e animação, de rosto ocasionalmente iluminado por um sorriso genial e agradável, con quanto tal fôsse a sua habitual seriedade de conduta que nunca se lhe ouvia uma gargalhada. Entre as milhares de pessoas por quem era visitado, estavam inúmeras pessoas de alta posição social, literária, artística e científica. O Imperador Napoleão 3º, cujo interêsse pelos fenômenos espíritas não era mistério para ninguém, procurou-o várias vêzes e teve longas palestras com êle nas Tuileries, sôbre a doutrina de "O Livro dos Espíritos."

Fundou a Sociedade de Estudos Psicológicos (1)

1. O verdadeiro nome dessa sociedade era "Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas". — N. do T.

que se reunia semanalmente em sua casa, para obter comunicações através da psicografia. Também criou a Revue Spirite, jornal mensal que ainda existe e que editou até 1869. Pouco antes traçou um plano de uma organização para continuar o seu trabalho. "A Sociedade para a Continuação dos trabalhos de Allan Kardec", com poder para compra e venda,

recebimento de dádivas e legados e para continuar a publicação da Revue Spirite. Depois de sua morte os planos foram fielmente prosseguidos.

Kardec achava que os vocábulos espiritual e espiritualista, como espiritualismo já possuíam uma significação definida. Assim os substituiu por espiritismo e espírita ou espiritista.

A filosofia espírita se distingue por sua crença em nosso progresso espiritual, que é realizado através de uma série de reencarnações.

"Devendo o Espírito passar por várias encarnações, resulta que todos nós temos tido várias existências e teremos ainda outras, mais ou menos aperfeiçoadas, na Terra ou em outros mundos.

"A encarnação dos Espíritos ocorre sempre na espécie humana. Seria êrro pensar que a alma ou Espírito possa reencarnar no corpo de um animal.

"As várias existências corporais do Espírito são sempre progressivas e nunca retrógradas; mas a velocidade de progresso depende dos nossos esforços por atingirmos à perfeição.

"As qualidades da alma são as do Espírito em nós encarnado; assim, o homem de bem é encarnação de um bom Espírito, como o perverso a de um impuro.

"Tinha a alma a sua individualidade antes da encarnação e a conserva depois de separar-se do corpo.

"Voltando ao mundo dos Espíritos, a alma aí reencontra aquêles que conheceu na Terra e tôdas as suas anteriores existências se avivam em sua memória, com a lembrança de todo o bem e de todo o mal que haja feito.

"Encarnado, o Espírito se acha sob a influência da matéria; o homem que supera essa influência pela elevação e pela depuração de sua alma aproxima-se dos bons Espíritos, com os quais estará um dia. Aquêle que se deixa empolgar pelas paixões inferiores e põe tôdas as alegrias na satisfação dos apetites grosseiros aproxima-se dos Espíritos impuros e dá preponderância à natureza animal.

"Os Espíritos encarnados habitam os vários globos do universo.". (2)

2. "O Livro dos Espíritos", páginas 19 e 20, Edição "O Pensamento". — N. do T.

Kardec conduziu as suas investigações comunicando-se

com Inteligências por meio de perguntas e respostas, assim obtendo o material para os seus livros. Muitas informações foram fornecidas a respeito da reencarnação. À pergunta "Para que fim reencarnam os Espíritos?" davam a seguinte resposta:

"É uma necessidade que lhes é imposta por Deus, como meio de atingir à perfeição. Para alguns é uma expiação; para outros, uma missão. A fim de atingir à perfeição, é-lhes necessário suportar tôdas as vicissitudes da vida corpórea. É a experiência adquirida pela expiação que constitui a sua utilidade. A encarnação tem ainda outra finalidade, qual a de preparar o Espírito para desempenhar a sua tarefa na obra da criação. Para tanto deve êle tomar um corpo físico, em harmonia com o estado do mundo físico para onde é enviado, e por meio do qual é capaz de realizar um trabalho especial, em conexão com aquêle mundo, que lhe foi designado pela sabedoria divina. Assim, é ele levado a dar a sua contribuição para o progresso geral, ao mesmo tempo que trabalha pelo seu adiantamento".

Os espíritas inglêses não chegaram a uma conclusão no que se refere à reencarnação.

Alguns a aceitam, outros não. A atitude geral é que, como a doutrina não pode ser provada, o melhor seria exclui-la da política ativa do Espiritismo. Explanando essa atitude, Miss Anna Blackwell sugere que, sendo a mente continental mais receptiva de teorias, aceitou Allan Kardec, enquanto a mente inglêsa, geralmente declina de considerar qualquer teoria enquanto não se tiver certificado dos fatos admitidos por tal.

Mr. Thomas Brevior (Shorter) um dos redatores de The Spiritual Magazine, resume o ponto de vista prevalecente dos espíritas inglêses de hoje. Escreve ele: (3)

3. The Spiritual Magazine, 1876, página 35.

"Quando a Reencarnação assumir um aspecto mais científico, quando puder oferecer um demonstrável conjunto de fatos que admitam verificação como os do Moderno Espiritismo, merecerá ampla e cuidadosa discussão. Por enquanto, que os arquitetos da especulação se divirtam como quiserem, construindo castelos no ar. A vida é muito curta e há muito que fazer neste mundo atarefado, para que deixemos os vagares e as inclinações a fim de nos ocuparmos em demolir essas estruturas aéreas ou apontar os frágeis alicerces em que se assentam. É muito melhor trabalhar naqueles pontos em

que concordamos, do que nos engalfinharmos sôbre aqueles em que parece que divergimos tão desesperadamente."

William Howitmt, um dos pioneiros do Espiritismo na Inglaterra, é ainda mais enfático em sua condenação à reencarnação. Depois de citar Emma Harding Britten, na sua observação de que milhares do Outro Mundo protestam, através de distintos médiuns, que não têm conhecimento nem provas da reencarnação (4) diz:

4. The Spiritual Magazine, 1876, página 57.

"A coisa abala as raízes de tôda a fé nas revelações do Espiritismo. Se formos levados a duvidar das comunicações espíritas sob o mais sério aspecto, sob as mais sérias afirmações, onde está o Espiritismo?

"... Se a reencarnação fôr uma verdade, lamentável e repelente como é, deve ter havido milhões de Espíritos que, ao entrarem no outro mundo, em vão terão procurado os seus parentes, os filhos, os amigos... Já teria chegado a nós êsse sussurro de milhares, de dezenas de milhares de Espíritos comunicantes? Nunca. Podemos, portanto, só nesse campo, considerar falso o dogma da reencarnação como o inferno do qual êle brotou".

Mr. Howitt, entretanto, em sua veemência, esquece que deve haver um limite antes que se realize a nova reencarnação, e que, também, no ato deve haver um elemento da vontade.

OHon. Alexander Aksakof, num artigo muito interessante (5)

5. The Spiritual Magazine, 1876, página 57.

dá os nomes dos médiuns do grupo de Allan Kardec, com uma descrição dêles. E também indica que a idéia da reencarnação era fortemente aprovada na França naquele tempo, como se pode ver do trabalho de M. Pezzani — "A Pluralidade das Existências", bem como de outros. Escreve Aksakof:

"É claro que a propagação desta doutrina por Kardec foi matéria de forte predileção.

De início a reencarnação não foi apresentada como objeto de estudo, mas como um dogma. Para o sustentar, recorreu com freqüência a escritos de médiuns, que, como bem sabemos, facilmente se submetem á influência de idéias preconcebidas. E o Espiritismo as produziu em profusão. Enquanto que através de médiuns de efeitos físicos não só as

comunicações são mais objetivas, mas sempre contrárias à doutrina da reencarnação. Kardec seguiu o rumo de sempre desprezar êsse tipo de mediunidade, tomando como pretexto a sua inferioridade moral. Assim, o método experimental é, de modo geral, desconhecido no Espiritismo.

Durante vinte anos êle não fêz o menor progresso intrínseco e ficou em completa ignorância do Espiritismo anglo-americano. Os poucos médiuns franceses de fenômenos físicos que desenvolveram seus dons a des peito de Kardec, jamais foram mencionados na "Revue"; ficaram quase que desconhecidos dos Espíritas e apenas porque os seus guias não sustentavam a doutrina da reencarnação."

Acrescenta Aksakof que as suas observações não afetam a questão da reencarnação no abstrato, mas apenas no que respeita à sua propagação sob os auspícios do Espiritismo.

Comentando o artigo de Aksakof, D. D. Home deu um impulso a uma fase da crença na reencarnação. Diz êle (6).

6. The Spiritualist, Volume 7º, página 165.

"Encontro muita gente que é reencarnacionista e tive o prazer de encontrar pelo menos doze que tinham sido Maria Antonieta, seis ou sete que tinham sido Mary, Rainha da Escócia; um bando, de Luiz e outros reis; cerca de vinte Alexandre, o Grande. Mas ainda não encontrei ninguém que tivesse sido um simples John Smith. E vos peço que, se o encontrardes, guardai-o como uma Curiosidade"

Miss Anna Blackwell resume o conteúdo dos principais livros de Kardec do seguinte modo:

"O Livro dos Espíritos" demonstra a existência e os atributos do Poder Causal, e a natureza das relações entre aquêle Poder e o Universo, pondo-nos no caminho da Operação Divina.

"O Livro dos Médiuns" descreve os vários métodos de comunicação entre êste mundo e o outro.

"O Céu e o Inferno" reivindica a justiça do Govêrno Divino, explicando a natureza do Mal, como fruto da ignorância e mostrando o processo pelo qual os homens tornar-se-ão iluminados e purificados.

"O Evangelho Segundo o Espiritismo" é um comentário dos preceitos morais de Cristo, com um exame de sua vida e uma comparação de seus incidentes com as atuais manifestações do poder do Espírito.

“A Gênese” mostra a concordância da Filosofia Espírita com as descobertas da Ciência Moderna e com o ponto de vista geral dos escritos mosaicos, conforme a explicação dos Espíritos.

“Essas obras”, diz ela, “são consideradas pela maioria dos Espíritas do Continente como constituindo a base da filosofia religiosa do futuro — uma filosofia em harmonia com o avanço das descobertas científicas nos vários Outros ramos do conhecimento humano; promulgada pela falange de Espíritos iluminados que agiam sob a direção do próprio Cristo”.

De um modo geral, ao autor se afigura que o balanço das provas mostra que a reencarnação é um fato, mas não necessariamente universal. Quanto à ignorância dos nossos amigos Espíritas sôbre o assunto, concerne ao seu próprio futuro; e se não somos esclarecidos quanto ao nosso, é possível que eles sofram as mesmas limitações. Quando se apresenta a questão: “Onde estávamos nós antes do nosso nascimento?” temos uma resposta definitiva no sistema do lento desenvolvimento pela reencarnação, com longos intervalos de repouso espiritual; enquanto de outra maneira não temos resposta, embora tenhamos que admitir que é inconcebível que tenhamos nascido em tempo para a eternidade. Existência posterior parece postular existência anterior. Quanto à pergunta natural: “Por que, então, não nos recordamos de tais existências?” podemos indicar que tais lembranças poderiam complicar enormemente a vida presente e que tais existências bem podem formar um ciclo que se nos torna muito claro, quando pudermos ver completo o rosário de nossas vidas enfiadas numa personalidade.

A convergência de tantas linhas do pensamento teosófico e oriental para esta conclusão e a explicação que ela oferece na doutrina suplementar do Karma, de uma aparente injustiça de uma vida única, são argumentos em seu favor, como devem sê-lo, talvez, aquêles vagos reconhecimentos e lembranças, ocasionalmente muito definidos para serem explicados como impressões atávicas. Certas experiências de hipnotismo, das quais as mais famosas foram as do investigador francês Coronel De Rochas, parece que constituíram uma evidência segura, pois quando o sensitivo em transe era levado para o passado, em supostas reencarnações, as mais remotas eram mais difíceis de descrever, enquanto as mais próximas eram suspeitas de ser influenciadas pelo conhecimento normal do médium. Pelo menos pode admitir-se que onde uma tarefa

especial deve ser concluída, ou onde alguma falta deve ser remediada, a possibilidade de reencarnação pode ser uma coisa bem-vinda para o Espírito a quem isto concerne.

Antes de voltar à história do Espiritismo Francês não se pode deixar de atentar para o esplêndido grupo de escritores que o exornam. Fora de Allan Kardec e do trabalho científico de pesquisas de Geley, Maxwell, Flammarion e Richet, houve puros espíritas, tais como Gabriel Delanne, Henri Regnault e Leon Denis, que deixaram pegadas. Especialmente o último teria sido considerado como um grande prosador francês, fôsse qual fôsse o seu tema.

Êste trabalho, que se limita às grandes correntes da história psíquica, dificilmente comportaria referências a regatos e meandros de cada região do globo. Tais manifestações seriam, invariàvelmente, repetições ou variantes daquilo que já foi descrito, e pode rapidamente ser verificado que o culto é católico, numa acepção larga, pois não há país em que êle não ocorra. Desde a Argentina até a Islândia, os mesmos resultados se têm espalhado da mesma maneira e devido às mesmas causas. Essa história exigiria, ela só, um volume. Algumas páginas especiais, entretanto, devem ser dedicadas à Alemanha.

Pôsto que moroso até seguir um movimento organizado, pois só em 1865 é que apareceu um jornal espírita — Psyche — e se estabeleceu no país, mais do que em qualquer outra parte, teve aí o Espiritismo uma tradição de especulação mística e de experiência mágica, que deveria ser considerada uma preparação para a revelação definitiva. Paracelsus, Cornelius Agripsa, van Helmont e Jacob Boehme se acham entre os pioneiros do Espiritismo, sentindo o seu caminho fora da matéria, embora vago o objetivo que tivessem atingido. Algo mais definitivo foi alcançado por Mesmer, que realizou seu maior trabalho em Viena, no último quartel do século dezoito. Conquanto enganado quanto a algumas de suas inferências, foi êle quem deu o primeiro impulso para a dissociação entre alma e corpo, antes do atual modo de sentir da humanidade; e um natural de Strasbourg, M. de Puységur, levou seu trabalho um passo mais adiante, abrindo as maravilhas da clarividência. Jung Stilling e o Doutor Justinus Kerner são nomes para sempre ligados ao desenvolvimento do saber humano, através dêsse caminho nevoento, O atual anúncio das comunicações espíritas foi recebido com um misto de interêsse e de cepticismo, e custou para que vozes autorizadas se erguessem

em sua defesa. Finalmente o assunto foi trazido magnificamente ao tablado quando Slade fêz a sua histórica visita em 1877. Depois de assistir e verificar as suas realizações, obteve em Leipzig o endôsso de seis professôres, que reconheciam o seu caráter de autenticidade. Foram êles Zõllner, Fechner e Scheibner, de Leipzig; Weber, de Gõttingen; Fichte, de Stuttgard e Ulrici, de Halle. Como êsses testemunhos tinham sido reforçados por um depoimento de Bellachini, o maior mágico da Alemanha, de que não havia possibilidade de fraude, produziu-se um efeito considerável sôbre a opinião pública, que foi engrossada pela subseqüente adesão de dois russos eminentes. Aksakof, homem de Estado e o Professor Butlerof, da Universidade de São Petersburgo. Entretanto, parece que o culto não encontrou um terreno adequado nesse país da burocracia e do militarismo. Excetuado o nome de Carl Du Prel, nenhum outro se encontra associado com as mais altas fases do movimento.

O Barão Carl Du Prel, de Munich, começou a carreira de estudioso do misticismo e, em seu primeiro trabalho (7),

7. "Philosophy of Mysticism", 2 Volumes (1889). Trans. C.C. Massey.

não trata do Espiritismo, mas antes das fôrças latentes do homem, os fenômenos do sonho, do transe e do sono hipnótico. Em outro tratado, entretanto, "Um Problema para Mágicos", faz um relato minucioso e raciocinado das etapas que o levaram à completa crença no Espiritismo. Nesse livro, enquanto admite que os filósofos e os homens de ciência não são os mais classificados para descobrir as fraudes, lembra ao leitor que Bosco, Houdini e Bellachini e outros hábeis ilusionistas declararam que os médiuns por êles examinados estavam acima de qualquer suspeita de impostura. Du Prel não estava contente, como muitos outros, de ter provas de segunda mão. Assim, fêz um certo número de sessões com Eglinton e, mais tarde, com Eusapia Palladino. Deu especial atenção ao fenômeno da psicografia — escrita nas lousas, e assim se exprime:

"Uma coisa é clara — é que a psicografia deve ser aceita como de origem transcendente. Verificaremos: (1) Que é inadmissível a hipótese de lousas preparadas. (2) Que o lugar onde se encontra a escrita é inacessível às mãos do médium. Nalguns casos a dupla lousa é seguramente trancada e deixa

internamente um pequeno espaço para um pedacinho de lápis. (3) Que a escrita é feita no momento. (4) Que o médium não está escrevendo. (5) Que a escrita deve ser feita no momento com um pedaço de lousa ou um lápis comum. (6) A escrita é feita por um ser inteligente, de vez que as respostas são exatamente concordes com as perguntas. (7) Êsse ser pode ler, escrever e entender a linguagem dos sêres humanos, frequentemente uma língua desconhecida do médium. (8) Êle se parece muito com um ser humano, tanto no grau de inteligência quanto nos enganos que comete. Assim, êsses sêres são, embora invisíveis, de natureza ou espécie humana. É inútil lutar contra essa proposição. (9) Se se lhes pergunta quem são, respondem que são seres que deixaram êste mundo. (10) Quando essas aparências se tornam visíveis parcialmente — talvez apenas as mãos — estas têm forma humana. (11) Quando se tornam inteiramente visíveis mostram a forma e a atitude humanas"... O Espiritismo deve ser investigado como uma ciência. Eu me consideraria um covarde se não exprimisse abertamente as minhas convicções."

Du Prel chama a atenção para o fato de que as suas convicções não se baseiam em resultados conseguidos com médiuns profissionais. Declara que conhece três médiuns particulares "em cuja presença não só se verifica a escrita direta no lado interno de duas lousas, mas que é feita em lugares inacessíveis."

"Nessas circunstâncias", diz êle duramente, "a pergunta "Médium ou Mágico?" ao que me parece, levanta mais poeira do que deve". Isto é uma observação que os pesquisadores psíquicos deviam saber de cór.

É interessante notar que Du Prel proclama a asserção que as mensagens são estúpidas e triviais apenas para serem inteiramente injustificadas peLa experiência, quando ao mesmo tempo afirma que não encontrou traços de inteligência sôbre-humana, mas, naturalmente, antes de se pronunciar sôbre êsse ponto fôra preciso determinar como uma inteligência sôbre-humana poderia ser distinguida e até onde seria compreendida pelo nosso cérebro. Falando das materializações, diz êle:

"Quando essas coisas se tornam inteiramente visíveis na sala escura, caso em que o médium se senta no meio do círculo formado pelos assistentes, mostram a forma e a atitude humanos. Diz-se muito facilmente que neste caso é o próprio médium que se disfarça. Mas quando o médium fala de seu

lugar; quando os vizinhos que o ladeiam declaram que seguraram as suas mãos e ao mesmo tempo eu vejo a figura de pé junto a mim, quando essa figura ilumina o seu rosto na lâmpada de vácuo que se acha sôbre a mesa e cuja luz não é obstáculo aos fenômenos, de modo que eu posso ver distintamente, então a prova coletiva dos fatos que descrevi me impõe a necessidade da existência de um ser transcendente, ainda quando tôdas as conclusões a que cheguei durante vinte anos de trabalho e estudo tenham que ser derrubadas. Mas, por outro lado, desde que meus pontos de vista, fixados na minha Filosofia do Misticismo, tomaram um outro rumo, e são justificados por estas experiências, encontro pouca base subjetiva para combater êstes fatos objetivos!"

E acrescenta:

"Tenho agora a experiência empírica da existência dêsses seres transcendentes, da qual estou convencido pela evidência de meus sentidos da vista, do ouvido, do tato, tão bem quanto de suas próprias comunicações inteligentes. Em tais circunstâncias, levado ao mesmo desfecho por dois métodos diversos de investigação, eu devo ser abandonado pelos deuses se não reconhecer o fato da imortalidade — ou, melhor dito, desde que as provas não vão mais longe — a continuidade da existência após a morte.

Carl Du Prel faleceu em 1899. Sua contribuição para o assunto é, talvez, a maior oferecida na Alemanha. Por outro lado lá surgiu um formidável adversário — Eduard von Hartmann, autor da "Filosofia do Inconsciente, que em 1885 escreveu uma brochura chamada "Espiritismo". Comentando-a, escreveu C. C. Massey (8).

8. Light, 1885, página 404. É de notar-se que Charles Carlton Massey, advogado, e Gerard Massey, poeta, são criaturas distintas, nada tendo em comum a não ser que eram espíritas.

"Agora, pela primeira vez, um homem de eminente posição intelectual se nos defronta como adversário. Deu-se êle ao trabalho de considerar os fatos, senão inteiramente, ao menos na medida em que inquestionàvelmente êle se qualifica para um exame crítico. E se, declinando formalmente de uma aceitação sem reserva, da evidência dos fatos, chegou à conclusão que a existência no organismo humano de mais forças e capacidade do que a ciência exata investiga, é suficientemente acreditada pelos testemunhos históricos e

contemporâneos. Também insiste pela pesquisa feita por comissões nomeadas e pagas pelo Estado. Repudia, com tôda a autoridade de um filósofo e como homem de ciência, a suposição de que a priori os fatos são incríveis ou "contrários às leis da natureza". Expõe a inaceitabilidade das "denúncias" e dá um golpe de misericórdia no estúpido paralelo entre médiuns e mágicos. E se sua aplicação do sonambulismo aos fenômenos, no seu ponto de vista, serve de contrôle dos Espíritos por outro lado contém informações para o público que são de grande importância para a proteção dos médiuns."

Diz ainda Massey que do ponto de vista da filosofia de Hartmann a ação dos Espíritos é inadmissível e a imortalidade pessoal é uma ilusão.

"A saída da filosofia psicológica agora se acha entre a sua escola e a de Du Prel e Hellenbach".

Alexandre Aksakof respondeu a von Hartmann na revista mensal Psychische Studien.

Aksakof mostra que Hartmann não tinha nenhuma experiência, que prestou insuficiente atenção aos fenômenos que não se adaptavam ao seu modo de interpretar e que havia muitos fenômenos que lhe eram quase desconhecidos..

Por exemplo, Hartmann não acreditou na objetividade dos fenômenos de materialização.

Com muita habilidade Aksakof cita com muitos detalhes bom número de casos que, decididamente, infirmam as conclusões de Hartmann.

Refere-se Aksakof ao Barão Lazar Hellenbach, que era espírita e foi o primeiro investigador filosófico dos fenômenos na Alemanha e diz: "A afirmação de Zõllner da realidade dos fenômenos mediúnicos produziu enorme sensação na Alemanha". De vários modos parecia que von Hartmann tivesse escrito com um imperfeito conhecimento do assunto.

A Alemanha produziu poucos grandes médiuns, a menos que Frau Anna Rothe, seja como tal classificada. É possível que ela tivesse recorrido a fraude, quando lhe faleciam as fôrças, mas que ela possuía tais fôrças em alto grau é claramente mostrado pelas provas no processo conseqüente à sua suposta "fraude" em 1902.

Depois de doze meses e três semanas de prisão antes de ser levada ao tribunal, a médium foi condenada a oito meses de prisão e a uma multa de quinhentos marcos. No processo muita gente de posição depôs em seu favor; entre estas pessoas se achavam Herr Stõcker, antigo Capelão da Côrte, e o

Juiz Sulzers, presidente da Suprema Côrte de Apelação de Zürich. Sob juramento o juiz declarou que Frau Rothe o havia pôsto em comunicação com os Espíritos de sua espôsa e de seu pai que disseram coisas que à médium era impossível ter inventado, porque diziam com assunto desconhecido de qualquer mortal. Também declarou que tinham sido trazidas flôres de rara qualidade para um salão inundado de luz. Seu depoimento causou sensação.

É claro que o resultado do processo era uma conclusão prévia. Foi uma repetição da atitude do juiz Howers, no caso Slade. O procurador alemão começou assim o seu discurso:

"A Côrte não se permite criticar a teoria espírita, porque deve ser reconhecido que a ciência, com a genialidade dos homens de cultura, declara que são impossíveis as manifestações sobrenaturais."

Diante disso nenhuma prova teria valor.

Em data recente dois nomes sobressaem em conexão com a matéria em aprêço. É um o Doutor Schrenck Notzing, de Munique, cujo esplêndido trabalho de laboratório já foi tratado no capítulo sôbre o ectoplasma. O outro é o famoso Doutor Hans Driesch, Professor de Filosofia na Universidade de Leipzig. Recentemente êle declarou que "a atualidade dos fenômenos psíquicos só é posta em dúvida pelo incorrigível dogmatismo". Fêz essa declaração numa conferência na Universidade de Londres, em 1924, a qual foi posteriormente publicada em The Quest (9).

9. Julho, 1924.

Prosseguindo disse:

"Êsses fenômenos tiveram, entretanto, uma luta árdua a fim de serem reconhecidos. E a principal razão por que tiveram de lutar tão estrenuamente foi porque foram redondamente negados pela psicologia ortodoxa e pela ciência cultural, tais quais eram estas pelo menos até o fim do século passado."

Diz o Professor Driesch que a ciência natural e a psicologia sofreram uma radical mudança desde o comêço dêste século e continua mostrando como os fenômenos psíquicos. se ligam com as ciências naturais "normais". Observa que se estas últimas se recusam a reconhecer a sua relação com aquelas, isto nada afeta os fenômenos psíquicos. Mostra, através de diversas ilustrações biológicas, como a teoria mecanicista foi derrubada. Expõe a sua teoria vitalista "para estabelecer um

mais íntimo contacto entre os fenômenos da biologia normal e os fenômenos físicos no domínio da pesquisa psíquica".

Sob determinados pontos a Itália foi superior a outros países europeus no tratamento do Espiritismo — isto a despeito da constante oposição da Igreja Católica Romana, que sem muita lógica estigmatizou como diabolismo os casos que não receberam a marca especial de santidade. Os Acta Sanctorum constituem uma longa crônica de fenômenos psíquicos com levitações, transportes, profecias, e todos os outros sinais de mediunidade. Entretanto essa Igreja sempre perseguiu o Espiritismo. Poderosa como é, verificará, a seu tempo, que enfrentou algo ainda mais forte que ela.

Dos modernos italianos o grande Mazzini foi um espírita, naqueles dias em que o Espiritismo mal se esboçava e seu companheiro Garibaldi foi presidente de uma sociedade psíquica. Em carta a um amigo em 1849, Mazzini esboça o seu sistema filosófico-religioso, que curiosamente ampara o mais recente ponto de vista espírita. Êle substitui por um purgatório temporário o inferno eterno, que passa a ser uma triagem entre êste mundo e o outro, definiu uma hierarquia de sêres espirituais, e anteviu um progresso contínuo para a suprema perfeição.

A Itália foi rica em médiuns, mas foi ainda mais afortunada com a posse de homens de ciência bastante sábios para acompanhar os fatos, onde quer que êles conduzissem. Entre êstes numerosos investigadores — todos êles convictos da realidade dos fenômenos psíquicos, muito embora não se possa dizer que todos aceitassem o ponto de vista do Espiritismo — encontram-se nomes como Ermacora, Schiaparelli, Lombroso, Bozzano, Morselli, Chiaia, Pictet, Foa, Porro, Brofferio, Bottazzi e muitos outros. Eles tiveram a vantagem de um maravilhoso sensitivo em Eusapia Palladino, como já foi descrito, mas houve uma série de outros médiuns poderosos, entre cujos nomes se podem citar Politi, Caranci, Zuccarini, Lucia Sordi, e especialmente Linda Gazzera. Entretanto, aqui, como em outros campos, o primeiro impulso veio de países de língua inglêsa. Foi a visita de D. D. Home a Florença, em 1855 e a subseqüente visita de Mrs. Gupsy em 1868 que abriu caminho. O Senhor Damiani foi o primeiro grande investigador e foi êle quem, em 1872, descobriu os dons da Palladino.

O manto de Damiani caiu nos ombros do Doutor G. B. Ermacora, que foi o fundador e coeditor, com o Doutor Finzi, da

Rivista di Studi Psichici. Morreu em Rovigo aos quarenta anos de idade, assassinado — uma grande perda para a causa. Sua adesão e o seu entusiasmo provocaram os de outros do mesmo porte. Assim, em seu necrológio, escreve Porro:

"Lombroso encontrou-se em Milão com três jovens físicos, inteiramente libertos de preconceitos — Ermacora, Finzi e Gerosa — com dois pensadores profundos, que havia esgotado o lado filosófico da questão — o alemão Du Prel e o russo Aksakof — e com um outro filósofo de mente penetrante e de vasto saber, Brofferio; e, finalmente, com o grande astrônomo Schiaparelli e com o fisiologista Richet."

E acrescenta:

"Seria difícil reunir um melhor grupo de homens de ciência, que oferecesse as necessárias garantias de seriedade, de variada Competência, de habilidade técnica na experimentação, de sagacidade e prudência no desfecho das conclusões."

E continua:

"Enquanto Brofferio, com o seu livro de pêso "Per lo Spiritismo", (Milão, 1892) destrói um a um os argumentos dos opositores, coligindo, coordenando, e classificando com incomparável habilidade dialética as provas em favor de sua tese, Ermacora aplicou na sua demonstração todos os recursos de cérebro robusto e treinado no emprêgo do método experimental; e sentiu tanto prazer nesse estudo fértil e novo, que abandonou inteiramente as pesquisas sôbre eletricidade, que já o tinham colocado entre os sucessores de Faraday e de Maxwell."

ODoutor Ercole Chiaia, que faleceu em 1905, era também um devotado trabalhador e propagandista, a quem muitos homens notáveis da Europa devem seus primeiros conhecimentos sôbre fenômenos psíquicos. Entre outros citam-se Lombroso. o Professor Bianchi, da Universidade de Nápoles, Schiaparelli, Fournoy, o Professor Porro, da Universidade de Gênova e o Coronel De Rochas. Dêle escreveu Lombroso:

"Tendes razão para venerar profundamente a memória de Ercole Chiaia. Num país onde há tamanho horror ao que é novo, é necessária uma grande coragem e uma nobre alma para se tornar apóstolo de uma teoria que defronta o ridículo; e o fazer com aquela tenacidade, aquela energia que sempre caracterizaram Chiaia. É a êle que muitos devem — inclusive eu — o privilégio de ver um mundo novo, aberto à investigação psíquica — e isto pelo único meio que existe para convencer

homens de cultura, isto é, pela observação direta."

Sardou, Richet e Morselli renderam tributo ao trabalho de Chiaia (10).

10. "Annals of Psychical Science", Volume 2º (1905), páginas 261 e 262.

Chiaia fêz um importante trabalho orientando Lombroso, o eminente alienista, na investigação do assunto. Depois de suas primeiras experiências com Eusapia Palladino, em março de 1891, escreveu Lombroso:

"Sinto-me bastante envergonhado e pesaroso por me haver oposto com tanta tenacidade à possibilidade dos chamados fatos espíritas."

Inicialmente apenas aceitava os fatos e se opunha à teoria a êles associada. Mas. já essa aceitação parcial causou sensação na Itália e em todo o mundo. Aksakof escreveu ao Doutor Chiaia:

"Glória a Lombroso por suas nobres palavras! Glória a você, por sua dedicação!"

Lombroso oferece um bom exemplo de conversão de um materialista decidido, depois de longo e cuidadoso exame dos fatos. Em 1900 escreveu êle ao Professor Falcomer:

"Sou como um pequeno seixo na praia. Ainda estou a descoberto; mas sinto que cada maré me arrasta para mais perto do mar.

Como se sabe, êle acabou se tornando um crente completo, um espírita convicto e publicou um livro célebre "Morte... E depois? ".

Ernesto Bozzano, nascido em Gênova em 1862, devotou trinta anos a pesquisas psíquicas, reunindo as suas conclusões em trinta extensas monografias. Será lembrado por sua crítica incisiva (11)

11. "Annals of Psychical Science", Volume 1º (1905) páginas 75 e 129.

as referências inconscientes de Mr. Podmore a Mr. Stainton Moses. Seu título é "Uma Defesa de William Stainton Moses". Bozzano, em companhia dos Professôres Morselli e Porro, fêz uma longa série de experiências com Eusapia Palladino. Depois de analisar os fenômenos objetivos e subjetivos, foi conduzido à "necessidade lógica" de aderir completamente à

hipótese espírita.

Enrico Morselli, Professor de Psiquiatria em Gênova, foi durante muitos anos, como êle próprio o confessa, um duro céptico em relação à realidade objetiva dos fenômenos psíquicos. De 1901 em diante fêz trinta sessões com Eusapia Palladino, e ficou inteiramente convencido dos fatos, senão da teoria espírita. Publicou as suas observações num livro que o Professor Richet descreve como um modêlo de erudição" — "Psicologia e Spiritismo", Turim, 1908. Numa análise muito generosa dêste livro (12),

12. "Annals of Psychical Science", Volume 7º (1908), página 376.

Lombroso se refere ao cepticismo do autor, em relação a certos fenômenos observados.

Diz êle:

"Sim, Morselli comete o mesmo erro de Flournoy e de Miss Smith (13),

13. Helene Smith, médium, no livro de Fournoy "Da Índia ao Planeta Marte".

torturando a sua própria e enorme ingenuidade para achar que não são verdades, nem críveis, coisas que êle mesmo declara ter visto. Por exemplo, durante os primeiros dias depois da aparição de sua própria mãe, admitia comigo que a tinha visto e tivera um entendimento por gestos com ela, nos quais ela apontava quase que com amargura para os seus óculos e a sua calva parcial e lhe lembrou como o havia deixado ainda um belo rapaz."

Quando Morselli pediu à sua mãe uma prova de identidade, ela tocou com a mão em sua testa procurando um caroço; mas como tocasse primeiro no lado direito e depois no lado esquerdo, onde realmente estava o lobinho, Morselli não queria aceitar isto como prova da presença de sua mãe. Com mais experiência, Lombroso lhe mostra a dificuldade dos Espíritos em usar a instrumentalidade de um médium pela primeira vez. A verdade éque Morselli tinha, por estranho que pareça, a maior repugnância pelo aparecimento de sua mãe através de uma médium contra a sua vontade. Lombroso não põde compreender êste sentimento. E diz:

"Confesso que não só não concordo, mas que, ao contrário,

quando novamente vi minha mãe, senti uma das mais agradáveis sensações íntimas de minha vida, um prazer que era quase um espasmo, que despertou uma sensação, não de ressentimento, mas de gratidão à médium que novamente lançou minha mãe em meus braços depois de tantos anos. E êsse acontecimento me fêz es quecer não uma vez, mas muitas vêzes, a humilde postura de Eusapia, que tinha feito para mim, ainda que de maneira puramente automática, aquilo que nenhum gigante em fôrça ou em pensamento jamais teria podido fazer."

Em muitas coisas a posição de Morselli é a mesma do Professor Richet, no que diz respeito à pesquisa psíquica, mas como êste último distinto cientista, tem sido êle o instrumento de influenciação da opinião pública para um maior esclarecimento do assunto.

Morselli fala com veemência do desprêzo da ciência. Em 1907 escreve o seguinte:

"A questão do Espiritismo foi discutida por mais de cinqüenta anos; e, con quanto atualmente ninguém possa prever quando ela será resolvida, agora todos concordam em lhe conceder grande importância entre os problemas que ficaram como uma herança do século dezenove ao nosso século. Entretanto ninguém pode deixar de reconhecer que o Espiritismo é uma forte corrente ou tendência do pensamento contemporâneo. Se, durante muitos anos, a ciência acadêmica desprezou o conjunto dos fatos que, por bem ou por mal, certo ou errado, o Espiritismo absorveu e assimilou, considerando-os elementos formadores de seu sistema doutrinário, tanto pior para a ciência! E pior ainda para os cientistas que ficaram surdos e mudos diante de tôdas as afirmações, não de sectários crédulos, mas de sérios e dignos observadores como Crookes, Lodge e Richet. Não me envergonho de dizer que eu mesmo, até onde minhas modestas fôrças chegavam, contribui para êsse obstinado cepticismo, até o dia em que fui capaz de romper as cadeias nas quais as minhas percepções absolutistas tinham acorrentado o meu raciocínio." (14)

14. "Annals of Psychical Science", Volume 5º (1907) página 322.

É de notar-se que a maioria dos professôres italianos, enquanto aderiam aos fatos psíquicos, declinavam das conclusões daqueles a quem chamavam de espíritas. Di Vesme

bem o esdarece quando diz:

"É mais importante salientar que a revivescência do interêsse por estas questões, que foi exibido pelo público italiano, não se teria produzido tão facilmente se os homens de ciência que proclamaram a objetividade e a autenticidade dêsses fenômenos mediúnicos não tivessem tido o cuidado de acrescentar que o reconhecimento dos fatos de modo algum implicava a aceitação da hipótese espírita."

Houve, entretanto, uma forte minoria que viu o inteiro significado da revelação.

22
Grandes Médiuns Modernos

HÁ SEMPRE uma certa monotonia em escrever sôbre sinais físicos de inteligência estranha, porque êles tomam formas estereotipadas e de natureza limitada.

São mais que suficientes para a sua finalidade, que é demonstrar a presença de fôrças invisíveis, desconhecidas da ciência materialista, mas tanto os seus métodos de produção, quanto os resultados, conduzem a infindáveis reiterações. Essa manifestação em si mesma, ocorrendo, como ocorre, em tôda a parte, deveria convencer cada um que pensa seriamente sôbre o assunto que se acha em presença de leis fixas, e que não é uma esporádica série de milagres, mas uma ciência real que se está desenvolvendo. É em sua ignorante e arrogante guerra a êsse fato que têm pecado os adversários. "Não compreendem que haja leis", escreveu Madame Bisson, depois de alguma tentativa fátua dos doutôres da Sorbonne para produzir o ectoplasma sob condições que lhes impossibilitavam a experiência. Como se verá pelo que sucedeu antes, um grande médium de efeitos físicos pode produzir a Voz Direta fora de seus próprios órgãos vocais, bem como a telecinésia ou o movimento de objetos a distância, batidas, ou percussão do ectoplasma, transportes, ou a vinda de objetos distantes, materializações de rostos, de mãos ou de figuras inteiras, a fala e a escrita em transe, escrita em lousas fechadas, fenômenos luminosos, que tomam várias formas. Tôdas essas manifestações o autor viu muitas vêzes e como elas lhe foram mostradas pelos principais médiuns da atualidade, êle se arrisca a alterar a forma desta história, falando dos mais recentes sensitivos que conhece pessoalmente e pôde observar.

Fique entendido que uns cultivam um dom, outros outro, ao passo que os que exibem tôdas as formas de mediunidade em geral não são tão proficientes em nenhuma, como o homem ou a mulher que se especializou. A gente possui muita força psíquica para exteriorizar, e pode fazê-lo através de um canal profundo ou desperdiçá-la através de muitos canais superficiais. De vez em quando aparece uma criatura maravilhosa, como D. D. Home, que possui tôdas as mediunidades — mas isto é raro.

A maior médium de transe com a qual o autor já teve contacto foi Mrs. Osborne Leornad. O grande valor de seu dom

é que, em regra, êle é contínuo. Não é interrompido por longas pausas ou por intervalos improdutivos, mas flui exatamente como se a pessoa que se supõe falar estivesse presente. O processo usual é que Mrs. Leonard, uma senhora agradável, gentil, de meia-idade, cai num sono, durante o qual a sua voz muda inteiramente e o que vem através dela, se supõe ser de seu pequeno guia — Feda. O guia fala um inglês entrecortado, alto, com muitas expressões infantis e de intimidade, o que dá a impressão de uma inteligência infantil, suave e meiga. Atua como porta-voz do Espírito que espera, mas ocasionalmente êste fala, ocasionando uma súbita mudança de forma de falar, da terceira pessoa do singular para a primeira, como, por exemplo: "Estou aqui, Papai. Êle diz que quer falar. Sinto-me tão bem e tão feliz! Êle acha tão maravilhoso falar convosco..." e assim por diante.

Pelo menos é uma experiência maravilhosa. Uma vez o autor recebeu uma longa série de mensagens referente à sorte futura do mundo, através da mão de sua espôsa e de sua voz, no seu próprio grupo doméstico. Ao visitar Mrs. Leonard, nada disse a respeito, nem havia de modo algum dado a conhecer o assunto. Apenas se havia assentado e tomado o bloco onde pretendia tomar notas do que ocorresse, quando seu filho anunciou a sua presença e falou seguidamente durante uma hora. Durante êsse longo monólogo mostrou um íntimo conhecimento de tudo quanto tinha acontecido no grupo doméstico e ainda numerosos detalhes da vida da família, absolutamente desconhecidos da médium. Em tôda a entrevista não houve qualquer engano em relação aos fatos, põsto houvesse referência a muitos dêles.

Uma pequena parte dos menos pessoais pode servir de exemplo:

"Há muito progresso falso no campo mecânico material. Isto não é progresso. Se se constrói um carro para andar mil milhas êste ano, então se constrói outro para andar o dôbro no ano seguinte. Nem por isso é melhor. Desejamos progresso real — a saber, da mente e do Espírito e tornar como um realidade que há um mundo espiritual.

Enorme auxílio poderia ser daíio do nosso lado, bastando que a gente da Terra se adaptasse para o receber. Mas não podemos forçar o nosso auxílio aos que não estão preparados para êle. Êste é o vosso trabalho preparar gente para nós. Alguns são tão irremediavelmente ignorantes, mas lançam a semente, mesmo quando não a vedes germinar.

O clero é tão limitado em suas idéias e tão amarrado a um sistema já obsoleto! É como se servissem comida velha de uma semana, em vez de recentemente preparada. Sabemos quanto é maravilhoso o Cristo. Sabemos do seu amor e do seu poder. Êle pode ajudar a nós e a vós. Mas o fará acendendo novos fogos e não ciscando sempre as velhas cinzas.

Eis o que desejamos — o fogo do entusiasmo nos dois altares da imaginação e do conhecimento. Algumas pessoas afastam a imaginação, que é, muitas vêzes, a porta do conhecimento. As Igrejas tiveram o ensino certo, mas não o puseram em ação. O conhecimento espiritual que se possui, deve ser demonstrado de modo prático. O plano em que viveis é um plano prático, no qual aguarda-se que ponhais em prática o vosso conhecimento e a vossa fé. Em nosso plano, conhecimento e fé são ação — a gente pensa uma coisa e imediatamente a põe em prática; mas na Terra muitos há que dizem que uma coisa é certa, mas nunca a fazem. A igreja ensina mas não demonstra o seu ensino. Sabeis que por vêzes o quadro negro tem utilidade. É o de que precisais. Deveis ensinar e, depois, demonstrar no quadro negro. Assim, os fenômenos físicos são realmente mais importantes.

Haverá alguns nesta violenta comoção social. Agora é difícil a nossa manifestação, porque a maior massa do pensamento coletivo está contra nós e não a nosso favor. Mas quando se der aquela comoção social o povo será sacudido de sua atitude de ignorante, de antagonismo de cabeças-de-galinha contra nós, assim se abrindo imediatamente o caminho para uma demonstração mais completa do que a que até agora temos podido dar.

"Agora é como um muro, contra o qual nos batemos e onde perdemos noventa por cento da nossa fôrça de bater e de tentar descobrir um ponto fraco, nesse muro de ignorância, através do qual possamos ligar-nos a vós. Mas muitos de vós estão cavando e martelando do vosso lado para nos dar entrada. Vós não construístes o muro — estais ajudando a nossa penetração. Em pouco tempo tê-lo-eis tão enfraquecido que êle se esboroará e, em vez de penetrá-lo com dificuldade, emergiremos como um grupo glorioso. Êste será o clímax o encontro do Espírito com a Matéria."

Se a verdade do Espiritismo dependesse apenas da fôrça de Mrs. Leonard, o caso seria esmagado, pois ela atendeu centenas de visitas e raramente deixou de lhes dar completa satisfação. Há, entretanto, muitos clarividentes cujos poderes

são um pouco inferiores aos de Mrs. Leonard, e que talvez fôssem iguais a ela, se mostrassem a mesma reserva em seu uso.

Não há dinheiro que leve Mrs. Leonard a receber mais que dois clientes por dia, e é talvez por isto que ela mantém a excelência dos resultados.

Entre os clarividentes londrinos que o autor usou, Mr. Vout Peters ocupa lugar de destaque. Uma vez uma grande prova foi dada por seu intermédio, e que foi relatada em "New Revelation", página 53. Outro excelente em seus dias foi Mrs. Annie Brittain. O autor costumava mandar a essa médium pessoas que tinham perdido parentes durante a guerra e colecionou as cartas nas quais êles narravam a sua experiência. O resultado é notável. Nos primeiros cem casos, oitenta eram de sucesso no estabelecimento de um contacto com o objeto de seus desejos. Nalguns casos o resultado era superiormente evidente e dificilmente será superestimado o confôrto oferecido aos consulentes. A transformação do sentimento, quando o que aqui fica tem a prova de que a morte não é silenciosa, mas que resta ainda uma voz, falando com uma entonação feliz, pode reanimar uma criatura. Uma senhora escreveu que estava absolutamente determinada a pôr um ponto na vida, tão chocante e vazia era a sua existência; mas deixou a sala de Mrs. Brittain com a esperança no coração. Quando a gente tem notícia de que uma tal médium foi arrastada a uma delegacia de polícia, interrogada por um policial ignorante e condenada por um magistrado ainda mais ignorante, sente que está vivendo um daqueles escuros períodos da História.

Como Mrs. Leonard, Mrs. Brittain tem o delicado apelido familiar de Belle. Em suas extensas pesquisas o autor fêz muitas relações com essas pequenas criaturas em diversas partes do mundo, encontrando o mesmo caráter, a mesma voz e as mesmas maneiras agradáveis em tôdas. Essa semelhança parece mostrar, quando se medita sôbre o caso, que existe a ação de uma lei geral. Feda, Belle, Iris, Harmony e muitas outras, sussurram com fina voz e o mundo se torna melhor com a sua presença e a sua pregação.

Miss Mc Creadie é outra notável vidente londrina, pertencente à velha escola e trazendo consigo uma atmosfera de religião que por vêzes nos falta. Há muitos outros, mas nenhuma notícia seria completa se se não aludisse aos notáveis e elevados ensinos que vêm de Johannes e de outros guias de

Mrs. Hester Dowden, filha do famoso shakespeariano. Também deve ser feita uma referência ao Capitão Bartlett, cujos maravilhosos escritos e desenhos permitiram a Mr. Bligh Bond descobrir as ruínas de duas capelas em Glastonbury que se achavam tão enterradas que só o sentido da clarividência lhes poderia marcar a exata posição. Os leitores de "The Gate of Remembrance" compreenderão todo o valor dêsse notável episódio.

Os fenômenos da Voz Direta diferem da mera clarividência e da fala em transe, por isso que os sons não parecem vir do médium, mas de fora, às vêzes de uma distância de alguns metros e continuar quando a bôca está cheia de água e, outras vêzes, se fazendo ouvir em duas ou três vozes simultâneas. Nessas ocasiões uma trombeta de alumínio é empregada para aumentar a voz; e também, como supõem alguns, para formar uma pequena câmara escura, na qual as cordas vocais então usadas pelo Espírito, se podem materializar. É um fato interessante e que trouxe muita confusão aos que têm pouca experiência, porque em geral os primeiros sons se assemelham à voz do médium. Isto logo desaparece e a voz ou se torna neutra ou muito parecida com a do morto. É possível que a razão dêsse fenômeno seja que o ectoplasma com o qual os fenômenos são produzidos seja tirado do médium e, assim, leve algumas peculiaridades dêle ou dela, até que o tempo e as fôrças exteriores tenham o predomínio. Seria bom que o céptico fôsse paciente e esperasse o desenvolvimento, pois eu conheci um investigador ignorante e opiniático que jurava que havia fraude apenas porque notava a semelhança das vozes e então estragava tôda a sessão com grosserias malucas, quando, se tivesse esperado, teria esclarecido as suas dúvidas.

O autor fêz experiências com Mrs. Wriedt ouvindo a Voz Direta, acompanhada de batidas na corneta, em plena luz, estando a médium sentada a poucos metros de distância. Isto por causa da idéia de que no escuro pode o médium mudar de posição. Não é raro ter duas ou três vozes de Espíritos falando ou cantando ao mesmo tempo, o que, por sua vez, é fatal para a teoria da ventriloquia. Também a corneta, que por vêzes é pintada com tinta fosforescente, pode ser vista suspensa ao longe, fora do alcance das mãos do médium. Uma vez, em casa de Mr. Dennis Bradley, o autor viu a corneta iluminada girando e batendo no teto, como um vaga-lume. Depois pediram ao médium, Valiantine, que subisse na cadeira e verificaram que com

o braço estendido e segurando a corneta não era possível tocar no teto. Isto foi testemunhado por um grupo de oito pessoas.

Mrs. Wriedt nasceu em Detroit, há uns cinqüenta anos e e talvez mais conhecida na Inglaterra do que qualquer médium americano. A autenticidade de seus poderes pode ser melhor julgada por uma pequena descrição dos resultados. Uma vez, numa visita à casa de campo do autor, ela se sentou com êste, sua espôsa e seu secretário numa sala bem iluminada.

Foi cantado um hino e antes de terminada a primeira estrofe juntou-se uma quinta voz de excelente qualidade e continuou até o fim. Os três observadores estavam prontos para dizer que a própria Mrs. Wriedt estivesse cantando todo o tempo. Na sessão da noite vieram muitos amigos, com tôdas as possíveis provas de identidade. Um assistente sentiu a aproximação de seu pai, recentemente falecido, que começou pela tosse sêca e forte, que aparecera em sua última doença. Discutiu a questão de um legado, de maneira perfeitamente racional. Um amigo do autor, aliás um irascível anglo-indiano, manifestou-se, tanto quanto é possível manifestar-se pela voz, reproduzindo exatamente a sua maneira de falar, dando o seu nome, e aludindo a fatos de sua vida material. Outro assistente recebeu a visita de alguém que se dizia sua tia-avó! O parentesco foi negado; mas, perguntando em família, verificou que tinha tido uma tia daquele nome, morta na infância. A telepatia tem que ser afastada da explicação de tais fatos.

Ao todo o autor experimentou pelo menos com vinte produtores de Voz Direta e ficou muito chocado pelas diferenças em volume de som com os diversos médiuns. Por vêzes é tão fraca que com dificuldade se escuta a mensagem. Há poucas experiências mais tensas e penosas do que aplicar o ouvido para escutar no escuro, perto de nós vozes sussurrantes, esforçadas, entrecortadas, que poderiam significar muito se as pudéssemos distinguir. Por outro lado, o autor conheceu aquilo que deve ser consideravelmente chocante quando, no quarto de um hotel em Chicago, cheio de gente, rompeu uma voz que só poderia ser comparada ao rugido de um leão. O médium nessa ocasião era um esguio rapaz americano, que não podia ter produzido aquêle som com os seus órgãos normais. Entre êstes dois extremos podem encontrar-se tôdas as gradações de volume e de vibração.

George Valiantine, já mencionado, talvez viesse em segundo lugar, se o autor tivesse de fazer uma lista dos grandes

médiuns de Voz Direta, com os quais fêz experiências. Êle foi examinado pela Comissão do Scientific American e pôs por terra a alegação de que um dispositivo elétrico mostrara que êle tinha saído de sua cadeira quando a voz se fêz ouvir. O exemplo já oferecido pelo autor, no qual a corneta circulava fora do alcance do médium, é prova positiva de que os resultados certamente não dependem de sua saída da cadeira e que os efeitos não só dependem de como a voz é produzida, mas, principalmente, do que diz a voz. Aquêles que leram "Rumo às Estrêlas", de Dennis Bradley, e o seu livro subseqüente, narrando a longa série de sessões em Kingston Vale, podem fazer uma idéia de que nenhuma outra explicação abarca a mediunidade de Valiantine, a não ser que possui, realmente, excepcionais poderes psíquicos. Êstes variam muito com as condições, que em geral permanecem bem altas. Como Mrs. Wriedt, êle não cai em transe mas, mesmo assim, suas condições não podem ser chamadas normais. Há condições de semi-transe que esperam a investigação dos estudiosos no futuro.

Mr. Valiantine é, de profissão, um fabricante numa pequena cidade na Pensilvânia. Ë calmo, delicado e bondoso e como se acha na flor da idade, uma carreira muito útil se abre à sua frente.

Como médium de materializações, Jonson, de Toledo, que depois residiu em Los Angeles, permanece só, até onde o autor pôde observar. Possivelmente o nome de sua espôsa poderia ser ligado ao seu, desde que trabalham juntos. A peculiaridade do trabalho de Jonson é que fica inteiramente à vista do grupo, enquanto sua espôsa fica de pé junto da câmara e superintende os trabalhos. Quem desejar um relato completo das sessões de Jonson deverá ler do autor a "Our Second American Adventure" (1),

1. "Nossa Segunda Aventura Americana". — N. do T.

pôsto sua mediunidade seja também tratada muito minuciosamente pelo Almirante Usborne Moore (2).

2. "Glimpses of the Next State", páginas 195, 322.

O almirante, que se achava entre os grandes investigadores psíquicos, fêz muitas sessões com Jonson e obteve a cooperação de um ex-chefe do Serviço Secreto dos Estados

Unidos, que estabeleceu a vigilância e nada encontrou contra o médium. Quando a gente recorda que Toledo era, então, uma cidade limitada, e que às vêzes umas vinte personalidades diferentes se manifestavam na mesma sessão, pode-se imaginar que a personificação apresenta insuperáveis dificuldades. Por ocasião de uma sessão em que se achava o autor, ocorreu um longo desfile de figuras, cada uma por sua vez, vindo da pequena cabine. Eram velhos e moços, homens, mulheres e crianças. A luz de uma lâmpada vermelha era bastante para que se vissem as figuras claramente, mas não para distinguir os detalhes das feições.

Algumas das figuras ficaram fora nada menos que vinte minutos e conversaram livremente com o grupo, respondendo às perguntas que lhes eram feitas. Nenhum homem dará a outro um cheque em branco pela honestidade, nem declarará que êle é honesto e o será sempre. O autor apenas dirá que naquela ocasião particular estava perfeitamente convencido da genuína natureza dos fenômenos, e que não tem razões para duvidar disso em qualquer outra ocasião.

Jonson é um homem de compleição forte e, pôsto esteja agora velho, seus poderes psíquicos ainda não são igualados. É o centro de um grupo em Pasadena, perto de Los Angeles, que se reúne semanalmente, para aproveitar de seus notáveis poderes. O finado Professor Larkin, astrônomo, era freqüentador do grupo e garantiu ao autor que acreditava completamente na sua honestidade como médium.

As materializações podem ter sido mais comuns no passado do que no presente. Os que leram livros como o de Brackett, "Materialised Apáginasaritions" ou o "There is No Death", de Miss Marriat, que o digam. Mas nestes dias as materializações completas são muito raras.

O autor estava presente a uma suposta materialização por um tal Thompson, em New York, mas as coisas. não geraram convicção. Pouco depois o homem foi prêso por trapaças, em circunstâncias que não deixam dúvida quanto à sua culpabilidade.

Há médiuns que, sem se especializarem de nenhuma forma, podem mostrar uma grande variedade de manifestações super-naturais. De todos que o autor encontrou daria precedência pela variedade e pela consistência a Miss Ada Besinnet, de Toledo, nos Estados Unidos, e a Eva Powell, outrora chamada Merthyr Tydvil, em Gales. Ambas são admiráveis médiuns, e pessoalmente dignas dos maravilhosos dons com que foram

dotadas. No caso de Miss Besinnet as manifestações incluem a voz direta, por vêzes duas ou três ao mesmo tempo. Um guia masculino, chamado Dan, tem uma notável voz de barítono e quem quer que o tenha ouvido não duvidará de que seja independente do organismo daquela senhora. Ocasionalmente se junta uma voz feminina, para fazer com Dan um dueto afinadíssimo. Notável assovio, no qual parece que não há pausa para respirar, é outra feição de sua mediunidade. Assim também a produção de luzes muito brilhantes. Estas parecem pequenos sólidos luminosos, pois. o autor, em certa ocasião, fêz a curiosa experiência de ter um em seus bigodes. Tivesse aí pousado um grande vagalume e o efeito teria sido o mesmo. As Vozes Diretas de Miss Besinnet, ao tomarem a forma de mensagens, separadas do trabalho dos guias, não são fortes e, muitas vêzes, são difíceis de ouvir. O mais notável de todos os seus poderes, entretanto, é o aparecimento de rostos de fantasmas, que surgem numa faixa iluminada, em frente ao assistente. Pareceriam antes máscaras, de vez que não apresentam relêvo. Em muitos casos apresentam faces finas, que ocasionalmente se assemelham à do médium, quando a saúde da senhora ou a fôrça do círculo decaem. Quando as condições são boas, são perfeitamente diferentes. Em duas ocasiões o autor viu faces nas quais poderia absolutamente jurar que uma era de sua mãe e outra de seu sobrinho, Oscar Hornung, jovem oficial morto na guerra. Por outro lado houve noites em que nenhum reconhecimento claro foi possível obter, embora entre os rostos alguns pudessem ser chamados de angélicos, tal a sua beleza e a sua pureza (3).

3. Vários julgamentos e experiências com esta médium se acham na obra do autor "Our American Adventure", páginas 124 a 132; no "Glimpses of the Next State", do Almirante Moore, páginas 216 e 312; e finalmente no relatório de Mr. Hewat McKenzle, no Psychic Science de abril de 1922.

No nível de Miss Besinnet está Mr. Evan Powell, com a mesma variedade, mas nem sempre com o mesmo tipo de poderes. Os fenômenos luminosos de Powell são igualmente bons. Sua produção de voz é melhor. O autor ouviu vozes de Espíritos tão altas quanto as humanas comuns e se recorda de uma ocasião em que três falavam ao mesmo tempo — uma a Lady Cowan, outra a Sir James Marchant e uma terceira a Sir Robert McAlpine. Os movimentos de objetos são comuns nas sessões

de Powell e numa ocasião uma estante de 60 libras foi suspensa durante algum tempo, sôbre a cabeça do autor. Evan Powell sempre insiste para ser amarrado fortemente durante a sessão, o que é feito, conforme êle reclama, para a sua mesma proteção, de vez que êle não pode ser responsável por seus próprios movimentos, quando se acha em transe. Isto lança um interessante esclarecimento sôbre a natureza de algumas mistificações. Há muita evidência, não só de que, inconscientemente, ou sob a influência da sugestão da assistência, pode o médium colocar-se numa posição falsa, mas que fôrças do mal, sempre perturbadoras ou ativamente opostas ao bom trabalho feito pelos Espíritas, possam atuar sôbre o corpo em transe e levá-lo a fazer uma coisa suspeita, visando desacreditar o médium. Algumas notáveis observações a êsse respeito, baseadas na experiência pessoal, foram feitas pelo Professor Haraldur Nielson, da Islândia, ao comentar um caso em que um do grupo cometeu uma fraude insensata e, posteriormente, um Espírito disse que ela tinha sido praticada por sua ação e instigação (4).

4. Psychic Science, Julho, 1925.

De um modo geral Evan Powell pode ser considerado como o mais largamente dotado de fõrças mediúnicas de todos os médiuns na Inglaterra. Êle prega as doutrinas espíritas em pessoa e pelo seu guia e êle próprio pode demonstrar quase tôdas as mediunidades. É pena que o seu negócio como vendedor de carvão no Devonshire não lhe permita uma presença constante em Londres.

A mediunidade da escrita nas lousas é uma manifestação notável. Tem-na em alto grau Mrs. Pruden, de Cincinnati, que recentemente visitou a Grã-Bretanha, exibindo suas maravilhosas faculdades a muita gente. O autor fêz várias sessões com ela e explicou os métodos minuciosamente. Como a passagem é curta e pode tornar o assunto claro para os não iniciados, eis a sua transcrição:

"Tivemos a sorte agora de nos pormos em contacto com um médium realmente grande — Mrs. Pruden, de Cincinnati, — que veio a Chicago assistir às minhas conferências. Realizamos uma sessão no Blackstone Hotel, devida á cortesia de seu hóspede, Mr. Holmyard, e os resultados foram esplêndidos. É uma senhora idosa, boa e de maneiras naturais. Seu dom especial é a escrita nas lousas, que jamais eu havia

examinado.

Eu ouvira dizer que havia truques no caso, mas ela estava ansiosa para usar as minhas lousas e permitir que examinasse as suas. Ela prepara uma câmara escura, cobrindo a mesa com um pano e sustenta a lousa debaixo da mesa, enquanto a gente pode segurar a lousa pelo outro lado. Sua outra mão fica livre e àvista. A lousa é dupla, tendo entre as duas um pedacinho de lápis.

Após uma demora de meia hora começou a escrita. Foi a mais estranha sensação segurar a ardósia e sentir o rumor e a vibração do lápis a riscar dentro delas. Cada um havia escrito uma pergunta num pedaço de papel e o tínhamos pôsto no chão, cuidadosamente dobrado, debaixo dos panos, para que a fôrça psíquica pudesse ter as adequadas condições para o seu trabalho, que sempre sofre a interferência da luz.

Então cada um de nós recebeu uma, resposta dada na lousa à pergunta que havia feito e teve licença para apanhar os papéis e verificar que não haviam sido abertos. A sala naturalmente estava inundada de luz e a médium não podia abaixar-se sem que
a víssemos.

Nessa manhã eu tinha um negócio, em parte espiritual, em parte material, com o Doutor Gelbert, um inventor francês. Em minha pergunta indaguei se êle era perito. A resposta na ardósia dizia: "Acredite no Doutor Gelbert, Kingsley". Eu não havia mencionado na pergunta o nome do Doutor Gelbert, nem havia dito nada a respeito a Mrs. Pruden. Minha senhora recebeu uma longa mensagem assinada por uma amiga querida. O nome era a sua verdadeira assinatura. Em conjunto era uma demonstração absolutamente convincente. Batidas agudas e claras sôbre os móveis acompanharam continuamente a nossa conversa." (5)

5. "Our American Adventure" páginas 144 e 145.

Ométodo geral e o resultado é o mesmo que é usado por Mr. Pierre Keeler, dos Estados Unidos. O autor não conseguiu uma sessão com êsse médium; mas um amigo que a obteve conseguiu resultados que põem a verdade dos fenômenos acima de qualquer questão. Em seu caso recebeu resposta a perguntas postas dentro de envelopes, de modo que a explicação favorita de que, de certo modo, o médium vê as tiras de papel, fica eliminada. Quem quer que tenha assistido a

Mrs. Pruden saberá, pois, que ela jamais se abaixa e que os pedaços de papel ficam aos pés do assistente.

Uma notável forma de mediunidade é a da bola de cristal, na qual as figuras se tornam visíveis aos olhos do assistente. O autor só encontrou esta uma vez, através da mediunidade de uma senhora do Yorkshire. As figuras eram nítidas, bem definidas e separadas por intervalos de uma névoa. Não pareciam revelar qualquer acontecimento passado ou futuro: consistiam de vistas, pequenos rostos, e outros objetos semelhantes.

Eis algumas das variadas formas das fôrças do Espírito, que nos foram dadas como um antídoto ao materialismo. As mais altas formas não são as físicas, mas as que se encontram em inspirados escritos de homens como Davis, Stainton Moses. ou Dale Owen. Nunca é por demais repetido que o mero fato de que a mensagem nos vem de maneira pré natural seja uma garantia de elevação e de verdade. A criatura ensimesmada e convencida, de raciocínio vulgar, e o mistificador consciente também existem no lado invisível da vida, e todos êles podem transmitir as suas valiosas comunicações através de agentes invigilantes. Tudo deve ser medido e pesado e muita coisa deve ser posta de lado, enquanto o que restar deve ser digno de nossa mais respeitosa atenção. Mas mesmo o melhor não pode ser a última palavra: deve ser muitas vêzes emendado, como no caso de Stainton Moses, quando atingiu o Outro Lado. Aquêle grande mestre admitiu, através de Mrs. Piper, que havia pontos sôbre os quais êle tinha sido mal informado.

Os médiuns mencionados foram escolhidos como tipos de suas várias classes, mas há muitos outros que mereceriam um registro minucioso, se houvesse espaço. O autor fêz diversas sessões com Sloan e com Phoenix, de Glasgow, ambos com notáveis poderes, que cobrem quase tôda a escala dos dons espirituais e são, ou foram, homens de fora do mundo, com uma santa despreocupação pelas coisas desta vida. Mrs. Falconer, de Edimburgo, é também uma médium de transe de fõrça considerável. Da geração anterior o autor experimentou a mediunidade de Husk e de Craddock, os quais tiveram horas intensas e horas de fraqueza. Mrs. Susanna Harris também deu boas provas no setor físico, bem como Mrs. Wagner, de Los Angeles, enquanto entre os amadores John Ticknor, de New York, e Mr. Nugent, de Belfast, estão nos primeiros vôos do transe mediúnico.

Em conexão com John Ticknor o autor pode citar uma experiência feita e referida nos "Proceedings" da American Society for Psychical Research, um organismo que no passado foi dirigido quase que por opositores, como o seu parente da Inglaterra. Neste exemplo, o autor fêz um registro cuidadoso da pulsação, quando Mr. Tickenor estava em estado normal, quando manifestava o Coronel Lee, um de seus guias espirituais, e quando se achava sob a influência de "Black Hawk" (6)

6. "Gavião Preto". — N. do T.

um guia pele-vermelha. Os valores eram, respectivamente 82, 100 e 118.

Mrs. Roherts Johnson é outra médium de resultados desiguais, mas que nas melhores condições tem um admirável poder de Voz Direta. O elemento religioso está ausente de suas sessões e a mocidade alegre do Norte que se manifesta cria uma atmosfera que diverte os assistentes, mas que choca aquêles que vêm às sessões com sentimentos solenes. A profunda voz escocêsa do guia de Glasgow, David Duguid, que em vida fôra um médium famoso, está isenta de imitação pela garganta de uma mulher; e as suas observações são cheias de dignidade e de sabedoria. O Reverendo Doutor Lamond assegurou-me que Duguid, numa dessas sessões, lhe havia lembrado um acidente que entre ambos ocorrera em vida — o que é prova suficiente da realidade da individualidade.

Não existe fase mais dramática e curiosa do fenômeno psíquico do que o transporte. É tão surpreendente que é difícil convencer a um céptico quanto à sua possibilidade e mesmo os Espíritas dificilmente acreditam nêle até que lhes venham as provas. O primeiro contacto do autor com o conhecimento oculto foi em grande parte devido ao finado General Drayson que, naquele tempo — vai para quarenta anos — recebia, através de um médium, uma grande quantidade de transportes muito curiosos — lâmpadas hindus, amuletos, frutas frescas e outros objetos. Fenômeno tão interessante e tão fácil de simular, era muito para um principiante e retardou o progresso em vez de o acelerar. Contudo, desde então o autor encontrou o editor de conhecido jornal, que usou o mesmo médium, depois da morte do General Drayson e continuou, sob rígidas condições, a receber semelhantes transportes.

Assim, o autor foi forçado a reconsiderar o seu ponto de

vista e a acreditar que tinha subestimado a honestidade do médium e a inteligência do assistente.

Mr. Bailey, de Melbourne, parece ser um notável médium de transporte, e o autor não acredita na sua suposta mistificação em Grenoble. O próprio relato de Bailey é que foi vítima de uma conspiração religiosa e, à vista da longa série de sucessos, é mais provável isto do que êle tenha, de maneira misteriosa, escondido um pássaro vivo na sala da sessão, na qual êle sabia que iria ser despido e examinado. A explicação dos pesquisadores psíquicos de que o pássaro estava escondido em seu intestino éum supremo exemplo dos absurdos que a incredulidade pode produzir. Uma vez o autor fêz uma experiência de transporte com Bailey e que é impossível de explicar de outra maneira. Ela foi assim descrita:

"Então colocamos Bailey a um canto da sala, baixamos as luzes sem as apagar, e esperamos. Quase no mesmo instante êle respirou profundamente, como se em transe e logo disse algo numa língua estranha, para mim incompreensível. Um de nossos amigos, Mr. Cochrane reconheceu-a como indiana e logo respondeu; algumas sentenças foram dialogadas. Então a voz disse em inglês que era um guia hindu, acostumado a fazer transportes com o médium e que esperava poder trazer um para nós. "Ei-lo aqui", disse momentos depois, e a mão do médium se estendeu com alguma coisa. As luzes foram aumentadas e verificamos que era um perfeito ninho de pássaro, lindamente construído de fibras muito finas, misturadas com musgo. Tinha cêrca de duas polegadas de altura e nada indicava que tivesse havido truque. Tinha cêrca de três polegadas de largura. Nêle estava um pequeno ovo branco, com pequenas pintas castanhas, O médium, ou antes o guia hindu, agindo através do médium, colocou o ôvo na palma de sua mão e o quebrou, derramando a clara. Não havia traços de gema. "Não nos é permitido interferir com a vida", disse êle. "Se o ovo tivesse sido fertilizado não poderíamos tê-lo trazido." Estas palavras foram ditas antes de o quebrar, de modo que êle sabia em que condições estava o ôvo, o que certamente é notável.

—"De onde o trouxe? perguntei eu.

—"Da Índia."

—"Que pássaro é êste?

—"É chamado lá pardal da floresta."

Fiquei com o ninho e passei uma manhã com Mr. Chubb, do museu local, para verificar se realmente o ninho era de tal

pássaro. Parecia muito pequeno para um Pardal Indiano, entretanto não podíamos classificar nem o ninho nem o ôvo entre os tipos australianos.

Outros ninhos e ovos transportados por Mr. Boiley têm sido identificados. Certamente é um bom argumento que, enquanto tais pássaros tenham que ser importados e comprados aqui, na verdade é um insulto à razão admitir que ninhos e ovos frescos também sejam encontrados no mercado. Assim, apenas posso garantir a extensa experiência e os elaborados ensaios do Doutor Mc Carthy de Sydney e afirmar que acredito que na ocasião Mr. Bailey foi um verdadeiro médium, com o notável dom de transporte.

É justo declarar que quando voltei a Londres levei um dos tijolos assírios de Bailey ao Museu Britânico e que aí declararam que era falso. Inquérito posterior mostrou que tais falsificações são feitas por judeus num subúrbio de Bagdad — e, até onde se sabe, sômente ali. Assim, a coisa não está muito mais adiantada. Para o trabalho de transporte, pelo menos, é possível que a peça falsificada, impregnada de recente magnetismo humano, é mais fácil de ser manejada do que o original, tirado de um monumento. Bailey produziu pelo menos uma centena dêsses objetos e nenhum funcionário da Alfândega informou como êles poderiam ter entrado no país. Por outro lado, Bailey me disse claramente que os tabletes tinham passado pelo Museu Britânico, de modo que temo não poder harmonizá-lo com a verdade — e nisto está a maior dificuldade para decidir o caso. Mas a gente deve lembrar sempre que a mediunidade de efeitos físicos não tem conexão, desta ou daquela maneira, com o caráter da pessoa, do mesmo modo que os dotes poéticos" (7).

7. "The Wanderings of a Spiritualist", páginas 103 a 105.

Os críticos esquecem, ao citar continuamente a impostura de Bailey (8),

8. "Annals of Psychical Science", Volume 9º.

que imediatamente antes da experiência de Grenoble êle havia suportado uma longa série de testes em Milão, no curso dos quais os investigadores tomaram a extrema e injustificável medida de vigiar o médium secretamente, quando no seu próprio quarto de dormir. A comissão composta de nove

homens de negócio e de doutôres, não achou nenhuma falha em dezessete sessões, mesmo quando o médium foi pôsto num saco. Essas sessões duraram de fevereiro a abril de 1904, e foram minuciosamente discutidas pelo Professor Marzorati. Á vista de seu sucesso, muito mais foi feito na acusação na França. Se a mesma análise e o mesmo cepticismo fôssem mostrados contra as mistificações como são mostrados contra os fenômenos, a opinião pública seria dirigida mais justamente.

O fenômeno de transporte parece tão incompreensível às nossas mentes que certa vez o autor perguntou a um Espírito guia se êle podia dizer algo que lançasse luz sôbre o assunto. A resposta foi: "Isto envolve alguns fatôres que estão acima da ciência humana e que não podem ser esclarecidos. Ao mesmo tempo vocês devem tomar como grosseira analogia o caso da água que se transforma em vapor. Então êsse vapor, que é invisível, pode ser conduzido para qualquer lugar, para ser apresentado na forma visível da água". Isto é, como se vê, antes uma analogia do que uma explicação, mas pelo menos parece apta. Deveria acrescentar-se, como foi referido na explicação, que não só Mr. Stanford, de Melbourne, como também o Doutor Mac Carthy, um dos primeiros médicos de Sydney, realizaram uma série de experiências com Bailey e ficaram convencidos da legitimidade de seus poderes.

De modo algum os médiuns citados esgotam a lista daqueles com que o autor teve oportunidade de fazer experiências; e êle não deve deixar o assunto sem aludir ao ectoplasma de Eva, que êle teve entre os dedos, ou às brilhantes luminosidades de Frau Silbert, que êle viu sair como uma coroa cintilante de sua cabeça. Ele espera que já tenha sido dito bastante para mostrar que a série de grandes médiuns não se acaba para quem quer que diligencie a sua procura seriamente e também para assegurar ao leitor que estas páginas são escritas por alguém que não mediu sacrifícios para ganhar o conhecimento prático daquilo que estuda.

Quanto àacusação de credulidade invariavelmente dirigida pelos não receptivos contra quem quer que tenha uma opinião positiva sôbre êste assunto, o autor pode solenemente confessar que, no curso de sua longa carreira como investigador, não pode recordar um único caso em que tenha sido mostrado claramente que êle se havia enganado sôbre qualquer ponto sério, ou tenha dado um atestado de hones-

tidade a uma realização que posteriormente ficasse provado que era desonesta. Um homem crédulo não passa vinte anos lendo e fazendo experiências antes de chegar a conclusões fixas.

Nenhum relato de mediunidade de efeitos físicos seria completo se não aludisse aos notáveis resultados obtidos por "Margery", nome adotado para efeito público por Mrs. Crandon, a bela e dotada espôsa de um dos primeiros cirurgiões de Boston. Esta senhora mostrava poderes psíquicos há alguns anos e o autor teve a oportunidade de chamar para o seu caso a atenção da Comissão do Scientific American. Assim fazendo, sem o quereis expôs a muitos aborrecimentos, que eram suportados com extraordinária paciência por ela e pelo marido. É difícil dizer o que era mais aborrecido: se Houdini, o mágico, com as suas intempestivas e ignorantes teorias de fraude, ou os tais "cientistas" assistentes, como o Professor McDougall, de Harvard, que, depois de cinqüenta sessões e de assinar outras tantas atas, no fim de cada sessão, endossando as maravilhas registradas, ainda se sentia incapaz de fazer um julgamento, contentando-se com vagas deduções. O negócio não foi salvo pela interferência de Mr. E. J. Ding. wall, da SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH de Londres, que proclamava a verdade da mediunidade em cartas particulares cheias de entusiasmo, mas negava a sua convicção em reuniões públicas. Êsses supostos especialistas saíram da história com pouco crédito; em compensação mais de duzentos assistentes de bom senso tiveram bastante sabedoria e honestidade para exprimir realmente em depoimento aquilo que aos seus olhos se passara. Deve o autor declarar que pessoalmente experimentou com Mrs. Crandon e ficou satisfeito tanto quanto o podia numa sessão, quanto à verdade e a variedade de suas faculdades.

Neste caso o guia se diz Walter, irmão falecido daquela senhora e mostra uma personalidade muito marcada, com um grande senso de humor e considerável domínio de linguagem irônica. A produção da voz é direta, uma voz máscula, que parece atuar a poucas polegadas em frente ao rosto do médium. As fôrças têm sido progressivas, aumentando continuamente, até que agora alcançaram quase tôdas as variedades de mediunidade. O toque de campainhas elétricas sem contacto tem sido feito ad nauseam, de tal maneira que se poderia pensar que ninguém, a não ser um surdo como uma pedra ou um especialista, não tivesse mais dúvidas.

Movimento de objetos a distância, luzes espirituais, soerguimento de mesas, transportes, e, finalmente, a clara produção de ectoplasma em boa luz vermelha têm ocorrido freqüentemente. O paciente trabalho do Doutor Crandon e de sua senhora certamente será recompensado e seus nomes viverão na história da ciência psíquica, bem como, numa categoria diferente os de seus detratores.

De tôdas as formas de mediunidade a mais alta e valiosa, quando pode ser controlada, é a da escrita automática, de vez que nesta, quando na forma pura, se nos afigura um método direto de obtenção de ensinos do Além. Infelizmente é um método que se presta muito facilmente para decepções, de vez que é certo que o subconsciente do homem tem muitos poderes com os quais ainda estamos pouco acostumados. É impossível também aceitar qualquer escrita automática com absoluta confiança como uma informação cem por cento de verdade do Além. O vidro opaco ainda coa a luz que o atravessa; e o organismo humano jamais será um cristal transparente. A veracidade de qualquer comunicação particular dessa escrita deve depender não de meras afirmações, mas de detalhes corroborantes, da dissemelhança geral da mente do escritor e de sua semelhança com a do suposto inspirador.

Por exemplo, se no caso do finado Oscar Wilde, obtivemos longas comunicações que não só são características de seu estilo, mas que contêm freqüentes alusões a obscuros episódios de sua própria vida e que, finalmente, são escritas com a sua própria caligrafia, deve admtir-se que a evidência é superiormente forte. Há um grande derrame de tais escritos presentemente em todos os países de língua inglêsa. São bons, maus, indiferentes, mas os bons contêm muita matéria que encerra os traços da inspiração. O cristão e o judeu bem podem se perguntar por que partes do Velho Testamento, ao que se pensa, assim teriam sido escritas, enquanto os modernos exemplos devam ser tratados com desprêzo. "E foi-lhe trazida uma carta do profeta Elias, em que estava escrito:

Eis aqui o que diz o Senhor Deus de David, teu pai": etc. (9)

9. Há uma diferença de denominação entre as bíblias protestante e católica.

Isto é uma das muitas alusões que mostram o antigo uso, neste particular, da comunicação de Espíritos.

De todos os exemplos de data recente nenhum se compara

em grandeza e dignidade com os escritos do Reverendo George Vale Owen, cuja grande obra "A Vida Além do Véu" deve ter uma influência tão permanente quanto a de Swedenborg. Um ponto interessante, focalizado pelo Doutor A. J. Wood, é que nos mais sutis e complexos pontos há uma grande semelhança no trabalho dêstes dois videntes e tanto mais quanto se sabe que Vale Owen é muito familiarizado com os escritos do grande mestre sueco. George Vale Owen é uma figura tão destacada no moderno espiritismo que algumas notas a seu respeito não estariam fora de propósito. Nasceu em Birmingham em 1869 e foi educado no Midland Institute e no Queen's College, em Birmingham. Depois dos curatos de Seaforth, Fairfield e da baixa Scotland Road, divisão de Liverpool, onde teve uma grande experiência entre os pobres, tornou-se vigário de Orford, perto de Warrington, onde a sua energia conseguiu erguer uma nova igreja.

Aí ficou vinte anos, trabalhando em sua paróquia, que muito apreciava o seu ministério.

Surgiram então algumas manifestações psíquicas e, finalmente, foi êle compelido a exercer as suas próprias fôrças latentes na escrita inspirada, inicialmente como se viesse de sua própria mãe, depois continuada por alguns Espíritos elevados ou anjos, que tinham vindo em seu cortejo. No todo elas constituem uma descrição da Vida após a morte e um corpo filosófico e de conselhos das fontes invisíveis, que ao autor se afigura possuir todos os sinais íntimos de uma origem elevada. A descrição é digna e amena, feita num inglês ligeiramente arcaico, que lhe dá um sabor muito característico.

Alguns extratos dêsses escritos apareceram em vários jornais, atraindo mais atenção por serem da pena do Vigário de uma Igreja Estabelecida. Finalmente a Lord Northcliffe chegou notícia do manuscrito; êle ficou muito impressionado com o assunto e com a recusa do autor em receber qualquer remuneração por sua publicação. Esta foi feita semanalmente no jornal de Lord Northcliffe, o Weekly Dispatch, e nenhuma outra coisa contribuiu, mais que esta, para o mais alto ensino espírita diretamente às massas. Incidentalmente foi demonstrado que a política da Imprensa no passado tinha sido não só ignorante e injusta, mas redondamente equivocada do baixo ponto de vista do interêsse material, pois a circulação do Dispatch cresceu enormemente durante a publicação daqueles escritos. Tais coisas, entretanto, ofenderam muito a um bispo muito conservador, e Mr. Vale Owen achou-se, como todos os

reformadores religiosos, como objeto de desagrado e sofreu uma velada perseguição dos superiores de sua Igreja. Com essa fôrça a impulsioná-lo e com o impulso perante tõda a comunidade espírita, êle abandonou a Igreja e entregou-se, com a família, a mercê do que a Providência lhe reservasse; sua corajosa espôsa concordou inteiramente com êle num passo que não era fácil para um casal que passara da mocidade. Depois de um giro de conferências na América e um outro na Inglaterra, Mr. Vale Owen está atualmente presidindo uma congregação espírita em Londres, onde o magnetismo de sua presença atrai uma assistência considerável. Num excelente retrato, assim Mr. David Gow pinta Vale Owen:

"A figura alta e fina do ministro, sua face pálida e ascética, iluminada por grandes olhos, luminosos de ternura e de humor, sua atitude modesta, suas palavras calmas carregadas de magnetismo e de simpatia, tudo isto dava a justa medida da espécie de homem que é êle.

Revelavam uma alma de rara devoção, que se mantinha sã e doce por um bondoso senso de humor e por uma visão prática do mundo. Parecia mais carregado pelo Espírito de Erasmo ou de Melanchton do que pelo áspero Lutero. Talvez hoje a Igreja não precise de Lutero."

Se o autor incluiu esta pequena notícia ante a sua existência pessoal, é porque foi honrado por uma estreita amizade de Mr. Vale Owen e ficou em condições de poder estudar e garantir a realidade de seus dotes psíquicos.

Oautor acrescentaria que teve a sorte de ouvir a Voz Direta numa sessão com sua esposa.

A voz era profunda, máscula, vinda de alguns pés acima de nossas cabeças e murmurando apenas um curto mas bem audível cumprimento. É de esperar que com um ulterior desenvolvimento melhores resultados sejam obtidos. Durante anos o autor, em seu grupo doméstico, tem obtido mensagens inspiradas, através da mão e da voz de sua esposa as quais têm sido da maior elevação e, muitas vêzes, da mais evidente natureza. São, entretanto, muito pessoais e íntimas para serem discutidas num exame geral do assunto.

23
O Espiritismo e a Guerra

MUITA gente jamais tinha ouvido falar de Espiritismo antes do período que se iniciou em 1914, quando de súbito o Anjo da Morte penetrou em muitos lares. Os adversários do Espiritismo acharam mais conveniente considerar o cataclismo mundial como a causa principal do crescente interêsse na pesquisa psíquica. Êsses oponentes inescrupulosos também disseram que a defesa do assunto, feita pelo autor, bem como por seu ilustre amigo, Sir Oliver Lodge, era devida ao fato de cada um ter perdido um filho na guerra, daí deduzindo que o pesar lhes havia reduzido a capacidade de crítica e os levado a pensar em coisas que não aceitariam em períodos normais. O autor já refutou muitas vêzes essa grosseira mentira e mostrou o fato de suas investigações datarem de 1886. Por sua vez, assim se exprime Sir Oliver Lodge (1):

1. "Raymond", página 374.

"Não se deve pensar que meu ponto de vista tenha mudado apreciávelmente desde êsse acontecimento e com as experiências particulares relatadas nas páginas que se seguem; minha conclusão foi sendo formada gradativamente, durante anos, pôsto que, sem dúvida, baseada em experiências da mesma espécie. Mas o acontecimento fortaleceu e liberou o meu testemunho. Agora posso ligar-me com minha experiência pessoal, e não com a alheia experiência. Enquanto a gente depende de provas relacionadas, ainda que indiretamente, com a desolação da morte dos outros, tem que ser reticente e cauteloso e, nalguns casos, silenciar. Somente por permissão especial certos fatos poderiam ser mencionados; e essa permissão, nalguns casos importantes, não poderia ser obtida. Então as minhas deduções foram as mesmas de agora. Mas agora os fatos me pertencem."

Se é verdade que, antes da guerra, os Espíritos se contavam por milhões, não há dúvida que o assunto não era compreendido pelo mundo em geral, nem mesmo reconhecido como um fato. A guerra mudou tudo isto. As mortes ocorreram em quase tôdas as famílias, assim despertando um súbito interêsse concentrado na vida após a morte. A gente não só perguntava: "Se um homem morrer viverá de novo?" Procurava, ansiosa, saber se era possível a comunicação com

os entes queridos que haviam perdido. Procurava-se "o toque da mão destruida e o som da voz que emudecera". Não só milhares de pessoas investigaram diretamente, mas, como no início do movimento, a primeira tentativa era feita pelos que haviam partido. A Imprensa era incapaz de resistir à pressão da opinião pública e muita publicidade foi feita de casos de soldados que voltavam e, em geral, da vida após a morte.

Neste capítulo apenas uma ligeira referência será feita às diferentes maneiras por que o mundo espiritual se manifestou nas várias fases da guerra. O próprio conflito fôra predito muitas vêzes; soldados mortos se mostravam em casa e davam avisos de perigo aos seus camaradas no campo de batalha; deixavam as suas imagens em chapas fotográficas; figuras solitárias e hóspedes legendários, não dêste mundo, eram vistos na área da luta; na verdade, sôbre tôda a cena pairava, de vez em quando, uma forte atmosfera da presença e da atividade do outro mundo.

Se, por um momento, o autor pode dar uma nota pessoal, dirá que, enquanto a sua própria perda não tivesse tido efeito sôbre os seus pontos de vista, o espetáculo de um mundo esmagado pela dor e que ansiosamente pedia auxílio e conhecimento, certamente afetou a sua mente e o levou a compreender que êsses estudos psíquicos, que durante tanto tempo êle vinha fazendo, eram de uma enorme importância prática e não mais poderiam ser considerados como mero passatempo intelectual ou fascinante busca a nova pesquisa. A prova da presença de mortos se fêz em sua própria casa e o confôrto trazido por mensagens póstumas lhe ensinou que grande consolação seria para um mundo torturado se êle pudesse compartilhar do conhecimento que se havia tornado claro para o autor. Foi tal realização que, desde 1916, o levou, e à sua espôsa, a se dedicarem largamente ao assunto, a fazer conferências em muitos países, a viajar para a Austrália, Nova Zelândia, e Canadá, em missões de instrução. Na verdade, esta história, pode dizer-se, obedece ao mesmo impulso que, de início, o atirou de corpo e alma na causa. Êste assunto se presta para algumas linhas numa história geral, mas se torna parte de um capítulo que trata da guerra, desde que foi a atmosfera da guerra que o engendrou e desenvolveu.

A profecia é um dom espiritual e qualquer prova clara de sua existência indica fôrças psíquicas, fora de nosso conhecimento normal. No caso da guerra, aliás, muitos podiam, por meios normais, como pelo uso da própria razão,

predizer que a situação no mundo tinha se tornado tão intolerável por causa do militarismo, que o equilíbrio não podia ser mantido. Mas algumas dessas profecias parecem tão distintas e minuciosas que se colocam acima no poder da mera razão e da previsão (2).

2. Algumas referéncias a essas profecias podem ser encontradas nas seguintes publlcações:

"Prophecies and Omens o! the Great War", by Ralph Shirley; " The War and the Prophets", by Herbert Thurston; and "War Pra phec~es", by F. O. S. Schiller (SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH - Jornal, Junho, 1916).

O fato geral de uma grande catástrofe mundial e a parte nela tomada pela Inglaterra, é assim referida numa comunicação espírita recebida pelo Grupo Oxley, em Manchester, e publicado em 1885 (3):

3. "Angelic Revelations", Volume 5º, páginas 170 e 171.

"Por duas vezes em sete anos — a partir da data que vos foi indicada — as influências que agem contra a Inglaterra serão vitoriosas; e depois daquele tempo, virá uma terrível luta, uma tremenda guerra, um terrível derramamento de sangue — conforme a maneira humana de falar, um destronamento de reis, uma derrubada de Poderes, grandes revoluções e perturbações; e ainda maior comoção entre as massas, produzidas pela riqueza e por sua posse. Usando essas palavras, falo de acôrdo com a linguagem humana.

A mais importante questão é: "A Inglaterra ficará perdida para sempre?" Vemos as profecias de muitos e a atitude de muitos representantes no plano externo e vemos mais claramente do que muitos na Terra nos julgam capazes; vemos que entre os ultimos indicados há os que mais amam o ouro do que aquêle princípio inteiro que aquêle ouro representa.

A não ser que no começo da crise não intervenha o Grande Poder, isto é, que a Grande Fôrça operadora de que vos falei antes, e em calma dignidade passe à frente e destitua o mandado — impondo a Paz — a profecia de alguns, que para sempre a Inglaterra mergulhará nas profundezas, será cumprida. Como os específicos átomos da vida, que compõem o Estado chamado Inglaterra, que deve mergulhar um tempo a fim de que possa vir à tona, assim deve a Nação mergulhar e

mergulhar profundamente durante uma estação; porque se acha imersa no amor do que é falso e ainda não adquiriu a inteligência que agirá como poderosa alavanca para a erguer para a sua própria dignidade. Irá ela, como o homem afogado que se afunda pela terceira e última vez, mergulhar e perder-se para sempre? Uma vez no grande todo do Todo Poderoso, deverá continuar como parte integrante. Haverá uma mão bondosa que se estenderá para a salvar e a livrar dos vagalhões dos próprios jeitos que ameaçam tragada. Com uma energia inexprimível, diz aquêle Poder: Primeiro a inglaterra! inglaterra para sempre! Mas a continuação não será no mesmo estado de coisas. Ela deve e mergulhará ainda mais, para mais ainda se erguer. O como, o porquê e a maneira por que fará a sua salvação e a sua serenidade, eu vos direi em outra ocasião; mas, aqui afirmo que, a fim de se salvar, a Inglaterra deve sofrer um derrame do seu melhor sangue."

Sôbre detalhes da famosa profecia de M. Sonrel, em 1868, sôbre a guerra de 1870 e sua profecia menos direta sôbre a de 1914, deve o leitor consultar o livro do Professor Richet "Trinta Anos de Pesquisas Psíquicas", das páginas 387, até 389. A parte essencial desta última é assim concebida:

"Espere agora, espere... passam-se anos. É uma vasta guerra. Que sangria! Meu Deus! que sangria! Oh! França, oh! minha terra, está salva! Estás no Reino!"

A profecia foi dada em 1868, mas só registrada pelo Doutor Tardieu em abril de 1914.

O autor se referia antes (4)

4. "The Wanderings of a Spiritualist" (1921) página 260.

à profecia dada em Sydney, Austrália, pela conhecida médium Mrs. Foster Turner, mas ela suporta a repetição. Numa reunião em fevereiro de 1914, no Little Theatre, Castlereagh Street, perante uma assistência de cêrca de mil pessoas, numa mensagem de transe, na qual se supunha que a influência fôsse de Mr. W. I. Stead, disse ela, conforme notas tomadas na ocasião em que falava:

"Agora, não obstante não haja rumores de uma próxima Guerra Européia, desejo ainda vos prevenir que, antes de terminado êste ano de 1914, a Europa será afogada em sangue. A Grã-Bretanha, nossa querida pátria, será arrastada à mais horrorosa guerra que o mundo já conheceu. A Alemanha será a grande antagonista e arrastará outras nações ao seu lado. A

Áustria será arrastada para a ruína. Cairão reis e reinos. Milhões de vidas preciosas serão sacrificadas, mas a Inglaterra triunfará por fim e surgirá vitoriosa."

A data do término da Grande Guerra foi dada com exatidão em "Private Dowding", pelo Major W. Tudor Pole, que denomina o seu livro "Um Simples Registro de Experiências com

o Depois da Morte de um Soldado morto em Campo de Batalha". Nêsse livro, aparecido em

Londres em 1917, encontramos, à página 99, a seguinte comunicação:

Mensageiro: Na Europa haverá três grandes federações de estados. Estas surgirão naturalmente e sem derramamento de sangue; mas antes dar-se-á a batalha de A Armageddon.

W. T. Pergunta: Quanto tempo demorará isto?

Mensageiro: Não sou um ser bastante elevado; a mim não são revelados os detalhes de todos êsses maravilhosos acontecimentos. Até onde me é permitido ver, a paz será restabelecida durante 1919 e as federações mundiais surgirão dentro dos sete anos seguintes. Entretanto a luta atual deve terminar em 1918 e muitos anos passarão antes de se estabelecer a tranqüilidade e a paz de maneira permanente."

Na lista das profecias ocupa um lugar a de Mrs. Piper, famosa médium de transe de Boston, E. U. A., conquanto alguns a considerem um tanto vaga. Foi dada em 1898, numa sessão com o Doutor Richard Hodgson, membro preeminente da Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres e de sua congênere americana.

"Jamais, desde os dias de Melchizedek, foi o mundo terreno tão sensível à influência dos Espíritos. No próximo século ela será admiravelmente perceptível à mente humana. Farei uma declaração que com certeza ireis verificar. Ante a clara revelação do Espírito em comunicação, haverá uma terrível guerra em várias partes do mundo. Isto será precedido por comunicações claras. O mundo inteiro deve ser purificado e limpo, antes que o homem mortal possa ver, numa visão espiritual, seus amigos dêste lado; e ele tomará exatamente linha de ação para chegar ao estado de perfeição. Amigo, tenha a bondade de pensar nisto (5).

5. Transcrito em Light, 1914, página 349.

Nos Proceedings da Sociedade de Pesquisa Psíquica Mr. J.

G. Piddington (6)

6. SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Volume XXXIII (March, 1923).

fala, enfim, das predições de guerra, contidas em várias escritas automáticas, especialmente nas de Mrs. Alfred Lyttelton. Em resumo, diz êle:

"Em têrmos gerais êsses escritos predizem a guerra. Assim foi com muitos. Cêrca de meia dúzia, escritos entre 9 e 21 de julho de 1914, prediziam que a guerra estava às portas.

Assim também uma anterior, foi recebida por Sir Cecil Spring-Ríce. As mensagens predizem que a guerra eventualmente conduzirá a um grande avanço nas relações internacionais e nas condições sociais. Por outro lado, dezenas de milhares de cidadãos comuns em todo o Império Britânico, pensaram e esperaram que a Grande Guerra fôsse, como dizia a frase, "uma guerra para acabar com a guerra.

Mas êsse último paralelo entre as predições nas mensagens e as crenças ou aspirações que se declaravam por tôda a parte e tão intensamente quando rebentou a guerra, é apenas superficial. Porque, enquanto a onda de idealismo que varreu o Império continuou ou pelomenos se sincronizou, com o começo da guerra, durante muitos anos antes de 1914, as mensagens reiteradamente combinavam as predições de uma Utopia com predições de guerra, e as tinham combinado de tal maneira que uma coisa implicava o surgimento da outra. Não vejo paralelo nisto. Os escritores, soldados, diplomatas e políticos que nos previram a guerra, pregaram os seus perigos e os seus horríveis efeitos, mas não nos disseram que essa horrível tragédia seria a gestação de um mundo melhor. Também os propagandistas de Haya e de outras conferências para o aplainamento de rivalidades internacionais não nos avisaram que a guerra mundial deveria preceder a realização daqueles desejos. Tudo era predição ou temor de um próximo caos. Só as mensagens espíritas, ao que saibamos, falam de uma esperança no após-guerra e saúdam a aproximação do caos, como prelúdio de um novo cosmos.

As predições da Guerra nas mensagens não se podem se parar das de uma eventual Utopia. As mensagens não dizem "Haverá guerra", ponto, e mudando de assunto, "Haverá uma Utopia". Insinuam claramente que Utopia será conseqüência da Guerra. Contudo, não será possível dizer-se que os dois

elementos componentes da profecia permanecerão ou cairão juntos, porque as predições de Guerra se realizaram; mas realizações ou a morte das predições utópicas eventualmente influenciarão a opinião pública, como fonte de predições de guerra. Se a Utopia prevista nessas mensagens se traduzisse em fato, seria muito difícil atribuir a predição dêsse fato como resultado da Guerra à presciência humana comum.

Então surgiria um caso, por admitir-se a pretensão das mensagens e por se dar crédito á predição dos sêres desencarnados. E se as predições utó picas fôssem recebidas como trabalho das mentes desencarnadas, com tôda probabilidade as predições da Guerra, que a elas se acham intimamente ligadas, seriam atribuidas à mesma fonte.

Há muitíssimas outras profecias que foram mais ou menos bem sucedidas. Seu exame, entretanto, não deixará de impressionar o estudioso com a convicção de que o sentido de tempo é menos apurado nos detalhes espirituais. Muito freqüentemente, onde os fatos são certos, as datas são lamentavelmente erradas.

A mais exata de tõdas as profecias concernentes à Guerra parece que foi a de Sophia, uma jovem grega que, hipnotizada pelo Doutor Antoniou de Atenas, forneceu em transe oráculos falados. A data foi 6 de junho de 1914. Não só predisse a Grande Guerra, e quem seriam as partes, mas deu uma porção de detalhes, tais como a neutralidade da Itália no comêço, sua subseqüente aliança com a Entente, a ação da Grécia, o lugar da batalha final de Vardar, etc. É interessante, entretanto, notar que ela cometeu certos erros que tendem a mostrar que a posição do Fatalista não é segura e que, pelo menos, há uma Larga margem que pode ser afetada pela vontade e pela ação humanas (7).

7. Revuc Métapsychque Dezembro, 1925, páginas 380 a 390.

Há muitos testemunhos relativos à ocorrência daquilo que pode ser chamado intervenção dos Espíritos durante a guerra.

O Capitão W. E. Newcome contou o seguinte (8):

8. Pearson's Magazine, Agosto, 1919, páginas 190 e 191.

"Foi em setembro de 1916 que o 2º Suffolks deixou Loos para ir para o setor Norte de Albert. Acompanhei-os e quando nas trincheiras da linha de frente daquele setor, eu, com

outros, testemunhei uma das mais notáveis ocorrências da guerra.

"Entre o fim de outubro e 5 de novembro estávamos guarnecendo aquela parte com muito pouca tropa. A 1º de novembro os alemães fizeram um ataque cerrado, com enorme esfôrço para romper a linha. Tive ocasião de descer às linhas de reserva e, durante a minha ausência, começou o ataque alemão.

"Apressei-me em voltar para a minha companhia e cheguei a tempo de dar uma mão, fazendo o inimigo recuar para as suas linhas. Êle jamais ganhou um palmo de nossas trincheiras. O assalto foi duro e curto e nós estávamos à espera de um outro assalto.

"Não tivemos que esperar muito, pois logo vimos alemães vindos pela Terra de Ninguém em ondas maciças. Antes, porém, que atingissem as nossas rêdes de arame farpado, uma figura branca, espiritual, de um soldado ergueu-se de uma cratera ou do chão, mais ou menos a cem jardas à nossa esquerda, bem em frente os nossos fios e entre a primeira linha de alemães e nós. A figura espectral caminhou então lentamente em frente às nossas linhas, cêrca de mil jardas. Sua silhueta sugeria à minha mente a de um velho oficial de antes da guerra, pois parecia usar capote da campanha, com capacete de serviço de campo. Primeiro olhou para os alemães que se aproximavam, depois virou a cabeça e começou a andar do lado de fora de nossas rêdes, ao longo do setor que guarnecíamos.

"Nosso sinal de S.O.S. tinha sido respondido por nossa artilharia e as balas assobiavam através da Terra de Ninguém... mas nenhuma impedia que o espectro progredisse.

Rapidamente marchou da nossa esquerda até a extrema direita do setor e então virou-se bem de frente para nós. Parecia olhar para cima e para baixo de nossas trincheiras e quando cada "very light" subia, êle ficava ainda mais destacado.

"Depois de um rápido exame sôbre nós, voltou-se bruscamente para a direita, e avançou em normal para as trincheiras alemãs. Os alemães retrocederam para não mais aparecer naquela noite.

"Parece que o primeiro pensamento dos homens foram os Anjos de Mons; depois alguns disseram que parecia Lorcl Kitchner e outros disseram que quando se voltara para nós o rosto parecia o de Lord Roberts. Sei que pessoalmente me

causou um grande abalo e que durante algum tempo foi o assunto da companhia.

"Seu aparecimento pôde ser testemunhado por sargentos e homens de minha companhia."

No mesmo artigo do Pearson's Magazine é contada a história de Mr. William M. Speight, que tinha perdido um irmão oficial e seu melhor amigo no ângulo saliente de Ypres, em dezembro de 1915. Viu o oficial ir ao seu refúgio na mesma noite. Na manhã seguinte Mr. Speight convidou outro oficial a vir ao refúgio a fim de confirmar, se a visão reaparecesse. O oficial morto voltou mais uma vez e, depois de apontar um lugar no chão do refúgio, desapareceu. Foi feito um buraco no lugar apontado e à profundidade de três pés foi encontrado um pequeno túnel cavado pelos alemães, com tubos de inflamáveis e bombas de tempo, que deveriam explodir treze horas mais tarde. A descoberta das minas poupou muitas vidas.

Mrs. E. A. Cannock, conhecida clarividente londrina, descreve (9)

9. "Light", 1919, página 215.

numa reunião espírita como muitos soldados mortos adotaram um método novo e convincente para se identificarem. Os soldados, na visão da clarividente, avançaram em fila indiana pela nave de uma igreja comandados por um tenente. Cada homem tinha uma espécie de placa no peito, na qual estavam escritos o nome e o lugar onde tinham vivido na Terra. Mrs. Cannock foi capaz de ler os nomes e a descrição, e todos foram identificados por vários membros da assistência. Circunstância curiosa era que, quando um era reconhecido, desaparecia para dar lugar ao seguinte na fila.

Como tipo de outras histórias da mesma natureza podemos citar o caso descrito em "Telepathy from the Battle.front" (10).

10. "Telepatia da linha de frente". — N. do T.

A 4 de novembro de 1914 Mrs. Fussey, de Wimbledon, cujo filho "Tab" estava servindo na França no 9º de Lanceiros, estava sentada em casa quando sentiu no braço a dor aguda de um ferimento. Pulou da cadeira e exclamou: "Engraçado!" e esfregou o lugar. Seu marido também examinou o seu braço mas. nenhum vestígio encontrou. Mrs. Fussey continuou a

sentir a dor e exclamou: "Tab está ferido no braço. Bem sei". Na segunda-feira seguinte veio uma carta do Sub-oficial Fussey, dizendo que tinha recebido um tiro no braço e que se achava num hospital (11).

11. Light, 1914, página 595.

O caso coincide com experiências verificadas em muitos sensitivos que, por uma desconhecida lei de simpatia, sofreram choques simultaneamente com acidentes ocorridos em amigos, e até em estranhos, que estavam distantes.

Em muitos casos, soldados mortos têm-se manifestado na fotografia espírita. Um dos mais notáveis exemplos ocorreu em Londres, no Dia do Armistício, a 11 de novembro de 1922, quando a médium, Mrs. Deane, em presença de Miss Estelle Stead, tirou uma fotografia da multidão em Whitehall, nas proximidades do Cenotáfio. Foi durante os dois minutos de silêncio, e na fotografia vê-se um grande círculo de luz, no meio do qual estão duas ou três dúzias de cabeças, muitas das quais foram repetidas nos anos seguintes e, a despeito dos incessantes e maliciosos ataques à médium e ao seu trabalho, os que tiveram a melhor oportunidade de a controlar, não têm dúvidas do caráter supranormal das fotografias.

Devemos contentar-nos com mais um caso típico de centenas de resultados. Mr. R. S. Hipwood, 174, Cleveland Road, Sunderland, escreve (12).

12. "The Case for Spirit Photography", by Sir A. Conan Doyle, página 108.

"Perdemos nosso único filho na França a 27 de agôsto de 1918. Sendo um bom fotógrafo amador, tinha curiosidade pelas fotografias tiradas no Crewe Circle. Tomamos nossa própria chapa, meti-a eu mesmo no caixilho e escrevi o meu nome. Fiz duas exposições na máquina e obtivemos uma fotografia bem reconhecível. Até meu neto de nove anos pôde dizer quem era o extra, sem que ninguém lhe houvesse falado. Tendo um conhecimento completo de fotografia, posso garantir a veracidade da fotografia em todos os seus detalhes. Declaro que a fotografia que vos remeto é um retrato comum meu e de Mrs. Hipwood, com um extra de meu filho, R. W. Hipwood, 13º Regimento Welsh, morto na França, no grande avanço de agosto de 1918. Apresento aos nossos amigos em Crewe a

nossa ilimitada confiança em seu trabalho."

Nos inúmeros casos registrados de volta de soldados mortos, o seguinte se destaca porque os detalhes foram recebidos de duas fontes diversas. É contado por M. W. T. Waters (13),

13. Light, Dezembro, 20, 1919, página 407.

de Tunbridge Wells, que se diz apenas um novato no estudo do Espiritismo.

"Em julho último fiz uma sessão com Mr. J. J. Vango, no curso da qual o guia me disse subitamente que estava de pé, ao meu lado, um jovem soldado ansioso por que eu transmitisse uma mensagem à sua mãe e sua irmã, que moravam na cidade. Respondi que não conhecia nenhum soldado perto de mim e que tivesse morrido. Contudo o camarada não queria sair; e, como meus amigos parece que se afastaram para que êle falasse, prometi satisfazer os seus desejos.

Procurei cumprir a minha promessa, mas sabendo que a sua gente era do partido da Igreja e, mais provavelmente, não acreditaria, fiquei pensando em como levar o recado, pois sentia que êles iriam pensar que a minha perda tinha afetado o meu cérebro. Arrisquei-me a me aproximar de sua tia, mas o que lhe disse apenas recebeu esta resposta: "Não pode ser." Então resolvi esperar uma oportunidade de falar diretamente à sua mãe.

Antes que se apresentasse a esperada oportunidade, uma môça da cidade, que havia perdido a mãe dois anos antes, ouvindo de minha filha que eu investigava êsse assunto, visitou-me e eu lhe emprestei livros. Um dêsses livros é "Rupert Lives", com o qual ela ficou muito chocada e eventualmente arranjou uma sessão com Miss McCreadie, através de quem recebeu um testemunho convincente, tornando-se uma crente convicta. Durante a sessão, o moço soldado que veio a mim, lá foi ter também. Repetiu a mesma descrição que eu tinha recebido e acrescentou o seu nome — Charlie — e lhe pediu que desse o recado à sua mãe e sua irmã — a mesmíssima mensagem que eu deixara de entregar. Estava tão ansioso pela coisa que, ao terminar a sessão voltou e implorou que ela não lhe faltasse.

Agora, êstes fatos se passaram em datas diferentes — julho e setembro — exatamente a mesma mensagem foi dada através

de médiuns diferentes e diferentes pessoas, e ainda há quem diga que isso é um mito e que os médiuns apenas têm os nossos pensamentos.

"Quando a minha amiga me contou a sua experiência imediatamente lhe pedi que fôsse comigo à mãe do rapaz e tenho a satisfação de verificar que essa dupla mensagem as convenceu a ambas, mãe e filha, e que a tia do rapaz está quase convencida da verdade, se é que não o está completamente."

Sir William Barret (14)

14. "On the Threshold of the Unseen", página 184.

registra essa comunicação probante, que foi recebida em Dublin, através da prancheta, com Mrs. Travers Smith, filha do falecido Professor Edward Dowden. Sua amiga, Miss C., que é mencionada, era filha de um médico. Sir William chama a êste "O Caso do Alfinête de Pérola".

Miss C., assistente, tinha um primo, oficial do nosso exército na França, o qual fôra morto numa batalha, um mês antes da sessão. Ela o sabia. Um dia em que o nome de seu primo tinha sido deletreado inesperadamente numa sessão de prancheta e o nome dela dado em resposta à pergunta "Sabe quem sou eu?", veio a seguinte mensagem.

"Diga a mamãe que dê um alfinete de pérola à môça com quem eu ia casar-me. Penso que ela deve ficar com êle." Quando perguntaram o nome e o endereço da môça, êstes foram dados. O nome deletreado compreendia o seu nome de batismo, o sobrenome, que era muito pouco comum e desconhecido de ambos os assistentes. O enderêço dado em Londres era fictício ou captado incorretamente, pois uma carta para lá enviada foi devolvida. Então pensou-se que tôda a mensagem fôsse fictícia.

Seis meses depois, entretanto, foi descoberto que o oficial tinha ficado noivo, pouco antes de ir para a frente, exatamente da môça cujo nome fôra dado. Entretanto não tinha dito isso a ninguém. Nem sua prima, nem sua família na Irlanda sabiam do fato, nem tinham jamais visto a môça ou ouvido falar em seu nome até que o Ministério da Guerra mandou os objetos do morto. Então verificaram que êle havia pôsto o nome da? môça com seu testamento, como sua parenta mais próxima — e tanto o prenome quanto o nome eram precisamente aquêles dados na sessão; e o que é igualmente notável, é que o alfinête de

pérola foi achado entre os seus objetos.

Ambas as senhoras assinaram um documento que me enviaram, afirmando a exatidão do relato. A mensagem foi gravada na ocasião e não escrita de memória depois de obtida a confirmação. Aqui não poderia haver a explicação da memória subliminal, telepatia ou coincidência e a evidência indica, sem sombra de dúvida, como mensagem telepática do oficial morto."

Descreve o Reverendo G. Owen (15)

15. "Facts and Future Life", (1922, páginas 53-54).

a volta de George Leaf, um de seus colegas do Curso de Bíblia, em Oxford, Warrington, que entrou para a R.A.F. e morreu na Grande Guerra:

"Algumas semanas depois sua mãe estava limpando o ladrilho da lareira, na sala de estar. Estava ajoelhada diante da grelha quando sentiu um impulso para se virar e olhar a porta que se abrira na entrada. Voltou-se e viu seu filho, vestido com roupas de trabalho, exatamente como costumava voltar para casa todas as tardes, quando vivo. Tirou o casaco e pendurou-o na porta, como era velho hábito familiar. Então virou-se para ela, moveu a cabeça e sorriu; marchou para a cozinha, onde tinha o hábito de se lavar, antes do jantar.

Tudo era muito natural e vívido. Ela reconheceu que era o seu filho morto, que tinha vindo para lhe mostrar que estava vivo no mundo dos Espíritos e vivendo uma vida natural, bem, feliz e contente. Também aquêle sorriso de amor lhe disse que seu coração ainda estava com os velhos em casa. Ela é uma criatura sensível e não duvida da história um instante.

Aliás, desde a morte do filho tem sido vista na Igreja de Orford, que êle costumava freqüentar e tem sido visto em vários outros lugares."

Há muitos exemplos de visses de soldados, coincidentes com a sua morte. Nos "Dreams and Visions of the War", de Rosa Stuart, encontra-se êste caso:

"Uma história muito tocante me foi contada por uma senhora de Bournemouth. Seu marido. sargento nos Devons, foi para a França a 25 de julho de 1915. Ela havia recebido cartas suas regularmente, tôdas muito felizes e amáveis, de modo que ela começou a ficar com a mente calma a seu respeito, sentindo que se qualquer perigo o ameaçasse êle se sairia bem.

Na noite de 25 de setembro de 1915, cêrca de dez horas, achava-se sentada na cama, em seu quarto, conversando com outra môça, que morava com ela. A luz estava acesa e nenhuma delas pensava em ir para a cama, tão absorvidas estavam na conversa sôbre os fatos do dia e da guerra.

Sübitamente houve um silêncio. A espôsa parou de súbito, no meio de uma frase e sentou-se, olhando fixamnente no espaço.

Diante delas, fardado, estava o seu marido! Durante dois ou três minutos assim ficou, olhando para êle, e ficou chocada pela expressão de tristeza de seus olhos. Levantando-se rapidamente avançou para o lugar onde êle estava, mas lá chegando a visão tinha desaparecido.

Con quanto naquela manhã tivesse recebido uma carta dizendo que êle se achava são e bom, teve a certeza de que a visão era de mau augúrio. Tinha razão. Pouco depois recebia uma carta do Ministério da Guerra, dizendo que êle tinha sido morto em combate em Laos, a 25 de setembro de 1915, na mesma data em que lhe parecera tê-lo visto ao lado de sua cama."

Um lado místico mais profundo das visões da Grande Guerra gira em tôrno dos "Anjos de Mons". Mr. Arthur Machen, conhecido jornalista londrino, escreveu uma história, dizendo como os arqueiros inglêses do campo de Agincourt tinham interferido durante a terrível retirada de Mons. Mas confessou depois que havia inventado o incidente. Mas aqui, como tantas vêzes antes, a verdade provou que a ficção era um fato, ou pelo menos que fatos da mesma ordem eram contados por muitas testemunhas fidedignas. Mr. Harold Begbie publicou um livrinho, "On the Side of the Angels", dando muitas provas e Mr. Ralph Shirley, editor da Occult Review, de Londres, o seguiu com "The Angel Warriors at Mons", reforçando o testemunho de Mr. Begbie.

Respondendo a Mr. Machen no jornal Londrino Evening News, de 14 de setembro de 1915, um oficial britânico diz que estava lutando em Le Cateau, a 26 de agôsto de 1914, e que sua divisão se retirava e marchava durante a noite de 26 e durante o dia 27. E diz:

"Na noite de 27 eu cavalgava ao lado da coluna, com dois outros oficiais. Tinha estado falando e fazendo o possível para não dormir montado.

Enquanto marchávamos, tive consciência de um fato: no bosque, de ambos os lados da estrada, por onde

marchávamos, eu via um grande corpo de cavaleiros. Êsses cavalarianos tinham a aparência de esquadrões de cavalaria e pareciam andar dentro do bosque, na mesma direção que nós e se mantendo em linha conosco.

A noite não era muito escura e imaginei que via muito distintamente os cavalarianos.

A princípio não disse uma palavra, mas os observei durante uns vinte minutos. Os outros dois oficiais tinham parado de falar.

Por fim um dêles me perguntou se eu havia visto alguma coisa no bosque. Então lhe disse o que tinha visto. O terceiro oficial também confessou que tinha observado aquêles homens nos últimos vinte minutos.

Tão convencidos estávamos de que eram realmente cavalarianos que na parada seguinte um dos oficiais tomou uma patrulha de reconhecimento e lá não encontrou ninguém. Então a noite se tornou mais escura e nada mais vi.

O mesmo fenômeno foi observado por muitos homens da coluna. Aliás, nós estávamos cansadíssimos e sobrecarregados, mas é uma coisa extraordinária que o mesmo fenômeno tivesse sido observado por tanta gente.

Eu mesmo estou absolutamente convencido que vi êsses cavalarianos; tenho certeza de que não existem apenas na minha imaginação. Não tento explicar o mistério — apenas verifico os fatos."

A prova parece boa e ainda se deve admitir que no esfôrço e na tensão da grande retirada a mente dos homens não estava nas melhores condições para suportar provas. Por outro lado é nesses momentos de dificuldades que as fôrças psíquicas do homem geralmente estão mais ativas.

Um profundo aspecto da Guerra Mundial está envolvido na consideração de que a guerra na Terra é apenas um aspecto das batalhas invisíveis em planos mais altos onde se chocam os poderes do Bem e do Mal. O finado A. S. Sinnett, eminente teosofista, aborda essa questão num artigo sob o título de "Super-Physical Aspects of the War" (16).

16. The Occult Revew, Dezembro 1914, página 346.

Não podemos aqui entrar no assunto, salvo para dizer que há provas de muitas fontes a indicar que Mr. Sinnet fala de coisas que se baseiam em fatos.

Um considerável número de livros e um muito maior de ma-

nuscritos registram as supostas experiências dos que morreram na guerra, que, aliás, não diferem de modo algum da dos que morreram em outras ocasiões, mas se tornam mais dramáticas, dada a ocasião histórica. O maior dêsses livros é "Raymond". Sir Oliver Lodge é um cientista tão famoso e um pensador tão profundo que a sua corajosa e franca confissão produziu uma grande impressão sobre o público. O livro apareceu últimamente em forma condensada, e parece que fica por muitos anos como um clássico do assunto. Outros livros da mesma classe, todos corroborativos dos principais detalhes são "The Case of Lester Coltman", "ClaudÉs Book", "Rupert Lives", "Grenadier Rolf", "Private Dowding" e outros. Todos pintam a sorte da vida do além, que é descrita no capítulo seguinte.

24
Aspecto Religioso do Espiritismo

O ESPIRITISMO é um sistema de pensamento e de conhecimento que se pode conciliar com qualquer religião. Os fatos básicos são a continuidade da personalidade e o poder de comunicação após a morte. Estes dois fatos básicos são de tão grande importância para um brâmane, um maometano ou um parse, quanto para um cristão. Assim, o Espiritismo faz um apêlo universal. Há apenas uma escola de pensamento com a qual é absolutamente irreconciliável: é a escola do materialismo, que sustenta o mundo em suas garras no presente e é a causa fundamental dos nossos infortúnios. Portanto a compreensão e a aceitação do Espiritismo são essenciais a salvação da humanidade, que de outro modo está fadada a descer cada vez mais no puro utilitarismo e no ponto de vista egoísta do universo. O estado tipicamente materialista foi a Alemanha de pré-guerra, mas cada um dos outros modernos estados é do mesmo tipo, senão do mesmo grau.

Perguntarão por que não seriam as velhas religiões suficientemente fortes. para recolher o mundo de sua degradação espiritual? A resposta é que tôdas tentaram mas tôdas falharam.

As Igrejas que as representam tornaram-se, até o extremo, formais, mundanas e materiais. Perderam todo o contacto com os fatos vivos do Espírito, e se contentam a tudo referir ao passado e a fazer um serviço de preces e de culto externo num sistema tão antiquado e tão misturado com incríveis teologias que a mente honesta sente náuseas só em pensar. Nenhuma classe se mostra mais céptica e incrédula das modernas manifestações espíritas do que aquêle próprio clero que professa a crença em ocorrências similares nos tempos passados; e a recusa de aceitá-las agora é a medida da sinceridade de sua profissão.

Tanto abusaram da fé que esta se tornou impossível para muitas mentes honestas, que pedem provas e conhecimento. É o que o Espiritismo fornece. Êle baseia a nossa crença na vida depois da morte e na existência de mundos invisíveis — e não sôbre a velha tradição ou sôbre vagas intuições, mas sôbre fatos provados, de modo que uma ciência da religião deve ser constituída, para dar ao homem um caminho seguro através do pantanal dos credos.

Quando afirmamos que o Espiritismo pode conciliar-se com

qualquer religião não queremos dizer que tôdas as religiões tenham o mesmo valor, ou que o ensino do Espiritismo por si só não possa ser melhor do que o Espiritismo misturado com qualquer outro credo.

Pessoalmente, o autor pensa que o Espiritismo sozinho satisfaz a tôdas as necessidades do homem; mas verifica que muitos homens de alto espírito, que foram incapazes de se desvencilharem de velhas convicções, também foram capazes de aceitar a nova verdade sem se desfazerem das velhas crenças. Mas se alguém tivesse como guia apenas o Espiritismo, não se encontraria numa posição oposta ao Cristianismo essencial, mas sim numa posição explanatória. Ambos reconhecem que o post-mortem é influenciado no seu progresso e na sua felicidade pela conduta aqui. Ambos. professam a crença na existência de um mundo de Espíritos, bons e maus, que o Cristão chama anjos e demônios e que o Espiritismo chama de guias, contrôles e Espíritos atrasados. Ambos acreditam, em geral, nas mesmas virtudes, no desinterêsse, na bondade, na pureza, na honestidade, que marcam um nobre caráter. Enquanto os espírítas consideram o fanatismo como uma séria ofensa, êle é acoroçoado pela maioria das seitas cristãs. Para os Espíritas todo caminho de elevação é recomendável e êles reconhecem plenamente que em todos os credos existem almas santas e altamente desenvolvidas, que receberam por intuição tudo quanto o espírita pode dar por ensino especial. A missão do espírita não é junto a êstes. Sua missão é junto àqueles que abertamente se declaram agnósticos, ou junto a outros, mais perigosos, que professam alguma forma de credo, mas nem têm idéias, nem são agnósticos sinceros.

Do ponto de vista do autor, o homem que recebeu o grande benefício da nova revelação é aquêle que diligentemente procurou tôda a escala das crenças e as achou tôdas igualmente vastas. Então se encontra no Vale da Escuridão, com a Morte, no fim, à espera de nada mais que deveres comuns e normais como sua religião ativa. Essa condição produz muitos homens de mérito, da estirpe estóica, mas não os conduz à felicidade. Então vem a prova positiva da existência independente, por vêzes súbita, por vêzes em convicção lenta. A nuvem se foi para o fim de seu horizonte. Já não mais se acha no vale, mas sôbre uma elevação, lobrigando uma série de elevações, cada qual mais bela que a anterior. Onde antes havia treva, existe agora a claridade. O dia dessa

revelação tornou-se o dia de glória de sua vida.

Contemplando a excelsa hierarquia de sêres espirituais que lhe são superiores, o Espírita imagina de tempos em tempos que um outro grande arcanjo virá visitar a humanidade com uma missão de ensino e de esperança. Até a humilde Katie King, com a sua mensagem de humildade, dada a um grande cientista, era um anjo das alturas. Francisco de Assis, Joana DArc, Maomé, Bab-ud-Din e todo verdadeiro chefe religioso da História se encontram entre êsses arcanjos. Mas acima de todos, de acôrdo com o nosso julgamento de ocidentais, estava Jesus, filho de um artesão judeu, a quem chamamos O Cristo. Não é para os nossos cérebros de mosquitos dizer qual o grau de divindade que havia nêle, mas na verdade podemos dizer que Êle certamente estava mais próximo de Deus do que nós, e que o Seu ensino, de acôrdo com o qual o mundo ainda não agiu, é o mais altruísta, misericordioso e belo de quantos temos conhecimento, a não ser aquêle de seu santo companheiro Buddha, que também foi um mensageiro de Deus, mas cujo credo é antes para as mentes orientais do que para as européias.

Quando, porém, lançamos o olhar sôbre a mensagem do nosso inspirado Mestre, verificamos que há pouca relação entre os Seus preceitos e os dogmas e a ação de Seus atuais discípulos. Vemos também que muito daquilo que Êle ensinou naturalmente se perdeu, e que, para encontrar essa porção perdida, que não se achava escrita nos Evangelhos, temos que examinar as práticas da Igreja Primitiva, que era guiada por aquêles que com Êle tinham estado em íntimo contacto. Êsse exame mostra que tudo quanto chamamos de Espiritismo Moderno parece ter sido familiar ao grupo do Cristo, que os dons do Espírito, exaltados por São Paulo, são exatamente os que exibem os nossos médiuns e que aquelas maravilhas que deram a convicção da realidade de um outro mundo à gente daqueles dias agora podem ser apreciadas e deveriam agora ter um efeito semelhante, se mais uma vez os homens procurassem a certeza sôbre êsse problema vital. Êste assunto terá uma referência ligeira, bastando dizer que, longe de ter vagado pela ortodoxia, há boas razões para pensar que o espírita humilde e não dogmático, com as diretas mensagens espíritas, com a sua comunicação com os santos, e com a sua associação com aquêle alto ensino que foi chamado Espírito Santo, está mais próximo do Cristianismo primitivo do que qualquer outra seita existente.

É muito interessante ler os primeiros documentos da Igreja e, principalmente, os escritos dos chamados Pais da Igreja e ver o ensino espírita e a prática espírita em voga naqueles dias.

Os primeiros cristãos viviam em íntimo e familiar contacto com os invisíveis, e sua absoluta fé e constância se baseavam num pessoal conhecimento positivo que cada um havia adquirido. Sabiam, não como especulação, mas como um fato absoluto, que a morte não significa mais que a passagem para uma vida mais ampla, que deveria ser chamada mais propriamente nascimento. Então não a temeriam absolutamente e a achariam antes como o Doutor Hodgson, quando exclamou: "Oh! como me custa a espera!" Tal atitude não afetou o seu trabalho e o seu valor neste mundo, o que é atestado pelos seus próprios inimigos. Se, nos dias que correm, os habitantes de terras. distantes se mostram ainda piores quando convertidos ao Cristianismo, é porque o Cristianismo que abraçaram perdeu todo o poder e virtude que existia no primitivo.

Além dos primeiros Pais da Igreja, temos provas dos sentimentos dos primeiros cristãos nas inscrições das catacumbas. Um livro interessante sôbre os cristãos primitivos de Roma, escrito pelo Reverendo Spencer Jones, Deão de Gloucester, trata parcialmente dêsses estranhos e patéticos registros. Tais inscrições têm a vantagem sôbre tôdas as nossas provas documentárias de que não foram esquecidas e que não há possibilidade de interpolação.

Depois de ler centenas delas, diz o Doutor Jones: "Os primeiros cristãos falam da morte como se ainda estivessem vivos. Falam aos seus mortos." Eis o ponto de vista atual dos espíritas — um ponto de vista de há muito perdido pelas Igrejas. Os túmulos dos primitivos cristãos apresentam um estranho contraste com os dos pagãos que os cercam. Êstes sempre se referem à morte como uma coisa final, terrível e irrevogável. "Fuisti Vale!" resume os seus sentimentos. Por outro lado, os cristãos se referiam sempre à feliz continuação da vida. "Agape, viverás para sempre!" ou "Victorina está em paz e em Cristo!" ou ainda, "Que Deus renove o teu Espírito!" e "Vive em Deus". Essas inscrições bastam para mostrar que um ponto de vista sobre a morte, novo e infinitamente consolador, tinha sido alcançado pela humanidade.

É de notar-se, ainda, que as. catacumbas são uma prova da simplicidade dos primeiros cristãos, antes que ficassem incrustadas com tôda sorte de definições complexas e de

abstrações, que se espalharam do pensamento grego e bizantino e produziram grandes males no mundo. Um símbolo que predomina nas catacumbas é o Bom Pastor — a delicada idéia de um homem carregando um pobre cordeirinho. A gente pode perquirir as catacumbas dos primeiros séculos e nos milhares de dispositivos nada se encontra de um sacrifício cruento nem de um nascimento de virgem. Encontrar-se-á o Bom Pastor, a âncora da esperança, a palma do martírio, e o peixe que era o anagrama do nome de Jesus (1).

1. Peixe em grego é ICHTHOS. Sabendo que o CH e o TH eram sinais simples, temos um anagrama: IESUS — CRISTOS — THEOU — UIOS — SOTEROS, que quer dizer: Jesus Cristo, filho de Deus, Salvador. — N. do T.

Tudo indica uma religião simples. O Cristianismo era melhor quando se achava nas mãos dos humildes. Foram os ricos, os poderosos, os instruídos que o degradaram, que o complicaram, que o arruinaram.

Não é possível, entretanto, tirar nenhuma inferência psíquica das inscrições e desenhos das Catacumbas. Para isto devemos voltar aos Pais pré-nicenos, onde encontramos tantas referências que seria fácil compilar um pequeno livro que não contivesse mais que isso.

Temos, porém, que afinar os nossos pensamentos e as nossas palavras pelas suas, a fim de lhes aprendermos a inteira significação. Profecia, por exemplo, chamamos mediunidade, e um Anjo se transforma num Espírito elevado ou Guia. Tomemos a esmo alguns exemplos.

Na sua "De cura pro Mortuis", diz Santo Agostinho: "Os Espíritos dos mortos podem ser mandados aos vivos, aos quais podem desvendar o futuro, que ficaram conhecendo por outros Espíritos ou pelos Anjos" (isto é, pelos guias espirituais) "ou pela revelação divina". Isto é puro Espiritismo, exatamente como o conhecemos e definimos. Agostinho não teria falado nisso com tanta segurança nem com tanta justeza de definições se não tivesse tido o seu conhecimento familiar. Não há o menor indício de que isso fôsse ilícito.

Ele volta ao assunto na sua "A Cidade de Deus", onde se refere a práticas que permitem que o corpo etéreo de uma pessoa se comunique com os Espíritos e com os guias mais elevados e tenha visões. Aliás, essas pessoas eram médiuns — nome que apenas significa intermediário entre organismos

encarnados e desencarnados.

São Clemente de Alexandria faz semelhantes alusões, como também São Jerônimo, em sua controvérsia com o gaulês Vigilantius (2).

2. Vigilantius foi o fundador de uma seita que proscrevia as relíquias, bem como a vida monástica, o celibato dos sacerdotes.

É do século 4 e representa a primeira reação do espírito gaulês, contra os abusos da Igreja Romana. —N. do T.

Êste, porém, aparece em data posterior ao Concílio de Nicéia.

Hermas, figura mais ou menos apagada, que se diz ter sido amigo de São Paulo e discípulo direto dos apóstolos, é tido como o autor do livro "O Pastor". Seja ou não apócrif a a autoria, o que é certo é que o livro foi escrito por alguém dos primeiros séculos do Cristianismo e, assim, representa as idéias predominantes. Diz êle: "O Espírito não responde a tôdas as perguntas nem a qualquer pessoa particular, porque o Espírito que vem de Deus não fala ao homem quando êste quer, mas quando Deus o permite. Assim, quando um homem que tem um Espírito de Deus" (isto é, um contrôle) "vem a uma assembléia de fiéis e quando foi feita uma prece, o Espírito enche êsse homem, que fala como Deus quer".

Isto descreve com exatidão a nossa própria experiência psíquica, quando as sessões são bem dirigidas. Não invocamos Espíritos, como o afirmam de contínuo os críticos ignorantes e não sabemos o que virá. Mas pedimos, usando a expressão Pai Nosso, como uma regra, e aguardamos os acontecimentos. Então vem o Espírito que é escolhido e mandado e nos fala ou escreve através do médium. Como Agostinho, Hermas não teria falado com tanta precisão, se não tivesse experiência pessoal do processo.

Orígenes faz muitas alusões ao conhecimento psíquico. É curioso comparar a crassa ignorância dos nossos atuais dirigentes espíritas com a sabedoria dos antigos. Muitas citações poderiam ser feitas; basta, porém, uma curta, tomada da sua controvérsia com Celsus.

"Muita gente abraçou a fé cristã, a des peito de tudo, porque seus corações foram mudados subitamente por algum Espírito, quer em aparição, quer em sonho."

Exatamente dessa maneira dirigentes materialistas, a começar pelo Doutor Elliotson, mudaram de idéia quanto à vida

futura e quanto à sua relação com esta vida, pelo estudo dos fatos psíquicos.

Os primeiros Pais da Igreja é que são mais definidos neste particular, pois estavam mais perto da grande fonte psíquica. Assim, Irineu e Tertuliano, que viveram no fim do segundo século, estão cheios de alusões aos sinais psíquicos, enquanto Eusébio, escrevendo depois, verifica a sua escassez e lamenta que a Igreja se tenha tornado indigna dêles.

Escreveu Irineu: "Ouvimos que muitos irmãos na Igreja possuem dons proféticos" (isto é, mediúnicos) "e falam, através do Espírito, diversas línguas e revelam, no interêsse geral, coisas ocultas aos homens, explicando os mistérios de Deus". Nenhuma passagem poderia descrever melhor as funções de um médium de alta classe.

Quando Tertuliano teve a sua grande controvérsia com Márcio, tomou os dons mediúnicos para um teste da verdade entre os dois contendores. Proclamou que êstes se materializavam em maior profusão do seu lado, e entre essas manifestações inclui a fala em transe, a profecia e a revelação de coisas secretas. Assim, coisas que agora são ridicularizadas ou condenadas por tantos padres, no ano 200 eram a pedra de toque do Cristianismo.

Também diz Tertuliano em seu De Anima: "Temos hoje entre nós uma irmã que da natureza recebeu os dons da revelação que ela exerce em Espírito na Igreja, entre os ritos de "Dia do Senhor", caindo em êxtase. Conversa com os anjos" (isto é, com Espíritos elevados) "vê e ouve mistérios e lê os corações de certas pessoas, curando os que o pedem. Entre outras coisas, disse ela, me foi mostrada uma alma, em forma corpórea, e parecia um Espírito, mas não um vazio ou uma coisa vaga. Pelo contrário, parecia que podia ser tocada, era macia, luminosa, da côr do ar e de forma humana em todos os detalhes."

Uma mina de informações sôbre os pontos de vista dos cristãos primitivos é encontrada nas "Constituições Apostólicas". É verdade que não são apostólicas, mas Whiston, Krabbe e Bunsen concordam que pelo menos sete dos oito livros são autênticos documentos pré-nicenos, provàvelmente do comêço do terceiro século. Seu estudo revela fatos curiosos. O incenso e as lâmpadas votivas eram usados em seus serviços, assim justificando as atuais práticas católicas. Por outro lado, os bispos e os sacerdotes dotes eram casados. Havia um elaborado sistema de represálias contra

quem quer que transgredisse as regras da Igreja. Se um clérigo comprasse um bem era cortado, bem como qualquer homem que obtivesse posição eclesiástica pela proteção mundana. Não havia cogitação de um Bispo superior ou Papa. O vegetarianismo e a completa abstinência de vinho eram proibidos e castigados. Essa última lei muito interessante provàvelmente nasceu de uma reação contra alguma heresia que impunha a ambas. Um clérigo apanhado numa taverna era suspenso. O clero devia comer carne sem sangue, à maneira judaica. O jejum era freqüente e rigoroso — um dia por semana (ao que parece nas sextas-feiras) e quarenta dias na quaresma.

Entretanto, é discutindo êsses dons ou variadas formas de mediunidade que êsses documentos derramam luz sôbre os assuntos psíquicos. Então, como agora, a mediunidade tomava diversas formas, como o dom das línguas, o poder curador, a profecia e outras. Diz Harnack que em cada Igreja Cristã primitiva havia três mulheres superiores: uma para curas e duas para profecias. Tudo isso é livremente discutido nas "Constituições". Parece que aquêles que tinham dons se consideravam superiores aos outros; então eram advertidos de que um homem pode ter dons sem possuir grandes virtudes, de modo que é espiritualmente inferior a muitos que não possuem dons.

Como no Espiritismo moderno, o objetivo dos fenômenos éa conversão dos descrentes e não um entretenimento dos ortodoxos. "Não são para as vantagens dos que os realizam, mas para a convicção dos descrentes; para aqueles a quem uma palavra não persuada, mas a fôrça dos sinais pode envergonhar, pois os sinais não são para os que acreditam, mas para os descrentes, tanto judeus, quanto gentios" (Constituições, Livro 8º, Seção 1).

Depois os vários dons, que em geral correspondem às nossas diferentes formas de mediunidade, são apresentados como segue:

"Portanto, ninguém que produz sinais e maravilhas julgue fiel a quem não é considerado como tal. Porque os dons de Deus que são concedidos através de Cristo são vários e uns recebem êstes, outros recebem aquêles. Porque talvez êste receba a palavra de sabedoria" (fala em transe) "e aquêle a palavra do conhecimento" (inspiração); "uns distinguem os Espíritos" (clarividência), "outros o conhecimento antecipado de coisas vindouras, outros a palavra de ensino" (encorporação de Espíritos) "enfim outros um longo

sofrimento." Todos os nossos médiuns necessitam dêsses dons.

Bem se pode perguntar onde, fora do Espiritismo, se acham êsses dons ou essas observâncias? em que Igrejas que se dizem ramos dêsse velho tronco?

Continuamente são observadas altas presenças espirituais. Assim, na "Ordenação dos Bispos" encontramos: "O Espírito Santo também presente, do mesmo modo que os santos e os Espíritos oliciantes". Em conjunto, entretanto, eu diria que temos agora maior soma de fatos espíritas do que os autores das "Constituições" e que provàvelmente êsses documentos representam um declínio daquela íntima "Comunhão de Santos" que existia no primeiro século. Há razões para pensar que a fôrça psíquica não seja fixa: que venha em ondas de alta e baixa maré. Presentemente estamos em maré montante, mas não sabemos quanto tempo durara.

Pode dizer-se razoàvelmente que, desde que o conhecimento dos fatos relacionados com a história da Igreja primitiva é tão limitado, talvez se pudesse entrar em contacto com alguma Inteligência elevada que tivesse tomado parte naqueles acontecimentos, assim oferecendo uma suplementação às nossas escassas fontes de informações. Isto atualmente tem sido feito em várias mensagens inspiradas e ainda quando as provas dêste livro estavam sendo corrigidas houve um interessante desenvolvimento que torna claro para todo o mundo quanto deve ser estreita a conexão entre as comunicações com o outro mundo e a religião. Duas longas mensagens apareceram recentemente, pela mão de uma médium semiconsciente, Miss Cummins, mensagem esta que foi dada na velocidade de duas mil palavras por hora. A primeira é tomada como um relato da missão de Cristo, do evangelista Felipe, e a segunda é um suplemento dos Atos dos Apóstolos, que se supõe ditada por Cleofas, que ceou com o Cristo ressuscitado em Emaús. A primeira foi publicada (3)

3. "The Gospel of Philip the Evangelist".

e a segunda breve será dada ao público.

Até onde o autor pode saber, nenhuma crítica foi feita ao escrito de Felipe, mas a sua leitura cuidadosa o convenceu de que pela dignidade e pela fôrça ela merece ser aceita como tal, porque explica de modo claro e adequado muitos pontos que haviam intrigado os comentaristas. O caso do escrito de

Cleofas é, entretanto, ainda mais admirável, e o autor se inclina a aceitá-lo como o mais elevado documento e um dos mais evidentes sinais de origem supranormal em tôda a história do movimento. Êle foi submetido ao Doutor Oesterley, Capelão Examinador do Bispo de Londres, que é uma das maiores autoridades sôbre a história e a tradição da Igreja. ele declarou que aquêle documento apresenta todos os indícios de ser da mão de alguém que viveu naqueles dias e que se achava em íntimo contacto com o grupo apostólico. Muitos pontos sutis e de erudição podem ser observados, tais como o emprêgo do nome hebraico Hanan, como sendo o do Sumo Sacerdote, quando êste só é conhecido aos leitores da língua inglêsa através do seu equivalente grego Anuas. Êste é um entre os inúmeros pontos de corroboração, pràticamente acima da capacidade dos falsificadores. Entre outros pontos interessantes Cleofas descreve a festa de Pentecostes e declara que os Apóstolos se sentaram em círculo, com as mãos dadas, como lhes havia ensinado o Mestre. Na verdade seria interessante que a significação interna do Cristianismo, há tanto tempo perdida, fôsse agora descoberta mais uma vez, pelo culto ridicularizado e perseguido, cuja história é aqui registrada.

Êsses dois escritos representam, na opinião do autor, duas das mais convincentes provas da comunicação dos Espíritos jamais obtidas, do ponto de vista mental. Parece impossível explicá-los de outra maneira.

Tanto os Espíritas da Inglaterra quanto os dos outros países podem ser divididos em dois grupos: os que permanecem em suas respectivas Igrejas e os que formaram a sua própria Igreja. Estes últimos têm na Inglaterra cêrca de quatrocentos pontos de reunião, sob a direção geral da União Nacional Espírita. Há uma grande elasticidade quanto aos dogmas e, enquanto muitas das Igrejas são Unitárias, uma importante minoria delas são de linha cristã. Pode dizer-se que se acham em geral unidas dentro de sete princípios centrais, que são:

1. **A Paternidade de Deus.**
2. **A Fraternidade do Homem.**
3. **A Comunhão dos Santos e o Ministério dos Anjos.**
4. **A Sobrevivência humana à morte física.**
5. **A Responsabilidade Pessoal.**
6. **A Compensação ou retribuição pelo bem ou pelo mal feito.**
7. **O progresso eterno aberto a cada alma.**

Vê-se que todos êsses pontos são compatíveis com o Cristianismo comum, com exceção, talvez, do quinto. Os Espíritas consideram a vida terrena do Cristo e a sua morte como um exemplo antes que uma redenção. Cada um responde por seus pecados e ninguém subtrair-se-á à sua responsabilidade por um apêlo a algum sacrifício sacerdotal. Não é possível que o tirano ou o debochado pelo truque espiritual do falso arrependimento, escape ao justo castigo.

Um verdadeiro arrependimento o auxilia, mas a dívida será paga do mesmo modo. Ao mesmo tempo a misericórdia de Deus é maior do que o homem a imagina e tôdas as possíveis circunstâncias atenuantes de tentação, hereditariedade e meio ambiente serão devidamente consideradas antes que êle seja punido. Tal é, em poucas palavras, a posição das Igrejas Espíritas.

Em outro lugar (4)

4. "The New Revelation", páginas 67-9.

o autor mostrou que, conquanto a pesquisa psíquica, em si mesma, seja muito diversa da religião, as deduções que daí poderemos tirar e as lições que podemos aprender "Ensinam-nos a vida contínua da alma, a natureza dessa vida e como ela é influenciada por nossa conduta terrena. Se isto é diferente da religião, devo confessar que não entendo essa distinção. Para mim é religião — a sua mesma essência". O autor também falou do Espiritismo como uma grande fôrça unificadora, talvez a única coisa ligada a cada religião, cristã ou não. Enquanto o seu ensino modificaria profundamente o Cristianismo convencional, as modificações seriam antes no sentido da explanação e do desenvolvimento, do que da contradição. Também se referiu à nova revelação como absolutamente fatal para o materialismo.

Nessa época materialista deve dizer-se que, sem uma crença na sobrevivência do homem após a morte, a mensagem do Cristianismo cai, em grande parte, em ouvidos moucos. Em seu relatório presidencial à Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas (5),

5. Jornal, Am. SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Janeiro 1923.

o Doutor McDougall destaca a conexão entre o colapso da

religião e a propagação do materialismo. Diz êle:

"A menos que a Pesquisa Psíquica... possa descobrir fatos incompatíveiS com o materialismo, êste continuara a se espalhar. Nenhuma outra fôrça detê-lo-á; a religião revelada e a filosofia metafísica são igualmente inócuas à frente de sua maré montante. E se essa maré continua enchendo e avançando, como agora, todos os sinais indicam que será uma maré de destruição, que varrerá tôdas as árduas conquistas da humanidade, todas as tradições morais construídas pelos esforços de incontáveis gerações para o crescimento da verdade, da justiça e da caridade."

É, pois, importante procurar ver em que grau o Espiritismo e a pesquisa psíquica tendem a induzir ou a reforçar a crença religiosa.

Em primeiro lugar temos muitos testemunhos para a conversão de materialistas, através do Espiritismo, a uma crença no depois da morte, como, por exemplo, o Professor Robert Hare e o Professor Mapes, na América, o Doutor Alfred Russel Wallace, o Doutor Elliotson, o Doutor Sexton, Robert Blatchford, John Ruskin e Robert Owen, na Inglaterra. Muitos outros podem ser mencionados.

Se o Espiritismo fôsse devidamente compreendido, haveria poucas dúvidas a respeito de sua harmonia com a religião. A definição do Espiritismo, impressa em cada edição do jornal Light, órgão hebdomadário dos Espíritas de Londres, é a seguinte:

"Uma crença na existência e na vida do Espírito separado e independente do organismo material, e na realidade e no valor da inteligente comunicação entre os Espíritos encarnados e os desencarnados."

As duas crenças aí expressas são artigos da fé cristã.

Se, acima de tôdas as classes, uma há que deve ser capaz de falar com autoridade sôbre as tendências religiosas do Espiritismo, esta é o clero. Muitos dos mais progressistas têm externado seus pontos de vista sôbre o assunto em têrmos precisos. Examinemos os seus depoimentos:

O Reverendo H. R. Haweis, M. A., numa conferência feita a 20 de abril de 1900, na Aliança Espírita de Londres, disse que ali tinha vindo para dizer que nada via naquilo que acreditava fõsse o verdadeiro Espiritismo que fõsse de qualquer maneira contrário ao que êle crê que seja o verdadeiro Cristianismo. Na verdade, o Espiritismo se ajusta perfeitamente ao Cristianismo; parecia um legítimo desenvolvimento, e não uma contradição

— não um antagonista... A dívida do clero — se êle conhecesse o seu dever — para com o Espiritismo, era realmente muito grande. Em primeiro lugar, o Espiritismo havia reabilitado a Bíblia. Nem por um momento poderia ser negado que aquela fé e aquêle respeito pela Bíblia estavam morrendo, em conseqüência das crescentes dúvidas do povo em relação às partes miraculosas da Bíblia. Os, apologistas se curvavam inteiramente ante a beleza da doutrina cristã, mas não podiam engolir o elemento miraculoso do Velho Testamento, nem do Novo. Pediam-lhes que acreditassem nos milagres da Bíblia e, ao mesmo tempo, ensinavam que fora do que está na Bíblia, nada de supernatural poderia acontecer. Mas agora a coisa mudou. O povo agora acredita na Bíblia devido ao Espiritismo; não acreditava no Espiritismo por causa da Bíblia. Disse mais: que quando havia iniciado o seu ministério tinha tentado livrar-se dos milagres fora da Bíblia, explicando-os à parte. Mas depois achou que não os podia explicar fora das pesquisas de Crookes, de Flammarion, de Alfred Russel Wallace.

O Reverendo Arthur Chambers, outro vigário de Brockenhurst, Hants, fêz um valioso trabalho levando alguns homens a considerarem a sua vida espiritual, aqui e no além. Seu livro "Nossa Vida Após a Morte" chegou a cento e vinte edições. Numa conferência sôbre "O Espiritismo e a Luz que lança sôbre a verdade cristã", diz:

"Por sua persistente investigação dos fenômenos psíquicos, por sua aberta insistência de que as comunicações entre os dois mundos é atualmente um fato, o Espiritismo arrastou grandes massas de criaturas a realizar que "há mais coisas entre o céu e a terra do que antes pensaram em sua filosofia", e fêz que muitos, homens e mulheres, entendessem uma poderosa verdade tecida com a religião — uma verdade fundamental para uma correta compreensão de nosso lugar no grande universo — uma verdade a que a humanidade de todos os tempos se agarrou, a des peito do desdém dos incrédulos e da condenação dos professôres de religião. Vem-me à mente, em conclusão, o pensamento de uma maneira particular pela qual os ensinos espíritas ergueram as idéias religiosas da era que passa. Êle nos ajudou a formar uma idéia maior e mais verdadeira de Deus e de seus Desígnios."

Em outra brilhante passagem diz:

"Sim, o Espiritismo fêz muito, muitíssimo por uma compreensão melhor daqueles grandes fatos básicos que são inseparáveis do Evangelho de Jesus. Ajudou aos homens e

mulheres a ver com visão mais clara o Grande Espírito Pai — Deus, no qual vivemos, movemo-nos e temos o nosso ser, e aquêle vasto universo espiritual, do qual somos agora e já devemos constituir um elemento. Como Espírita cristão, tenho uma grande esperança — uma grande convicção do que será — isto é, que o Espiritismo, que tanto fêz pelo ensino cristão e, de um modo geral, pelo mundo, ajudando a afugentar o temor da morte, e auxiliando-nos a compreender aquilo que foi o ensino magnífico do Cristo, reconhecerá completamente aquilo que o Cristo representa, à luz das verdades espíritas."

Depois Mr. Chambers acrescentou que tinha recebido algumas centenas de cartas de tôdas as partes do mundo, de escritores que lhe exprimiam o alívio e o confôrto, assim como uma crença maior em Deus, que lhes tinha vindo pela leitura de seu livro "Nossa Vida Depois da Morte".

O Reverendo F. Fielding-Ould, M. A., Vigário da Igreja de Cristo, Regent's Park, Londres, é outro que proclama redondamente o bom trabalho feito pelo Espiritismo. Numa conferência a 21 de abril de 1921, sôbre "Relação entre o Espiritismo e o Cristianismo" diz êle:

"O mundo necessita de ensino espírita. O número de criaturas irreligiosas hoje em Londres é de causar espanto. Há um imenso número de criaturas de tôdas as classes sociais — e falo com experiência própria — absolutamente sem religião. Não foram, nunca vão à Igreja para o serviço comum, e em consciência e por hábito pensam que a morte é o fim. Nada existe além, a não ser um espêsso nevoeiro, no qual a sua imaginação é proibida de vagar. Podem dizer-se da Igreja da Inglaterra, da Romana, da Hebraica, mas são como garrafas vazias numa adega e que ainda conservam os rótulos de safras famosas."

E acrescenta:

"Não é raro que almas desesperadas e em luta sejam socorridas por meio do Espiritismo.

Não conhecemos tôdas as criaturas que haviam abandonado tôda crença e que voltaram por aquêle meio? Agnósticos que haviam perdido tôda a esperança em Deus e na imortalidade, a quem a religião parecia mera formalidade e um esqueleto e que finalmente voltaram-se contra o agnosticismo e o injuriaram em tôdas as suas manifestações. Então lhes veio o Espiritismo como uma aurora a um homem que passou a noite febril e sem sono. A princípio ficaram admirados e incrédulos, mas sua atenção se fixou: depois foram tocados no

coração. Deus tinha voltado às suas vidas e nada poderia exprimir a sua alegria e a sua gratidão".

O Reverendo Charles Tweedale, Vigário de Weston, Yorkshire, um homem que tem trabalhado heròicamente a sua causa, refere-se a um exame do Espiritismo pela Conferência dos Bispos, realizada em Lambeth Palace, de 5 de julho a 7 de agôsto de 1920; e, falando da moderna pesquisa psíquica, diz: (6)

6. Light, Outubro, 30, 1920.

"Enquanto o mundo, em geral, se encheu com ávido interêsse de despertamento, a Igreja, que pretende ser a guarda da verdade religiosa e espiritual, por mais estranho que pareça, até bem pouco tempo fêz ouvidos moucos a tôdas as modernas provas relativas á realidade daquele mundo espiritual cujo testemunho é o objeto principal de sua existência; e mesmo agora apenas dá fracos sinais de que se dá conta da importância que o assunto tem para ela...

Um importante sinal dos tempos foi a discussão dos fenômenos psíquicos na Conferência de Lambeth e a apresentação, pelo secretário, da minha brochura "Os Fenômenos Espíritas Atuais e as Igrejas", passando-a às mãos de todos os Bispos, com o consentimento do Arcebispo. Outro sinal significativo dos tempos é a escolha de Sir William Barrett para fazer uma conferência no Congresso das Igrejas, sôbre assuntos psíquicos."

O relatório dos Proceedings sôbre a Conferência de Lambeth, já mencionada, assim se refere à pesquisa psíquica:

"É possível que estejamos no limiar de uma nova ciência que, por outro método de trabalho, nos confirmará a crença em um mundo por detrás e acima do mundo que vemos e em algo dentro de nós, por meio do qual nos pomos em contacto. Jamais poderíamos imaginar em pôr um limite aos meios de que Deus se serve para trazer ao homem a realidade da vida espiritual."

Tendo feito suas declarações precavidas, o relatório salta para um lugar seguro, adicionando uma condicional:

"Mas nada existe no culto erguido a esta ciência que valorize; há, na verdade, muita coisa que obscurece a significação daquele outro mundo e as nossas relações com êle, como desdobradas no Evangelho do Cristo e no ensino da igreja, e que deprecia os meios que nos foram dados para

atingir e viver em camaradagem com aquêle mundo."

Sob o título de "Espiritismo", diz o relatório:

"Conquanto reconhecendo que os resultados de investigações tenham animado muita gente a descobrir uma significação espiritual e um objetivo na vida humana e os conduzido a pensar na sobrevivência á morte, graves perigos se vêem na tendência para transformar o Espiritismo numa religião. A prática do Espiritismo como um culto envolve a subordinação da inteligência e da vontade a fôrças desconhecidas ou a personalidades e, por isso mesmo, a uma abdicação do autocontrôle."

Um conhecido colaborador de Light, que usa o pseudônimo de Gerson, assim comenta a passagem acima:

"Sem dúvida, há um perigo na "subordinação da inteligência e da vontade a fôrças desconhecidas ou a personalidades", mas a prática das comunicações espíritas necessariamente não envolve, como parece que pensam os Bispos, uma tal subordinação.

Outro perigo, no seu modo de ver, é a "tendência para transformar o Espiritismo numa religião." Light e aquêles que se associam àsua atitude, jamais sentiram inclinação para isso. A possibilidade de comunicação espírita é um fato da natureza e não concordamos em elevar nenhum fato da natureza em religião. Ao mesmo tempo uma elevada forma de religião pode ser associada com um fato da natureza. O reconhecimento da beleza e da ordem no universo em si mesmo não constitui religião, mas pelo fato de inspirar reverência pela fonte daquela beleza e daquela ordem é um auxílio ao Espiritismo religioso."

No Congresso da Igreja inglesa em 1920, o Reverendo M. A. Bay. field leu um trabalho sôbre "A Ciência Psíquica, Aliada do Cristianismo", no curso do qual disse o seguinte:

"Muitos clérigos olham com suspeita a ciência psíquica e alguns com positivo antagonismo e alarme. Sob o seu nome popular o Espiritismo chegou até a ser denunciado como anticristão. Ele deveria esforçar-se por mostrar que êsse ramo de estudos era, em conjunto, um aliado de nossa fé. Quem quer que não seja materialista é espiritualista e o próprio Cristianismo era uma religião essencialmente espírita".

E prosseguiu para se referir ao serviço prestado pelo Espiritismo ao Cristianismo, tornando possível a crença no miraculoso elemento do Evangelho.

ODoutor Edwood Worcester, num sermão sob o título de "Os Aliados da Religião" (7)

7. Jornal, American SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, Janeiro 1923, página 323.

feito na Igreja de St. Stephen, em Filadélfia, a 25 de fevereiro de 1923, falou da pesquisa psíquica como uma verdadeira amiga da religião e uma aliada espiritual do homem. Disse êle:

"Êle também ilumina acontecimentos importantes na vida do Senhor e nos ajuda a compreender e a aceitar as ocorrências que de outro modo seriam rejeitadas. Particularmente penso nos fenômenos concomitantes com o batismo de Jesus. Seu aparecimento no mar da Galiléia. Sua Transfiguração e, acima de tudo, a Sua Ressurreição, e o Aparecimento aos Seus Discípulos. Além disso, é a única real esperança que temos de resolver o problema da morte. De nenhuma outra fonte temos uma nova solução para êsse eterno mistério que nos atinge."

OReverendo G. Vale Owen lembra-nos que conquanto haja Espíritas que são distintamente cristãos espíritas, o Espiritismo não está confinado ao Cristianismo. Há, por exemplo, uma Sociedade Espírita Judia em Londres. A princípio, a Igreja considerava a Evolução uma adversária, mas finalmente aceitou-a, por estar de acôrdo com a fé cristã. E assim conclui:

"Assim como a aceitação da Evolução deu ao Cristianismo uma mais larga e mais digna concepção da Criação e do Criador, também a aceitação das grandes verdades sustentadas pela ciência psíquica transformarão um agnóstico num crente em Deus, tornarão am judeu num judeu melhor, um maometano num melhor maometano, um cristão num cristão melhor e, certamente, uma criatura mais feliz e mais alegre" (8).

8. "Facts and Future Life" (1922), página 170.

Dêsses resumos se vê claramente que alguns clérigos da Igreja da Inglaterra e de outras Igrejas eram concordes quanto à influência benéfica do Espiritismo na religião.

Há outra importante fonte de informações sõbre as opiniões relativas às tendências religiosas do Espiritismo. É a do próprio mundo espírita. Há aí abundante material, mas devemos contentarnos com uns poucos resumos. O primeiro é do conhecido livro "Ensinos Espiritualistas", dados através da mediunidade de Stainton Moses:

"Amigo, se outros lhe perguntam da utilidade de nossa men-

sagem, e do benefício que ela pode oferecer àqueles a quem o Pai a manda, diga-lhe que é um evangelho que revelará um Deus de ternura, de piedade e de amor e não uma falsa criação da brutalidade, da crueldade e das paíxões.

Diga-lhes que ela os levará ao conhecimento de Inteligências cuja vida inteira é de amor, de misericórdia e de piedade, de valioso auxílio ao homem, combinada com a adoração do Supremo.

Ou esta outra, da mesma fonte:

"Gradualmente o homem foi construindo em tôrno dos ensinos de Jesus um muro de deduções, de especulações e de comentários materiais, semelhante àquele com que os Fariseus haviam cercado a lei mosaica. A tendência crescente foi para o aumentar à medida que o homem perdia de vista o mundo espiritual. De modo que chegamos a um duro e frio materialismo deduzido de ensinos que foram oferecidos para respirar espiritualidade e para eliminar um ritual sensual.

Nossa tarefa é fazer com o Cristianismo aquilo que Jesus fêz com o Judaísmo. Teríamos que tomar as velhas fórmulas e espiritualizar o seu significado, infundindo-lhes uma nova vida. Ressurreição e não abolição — eis o que desejamos. Dizemos mais uma vez que não abolimos um jota ou um til dos ensinos que Jesus deu ao mundo. Apenas varremos os comentários materiais do homem e vos mostramos o significado espiritual oculto, que foi esquecido... Nossa missão é a continuação daquele velho ensino que estranhamente foi alterado pelo homem. Sua fonte é a mesma; seu curso paralelo; sua finalidade a mesma.

E esta, das "Cartas de Júlia", de W. T. Stead:

"Tivestes ensinos sôbre a comunhão (los santos; dizeis e cantais de tôdas as maneiras que os santos acima e abaixo são um exército do Deus Vivo, mas quando um de nós dêste Outro Lado procura fazer um esfôrço prático para vos capacitar da Unidade e vos fazer sentir que sois acompanhados por tamanha nuvem de testemunhas, então há um clamor geral. É contra a vontade de Deus! É um pacto com os demônios! É uma conjura com Espíritos maus. Oh! meu amigo, meu amigo, não vos impressioneis com êsses gritos especiosos. Sou um demônio? Sou um Espírito familiar? Estarei fazendo algo contrário à vontade de Deus, quando constantemente, constantemente procuro vos inspirar mais fé nele, mais amor por Êle, por tôdas as suas criaturas e, em resumo, procuro trazer-vos para mais perto de Deus? Sabeis que faço tudo isso.

É a minha alegria e a lei de meu ser.

E. finalmente, êste resumo das "Mensagens de Meslom":

"Qualquer ensino que ajude a humanidade a crer que há uma outra vida e que a alma é fortificada lutando com denodo e vencendo fraquezas é bom, porque encerra aquela verdade fundamental. Se, além disso, revelar um Deus de amor, tanto melhor; e se a humanidade pudesse compreender êsse Amor Divino, todo sofrimento, mesmo na Terra, cessaria."

Estas passagens de tom elevado tendem a dirigir a mente do homem para coisas mais altas e para a compreensão de um mais profundo objetivo da vida.

A fé que F. W. H. Myers havia perdido no Cristianismo foi restaurada pelo Espiritismo.

Em seu livro "Fragmentos de Prosa e Poesia", num capítulo sob o título de "A Fé Final", diz êle:

"Não posso, num sentido profundo, contrastar a minha crença atual com o Cristianismo. Considero-a antes um desenvolvimento científico da atitude e do ensino do Cristo.

"Perguntareis qual a tendência moral de todos êsses ensinos — e a resposta é surpreendentemente simples e concisa. — A tendência é, poder-se-ia dizer, aquilo que deve ser inevitavelmente — aquilo que a tendência de todo ensino moral vital tem sido sempre — a mais antiga e a mais verdadeira tendência do próprio Cristianismo. É uma reasserção — pesada agora com novas provas — da insistência do Cristo sôbre a realidade da vida interior; de sua proclamação de que a letra inata mas o Espírito vivifica, de seu resumo de que tôda a moral está no amor a Deus e ao próximo.

Muitos escritores têm-se referido à luz que a pesquisa psíquica tem lançado sôbre a narrativa bíblica, mas a melhor expressão dêsse ponto de vista se encontra na "Personalidade Humana" de F. W. H. Myers:

"Arrisco agora uma declaração audaciosa: prevejo que em conseqüência aas novas provas, todos os homens razoáveis, daqui a um século, acreditarão na Ressurreição do Cristo, enquanto que, à falta de novas provas, daqui a um século nenhum homem razoável o acreditaria... E, principalmente quanto à afirmação central, da vida manifesta da alma após a morte do corpo, é claro que cada vez menos será sustentada apenas pela remota tradição; que deve ser, cada vez mais, provada pela experiência moderna e pela investigação. Suponhamos, por exemplo, que reunimos muitas dessas histórias, registradas em provas de primeira mão nessa época

de crítica; e suponhamos que tôdas essas narrativas não resistam à análise; que tôdas possam ser tomadas como alucinações, incorreções ou outras persistentes fontes de erro. Podemos, então, esperar que homens razoáveis acreditem que êsse maravilhoso fenômeno, que sempre se dilui no nada quando rigorosamente analisado na moderna cena inglêsa, deva ainda conduzir à adoração religiosa, por se dizer que ocorreu num país do Oriente e numa era remota e supersticiosa? Se, em resumo, os resultados da "Pesquisa Psíquica" tivessem sido puramente negativos, não teria a evidência cristã — não digo a emoção cristã, mas a evidência cristã — recebido um golpe esmagador?

Podem citar-se muitos testemunhos de eminentes homens públicos. Assim escreve Sir Oliver Lodge:

"Conquanto não tenha sido por minha fé religiosa que fui levado a minha situação presente, não obstante tudo quanto aprendi tende a aumentar meu amor e veneração pela personalidade que é a figura central do Evangelho."

Lady Grey of Fallodon (9)

9. Fortnightly Revew, Outubro, 1922.

rende um eloqüente tributo ao Espiritismo, descrevendo-o como algo que vitalizou a religião e levou confôrto a milhares de pessoas. Falando dos Espíritas, diz:

"Como um corpo de trabalhadores, estão mais ligados ao Espírito do Novo Testamento do que muita gente da Igreja poderia pensar. A Igreja da Inglaterra deveria considerar o Espiritismo como valioso aliado. Êle faz um ataque frontal ao Materialismo e não só identifica o universo material com o espiritual, mas tem uma reserva de conhecimentos úteis e de conselhos."

E acrescenta:

"Nêle encontro uma corrente vitalizante que traz um sôpro de vida às velhas crenças...

O mundo que estamos acostumados a associar com as Sagradas Escrituras é, em essência, idênticos a mensagem que nos vem nestes últimos escritos. Aquêles de nós que trazem a Nova Revelação no coração, sabem que o Espiritismo oferece uma compreensão moderna da Bíblia e é por isto que — se as Igrejas apenas o vissem — êle deve ser considerado o grande aliado da religião."

São palavras verídicas e corajosas.

Mostra o Doutor Eugene Crowell (10)

10. "The Identity of Primitive Christianlty and Modern Spiritualiam", volumes 2º. Edition, New York, 1875.

que a Igreja Católica Romana sustenta que as manifestações espíritas ocorrem constantemente sob a divina autoridade da Igreja; mas as Igrejas Protestantes, conquanto professando a crença de que as manifestações espíritas ocorreram com Jesus e os seus discípulos, repudia similares acontecimentos em nossos dias. E diz:

"Assim a Igreja Protestante, quando procurada pelos famintos espirituais — e há milhões nessas condições, das profundidades de cuja natureza se ergue uma poderosa demanda de alimento espiritual, — nada tem para oferecer, ou, pelo menos, nada mais que cascas...

Hoje se encontra o Protestantismo premido entre as mós do Materialismo e do Catolicismo. Cada uma dessas fôrças sôbre êle vem exercendo uma pressão crescente e êle deve penetrar-se de uma ou de outra, ou será reduzido a pó. Nas suas condições atuais falta-lhe a necessária fôrça e vitalidade para resistir à ação dessas fôrças e sua única esperança está no sangue novo que só o Espiritismo é capaz de injetar em suas veias esgotadas. Acredito piamente que esta é parte da missão que o Espiritismo tem que realizar; e essa crença se baseia nas necessidades palpáveis do Protestantismo, e numa clara concepção da adaptabilidade do Espiritismo a essa tarefa, bem como a sua habilidade para a realizar."

Declara o Doutor Crowell que a difusão do conhecimento não diminuiu a curiosidade do homem moderno pelas questões relativas à sua vida espiritual e à existência futura; mas hoje êles querem prova daquilo que outrora era aceito pela fé. A teologia é incapaz de fornecer esta prova e milhões de mentes alertas, diz êle, ficam reservadas, à espera de provas satisfatórias.

O Espiritismo — sustenta êle — foi mandado para dar essa prova, que de nenhuma outra fonte será fornecida.

Algumas referências deveriam ser feitas ao ponto de vista dos Espíritas Unitários, O seu habilíssimo e sincero dirigente é Ernest W. Oaten, editor de The Two Worlds. O ponto de vista de Mr. Oaten, que é esposado por todos, exceção de um pequeno grupo de extremistas, é antes de uma reconstrução do que de uma destruição do ideal cristão. Depois de um relato muito

respeitoso da vida de Cristo, conforme a explicação por nosso conhecimento psíquico, continua êle:

"Dizem que desprezo a Jesus de Nazaré. Confio mais no julgamento do Mestre do que no dos homens. Penso, porém, que conheço sua vida mais intimamente do que qualquer cristão. Não existe em tôda a História uma alma que eu tenha em mais alta estima. Detesto o lugar falso e errado no qual Êle foi pôsto por aqueles que não mais são capazes de O entender do que são de ler os hieróglifos egípcios. Mas eu amo o homem. Eu lhe devo muito, e Ele tem muito que ensinar ao mundo e que o mundo não aprenderá enquanto não tirar do pedestal de adoração e de idolatria, e O passear num jardim.

É preciso dizer que minha leitura de Sua vida é "naturalista". Estou satisfeito de que assim o seja. Nada há de mais divino do que as leis que governam a vida. O Deus que estabeleceu essas leis as fêz suficientes para tôdas as suas finalidades e não necessita de as alterar. O Deus que controla os processos terrenos é o mesmo que controla os processos da vida espiritual (11)."

11. "The Relation of Modern Spiritualism to Christianlsm", página 23.

Aqui há que deixar o assunto. Esta história procurou mostrar como especiais signos materiais têm sido dados pelos regentes invisíveis da Terra, a fim de satisfazer a necessidade de provas materiais, que vêm da crescente mentalidade do homem. Também foi mostrado como êsses sinais materiais foram acompanhados de mensagens espirituais, e como essas mensagens se voltam para as grandes fôrças religiosas primitivas do mundo, o fogo central da inspiração, que foi extinto pelas cinzas mortas daquilo que outrora fôra crença viva. O homem perdeu o contacto com as vastas fôrças que o rodeiam e seu saber e inspiração ficaram amarrados por penosas vibrações que constituem o seu espectro, bem como às oitavas elementares que limitam a faixa de suas percepções auditivas. O Espiritismo, o maior movimento produzido em 2000 anos, colhe-o desta condição, enxuga o orvalho que o encharcou e lhe mostra novas fôrças e ilimitados horizontes em seu redor e mais acima. Já os picos das montanhas se iluminam. Em breve até os vales estarão inundados pelo sol da verdade.

25
O Depois-da-Morte Visto pelos Espíritas

LEVA o Espírita uma grande vantagem sôbre os das velhas dispensações. Quando entra em comunicação com inteligências do Outro Lado e que já viveram em corpos terrenos, naturalmente as interroga, curioso, sôbre suas atuais condições, bem como sôbre os efeitos de suas ações terrenas sôbre a sua sorte posterior. As respostas a estas últimas perguntas, de um modo geral, justificam os pontos de vista sustentados em muitas religiões, e mostram que o caminho da virtude também é a estrada para a felicidade final. Entretanto um sistema definido é apresentado à nossa consideração, o qual elucida a vacuidade das velhas cosmogonias. Êsse sistema apareceu em vários livros que descrevem a experiência dos que viveram a nova vida. Devemos lembrar que tais livros não são produzidos por escritores profissionais. Dêste lado está o chamado escritor "automático", que recebe a inspiração; do outro lado, a inteligência que o transmite. Mas nem foi dotado pela Natureza com a menor capacidade literária, nem jamais fêz a experiência de reunir narrativas. Também devemos ter em mente que o que quer que venha é resultado de um processo complicado, que em muitos casos deve ser incômodo para o compositor. Se pudéssemos imaginar um escritor terreno que tivesse de usar uma ligação interurbana em vez da pena, poderíamos estabelecer uma grosseira analogia com as dificuldades do operador. E ainda, a despeito dessas grandes inconveniências, em muitos casos as narrativas são claras, dramáticas, intensamente interessantes. Raramente deixam de o ser, desde que o caminho que descrevem hoje é o que teremos que palmilhar amanhã.

Tem-se dito que essas narrativas variam enormemente e são contraditórias. O autor não achou tal. Num longo período de leitura, no qual examinou muitos volumes de supostas experiências póstumas, e também num grande número de mensagens obtidas particularmente em famílias e sem público, êle ficou chocado com a sua concordância geral. Aqui e ali aparece alguma história contendo êrros claros e, ocasionalmente há lapsos no sensacionalismo; mas em geral as descrições são elevadas, razoáveis e concordantes, entre si, mesmo quando diferem nas minúcias. As descrições de nossas próprias vidas naturalmente seriam diferentes nos detalhes e um crítico de Marte que recebesse histórias de um

camponês hindu, de um caçador esquimó ou de um professor de Oxford bem poderia recusar-se a crer que tão divergentes experiências se encontrassem no mesmo planêta. Essa dificuldade não existe no Outro Lado; e não há, tanto quanto o saibamos, tão extremos contrastes na mesma esfera de vida — na verdade deve dizer-se que a característica da vida presente é a mistura de tipos diversos e dos graus de experiência, enquanto que a da outra vida é a subdivisão e a separação dos elementos humanos. O céu é diverso do inferno. Neste mundo e atualmente o homem devia fazer — e por vêzes o consegue por algum tempo — o céu. Mas há longos períodos que são muito intoleráveis imitações do inferno, enquanto purgatório deve ser o nome dado à condição normal.

No Outro Lado as condições devem ser, esquemàticamente, divididas em três. Há os que se acham presos à Terra e que trocaram os seus corpos mortais por corpos etéricos, mas que são mantidos na superfície dêste mundo, ou próximos dela, pela grosseria de sua natureza ou pela intensidade de seu interêsse mundano. Tão áspera deve ser a contextura de sua forma extra-terrena, que devem ser reconhecidos mesmo por aquêles que não possuem o dom especial da clarividência. Nessa infeliz classe errante está a explicação de todos aquêles fantasmas, espectros e aparições, as casas assombradas que têm chamado a atenção da humanidade em tôdas as épocas. Essa gente, até onde podemos compreender a sua situação, ainda não começou a sua vida espiritual, nem boa, nem má. Sômente quando se rompem os fortes laços da Terra é que se inicia uma vida nova.

Os que realmente começaram aquela existência encontram-se naquela faixa da vida que corresponde à sua própria condição espiritual. É o castigo do cruel, do egoísta, do fanático, do frívolo, que se encontram em companhia de seu semelhante e em mundos de luz que, variando do nevoeiro à escuridão, tipifica o seu próprio desenvolvimento espiritual. Êsse ambiente, entretanto, não é permanente. Os que não fizeram um esfôrço ascensional, entretanto, ficarão aí indefinidamente, enquanto outros que dão ouvidos ao ensino de Espíritos auxiliadores, mesmo de baixos círculos da Terra, cedo aprendem a lutar para subir a zonas mais brilhantes. Em comunicações dadas na própria família do autor, êle aprendeu o que era ter contacto com êsses sêres das trevas exteriores e teve a satisfação de receber os seus agradecimentos por uma visão mais clara de sua situação, as suas causas e os meios de

cura (1).

1. Em "Trinta Anos Entre os Mortos", do Senhor Wickland, e no Apêndice de "Glimpses of the Next State", do Almirante lisborne Moore, temos um relato completo da situação dos que se acham presos à Terra.

Tais Espíritos pareceriam uma ameaça constante à humanidade porque se a aura protetora do indivíduo fôsse de certo modo defeituosa, aquêles poderiam tornar-se parasitas, estabelecendo-se nela e influenciando as ações de seu hospedeiro. É possível que a ciência do futuro possa verificar que muitos casos de inexplicável mania, de insensata violência, de súbita inclinação para hábitos viciosos tenham essa causa, o que oferece um argumento contra a pena capital, de vez que o resultado deve ser dar mais fõrças para o mal do criminoso. Deve admitir-se que o assunto ainda é obscuro, que é complicado pela existência de pensamentos-forma e de formas de memória, e que, em todo caso, todos os Espíritos presos à Terra não são necessàriamente maus. Parece, por exemplo, que os monges devotos de qualquer venerável Glastonbury deveriam estar presos às suas ruínas assombradas pela simples fôrça de sua devoção.

Se o nosso conhecimento das exatas condições dos que estão presos à Terra é defeituoso, maior ainda é o dos Círculos de punição. Há uma história de certo modo sensacional em "Gone West", de Mr. Ward; há outra mais temperada e crível na "Vida Além do Véu", do Reverendo Vale Owen; e há muitas corroborações nas visões de Swedenborg, no "Espiritismo", do Juiz Edmonds e em outros volumes. Nossa falta de informações de primeira mão é devida ao fato de que não somos Hamlets e que não temos contacto direto com os que vivem nessas esferas inferiores. Delas temos notícias indiretamente, através dos mais altos Espíritos que nelas realizam trabalhos missionários, trabalhos que parecem ser realizados com tamanhas dificuldades e perigos quanto os que rodeariam o homem que tentasse evangelizar as mais selvagens raças da Terra. Lemos histórias da descida de Espíritos elevados às mais baixas esferas, de seus combates com as fõrças do mal, de grandes príncipes do mal que são formidáveis em seus próprios reinos e de tôda uma imensa cloaca de almas nas quais os esgotos psíquicos do mundo são derramados incessantemente. Entretanto tudo isto deve ser

considerado antes do ponto de vista do remédio do que do castigo. Essas esferas são as salas de espera — hospitais para almas doentes — onde a experiência punitiva é intentada para trazer o sofredor à saúde e à felicidade.

Nossa informação é mais completa quando nos voltamos para regiões mais felizes, nas quais parece que a beleza e a felicidade são graduadas conforme o desenvolvimento espiritual dos seus habitantes. A coisa se torna mais clara se substituirmos a bondade e o altruísmo pela expressão "desenvolvimento espiritual", pois nessa direção se encontra todo o crescimento da alma. Por certo que é um assunto muito diverso do intelecto, embora a união das qualidades intelectuais com as espirituais naturalmente produzam efeitos mais perfeitos.

As condições de vida no além normal — e seria um reflexo da justiça e da misericórdia da Inteligência Central se o além normal não fôsse também o feliz além — são descritos como extraordinariamente felizes. O ar, as vistas, as casas, o ambiente, as ocupações, tudo tem sido descrito com tantos detalhes e geralmente com o comentário de que as palavras não são capazes de lhes pintar a gloriosa realidade. Pode ser que haja algo de parábola e de analogia nessas descrições, mas o autor se inclina a lhes dar inteiro valor e acredita que a "Summerland", como Davis a chamou, é tão real e objetiva aos seus habitantes quanto o nosso mundo para nós. Fácil é levantar uma objeção: "Por que, então, não a vemos?" Mas devemos imaginar que uma vida etérica se exprime em têrmos etéricos e que, exatamente como nós, com cinco sentidos materiais, nos afinamos com o mundo material, êles com seus corpos etéricos, se afinam com as vistas e os sons do mundo etérico. Aliás o vocábulo "éter" só é usado por conveniência, para exprimir algo muito mais sutil que a nossa atmosfera.

Absolutamente não temos prova de que o éter dos físicos seja também o meio no mundo espiritual. Pode haver outras essências finas, muito mais delicadas que o éter, como é o éter em comparação com o ar.

Océu espiritual, pois, pareceria uma sublimada e etérica reprodução da Terra e da vida terrena, em condições melhores e mais elevadas. "Embaixo — como em cima, dizia Paracelso, e fêz soar a nota fundamental do universo, quando o proclamou. O corpo leva, consigo, suas qualidades espirituais e intelectuais, imutáveis pela transição de uma sala da grande mansão universal para a vizinha. É inalterado na forma, salvo

que o jovem e o velho tendem para uma expressão normal de completa maturidade. Garantindo que assim é, devemos admitir a racionalidade da dedução de que tudo o mais deve ser do mesmo modo e que as ocupações e o sistema geral de vida deve ser tal que permita oportunidades para os talentos especiais do indivíduo. O artista sem arte e o músico sem música seriam figuras trágicas e o que se aplica a tipos extremos deve estender-se a tôda a humanidade. Há, de fato, uma sociedade muito complexa, na qual cada um encontra o trabalho a que mais se adapta e que lhe causa maior satisfação. Por vêzes há uma escolha. Assim, em "O Caso de Lester Coltman", escreve o estudante morto: "Algum tempo depois que eu tinha passado, tinha dúvidas sôbre qual seria o meu trabalho: se música ou se ciência. Depois de muito pensar determinei que a música deveria ser um passatempo e minha maior atividade deveria dirigir-se para a ciência em todos os aspectos".

Depois de uma tal declaração naturalmente a gente deseja detalhes de como um trabalho científico era feito e em que condições. Lester Coltman é claro em todos os pontos.

"O laboratório sob a minha direção é inicialmente ligado ao estudo dos vapores e fluídos que formam a barreira que, penso, por meio de profundo estudo e experiência, somos capazes de atravessar. O resultado dessa pesquisa, pensamos nós, provará o "Abre-te Sésamo" da porta de comunicação entre a Terra e essas esferas." (2)

2. "Case of Lester Coltman", by Lilian Walbrook, página 34.

Lester Coltman dá outra descrição de seu trabalho e do ambiente, que bem pode ser citada como um modêlo de muitas outras. Diz ele (3)

3. Ibid. páginas 32-33.

"O interêsse mostrado por seres terrenos em relação ao caráter de nossas casas e dos estabelecimentos onde se realiza o nosso trabalho é, aliás, natural, mas a descrição não é muito fácil de ser feita em têrmos terrenos. Meu estudo servirá como um exemplo, do qual deduzirei o modo de vida de outros, conforme o temperamento e o tipo de mente.

Meu trabalho continuou aqui como tinha começado na Terra, por canais científicos e a fim de prosseguir meus

estudos, visitei com freqüência um laboratório que possuía extraordinárias e completas facilidades para a realização de experiências. Tenho a minha casa, extremamente agradável, completada por uma biblioteca com livros de referência — histórica, científica e médica — e, de fato, com todos os tipos de literatura. Para nós tais livros são tão substanciais, quanto os usados na Terra. Tenho uma sala de música, contendo todos os modos de expressão dos sons. Tenho pinturas de rara beleza e móveis de desenho esquisito. Atualmente vivo só, mas freqüentemente os amigos me visitam, assim como os visito, e se um pouco de tristeza por vêzes se apodera de mim, visito aos que mais amei na Terra.

Da minha janela se avista um campo ondulante de grande beleza e a pouca distância da casa existe uma comunidade, onde boas almas que trabalham em meu laboratório vivem em feliz concórdia... Um velho chinês, meu assistente-chefe, de grande valor nas pesquisas químicas, é o diretor, como o era, da comunidade. É uma alma admirável, de grande simpatia e dotado de enorme filosofia."

Eis outra descrição que trata do mesmo assunto (4):

4. "Thought Lectures from "The Spiritualist Reader", página 53.

"É muito difícil dizer-vos acêrca do trabalho no mundo espiritual. A cada um é designada a sua tarefa, conforme o progresso que haja realizado. Se uma alma tiver vindo diretamente da terra, ou de algum mundo material, então deve aprender tudo quanto haja desprezado na passada existência, a fim de desenvolver o seu caráter para a perfeição.

Como tiver feito sofrer na terra, assim sofrerá. Se tiver muito talento, levá-lo-á à perfeição aqui. Porque se tiverdes muito talento musical ou qualquer outro, nós os temos aqui e maiores. A música é uma das forças motoras do nosso mundo. Mas, conquanto as artes e os talentos sejam desenvolvidos ao máximo, o grande trabalho das almas é o seu aperfeiçoamento para a vida eterna.

Há grandes escolas que ensinam os Espíritos-criança. Além de aprenderem tudo acerca do universo e de outros mundos, acerca de outros reinos sob as leis de Deus, aprendem lições de altruísmo, de verdade e de honra. Os que aprenderam antes como Espíritos-criança, se tiverem que voltar ao mundo, aparecem como os mais elevados caracteres.

Os que passaram a existência material em menores

trabalhos físicos tem que aprender tudo quando aqui chegam. O trabalho é uma coisa maravilhosa e os que se tornam mestres de almas aprendem consideravelmente. As almas de literatos se tornam grandes oradores e falam e ensinam em linguagem eloqüente. Há livros mais de forma muito diversa dos vossos.

Um que estudou as vossas leis terrenas entraria na escola espírita como professor de justiça. Um soldado que tenha aprendido as lições da verdade e da honra, guiará e ajudará, as almas, de qualquer esfera ou mundo, a luta pela correta fé em Deus.

No grupo doméstico do autor, o Espírito íntimo falou de sua vida no além, respondendo à pergunta: "Que faz você?"

- "Ocupo-me de música, de criança, amando e cuidando de uma porção de outras coisas. Mais muito mais do que na velha Terra. Nada aborrece a gente aqui. E isto torna tudo mais feliz e mais completo."

- "Fale acerca da morada."

- É bonita nunca vi uma casa na Terra que se comparasse com ela. Tantas flores! – Um mundo de cores em todas as direções; e tem perfumes tão maravilhosos, cada qual diferente, mas tão agradáveis!"

- "Vê outras casas?"

- "Não; se o fizesse estragaria a paz. A gente só as vezes procura a natureza. Cada casa é um oásis, se assim posso dizer. Além, há cenários maravilhosos e outras casas cheias de gente querida, suave, brilhante, risonha, alegre, pelo simples fato de viver em tão maravilhoso ambiente. Sim, é belo. Nenhuma mente terrena pode conceber a luz e a maravilha disso tudo. As côres são muito mais delicadas e, de um modo geral, a vida doméstica é muito mais radiosa."

Outro resumo do Grupo Doméstico do autor, talvez seja permitido, de vez que as mensagens foram misturadas com muitas provas que inspiram a mais completa confiança naqueles que estão ligados aos fatos:

"Pelo amor de Deus sacuda essa gente, êsses cabeçudos que não querem pensar. O mundo necessita dêsse conhecimento. Se ao menos eu tivesse tido tal conhecimento na Terra! êle teria alterado a minha vida — o Sol teria brilhado sôbre o meu caminho sombrio, se eu tivesse conhecido o que está àminha frente.

"Nada é chocante aqui. Não há atravessadores. Estou interessado em muitas coisas, a maioria delas humanas, o

desenvolvimento do progresso humano e, acima de tudo, a regeneração do plano terreno. Sou um dos que trabalham pela causa braço a braço convosco.

"Nada temais. A luz será tanto maior quanto maior a escuridão que tiverdes atravessado.

Voltarei muito breve, se Deus quiser. Nada poderá opor-se. Nem as fôrças das trevas prevalecerão um minuto contra a Sua luz. Todo o trabalho em massa será varrido. Apoiai-vos ainda mais em nós, porque a nossa capacidade de ajuda é muito grande."

—"Onde estais?"

—"É tão difícil explicar-vos as condições aqui. Estou onde mais desejava estar, isto é, com os meus entes queridos, onde posso estar em íntimo contacto com todos no plano terreno."

—"Tendes alimento?"

—"Não no vosso sentido, mas muito mais fino. Tão amáveis essências e tão maravilhosos frutos, além de outras coisas que não tendes na Terra!

"Muita coisa vos espera com as quais ficareis surpreendidos — tudo belo e elevado e tão suave e luminoso. A vida foi uma preparação para esta esfera. Sem aquêle treinamento não teria sido capaz de entrar neste mundo glorioso de maravilhas. É na Terra que aprendemos as lições e neste mundo está a nossa maior recompensa o nosso verdadeiro e real lar e a vida — o Sol depois da chuva."

O assunto é tão enorme que apenas pode ser tocado em têrmos gerais num só capítulo. O leitor é remetido para a maravilhosa literatura que se desenvolveu, dificilmente conhecida pelo mundo, em tôrno do assunto. Livros como o "Raymond", de Oliver Lodge; "A Vida Além do Véu", de Vale Owen; "A Testemunha", de Mrs. Platts; "O Caso de Lester Coltman", de Mrs. Walbrook e muitos outros dão uma clara e sólida idéia dessa vida do Além.

Lendo essas numerosas descrições da vida depois da morte, a gente naturalmente pergunta até onde podem ser acreditadas. É confortador verificar quanto são concordes, o que constitui um argumento em favor da verdade. Poderiam contestar que tal concordância se deve ao fato de derivarem, tôdas, conscientemente ou não, de uma fonte comum. Mas é uma suposição inconsistente. Muitas delas vêm de gente que absolutamente não podia conhecer os pontos de vista dos outros, mas ainda concordam, até nos mínimos detalhes. Por exemplo, na Austrália o autor examinou tais relatos escritos

por homens que viviam em lugares remotos, que honestamente se contentavam com aquilo que haviam escrito. Um dos mais notáveis casos é o de Mr. Herbert Wales (5).

5. "The New Revelation", página 146.

Êsse cavalheiro, que tinha sido, e talvez ainda seja, um céptico, leu uma história do autor, sôbre como são as condições além da morte; e foi rebuscar um trabalho que havia escrito há anos, mas que recebera com incredulidade. E escreveu: "Depois de ler o vosso artigo fiquei chocado, quase estatelado, pelas circunstâncias de que as coisas imaginadas por mim e relativas às condições da vida de alémtúmulo — penso que até nos menores detalhes — coincidem com as que descreveis como resultado de vossa coleção de materiais obtidos de várias fontes." O resto das conclusões de Mr. Wales se acham no Apêndice.

Tivesse essa filosofia girado sôbre os grandes altares recebendo uma adoração perpétua, poderiam dizer que era um reflexo daquilo que nos ensinaram na infância. Mas é muito diferente — e, certamente, muito mais razoável. Um campo aberto éapresentado para o desenvolvimento de tõdas as capacidades com que fomos dotados. A ortodoxia permitiu a continuada existência de tronos, de coroas, de harpas e de outros objetos celestes. Não será mais sensato admitir que se algumas coisas podem sobreviver, tôdas o poderão, em formas tais que se adaptem ao ambiente? Como examinamos tôdas as especulações da humanidade, talvez os Campos Elísios dos Antigos e as felizes regiões de caça dos Peles-Vernelhas estejam mais próximas dos fatos atuais do que essas fantásticas representações do céu e do inferno, descritas nas visões extáticas dos teólogos.

Um céu tão vulgar e caseiro pode parecer material a muitas mentes, mas devemos lembrar que a evolução foi muito lenta no plano terreno e ainda o é no espiritual. Em nossa presente baixa condição, não podemos atingir o que é celestial. Será trabalho de séculos — possivelmente de anos. Ainda não estamos preparados para uma vida puramente espiritual.

Como, porém, nós mesmos nos tornamos mais finos, também se transformará o nosso ambiente e nós evoluiremos de céu a céu, até que o destino da alma se perca no fogo da glória, onde não pode ser acompanhada pelos olhos da imaginação.

APÊNDICE 1
NOTAS AO CAPÍTULO 4 - PROVA DA ASSOMBRAÇÃO DA CASA DE HYDESVILLE ANTES DE SER HABITADA PELA FAMÍLIA FOX

Atesta a Senhora Ann Pulver:

"Eu mantinha relações com o Senhor e Senhora Reli, que habitavam a casa em 1844. Visitava-os freqüentemente. Minhas agulhas de tricô ficavam em seu quarto e lá eu fazia o meu trabalho. Uma manhã, quando lá cheguei, a Senhora Reli me disse que se sentia muito mal: quase não dormira de noite. Quando lhe perguntei a razão respondeu que não sabia senão de rumores; mas pensava ter ouvido alguém a andar de um quarto para o outro e que tinha feito o marido levantar-se e trancar as janelas. Depois disso sentiu-se mais segura. Perguntei-lhe se imaginava alguma coisa. Disse que podiam ser ratos. Ouvia-a falar, posteriormente, de rumores que não podia descrever.

A senhorita Lucretia Pulver deu o seu testemunho:

"Vivi naquela casa durante um inverno, com a família Reli. Trabalhava para ela uma parte do dia e o resto do tempo ia a escola ou bordava. Vivi assim cêrca de três meses. No fim dêsse período freqüentemente ouvia batidas na cama e abaixo dos pés da mesma. Ouvi uma porção de noites, pois dormia nesse quarto todo o tempo que lá estive. Uma noite parece-me ter ouvido um homem andando pela dispensa. Esta peça era separada do quarto pela escada. A senhorita Aurélia Losey ficou comigo naquela noite; ela também ouviu o barulho e ambas ficamos muito assustadas; levantamo-nos e fechamos as janelas e trancamos a porta. Parece que alguém andava pela despensa, na adega, e até no porão, onde o barulho cessava. Nessa ocasião não havia mais ninguém na casa, exceto meu irmãozinho, adormecido no mesmo quarto que nós. Isto foi cêrca de meia-noite. Não tínhamos ido para a cama senão depois das onze e ainda não tínhamos dormido quando ouvimos o barulho, O Senhor e Senhora Bell tinham ido a Loch Berlin, onde ficariam até o dia seguinte".

Assim fica provado que ruídos estranhos eram ouvidos naquela casa em 1844.

Outra família, chamada Weekman, aí viveu de 1846 a 1847 e observou as mesmas experiências.

DEPOIMENTO DA SENHORA HANNAH WEEKMAN

Ouvi falar nos ruídos misteriosos que eram ouvidos na casa agora ocupada pelo Senhor Fox. Nós moramos na mesma casa cêrca de um ano e meio, daí nos mudando para onde agora estamos. Há cêrca de um ano, quando lá habitávamos, ouvimos alguém, conforme pensamos, batendo de leve na porta de entrada. Eu acabara de me deitar, mas meu marido ainda não. Assim, ele abriu a porta e disse que não havia ninguém. Voltou e já estava para se deitar quando novamente ouvimos bater à porta. Ele foi então abri-la e disse que não via ninguém; não obstante esperou um pouco. Então voltou e deitou-se. Veio muito zangado, pois supunha fôsse algum garôto da vizinhança querendo aborrecer-nos. Assim, disse que "eles podiam bater, mas não o levariam na brincadeira", ou coisa semelhante.

As batidas foram ouvidas novamente; depois de algum tempo êle se levantou e saiu. Eu lhe disse que não saísse, pois temia que alguém quisesse pegá-lo fora e o agredisse. Ele voltou e disse que nada tinha visto. Ouvimos muito barulho durante a noite; dificilmente poderíamos dizer onde era produzido; por vêzes parecia que alguém andasse na adega. Mas a casa era velha e pensamos que fôssem estalos da madeira ou coisa semelhante.

Algumas noites depois uma de nossas meninas, que dormia no quarto onde agora são ouvidas as batidas acordou-nos a todos soluçando. Meu marido, eu e a empregada nos levantamos imediatamente para ver o que se passava. Ela sentou-se na cama em pranto e nós custamos a verificar o que se passava. Disse ela que algo se movimentava acima de sua cabeça e que ela sentia um frio sem saber o que era. Disse havê-lo sentido sôbre ela tôda, mas que ficara mais alarmada ao senti-lo sôbre o rosto. Estava muito assustada. Isto se passou entre meia-noite e uma hora. Ela se levantou e foi para a nossa cama, mas custou muito a adormecer. Só depois de muitos dias conseguimos que fôsse dormir em sua cama. Tinha ela então oito anos.

Nada mais me aconteceu durante o tempo em que lá moramos. Mas meu marido me disse que uma noite o chamaram pelo nome, de algum lugar na casa — não sabia de onde —mas jamais pôde saber de onde e quem era. Naquela noite eu não estava em casa: estava assistindo uma pessoa doente.

Então não pensávamos que a casa fôsse assombrada...

Assinado: Hannah Weekman

11 de abril, de 1848.

DEPOIMENTO DE MICHAEL WEEKMAN

Sou marido de Hannah Weekman. Morávamos na casa agora ocupada pelo Senhor Foz, na qual dizem que ruídos estranhos são ouvidos. Aí moramos cêrca de um ano e meio. Uma noite, à hora de dormir, ouvi batidas. Supunha que fôsse alguém que quisesse entrar. Não disse o costumeiro "pode entrar" fui até à porta. Não encontrei ninguém, voltei e exatamente quando ia para a cama ouvi novas batidas e rápidamente abri a porta, mas não vi ninguém. Então me deitei. Pensei que alguém estivesse querendo divertir-se. Depois de alguns minutos ouvi novas pancadas e, depois de esperar um pouco e, ainda as ouvindo, levantei-me e fui à porta. Desta vez saí e rodeei a casa mas não encontrei ninguém. Voltei, fechei a porta e segurei o ferrôlho, pensando que se viesse alguém seria pilhado. Dentro de um ou dois minutos nova batida. Eu estava com a mão na porta e a batida parecia na porta. Podia sentir a vibração das batidas. Abri instantâneamente a porta e saí rápido, mas não havia ninguém à vista. Então dei nova volta à casa mas, como da outra vez, nada encontrei. Minha mulher tinha dito que era melhor não sair, pois talvez fôsse alguém que me quisesse agredir. Não sei o que pensar, pois parece estranho e incrível.

Então relata o caso da menina assustada, como ficou dito acima.

Uma noite, após isto, despertei cêrca de meia-noite e ouvi pronunciarem o meu nome. Parecia que a voz vinha do lado sul do quarto. Sentei-me na cama e escutei, mas não mais ouvi. Não me levantei, mas esperei que repetissem. Naquela noite minha mulher não estava em casa. Contei-lhe isto depois e ela me disse que eu estava sonhando. Freqüentemente minha mulher se assustava com estranhos ruídos dentro e fora da casa.

Tenho ouvido tais coisas de homens fidedignos acêrca dos ruídos que agora se ouvem que, ligados ao que ouvi, não posso deixar de supor que sejam sobrenaturais. Desejo prestar uma declaração dos fatos acima, caso necessario.

11 de abril, de 1848.

Assinado: Michael Weekman

RESUMO DO ARTIGO DE HORACE GREELEY NO NEW YORK TRIBUNE, SOBRE AS IRMÃS FOX E SUA MEDIUNIDADE (1)

A senhora Fox e suas três filhas deixaram ontem a nossa cidade, de regresso a Rochester, depois de uma estada de algumas semanas, durante as quais se submeteram a misteriosa influência, pela qual parecem acompanhadas, a todos os testes razoáveis e a uma investigação sagaz e crítica de centenas de pessoas que quiseram visitá-las ou que as convidaram a uma visita. Os aposentos que ocupavam no hotel foram constantemente rebuscados e revistos; elas foram levadas, sem aviso prévio de ao menos uma hora, para casas onde jamais haviam estado; foram inconscientemente colocadas sôbre uma superfície de vidro, disforçado debaixo do tapete, a fim de interromper vibrações elétricas; foram despidas por uma comissão de senhoras nomeadas sem aviso e insistiu-se para que nenhuma delas deixasse o aposento antes que a investigação fôsse feita, etc., etc., e, apesar disso, pensamos que, até êste momento, ninguém pretende ter pilhado qualquer delas produzindo ou sendo a causa de batidas, nem pensamos que qualquer de seus detratores tenha inventado uma teoria plausível para explicar a produção dêsses sons, nem a singular inteligência que, ao menos por vêzes parece manifestar-se por intermédio delas.

Há uns dez ou doze dias elas deixaram os aposentos do hotel e dedicaram os restantes dias de sua estada aqui a visitas a diversas famílias que as haviam convidado através de pessoas interessadas no assunto, submetendo a singular influência a um exame mais atento e mais calmo do que o que podia ser feito no hotel, e perante estranhos ocasionais, reunidos por uma vaga curiosidade, mais do que por um interêsse racional, ou por uma hostilidade invencível e predeterminada. Nossa própria residência se achava entre as que assim foram visitadas; não só a submetendo a um exame, mas à mais completa e acirrada investigação relativamente às supostas "manifestações" do mundo espiritual, pelo qual elas eram assistidas.

Dedicamos a maior parte do tempo que nos foi possível subtrair dos nossos deveres, com exceção de três dias, a êsse assunto e seria enorme covardia não declarar que, fora de qualquer dúvida, estamos convencidos de sua perfeita integridade e boa fé quanto ás premissas. Seja qual fôr a

origem ou causa das batidas, as senhoras a cuja presença elas ocorrem não as produzem. Verificamos isto rigorosamente e com inteira satisfação.

Sua conduta e atitudes é tão diversa da dos trapaceiros quanto possível e pensamos que ninguém que as conheça seria capaz de admitir que elas estivessem comprometidas em tão atrevida, ímpia e descarada trapaça, qual seria se elas produzissem os ruídos. E não é possível que uma tal trapaça fôsse durante tanto tempo praticada em público. Um jogral pratica um truque ràpidamente e logo passa a outro; ele não dedica semanas e semanas sempre à mesma coisa, deliberadamente, em frente a centenas de pessoas que se assentam ao lado ou à sua frente em plena luz, não para uma diversão, mas para descobrir o truque. Um trapaceiro naturalmente evita conversar sôbre o assunto de sua velhacaria, mas essas senhoras conversam livre e desembaraçadamente sôbre a origem dessas batidas, desde alguns anos, em sua casa, sôbre as variadas impressões que elas causaram, a excitação criada pela vizinhança, o progresso de seu desenvolvimento — aquilo que elas viram, ouviram ou sentiram desde o princípio até agora. Se tudo fôsse falso, não poderiam deixar de se ter embaraçado num labirinto de terríveis contradições, desde que cada uma dá separadamente, um relato dos mais interessantes acontecimentos nesta ou naquela ocasião.

Criaturas suficientemente insensatas para se entregarem a isto sem reservas e precauções não teriam resistido a uma tal exposição nem por uma semana.

Aliás, a variedade de opiniões sôbre um assunto tão estranho naturalmente teria sido formada pelas várias pessoas que as visitaram, e presumimos que aquêles que apenas acorreram aos seus aposentos por cêrca de uma hora e escutaram, num borborinho de estranhos, uma mistura de perguntas — das quais muitas não comportavam respostas proveitosas — tivessem certeza de inteligências invisíveis que respondessem por batidas ou ruídos originais no soalho, na mesa, etc., ou pelas letras do alfabeto ou qualquer outro meio e naturalmente saíssem intrigadas, talvez aborrecidas e raramente convencidas. Ë difícil admitir que um assunto, ostensivamente tão grave, pudesse ser apresentado sob as mais desfavoráveis condições para convencer. Mas daqueles que tiveram oportunidades felizes para uma investigação completa pensamos que três quartas partes estão

convencidos, assim como nós, de que êsses ruídos singulares e aparentes manifestações não são produzidos pela senhora Fox e suas filhas, nem por qualquer ser humano de parceria com elas.

Como são causados e de onde procedem são questões que abrem um mais amplo campo de investigações e com cujos indícios não estamos familiarizados. Aquêle que se julga dogmaticamente apto para decidir se essas manifestações são naturais ou sobrenaturais deve achar-se muito familiarizado com os arcanos do universo. Dizem as senhoras que estão informadas de que apenas isto representa o início de uma nova era, ou economia, na qual os Espíritos vestidos na carne são mais próximos e em contacto com os que atingiram a imortalidade; que as manifestações já se deram em muitas outras famílias e se destinam à difusão e se tornarão mais claras, até que todos possam comunicar-se livremente com os seus amigos, que se libertaram dessa prisão mortal. Nada sabemos nem fazemos a menor idéia de tudo isso.

Mas se tivéssemos apenas de imprimir (o que não faremos) as perguntas que fizemos e as respostas que recebemos, durante uma conferência ininterrupta de duas horas com as batidas, logo seríamos acusados de o havermos feito com o propósito deliberado de reforçar a teoria que considera essas manifestações como provindas do Espírito dos mortos".

H.G.

(1) Capron, "Modern Spiritualism", página 179 a 181.

APÊNDICE 2
NOTAS AO CAPÍTULO 6 - BICO DE PENA DO LAGO HARRIS POR LAURENCE OLIPHANT

Houve uma notável alternativa de vivacidade e de deliberação acêrca dos movimentos de Mr. Massolam. Sua voz parecia armada em duas chaves diferentes, cujo efeito era, quando elas mudavam, dar a impressão do eco distante da outra — uma espécie de fenômeno de ventriloquia, que fôsse calculado para dar um choque súbito e não totalmente agradável aos nervos dos espectadores. Quando falava com aquela que chamarei a voz próxima, era geralmente rápido e vivo; quando a mudava pela voz distante era solene e impressionante.

Seu cabelo, outrora negro de azeviche, era agora grisalho, mas ainda abundante e caía em ondas abundantes sôbre as orelhas e perto dos ombros, dando-lhe um aspecto algo leonino. Suas sobrancelhas eram cheias e os olhos eram como duas luzes a se revolverem dentro de cavernas, numa verdadeira impressão de emitirem raios e então perderem tôda impressão. Como a voz, êles tinham uma expressão próxima e outra distante, que se podiam ajustar a um foco adequado, como um telescópio, tornando-se cada vez menores, como se no esforço de projetar a vista alem dos limites da visão natural. Por vêzes eram tão falsos de apreciação das coisas exteriores que davam a impressão de cegueta, quando de súbito o foco mudava, as pupilas se dilatavam e raios se despejavam como os relâmpagos através de uma nuvem, dando um extraordinário brilho inesperado a uma face que parecia responder prontamente ao estímulo. A aparência geral, cuja parte superior, a não ser pela profundidade das órbitas, seria extremamente bonita, era decididamente semítica; e em repouso o efeito geral era quase estatuesco em sua calma fixidez. A bôca estava parcialmente oculta por um farto bigode e longa barba de um cinzento metálico; mas a transição do repouso à animação revelava uma extraordinária flexibilidade naqueles músculos que um momento antes eram tão rígidos e o caráter da figura era inteiramente alterado e tão subitamente quanto a expressão dos olhos. Talvez fôsse querer penetrar demasiadamente nos segredos da Natureza ou, de qualquer modo nos segredos da natureza de Mr. Masollam, indagar se o brilho e a escuridão de sua atitude seria voluntário ou não. Em mau menor é um fenômeno comum a todos nós; o efeito de uma classe de emoções é, simplesmente, fazer um homem

parecer escuro e de outra fazê-lo parecer brilhante. A peculiaridade de Mr. Masollam é que êle podia parecer muito mais escuro ou muito mais brilhante que a gente e fazer tal mudança de expressão com tão extraordinária rapidez e intensidade que pareceria uma prestidigitação facial e sugeriria a suspeita de que fôsse uma faculdade adquirida. Antes disso, havia uma outra mudança que, aparentemente, êle tinha o poder de realizar na sua fisionomia e que afeta outras pessoas involuntàriamente e que, geralmente, principalmente no caso do belo sexo, produz muito efeito, independentemente da vontade... Mr. Masollam tinha a faculdade de parecer muito mais velho num momento, do que pouco tempo depois.

Havia momentos em que um estado meticuloso de suas rugas e de seu olhar duro e mortiço levava a gente a supô-lo com cêrca de oitenta anos; noutros momentos em que seu olhar brilhante, as narinas acesas, as sobrancelhas grossas e maciças, a bôca móvel lhe davam uma aparência de cêrca de vinte e cinco anos menos do que antes.

Estes rápidos contrastes eram calculados para prender a atenção do mais inadvertido observador e a produzir a sensação que não era realmente agradável quando se o via pela primeira vez. Não era exatamente desconfiança mais ambas as maneiras eram perfeitamente francas e naturais — tanto quanto perplexidade. Ele dava a impressão de dois caracteres apostos, fundidos em um, e de estar apresentando sem qualquer propósito um curioso problema moral e fisiológico a pedir solução, e que tivesse uma desagradável espécie de atração, porque a gente quase que imediatamente o achava insolúvel, embora não nos deixasse quietos. Ele podia ser o melhor ou o pior dos homens".

APÊNDICE 3
NOTAS AO CAPÍTULO 7 - TESTEMUNHO ADICIONAL DO PROFESSOR E DA SENHORA DE MORGAN

Diz o Professor De Morgan:

Fiz um relato de tudo isso a um amigo que, em vida, tanto era um homem de ologias quanto de ômetros, e sem nenhuma disposição para pensar que isto fôsse qualquer coisa que não uma clara impostura. "Mas", dizia êle, "isto que você me diz é muito singular; irei em pessoa a Mrs. Hayden; irei só e não direi o meu nome. Penso que não ouvirei nada de ninguém; mas se isto acontecer, descobrirei o truque. Conforme, eu o descobrirei". Assim, êle foi e veio a mim referir o progresso. Disse-me que havia feito um passo mais que eu, pois tinha insistido em manter o seu alfabeto atrás de um biombo; e, fazendo as perguntas pelo alfabeto e com um lápis, do mesmo modo recebia as respostas. Ninguém além dêle e de Mrs. Hayden se achava na sala, O "Espírito" que veio a êle era uma pessoa cuja morte infeliz foi descrita minuciosamente. Meu amigo me disse que tinha ficado "impressionado" e quase havia esquecido tôdas as precauções.

Isto que narrei foi o comêço de uma longa série de experiências, muitas tão notáveis quanto as que citei; muitas de menor caráter, isoladamente de pouco valor, mas, em conjunto, de muito pêso, quando consideradas em conexão com as mais decisivas provas de realidade. Muitas de uma tendência confirmadora como meros fatos, mas de um caráter pouco probante da gravidade e da dignidade do mundo espiritual. A célebre aparição de Giles Scroggins é uma personagem séria, comparada com algumas que surgiram em meu caminho, e também muito lógico. Se estas coisas são "Espíritos", êles demonstram que os mistificadores, os trapaceiros e os mentirosos tanto são encontrados do outro lado do túmulo quanto do nosso lado. E "por que não?", conforme pergunta Meg Dods.

O assunto pode receber tão acurada atenção quanto a paciente investigação da verdade real; ou pode fenecer, obtendo apenas notícias eventuais, até que um novo derrame dos fenômenos traga novamente a sua história a plena luz. Mas parece que isto não vai começar. Já se passaram doze ou treze anos desde que o assunto passou a ser comentado em tôda a parte e durante êsse período foi muito anunciada a extinção da "es pírito-mania." Mas em muitos casos, como na fábula de Tom

Moore, os extintores pegaram fogo. Se isto fôsse o absurdo que costumam proclamar, seria muito bom chamar a atenção para as "manifestações" de outro absurdo, a filosofia das possibilidades e das impossibilidades, a filosofia da quarta côrte. Os extremos se tocam, mas o "encontro" é, por vêzes pelo propósito de mútua exposição, assim como o de um rapaz estúpido nos dias dos duelos elegantes de linguagem.

Isto na suposição de que não passe de impostura e engano. Certamente êle não pode ser mais uma ou outra coisa, do que o pode a filosofia que se lhe opõe. Não tenho relações nem com "P", nem com "Q." Mas tenho certeza de que a decidida convicção de todo aquêle que pode ver os dois lados da bainha seja de que é mais provável que "P" tenha visto um fantasma do que "Q" saiba que não pode tê-lo visto. Sei que "Q" diz o que sabe.

Em relação a isto, quando do aparecimento do livro de Mrs. De Morgan, o Publishers Circular diz o seguinte, destacando o senso crítico do Professor De Morgan:

"Os simples literatos e escritores de ficção devem ser perdoados por uma certa tendência para o visionário e o irreal, mas o fato de que o conhecido autor de livros padrões sôbre Lógica Formal, Cálculo Diferencial e a Teoria das Possibilidades, deveria figurar com sua senhora na lista dos que acreditam em batidas de Espíritos e em mesas girantes, certamente surpreenderá a muita gente. Talvez não haja maior contribuição para as nossas revistas na demolição de falsidades do que a do Professor De Morgan, como no desmascaramento bem humorado dos pseudo-cientistas. Seu estilo claro, lógico, espirituoso e cheio de surprêsas é apreciado por muitos leitores e literatos em brilhantes artigos em nossos jornais de crítica. Provávelmente é êle o último homem que um céptico em tais mistérios poderia esperar encontrar ao lado de Mrs. Home ou de Mrs. Newton Crosland.

Devemos ainda registrar o fato que Mr. De Morgan se declara "perfeitamente convicto de que tanto viu quanto ouviu, de modo que afasta qualquer possibilidade de engano, coisas chamadas espirituais, que não podem ser tomadas por um ser racional como capazes de explicação pela impostura, pela coincidência ou pelo engano".

Acrescentemos o depoimento de Mrs. De Morgan:

"Há dez anos comecei a observar atentamente os fenômenos do Espiritismo. Minha primeira experiência ocorreu em presença de Mrs. Hayden, de New York. Jamais tinha eu

ouvido qualquer palavra que pudesse abalar minha convicção da honestidade de Mrs. Hayden. Assim, o resultado de nosso primeiro encontro, quando meu nome lhe era quase desconhecido, foi suficiente para provar que eu não era, no momento, vítima de sua impostura ou de minha credulidade.

Depois de descrever a visita de Mrs. Hayden, a quem não havia sido dado o nome de nenhuma das pessoas presentes, diz ela:

"Sentamo-nos pelo menos durante um quarto de hora e começávamos a sentir o fracasso, quando foi ouvida uma como que delicada pulsação, aparentemente no centro da mesa. Grande foi a nossa satisfação quando Mrs. Hayden, que antes parecia ansiosa, disse: "Êles estão chegando". Quem estava chegando? Nem ela, nem nós poderíamos dizê-lo.

Quando os sons se tornaram mais fortes, o que parecia acontecer na medida de nossa convicção em sua autenticidade, fôsse qual fôsse a sua origem, disse Mrs. Hayden: "Há um Espírito que deseja falar com alguém aqui, mas eu ignoro os nomes dos cavalheiros e das senhoras. Assim, apontarei um por um e, ao chegar à pessoa certa, peço que o Espírito dê uma batida." Isto foi aceito por nosso hóspede invisível, que bateu concordando. Então Mrs. Hayden apontou um por um dos presentes. Com surprêsa para mim e um certo constrangimento, pois não desejava isto, enquanto muitos o desejavam, nenhum som foi ouvido até que ela apontou para mim, a última da roda. Eu estava sentada á sua direita; ela tinha começado pela esquerda. Então fui designada para apontar as letras de um grande alfabeto e devo acrescentar que, não desejando obter o nome de nenhum amigo ou parente querido e morto, não demorei, como é geralmente recomendado tantas vêzes, sôbre nenhuma letra. Contudo, com grande surprêsa para mim, o nome incomum de um parente querido, que tinha deixado êste mundo há sete anos antes e cujo sôbrenome era o de meu pai — e não o de meu marido — foi deletreado. Depois esta sentença: "Sou feliz, e com F. e G. (nomes por extenso). Então recebi a promessa de futuras comunicações com os três Espíritos. Os dois últimos tinham deixado o mundo respectivamente há vinte e há doze anos. Outras pessoas presentes então receberam comunicações por batidas. Destas, algumas eram tão singularmente verídicas e satisfatórias quanto fôra a minha, ao passo que outras eram falsas e, até, indignas."

Mrs. De Morgan observa que depois das sessões com Mrs.

llayden ela e seus amigos experimentaram em particular “e foi verificado que umas tantas pessoas, parentes ou não, possuíam a faculdade mediúnica em maior ou menor grau.”

APÊNDICE 4
NOTAS AO CAPÍTULO 10 - OS DAVENPORTS ERAM JOGRAIS OU ESPÍRITAS?

Como parece que Mr. Houdini duvidava de que os Davenports jamais se tivessem dito espíritas, o assunto se esclarece com a seguinte passagem de uma carta por êles escrita em 1868, a Banner of Light, vanguardeiro jornal espírita dos Estados Unidos. Referindo-se à afirmação de que não eram espíritas, assim escreveram:

"É original que uma pessoa, céptica ou espírita, pudesse aceitar uma tal afirmação, após catorze anos das mais amargas perseguições e violenta oposição, culminando com as agressões de Liverpool, de Hudders fiel e de Leeds, onde nossas vidas se encontraram em perigo pela fúria da massa brutal, nossos bens foram destruidos e onde sofremos uma perda de setenta e cinco mil dólares — e tudo porque não renunciávamos ao Espiritismo — acusando-nos de jograis, quando maltratados pela massa, para isso estimulada. Em conclusão, devemos apenas dizer que denunciamos tais acusações como falsidades.

APÊNDICE 5
NOTAS AO CAPÍTULO 16 - A MEDIUNIDADE DO REVERENDO STAINTON MOSES

Descrevendo uma experiência de levitação, escreve o Reverendo Stainton Moses:

"Eu estava sentado no ângulo interior da sala; minha cadeira foi empurrada para trás até o canto e então levantada do solo cerca de um pé, ao que me parece e então deixada cair no chão, enquanto eu era carregado para o canto. Descrevi meu aparente movimento ao Doutor e à Mrs. S., e tirei um lápis do bôlso com o qual, quando fiquei parado, fiz uma marca na parede oposta ao meu peito. Esta marca está mais ou menos a seis pés do soalho. Não penso que minha posição tivesse mudado e fui arreado muito delicadamente até me achar novamente na cadeira. Minha sensação era de ser mais leve que o ar. Nenhuma pressão em qualquer parte do meu corpo; nenhuma inconsciência ou transe. Pela posição da marca na parede é claro que minha cabeça deve ter estado perto do teto. Minha voz, disse-me depois o Doutor S., soava desigualmente no canto, como se minha cabeça estivesse voltada da mesa, conforme minha observação e a marca que fiz. A ascenção, da qual eu era perfeitamente consciente, era gradual e lenta e não como de alguém que estivesse num elevador, mas sem nenhuma sensação perceptível de qualquer movimento além do de sentir-me mais leve que a atmosfera. Minha posição, como disse, era imutável. Eu era apenas levitado e descido ao meu lugar inicial."

Passando de assunto a assunto, temos a seguinte descrição:

"A 28 de agôsto de 1872 sete objetos de diversos aposentos foram trazidos à sala das sessões; no dia 30, trouxeram quatro e entre êstes uma pequena campainha, da sala de jantar contígua. Sempre deixávamos a lâmpada de gás bem acesa naquele aposento e no hall externo, de modo que se as portas fôssem abertas, ainda que por um instante, um jato de luz teria penetrado no aposento onde nos reuníamos. Como isto jamais aconteceu, temos plena certeza de que o Doutor Carpenter considera a maior autoridade, o Bom Senso, de que as portas permaneceram fechadas. Na sala de jantar havia uma sineta. Ouvimo-la soando, e podíamos notar quando a mesma se aproximava da porta que a separava de nós. Que admiração quando notamos que, a despeito de estar a porta fechada, o

som mais se aproximava de nós! Evidentemente era fora do aposento em que nos sentávamos, pois a campainha era levada ao redor da sala, tocando alto o tempo todo. Depois de completar o circuito do aposento, foi trazida para baixo, passou por baixo da mesa, aproximando-se de minha cabeça, então rodeou o grupo, soando perto dos rostos de todos. Finalmente foi colocada sôbre a mesa. Não quero erigir teorias, mas parece que disponho de argumentos que conduzem à teoria de que fomos hipnotizados ou de que os objetos vieram pela chaminé, para explicar êsse difícil assunto.

Assim descreve o Doutor Speer o aparecimento da luz de um Espírito e a materialização de uma mão, a 10 de agosto de 1873.

"Um grande globo de luz ergueu-se ao lado da mesa, em minha frente e movimentou-se até a altura dos nossos rostos, então se extinguindo. Foi seguido por diversos outros, todos êles se erguendo do lado oposto ao meu, às vêzes à direita, outras, a esquerda do médium. A pedido a luz seguinte foi colocada lentamente ao centro da mesa. Aparentemente era do tamanho de um shaddock (1)

(1) Espécie de "grapefruit", que deve o seu nome ao oficial de marinha que o trouxe do Oriente. N. do T.

e era envolvida por um panejamento. Nessa ocasião o médium se achava em transe e o Espírito guia me informou que tentaria pôr a luz na mão do médium. Falhando a tentativa, disse que bateria na mesa em minha frente. Quase imediatamente veio uma luz e ficou sôbre a mesa, junto a mim. "Veja; agora escute — eu baterei." Muito lentamente a luz se ergueu e deu três batidas distintas sôbre a mesa. "Agora eu lhe mostrarei a minha mão. Então apareceu uma grande luz brilhante, de dentro da qual surgiu a mão materializada do Espírito. Moveu os dedos junto ao meu rosto. A aparição era tão distinta quanto se pode imaginar.

Um exemplo de poderosa fôrça física é assim registrado por Stainton Moses:

"Certa vez, contrariando a orientação, tínhamos nos aventurado a admitir um estranho em nosso grupo. Ocorreram alguns fenômenos triviais, porém o guia costumeiro não apareceu. Quando nos reunimos na seguinte ocasião, êle veio e possivelmente nenhum de nós esquecerá com facilidade as verdadeiras marteladas que êle deu na mesa. O barulho era

distintamente audível no aposento inferior e dava a idéia de que a mesa seria reduzida a pedaços. Em vão nos retirávamos da mesa, pensando assim diminuir a fôrça. As fortes marteladas cresceram de intensidade e todo o aposento era abalado por aquela fôrça. Os maiores castigos nos foram prometidos se interferíssemos outra vez no desenvolvimento, havendo novos assistentes. Não nos arriscamos a fazê-lo outra vez; penso que não tentaremos mais uma vez merecer semelhante objurgatória."

APÊNDICE 6
NOTAS AO CAPÍTULO 25 - ESCRITA AUTOMÁTICA DE MR. WALES

Mr. Wales escreve o seguinte ao autor:

"Penso que nada existia em minha leitura anterior que pudesse ser tomado como coincidência. Com certeza eu nada havia lido daquilo que o senhor havia publicado sôbre o assunto e, de propósito tinha evitado o "Raymond" e outros livros semelhantes, a fim de não viciar os meus próprios resultados; e os "Preceedings" da SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, que então havia lido, não tocam, como o senhor sabe, nas condições post-mortem. De qualquer modo eu obtive, em várias ocasiões, constatações, mostradas em minhas notas de então. de que, na presente existência, há corpos que, embora imperceptíveis pelos nossos sentidos, são para êles próprios tão sólidos quanto os nossos para nós; que tais corpos se baseiam nas características gerais dos nossos corpos atuais, porém mais embelezados; que não têm idade, nem sofrimento, nem riqueza, nem pobreza; que se vestem e se alimentam; que não dormem, muito embora ocasionalmente, e de passagem, se refiram a um estado semiconsciente a que chamam "jazer adormecido" — uma condição que justamente ocorre comigo e que me parece corresponder mais ou menos ao estado de hipnose; que, após um período geralmente mais curto do que o tempo médio de vida, êles passam a um outro estado de existência; que agentes de idéias, gostos e sentimentos similares gravitam em grupos; que os casais não se reúnem necessariamente, mas que o amor do homem e da mulher continua e é liberto dos elementos que entre nós geralmente militam contra a sua perfeita realização; que imediatamente depois da morte a gente passa por um estado de repouso semiconsciente, que dura vários períodos; que não podem sofrer dores corporais, mas são susceptíveis, por vêzes, de alguma ansiedade mental; que uma morte dolorosa é "absolutamente desconhecida", que as idéias religiosas nenhuma influência têm no estado posterior e que, além disso, sua vida é intensamente feliz e que ninguém pensa em voltar aqui. Não tive indicações para o "trabalho", no sentido exato do vocábulo, mas para muito dos múltiplos interêsses que, diziam, os preocupavam.

Provavelmente isto é uma outra maneira de exprimir a mesma coisa. "Trabalho", entre nós, geralmente significa "luta

pela vida" e isto, segundo fui enfàticamente informado, não era o seu caso — pois tôdas as necessidades da vida são, de certo modo, misteriosamente "providas." Também não obtive referências a um definido "estado temporário de condenação", mas aprendi que ali a gente começa no ponto de desenvolvimento intelectual e moral em que partimos daqui. E desde que seu estado de felicidade era baseado principalmente na simpatia, aquêles que passaram em baixa condição moral ficam muito tempo sem capacidade para a apreciar e a desfrutar."

Fim